



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

### **Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

### **About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

### **Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.  
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.  
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.  
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.  
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

### **Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>











261

24

A BATALHA DE OURIQUE  
E A  
HISTORIA DE PORTUGAL  
DE  
A. HERCULANO.

CONTRAPONÇÃO CRITICO-HISTORICA.

(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES)

AUTHOR

FRANCISCO BECBEIO.

PRIMEIRA PARTE.

Veritas odium parit.  
TERRA.

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.

Rua dos Copellistas n.º 62.

M D C C L X V I I I



24 24

A BATALHA DE OURIQUE  
E A  
HISTORIA DE PORTUGAL  
DE  
A. HERCULANO.

CONTRAPOSIÇÃO CRITICO-HISTORICA.

(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES)

AUTHOR

FRANCISCO REGREIO.

PRIMEIRA PARTE.

Veritas odium parit.  
Ten.

LISBOA.

NA TYPOGRAPHIA DE G. N. MARTINS.

Rua dos Capellistas n.º 62.

M D C C L X V I I I

John Burleigh

*grecio*

*LH*

**A BATALHA DE OURIQUE**  
**E**  
**A HISTORIA DE PORTUGAL**  
**DE**  
**A. HERCULANO.**

**CONTRAPOSIÇÃO CRITICO-HISTORICA.**

**(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES)**

**AUTHOR**  
**FRANCISCO RECREIO.**

**PRIMEIRA PARTE.**

---

**Veritas odium parit.**  
**TER.**

---

**LISBOA.**

**NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.**  
**Rua dos Capellistas n.º 62.**

**1854.**

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

DP

570

R32

vi

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO



63.281.45

## PRELUDIO.

Quando o romancismo, que em tudo hoje mette a sua colherada, e metterá, se o deixarem, a mão, e braço até o cotovelo; quando, digo, este trunfo, que em todos os naipes quer ter entrada, e com elles fazer jogo; quando, repito, esta Icaria potestade, que na sciencia (não fallando já no mais) quer ter o sceptro, e nella, sem alguma excepção nem estorvo, dictar a lei, enfatuada e pedantesca, apregôa e berra sahir á luz publica com algum engendrado producto do seu esbrazado, e vesuviano cerebro, com que blasona reconstruir, ou dar nova vida, vigor e acção a algum ramo, ou quer que seja, da que, segundo os termos da sua tecnologia, se chama *fossil, decrepita e marasmada* litteratura; é bem claro a todo o ente deste mundo pensador, que conhecer a mania, a phantasiadora veia (ou antes capciosa maniversia) que a tal *desfossilisadora* utopia não é, nem costuma ser mais que a quinta essencia do absurdo e do mais remontado e empoleirado desvario.

Por mais que o romancismo, alta, e enfatuadamente despota, e sotranção se cance, e mate a toda a gente o bicho do ouvido com a inculca da sua *Obra-typo*, já pela novidade da materia, já pela lucidez do methodo, já em fim pelos ademanos do estilo; e isto quer singular, quer promiscuamente indiciado; baldados são os brados archisonantes da impostura e fanfarrice pregoeira. — Se por algum tempo a mascara retem o caio e postigo verniz, com que o phantasma se arrebica e adestra, não tarda em seguida o talismatico-escalpello da boa e inflexivel critica e sã philosophia, que lhe venha nas piugadas golpear a mantilha, e pôr ao pino do sol irradiante da demonstração as mazellas do embuçado espectro.

Logo que aquelles dois agentes, procuradores fieis, e fiscaes da nua e crua verdade chamam ao tribunal da imparcial e judiciosa analyse o *protento admirando*, bem depressa o convencem de que o seu peculio, o seu lastro scientifico tem tanta solidez como o nunca visto fundo do fabuloso tonel das filhas de Danão. — Não é preciso até levar muito longe as pesquisas para se dar com a ninharia soberanamente ridicula, e sobre modo extravagante, que se inculca por mimo especioso de requintada Minerva. — Logo as mais das vezes no primeiro limioar, no portal da romantica maranha, que aspira ás honras do principado na republica das lettras, se sente e entrevê não sei que peirrexil mal saboroso de nauseante embofia innovadora, que espontaneamente leva ainda o mais narcotico investigador a exclamar de prompto: *O' curas hominum! Quantum est in rebus inane!* — Fallámos ou antes alludimos a esse Romancismo imprudente e nescio, que transpondo seus naturaes limites, pretende fazer largas conquistas em territorios onde não pôde vingar. — Não desiste com tudo da intentada empreza. Julga que a sua missão se estende tambem a prescrever a norma vigente a outros ramos das bellas e amenas lettras. — Levanta pois o grito, o pendão de guerra. E' preciso destruir para depois dominar; é o seu programma!... Com este intuito o ponto de assalto, de conquista para que a negregada vertigem romantica com mais avidéz deita, e envieza o insultante, e

desdenhoso olhar; o alvo para onde com maior ferocidade e crueza acerta os tiros das suas caronadas, é e tem sido para o variado, e aprazível campo da *malfadada* historia!... Ahi o romancismo retouça e devanea mais esturdiado e turbulento que gozo ou podengo, quando brinca, divagando á redea solta, no vasto e terraplenado eirado!... Alli faz séde e guarida predilecta para as suas incursões, e façanhudas tropelias. Alli em fim levanta a atalaia mofina d'onde a esmo, e mais ainda adrede dardejando contra aquella os barbaros golpes da feroz lança da sua superlativa insolencia. — Nos dominios com preferencia da historia, erige, para melhor dizer, o palco, o circo ostentoso, aonde dá expansão solenne ás orgias da mais suprema e refinada insanias. *Hic summa est insania* (1)!

O genio excentrico e desvairado do romancismo, dado e avezado no mundo ideal do fingimento, e todo elle ficção estreme, em tudo aquillo do mundo dos factos em que se mette, e forja *normalisar*, outra cousa não deixa ver senão pura e simplesmente a si mesmo, e como elle na realidade é, e devidamente o reputam! — Fantasiado, e pseudo-optimista por essencia e accidentes, julga e avalia a ideologia historica dos outros escriptores por aquillo que aereamente nutre, e agita em seu ôco, e vertiginoso cerebro!... Esta é a lente, o prisma favorito por onde constantemente devisa e encara as verdades, ainda as mais bem recebidas, que a historia em suas paginas transmite, e confirma. — Um cerebro pois, um craneo deste jaez e polpa, imaginando-se estofado, e ornamentado com todos os precalsos e adinculos categoricos para ser e se dizer, sem parrelha, nem pareçença, senão um Pai, pelo menos um Restaurador, um *Fac-simile*, e até mesmo um Oraculo com toda a fumarada de quem aspira ao galarim do *supra summum* em historia; que não fará elle, ou antes disparatará, quando lançar mão á obra, que almeja: por atassalhar, e della fazer boa preza? Imaginará a seu bel-prazer, sabor, e geito que tudo, ou parte daquelles grandes successos, que a historia mesmo ainda por geral consenso

(1) Hor. Satyr. 2.<sup>a</sup> v. 221.

têm julgado dignos do cunho de uma incóntestavel realidade, foram urdidos, architectados, e alfaiatados pelos historiadores, que os narram com as mesmas fimbrias de liberdade e desenfado, como são batidas e calcadas na bigorna do seu caustico bestunto as extravagancias dos protagonistas de qualquer dos seus *misomonasticos* romances, ou mesmo outros os mal urdidos trammas, e desenhados desdens de alguma presumida e divinizada delambida.

Nestes termos todo o qualquer successo, pois, de índole gigantesca, de character prodigioso e heroico, que tem o máo fado de passar pela tal desdenhosa fieira romanescas, sãe, e apparece logo n'um abrir e fechar de olhos horrendamente depreciado com o carimbo matador de *grosseira falsidade, fabula, conto de velhas*, e quando mal se pensa até de *embuste*.

Isto que escrevemos não são sonhos e caraminholas de febricitante, é a mesma verdade pura, e descarnada, e que como tal tanto e de sobejo se retrata e exemplifica na *infamada* Historia de Portugal, e nos bem conhecidos Opusculos, que respectivamente a illustram, d'esse Author, cujo nome já fica dado a lume, e exarado no frontispicio deste escripto. — O cruel e anthropophago Saturno não devorava com mais gana e sedenta tyrannia os tentos, e recém-nascidos filhos, do que elle desfinha, e aniquila os prodigios de padrão indelevelmente historicos da sua nativa terra. — Parece que o seu frenetico prurito, a sua desesperada comichão é dar solemnes, e mordazes vaias, e com ellas fatal garrote a tudo o que são e sempre foram glorias patrias de character mais que ordinario. — Ainda não é tudo,

Inculca elle, e tem de facto e de direito a historia primordial do heroico paiz portuguez, como um insulso panorama de trivialidades, de acontecimentos caracteristicamente corriqueiros; dando conjunctamente azo para crer que as façanhas de quilate illustre, praticadas pelos nossos avoengos, devem por indeclinavel systema não achar no archivo da posteridade pereane e triunfante memoria; porém sim desprezivel e ignominioso jazi-go! — Que digo eu?... Devem, a julgarmos pela estimativa do fraseado, ser impingidas, e votadas no ulti-

mó dos exterminios historicos!... Isto é, quer dizer, ou equivale a serem declaradas, e inscriptas para sempre, e ao som da horrisona tuba do sarcasmo, no rol das mais toscas, e grosseiras patranhas, das mais hediondas exagerações, e barbeiras mentiras!

Entre esses feitos que soffreram cruel matança na sua decapitante guilhotina anti-historica é a famosissima e nunca assás admirada batalha de Ourique!... Fallamos da façanha sem allusão alguma a influencia de sobrenatural theocracia... Esta batalha olhada sempre no mundo historico em todas as épochas, como prototypo do valor e denodo portuguez, e ao mesmo tempo como documento grandioso da providencia do Deus dos Exercitos, que, mesmo vendo só as cousas á luz da humana philosophia, tão especialmente protegia os esforçados guerreadores, que contra o musulmanismo combatiam no campo da gloria; esta batalha sim, que pela ventura do successo se tornára eminentemente memoravel, é pelo author da Historia de Portugal levada ao cadafalso do mais anti-nacional desprezo com a repugnante e depreciada denominação de *fossado, correria, jornada*, (1) ou o quer que é que outro tanto vale, ou menos ainda. É uma tal, tão desmedida, e tão arrojada injuria feita á historia do paiz, á heroicidade, ao timbre nacional, que nós vamos, sem mais dilatado preambulo rigorosamente vindicar.

Para este tão justo e digno fim, dividiremos esta Obra em seis Partes. Na primeira Parte (na qual em propria e adequada occasião conjunctamente se vai mostrando a posse constante e pacifica, em que sempre estivera o Clero portuguez, de propalar na Tribuna Sagrada o feito glorioso de Ourique, ainda theocraticamente contemplado; o que novamente confirma a injustiça atroz com que o invectivara o Escriptor do — Eu e o Clero) faremos ver que a batalha de Ourique (tanto quanto só, naturalmente fallando, vale, e significa a idéa de um dos maiores e mais gloriosos feitos bellicos) tem irrecusavelmente todo o fundamento historico para ser considerada como um brazão de heroismo da mais

(1) Hist. de Port. tom 1.<sup>o</sup>, pag. 324, 328, 329 e 406.

incontestavel veracidade; como um monumento classico de provado valor, que deve figurar, como sempre, com caracteristica grandeza, e elevado apreço nos Annaes illustres das façanhas portuguezas.

Na segunda Parte e nas quatro que se seguirem, chamaremos ao tribunal da erudição e da critica pelo juizo competente da analyse, para discutir, e avaliar, como devida fôr, as proprias, e formaes palavras do Author da Historia de Portugal, que contiverem asserções por qualquer fórma tendentes a desconceituar e deprimir tão distincta e abalizada proeza. — Nestas cinco Partes miudamente se verão confutados todos os elementos já heterogeneos, já inconcludentes, já erroneos, falsos, contradictorios e mesmo absurdos, que o escriptor da Historia de Portugal, a geito seu, empregára, para reduzir ao desprezo e vilipendio uma Batalha, que a Nação Portugueza, com universal e unanime assenso tanto dos sabios do paiz, como estrangeiros, reconheceu e teve sempre pelo primeiro dos Monumentos mais illustres da sua gloriosa heróicidade.

Com esta Publicação outrosim se dá cabal e triunfante resposta á atroz e audacissima parquinada, com que o Author da decantada *Historia de Portugal*, repolteado no asqueroso palanquim da sua flagrante philaucia; bem visivelmente dardeja pezados e magoantes insultos contra o Escriptor das duas apologias em favor do Clero, a *Justa Desaffronta*, e *Sincera Defeza da Verdade*: no primeiro dos quaes folhetos só respondeu com um informe; e insulsissimo tropel de nauseativas chulices; mettendo quanto ao segundo perfeitamente a viola no sacco. — Transcreveremos o provocador documento. Vem elle a paginas VII da Advertencia, que proemía o Tombo 4.<sup>o</sup> da *Historia de Portugal*. E' o seguinte: » Como » apreciará ella (a posteridade) o estado actual da sciencia historica neste paiz quando fria e placidamente » examinar o theor das aggressões de que se tornou alvo o auctor da *Historia de Portugal*? — Estas aggressões foram uma tentação demasiado forte para quem » estava affeito ás luctas da imprensa. Como homem » que é o auctor teve a fraqueza de repellir essas aggressões, e de retardar assim a continuação do seu

o trabalho. Devia guardar silencio em quanto homens  
 » competentes não entrassem na discussão: devia tolerar  
 » que a malevolencia, confrangida na sua incapacidade,  
 » escorregasse da borda dos pulpitos, rolasse pelos charcos  
 » das ruas, se revolvesse no lixo accumulado ao limiar  
 » dos prostibulos mais infectos, e que trepando ao alto  
 » dos prélos lhe esparrinhasse os vestidos com todas as as-  
 » querosidades absorvidas nesta singular viagem. O tem-  
 » po e o progresso dos estudos historicos completariam,  
 » pelo profundo esquecimento de tantas vergonhas, a  
 » justiça que desde logo os espiritos desassombrados, os  
 » homens instruidos fizeram tanto ao auctor como aos  
 » seus antagonistas. Para isso bastava, de feito, possuir  
 » certa somma de idéas genes, e amor á verdade e ho-  
 » nestidade litterarias, e o habito de observar e compa-  
 » rar. Os adversarios do auctor mostravam-se tão inha-  
 » beis, que não podiam illudir nem por poucos momentos  
 » os intelligentes e imparciaes. Assim, elle commetteu  
 » um duplicado erro (cumpre confessal-o aqui) malba-  
 » ratando o tempo, e dando vulto a cousas, que, consi-  
 » deradas á luz historica e litteraria eram insignifican-  
 » tissimas.» — Querem um cartel com mais adubos de  
 » especiaría estimulante para arrastar ao campo da pole-  
 » mica ainda o estoico mais alheio da commum sensibili-  
 » dade?.. Nem tanto era preciso!... (1)

(1) Com esta Obra todavia, que partidamente iremos dando á  
 luz, sonda não só largamente se confirmam as idéas que sobre a Ba-  
 talha de Ourique expendemos em os nossos dois mencionados Opu-  
 sculos, mas tambem analyticamente se refutam aquellas que em opo-  
 sição jazem escriptas na por mais de um motivo *anti-portuguesa*  
 Historia de Portugal; com esta Obra digo, quaesquer que sejam as  
 iras, que alguns traços de penna mais carregados produzam no insof-  
 frido pundonor do antagonista intolerante (traços que de balde che-  
 gam ao aedume sarrastico dos que se acham compaginando o *Itarby*  
 transcripto) declaramos-o em bom e alto som, não pretendemos des-  
 añar as forças phyzicas de algum bruto selvagem, que pretenda deci-  
 dir contendas litterarias a poder e a mercê de moquete, asurrague,  
 bastão, espoque ou punhal. O homem de letras não é um Malaio,  
 Ayegne, Iroques ou Tupiyamba, que em seus desforços deixa pre-  
 dominar o instincto brutal da irracional ferocidade. Eterno oppro-  
 brio e degradação ao tresloucado que áquelles monstros se pretenda  
 assimilar!... O homem da sciencia, o homem da civilisação não pó-  
 de pertencer aos sectarios embruteridos do syllogismo *ad baculum*,  
 sem se constituir réu da ultima das vilezas. O filho, o cultor da scien-

ria não tem outra defesa mais, que licita lhe seja, que a mesma sciencia. E' só ella que lhe pôde dar a victoria no campo honroso das lides da intelligencia. A força do sabio está na região do espirito, e não em a região dos musculos. No momento em que o sabio arrourou na controvérsia a acção do espirito, pela acção do punho, nesse mesmo momento deixou de ser o que era na republica das letras, e passou a ter logar entre as hordas dos Cafres malfazcos e bulhenhos. — A penna é a unica arma defensiva e offensiva do escriptor publico; e só a unica que elle deve empregar. — Recorrer á violencia brutal para fazer prevalecer a sua opinião contra a do seu adversario, que com as armas só de uma indeclinavel argumentação o acosta, é commetter o mais enorme attentado contra si proprio, contra a sua reputação e honra. E' um suicidio por elle praticado em seu prestigio, merecedor do mais aviltante e horrendo epitaphio. E quem poderá continuar a honrar com o epitheto de sabio aquelle que estabelece em arbitro de sciencia a' valentia, a bruteza do mais forte? A záo pôde jámais a força material substituir a intellectual? Mas para que é esta digressão? Por ventura o Author da Historia de Portugal desconheçerá estes principios de universal philosophia? Julgamol-o até repassado delles.

E' comtudo á vista de taes principios que não podemos deixar de lamentar o attentado, que o Author da Historia de Portugal commettera, enviando um emissario á casa do erudito Escriptor do *Commentario Critico sobre a Advertencia do 4.º Volume da Historia de Portugal* etc. para que este se retractasse de certas expressões, da que tinha usado no seu Opusculo. E que outra coisa é senão attentado a missão de um individuo da parte do *Historiador* ao domicilio do *Commentador* para, *auctoritate qua fungor*, o fazer retractar, sob pena de ficar intimado para um duello, e em caso de recusa, haver-se por sujeito talvez á eventualidade do panhal do sicario, ou, quando mais não fosse, de levar uma tunda opipara de lambada, ou pelo menos um asperges de mil zurzidas chicotadas com a engulidela conjunctamente, segundo *certa expressão*, do azúrrague? Que tal é a estrategia sultanica para propalar o erro!... Será porém este terrorismo de nova e monstruosa especie argumento de sciencia? E' só typo de ignorancia, de barbaridade, de vilissima baixeza!

O attentado porém redobra de volume, se se olha ao dia em que fôra commettido. Fôl no dia 16 de Novembro em que teve logar o criminoso excessu, segundo publicára o proprio emissario (1). E que dia foi este? Foi o dia seguinte ao da infusta morte da Rainha!... Quando toda Lisboa em pezo se achava entregue ao lucto e á tristeza, todos estavam cheios de sentimento e amargura, é que então o Author da Historia de Portugal trêta de propôr retractações e desdãos!... Quem o ha de acreditar!... E quem é esse homem que blazona de alta civilização, e cultura litteraria, que assim profana os dias lacrimosos de lucto universal? Digamol-o: E' aquelle que por motivos especies de gratidão e até de conveniencia deveria religiosamente acatar os momentos de publica tristeza... E' aquelle (pôh pudor!) que recebe o pão quotidiano do bolsinho do Rei, Esposo da Augusta

---

(1) Veja-se o antigo *Correspondencia*, no *Portuguez* de 16 de Novembro de 1853.



Fallecida, submergido na mais profunda mágoa.... Esta circumstancia é acima de toda a amplificação!

Diz-se porém que o Commentador atacára a moral do Escriptor Historico. Demos que assim fosse. Acaso um ataque á moral desforra-se com um procedimento alheio de toda a moral? Com um procedimento, que, além de attentatorio das leis, e ordem publica, puderia ter gravissimas consequencias; que todas recahiriam sobre o primeiro motor dellas? Mesmo não era a brutal desforra muito maior que a supposta injuria? — Se a injuria foi feita com a arma da penna, a penna é que a deveria punir. Negar o escriptor, quem quer que fór, que os golpes da penna sejam de cabal sufficiencia para rebater qualquer injuria, é humilhar-se, é deprimir-se com cobardia a si proprio. Porém aonde está especificamente a injuria? Em dizer que o historiador *mentira*!... O historiador porém queixando-se desta expressão como injuria, injuria-se a si proprio. Queixa-se de uma expressão que é toda sua. No audacissimo folheto com o titulo — *Eu e o Clero* — se acha virulentamente atrada ás faces de um Prelado, digno do maior respeito por letras e virtudes, qual era D. Fr. Manoel do Censulo, (escripta chistosamente com letras maiusculas) a expressão: *Kº mentira* (1)!

Quanto ao mais que ao Author do Commentario Critico se assacou (2) não ficava outrosim desmentido com a tentativa violenta; excepto se o historiador quer restaurar para demonstração da sua sciencia a barbaridade de uma das provas judiciaes (*judicia Dei*, por alcunha) da idade media, o duello!...

Depois de tudo isto resta por fim saber se o Author da Historia de Portugal continuará a dar ainda exemplos de querer embutir, á laia de zelote do alcorão, no esophago do publico a droga fementida, de turbante no toução, e cimitarra em punho para espichar a todo e qualquer *parvo* (3) (como elle com furor leopino epithéta) que a não quizer engolir.... Se aspira em fim ás honras de Bachá, ou Mandapim da Historia de Portugal.... Cremos porém que a bilis viperina do historiador acalmando o cachão, o deixará cahir em si, e arrepende-se! — Se contudo outra acontecer (o que não esperamos) os *parvos* terão a sciencia necessaria para rebater o sabichão, e a valentia precisa para invocar a acção da lei contra o aggressor.

---

(1) A pag. 14 do Folheto citado.

(2) Veja-se o artigo — *Correspondencia*, no Portuguez de 18 de Novembro de 1853.

(3) Este revoltantissimo epitheto dá elle ao author do *Commentario Critico*, em um aranzel da sua lavra publicado em a Nação do 1.º de Dezembro de 1853.

1. The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions and activities. It emphasizes that this is crucial for ensuring transparency and accountability in the organization's operations.

2. The second part outlines the various methods and tools used to collect and analyze data. It highlights the need for consistent data collection procedures and the use of advanced analytical techniques to derive meaningful insights from the data.

3. The third part focuses on the challenges faced in data management and analysis. It identifies common issues such as data quality, integration, and security, and provides strategies to address these challenges effectively.

4. The fourth part discusses the role of technology in modern data management. It explores how cloud computing, big data, and artificial intelligence are transforming the way organizations handle their data.

5. The fifth part covers the importance of data governance and compliance. It stresses the need for clear policies and procedures to ensure that data is used responsibly and in accordance with relevant regulations.

6. The sixth part addresses the human element of data management. It discusses the importance of training and education for staff to ensure they are equipped with the skills needed to manage data effectively.

7. The seventh part provides a summary of the key findings and recommendations. It reiterates the importance of a data-driven approach and offers practical advice for implementing a successful data management strategy.

8. The final part of the document includes a list of references and a glossary of terms. This ensures that all readers have access to the sources used in the research and can understand the terminology used throughout the document.

Quando um facto, facção, ou feito passa como moeda corrente. e de bem assignalado cunho por seculos em a historia de qualquer paiz: quando elle é respeitado e venerado pelo mais solemne e constante voto dos que devem conhecer o que seja boa e severa critica; quando outrosim toda a torrente de escriptores tanto nacionaes como estrangeiros saudam e acatam as cans da sua incontestabilidade com invariavel accordo; quando na verdade se apresentam estes tão conspicuos, e tão bem desenhados caracteres, que em tão larga escala provam, e sustentam a veracidade do successo; que espirito tão fortemente innovador ha ou póde haver que o negue, deprima, ou achincalhe, que para logo não mereça pelo absurdo, e pedantesco attentado, o mais desprezado, e profundo riso democritico?

Um pois dos feitos, dos acontecimentos mais gloriosos da historia nacional, que pelos mencionados titulos fica sobranceiro aos tiros do decantado antagonismo, que por moda ou toleima se arrufa e empina contra tudo o que é maravilhoso; é por certo a memoravel batalha dada aos Mouros por D. Affonso Henriques no Campo de Ourique. — Mas não é só ponto incontroverso na historia de Portugal a existencia da Batalha de Ourique; porém igualmente o é quanto ao que diz respeito á idéa, que a mesma historia nos dá da sua real excellencia. Ella sim nos testifica ser aquella façanha em todo o rigor da palavra uma verdadeira e caracteristicamente grande Batalha. Vamos ás provas. Formam

ellas um argumento de verdadeira, e ineluctavel prescripção contra qualquer innovação audaz.

Se não são, nem jámais foram joguete de uma fantasia estolida e burlesca os fundamentos em que no Areopago da sciencia se estriba o que se chama certeza historica; forçoso é que todo e qualquer individuo, que não haja perdido a tramontana do senso commum, tenha e reconheça como indubitavel não só a existencia do facto heroico da Batalha de Ourique, mas tambem o caracter da sua prodigiosa, e heroica magnitude.

O primeiro e radical fundamento, que é logo para desazar, e reduzir ao estado de automatico espasmo o romancismo petulante, que tão janizara e acintosamente intenta riscar das paginas ainda da mais authentica, e veridica historia toda e qualquer idéa de successo que a seu animo revel, e poltrão affigure de superior esfera; é, quanto ao ponto de que tratamos, aquillo que se acha escripto e lê em um Codice de cubo monumental que o primeiro continuador da Monarquia Lusitana *D. Fr. Antonio Brandão* publicou, como primeiro Appendice da 3.<sup>a</sup> Parte da mesma Monarquia Lusitana, debaixo do titulo de — *Chronica Gothorum* —; e depois d'elle deu á luz o erudito Augustiniano Hespanhol *Fr. Henrique Flores*, no tomo 14.<sup>o</sup> da *Espana Sagrada*, Appendix 12.<sup>o</sup>, com a denominação, sem duvida mais exaeta, de — *Chronicon Lusitanum*. — Que refere pois esta *Chronica*, ou *Chronicon*, que não sirva para logo reduzir ao mais vergonhoso e hermetico silencio a todo e qualquer tagarela da camaradagem innovadora, que ousar reduzir ao aviltamento um feito illustre, tão authenticado na Historia do paiz? Eis-aqui as palavras genuinas do monumental documento: *Æra 1177 octavo Calendas Augusti in Festivitate Sancti Jacobi Apostoli anno Regni sui undecimo, idem Rex Donnus Alfonsus magnum bellum commisit cum Rege Sarracenorum nomine Esmar, in loco, qui vocatur Añic.* Em linguagem quer dizer: » Na era de 1177 (1) aos oito dias antes das Calendas » de Agosto (aos 25 de Julho) na festividade de São » Thiago Apostolo, em o undecimo anno do seu reina-

(1). Era de Cesar, que corresponde ao anno de Christo de 1139.

ndo, o mesmo Rei D. Affonso travou *uma grande batalha* com o Rei dos Sarracenos por nome Ismar, no lugar que se chama Aulic » (1). Quem jámais duvidou que o substantivo *bellum* significa *batalha* (2) e o adjectivo *magnum* a qualificação de *grande*? Ninguém; a não ser algum pensante eminentemente estrambotico, que testudamente affecte campar pela mais risivel e espalmada ignorancia! O texto pois citado da Chronica dos godos é a todas as luzes terminantissimo contra todo e qualquer sciolo, ou mordaz pedante, que a seu bel-prazer ouse desmentir, e menos-prezar o primeiro dos feitos mais heroicos da historia de Portugal.

Mas que força (insistamos), que valor historico terá para fazer fé o produzido e transcripto documento? Terá por ventura o mesmo ou equivalente valor que merecem as fantasiadas asserções de um mistiforio palavroso, que se alcunha *Chronica-poema* (titulo de irreconciavel nigromancia), *lenda* ou o quer que seja *do presbytero godo* chamado pela fórma, e paradigma de artimanha inculcante *Eurico o Presbytero*? Dessa *lenda*, sim, ou perlenga romantica que, logo por entrada, em um preliminar aranzel, que não mereçera de seu Author as honras da designação, desabafa nas mais falsas, impias, e escandalosas asserções contra o celibato do Clero? Tacs na verdade quaes só poderiam ser proferidas pela bôcca do mais decidido éeo, ou orgão do proletario protestan-

(1) Ourique.

(2) A torrente dos escriptores que dão este nome ao illustre feito bellico de Ourique, nos convence que o termo latino *bellum* de que usa a mencionada Chronica, só deve ser traduzido em portuguez pela palavra — *batalha*. A proposito transcreveremos o que diz D. Francisco de S. Luis nos synonymos da Lingua Portugueza, tomò 2.<sup>o</sup> art. CCCLXII, pag. 184: » Batalha supõe acção geral, ou quasi geral, em que pôde haver um ou mais confictos. As acções particulares chamam-se mais propriamente *combates*, *recontros*, *choques* etc. Assim dizemos a *batalha* do Campo de Ourique, a *batalha* do Salado, de Aljubarrots, de Montes-Claros, de Bussaco etc. » e não chamamos batalhas a muitos e frequentes *combates*, de que se faz menção a nossa Historia militar. » Que dirá o Author da Historia de Portugal á vista de juizo que um dos mais insignes philologos deste seculo formava da façanha militar de Ourique? Cantar a palinodia é só o unico e airoso partido que lhe resta!

tismo, que tanto ataca este ponto de disciplina da Igreja Catholica Romana (1)?

Não foi moldado, nem batido na bigorna do Romancismo o Documento que produzimos. E' de outra laia a sua natureza, e consistencia. — Sendo assim, como realmente elle é; quem poderá negar a fé a um documento historico de cunho indisputavelmente fundamental, que desde seculos tem merecido a constante veneração da critica? — Ouçamos a proposito ao grande Oratoriano Pereira de Figueiredo: » Não se póde fixar ao » certo o tempo preciso em que foi escripta esta Chronica. Mas o allegar seu Author, quando falla da tomada de Coimbra por Almansor, com o que ouvira » a muitos velhos: (*sicut a multis senibus audivimus*): » o apontar o tempo dos successos com tal individuali- » ção, que de ordinario não só nota o dia, mez e anno, » mas tambem que dia era da semana, e que hora do » dia ou da noite: e finalmente não passar do Reinado » d'El-Rei D. Affonso Henriques, cujo valor e acções » amplifica, e ainda exaggera com um affecto tão particular, que o faz parecer apaixonado. Estas e outras » circumstancias nos determinam a ter esta Chronica » por obra de Author, que alcançou os tempos do dito » Rei, ou pelo menos foi mui visinho delles. — Neste » mesmo conceito (continúa o referido Oratoriano) a ti- » veram os nossos dois famosos Antiquarios do seculo » XVI André de Rezende, e Gaspar Barreiros. Dos » quaes o primeiro no Livro IV *De Antiquitatibus Lusitanix* pag. 216 cita esta Chronica com o nome de » *antigos Annaes* que tinha em seu poder: (*Ut mei veteres annales habent*:) e della titou varias circumstancias da batalha do Campo d'Ourique: como o ter sido morto nella um sobrinho do Rei Ismar, por nome Homar Atagór, que era neto do Rei Hali. O segundo logo no principio da sua *Corographia*, allega com a mesma Chronica, como citada já pelo mesmo Rezen-

(1) Tão revoltantes enunciações assás excitaram o genio religioso e illustrado de um dos nossos mais insignes poetas e litteratos a triúfantemente refutal-as. Veja-se Revista Universal Lisbonense, tomo 4.º, Anno de 1844 — 1845, pag. 311.

» de na outra sua Obra das Antiquidades d'Evora, pa-  
» ra mostrar, que em tempos antigos se chamava Pac-  
» ca a cidade de Beja. Isto basta para esta Chronica se  
» dever reputar obra d'uma veneranda e mui estirada  
» ancianidade: como depois de Rezende e de Barreiros  
» a reputou tambem Brandão (1). »

Se porém o romancismo sceptico, e acintoso não quer  
ainda cantar a palinodia; convidál-o-hemos outrosim a  
fixar os olhos sobre outro testemunho altamente confir-  
mativo do verdadeiro e genuino apreço, que se deve fa-  
zer da Batalha de Ourique. A *Chronica Conimbricense*,  
ou o que é o mesmo o *Livro da Nôa de Santa Cruz de Coim-  
bra*, é o *Documentó*, ou *Monumento* historial, a que  
nos reportamos. Ouçam-se as suas proprias e sem contesta-  
ção originaes palavras: » In Æra MCLXXVII, mense  
» Julii, die Sancti Jacobi in loco qui dicitur Ouric, li-  
» magna fuit inter Christianos et Mauros, præside Rege  
» Ildefonso Portugalensi et ex parte Paganorum Rege  
» Smare, qui victus fugam petiit. » Em vulgar quer  
dizer: » Na era (2) de 1177, em o mez de Julho, dia  
» de San-Thiago, no logar, que se chama Ourique, hou-  
» ve uma grande lide entre Christãos e Mouros, sendo  
» Commandante El-Rei D. Affonso de Portugal, e da  
» parte dos pagãos (3) o Rei Ismar, que vencido deitou  
» a fugir. » Esta lenda tão singela e sinceramente ter-  
minante (e como tal proferida pela bôcca da verdade)  
victoriosamente ri e zomba da romanesca, e empavesada  
audacia, que pretende de uma só palhetada reduzir  
ás dimensões do mais baixo e caturra acontecimento, o  
primeiro dos mais altos e gigantescos feitos da Historia  
de Portugal. E' ella mais um testemunho authenticó,  
que vem embotar os gumes da aguçada picareta, do fe-  
roz camartélo anti-historico. — Mas que gráo de força e  
valentia terá tal Documento aos olhos da mais severa  
critica para reprimir a mais bravateira e fanfarronica in-

(1) *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tom. IX, Dissertação 19.<sup>a</sup>, pag. 303 e 304.

(2) De Cesar, como já advertimos; anno 1189 de Christo.

(3) Os Escriptores da idade media designavam tambem os Mahometanos pelo termo — Paganí. Vej. Du Cange, *Glossarium ad Scrip-  
tores Medie et Infimæ Latinitatis*, editio nova, tom. 6.

credulidade? Ou esta Chronica se tenha por original em todas as suas partes, como, segundo Pereira de Figueiredo, a tivera o erudito Theatino D. José Barbosa; isto é por uma Obra que tudo o que tras foi escripto por Authores coetaneos dos successos que referem (1): ou nem todas as cousas que esta Chronica menciona sejam apontadas por Authores do mesmo tempo, em que ellas succediam (sendo obra se não de mais, pelo menos de dois Authores); e por consequencia, dado que seja original ou coetanea a respeito de alguns successos, não o é a respeito de todos; conforme contra o mesmo Barbosa sustenta o grande Oratoriano na já citada Dissertação Academica (2): ou ella en fim seja copia de varias copias e de varios Chronicons, como asseverára Flores (3); apesar de tudo isto nenhum destes tão valentes e profundos criticos, nem algum outro fóra delles, concebeu jámais a mesquinha e disparatada idéa de, a despeito de tão positiva e explicita menção historica, malbaratar, e reduzir ao aviltamento o grande feito da batalha de Ourique.— E seriam elles menos illustrados e eruditos nas cousas patrias que o sarcastico e mofador pedantismo do dia ou do momento, que é presilha do mesmo metal? Seriam inferiores em talento, e estudos a esse peti-metrismo de litteratura fôfa, que affigurando-se escarranchado no falso pincaro da sciencia, com mais arreganho que D. Quichote de la Mancha montado no seu rocinonte, arroja lançadas de mortal desprezo a tudo quanto ha de prodigioso, e heroico na historia nacional? Quem tal affirmando, similhante absurdo proferisse, levantaria em deshonra sua o mais torpe e hediondo obelisco no coruchêo da ignorancia.

Emboira a primeira parte da Chronica do Livro de Noa, a qual trata dos successos do tempo de D. Affonso Henriques até principios de D. Affonso IV, não mereça tanta fé como a segunda parte della, que é redigida em linguagem portugueza: não se possa sim dizer que os successos nella conteudos tenham sido escriptos por Au-

(1) Mém. da Acad. Tom. 9.º Dissert. XIX § I.

(2) No Tomo indicado, etc. pag. 305.

(3) Na España Sagrada, tom. 23, pag. 200.



thor contemporaneo, e só quando muito que foram escriptos depois do anno de 1326, e os ultimos da segunda parte em 1406; o que tudo mui bem ajuiza o critico, e eruditissimo Oratoriano Pereira de Figueiredo (1). Embora, digo, tudo isto assim seja, o sabio portuguez todavia de nome immortal no paiz das letras, nunca disse, nem sequer indiciou, que a authoridade da *Chronica Conimbricense* sobre a grandeza da batalha de Ourique não fôsse de um cunho altamente confirmativo. Pelo contrario a idéa, que de tão conspicua Acção deixou exarada em todos os seus escriptos, quando della fallou, bem mostra quanto o seu pensar era de accordo com a lenda historica do mencionado Documento. E que critico haveria, ainda do mais aguçado, e afilado nariz, ou, conforme a litteral expressão do chistoso Horacio, de assoada venta, *emunctæ naris* (2), que deixasse de reputar como a mais solemne confirmação de qualquer successo o testemunho posterior de oútro escripto, digno de respeito, que tão perfeita e absolutamente coincidissem com a letra ou sentir de certo designado Documento de primordial fé historica? Tal coincidencia, ou antes identificação historica se dá porém entre o Livro da Nôa, e a Chronica dos Godos no facto de que tratamos. A sua confrontação o evidencia. — Mas porque se não ha de mesmo ter a Chronica Conimbricense como um monumento documental de primordial authoridade humana? Não poderia ella ser escripta sem que seu author, ou authors, da outra tivessem noticia? Quem o poderá duvidar? — Demos que a primeira parte do Livro da Nôa, que envolve o feito grandioso de que fallamos, não fosse escripto senão depois do anno de 1326; que admira que uma tradição sempre constante e incorrupta ácerca da grande façanha bellica de Ourique se fosse conservando e transmittindo de pais a filhos por espaço de 180 e tantos annos; que é a distancia de tempo que decorre desde aquella época gloriosa até o periodo em que se presume ter sido escripto no Livro da Nôa o memoravel successo? — Conceda-se por ultimo que a lenda da *Chroni-*

(1) Na indicada Dissertação.

(2) L. 1. Satyr. 4.<sup>a</sup> v. 8.

ca *Conimbricense* seja até copia ou reproducção da *Chronica Gothorum*; isto mesmo prova que a crença historica da fumosa acção militar do Campo de Ourique em nada tinha decrescido da reputação, e valia em que era tida desde a primeira vez que fôra transmittida por escripto á posteridade. Por tanto este segundo testemunho documental, qualquer que seja a balança critica em que deva ser pezado, evidentemente faz ver que a maravilha de Ourique não era da casta, antes estava mui longe de ser do numero, e jaez daquellas patranhas, que com o andar dos dias se destroem e desvanecem; pelo contrario, que era uma verdade historica, que com o volver do tempo nada tivera perdido da sua justa dimensão e grandeza nos Fastos da patria.

Se pois o famoso prodigio militar de Ourique fôo não só logo justamente apreciado, como tão solidamente se depreheende, nos annaes da historia, no proprio quartel do seculo XII, em que acontecera; mas tambem, em quasi igual periodo do seculo XIV, por outro Documento de fé ainda não contrastada; que motivos, ou fundamentos haveria para que a critica, e a philosophia da historia dos posteriores seculos lhe não desse o seu unanime e explicito assenso? Nenhuns houve, nem alguém lho achára, quer intrinsecos, quer extrinsecos, por onde recusasse dar ao soberanamente protentoso, e tão illustre feito da historia de Portugal aquelle apreço e valor, em que tão geralmente era reputado. E quão manifestamente não estão sim os seculos subsequentes em cerrada columna, e por uma só e indiscrepante voz, sustentando a verdade historica do grande acontecimento contra todo e qualquer pyrrhonismo saltimbanco, contra todo o fero entono de qualquer polichinella litterario, que com cynica arrogancia commettesse o risível desvario de o querer chacotear?

O nome e authoridade de tantos eruditos, tão illustres e respeitaveis, não cede na verdade o terreno aos inimigos dos feitos grandiosos da primeira época da nação; antes, como que dando entre si as mãos, vão successivamente formando outras tantas testudes, e assestados arietes contra a animosidade pedantesca de todo e qualquer historiolo tacanho, e impudente, que, com um empavo-

nado verboso jacto, julga deitar por terra uma das principaes columnas do edificio immortal da Historia nacional. — Hastêam aquelles eruditos no campo da sciencia dos patrios acontecimentos o pendão triunfante do seu testemunho; e o seu dizer simples, claro, e frisante é em si mesmo a condemnação, o anathema solemne d'essa anti-nacional mania da arliquinagem escrevinhadeira, que tão audazmente tem procurado dar gatrote no cadafalso da mofa, e vilipendio, á heroicidade de um dos mais antigos e brilhantes feitos portuguezes. Apareçam pois já em scena para darem apoio á verdade esses grandes luminares dos seculos da nossa boa litteratura. São elles os legitimos vingadores das primitivas glorias patrias; da memoria d'esses bráços de valor e esforço portuguez na terra natal, contra o mais sáfaro e lascarim antagonismo d'aquelle, que com sinistra e vandalica peana os pretende stigmatizar com o carimbo de inacreditaveis! — Seja o primeiro escriptor, e que capitaneia tão affamada phalange o bem conhecido Chronista de D. Affonso Henriques, Duarte Galvão. Escrevia elle pelos fins do XV e principios do XVI seculo. E eis-aqui a sua narrativa ácerca da prodigiosa façanha do Campo de Ourique: » Tanto que El-Rey Ismar ouve nova (das *grandes cavalgadas* e muitos *vencimentos* contra os Mouros alcançados por D. Affonso *Anriques*) » mandou requerer to- » da ha mourama dos lugares, e outras partes do redor, » mandando seus alvitres, que elles entre si hão por ho- » mens de santa vida, que fossem prégar e requerer da » parte de Mafamede, que ha corressem á terra que es- » tava em ponto de se perder, pelo qual ouve El-Rey » Ismar muito em sua ajuda de Mouros daquem, e da- » lem maar, e outras gentes barbaras, que era *infinda* » *ha multidão delles* em tanta desigualdade dos Chris- » tãos, que se à por certo, serem pouco menos de cento » para hum, entre hos quaes vieram quatro Reys ou- » tros, cujos nomes nom achamos escritos, e vieraõ com » estas gentes molheres vezadas ha peleyjar como has » Amazonas, ho que foy sabido, e provado depois pelos » mortos, que acharam no campo » (1). Quem não es-

(1) Chronica del-Rey D. Affonso Henriques, Cap. XIII.

tiver inteiramente cerceo, nem rapado, ou escalvado de todo no que psychologicamente se chama principio agente da humana intelligencia, ha de intuitivamente reconhecer e acreditar que aquella *multidão infinda* da bicharia mourisca, que El-Rei Ismar por aquella fórma juntára e amalgamára para se vingar dos disturbios, que lhe causara o Príncipe que o guerreava, não era para simplesmente lhe vir fazer algazarra barbaresca, e desentoadada, ou apresentar ostentação scenica e fanfarronica do seu grande poderio. Toda a boa e commum critica tem avaliado, e avaliará sempre a grandeza de qualquer combate pelo arreganho das circumstancias caracteristicamente bellicosas, que o precedem, e acompanham; e particularmente pela força numerica dos combatentes. Este principio de critica ninguem dirá que não tenha logar a respeito da Batalha de Ourique. O numero dos inimigos era tal, que, como refere o Chronista: » Hos » Christãos que eram com o Principe, vendo ha grande » *multidão dos Mouros sem conto*, começaram a poer » duvida em se aver de dar batalha pela muy grande » desigualança, que avia delles ahos Mouros (1).

O testemunho de Duarte Galvão ganha nova força, quando se adverte que a Chronica que elle escreveu não » é outra cousa mais do que uma compilação da outra, » que alguns cem annos antes em tempo d'El-Rei D, » Duarte tinha composto Fernão Lopes, Chronista-Mór » do mesmo Rei, e Guarda-Mór da Torre do Tombo. » E' o grande João de Barros quem nol-o assegura, asseverando outrosim que o que Duarte Galvão fez á Chronica antiga, foi apurar a sua lingoagem; o que tambem attesta o famoso Antiquario André de Rezende (2).

Outro fundamento, que torna admiravel e prodigioso qualquer feito d'armas é o contraste, que offerece um pequeno numero de combatentes, vencendo um exercito desproporcionalmente muito maior. Esta circumstancia soberanamente se verifica na Batalha de Ourique. Diz o mesmo Chronista: » Partio ho Principe sua

(1) Na Obra citada, cap. XIV.

(2) Vej Elogios dos Reis de Portugal por Pereira de Figueiredo, pag. 293, not. VIII.

» gente em quatro azes, na primeira meteo trezentos de  
» cavallo, e tres mil homens de pé, e na reguarda fez  
» outra az em que hiam outros trezentos de cavallo, e  
» tres mil de pé, huma das azes fez de duzentos de ca-  
» vallo, e dois mil de pé, outra az fez de outros tan-  
» tos, que eram por todos dez mil homens de pé, e mil  
» de cavallo (1). » — Quem deixará de qualificar de  
grandiosa uma peleja, em que um tão pequeno numero  
é o vencedor contra uma *multidão infinda*, que fica der-  
rotada? Em todos os tempos e em todos os paizes do  
universo esta extraordinaria circumstancia faz realçar a  
acção guerreira do vencedor nas paginas da Historia com  
o cunho caracteristico da heroicidade.

A outra circumstancia pela qual a peleja campal  
de Ourique merece sem questão o nome tecnico e qua-  
lificativo de — Batalha — é o tempo que ella renhida-  
mente, e sem interrupção durou. » Foi esta batalha (re-  
fere o mencionado Chronista) tam bravamente peleyjada,  
» que durou atée oras do meyo dia, sem tomar fim, sen-  
» do o dia tam quente e tanto póo naquelle tempo, que  
» cada uma destas cousas com pouqua mais afronta hos  
» devera causar. (2) » Hum combate tão acirrado que  
devia durar para mais de sete horas consecutivas (pois  
começára *desde que ho Sol sahio* (3) ou *arraiava* (4), não  
era para se avaliar como se fóra qualquer evento de usual  
estrategia, e muito menos para ser indicado por algum  
termo, synonymo de romantica, e theatral caricatura, que  
denegrise, e burlasse a façanha illustre. — Porém o an-  
ti-nacional pyrrhonismo historico, travesso e resingão da  
gemma, talvez ainda se não cale.... E que fará então  
elle? Ha de por ventura soccorrer-se á impossibilidade  
do successo, deduzindo a sua nullidade do mui pequeno  
numero que triunfára no combate. Não ha de fazer for-  
tuna com a maravilha do subterfugio!... Não ha de sem  
duvida sequer ganhar alviçaras pelo merito da inven-

(1) Cap. XVI.

(2) Cap. XVII.

(3) Duarte Galvão, Chronica de D. Affonso Henriques, cap. 16.º  
folh. 22.

(4) Christovão Rodriguez Acenheiro, Chronica dos Reis de Por-  
tugal, cap. 3.º, pag. 23.

ção!... A objecção é tão fantasmagorica, como velha e sedição no terreno da desdenhosa opposição anti-historica. Foi o mesmo Chronista Duarte Galvão quem já retorquiu aos patronos della: » Nom se espante niuguem, (diz elle) nem duvide do que em cima escrevo da grandeza deste vencimento, como jaa vi espantar alguns por mo assi ouvirem; quando Plutarco, e outros Authores greguos e assi Tito Livio com outros Latinos, concordando affirmão, e dizem ha vitoria da batalha que Luculo Lentulo Capitão de Roma ouve em Asia contra El-Rey Tigrames, ser a maior que o Sol nunca vio; sendo hos Romãos onze mil de pé, ha fóra ha gente de cavallo, e hos imiguos duzentos e vinte mil de peleyja; avendo-o loguo com gente tão cobarda e prestes para fogir, que sobre morrerem delles cem mil no desbarato dos Romãos sómente cinco morrerão, e feridos nom passarão de cento, donde se creve, que hos Romãos ouveraõ vergonha, e se riraõ de si mesmos por tomarem armas para tam vil gente, da qual segundo afirma Tito Livio eraõ os vencedores quasi ha vigesima parte; ho que em muy mayor grão e desigualança se deve estimar, e dizer desta vitoria del-Rey D. Affonso assi pelo muito mais numero de imiguos, e menos dos Christãos, como pela valentia, e animosidade, e seita contraria dos infieis; e além desso vezados às mesmas guerras nossas e ha muitas vitorias avidas contra nós, com que se tinhaõ feyto vencedores da Christandade, e senhoreado ho mundo; nem des ho tempo de Lucullo Lentullo para cá, nom acho vitoria dessas mais assinadas, que foraõ; porque desta del-Rey D. Affonso se devia julgar, nem dizer menos do que dice » (1). Eis-aquí como o Chronista defende, e faz realçar, usando de um argumento de concludente exemplo, a façanha maravilhosa de Ourique; e isto em tempo, em que, segundo a parla mordaz dos modernos Oraculos da *vigente* sciencia, os historiadores não eram mais que *cégas e fosséis toupeiras* que escreviam debaixo da *machinal* e *bruta* influencia do *milagrismo*!... E seria o destroço de Tigranes causado

(1) Cap. 17 da já citada Chronica.

por tão pouca gente algum estofo de fabrica romantica, com que a *credula* e *pasmenta* antiguidade emaranhasse os seus crespos, e luridos pergaminhos? Quem se descabisse com tal e tão sesquipedal descôco teria que contrariar o sentimento opposto de criticos da primeira plana, e já do tempo, em que o caruncho das velhas e corcovadas patranhas, que eram entulho da antiga historia, tivera sido bem e grandemente sacudido. — Temos presentes os nomes de Millot, Macquer, e Lacombe. *Jamais*, diz este a proposito da batalha de Lucullo, *les Romains ne s'étoient encore trouvés en bataille rangée avec si peu de monde, contre un si grand nombre de troupes.* (1) Os ou-tros estão no mesmo accordo.

Que difficuldade porém ha, se quizermos mesmo resolver por outra guisa o problema, de recorrer ao principio, ou agente sobrenatural dos effeitos maravilhosos? Rir-se-ha, com estulto desdem, da fórmula de solução o arrogante e entonado *racionalismo*, que nada quer admitir acima do humanal bestanto! Ria-se muito embora; que a critica e a mais luminosa philosophia de todos os seculos ha de irrefragavelmente detonar contra uma audacia tão tyrannica e desprezivel, como ignorante e absurda. — Que monstruosidade pois não é no tribunal do bom e fino senso o pretender atrellar o *systema* governamental da Providencia ao jugo ferreo de um fatalismo tão iniquo e fatuo, que não consente que o Movel Supremo do universo se dê a conhecer aos homens por meio de successos de extraordinario e não commum exemplo? Póde acaso o *Prismo racionalizador*, por mais utopista que se queira inculcar em suas extravagantes concepções, marcar regras, pôr peias ao livre exercicio de uma excellencia, de um attributo do Supremo Ente, tão profundamente invadeavel ao espirito humano, já se considere em seu poder, e essencia, já em seus effeitos, e variados fenomenos? A acção reguladora do Motor soberanamente providente é superior a todos os calculos e humanaes hypotheses e arbitrios! — Negar por tanto um factio grandioso, reconhecido como tal desde a origem, ou pouco menos de qualquer nação, e

(1) *Abrégé chronologique de l'Histoire Ancienne etc.*, pag. 455.

sempre sustentado pelas maiores notabilidades da sciencia, só porque não quadra ao mesquinho, e marasmento pensar do garrulo innovador, que ousa dirigir o gyro da divina Providencia pela viella da sua mal gradada elliptica, é tocar o cumulo da mais campanuda e supina irrisão!... E que?... Não se encontram nas nações antigas e modernas escriptores ainda os de maior critica, que não tem duvidado attribuir innumeraveis successos historicos á protecção, e influencia singular do Poder Omnipotente? Negal-o seria o mesmo que fechar os olhos para não ver o brilho fulgente da mais clara luz. — A philosophia do historiador não pôde por certo deixar de ser muitas vezes transcendente, e elevar-se por instincto e convicção, e algumas vezes até por impulso entusiastico, á vista da maravilha do successo, a reconhecer a supremacia da Causa, que o fez com inesperado espanto existir. — A philosophia do historiador não pôde ser impia; nem declarar-se a bandeiras despregadas antagonista pirracenta do maravilhoso, sem provocar a mais justa, e merecida indignação de todo o mundo verdadeiramente illustrado. — Mas para que é recorreremos ao elemento da sobrenaturalidade? A questão pelo lado por onde a encaramos, é do terreno da mais commum e natural dialectica. Desculpe-se pois a digressão.

Vejamos agora o conceito, que merece no areopago da critica o Chronista Mór do Reino, Duarte Galvão. — Deixando de avaliar o merito do homem publico pelas importantes embaixadas, de que fôra encarregado pelos Reis D. João II e D. Manoel; diremos sómente que, quanto ás qualidades pessoais, que authorizam a moral e a litteratura do escriptor, encontraremos um Rui de Pina, um Damião de Goes, um Duarte Nunes de Leão, um Pinto Ribeiro, e outros, que assás as testificam, e affiançam. — Porém na sua Chronica, me opporão, é que se deve fazer a anatomia critica. E quem ha que o duvide? E' nella pois que eu especialmente encaro e tenho posto a mira. — Ventila-se e é ponto controverso: Se a Chronica de D. Affonso Henriques é obra original de Duarte Galvão, ou apenas refundição da Chronica do mesmo Rei por Fernão Lopes. João de Barros e André de Rezende, como já advertimos, concedem só que Duar-



te Galvão apurára a lição antiga do que já achára escripto. Seja porém original ou recopilação de outra antiquissima, como quer Mariz, esta questão não vem para o caso. Trata-se de processar o que elle publicára como producto da sua lavra. E deveremos nós estar por tudo o que elle escreveu, ou transcreveu na mencionada Chronica? Estamos bem longe dessa omnimoda deliberação: Sabemos que Duarte Galvão, ou por si ou por outros a quem seguira, algumas vezes patinhou. Lá está o Doutor D. Frey Antonio Brandão, que depois lhe cahiu á perna, e por signal que ao tomo 3.<sup>o</sup> da Monarchia Lusitana lhe fez menos mal o catatão! Fê-lo sim tanto á feição, que o Theatino D. José Barbosa (que accusando a negligencia com que Galvão se houvera na composição da Chronica de D. Affonso, chegára a dizer que lhe parecia que não fez exame algum para o que havia de escrever) não teve duvida para á vista sobretudo de uma tal correcção do Cisterciense retirar o seu escrupulo, e dar assenso para que a dita Chronica no primeiro quarto do seculo passado, sahisse á luz publica (1). Teve escorregadelas e qual é o historiador profano, ainda da maior polpa, que as não tenha tido? — Porém entre os lapsos historicos que a critica assacára contra Galvão, entra por ventura a asserção do facto, de que tratamos? Ninguem ainda o dissera, nem podia dizer. Logo a batalha de Ourique é dos factos escolhidos, e apurados, que se lêem na Obra do Chronista. — Mas será necessario para confirmar um facto tão classico na historia de Portugal ir arregimentando toda a cohorte de Escriptores, que o authorizam, transcrevendo as suas proprias passagens? Será preciso constituir um Bazar de notoria e corriqueira erudição para sustentar em toda a sua grandeza uma verdade publica, que permanece desde seculos no remanso pacifico do Archivo das façanhas mais incontestaveis; contra qualquer bandorriha, ou bandoleiro historico, que a venha contrariar ou aviltantemente deprimir? Não é necessario... Responderão todas as illustrações patrias contra essa ferocidade otto-

(1) Veja-se a Censura de D. José Barbosa, que precede a Chronica de D. Affonso Henriques por Duarte Galvão.

manica, que com anti-nacional alfanje intenta decapitar as primeiras, e sempre tão celebradas glorias da heroidade portugueza.— Aquillo que sempre foi tido e havido por verdadeiro e certo no conceito de todos os criticos não pôde ser destruido pelo nunca ouvido pensar de algum, que se ufana de querer passar por entonado discolo, por apostata presumçoso da historia do paiz! O riso e o mais formal desprezo pela extravagancia é a merecida retribuição!...

Todavia não será ocioso, nem tão pouco inutil, para servir de monumento apologetico contra o mais abjecto, e anti-nacional scepticismo, o mencionar os principaes nomes, e logares dos distinctos Autores que asseveram, e testificam a façanha prodigiosa do Campo de Ourique.

Siga pois immediatamente a Duarte Galvão o Bachelarel Christovão Rodrigues Azinheiro. Este segundo Chronista de D. Affonso Henriques (fallamos d'aquelles, cujos escriptos existem) na Chronica, que escreveu do referido Monarcha em 1535, trinta annos depois d'aquella que escrevera Duarte Galvão, novamente confirma a grandeza do famoso combate. Quem a consultar ha de achar que é até um perfeito resumo da outra de Galvão (1). — Azinheiro não era um adulator do primeiro Monarcha, que por veneração ás suas cinzas quizesse engrandecer com *pinxel romanesco* as suas façanhas. Pelo contrario até afeia a memoria do Fundador da Monarchia com a celebre historieta do *Bispo negro* e mais adjunctos; patranha, que Brandão valentemente refuta (2); seguindo igual exemplo um Critico dos nossos dias (3). Isto prova que Azinheiro não teria duvida de collocar em menos escala a Façanha de Ourique, se para isso

(1) Veja-se Cap. 2.º e 3.º

(2) Monarch. Lusit. tom. 3.º Liv. 9.º Cap. 18.º

(3) Veja-se Panorama, vol. 3.º, pag. 331. — E' bem de notar que o Author da Historia de Portugal, quando collaborador do Panorama, fizesse reviver taes *contos de velhas*, antiga e modernamente confutados, para lhe servir de topico a certo aranzel Romantico. A Composição Romanceira ou aranzeira, de que fallamos, tem o anti-fratico titulo — *O Chronista — Viver e crer de outro tempo*. — Se houvessemos de entrar na analyse deste filho estreme da machina fantasia; perguntariamos 1.º Se um serco apontado de patranhas;

tiveisse achado algum fundamento. Não a collocou pois. E este proceder não podia ser senão filho da mais pura e sincera convicção. Que admira? Já antes dos dois citados Chronistas, outro que florecera no reinado de D. Affonso V., deixou grave testemunho da importancia da batalha de Ourique. Foi elle Gomes Eanes de Azurara, na 3.<sup>a</sup> parte da Chronica de D. João I., cap. 10.<sup>o</sup>  
 — *Resposta dos Letrados.* —

Neste mesmo seculo XVI a critica e a philosophia da historia não deixou de conhecer qual era o seu dever para com a sciencia. Este dever não julgou ella que havia de consistir em compaginar uma farragem ou trapagem hedionda de anathemas contra todo o genero de feitos prodigiosos acontecidos no sólo patrio, a que puzesse

tão fóra mesmo até das raías de verosimil, está no caso de conter materia, que mereça ter por designação, senha, ou iuculca, o nome de *Chronista*? 2.<sup>o</sup> Se um amalgama de disparates tão incrível, como altamente indecoroso para o Rei, para o Pontifice, para o seu delegado, e em geral para o Clero, se póde chamar sem flagrante injuria dos nossos avós o — *Viver e crer de outro tempo*? 3.<sup>o</sup> Se as fabúlas e historietas da creença plebéa, e não antes as tendências predominantes da gente culta, que timbram cada seculo, são norma segura para se ajuizar do *viver e crer* de qualquer nação? A' affirmativa inepta responderiamos um redondo, e archisonante: Não póde ser admissivel uma tão descomedida liberdade romantica!... E immediatamente fariamos apparecer no tablado analytico o esqueleto da peça, despido de todo o seu mal posição scenario. Aqui porém prevaleça o dito de Horacio: *Non erat his locus!*...

Todavia não podemos deixar agora de notar o crassissimo erro historico em que cahira o Author do *Chronista*. E' elle o dar por *terceiro marido* de D. Tareja, mãe de D. Affonso Henriques, o conde de Trastamara. Eis-aqui as suas palavras: *D. Tareja sua mãe ainda fazia preza, desde que elle a vencera e ao seu terceiro marido, o Conde de Trastamara.* Veja-se *Panorama*, Vol. 3.<sup>o</sup> pag. 306.  
 — Ora ninguém hoje em dia, nada que de mediana critica seja, osará dizer, nem ainda em poyella (e principalmente quando sou Author capricha de não alterar o *essencial* da historia) que D. Tareja tivesse passado a terceiras núpcias! Corrija pois o lapso o mal fingido *Chronista*. — Porém que? Ha de retorquir que, em seu alto entender historico, a viuva do Conde D. Henrique casára segunda vez com D. Bermudo Peres; e depois, sendo este ainda vivo, com D. Fernando, Conde de Transtamara, que, apesar de ser seu irmão, violentamente lhe tirára a mulher. Ora quem fizer reviver em tempos de tão assignalada illustração patranhas tão castudas, se não tem o sinistro e encapotado fim de deprimir o character da personagem; dá mostras pelo menos da mais lançada, e romba simplicia! (Veja D. José Barbosa Cat. das R. de P., pag. 89., § 111.)

o apocrypho letreiro de — Historia de Portugal. — Pensar mui diverso foi o seu. Foi o de reformar erros e corrigir inexactidões, e não o de negar, e destruir verdades reconhecidas, e com optimo direito consignadas em monumentos de perennal lembrança. Precisavam de reformar as Chronicas dos Reis de Portugal. Este pensamento occorreu, e realizou Duarte Nunes de Leão. Entre os factos, ou narrativas porém que elle omittiu, rejeitou ou modificou, acaso entrará a maravilhosa Batalha de Ourique? Pronunciou elle algum anathema, ou pelo menos remoqueou o que os Chronistas deixaram escripto sobre aquelle objecto? Bem pelo contrario. Duarte Nunes de Leão confirmára quasi pelas mesmas palavras, e sem omittir circumstancia alguma aquillo mesmo que tinham escripto Duarte Galvão e Christovão Rodrigues de Azinheiro. Este simples periodo é bastante para formar idéa do conceito que Nunes de Leão fazia da Batalha de Ourique: » Esta victoria foi *uma das grandes* » que houve no mundo, porque não se achará, que tam » poucos fossem buscar tam grande numero de inimigos, » para lhes dar batalha campal, sendo os Mouros, » que se deu gente sem número, mui fera e bellicosa, » costumados ás armas e muitas victorias, que houveram » não sómente da mór parte de Hespanha, que » ainda tinham usurpada, mas de muita parte da Africa, » ca, Asia e Europa, de que se haviam feito senhores » desdo tempo de seu falso Profeta Mafamede (1). » Estas palavras são terminantissimas; e bem capazes de fazer tapar a boca a qualquer grazina sceptico que á grandeza daquelle feito se opponha. — E seria necessario, sem sahir do ambito do XVI seculo, continuar a fazer ainda mais alarde de erudição para melhor reconhecer uma verdade tão corrente na historia do paiz? Se o fosse, eu continuaria a apresentar em campo a authoridade de um Pedro de Mariz (2); e antes delle a de André de Resende (3) e a de seu contemporaneo illustre, Damião de

(1) Chronica d'El-Rei D. Affonso Henriques, fol. 34, edição de 1600.

(2) Dialogo. 2.º, pag. 44 e seguintes.

(3) Liv. 4.º de Antiquitatibus Lusitanis.

Goes (1). Citaria em polidissimo latim o testemunho do grande Bispo de Silves, Jeronymo Ozorio (2), a que acrescentaria na mesma lingua o do eruditissimo Professor universitario Fr. Heitor Pinto (3). Invocaria em apoio de sobreselepte as deleitosas e altisonantes Musas de um Luiz de Camões, (4) de um Antonio Ferreira, (5) de um Sá de Miranda (6); e até o primaz da Dramatographia portugueza correria pelo palco fóra como um furioso para dar a competente tunda no sceptico mordaz da proeza de Ourique; vergalhando-o a preceito com a intitulada Tragico-Comedia — *Triunfo do Inferno*. — Quem porém duvidou jámais da unanimidade dos Escriptores nacionaes do XVI. seculo em asseverar e confirmar por diferentes maneiras o successo prodigioso de Campo de Ourique. Não se encontra um só que deixasse de reconhecer a grandeza do feito, que o Documento coetaneo affirmára. Este Documento, como todos sabem, e novamente repito, é a Chronica denominada Gothica.

» Esta Chronica (confirma em outra Obra o mui critico e erudito Oratoriano Pereira de Figueiredo) » traz

» evidentes signaes de que foi escripta no mesmo seculo

» XII em que floreceu El-Rei D. Affonso Henriques.

» Assim porque na Era de 1026 que é o anno de Christo de 1064 diz que o que refere da deserção, e reedificação de Coimbra em tempo de Almanzor, o soubera de muitos velhos d'aquelle tempo: *sicut a multis senibus audivimus*: como porque refere com extrema da miudeza, e exacção, não só os annos, e mezes dos successos, mas tambem os dias dos mezes, e os dias das semanas, e ainda as horas: como finalmente porque não passa dos ultimos annos do mesmo Rei D. Affonso. Pelo que eu naquelles pontos, em que esta Chronica não tiver contra si o unanime consenso das outras antigas, nenhuma duvida terei em a seguir,

(1) In Ollisiponis Descriptione.

(2) De Rebus Emmanuells, lib. 8., pag. 81 da edição de Coimbra.

(3) Na Epistola Dedicatoria, que precede os Commentarios sobre Ezequiel, dirigida a El-Rei D. Sebastião,

(4) Cant. 3.<sup>o</sup> Est. 44.

(5) No Epitafio a El-Rey D. Affonso Henriques.

(6) Na 1.<sup>a</sup> Egloga, intitulada — *Fabula de Mondego*. Est. 7.<sup>a</sup>

» como fez Rezende, e como depois de Rezende, fez » Brandão. » (1) Este voto motivado de uma notabilidade de tanto vulto na republica das letras, é um inflexível, e possante maço-rodeiro, que deve esmechar a tromba altiva de todo e qualquer taralhão de fanfarronice litteratura, que a esmo, e adrede chacolea e barafusta contra uma universal e bem fundamental crença historica.

Retiraria porém a critica historica do numero das suas asserções aquelle celebrado feito, nos seculos subsequentes? Apareceria acaso nelles algum paleografo de carregada, e testada viseira, que com vesga e enviezada olhadura diplomatico-pergamineira, infezasse e reduzisse a um ideal espectro aquella tão bem nascida e alimentada filza da historia? A critica illustrada da historia não retrogradou, antes foi em progresso no XVII e XVIII seculo. E se não se descuidou de depurar no cadinho da philosophia e do bom senso aquellas lendas, e narrativas, que conspurcavam o campo da historia; a grandeza do famoso successo de Ourique nada diminuiu, nem rebaixou no conceito dos que bem podiam avalial-a.

O primeiro escriptor de reputação incontestavel, que se pôde pôr á frente dos que no seculo XVII tiveram na mesma cathgoria, em que geralmente foi tida nos seculos precedentes a victoria de Ourique, foi o undecimo Chronista mór de Portugal (fallo dos que vem apurados no Catalogo, que delles fez Fr. Manuel de Figueiredo) o Doutor Fr. Antonio Brandão. Este Cisterciense; a quem, todos, antigos e modernos, tributam respeito, e louvor pela judiciosa e apurada critica com que escreveu; é pois o proprio que confirma e corrobora com o seu ponderoso testemunho a grandiosa idéa, que os escriptores, que o antecederam, formaram do maravilhoso feito do Campo de Ourique. Os seus profundos conhecimentos em historia, e assiduas investigações paleograficas estiveram tão longe de o desviar do centro commum do geral conceito, em que todos os que até então tinham tratado de tal maravilha convergiam, que

(1) Elogios dos Reis de Portugal, Nota 2.<sup>a</sup>.

pelo contrario o levaram a ser um dos seus mais sinceros, e convencidos asseveradores. Quem disto se quizer assegurar, abra, e leia o Capitulo 3.<sup>o</sup> do Livro 10.<sup>o</sup> da 3.<sup>a</sup> Parte da Monarchia Lusitana. Abi diz elle a folhas 122. » Esta he a celebradissima vitoria, que chamamos » do Campo de Ourique, famosa entre as que venéra » a antiguidade, pella desigoaldade do numero da gen- » te, pertinacia dos Mouros, e duracão de tempo; e no » felice auspicio do Reyno de Portugal muy notavel. » Quem continuar a lêr ha de achar que Brandão está perfeitamente de accordo com o Chronista de D. Affonso Henriques (Duarte Galvão); cujas ponderaçõs em favor do objecto elle adduz a pélo.

Neste seculo se acham deste mesmo sentimento historico Manoel de Faria e Souza, e Manoel Severim de Faria. Aquelle na Europa Portugueza, tomo II, Part. I, cap. 3.<sup>o</sup> n.<sup>o</sup> 26 etc. Este nas *Noticias de Portugal* Discurs. 3.<sup>o</sup> § 6. Accrescentemos tambem a elles o eruditissimo Antonio de Souza de Macedo, que na sua Obra *Lusitania Liberata* claramente mostra seguir o que escrevêra André de Rezende, e mesmo Duarte Galvão (1). Outrosim está de accordo com a commum opinião Antonio de Vasconcellos nas suas elegantes e bem latinas: *Anacephaleoses, id est, Summa Capita Actorum Regum Lusitaniae*. Diz este pois em resultado da Batalha de Ourique: *Haud dubium quin hæc Victoria omnibus quarumcumque gentium celebratissimis comparanda, et nulli secunda videatur* (2). Muito mais ainda esmeradamente se explicou o erudito Oratoriano, e nada menos que o P. Manoel Bernardes (que é um dos primeiros classicos da lingua); cujo testemunho, mesmo como historiador, não é para na questãõ presente esquecer (3).

(1) *Lusitania Liberata Proœmium* II, pag. 106. — Veja se tambem a *Fulla que fez o mesmo D. Antonio de Macedo no juramento do Rey è Muito Alto e Muito Poderoso D. Affonso VI.*

(2) Na citada Obra, pag. 16.

(3) Dõ que diz este insigne Oratoriano a respeito da maravilha de Ourique transcreveremos o seguinte: » De serem cinco os Reys » vencidos, teve occasiõ o erro de Marianna Chronista de Hespa- » nha, e alguns outros Historiadores estrangeiros, que suppõem (mas » não provaõ) ser esta significacão das novus Quinas. Porém outru » he muito mais alta e decorosa, e que pôde metter inveja a todas as

Neste mesmo seculo, de que fallamos não deixaram de haver Poetas, que fizessem ecoar do alto do Parnaso a mesma importante verdade, que a historia tão triunfantemente nutria em seu regaço. Podêmos contar em tal numero o Author da *Phœnix da Lusitania* ou *Acclamação do Serenissimo Rey de Portugal D. João IV.* Aponta elle a Ourique como testemunho de um dos grandes brazões bellicosos de D. Affonso Henriques :

- » Digam Lisboa, Santarém e Ourique
- » Quantas Lybias cabeças coroadas
- » Viu, a seus pés o successor de Henrique
- » Com heroicas grandezas debelladas. (1)

Não se esqueceu igualmente de celebrar este prodigio em suas Musas *Francisco Rodrigues Lobo*. Quem lêr o *Condestabre de Portugal*, Canto XIII Est. 36

» nris Rees. Escudos da Christandade. Significão as cinco adora  
» veis e preciosissimas Chagas do Rey dos Reys, com que venceo a  
» morte, resgatou o mundo, e destruhio o reino do peccado. E os 20  
» pontos, ou arruellas, que vão distribuidas de cinco em cinco pelo  
» escudetes (contando se os do meio duas vezes) representaõ os tres  
» ta dinheiros, por que o Senhor foy vendido. Consta expressamen  
» te do juramento authenticico do mesmõ Rey D. Affonso, que se con  
» servou no archivo do real Mosteiro de Alcobaca : até que Philip  
» pe II estando em posse desta corõa, o mandou buscar, e deposi  
» tar no Escorial, ficando nos copia authenticada Com a qual concor  
» daõ os nossos Escriptores e tambem muitos dos Estrangeiros, de  
» que Macedo cita até numero 29; advertindo que alguns dellês in  
» creverãõ antes de se descobrir o dito original: donde se mostra  
» ser isto tradição antiga e constante, como diz Faria. Nẽm ha par  
» que fazer caso da authoridade de Marianna, a qual he pouca nas  
» cousas tocantes a Portugal: e assim como deu hum erro, dizendo,  
» que a orla dos castellos, que cerra o escudo, apõs El Rey D. San  
» cho II, não sendo senão D. Affonso III; e logo deu outro erro,  
» dizendo, que o campo do escudo he azul, não sendo senão branco:  
» que muito que cahisse tambem em terceiro erro, dizendo, que os  
» cinco escudos significãõ os cinco Reys Moutros vencidos, não signi  
» ficando senão, as cinco Chagas de Christo vencedoras? (Nova Flo  
» resta etc. Tom. 1.º título VIII, pag. 351. — Veja-se tambem pag.  
» 333 e 350.) — Aqui agora advertiremos a certo Paleographo anonymo,  
» que pretendeu com tanto adubo dar-nos quinãu, por termos enun  
» ciado na — *Justa Desaffronta* — que o Diploma do Juramento de  
» D. Affonso Henriques, que existia em Portugal, era copia; que e  
» tal erro, e tambem do grande Escripitor citado. E' o outrossim de os  
» tros Escriptores, como, se mereceu a pena, lho fariamos ver l...

(1) *Id.* 1.º Est. 36.



ha de sem difficuldade reconhecer o que asseveramos. —  
Em excellentes versos latinos deixou commemorada tam-  
bem a façanha do Campo de Ourique o Bispo de Tar-  
ga, D. Fr. Thomé de Faria. Alludimos ao que elle a  
tal respeito deixou escripto no livro 4.<sup>o</sup> do seu poema —  
*Lusiades*. — E' de notar que alguns dos indicados escripto-  
res compozeram suas obras sob o dominio do governo in-  
truso dos Filippes, e alguns até lhes dedicaram seus es-  
criptos. Ora se a façanha gloriosa do Campo de Ourique  
fosse alguma patranha, *maranhão*, ou treta de invenção  
*frudêica*; mal poderia ella ser pespegada como realida-  
de historica nas bochechas de Monarchas, que nunca  
olharam com bons olhos para a independencia de Por-  
tugal; maiormente envolvendo similhante narrativa a  
recordação do primeiro e fundamental cimento della. —  
Que admira porém que os nossos escriptores continuas-  
sem a propalar sem receio de contestação um feito da  
primitiva historia patria? Os Authores Hespanhoes, ou  
que tomaram o seu partido, são os proprios que desafron-  
tadamente o affirmam. Falle por todos o Coripheu dos  
defensores dos pretendidos direitos dos Filippes á Corda  
de Portugal, o celebre flamengo D. João Caramuel no  
seu *Philippus Prudens*. Explicando elle o que queria si-  
gnificar o numero dos escudos nas Armas Portuguezas,  
diz assim: » *Hic illam celeberrimam victoriam* exprimit,  
» *quam in Ouriquio Campo* obtinuit Afonsus, ubi ceci-  
» *dit quinque Reges* (1). » — Temos outrosim a *Estevan*  
*de Garibay*, que é Hespanhol castigo; e, pelo mais que  
lhe diz respeito como escriptor, D. Nicoláo Antonio, em  
a *Bibliotheca Hispana*, é quem nol-o affiança. Eis-aquí  
o que elle diz acabando de historiar a batalha de que  
tratámos: » *Está fue la memorable y santa batalla* que  
» *llaman de Ouriqué*, muy celebrada en la nacion Por-  
» *tuguesa*, cuya principal gloria se deve a los fidalgos  
» *y escuderos y gentes*, habitantes en las tierras de A-  
» *quentejo*, y de entre Duero y Miño, porque no solo  
» *las de Alentejo*, y Algarve estavan en poder de infie-  
» *les*, mas aun mucha parte de Aquentejo (2). » Em

(1) Na citada Obra — *Occasio Scribendi* — no titulo — *Stemma Lusitanicum*.

(2) *Compendio Historial*, tom. 4.<sup>o</sup>, liv. 34, cap. X.

nenhuma outra parte falla elle do prodigio bellico do Campo de Ourique, que não esteja de accordo com o modo commum, como tem sido encarado, quanto á sua grandeza e importancia, por todos os escriptores. — Alguem mais poderiamos apontar da visinha e rival nação, que sem attribuir o successo a uma causa theocratica, não deixou por isso de lhe conservar o mesmo caracter, e cunho de feito grandioso, que sempre tivéra; apresentando-o no prélo revestido mesmo de alguma outra peculiar circumstancia, que bem o confirma (1).

Aqui talvez, como por episodio, perguntará a curiosidade de alguem: Em que seculo entraria no dominio do pulpito o prodigio de Ourique? Se resolvermos o pensamento pelos quatro primeiros seculos da Monarchia não encontraremos vestigio algum documental que o afirme, nem que o negue. Isto porém não tolhe o poder-se plausivelmente conjecturar que o prodigio de Ourique fôra um dos topicos especiaes com que os prégadores d'aquelles tempos excitariam os brios militares dos guerreiros nacionaes. — No 15.<sup>o</sup> e 16.<sup>o</sup> seculo é verdade que a Oratoria Sagrada ainda não nos offerece exemplo da propalação d'aquella maravilha. Todavia temos, no principio quasi do 15.<sup>o</sup> seculo, o testemunho dos Confessores d'El-Rei D. João I, o Doutor Fr. Vasco Pereira da Ordem dos Prégadores, e o Mestre Fr. João Xira, da Ordem dos Menores, que, na Consulta, que por ordem do mesmo Monarcha lhes fizeram sobre se era do serviço de Deus a conquista da cidade de Ceuta, fallam da façanha gloriosa de Ourique (2). Ora se elles apontaram

(1) Marianna, que é do numero d'aquelles que não attribuem o milagre a façanha de Ourique, não teve duvida, apesar d'isso, de confessar a sua grandeza. Assim o indicam as expressões: " Esta fue aquella batalla tan celebrada con razon por los historiadores Portugueses, de las mas memorables que se vieron en aquella era, despues de la qual en breve el poder y fuerzas de Portugal se aumentaron en grande manera. " (Historia de España, L. X, cap. XVII, tom. 4.<sup>o</sup> pag. 116) — A' vista deste e outros testemunhos tão positivos de Escriptores tão insuspeitos; quanto se não deve envergonhar o historiador portuguez de tão aviltantemente deprimir uma tal proeza! Quem assim procede offende impudentemente a verdade historica e o natural instincto da nacionalidade!

(2) Vej. Chronica d'El-Rey D. João I. 3.<sup>a</sup> Parte (por Gomes Eanes d'Azurara) cap. 10.

ao Rei aquelle admiravel successo para o persuadir a uma Obra, que segundo o seu pensar theologico era do serviço de Deus; que difficuldade teriam elles de o mencionarem do pulpito abaixo ao povo para conseguirem o mesmo fim? Por certo que nenhuma. Tão pouco pessoa de criterio poderá asseverar que o não fizessem.

No 16.<sup>o</sup> seculo Frei Heitor Pinto na Dedicatoria dos seus Commentarios sobre Ezequiel, se não teve duvida de abonar a maravilha da Apparição; porque a havia de ter de a affiançar do alto da tribuna sagrada? O mesmo diremos do grande Doutor D. Martinho Aspucuelta Navarro (Conego regular de S. Agostinho), um dos Iustres da Universidade de Coimbra no tempo de El-Rei D. João III, que no Commentario do Capitulo *Novit de Judiciis* assevera o Apparecimento de Christo a D. Affonso Henriques. — No seculo 17.<sup>o</sup> temos porém testemunhos indubitaveis de que a maravilha da Apparição era annunciada nos templos sagrados pelos Oradores Evangelicos, sem que elles por isso merecessem de alguém, que conste, o ferrete de credulos propagadores de *historias da carouchinha* ou de algum outro ultrajante epitheto. — Quando não tivéssemos outros testemunhos; bastaria para exemplo o Padre Antonio Vieira em varios dos seus Sermões (1). Havemos porém ainda de fazer menção de alguns mais, para que se não cuide, que o tal uso era obra só de um *Jesuita*! São elles entre outros Fr. João de S. Bernardino da Ordem de S. Francisco (2), o P. M. Fr. Joam de Deus da mesma Ordem; de

(1) Veja-se: Tom. 2.<sup>o</sup>, *Sermão de Santo Antonio*, pag. 135. — Tom. 3.<sup>o</sup> *Sermão pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda*, pag. 470. — Tom. 11.<sup>o</sup> *Sermão dos Bons annos*, pag. 405. — Tom. 13.<sup>o</sup> *Palavra de Deos Desempenhada. Sermão de Ações de Graças pelo nascimento do Principe D. João etc.* §. 1.<sup>o</sup>, 2.<sup>o</sup>, 8.<sup>o</sup> 10.<sup>o</sup> — *Palavra do Prégador empenhada, e defendida etc.* logo no thema; e §. 1.<sup>o</sup>, 5.<sup>o</sup>, 7.<sup>o</sup>, 8.<sup>o</sup>, 12.<sup>o</sup> Todos estes logares de Vieira (e por ventura outros, que alguém com mais pachorra poderá descobrir) mostram de sobejo quão familiar lhe era chamar, para argumento, ao campo da tribuna Oratoria a maravilha da Apparição.

(2) Vej. *Sermão da Immaculada Conceição da Mãe de Deos, que fez em a Capella Real, assistindo em ella a primeira vez S. M. oito dias depois de sua aclamação, que foi feita em Sabbado, primeiro dia de Dezembro do anno de 1640 etc.* §. 9. — A Bibliotheca Lusitana abona grandemente a capacidade litteraria e moral deste Religioso.

quem outrosim a Bibliotheca Lusitana com tanto aprego falla (1): o Doutor D. Francisco da Trindade, Lente de Theologia no Collegio de S. Agostinho de Conegos Regrantes (2), o P. M. Fr. Antonio da Luz, Religioso da Ordem de S. Bento, e Lente na Universidade de Coimbra (3), o P. Manoel da Silva, da Companhia de Jesus (4), o Bispo de Angola, D. Fr. Joseph de Oliveira, dos Eremitas de S. Agostinho (5); e o Arcebispo de Cranganor, D. Diogo da Annuniação Justiniano (6), — Querem ainda mais? Pois mencionarei tambem para coroar a enumeração, o nome do M. R. P. D. Antonio Ardizone Spinola, Doutor na Sagrada Theologia, e que, entre outras qualificações, se distingue por ter sido o *Fundador dos Conventos de N. Senhora da Divina Providencia da cidade de Lisboa, e da cidade de Goa*, aonde repetidas vezes repovou da Cadeira Evangelica e

— Veja-se tambem *Sermam feito pelo mesmo na Igreja Metropolitana em o segundo Domingo do Advento, nono dia de Dezembro de 1640, etc.* §. 27.

(1) *Sermão que pregou na Solemne Procissão, que fez o Reverendo Cubido e Camara de Coimbra á Rainha Santa, em acção de graças pella gloriosa restauração de Evora, em o outro dia da sua oitava etc.*, pag. 3, 4, 16, segundo a edição de Coimbra de 1672.

(2) *Sermão pregado no Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra etc. em acção de graças a Deos por dar a este Reyno o invictissimo Rey D. João IV; em 12 de Dezembro de 1640; fol. 4 v. fol. 8, e 9, v. — 13 v. e fol. 15.*

(3) *Sermam offerecido á Serenissima Raynha Senhora nossa D. Maria Francisca Isabel de Saboya etc. pregado na Capella da Universidade, na celebridade, em que deu graças a Deos pello nascimento feliz da Princesa Senhora nossa D. Isabel em 21 Janeiro de 1669, Na pag. 23 — 31 — 33 — 38.*

(4) *Sylva Concionatoria, Primeira Parte Panegyrica, tom. 2.º — Sermão em acção de graças etc. na occasião da gloriosa victoria, que o exercito Portuguez etc. alcançou em Montes Claros do exercito Espanhol aos 17 de junho; na Igreja da Companhia de Jesus na Cidade do Porto, anno de 1665. Km o n.º 13, pag. 474.*

(5) *Sermões Varios que pregou etc. Segunda Parte, tom. 2.º — Sermão pregado em o Prestito que a insigne Universidade de Coimbra fez á Igreja da Rainha Santa Isabel em acção de graças pelo nascimento do Principe nosso Senhor. Anno 1689. Em os n.ºs 5, 9, e outros.*

(6) *Tropheo Evangelico etc. Parte 4.ª, tom. 4.º — Sermam de Christo Crucificado, pregado na Igreja de Santa Justa de Coimbra na tarde do primeyro dia de Janeiro do anno de 1680 etc. Na pag. 34, n.º 36.*

memoria da maravilha de Ourique (1); e o do Bispo de Martyria, D. Fr. Christovam de Almeida, da Ordem dos Eremitas de S. Agostinho, que exerceo, segundo a Bibliotheca Lusitana, o Logar de Provisor do Arcebispaço de Lisboa em o tempo dos Arcebispos D. Antonio de Mendonça, e D. Luiz de Souza (2). — Basta de digressão:

O seculo 18.<sup>o</sup> não deslizou da crenga historica em que tinham estado os seculos precedentes sobre a grandeza do feito militar do Campo de Ourique. A critica, e a philosophia, que neste seculo marchavam pelo campo das letras com sobejo desempeno, e já com manifesta tendencia para desmoronar o edificio das velhas crengas historicas; não ousou sim ter em menos cabo, e aviltado prego aquelle maravilhoso acontecimento. Pelo contrario a illustração profunda e sensata do passado seculo tanto não deu máu olhado á maravilha de Ourique; considerada unicamente como obra do humano esforço; que até mesmo propugnou e triunfantemente defendeu a sua sobrenaturalidade. A sciencia, e a erudição deste seculo não se pejou de admittir, e conservar o facto maravilhoso com todos os adminiculos, com que lho ti-

(1) Vej. *Cordel Triplicado de Amor a Christo Jesu Sacramentado*, etc. No livro 1.<sup>o</sup> de uma Collecção, que tem portitulo — *Portugal restituído na decima sexta geraçum de seus Reys naturaes, promettida por Deus ao Sancto e Invicto Rey D. Affonso Henriques, e emparada do Ceo com prodigios e milagres; epilogo de louvores do muy alto, e poderoso Rey e Senhor nosso D. João IV expostos em quatro Sermoens etc.* Escusamos citar paginas. — Opporão talvez porém os Archi Ariatarchos (se é que o sabem); que a citada obra tem a pecha de ser prohibida pela Meza Censoria. Tenha embora o livro este labéo; e mesmo com razão a dita Real Meza por muitos e indisputaveis motivos o condemnasse a pena da suppressão; como bem se deixa ver pelo seu edital de 6 de Março de 1775. Que se segue desse fracasso? Por ventura a Meza Censoria condemnou o livro por seu Author propalar do pulpito a maravilha de Ourique? Não por certo. E nem sequer vestigio algum se encontra no edital contra os pregadores, ou seus sermões impressos, que trouxessem á collação a tão prodigiosa maravilha. Pelo contrario approvára e deixára correr ella muitas peças de Oratoria Sagrada, que mencionavam, ou pela mais manifesta forma alludiam theocraticamente ao prodigio. Duvidal-o seria estigmatizar-se a si proprio (si pyrrhonicus que tal fuisse) com o ferrete da mais crassa e botecuda ignorancia.

(2) Vej. *Sermoens varios etc.* tom. 3.<sup>o</sup>, Part. 3.<sup>a</sup> — *Sermão de S. José pregado em a Capella Real no dia, em que fázta annos o Senhor Rey D. João IV de gloriosa memoria.* Logo no § 1.<sup>o</sup>

vera transmittido a veneranda antiguidade. Conservou-na mesma cathegoria, em que o tinham collocado os seculos precedentes.

Foi na verdade no seculo 18.<sup>o</sup> a época, em que os estudos historicos tiveram maior impulso e incremento em Portugal. Basta lembrarmo-nos da instituição da Academia da Historia pelo Monarcha de immortal recordação D. João V, para reconhecermos a evidencia de uma tal asserção. Este estabelecimento litterario que começára a ter existencia em 1720, reuniu em seu gremio tudo quanto em Portugal havia de grande na sciencia historica, e disciplinas accessorias. Os cincoenta membros porém que compuzeram tão respeitavel Associação, e aquelles que os coadjuvaram em seus trabalhos, jámais poderam descobrir fundamento algum para que se houvesse de deprimir, e ter em menos conta o grandioso successo nacional. — Por todos elles é assás que falle o eruditissimo Theatino D. Antonio Caetano de Souza. Este escriptor de bem merecido renome não só sustentou o facto heroico de Ourique como humanamente obrado; mas até o inculcou com aquellas circumstancias theocraticas, com que os precedentes historiadores implicita, ou explicitamente o transmittiram. E como o fez elle? Apoiou-se por ventura só nos cabedaes, ainda que mui solidos e profundos da sua judiciosa e apurada critica? Não fez isto só. Agglomerou e produziu em seu apoio um sequito numeroso de escriptores assim nacionaes, como estrangeiros, que coincidiam no mesmo pensamento. Quem lêr o Agiologio Lusitano no Commentario ao dia 25 de Julho ha de achar que Souza coroou a sua obra invocando o testemunho de cincoenta ou mais escriptores nacionaes; de quarenta e sete ou mais estrangeiros, sendo vinte destes hespanhoes. Se pois tantas penas illustradas de diversos paizes, que aquelle sabio noticiou, e reuniu em trabalhoso elenco, reconheceram pela maior parte aquelle acontecimento, como effeito prodigioso de uma causa transcendente, e todos elles unanimemente a sua magnitude; como é possivel que os seus manes não bradem com voz terrivel e medonha contra o audaz (que não acreditarão por certo ser portuguez) que figurando-se (pelo menos em caricato romance) empu-

nhar o sceptro do sultanismo miso-historico em Portugal, com o mais risivel e grotesco — quero — posso — e mando — atira para o bátratho hediondo das ninharias, esse monumento immortel do esforgo heroico dos valentes soldados do grande Affonso Henriques no Campo de Ourique? Oh! Atravez de que prisma depreciador e mesquinho enxergastes vs a maravilha bellica das hostes Lusitanas n'aquelle memoravel logar, que vos tornou o cerebro a pontó de não verdes nella mais, ou pouco menos, que uma mascarada theatral? Com vosco fallo, ó espezinhador furibundo de uma verdade tão conhecida por tal h.. Que não acreditasseis na influencia theocratica, que as historias commummente reconhecem em tão realçado prodigio, não admira. E' uma pia crença, não é objecto de dogma! Que refuseis porém com insultante menoscabo reconhecer a grandeza do successo olhado mesmos simplesmente como obra humana; é uma aberração tão heterogenea, e exotica, que se confunde com a mais rematada extravagancia!...

Mas não é só o mencionndo escriptor com a cohorte que o escuda que estigmatiza com o seu testemunho o intoleravel arroj. Outros ha neste seculo que seguiram o seu exemplo. Contamos entre estes o Author do *Apparatus Historicus* impresso em Roma em 1728, José Pinto Pereira, no *Primeiro Argumento* (1). A este escriptor unimos o P. João Baptista de Castro no 1.<sup>o</sup> volume do *Mappa de Portugal*, cap. 6.<sup>o</sup> §. 17 e 18; e Damião Antonio de Lemos na *Aula da Nobreza Lusitana*, Tom. 6.<sup>o</sup> pag. 200 etc., e na *Historia geral de Portugal*, tomo 1.<sup>o</sup>, na prefação, e tomo 3.<sup>o</sup> pag. 21 etc. — Ambos estes escriptores, e todos os outros que elles apontam em defesa da sua opinião; é bem de vêr que sustentando todos a theocracia do successo, assás e de so-bejo conjunctamente confessam a excellencia da marcial maravilha, que nella mesmo historicamente fallando se encerra. Aqui porém talvez roncará o pyrrhonismo his-

(1) Este Escriptor a pag. 22 transcreve em francez as proprias palavras de Oliveiro de Marca, que depõem em favor da Apparição. As taes palavras vem em umas *Memorias* d'elle, que Pereira de Figueiredo declarou na 1.<sup>a</sup> Parte dos *Novos Testemunhos* não ter encontrado nas mais copiosas livrarias desta Corte.

tórico, que está sempre de picateta alçada para deitar por terra todas as heroicidades dos nossos maiores, que tanto ornamentam os primeiros tempos da Monarchia. Roncará, digo, e com mofador desdem objectará: Que os mencionados escriptores, e quaesquer outros do seu sequito eram uns chapados peticegos, e fosseis noctivagos, que enlorpeciam debaixo do pezo enorme do emaranhado labyrintho das cathogorias do caustico e sedigo Aristoteles: Que a sua critica Hottentotica, e Topinambica de tal sorte lhes tivera abotoado os olhos da intelligencia com as obscurantissimas cataractas das fórmas mais que secantes do synthetico Escolasticismo, que nem sequer poderam lobrigar um magro e esgaselado reflexo desse fulgoroso e repolhudo planeta, que pomposamente é chamado — Moderna Illustração! — Que em fim o que elles escreveram fôra cegamente dictado pela boca da ignorancia, da superstição, do Monachismo, do Jesuitismo, e, para tudo se dizer, do mais estúpido e intolerante *milagrismo!*... Tudo isto e o mais, que é escusado dar a lume, vozeará, por não dizer escouceará essa furia romanceira, que tão tresloucadamente se acha empenhada em elevar á cathogoria de *novella* ou *patarata* o primeiro ornamento dos feitos portuguezes. — Como poderá porém alguém arrostar contra uma asserção tão compacta de Authores tanto nacionaes, como estrangeiros, sem para logo fazer vêr o baixo relevo, o burlesco: morte-côr da sua audaciosa e pedantesca caturrice? Já por ventura crível que tantos escriptores publicos pela maior parte de reconhecido e bem fundado credito e, de mais a mais, de nações diversas se conspirassem entre si para dar vantajoso vulto áquillo, que na realidade não fosse mais do que uma pura ninharia, uma illusão? Estariam elles fallados e mancommunados para, sem que nem para que, impingirem pela guela das presentes e futuras gentes, como um grande factio realizado, aquillo que não era mais que uma tremenda, e rematada carambola? Quem quizer fazer passar, a seu bel-prazer, como moeda corrente este monstruoso fenomeno, intep-ta por certo fazer despejadamente um louco insulto ao senso commum!...

Porém eu quero levar o resmungão, o arreyezado,



portuguez, que renega das antigas glorias patrias, que a historia consigna e perpetua; a esse periodo luminoso, que chacoteou e baniu para sempre com desprezo do campo da sciencia a tão enraizada actore do despotico Aristotelismo: A esse tempo de illustração grandiosa, em que as velhas e decrepitas abstracções da synthese, que as cathogorias da escola syllogistica com embiocada jarretice emantilhavam, foram substituidas pelas individualidades da analyse: A esses dias de luz fulgurante, que raiaram em Portugal pela restauração das Lettras, e que puzeram no andar da rua, e a toque de caixa o tão *systematicamente odiado, e blasfemado Jesuitismo* com toda a mais emalotada fatiota, a que deram o nome de *obscurantismo, fanatismo, tartufismo*, e não sei que mais *ismo*, que anda no peitoril da apupada: Quero em fim provocar o Pyrrhonismo historico e anti-tradicional (que é o Kantionismo em pellote) para essa época, em que a illustração apparecêra em campo com as vestes triunphaes de uma critica toda fundida pelos moldes da mais fina e apurada philosophia. E qual fôra o pensar desses Corypheus da nova e desfanatisada sciencia, ácerca do feito de Ourique? Julgaram por ventura elles que a primeira façanha classica dos Portuguezes contra a barbuidade musulmana fôra algum sonho de imaginação extravagante, alguma roleta, ou patranha da enxurro popular, algum conto, ou narrativa de *velho monge*; alguma historieta de Aia credula, e palreira para adormecer crianças? Ah! Quão longe estiveram os homens da sciencia naquella época de gloria litteraria de proferir tão repugnantes absurdos!

Na verdade quem não sabe que mesmo logo no berço e mantilhas desta época se devisam escriptores de reputação incontestavel, que apoiam a existencia e grandezza da Batalha de Ourique, ainda theocraticamente considerada? Foi um delles (saibam-no os escrevinhadores) o sabio Oratoriano Francisco José Freire, na sua *Obra*, talvez de não muitos conhecida, — *Methodo breve, e facil para estudar a historia Portugueza* (1). Todos assaa

(1) A pag. 6, no Elogio de D. Affonso Henriques diz: *Desbaratou o seu braço nos veneráveis campos de Ourique a El-Rei Lima-*

reconhecem que fallò de Candido Lusitano; escriptor, a quem, segundo o juizo de um sabio nacional dos nossos dias, deve *a moderna litteratura o seu principio e consistencia*. (1) — E em que apreço e subida valia se não deve ter o testemunho d'essa Corporação tão benemerita da religião e das lettras, que fôra a primeira, e a que mais afincadamente em Portugal desmoronára as altas muralhas do prepotente, e audacioso Peripato, para em suas ruinas lançar as mais escolhidas sementes da arvore do progresso das luzes Européas? E negar-lhe esta gloria seria um documento da mais intoleravel ingratição!... A Congregação do Oratorio pois no Compendio de Historia Portugueza, por ella ordenado para uso da Escola de instrucção primaria na Real Casa de Nossa Senhora das Necessidades, debaixo do titulo de — *Vida dos Reis de Portugal* — não teve duvida de transmittir aos seus alumnos o mesmo caracter theocratico, que as antigas *Chronicas* tiveram dado á maravilha do Campo de Ourique (2). — Não está porém ainda aqui tudo. A apparição de Christo a D. Affonso Henriques foi trasladada ao campo da discussão, e nelle achou denodados Apologistas.

Dois homens em verdade appareceram nessa grande época de cultura scientifica, dois protentos, digo, de sabedoria, e da mais acrisolada erudição e critica, a quem tanto devera a luminosa regeneração, que houveram nas lettras no reinado do immortal Monarcha D. José I: dois varões sim de gigantescos e solidos estudos, e por elles sobremaneira respeitados dentro e fóra do paiz; dois sabios de uma esfera extraordinaria, e que tão longe estavam de cortejar o influxo multiforme da super-

*rio, onde teve aquella apparição de Christo crucificado, que é a mais sublime gloria, e a maior firmeza desta Monarchia.*

(1) Vej. — Memoria sobre o estabelecimento da Arcadia de Lisboa por Francisco Manoel Trizoso d'Aragão Morão. (Mem. da Acad. R. das Sciencias, tom. 6.º parte 1.ª pag. 62).

(2) Na Vida de El-Rei D. Affonso Henriques acha-se o seguinte: « Passou depois a Alemtejo, e nos campos de Ourique derrotou a » El-Rei Ismario e outros quatro, que o acompanhavam. Antes da » batalha vio a Christo Senhor nosso crucificado, que lhe deu as Ar- » mas, de que usam os Reis de Portugal; e segurando-o da victoria, » lhe ordenou se intitulasse Rei, como fez no dia seguinte. »

stição e de tudo quanto se pretendia inculcar pelo termo *jesuitismo*, que antes a peito descoberto o combatiam: quem pois ignora, que foram elles proprios que tomaram sobre si não só sustentar a grandeza do feito de Ourique, mas até a realidade do seu caracter theocratico? Todo o mundo ainda o de mediocre illustração mui bem o sabe. Foi o primeiro destes sabios o grande Oratoriano Antonio Pereira de Figueiredo. Não foi só uma vez que este phenomeno de erudição e que ninguém jámais notou ser de espirito *creduloso*, mostrou os seus sentimentos tanto sobre a grandeza, como simultaneamente sobre a theocracia da maravilha de Ourique. Tão convencido estava elle da veracidade do acontecimento! — Não se contentou elle só com o que dissera a tal respeito em o *Compendio das Epochas, e Successos mais illustres da Historia geral* (1). Não julgou bastantê o que deixára escripto nos Elogios dos Reis de Portugal em Latim e Portuguez (2). Quiz ainda alargar mais as velas da sua vasta e profunda erudição e penetrante critica em apoio da crenga nacional sobre uma victoria, da qual, como elle proprio diz, *Portugal dedux os seus principaes Brazões*. Tal foi o que elle magistralmente desempenhou no Opusculo — *Novos Testemunhos da milagrosa apparição de Christo a El-Rei D. Affonso Henriques*. Ahi recopilou todos quantos fundamentos se poderiam produzir em defeza da tradição da maravilha; o que confirmou com exemplos parallelos. Foi por ventura este sabio contrariado no que sustentára em sua Dissertação por algum genio intelligente, que ineluctavelmente o rebatesse? Ninguém houve que a tal se arrohasse. Houve pelo contrario quem lhe fizesse elogio (3).

O segundo escriptor memoravel, de quem fallamos,

(1) A paginas 254, 2.<sup>a</sup> impressão.

(2) A paginas 16 e seguintes, e bem assim em a Nota VIII.

(3) Neste sentido pôde ver-se: *Memoria sobre os Codices Manuscriptos, e Cartorio do Real Mosteiro de Alcobaca*, que vem no tomo 5.<sup>o</sup> das Memorias de Litteratura Portugueza da Academia Real das Sciencias. — *Thebaida Portugueza*, tomo II, pag. 111 e seguintes; afóra outros. — O Author da *Thebaida Portugueza*, que não só elogia, porém em tudo segue a Pereira, assevera que os Manuscriptos do antigo cartorio da Serra d'Ossa authorizam por sua antiguidade a verdade do prodigio de Ourique. (Tomo 2.<sup>o</sup> pag. 116).

é o grande Bispo de Beja, D. Fr. Manoel de Cenaculo. Esta vasta capacidade litteraria teve acaso alguma duvida em sustentár a verdade da Batalha de Ourique não só em todo o seu character de grandeza, mas até de sobrenatural prodigio? De nenhuma sorte. Seja authenticó testemunho o que escrevêra sobre a materia em sua tão rica e encyclopedica Obra, a que deu o titulo: *Cuidados Litterarios*. Nella não só faz menção a mais honrosa do Opusculo de Pereira sobre a Apparição, mas até copia pelas mesmas palavras do Oratoriano quasi todo o seu conteudo. Não disse tudo. Não só fez sua doutrina e expressões do Author dos *Novos Testemunhos*; porém reforçou aquella com outros Documentos de bom cunho, que acompanhou de valentes e judiciosas reflexões. — Escreveriam de má fé, ou por ironia Pereira, e Cenaculo? São escriptores acima de toda a excepção para tal enormidade se lhes poder imputar. — Quem avangasse semelhante arrojo, personalizaria em si mesmo o cumulo da audacia (1).

A estes dois primorosos sabios podemos ajuntar outro da mesma época de talento e erudição insigne, e que com elles bem pôde hobrear em merito. Teve por este como uma insignificancia, uma illusão fantasmagórica a Acção de Ourique? Não; por certo. Elle a qualificou de — *Batalha memoravel*. Eis aqui as suas expressões: *Regis postea titulo insignitus fecit* (Alphonsus) *anno 1139, in quem incidit » memorabile Orichiense proclium.* » O sabio a que nos referimos é o grande reformador, ou antes creador de Direito Patrio, *Pascoal José de Mello*. E não se pejou elle de transcrever na sua obra a inscripção composta por André de Rezende, aonde se faz menção entre outras, da circumstancia da Apparição de Christo a D. Affonso (2). Assim transmittiu elle á estudiosa mocidade, cultora dos bons estudos juridicos, sem coarotada, nem remoque, que dêsse moti-

(1) Em o nosso Opusculo — *Justa Desaffronta em defesa do Clero* — que publicamos em o anno de 1860, e cuja edição se consumiu com espantosa rapidez, nós rebatemos tão enorme conceito profertido pelo Author, de — *Eu e o Clero* — contra a illibada conducta de tão respeitaveis eruditos.

(2) *Hist. Juris Civilis Lusitani*, § 37, nota.

vo a inferir a sua discordancia da geral opinião historica, antes com expressão de gosto, (juvat), aquella tão afamada proeza:

Se porém o immortal corifeo da nova Escola de direito patrio em Portugal não duvidou perpetuar em seus escriptos a crença nacional do bellico prodigio de Ourique, dando-lhe o epitheto de *batalha memoravel*; outro universitario houve ainda, no fim do 18.<sup>o</sup> seculo, que na presença de todo o Corpo Academico não duvidou pela maneira mais explicita de se exprimir, de se mostrar o mais desemboçado seguidor d'aquella maravilha; mesmo com todos os adminiculos da sua geralmente acreditada theocracia. O lente Cathedratico, que assim se comportára, não foi nenhum raçoso *positivista*, que a gralhada *folhetineira* ouse apupar de miope, e gomba intelligencia. E' de uma cathogoria, de uma ordem de estudos, que estão fóra do dominio e influencia da authoridade. — E' a expressão franca e independente de um desses ~~autores~~ *autores* de um dos ramos de sciencia, aonde só predomina a observação e a analyse! — O philosopho, de quem fallamos é o insignè e afamado Lente de Chymica e Mineralogia — *Thomé Rodrigues Sobral*. Ninguem dirá que este cathedratico era estúpido, credulo ou fanatico. Pois um homem destes, que nenhum sensato manchará com a nota de inepto, é o proprio que, quasi no fim do seculo passado, em uma reunião plena do Corpo Universitario, não teve a menor duvida, antes mostrou da maneira mais positiva e explicita, quanto estava cordealmente convencido, não digo já da grandeza real do combate de Ourique, porém mesmo até das sobrenaturaes circumstancias, que o antecederam. Chama pois a esse dia em que o *Piússimo e Religiosissimo Affonso* fôra recreado naquelle logar com a *Apparição do Salvador do mundo*, prometendo-lhe a victoria contra os bárbaros; chama a esse dia, digo, um *dia celeberrimo e verdadeiramente faustissimo*, e que como tal se torna dignissimo de *tandar na eterna memoria dos Portuguezes*. O escripto em que se lêem estas e outras expressões, que assás qualificam a indubitavel persuasão, que elle nutria sobre a existencia do prodigio, tem por titulo: *Oratio Academica in qua Augustissimi Antonii Beriensis Principis*

*Natalitia coram frequenti Academia Colimbriensi, solenni pro Congratulatione celebrantur, Auctore Thomae Rdriguesio Sobralio, Chemiæ ac Metallurgiæ, in eadem Academia, Publico Professore. Habita die XXVIII. Mensis Julii, anni millesimi septingentesimi nonagesimi quinti, vespere.* O testemunho de um Sabio, superior a toda a influencia de cégas preoccupações (quanto se pôde presumir de um habil cultor de sciencias taes, com aquellas que elle professava); e além disto pronuncia na presença de uma Corporação tão eminentemente ilusturada, falla incontestavelmente mais alto que todo qualquer remoque insulso da anti-nacional fábrica de inovação historica, que miseramente se lhe oppoeha (1)

(1) Para que se possa fazer cabal conceito das idéas do Orador academico, transcreveremos textualmente as suas palavras: " Cum multa, eaque præclara, mihi, unde potissimum exordiendum esset, in ancipiti hærenti se se offerrent, ac veluti certatim primo, undique, extremoque celebranda orationis loco, mentis oculis obverrentur, Singularis, Supremi Numinis, erga Lusitanum Imperit benevolentie monumenta; ad celeberrimum illum, ac vere fastissimum, quique idcirco in æterna Lusitanorum memoria vertitur, præfecto dignissimum diem, animam meum quasi invitum, pro laudem animadvertit; quo Pissimus ac Religiosissimus Alphonsus, Sanctissima, Secum peramanter colloquentis, ac victoriam Barbaris illico reportandam pollicentis, Humani generis Servari Specie recreatus, mireque exinde ad præliandum inflammatus, Lusitani hujus Imperii fastissimam, fastissimoque prodigio constructa in Oristhensi Agro fundamenta fecit. Ac primum quidem mihi versatur ante oculos Pissimi Imperatoris, pro Religione justius tuenda, ac propugnanda, quam pro expugnandis, ditionisque sue super addendis urbibus, ac locis bella gerentis imago. Appetent maximus illius, ac vero Christianus ardor animi, quo Barbarorum copias profligavit, Saracenos homines, Christiano nomini infensos funditus debellare; Ismarii Sociorumque potentiam, virique perfringere Vir Pissimus innitebatur. Videor mihi videri hinc Imperatorem religione præclaram, pietate conspicuum, si minus exigua militum suorum sumero, Divino certa sibi paulo ante promissio, ac velut stipulato, fretum auxilio; de perfidis illis, barbaris hominibus, sui ipsius, utpote quia, Religionis hostibus, victoriam anhelantem: illinc maximas, ac prope innumerabiles Barbarorum instructas acies, ingentibus dissonisque clamoribus perstreptentes, cruentum adeo, pertinax, ac diuturnum inter prælium committere, ut vel ejus nunc meminisse animus periret. Quanta vero exultatione, profusisque gaudiis affectum fuisse Imperatorem Religiosissimum credendum, qui militiam suam Christo maxime devovebat, postquam animadvertit Barbarorum Cohortes, una cum ducibus suis, desperatis jam rebus, terga dimittere? Auribus adhuc resonare videntur nostris, militum perla

Porém que?... Não seria difficultoso trazer a lume outros testemunhos dos mesmos sentimentos, achados em diversa profissão philosophica (1), na magistratura (2), na medicina (3). . . .

Alongue-se, dilate-se todavia ainda mais o circulo da analyse antes de sahir das avenidas deste seculo. Investigue-se, patentêe-se qual fôra o pensamento dos Oradores sagrados ácerca do prodigio de Ourique, que elles do alto do pulpito tão desaffrontadamente enunciarão, sem que algum pretense sabichão historico ousasse abrir a boca para infamemente os apodar com a pecha ultrajante de propagadores de *fabulas, contos de velhas, de embustes*. Vejamos..... Mas ah! quem não vê que de toda a parte sã estão pullulando indeleveis exemplos, que evidencêam a posse pacifica, legitima e indisputavel, em que sempre estivera o ministerio do pulpito de (quando as circumstancias o motivam) usar em seus discursos, como de um elemento de especial persuasão, d'aquella nacional crença?

» simæ illæ toræ, quibus Alphonsó I. Lusitaniæ Regi, vita simul  
» cum victoriâ pronuntiabatur. O sane fortunatissimum, et cui nul-  
» lum aliud fuerit in Orbe comparandum Imperium! Cui prima  
» suis velut manibus Numen Eternum fundamenta ponit. O felix  
» nimium, nimiumque beatum Lusitaniæ Regnum, cujus natalem  
» ipsuin adeo insignem illius, per quem Reges tui imperabunt, præ-  
» sentia reddidit! O prodigium multis certe nominibus singularè!  
Assim o indicado Cathedratico a paginas 5, 6 e 7 da mencionada Oração.

(1) Vej. — Cordões Sentimentos, expostos por occasião do Feliz Nascimento do Serenissimo Principe da Beira em 21 do presente Março de 1795, pelo Doutor Benta José de Sousa Ferinha. Na pagina 17.

(2) Vej. — Hymno gratulatorio e deprecante pela gravidez, e feliz successo da Serenissima Princeza do Brazil nossa Senhora. Pelo Doutor José Antonio de Sá, em nome de Comarca de Moncorvo. Na pag. 8 e 13. — O mesmo Author na *Oração Congratulatoria* por occasião de ser elevado á *Alta Dignidade de Patriarcha de Lisboa e Excellentissimo e Reverendissimo Sr. José Francisco de Mendonça*. Na pag. 20.

(3) Vej. — *Oração genethliaca, que á Rainha Fidelissima Nossa Senhora D. Maria I, na occasião dos seus felizes annos offerece Manoel de Moraes Soares, Medico da Camara de S. Magestade Fidelissima etc.* Na pagina 7 e 8. E' impressa em 1777. — O mesmo Author na — *Oração Panegyrica á Rainha Fidelissima, Nossa Senhora D. Maria I, na occasião dos seus felizes annos etc., impressa em 1780.* Na pag. 8.<sup>a</sup>

Bastará comtudo para segura fiança do que pro-  
rimos, tão sómente mencionar os nomes d'aquelles P-  
gadores, tanto do Clero regular, como secular, cu-  
Discursos examinámos. Cital-os não é fazer alarde  
erudição *alfarrabina*, como poderá vozear a pseudo-  
tica procacidade. E' justa e devidamente desenterral-  
da sepultura do prolongado esquecimento (em que  
maior parte delles, tão sómente pela decadencia do  
gosto Oratorio, jazem) para figurar no campo da demon-  
tração, como sustentáculos inconcussos de um facto  
direito innegavel.

Não me ha de pois, entre outros deixar ficar se-  
prova o Prégador Geral Fr. *Antonio do Espirito Santo  
Andrade*, Religioso Franciscano da Provincia de Portu-  
gal (1): o P. M. Provincial da Ordem de N. S. d  
Carmo, Fr. *José de Sousa* (2): o Bispo de Patara, *l  
Fr. José de Jesu Maria*, da Ordem dos Prégadores, Pr-  
sidente da Relação Ecclesiastica, e Chancellor do Arce-  
bispoado de Evora (3): o Augustiniano de não vulgo  
cunho, Fr. *Manoel de Gouvêa*, irmão dos dois famosos  
Jurisconsultos portuguezes do mesmo appellido (4):  
Lente de Theologia Fr. *José Manoel da Conceição*, d

(1) *Vej. Sermoens Panegyricos, e Moraes etc.* 2.º tomo, Sermão  
IV, pag. 60. A Bibliotheca Lusitana, tom. 1.º, pag. 262, faz men-  
ção deste prégador só com a designação de Fr. *Antonio do Espirito  
Santo*, declarando que usára do appellido *Andrade* no Sermão citá-  
do, impresso em separado em 1738. A mencionada Collecção de *Ser-  
mões* (em quatro volumes) não vem indicada na Bibliotheca Lusitana.  
Não admira; pois sóra publicadas muitos annos depois de ter  
do dado á luz o primeiro tomo da Bibliotheca Lusitana.

(2) *Sermoens Panegyricos etc.*, tomo 2.º, desde paginas 60 até 6  
A Bibliotheca Lusitana, tomo 2.º, pag. 901, faz honrosa menção de  
te Religioso.

(3) *Sermoens que prégou etc.* Primeira Parte novamente impres-  
e emendada, Sermão VIII, pag. 167. A Bibliotheca Lusitana si  
falla desta edição; nem podia; visto esta ser feita annos depois de  
la. Fallando do prégador diz: » Foi dos grandes Oradores Evang-  
» llicos do seu tempo, de cujos discursos solidos foram theatros  
» mais authorizados pulpitos. » Tom. 2.º, pag. 854.

(4) *Sermoens Varios, e Discursos Predicaveis, Politicos, Panegy-  
ricos e Moraes etc.* Primeira Parte, pag. 518 e 519. Refiro-me á 2.  
edição, publicada em 1736. A Bibliotheca Lusitana foi omissa em  
indicar. Inculca porém a Gouvêa por *hum dos celebres Oradores  
vangelicos do seu tempo.* Tom. 3.º, pag. 281.



Terceira Ordem da Penitencia (1): o Carmelita descalço, Fr. *Ignacio de S. Caetano*, Confessor da Senhora D. Maria I, e por ella nomeado Arcebispo de Thessalonica (2): o Mestre em Artes e Bacharel em Canones, *Joseph Antonio Sarre* (3): o Doutor *Manoel de Oliveira Ferreira*, (4) cujo talento, e erudição tanto louva, e abona a Bibliotheca Lusitana (5): o bem conhecido escriptor Fr. *Francisco de Jesus Maria Sarmiento* (6): o Augustiniano Fr. *Manoel de Figueiredo* (7): o Doutor *Pilippe de Oliveira*, Clerigo secular (8): o Dominicano Fr. *Manoel da Silveira*, Doutor na Sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra (9): o mui douto Theatino, *D. Thomas Caetano de Bem* (10): o Oppositor ás Cadeiras de Theologia na Universidade de Coimbra, Fr. *Ca-*

(1) *Sermão Gratulatorio Panegyrico, que prégou em Acção de Graças pela Gloriosa Aclamação do Serenissimo Senhor D. João IV, etc.* em varias paginas. Falla tambem deste Prégador a Bibliotheca Lusitana.

(2) *Gratidão Desempenhada, Oração Gratulatoria, e Parenética, que na solemníssima festa, que em obsequio do Coração Santissimo de Jesus pelo feliz Nascimento do Principe N. Senhor se celebrou na Real Capella da Bemposta etc.* Vejam-se pag. 8 e 24.

(3) *No Sermão Gratulatorio prégado na Paroquia de Nossa Senhora da Conceição da Praya da Cidade da Bahia pelas melhores do muito Alto, Poderoso Rei, e Senhor D. Joseph I. etc.* Vej. paginas 5, 6, e 7.

(4) *Sermão Panegyrico do feliz Nascimento do Serenissimo Senhor D. Joseph, Principe da Beira, etc.* pag. 2, 20, 36.

(5) *No tom. 3.º, pag. 327 e seguintes.* O citado Sermão não vem indicado na Bibliotheca Lusitana, cujo terceiro volume foi impresso dez annos antes.

(6) *Sermão Gratulatorio na solemníssima Acção de Graças . . . . pela milagrosa preservação da preciosissima vida d'El-Rey D. José I. etc.* na penultima pagina.

(7) *No Sermão em Acção de Graças pelo feliz Nascimento do Serenissimo Principe da Beira etc., pag. 9, § 3.* A Bibliotheca Lusitana o inculca como Orador que merecera *universal applauso.* Não menciona o citado Sermão; era pois mais antiga.

(8) *Sermões Panegyricos, Historicos e Funeraes etc. — Sermão 2.º, pag. 10.*

(9) *Sermões Posthumos etc., tom. 4.º — Oração gratulatoria consagrada a Christo Jesus pela melhora do Serenissimo Senhor Infante de Portugal, D. Antonio.* Na pag. 136 e seguintes.

(10) *Sermão em acção de graças ao Altissimo etc.* pela milagrosa conservação da preciosissima vida de Sua Magestade, sendo assaltado por tres assassinos na noite de 3 de Setembro etc. Na pag. 24 etc.

tano de Sampaio (1): o Lente Jubilado em Theologia, e Doutor pelas Universidades de Coimbra e Evora, da Ordem dos Eremitas de S. Paulo, *Fr. Joaquim de Santa Anna* (2): o Franciscano *Fr. Antonio das Chogas* (3): o Clerigo Presbytero formado em Canones, *Joseph de Andrade e Moraes* (4): *Fr. João de Coimbra*, filho da Provincia da Soledade (5): o P. M. *Fr. Antonio de Santa Maria* (6): o Doutor *Francisco Xavier do Valle* (7): e se esta farragem de erudição não é mais que de sobejo para reduzir ao mais sepulchral silencio a ignorancia atrevida, inscreva-se no mesmo catalogo o nome do illustre Socio da Academia da Historia, *D. José Barbosa* (8): o do Franciscano *Fr. Munuel da Epiphania*, author do *Verdadeiro Methodo de pregar*, que tanta bulha causára (9): o do Oratoriano e Socio da Arcadia de

(1) *Sermão no feliz Nascimento do Principe da Beira etc.* pregado no Real Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre etc. Na pag. 11, 12 e 29.

(2) *Oração Gratulatoria na Acção de graças etc.* pelo conhecido milagre, com que Deos Senhor nosso na noite de 3 de Setembro de 1758 preservou a vida do Augustissimo e Fidelissimo Rey D. Joseph I. etc. etc. Nas pag. 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26.

(3) *Sermoens Gratulatorios e Ascelicos, que em Acção de Graças pela feliz melhoria do muito Alto e muito Poderoso Rey D. Joseph I pregou etc.* No primeiro Sermão que tem por titulo — *Triunfo da Tyrannia*, pag. 3, 4, 5, 6, 7, 8, e 9.

(4) *Sermam Gratulatorio pela felicissima e desejada saude etc. d'El-Rey D. João V etc.* recitado na Igreja Matriz da Villa do Carmo das Minas do Ouro etc. Na pag. 3.

(5) Sermão em acção de graças pelos Augustissimos e Reaes Desposorios dos Serenissimos Senhores D. Joseph, Principe do Brasil, e a Senhora D. Maria Anna Victoria etc. Na pag. 9, 10 e outras.

(6) Sermão de Santo Antonio etc. pregado na Igreja de Santo Estevão de Alfama etc. Na pag. 6.

(7) *Sermão que na Acção de Graças pelo feliz Nascimento do Serenissimo Principe da Beira etc.* pregou na Se de Evora etc. Na pagina 6.

(8) *Sermão em Acção de Graças pela melhoria de Sua Magestade etc.* Na pagina 6 diz: » Com particular cuidado se fez (Deus) Fundador do Imperio Portuguez, quando appareceu ao Principe D. Affonso Enriques no Campo de Ourique na vespers daquella batalha, que do lugar tomou o nome.»

(9) Esta Obra publicada em 1762, e que não pouco concotterá para a restauração da eloquencia sagrada, foi pedra de escandallo para varias summidades eruditas, idolatras do mau gosto scientificista. Uma dellas foi o Abbadé Miogo Barbosa Machado, com bém se col-

Lisboa; o Padre *Manoel de Macedo Pereira de Vasconcellos* (1), e em fim o do outro Socio da Academia da Historia, e depois das Sciencias de Lisboa, o erudito e eloquente Eremita Augustiniano, Prégador da Real Cappella da Bemposta, *Fr. Joaquim Forjás* (2); aos quaes se pôde accrescentar o nome do assás afamado Orador

Rige da sua censura ao *Theatro da Eloquencia de Francisco de Pina*. — O tal methodista porém, não obstante a anatomia critica, que fizera a Vieira, Bluteau e a outros da mesma escola, não lhes lançou em rosto como defeito o terem fallado ou alludido mais ou menos explicitamente na tribuna Evangelica á maravilha da Apparição. Vieira, e mais alguns não escapariam de levar mais este gilvas, se o Critico assim o julgasse. Pelo contrario é elle o proprio que não devidou na *Oração Funebre na morte do Senhor Rey D. João V*, a paginas 66, exclamar com manifesta allusão a uma das promessas do Deus de Ourique: " Poderoso Senhor, este Reyno he vosso; vós o escolhestes para nosso Imperio."

(1) *Orações Sacras*, tomo 1.<sup>o</sup>: Oração pela conservação da muito Alta e muito Poderosa Rainha Fidelissima N. Senhora. A paginas 6 lê-se: " Sem que corramos o véo a segredos reconditos, nós sabemos, Senhores, que Jesu Christo fundára entre os Portuguezes o seu Reino, para que os nossos Principes etc."

(2) Veja-se: *Oração Gratulatoria pelo Felicissimo nascimento da Serenissima Princesa da Beira, D. Maria Theresza etc.* Na pagina sexta §:2 escreveu ella: " Da mesma sorte (que em Jacob) eu vejo em Affonso outra Familia escolhida pela boca do Senhor na sua feliz e fauorosa apparição de *Castro-verde*, para firmar sobre ella o seu imperio: prodigio, que á vista da mais apurada indagação diplomatica, e dos multiplicados, e irrefragaveis testemunhos da Historia, só pôde recusar o desprezível incredulo á Providencia Divina, que elle ignora: *Volo in te et in semine tuo Imperium mihi stabilire.*" Appq subscreeve o Orador a seguinte nota: " A ignorancia, ou o esquecimento dos antigos testemunhos fez hum tempo passar ao celebre Chronista de Cister por supposto descobridor de um segredo, sepultado na antiguidade. Mais apurada indagação diplomatica nos nossos dias tem reduzido esta verdade a humna demonstração historica. — Oliverio da Marca, citado por Abrahamo Ortelio no seu *Theatrum Orbis*; Vasco Fernandes de Lucena, Embaixador do Senhor Rei D. João II, na sua Oração ao Papa Innocencio VIII, Fr. João de Xira, e o Doutor Fr. Vasco Pereira, na Consulta ao Senhor Rei D. João I, o Barbael Azinheiro, no Compendio das novas Chronicas, André de Rezende, nas suas antiguidades da Lusitania, Fr. Simão Coelho, na Chronica do Carmo, Fr. Heitor Pinto na Dedicatória dos seus Commentarios sobre Ezequiel, o grande Bispo Osorio no livro 8 de *Reb. Espanoas*, Duarte Galvão na Chronica do Senhor Rei D. Affonso Henriques, os Commentarios de Affonso o Sabio de Castilla no Cap. 416, *Summiata Lusitania ex Mss. Codicibus Biblioth. Apost. Vatic. etc.*, vol. 51, Dncum. XX, João Rodriguez de Sá, erudito Escripitor do seculo XV na sua Historia Liv. III, Cap. X, o Epí:

*Fr. Francisco do Coração de Jesus Cloots Vanzeller* (1). E quem poderá duvidar que esta mesma theocracia de idéas se ouvira annunciar neste seculo nos pulpitos até do Oriente, sem que tenha constado que alguém a criminasse de *fabula* ou *embuste*? A quem negasse a existencia do facto oratorio retorquiriamos com exemplos de cunho irrefragavel (2).....

Vamos agora finalmente a ver, ou antes pesquisar se a maravilha marcial do Campo de Ourique merecera no seculo 19.<sup>o</sup> ter a triste sorte de ser banida, como entidade espuria, dos Archivos da Historia, e votada ao esquecimento, como digna de ser posta no rol das mais inspidas e narcoticas patrapanhas, pelo commum dos Escriptores. Porém que digo?... Vejamos antes se houve quem neste seculo, apezar do cauterico reflexo de suas tão espivitadas, e depuradas luzes; quem sim não teve duvida de conservar e transmitir illesa, não digo já só

» taphio, que no anno de 1815 se lavrou por ordem do Senhor Rey  
» D. Manuel sobre o Tumulo do Senhor Rey D. Affonso Henriques  
» no Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, e outros infinitos  
» documentos, que precederão muitos seculos a Fr. Bernardo de  
» Brito, e que se podem ver no douto Bispo de Beja, e erudito Pe-  
» dre Pereira de Figueiredo, salvão a verdade de um facto, que só  
» o Pyrrhonismo deste seculo quiz pôr em duvida. » Assim escreveu  
o sabio Academico, e prégador insigne em 1793, anno em que recitou a mencionada Oração; recopilando com assis escriptulosa exactidão aquelles mesmos testemunhos que já os dois grandes homens (Cenacolo, e Pereira) tinham allegado. Vejam-se tambem os §§ 3, 4 e 5 da Oração Gratulatoria.

(1) *Sermão . . . pregado na Real Capella de Queluz em Acção de Graças pelo feliz Nascimento do Principe da Beira etc.* Na pag. 3. — Este Sermão acha-se no tomo 4.<sup>o</sup> das suas *Orações Sagradas*, impressas em 1794.

(2) *Veja: Oração Panegyrica recitada na Festa das Sagradas Chagas de Christo, que se celebrou na Igreja da Ribeira desta cidade de Goa em acção de graças pela milagrosa vida de S. M. Fidelissima o Senhor D. José I etc., por Fr. José de S. Diogo, Religioso Observante da Provincia de S. Thomé, Leitor de Theologia etc.* pag. 12. — *Oração que na solenne acção de graças tributada na Santa Igreja Cathedral da Cidade do nome de D. de Macáo na China, pelo Cabido da mesma Igreja na occasião dos desposorios do Senhor D. João, Infante de Portugal, com a Senhora D. Carlota Joaquina, e do Senhor D. Gabriel, Infante de Hespanha, com a Senhora D. Marianna Victoria, Infanta de Portugal: Pelo P. M. Fr. Antonio da Purificação, Lente Jubilado da Sagrada Theologia etc. etc.* pag. 28.

em sua grandeza meramente historica, mas ainda mesmo theocratica, franca e lealmente, como ella tinha vindo desde remotas eras; a façanha de Ourique. Ah! que a audacia *romantico-anti-historica* mal poderá dardejear suas nauseantes e sutrinhas pecuinhas contra os seguidores de tal Apparição nos dias presentes, sem ultrajar o testemunho de homens indubitavelmente respeitaveis, que neste mesmo seculo a julgáram, sem alguma coarctada, nem menos-preciadora cota, digna de publica menção, como se fôra moeda corrente. — Com effeito logo no principio deste seculo acha-se que um Professor publico bem conhecido pelos seus escriptos e pela sua capacidade litteraria não se dedignou de propagar em logar opportuno aquella avoenga tradição patria. O Professor de quem fallámos é nem mais nem menos que *Jeronymo Soares Barboza*. Foi elle em 1805 encarregado pelo Principe Regente de formular um Compendio de Historia Portugueza para uso das Aulas publicas; e como fallou elle da Batalha de Ourique, que não fosse quasi copiando pelas mesmas palavras aquillo mesmo que Perelra de Figueiredo tivera escripto nos Elogios dos Reis de Portugal? Para verificar o que asseverámos não é preciso mais que ler o que se encontra escripto no seu *Epitoma Lusitonæ Historiæ*, relativo ao memoravel anno de 1139. O emerito professor de Rhetorica e Poetica (a cujo magisterio andava então reunido o ensino da historia) é um voto de assás valor para fazer remetter ao mais vergonhoso silencio a esses espectros de litteratura subugenta, que com tanto despejo ladram contra os amantes, e defensores d'aquella tradição patria. — Ainda mais; O Author do Catalogo das obras impressas e manuscriptos de *Antonio Pereira de Figueiredo*, publicado no principio deste seculo, não teve duvida de qualificar de *reflexões muito judiciosas e eruditas* aquellas que fizera sobre os *Novos Testemunhos da milagrosa Apparição de Christo a D. Affonso Henriques o grande Bispo de Beja, D. Fr. Manoel do Cenaculo*; confessando outrossim que delles fizera menção muito honorifica em os seus *Cuidados Litterarios*. O Escriptor que assim avaliára aquellas reflexões é bom contraste para se oppôr ás bravatas, que vociferára contra o immortal Ce-

naculo o Author do *Eu e o Clero*, por defender a pia e nacional crença daquella tradição. Perguntarão agora quem é o Author, que assim elogia as reflexões do miu sabio e erudito Prelado? Pois saiba todo o mundo, que é nem mais nem menos que o a todos os respeitos conspicuo litterato, *Francisco Manoel Trigozo de Aragão Morato* (1).....

Busque-se porém neste seculó um homem superior a toda a excepção tanto pela grandeza do seu talento, como extraordinaria vastidão, e sciencia em diferentes ramos de litteratura, e historia; um homem de uma critica superior a toda a suspeita de credulidade; altamente justiceiro, e não poucas vezes mordaz em seus julgamentos scientificos: busque-se, digo, um genio fóra da commum bitóla, e inacessivel pela sua illustrada e transcendente philosophia aos embates do fanatismo; seja em fim um portento intellectual de tão extraordinario calibre, quem venha constituir com o seu positivo e explicito testemunho, contra essa pélimetrada pedantesca, que tão impudente, como ignorantemente investe contra os respeitadores das primitivas tradições historicas do paiz; quem venha sim erigir como em indelével padrão o seu tão terminante sentimento ácerca da maravilha do Campo de Ourique. O escriptor de que fallamos é o bem conhecido, e por tantos titulos affamado, *P. José Agostinho de Macedo*. Em o poema o *Oriente*, eis aqui como elle se explica:

» Descê o Senhor dos Ceos, e se amostrava  
» A Affonso Rei primeiro; elle o conforta,  
» E qual ao filho de Isai chamava,

(1) Vejam se *Apontamentos para o seu Elogio Historico*, pelo Conde de Lavradio, pag 34. — O mesmo conspicuo Litterato no *Elogio Historico do Arcebispo D. Fr. Manoel do Cenaculo* não teve duvida em dar o epitheto de — immortal — á intitulada Obra — *Cuidados Litterarios* — a qual, como o panegyrista julga, por si só attestará em todo o tempo a sabedoria, e o gosto deliado de seu Author em todo o genero de estudos. Por certo que o ter tratado nella o Arcebispo tão magistralmente de defender a maravilha da Apparição, não foi motivo bastante para que o sabio Academico não designasse assim aquella Obra! Vej. *Memor. da Academ.*, tomo 4.º, Parte 1.ª, pag. XC.

» A' grão peleja sanguinosa o exhorta :  
» Então fortalecido aos seus bradava :  
» Para o triumpho um Deos nos abre a porta ;  
» He elle o nosso escudo, a nossa gloria,  
» Nosso o triumpho he já, possã a victoria.

» Não vos assuste multidão tamanha,  
» Do insano orgulho, e do furor armada ;  
» Cubra potente exercito a campanha,  
» Mais do que a vista alcança dilatado,  
» Não he tal gente para nós estranha,  
» Mostre-se embora barbara, indomada ;  
» Se he numerosa, e forte a turba impia  
» Com menos braços Cedeão vencia. (1) »

Quem deixará de ver nestas duas estancias do Poema a mais perfeita e completa reproducção do que referem as antigas Chronicas ácerca da maravilha da Batalha de Ourique ; que elle á imitacão de Camões (apesar da rivalidade que contra este ostentou) tão manifestamente perpetua? — Ora o Author do Oriente na segunda edição do seu Poema, publicada em 1827, (que bem se pôde chamar, attentas as infinitissimas alteraçoes, quasi um trabalho novo.) em nada mudou de opinião a respeito d'aquelle prodigio. As variantes pelo contrario que se observam relativamente ás duas estancias transcriptas, novamente confirmam a constancia no mesmo pensamento.

Pare-se todavia aqui, e conhega-se qual fôra o conceito que neste seculo manifestára o Clero portuguez na tribuna Oratoria ácerca da maravilha de Ourique. — Deixou por ventura elle de ahí fazer transmittir a tal respeito a idéa de grandeza theocratica, que os seus maiores sempre lhe alligaram? Nunca. Em prova produzimos um cardume de exemplos, se a extensão da Obra o permittisse. Todavia não deixaremos de asseverar que os Oradores Evangelicos patentearam a sua opinião em favor da pia crenga (e isto sem que algum tagarela petulante os inculpasse de ignorantes e fanaticos) não em

(1) Canto X, Est. 47 e 48.

naculo o Author do *Eu e o Clero*, por defender a pia e nacional crença daquella tradição. Perguntarão agora quem é o Author, que assim elogia as reflexões do mui sabio e erudito Prelado? Pois saiba todo o mundo, que é nem mais nem menos que o a todos os respeitos conspicuo litterato, *Francisco Manoel Trigozo de Aragão Morato* (1).....

Busque-se porém neste seculó um homem superior a toda a excepção tanto pela grandeza do seu talento, como extraordinaria vastidão, e sciencia em diferentes ramos de litteratura, e historia; um homem de uma critica superior a toda a suspeita de credulidade; altamente justiceiro, e não poucas vezes mordaz em seus julgamentos scientificos: busque-se, digo, um genio fóra da commum bitóla, e inacessivel pela sua illustrada e transcendente philosophia aos embates do fanatismo; seja em fim um portento intellectual de tão extraordinario calibre, quem venha constituir com o seu positivo e explicito testemunho, contra essa petimetrada pedantesca, que tão impudente, como ignorantemente investe contra os respeitadores das primitivas tradições historicas do paiz; quem venha sim erigir como em indeleivel padrão o seu tão terminante sentimento ácerca da maravilha do Campo de Ourique. O escriptor de que fallamos é o bem conhecido, e por tantos títulos affamado, *P. José Agostinho de Macedo*. Em o poema o *Oriente*, eis-aqui como elle se explica:

» Descê o Senhor dos Ceos, e se amostrava  
» A Affonso Rei primeiro; elle o conforta,  
» E qual ao filho de Isai chamava,

(1) Vejam se *Apontamentos para o seu Elogio Historico*, pelo Conde de Lavradio, pag 34. — O mesmo conspicuo Litterato no *Elogio Historico do Arcebispo D. Fr. Manoel do Cenaculo* não teve duvida em dar o epitheto de — immortal — á intitulada Obra — *Cuidados Litterarios* — a qual, como o panegyrista julga, por si só attestará em todo o tempo a sabedoria, e o gosto deliado de seu Author em todo o genero de estudos. Por certo que o ter tratado nella o Arcebispo tão magistralmente de defender a maravilha da Apparição, não foi motivo bastante para que o sabio Academico não designasse assim aquella Obra! Vej. *Memor. da Academ.*, tomo 4.º, Parte 1.ª, pag. XC.



» A' grão pejeja sanguinosa o exhorta :  
» Então fortalecido aos seus bradava :  
» Para o triumpho um Deos nos abre a porta ;  
» He elle o nosso escudo, a nossa gloria,  
» Nosso o triumpho he já, nossa a victoria.

» Não vos assuste multidão tamanha,  
» Do insano orgulho, e do furor armada ;  
» Cubra potente exercito a campanha,  
» Mais do que a vista alcança dilatado,  
» Não he tal gente para nós estranha,  
» Mostre-se embora barbara, indomada ;  
» Se he numerosa, e forte a turba impia  
» Com menos braços Gedeão vencia. (1) »

Quem deixará de ver nestas duas estancias do Poema a mais perfeita e completa reproducção do que referem as antigas Chronicas ácerca da maravilha da Batalha de Ourique; que elle á imitação de Camões (apesar da rivalidade que contra este ostentou) tão manifestamente perpetua? — Ora o Author do Oriente na segunda edição do seu Poema, publicada em 1827, (que bem se pôde chamar, attentas as infinitissimas alterações, quasi um trabalho novo,) em nada mudou de opinião a respeito d'aquelle prodigio. As variantes pelo contrario que se observam relativamente ás duas estancias transcriptas, novamente confirmam a constancia no mesmo pensamento.

Pare-se todavia aqui, e conhea-se qual fôra o conceito que neste seculo manifestára o Clero portuguez na tribuna Oratoria ácerca da maravilha de Ourique. — Deixou por ventura elle de ahi fazer transmittir a tal respeito a idéa de grandeza theocratica, que os seus maiores sempre lhe alligaram? Nunca. Em prova produzimos um cardume de exemplos, se a extensão da Obra se permittisse. Todavia não deixaremos de asseverar que os Oradores Evangelicos patentearam a sua opinião em favor da pia crença (e isto sem que algum tagarela peulante os inculpasse de ignorantes e fanaticos) não em

(1) Canto X, Est. 47 e 48.

naculo o Author do *Eu e o Clero*, por defender a pia e nacional crença daquella tradição. Perguntarão agora quem é o Author, que assim elogia as reflexões do mui sabio e erudito Prelado? Pois saiba todo o mundo, que é nem mais nem menos que o a todos os respeitos conspicuo litterato, *Francisco Manoel Trigozo de Aragão Morato* (1).....

Busque-se porém neste seculó um homem superior a toda a excepção tanto pela grandeza do seu talento, como extraordinaria vastidão, e sciencia em diferentes ramos de litteratura, e historia; um homem de uma critica superior a toda a suspeita de credulidade; altamente justiceiro, e não poucas vezes mordaz em seus julgamentos scientificos: busque-se, digo, um genio fóra da commum bitóla, e inaccessible pela sua illustrada e transcendente philosophia aos embates do fanatismo; seja em fim um portento intellectual de tão extraordinario calibre, quem venha constituir com o seu positivo e explicito testemunho, contra esse petimetrado pedantesca, que tão impudente, como ignorantemente investe contra os respeitadores das primitivas tradições historicas do paiz; quem venha sim erigir como em indeleavel padrão o seu tão terminante sentimento ácerca da maravilha do Campo de Ourique. O escriptor de que fallamos é o bem conhecido, e por tantos titulos affamado, *P. José Agostinho de Macedo*. Em o poema o *Oricnte*, eis-aqui como elle se explica:

” Descê o Senhor dos Ceos, e se amostrava  
” A Affonso Rei primeiro; elle o conforta,  
” E qual ao filho de Issi chamava,

(1) Vejam se *Apontamentos para o seu Elogio Historico*, pelo Conde de Lavradio, pag. 34. — O mesmo conspicuo Litterato no *Elogio Historico do Arcebispo D. Fr. Manoel do Censculo* não teve duvida em dar o epitheto de — immortal — á intitulada *Obra — Cuidados Litterarios — a qual, como o panegyrista julga, por se se attestará em todo o tempo a sabedoria, e o gosto delicado de seu Author em todo o genero de estudos*. Por certo que o ter tratado nella o Arcebispo tão magistralmente de defender a maravilha da Apparição, não foi motivo bastante para que o sabio Academico não designasse assim aquella *Obra*! Vej. *Memor. da Academ.*, tomo 4.<sup>o</sup>, Parte 1.<sup>a</sup>, pag. XC.

» A' grão peleja sanguinosa o exhorta :  
» Então fortalecido aos seus bradava :  
» Para o triumpho um Deos nos abre a porta ;  
» He elle o nosso escudo, a nossa gloria,  
» Nosso o triumpho he já, nossa a victoria.

» Não vos assuste multidão tamanha,  
» Do insano orgulho, e do furor armada ;  
» Cubra potente exercito a campanha,  
» Mais do que a vista alcança dilatado,  
» Não he tal gente para nós estranha,  
» Mostre-se embora barbara, indomada ;  
» Se he numerosa, e forte a turba impia  
» Com menos braços Gedeão vencia. (1) »

Quem deixará de ver nestas duas estancias do Poeta a mais perfeita e completa reproducção do que referem as antigas Chronicas ácerca da maravilha da Batalha de Ourique ; que elle á imitação de Camões (apesar da rivalidade que contra este ostentou) tão manifestamente perpetua? — Ora o Author do Oriente na segunda edição do seu Poema, publicada em 1827, (que bem se pôde chamar, attentas as muitissimas alterações, quasi um trabalho novo.) em nada mudou de opinião a respeito d'aquelle prodigio. As variantes pelo contrario que se observam relativamente ás duas estancias transcriptas, novamente confirmam a constancia no mesmo pensamento.

Pare-se todavia aqui, e conhea-se qual fora o conceito que neste seculo manifestára o Clero portuguez na tribuna Oratoria ácerca da maravilha de Ourique. — Deixou por ventura elle de ahi fazer transmittir a tal respeito a idéa de grandeza theocratica, que os seus maiores sempre lhe alligaram? Nunca. Em prova produziriamos um cardume de exemplos, se a extensão da Obra o permittisse. Todavia não deixaremos de asseverar que os Oradores Evangelicós patentearam a sua opinião em favor da pia crença (e isto sem que algum tagarela petulante os inculpassê de ignorantes e fanaticos) não em

(1) Canto X, Est. 47 e 48.

alguma villa ou aldêa; porém sim nas Cidades mais illustradas do Paiz. Alludo, como é bem de vêr a Lisboa (1), Coimbra (2) e Porto (3). Que digo? Fizeram

(1) Para que o que fica dito não se circumscreva tão sómente aos espaços da abstracção, como é usança do romancismo; daremos pelo menos dois exemplos. O impresso em que um delles se acha tem por titulo: *Oração, que pela feliz e nova restauração de Portugal recitou Fr. Filippe Pereira Pato Torrezão, Prégador do Principe Regente etc. etc. na Igreja do Real Convento do Carmo de Lisboa.* Na pagina 46 em uma elegante apostrophe que faz o Orador a Deus lê-se pois o seguinte: " Mas não he este já aquelle Reino, que Vós pro-  
" mettestes ao Magnânimo Affonso, que fundaveis particularmente  
" para Vós na sua Passos; e na de seus Successores, affiançando no  
" Campo de Ourique com a vossa palavra, e penhorando vos por el-  
" la o Estandarte, em que elle mesmo mandou esculpir os sagrados  
" signaes da nossa Redempção? " Na pagina 50, referindo se a ou-  
" tros prodigios, escreve: " Sim, todos estes prodigios, com que o O-  
" mnipotente ampura, e defende a sua causa, e a sua Lei; nem par-  
" tem de outro Deus, nem são mais authenticos, e verificados na  
" historia com argumentos mais poderosos e irresistiveis, do que a  
" Apparição de Jesu Christo ao primeiro Rei desta Monarchia, da-  
" do-lhe as suas Cbegas por braço d'Armas, como signal da sua Pro-  
" tecção; augurando-lhe que espraalaria sempre sobre este Reino as  
" suas vistas de misericórdia, e presagiuudo-lhe a celebre Victoria  
" do Campo de Ourique, que abriu os alicerces á fundação e estabe-  
" lecimento do Reino de Portugal. " O author da *Oração* era um  
" Claustraes apontados pelo seu talento e estudos. — Figura no segun-  
do exemplo o nome do Doutor Fr. José Maria de Santa Anna Ne-  
ronha, que morreu sendo Bispo de Bragança, muy respeitudo por  
letras e virtudes. No *Sermão Historico de Acção de Graças pela*  
*restabelecimento de Sua Magestade D. João VI,* por elle pregado  
na Igreja Patriarchal em 1823, a paginas 12 se lê o seguinte: " Com  
" effeito aquella mesma poderosa e invencivel mão, que uniuou ao  
" Senhor Rei Dom Affonso Henriques a combater com doze mil mil-  
" dados hum exercito de cem mil Mouros nos Campos de Ourique,  
" e lhe deu a victoria etc. "

(2) Haja vista ao: *Sermão de Acção de Graças pela feliz restau-  
ração de Portugal, recitado na Cathedral de Coimbra pelo Doutor*  
*Fr. Vicente da Soledade etc.* (que morreu sendo Arcebispo da Ba-  
hia) aos 25 de Setembro de 1808. Logo no primeiro paragrafo se en-  
contra, entre outras, estas expressões: " E a quem, Senhor, iria el-  
" le (o povo de Coimbra) a render este publico, e magestoso voto,  
" a quem renderia as graças pela feliz Restauração deste Reino se-  
" não a Vós, debaixo de cujas asas, a cuja sombra elle nasceu, e pe-  
" na logo tão prodigiosamente se dilatou, e com cujas sagradas Gui-  
" nas, os signaes da nossa Redempção, que lhe destes como seguro  
" penhor da vossa protecção, e alto favor, logo em seu berço dobou-  
" lou, subjugou barbaros Mouros, e triunfa sempre de quaesquer  
" injustos invasores? Vosso pois pela sua origem, vosso pelos mesmos  
" vossos Estandartes, de que elle exclusivamente usa, e que heredita-  
" e felizmente tinha arvorado em toda a parte do mundo conhecido

tambem soar a sua voz propaladora dos mesmos sentimentos no outro hemisferio (1).... Mas eu torno ainda outra vez á Capital da Monarchia. E quem se poderá

etc. — O outro exemplo é do Doutor Fr. Patricio da Silva, Lente da faculdade de Theologia, que falleceu, como todos sabem, sendo Cardinal Patriarcha. Na Oração Evangelica recitada na Real Capella da Universidade em 14 de Abril de 1817 etc. § 2.<sup>o</sup> do Exordio acham-se estas expressões: " Quando contemplo que o Filho do mesmo Deus pendente da Cruz, não já como throno de ignominia, mas como throno de gloria, a cujos pés vem humilhar-se os Príncipes e os Reis, prometteu ao grande Affonso que na sua pessoa, e na de sua descendência fundava para si um imperio, isto é, o mais amado do Universo etc. " Veja-se tambem o § 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> da 1.<sup>a</sup> Parte do Discurso.

(3) Damos em prova: " Oração Gratulatoria pela Paz de Portugal com Hespanha e França recitada no Convento das Religiosas de Santa Clara da Cidade do Porto pelo Doutor *Francisco de Oliveira Durão*, Oppositor ás Cadeiras da Faculdade de Theologia na Universidade de Coimbra etc. " impresso em 1802. A paginas 4 lê-se: " Quem (vos dá a Paz) senão aquelle Senhor Omnipotente que firmando na Regia, Augusta, e sempre esclarecida Prole do Invicto Affonso, e sua gente hum Imperio para si: Imperium mihi, lhes deu por Escudo, Divisa, Timbre e Armas as suas mesmas Chagas? " Vejam-se tambem paginas 8, 12, e 26. — A este acrescentaremos: " Sermão pregado na Igreja de Santo Eloy do Porto por occasião das Preces que se fizeram pela feliz restauração do Reino etc., por Gabriel dos Santos Neto, Conego Secular da Congregação do Evangelista, e Lente de Philosophia, pag. 6. " É impresso no anno de 1811, sendo pregado em 1808. — " Sermão de Acção de Graças pelos triumphos das Armas Portuguezas etc., pregado na Igreja de N. Senhora da Victoria da Cidade do Porto " (a 14 de Novembro de 1813) pelo mesmo Orador, sendo então Lente em Theologia; na pagina 8.

(1) Chamamos á memoria: " Oração fúnebre recitada na Igreja da Cruz da Corte do Rio de Janeiro, nas Exequias da Senhora D. Maria I etc., por Fr. Francisco de S. Carlos, Pregador Regio etc. " pag. 21. — " Oração em Acção de Graças pela Acclamação e exaltação ao throno de D. João VI, em a Igreja Matriz de S. Pedro do Rio Grande do Sul etc., pelo P. José Rodrigues Mafreiros Francoso Souto Maior, no dia 29 de Março de 1818; pag. 11. — O Doño da Sé de Braga, e depois Prior Mór de Christo, *D. Antonio Carlos Furtado de Mendonça* na Oração Gratulatoria, recitada na Capella Real do Rio de Janeiro, por occasião da festividade pelos Desposorios do Senhor D. Pedro de Alcantara com a Senhora D. Maria Leopoldina, a paginas 12, não teve duvida de escrever que " estendendo Benigno seu Braço Omnipotente sobre este Reino, que para si fundou, o Senhor nos continou as suas bençãos etc. " Todos claramente vêem onde está a allusão á Apparição. — O Benedictino Fr. Francisco de Paula de Santa Gertrudes Magna no *Sermão em memoria da Santissimo dia, em que S. A. Real desembarcou nesta cidade da Bahia*, recitado no antigo Col-

esquecer que fôra mesmo em Lisboa que o maior Orador portuguez dos tempos modernos, e um dos maiores da Europa, se pronunciára tão positivamente no meio de um numerosissimo Auditorio pela theocracia da maravilha de Ourique? E quantas vezes elle o não fizera!... Não faltariam testemunhas sim auriculares, ainda existentes, que, se preciso fosse, não duvidariam confirmal-o.... Eu faltaria comtudo ao que deve a razão, e a justiça á defesa do actual Clero, tão descaradamente ultrajado por ter propagado no pulpito aquelle mesmo pensamento, e reproduzido a mesmíssima idéa theocratica; se deixasse de transcrever as formaes palavras que o grande sabio e eloquentissimo Orador transmittira á posteridade em duas das suas publicações sagradas. Fizerá elle em uma dellas um bem deduzido e fallado parallelamente entre a *Nação Hebraea* e a *Nação Portuguesa*. E' ahí que se encontram estas terminantes expressões: » O » povo de Israel foi chamado povo de Deus: o povo » Portuguez foi chamado e designado Imperio para Je- » su Christo, conforme nós com tanta piedade o acre- » ditámos. » — Para supremo chefe, e conductor de um » povo, Deus escolhe, e enche de fortaleza; e de virtu- » de a Josué; Deus escolhe, e firma até com milagres, » para Monarcha dos Portuguezes Affonso Henriques, » Josué declara guerra aos barbaros da Palestina, Af- » fonso Henriques aos da Lusitania. A' voz de Josué » se suspende o sol no meio da sua carreira; ás orações, » e supplicas de Affonso Henriques lhe mostra a face » o Divino Sol de justiça, que é Jesu Christo Nosso » Deus. » — » O povo Hebreu se estabelece na Pale- » tina em fórma de Nação fixa e independente depois » que Josué passa o Jordão: o povo Portuguez se esta- » belece em Nação independente, e levanta o seu go- » verno Monarchico, depois que Affonso Henriques pas- » sa o Tejo, e vai nas dilatadas campinas de Ourique

legio dos Jesuitas, na festa que celebrou o illustre Senado em 23 de Janeiro de 1816 etc., a paginas 10 não teve duvida de escrever: » Lembrado das magnificas promessas feitas no Campo de Ourique » ao grande Affonso, o Nosso Deus jámais permittirá que o digno » successor d'aquelle Rei piedoso caia nas cruéis mãos d'esse Ty- » ranno. »

» confundir no pó, e no sangue os exercitos colligados  
» de cinco Monarchas Sarracenos. O brazão de Israel;  
» o escudo de suas armas é a Arca da Alliança; o bra-  
» zão das armas, e do escudo Portuguez são as mesmas  
» Chagas do Redemptor do Mundo (1). »

Não foi só este o unico testemunho, que o Orador deixou escripto, dos seus sentimentos theocraticos sobre a maravilha de Ourique, pronúnciados do alto da tribuna sagrada no meio do mais numerozo e luzido concurso. Lêa-se tambem: *Serirão em Acção de graças pelo feliz Regresso de Sua Magestade, prégado na Real Casa de Santo Antonio na Festividade ordenada pelo Ex.<sup>mo</sup> Senado da Camara, a 23 de Julho de 1821 etc.* Tendo a paginas 7, da segunda edição, qualificado a esta Monarchia de *sobrenaturalmente fadada*; a paginas 14 escreve o seguinte: » E poderia a soberba de um homem » (Buonaparte) prevalecer contra as promessas de um » Deus? A perpetuidade tinha sido promettida ao pri- » meiro Affonso; e as promessas de um Deus são tão » infalliveis em seu cumprimento, como é em sua eter- » nidade a Divina Essencia. » Na pagina 34 não duvidou asseverar que — este Reino foi e será sempre herança sua, referindo-se ao *Senhor Deus dos Exercitos*.

O talento, o genio extraordinario, cuja authoridade chamámos a collação, é a olhos vistos, um voto de indisputavel qualificação para condemnar á mais profunda e vergonhosa mudez a ignorancia insensata, que tão iniqua e insolentemente increpara o Clero da sua nação.

Entremos agora em uma epocha, em que apparece, e se deixa ver um novo cosmorama de idéas; em uma epocha, em que a livre publicação do pensamento se proclama e authoriza por lei; em uma epocha em fim,

(1) Veja-se: » Serirão de Preces pelo bom successo das nossas  
» armas, contra as do Tyranno Buonaparte, na terceira invasão nes-  
» te reino, prégado na Igreja de N. Senhora dos Martyres, a 31 de  
» Agosto d'aboute, na entrada da solemne Procissão de penitencia,  
» que fez a exemplar Irmandade de N. Senhora de Jesus. Por José  
» Agostinho de Macedo. » Nas paginas 19, 20 e 22 da segunda edi-  
ção (Impressa em Lisboa na Typografia Rollandiana, 1814) se en-  
contrarão as passagens que acabámos de copiar.

em que bem longe de se adular a superstição e fanatismo, antes debaixo desta tão desprezível e odiosa bandeira, muitas vezes se atacavam objectos venerandos! E' nesta época que eu perguntarei em mai alta voz? Se a maravilha do Campo de Ourique cahira em total esquecimento e desprezo? Se alguém se lembrou só della para a carimbar com o negro labéo de — fabula, de impostura? Ah! E' nesta mesma época que eu vejo della continuar a fazer-se solemne menção nos templos sagrados com uma lingoagem de indubitavel respeito, e pia creença. — Não produzirei para exemplo Orador algum, que a nauseante maledicencia dos sciolos do dia possa apupar com a usual pasquinada de — Clerigo ignorante e fanatico. — Hei de tiral-os do beijinho, de nata d'aquelles, que tão manifesta, e affincadamente se desposaram com a causa da proclamada liberdade. Clerigos de taes principios mal poderão ser tidos por *suspeitos de ignorancia, e fanatismo* aos olhos ainda do mais acirrado antagonista do prodigio de Ourique . . . . Aquelle que passamos a citar por certo que não poderá ser notado de semelhante pecha. Eis-aqui pois o que elle discorrera em pleno Auditorio da maravilha de Ourique: *Diga-se embora, que a celebre apparição, e promessa de Jesus Christo ao grande Affonso nos vastos campos de Ourique é uma das maquinas politicas que alguns Imperantes tem feito jogar com feliz exito, assim como Numma e Mahomet, que eu não recearei perguntar, qual é a maquina, que levantou o pequeno Portugal ao grande ponto de representação, que disfructou entre as Nações, e que em todos os tempos, com bem ligeiras allerações, o conservou contra seus inimigos todos? Se uma vez, ou outra pôde a ventura de Portugal dar-se ao jogo politico das causas secundarias, ha todavia lances em que parece que ou se renovam aos Portuguezes as expressões, que se dizem feitas por Jesus Christo ao grande Affonso: » Con- » fide, non solum hoc certamen vices, sed omnes alios. Confia que eu te farei vencedor neste, e nos outros combates; ou que etc. (1). Este mesmo Orador pregando em*

(1) Tais são as expressões do Religioso Arábido Fr. Manoel de Conceição Arca no Sermão de S. Pedro de Alcantara, pag. 20 »



1822 em uma Festa de Acção de graças, na Igreja de S. João da Praça, pelo acabamento da Constituição, não duvidou pronunciar entre outras cousas: que os *Portuguezes não podiam negar o rendimento das suas graças ao Deus de Affonso Henriques, áquelle Deus que meigo erigira Portugal, que o tem providente conservado, que o tem engrandecido prodigo etc.* (1). Assim alludia elle áquella maravilha theocratica, sem recio algum de ser accusado de *ignorante* ou *fanatico*; como hoje petulantemente são arguidos aquelles Oradores, que reproduzem a mesma crença.

Ainda produzitei o testemunho de outro Orador contemporaneo, que em nada cede ao precedente em dedicação á causa constitucional, e outrosim por certo longe está de ser avaliado por Clerigo *ignorante* e *fanatico*. Copiarei pois as palavras que elle pronunciára no meio de um luzidissimo Auditorio em um dos templos mais centras desta Capital. » Parece-me, Senhores (diz elle), ver renovada no dia 24 de Agosto e no dia 15 » de Setembro de 1820 a brilhante scena de Ourique, » Parece-me que a Protecção do Ceu foi mais visivel, » mais decedida nestes dias para os Portuguezes que » nunca! — Em Ourique eu me represento nossos maio- » res curvados até á terra escutar promessas vantajosas, » que devem verificar-se na sua posteridade; no Porto » e em Lisboa eu vejo os Portuguezes sentindo o Im- » pulso Superior, escutando a voz do seu Deus, que » lhes falla ao coração, que promete protegel-os, e que » os faz gostar logo as delicias da Liberdade que lhes » dá. Direi ainda mais que em Ourique Deus promet- » tia a nossos Pais a gloria brilhante destes dias ventu- » rosos, porque entre tantas e tão estrondosas victorias

31. Foi pregado este Sermão em 1820, e depois impresso em Lisboa na Imprensa Morandiana em 1821, com licença da Commissão de Censura. O mencionado Religioso era assás conhecido pelas suas doutrinas liberaes.

(1) Na pag. 19. R.º o titulo: » Sermão que na solemne Acção de Graças pelo Acabamento da Constituição, rendida a Deus Omnipotente na Freguezia de S. João da Praça pelos Portuguezes constitucionaes da mesma Parochia, pregou Fr. Manoel da Conceição Argea em 10 de Novembro de 1822, Lisboa: 1822. Rua Direita da Esperança n.º 60.

» que os Portuguezes alcançárão em todas as épocas,  
» nenhuma tem similitude, nem póde comparar-se com  
» a victoria destes dias. — Mais abaixo: » Aquella Bo-  
» ca Sagrada fallou no Sinay, no Tabor, no Calvario,  
» em Ourique etc. (1). »

Ora se em uma época de liberdade e independen-  
cia de pensamento, em uma época em que á luz do  
pharol da illustração se via ir desaparecendo o *super-*  
*sticioso obscurantismo*; assim a Oratoria Sagrada desaf-  
frontadamente renovava a tradição theocratica tocante a  
uma façanha, coetanea com a fundação da Monarchia,  
sem que merecesse censura alguma da *desfantasiada* phi-  
losophia dos intelligentes; como se poderá tolerar sem  
nausea e superfino desprezo que; depois de uma tão res-  
peitosa veneração prestada áquella pia creença em tem-  
pos de idéas tão democraticas; agora em tempos de um  
regime de caracter muito mais monarchico, o mais in-  
solito e disparatado pedantismo venha insultar os Minis-  
tros Evangelicos, que no pulpito tem fallado, ou allu-  
dido á maravilha sobrenatural de Ourique?

Não é porém só no dominio do pulpito, que vemos  
em nossos dias apreciar a maravilha grandiosa de Ouri-  
que com todos os seus extraordinarios adjunctos. Ha  
tambem da Classe secular quem em seus escriptos te-  
nha defendido o prodigio com todo o typo, com que a  
tradição o tem transmittido. Folgamos de mencionar co-  
mo taes Antonio Lucio Magessi Tavares (2), José Dio-  
go da Fonseca Pereira (3), o Dr. Antonio Feliciano de

211

(1) Assim na pagina 14 do — Sermão que no dia 4 de Julho de 1822, anniversario do Regresso de Sua Magestade o Senhor D. João VI e seu livre Juramento ás Bases da Constituição Política da Monarchia Portuguesa, prégou na Freguezia da Encarnação desta Cidade de Lisboa, na brilhante festa, que por tão saustos motivos fize-  
ram os Directores e Associados Constitucionaes da Praça das duas Igrejas, Marcos Pinto Soares Vaz Preto, Freire da Ordem Mi-  
litar de S. Thiago da Espada e Prior na Igreja Matrix de S. Lourenço da Villa de Alhos-Vedros. Na Typografia Rollandiana: 1822.

(2) Vejam-se: Demonstração Historica e Documentada da Appre-  
ciação de Christo nos Campos de Ourique, contra a opinião do Sr.  
Alexandre Herculano. — Nova Insistencia pela conservação e utili-  
dade da tradição d'Ourique em resposta ao Eu e o Clero etc.

(3) Veja-se o Primeiro Tomo da Historia de Portugal per Al-

Castilho (1), M. M. da Silva Bruschy (2), o mui lido, e polidissimo escriptor Marquez de Lavradio (3) e finalmente o Author de um dos *Livrinhos d'ouro*, publicados debaixo dos auspicios do Dr. Antonio Feliciano de Castilho, que tem por titulo a — *A Batalha do Campo de Ourique*. — O talento conspicuo, por conselho e sob a protecção do qual se publicam este e outros Opusculos, não teve pois duvida alguma em julgar a maravilha da Apparição como um dos objectos, que deviam entrar em o numero *das leituras uteis*, que se deviam propagar por todo o reino (4). Este voto é a todos os respeito de mui alta qualificação contra o incredulo menospreciador da mais gloriosa e mais geralmente recebida tradição patria.

Porém o desvario anti-historico-nacional não barafusta e arremette só contra a theocracia do facto prodigioso de Ourique. Não se contenta tão sómente de vociferar tão audaciosa, como desassisadamente contra os Oradores sagrados, que em seus discursos o tem referido. Ainda vai mais ávante com o pendão do desatino e sandice. Insiste e bate o pé com um *quero porque quero*, em tom insolente e altivissimo, para que, mesmo olhado aquelle feito como entidade historica de cathogoria puramente humana, seja riscado com ignominia, e perpetua execração, dos Fastos Lusitanos; ou pelo menos, seja nelles tido como uma *ninharia*, uma *velhada*, uma *caturrice* de era affonsinha, que ha seculos, indevidamente qualificada por *Mognum Bellum*, está entulhando e estropiando as paginas da *veracissima* historia!.... Porém que? Ha por ventura algum escriptor, dos fins do seculo passado, ou já deste seculo, da polpa e estofa desses

*xandre Herculano, considerado em relação do Juramento de d' Afonso Henriques, pelo mencionado Author.*

(1) Nôs eloquentissimos Quadros Historicos.

(2) Veja-se: *Almanak Portuguez para 1852 sob a direcção de M. M. da S. Bruschy*, pag. 96, no artigo: *Commemorações Patrias, 25 de Julho, Batalha do Campo de Ourique*. Este successo vem sibi narrado com todas as circumstancias theocraticas.

(3) Em um Artigo seu, que lemos em o *Jornal a — Nação* — de 5 de Dezembro de 1853, referindo-se á Batalha de Ourique, disse: " *Facto memorando*, apesar das forças *herculeas* que o tem pertendo negar. "

(4) Veja-se a Advertencia do mencionado Opusculo.

mesmos, que mais se arrufam contra o instrumento documental da maravilha da Apparição, que tenha contestado a grandeza historica da Batalha de Ourique? Nem um só. Haja vista á maneira como se exprimiram os dois Academicos, *paleograficamente* antagonistas d'aquella theocracia, Fr. Joaquim de Santo Agostinho (1), João Pedro Ribeiro (2); e ainda mesmo Antonio de Almeida, que por todas as fórmãs barafusta contra a theocracia do prodigio (3). Nem uma só expressão saltaram elles que deprimisse o grande valor, em que geralmente fôra avaliada tão campal, e sanguinolenta Peleja. — Essa audacia de monstruoso calibre nascida, não duvidámos dizel-o, da mais crassa e indesculpavel ignorancia, e ao mesmo tempo acintoso desprezo pelas façanhas heroicas

(1) Veja-se o tomo 5.<sup>o</sup> das Memórias de Litteratura Portugueza, pag. 336, nota (b).

(2) Digo tambem que este Academico fôra só *paleograficamente* inimigo da Apparição; por quanto o que elle não admite é só a authenticidade do Juramento de D. Affonso Henriques, descoberto em Alcobça, ou de outro que tal como este. Mas por elle não ter admittido este Juramento ou outro equivalente como prova d'aquella transcendente maravilha, segue-se que elle inteiramente a negasse! Ninguém tal ha de, nem deve pronunciar. Tambem o Academico *Fr. Joaquim de Santo Agostinho* não admite aquelle Documento, nem cõusa que o valha; e contado sustenta cordalmente pelo lado da tradição o prodigio sobrenatural de Ourique. — E' de notar que *João Pedro Ribeiro* unicamente se referira e em tudo, ao que expozera antes Fr. Joaquim de Santo Agostinho sobre o tal Juramento, sem declarar que rejeitava a sua opinião favoravel áquella milagrosa Apparição, sustentada pelo indicado fundamento na mesma Memoria. (Veja-se o logar citado em a nota precedente). — O não admittir um fundamento não é pois refusar todos. Temos por tanto que o Paleografo não é o antagonista da Apparição, que vulgarmente se pretende inculcar. (Vej. Observações de Diplomatica Portugueza, Observação X, art. 5.<sup>o</sup>, pag. 141 e 142). — Fosse porem qual fosse a sua opinião sobre a maravilha do Aparecimento de Christo; é inquestionavel que elle dera á Acção bellica de Ourique, sem tirar nem pôr, o nome de *Batalha*. *Persuado-me*, diz elle, *que desde Julho do anno 1139 e Batalha de Ourique tomou o Senhor D. Affonso Henriques o titulo de Rei.* (Dissert. Chronológ., Dissert. 2.<sup>a</sup>, paginas 64).

(3) "E' verdade historica que se venceu a *Batalha do Campo de Ourique* a 25 de Julho do anno de 1139. "Deu ou não elle o nome de *Batalha* á Acção de Ourique? Leve mais este piparote o Escriptor, que tanto na Historia de Portugal, como em outras Publicações, a depreciou com linguagem tão caturra! (Vejam-se Mem. da Acad., tom. 12, parte 1.<sup>a</sup>, pag. 75).

dos nossos maiores; estava como que reservada para occupar o logar de funebre e sepulchral epigramma na ominosa Historia, que só por anti-fraze se póde chamar de Portugal. — *Tantum (proh dolor!) degeneramus à majoribus nostris!* (1)

Nas seguintes Partes desta nossa Obra confutaremos as genuinas e textuaes palavras do Author do intolleravel, e extravagante antagonismo, tão affincadamente sustentado nas paginas daquella *Historia* contra a façanha immortal do Campo de Ourique: no que faremos outrosim especial serviço á verdade tão miseravelmente desmentida, e á gloria nacional eminentemente ultrajada.

(1) Tit. Liv. Lib. 22, cap. 14.

FIN DA PRIMEIRA PARTE.



216

# A BATALHA DE OURIQUE

E

# A HISTORIA DE PORTUGAL

DE

**A. HERCULANO.**

**CONTRAPOSIÇÃO CRITICO-HISTORICA.**

(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES)

AUTHOR

**FRANCISCO REBELLO.**

---

**SEGUNDA PARTE.**

---

Veritas odium parit.  
TEN.

---

---

**LISBOA.**

**NA TYPOGRAPHIA DE G. H. MARTINS.**

Rua dos Capellistas n.º 62.

**1854.**

DP

570

R32

v.2

# REPORT OF THE COMMISSION

## ON THE PROGRESS OF THE WORK

### FOR THE YEAR 1900

Presented to the House of Commons

by the Secretary of State for the Colonies

1901

LONDON: PRINTED BY THE STATIONERS' COMPANY

1901

1901

Printed and Published by the  
Stationery Office

PRINTED BY THE STATIONERS' COMPANY

BY THE STATIONERS' COMPANY

1901

1901



## PRELUDIO.

Costumagem, usança foi sempre velha e de bom costado puritano; quando a materia é d'aquellas que vale alguma bem merecida pena; não só o fazer apparecer, como melhor convem, no palco da polemica todo o preiso, e cathegorico apanagio de aproches a pró da opinião que se agita; mas tambem o levantar o panno, e mostrar em natural esqueleto e sem colorido, nem brunidura as authenticas e formaes *perlengas* ou arengas de antagonista, que a contraria, para serem sem rebugo combatidas. — O primeiro e indispensavel trabalho e affan colloca, e arranja em luminosa guarida todos os materiaes e cimentos que podem positiva, e directamente dar firmeza e solidez ás aserções, que apologeticamente se enunciam. — O segundo toma sobre si bater e dur eaga em detalhe n todas as proferidas e estampadas contepções do Adversario, que por falsas, ou inconcludentes dostam e repugnata. — Aquelle processo devendo produzir uma bem conscripta e arregimentada legião de elementos de uma indole incontestavelmente comprovativa, co-

REPORT OF THE BOARD OF DIRECTORS

DP

570

R32

VIA

STATE OF CALIFORNIA

AND

CITY OF LOS ANGELES

REPORT OF THE BOARD OF DIRECTORS

FOR THE YEAR ENDING DECEMBER 31, 1957

1958

PRINTED AND BOUND AT THE CITY OF LOS ANGELES

1958

STATE OF CALIFORNIA

1958

STATE OF CALIFORNIA

1958

STATE OF CALIFORNIA

STATE OF CALIFORNIA

STATE OF CALIFORNIA

1958

## PRELUDIO.

Costumagem, usança foi sempre velha e de bom costado puritano; quando a materia é d'aquellas que vale alguma bem merecida pena; não só o fazer apparecer, como melhor convem, no palco da polemica todo o preciso, e cathorico apanagio de approches a pró da opinião que se agita; mas tambem o levantar o panno, e mostrar em natural esqueleto e sem colorido, nem bruidura as authenticas e formaes *perlengas* ou arengas de antagonista, que a contraria, para serem sem rebugo combatidas. — O primeiro e indispensavel trabalho e affan colloca, e arranja em luminosa guarida todos os materiaes e cimentos que podem positiva, e directamente dar firmeza e solidez ás asserções, que apologeticamente se enunciam. — O segundo toma sobre si bater e dar eça em detalhe n todas as proferidas e estampadas contempções do Adversario, que por falsas, ou inconcludentes doctam e repugnam. — Aquelle processo devendo produzir uma bem conscripta e arregimentada legião de elementos de uma indole incontestavelmente comprovativa, co-

mo que fórma, no campo bellico de qualquer litteraria ou scientifica controversia, o principal e o mais solido, e macisso do exercito de operações. — O outro arbitrio, reunindo uma forte e compacta phalange, armada de projectis arguitivos, para manobrar debaixo de ordenanças de certa tactica, e estrategia secundaria no *espectaculo*so circo da esgrimidora dialectica, ou arte critica; sem reparo, nem exdruxelaria se pôde ter, ou reputar como arremedo ou o quer que é, que tem alguns delineamentos de corpo de reserva. — O systema do primeiro methodo guerra e torna insustentavel a doutrina, ou cousa que como tal se apregoa, do Campeão adverso, pelos principios inconcussos, que contra ella formal, e eminentemente se erigem, e constituem. O plano do segundo methodo oppugna e faz baquear o mal cimentado edificio do contendor, desmoronando com grossa metralha, e bem calculada ballistica uma a uma as peças que toscamente o configuram. — No primeiro sentido escrevemos a primeira parte da Obra — *A Batalha de Ourique e a Historia de Portugal de A. Herculano*. — No segundo sentido redigiremos a segunda parte e as mais que se seguirem do mesmo Escripto. — Chamar por tanto aos tramites rigorosos da analyse, para inenarravelmente atizar, ou asserções mais, ou menos pseudo-historicas (entre as quæes se estira um effuso e lançado ortho geographico); ora alligações tão heterogeneas, como cheios de ignorância e allucinação, que se encontram em um obpto, em um litterario *cajão*, que se denomina — *Historia de Portugal* —; *patulysmos*, *sofismas*, *dirai ables*, allianente miseravias; com que se alardeia, preliminarmente preoccupar a opinião dominante, para fazer desapprater o conceito subido, em que geralmente foi sempre tido e havido — nã mudo dos eruditos tanto nacionaes, como estrangeiros, o Feito glorioso de Ourique; é a tarefa peculiar, que em defeza da tão attestada verdade historica; temos em vista corajosamente desempenhar nesta e outras partes do grande trabalho. — Inovações de uma exorbitancia tão desconhecida na região da historia; profenidas contra um Heróe de tão indisputavel valor e estima merecida; serão pois fustigadas por justos e bem merecidos látigos.

(1) ...

Que o Author da *suprema e archinommal* Historia de Portugal haia de puzesse a toque de caixa para fóra de suas paginas, como asco, e manedr sigadal tudo quanto subresse, ou cheiasse a influencia theocratica no acontecimento de Ourique, votando ao vilipendio, e sarcasmo a pia e geral creença da miraculosa Apparição de J. C. no primeiro Monarcha Portuguez, ou dos Portuguezes; era isto sobre modo censuravel. Na verdade, renegando elle da nacional opinião defendida, e sustentada pelas notabilidades da sciencia mais conspicuas do paiz, e constantemente avivada nos mais publicos monumentos, na frente até de suberbos, e alterosos baixes (1); preferira antes, ao que parece, senão ganhar emoras, pelo menos fazer humildosa zumbaina ao coqrilho protestante ou cousa que o valha, que tudo desadora e escon-

(1) Com recordações positivas da maravilha de Ourique, collocadas em suas prôas, se tem visto sulcar os mares mesmo ainda em nossos dias as maiores embarcações de guerra. (Damos em prova) a Nô D. João VI. Tinha esta na prôa uma figura de guerreiro com o escudo das armas portuguezas embracado, em torno das quaes se lia: *In hoc signo vinces. Volo in te et in semine tuo imperium mihi stabilire.* Verificámos o facto ainda em 23 de Novembro de 1851, achando-se já a Nô no dique para coveante, que depois não teve lugar. Na *Almanacine Lusitana*, anno de 1847, n.º 41, vem um Soneto, anonymo, feito por occasião de se lançar ao mar (em 24 de Agosto de 1819) a Nô D. João VI. A' collação de que dissemos, explica-se elle no segundo quarteto deste modo: *mas, quando a Nô D. Victoza Lusitana Quinas adreando, e a Nô D. Lysia offerece não vulgar festejo.*

jura quanto se lhe antolha com visos de *aparição* (1)!

— Que porém o *conspicuo* escriptor concebessse no alto pincaro da sua descommunal imaginação, e fizesse saber ao universo lusitano pelos bicos rebellões de sua furi-bunda penna, que a Batalha portentosa de Ourique, dada e ganhada pelos Portuguezes aos Mauritanos, não é aos olhos da illustração, em grandeza e valor, aquillo que unanimente todos os escriptores nacionaes e estranhos tem, em modernos e antigos tempos, declarado ser; tal monstruosidade é ter o arrojo de arvorar em programma de sciencia aquillo, que não é mais que um mero transtorno e aberração cerebral contra tudo quanto prescrevem, e legislam em todos os paizes as Regras da mais fina e apurada critica em objectos de historia.

— E' um alto disparate pretender que a fantasiada opinião de um só individuo tenha mais pezo e quilate na balança da credibilidade, que o voto unanime e constante de innumeraveis Escriptores, cujos assertos sobre matieira illustrados ineluctavelmente condemnam e estigmatizam o faganhado desvario. — Este arrojo, por certo, filho nedio e taludo de uma filauca, e egoismo litterario de marca a mais tudesca o alarvajada; é a todas as luzes do numero d'aquelles, que não podem apparecer no vasto campo da publicidade sem provocarem a mais espontanea e ribombante pateada! — Intentar por acinte e rexa velha demolir do alto gráo, e cathegoria, em que sempre, historicamente fallando, fôra tida em todo o universo a idéa, o pensamento predominantemente á-cerca da grandeza verdadeira e real da Batalha de Ourique; é esforçar-se por levar um dos mais eminentemente faufarronicos projectos ao mais ridiculo dos estramboticos impossiveis! E' radicalmente transtornar ou antes vilipendiar as idéas das cousas, e os vocabulões, que

(1) « On a tenté dans ces derniers siècles de rejeter comme un artifice de l'esprit humain toutes les révélations et toutes les apparitions que des ames chrétiennes pouvoient avoir. » *Traité Historique et Dogmatique sur les Apparitions etc.* Par M. l'Abbé Lenglet Dufresnoy, tom. 1.<sup>o</sup>, pag. 26. — Mr. Lenglet em uma nota, no lugar citado, declara por authores de tal tentativa a *Jurieux* (Apologia em favor da Reforma) e a quasi todos os pretendidos *Reformados*.

tão positiva e frisantemente as exprimam. — Mas que podem, e valem no estado da sciencia, escriptores de uma penna tão mesquiha, e anomala? Estes são visivelmente do numero d'aquelles zoilos pigmeos, que timbram e capsicham, como meio glorioso para subir ao alcaçar do renome, em votar no desdém, e menoscabo (nem outra cousa podem fazer) aquelles sabios, que melhor se houveram nas materias, que elles tão inepta, e bruscamente profanam. *Nec quicquam possunt nisi meliores carpere* (1). Um parto torpe e infeliz deste importante pryido estão sendo os trechos do Author da Historia de Portugal, que servem de guarda avançada contra a Batalha de Ourique; como veremos na discussão, em que vamos entrar.

O Author da Historia de Portugal, inflexivel no seu todo empenho de deprimir a idéa de grandeza, em que sempre fôra tida a Batalha de Ourique; formou o girio, e laberco plano de apresentar em sua Obra, com invidiosa antecipação, como decadente por aquelles tempos, a situação do inimigo Serraceño na Peninsula Hispanica. Conseguiu porém elle com tal estrategia o seu fantasioso intento? De nephuma sorte.

Com liberdade romanesca, e de nephuma sorte toleravel na republica historica, arrastou elle á collação a historieta, ou não sei que supozitêra aranzelada da *revolução politica e religiosa* (excitada em Marrocos pelo berebére Mahadi) *que devia acabar dentro de pouco tempo com a dynastia lantunense* (2). Que faz porém no caso, em desabono do successo heroico, que os *Almohades*, ou *Unitarios*, que reconheciam por fundador da sua seita a *Mohammed-al-Mohadi*, andassem ás cristas, e a final levassem de baixo no territorio Marroquino aos *Almoravides*, que reconheciam por *Khalifa* a *Yousef-ben-Taschfin*, que fundou a cidade e imperio de Marrocos (3)? Que faz sim ao caso que tal borrasca mourisca ou arabesca estivesse em scena pelos tempos da Batalha de

(1) Phedr. L. 2.<sup>o</sup> Epilog.

(2) Historia de Portugal, Tom. 1.<sup>o</sup>, L. 2.<sup>o</sup>, pag. 319.

(3) Précis de l'Histoire du Moyen Age, par Mr. des Michels, pag. 239, e 240.

Ourique, e ainda depois, no mencionado territorio Africano, para d'ahi se poder concluir que é falsa e errada a idéa, que fôra e dentro do palz sempre se fizera da importancia d'aquelle grandissimo Feito bellico? Nada; eminentemente nada. Dirá todo e qualquer critico, que reflectir na immensa distancia, em que ficam as fantasiadas premissas de tão absurda e indeduzivel illação, — Ninguem, ainda dos maiores espadachins contra tudo aquillo que apparece nò panorama da historia com tez e fisionomia de extraordinario, se lembrou por certo jámais de esquadriñar, e fazer para o mercado da argumentação, um cimento tão inconsistente, e buloso, a fim de deturpar, e deprimir o Feito maravilhoso do Campo de Ourique. A prescripção mesmo pois permanente contra a abortiva chimera de tão péca, e setodia lembrança seria mais que de sobejo para a votar ao *Charivari* do mais completo e solemne desprezo; se ainda não houvesse materia nova para o corpo de delicto, que triunfantemente a condemna e anathematiza.

Qual seria na verdade a escóra, a espia, ou pontallete, a que se arrimaria, ou com que se susteria aquella concepção de tão alto e esgalgado romancismo? O cavallo primelro de frisa, com que o escriptor da Historia de Portugal se pretende pôr a coberto, é a passagem que Tachfin fez da Andaluzia para o Maghreb, levando tropas para acudir a seu Pai, que se via gravemente acçado por Abd-el-mumen, discipulo de Mahadi, já se nhor de grande parte das provincias do imperio, o que parecia pôr em eminente ruina a *dynastia lamtunense* (1). » Passou, diz'elle, Tachfin logo o mar, levando com » sigò a flôr das tropas almoravides, que traziam » dos os musulmanos andaluzes, e defendiam as fronteiras » contra os Christãos, augmentando, além d'isso, o » seu luzido exercitò com quatro mil auxillares » mossa- » rabes, homens moços e valentes » (2). — Aqui, como inseparavel preliminar, 1.<sup>o</sup>: Negaremos que Tachfin ao receber ordem de seu pae (3) passasse logo o mar. — Conde,

(1) Hist. de Portug. tom. 1.<sup>o</sup>, pag. 321.

(2) Hist. de Portug. tom. 1.<sup>o</sup>, pag. 321.

(3) Hist. de Portug. ibidem, supra.



ou M. de Marlès por elle, expressamente diz que elle se retirára das margens de Hespanha, cedendo ás instancias reiteradas de Aly. *Tachfin, cédant aux instances réitérés d'Aly, se fut éloigné des rivages espagnols* (1). Ora quem se houve de retirar de um logar qualquer á força de *instancias repetidas*, é evidentissimo que não se retirou logo ou immediatamente d'elle. — Além d'isto o logar da Chronica do Imperador D. Affonso, citada pelo Author em nota, não apresenta expressão alguma que denote promptidão; e presta na retirada de *Tachfin* para *Marrêcos*. Eil-o aqui: *Rex Tachfinus abiit trans mare, etc.* (2). O logo por tanto que á formiga se introduziu com mira de arrastar ou angustiar mais, ao que parece, uma circumstanciaisinha para o intento; não pôde de modo algum ter logar, segundo o proprio testemunho dos Authores, que o historiographo cita e arrebanha em seu apoio. — Melhor seria que os não mencionasse. A manquice não seria talvez tão facilmente descoberta!... 2.º Diremos que não se pôde provar com as palavras de *Conde*, que na mesma nota o Author no referido logar cita, que *Tachfin* levára consigo a *flôr das tropas Almoravides*. *Conde* pois tão sómente escreverá que *Tachfin* tinha passado á Africa, levando em sua companhia *la flor de la caballeria* de los Almoravides; como (contra si) transcreve na indicada nota o proprio Historiador portuguez. — Ninguem em verdade sustentará que — *flôr da cavallaria* — seja synonymo de — *flôr das tropas*. — Muito melhor lhe iria ao novador historico se em logar de citar o texto do *Conde* em hespanhol, citasse antes a parafrase de Mr. Marlès, que se exprime: — *emmenant avec lui ses meilleurs soldats* — (3)! Se construiu porém o texto hespanhol pela parafrase; para que adulterou o original, que produziu, com tão inaudito methodo de traducção, assás alheio da fidelidade historica? 3.º Porque razão deu á *flôr das tropas almoravides*, que consigo levára *Tachfin* (em o texto hespa-

(1) *Histoire de la Domination des Arabes en Espagne etc.*, tom. 2.º, pag. 361.

(2) *Hist. de Portug.*, tom. 1.º, pag. 321, em a respectiva nota.

(3) *Hist. de la Domination des Arabes en Espagne etc.*, tom. 2.º pag. 361.

nhol de *Conde flor de la caballeria*) a denominação de *lusido exercito*? Que fundamentos históricos teve para lhe ajuizar a hyperbolica qualificação? A resposta deve ser curiosa!... Talvez responda que no paiz de romanismo o mesmo seja *flor das tropas*, que dizer *lusido exercito*! Ainda assim ninguém lhe ha de tolerar a fanfarronada da evasiva; pois que ella é equivalente a um absurdo conspicuo. Aonde está sim a identidade de idéas?... 4.º. Porque metteu, e encaixou os *quatro mil mosarabes*, que Tachfin levou consigo para Marrocos, no cados das *tropas auxiliares*; quando o texto hespanhol de *Conde*, copiado em a já apontada nota pelo escriptor da *Historia de Portugal*, para sua salvaguarda, tal nome lhes não dá (1)?... Antes com elle a sua paráfrase por *Marlès* claramente refere que os *quatro mil cavalleiros mosarabes compunham sua guarda*; *Quatre mille cavaliers mosarabes, dont il avoit composé sa garde* (2). Deixada todavia já a tarefa de esmiuçar toda a fórmula de inexactidões, que pejam, e atravancam a passagem copiada da *Historia de Portugal*, vamos ao alto, e amago da questão. — Que prova que Tachfin se aventasse da península hispanica para Marrocos com a *historiada*, e pelo nosso escriptor não menos *romantizada* porção de tropa? Prova acaso que a Mourisma, que ficou na Península, não podia, mais ou menos reunida, formar um corpo de artilhado exercito para se defender; embora com bom ou máo successo; quando fosse aggreddida? Nunca. A illação natural e logica d'aquelle successo é só, que a *lorga sarracena* ficára mais diminuta no territorio hespanhol; e nunca que esta ficasse em estado de não se poder formar em um corpo de exercito mais ou menos forte, para, quando mais, não fosse, se poder corajosamente sustentar. — Tudo o que está fóra desta

(1) *Conde* diz tão somente no original hespanhol: Y así mesmo llevó quatro mil christianos de Andalucia muy diestros en las armas. (Na *Hist. de Portug.*, tom. 1.º, pag. 321, em a nota; onde se cita a Parte 3.ª, e cap. 36 do referido escriptor). — Copiamos o hespanhol com os mesmos erros orthographicos, com que vem transcripto em a nota!

(2) *Histoire de la Domination des Arabes en Espagne*, etc. Tom. 2.º, pag. 361. — *Conde*, Parte 3.ª cap. 36.

filiação é uma tönjectura meramente graciosa. E não é com tão peregrina e adiphora deducção que se anabela destruir a heroicidade de um Feito tão soberjamente consfimmado!... Para o historiographo Portuguez conseguir o seu monospreciador intento de querer que façamos uma apoucada idéa do exercito Mauritano, com quem se batetea D. Afonso Henriques no Campo de Ourique, reduzindo-o á mesquinha, e estitica miniatura de uma guerrilha (qual talvez a do celebrado *Cachapuz*, ou *Romelido*) era preciso que a sua gorda e rechonchuda sapiencia pelegographica desferrolhasse de alguma loja de velhos e carcomidos pergaminhos da media idade algum transumpto, ou autographo sem péco, nem pécha, que apresentasse aos olhos dos incredulos, em numerico detalhe, um mappa veridico de toda a força militar, que *Tachfin* (ou *Fezefin* como escrevem as nossas Chronicas) deixara para sustentaculo da Peninsula. — Em quanto o systematico, e testudo mingoador das gloriae e brazões patrios não apresentar na arena da discussão um tal ou quejando documento, e fulcro historico, creia que tudo quanto aranzelar sobre a materia, ha de levar sem embargo dos embargos o indelevel carimbo do mais magro, e esgazelado idealismo romanesco. — Uma verdade fundamentalmente estabelecida, ou cousa que passe como tal, de qualquer natureza que ella seja, não só não se destroe, mas nem sequer se abala, nem commove do plintho, em que o assenso dos homens illustrados a collocára; quando tão sómente é batida pelo vaivem inepto, e impotente de uma audaciosa imaginação. E' preciso a acção de elementos positivos e reaes, que opere sobre ou contra ella para a desmoronar. Quem assim o não pratica, ignora, ou transgride de caso pensado um dos deveres da mais rigorosa dialectica.

A vista de tão indestructivel argumentação quem poderá tolerar a passagem que vem em seguida na anti-patriotica historia de Portugal? « A partida destas forças, deixando de guarnecidas as praças musulmanas, » abriu caminho ao fogo da revolta, que lavrava nos » animos, e exultou a audácia dos Christãos, que fra- » ca resistência podiam achar nas rareadas fileiras dos » lamtunitas, obrigados a prevenirem-se contra as ten-

» tativas dos proprios narradores de Hespanha (1). »  
Quem não vê que tudo isto é cunha do mesmo pau?  
Que tudo são supposições de igual froco, e jaez? — Que  
bates, que fulcros historicos teve o escriptor para asse-  
verar? Que pela partida d'aquellas tropas ficaram des-  
guarnecidas as praças *musulmanas*? Que a *audacia dos*  
*Christãos fraca resistencia podia chegar nas raras das *flei-**  
*ras dos lamunitas*? Nenhuma, leve; affoitamente. He  
diemos. He pois mais um tropeço ou galope de folgada  
imaginação... Que digo?... E, fallando sem meta-  
phora, um transtorno da verdade!... Sim; é um dos  
proprios escriptores, de que se serve algumas vezes o Au-  
thor da Historia de Portugal, como de favorito bordão,  
e a seu modo acipilha e ageita, que offerece dados posi-  
tivos para concluir asserções contrarias. Ouçamos pois  
o já citado Conde, segundo a redacção de M. de Mal-  
lès: » Durante este tempo (falla já do tempo em que  
Tachin se achava em Affica com a tal *lusido exercito*) a  
» guerra continuava nas fronteiras de Castella e Ara-  
» gão. Os *Musulmanos*, ainda que divididos entre si  
» por interesses e mesmo por algumas differenças nas  
» opiniões religiosas, não eram por isso inimigos meo-  
» irreconciliaveis dos *Christãos*. Não houve todavia que-  
» cesso alguma importante, porque da sua parte os *Chris-*  
» *tãos* estavam muito pouco de intelligencia; e tudo se  
» reduziu de uma e outra parte a correrias no país in-  
» tigo, á ruina de algumas aldeas, á tomada e reto-  
» mada de algumas praças; e sobre tudo á devastação  
» dos campos, que as partidas atravessavam reciproca-  
» mente em suas marchas (2). » Desta positiva e termi-

(1) Hist. de Portog. Tom. 1.º, Liv. 2.º, pag. 321.

(2) Pendant ce temps, la guerre continuait sur les frontières de la Castille et Aragon. Les *Musulmans*, quoique divisés entre eux par les intérêts, et même par quelques différences dans les opinions religieuses, n'en étaient pas moins des irréconciliables ennemis des chrétiens. Il n'y eut pourtant aucune affaire importante, parce que de leur côté les chrétiens étaient fort peu d'intelligence; et tout se réduisit, de part et d'autre, à des courses dans le pays ennemi, à la ruine de quelques villages, à la prise et à la reprise de quelques places et sur tout à la dévastation des campagnes, que les partis traversaient réciproquement dans leurs marches. (Histoire de la Domination des Arabes etc. Tom. 2.º, pag. 361 e 362).

manife passagem já mais se poderá concluir, que os Mu-  
sulmanos fossem inferiores em forças aos Christãos; e  
também que se eram iguaes, pois mutuamente se hos-  
tilizavam *aque* *Mulle*. — A narrativa do redactor de *Guia*  
de comprehende aquella parte do anno de 1137 immé-  
diatamente depois que Tachfin (segundo a chronologia  
do mesmo Conde) tivera partido da Andaluzia para  
Marrocos. — Ella pois visivelmente desmente a narra-  
tiva do Historiador Portuguez. — Na verdade q' como se  
podera' ella conciliar tanto com o *degnar* *nocimanto*; em  
que, segundo o historiador Portuguez, ficiam as pragas  
musulmanas; como com a *fraca* *resistencia*, que os Chris-  
tãos podiam achar nas rureadas *fleiras* dos *tantinatos*;  
conforme o mesmo também nos impinge na sua narra-  
tiva? A opposição é evidente; e irreconciliavel.  
— Porém não é só esta a *refrega* que elle apresenta o  
Author da *Historia do dominioção dos Arabes e dos Mou-  
ros em Hespanha e Portugal*. Transcrevamos ainda mais:  
« O Imperador Affonso tinha feito a paz com os prin-  
cipes confederados; era natural que ella voltasse con-  
tra os Mouros as armas, que a necessidade o tinha  
obrigado a empregar contra os Christãos. Elle fez  
marchar tropas da banda d' Andujar e de Jaen; po-  
rém uma das suas divisões tendo se separado do prin-  
cipal do exercito; e passado o Guadalquivir; foi envol-  
vida por forças superiores e totalmente destruida. —  
O Imperador; desanimado por este accidente; tornou  
para Toledo; sendo mesmo obrigado a abandonar o  
reino de Caria; que fizera sustentar por uma outra  
divisão de suas tropas. » (1) Quem houver a villa  
destos acontecimentos, (que pertencem ao anno de 1138)  
que se atreve a escrever, e offerecer estampado nos olhos  
seu (e não de mais) a *refrega* de *degnar* *nocimanto* *degnar* *no*

(1) L'empereur Alphonse avait fait la paix avec les princes con-  
federés, il etait naturel qu'il tournât contre les Mouros les armes  
que la nécessité l'avait contraint d'employer contre les Chrétiens.  
Il envoya des troupes du côté d'Andujar et de Jaen; mais une de ses  
divisions s'étant séparée du gros de l'armée et ayant passé le Gua-  
dalquivir, elle fut enveloppée par des forces supérieures, et totale-  
ment détruite. — L'empereur, découragé par ces accidens, retour-  
na à Tolède; il fut même obligé d'abandonner le royaume de Carie, qu'il  
faisoit faire par une autre division de ses troupes. (Histoire de la  
Domination des Arabes etc. Tom. 2.<sup>o</sup>, pag. 362).

de todo o mundo, que pela partida de Tachfin para Marrocos ficassem *desguarnecidas as praças musulmanas*, e que as *rareadas fileiras dos lamtunitas opporessem fraca resistencia á audacia dos Christãos?* Quem, a despeito do clamor historico, similhante ardimento commetter, se não obtiver a indulgente escusa de crasso ignorante, mal poderá escapar da ultrajante nota de historiador de má fé com intuito de despreciar, de aviltar os heroismos patrios! — Não são porém só estes os artigos de contestação contra o menoscabador das maravilhas monumentaes do paiz. Ainda temos mais peculio de elementos de positiva contrariedade. É o que vamos a trasladar do mesmo citado escriptor: » No anno seguinte te (1139; anno da Batalha de Ourique) foi (o imperador D. Alfonso) atacar Oreja, cuja guarnição, por suas frequentes excursões, insultava as vizinhanças de Toledo; e depois de um bloqueio assás longo se assenhoreou della. — Diz-se que durante este cerco os *Walis de Sevilha, de Cordova e de Valença, tendo reunido suas forças e querendo operar uma util diversão, cahiram sobre a fortaleza d'Azeca, aonde se achava Berengaria, mulher do Imperador (1).*

Quanto esta narrativa não está perfeitamente em desacordo com as fantasiadas illações, que dera como resultados reaes o Author da Historia de Portugal! Indisputavelmente mostra a sua insubsistencia. — Na verdade como se pôde asseverar com absoluta generalidade, que *as praças musulmanas ficaram desguarnecidas pela ausencia de Tachfin, quando a historia manifestamente affirma que a guarnição de Oreja com frequentes excursões insultava as vizinhanças de Toledo?* — Como se pôde affirmar que os *lamtunitas tivessem as fileiras rareadas*, quando historicamente se sabe (além do mais) que

(1) *L'année suivante, il alla investir Oréja, dont la garnison, par ses excursions fréquentes, insultait les environs de Tolède; et après un blocus assez long, il s'en rendit maître. — On dit que, pendant ce siège, les walis de Seville, de Cordoue et de Valence, ayant réuni leurs forces et voulant opérer une utile diversion, se portèrent sur le forteresse d'Azeca, où se trouvait Bérengère, femme de l'empereur.* (Histoire de la Domination des Arabes etc. Tom. 2.<sup>o</sup>, pag. 362 e 363).

ellas não só sustentaram o assés longo cerco de *Oreja*; mas durante este reuniram forças para atacar *Alzén*. Quem faz correrias, devastações, ataques e sortidas frequentes, e pela fórma que a historia assés fidedigna o relata; pôs sem dúbida que está muito longe de merecer aquella falsa pintura do painel de atrophia, que o historiador portuguez imaginára.

Ainda mais: O historiador portuguez invocou em seu apoio a authoridade de *Conde*; e que tremenda estotegadéla não ferrou elle no que diestra o historiador hespanhol? Escreveu este que — « a flor da cavallaria » dos Almoravides que *Tachin* levára em sua companhia para a Africa, *fixera notavel falta* na Hespanha para acudir ás revoltas e perturbações, que pela sua ausencia alli se excitaram » (1). Acaso entendeu *Conde* a *notavel falta, que fixera* na Hespanha aquella tropa, que *Tachin* levára consigo, do mesmo modo, e na mesma accepção, em que a entendeu o escriptor portuguez? Ninguem já mais o poderá testificar. Pelo contrario o historiador ou compilador hespanhol, se uma tal intelligencia concebesse, seria desmentido pelos proprios factos, que elle em varios logares, ou *Me. de Marles* por elle, como já vimos (2), refere. O proprio *Conde*; e pelo menos o seu parafraseador, é pois quem faz ver que o historiador portuguez torçera com incompativel violencia as suas palavras. Porém ainda quando com aquella *notavel falta* formalmente se provasse (o que já fica contestado) a fraqueza das forças lamunitas no territorio andaluz; d'ahi não se poderia tirar argumento paralelo, que em rigor colhesse, para se fazer ver o numero diminuto de tropas

(1) *Pasó* (el Príncipe) a Africa llevando en su compañía la flor de la caballeria de los almoravides, que hizo notable falta para las revueltas y turbaciones que en España se suscitaron en su ausencia: y así mismo llevó quatro mil mancebos Christianos de Andalucía muy diestros en las armas. (Historia de la Dominación de los Arabes en España, Part. 3.<sup>a</sup>, cap. 36, pag. 286). — O mesmo trecho se lê (e por signal, como é fácil verificar, com alguns erros de orthographia), em a nota da Historia de Portugal, tomo 1.<sup>o</sup>, pagina 321.

(2) Nas passagens que ficam transcriptas da Obra: *Histoire de la Dominación des Arabes en Espagne etc.*

musulmanas, que compunha o exercito inimigo em a Batalha do Campo de Ourique. Era preciso descer a outros argumentos mais positivos e directos que assás o demonstrassem. Não ha porém um só, antes o contrario: — Vamos proseguindo na indeclinavel derrota que o leva a evidenciar. Nella chamaremos, como sempre, conjuntamente ao Areopago da analyse as mesmíssimas palavras do anti-nacional historiador.

... Todavia antes de entrarmos nesta tarefa substancial, é forçosa que deitemos primeiro a luneta critica sobre certos combros e corcovas historicas, que ficam nas ancas, retaguarda ou recosto da esplanada.

... » A entrada (diz o Historiador portuguez no fim » de uma nota) de Affonso VII até o Guadalquivir, e » a divisão do seu exercito em partidas provam, além » d'isso, claramente a ausencia de Tachfin e da cavalia » laria almoravide (1). » Este periodo vem logo em confirmação depois do annotador ter declarado que a Chronica do Imperador Affonso VII *puzera a partida de Tachfin (para Marrocos) em 1138; mas que elle tirara a data de 1137 (que com preferencia adopta na historia) da relação de Conde.* — Que successos são esses, que provam claramente que a ausencia de Tachfin e da cavallaria almoravide acontecera em 1137, que nenhum historiador ainda caracterizou com tal força, nem poder? Como é que essas provas *claras*; e da natureza d'aquellas que convencem pelos effeitos ou resultados; não fizeram mudar de opinião, não digo já ao author ou authores da Chronica de D. Affonso VII, mas nem ainda ao insigne Historiador João de Ferreras, que sim põe a mencionada ausencia em 1138, e apenas que o Imperador D. Affonso levantou o cerco de Coria (2)? Se as provas indicadas pelo escriptor portuguez tivessem a clareza, que elle lhes suppõe, por certo que Ferreras

(1) Hist. de Port. Tom. 1.º, Liv. 2.º, pag. 321.

(2) On n'eut pas levé le siège de Coria, que le Roi-Tachfin entretenoit à Maroc tous les Chrétiens Mozarabes de ses Domaines en Espagne, pour se servir d'eux dans la guerre qu'il avoit avec les Almohades, à cause de l'expérience que l'on avoit de leur valeur. (Histoire Generale d'Espagne, traduite de l'Espagnol de Jean de Ferreras etc. par Mr. d'Hermilly, tom. 3.º, pag. 408).



não teria a menor duvida de pôr a partida de Tachfin em 1137. Se o não fez, de crer é que sua critica perspicaz tal clareza não achasse.

Deixando porém de recorrer a Authores, os quaes, pela diversa opinião que seguem, assás mostram que a asserção do Escriptor portuguez não tem inabalavel fundamento; perguntarei outrosim porque ha de a *entrada de Affonso VII até o Guadalquivir, e a divisão do seu exercito em partidas, provar claramente a ausencia de Tachfin e da cavallaria dos Almoravides?* Por certo que o historiador *vastissimo* não ha de poder apontar um só documento historico, que prove que as manobras ou operações do exercito de Affonso VII, fossem o resultado da partida de Tachfin para Marrocos!... E não se podendo provar a necessidade deste resultado como proveniente d'aquella causa; porque se ha de privar a Affonso VII do poder de operar com o seu exercito por aquella fórma, mesmo estando o Tachfin ainda em Hespanha? Tanto esta hypothese é não só factivel, mas até provavel (e direi mesmo preferivel), que Ferreras, dando a partida de Tachfin depois do cerco de Coria (1), visivelmente reconhece que elle se achava em Hespanha, quando teve logar aquella *entrada e divisão do exercito* de D. Affonso. — Por tanto as operações militares deste Imperador só poderiam ter, quando muito, por causal conjecturavel a ausencia de *Tachfin e da cavallaria almoravide*, se se podesse presumir por alguma fórma da respectiva historia que o Monarcha Hespanhol estivera á espera da retirada do seu adversario, para levar a effeito o seu plano hostile contra os Mouros. A historia porém só nos offerece positivos dados para asseverar que o Imperador só esperava fazer a paz com os Príncipes Christãos, que contra elle se tinham confederado, para logo pôr em acção as referidas manobras contra os Musulmanos; o que teve logar já no anno de 1138 (2). D'aqui se conclue sem custo, que, além de ser falsa, como já se fez ver, a decantada fraqueza da força dos lamtuni

(1) Veja-se a passagem de Ferreras já citada a pag. 16, nota.

(2) Marlés, tom. 2.<sup>o</sup> Hist. de la Domination des Arabes etc. pag. 362. — Esta authorityde vem por integra a paginas 21 desta Parte.

tas; igualmente é frustrada empreza o pretender esbelecer sem questão, e como cousa corrente, a designação do anno, em que se verificou a ausencia de Taifim com as tropas que o acompanharam; que se fante como causa influente d'aquellas operações. — E' um motivo que faz caducar o insustentavel e inaudito pretexto, que o Author da Historia de Portugal sonha para depreciar o grande e maravilhoso Feito de vossos maiores, como tal sempre havido e avaliado nos Annaes das Nações!.... Passemos agora ao texto da historia: » Neste estado de cousas, Affonso VII, fez » a paz com o infante de Portugal, preparou-se para » invadir o territorio musulmano (1). » — Que esta de cousas é esse? Não é aquelle que o Historiador portuguez concebeu em sua tão productriz fantasia? E' o desmentimos porém com as passagens transcriptas na *Historia da Dominação dos Arabes na Hespanha* etc. (Pag. 12, 13, 14, nas notas). Desmentil-o-hiamos tambem, fosse necessario, com o testemunho de Ferreras. — E' q' diverso quadro nos apresenta este escriptor hespanhol quando nos dá a paz celebrada entre os dois contendores. Lobrigam-se acaso alguns pertos ou longes de *fraca resistencia nas fileiras dos lumtunitas*, que lhes grangêe alcunha de *rareadas*? Tudo ao contrario. A incursão dos Mahometanos nas terras de Portugal, e não o seu estado de decadencia, fôra até a causal que moveu e precipitalmente a D. Affonso Henrique a arranjar a paz com o Imperador (2). — De accordo com estas verdadeiras idéas historicas, e em opposição á falsidade com que o historiador portuguez, para deprimir o grandioso feito de Ourique, pretende de antemão representar esse notavel abatimento as forças do poder mauritano; temos igualmente um affamado escriptor de nossos dias que menciona entre as causas, que decidiram a D. Affonso VII a *ajustar e concluir uma tregoa com o Infante Portuguez, as incursões, e o progresso dos Sarracenos nas fronteiras meridionaes de Castella e Leão*. O escripto

(1) *Histor. de Portug.* tom. 1.<sup>o</sup> pag. 321.

(2) *Hist. Gener. d'Espagne.* Tom. 3.<sup>o</sup> pag. 402.

a que nos referimos é o Doutor Henrique Scheffer (1). Pelas citadas expressões se vê claramente quão diverso era o estado de cousas, em que se achavam os Mouros, d'aquelle com que nos quer emballar, ou embaír o historiador portuguez! — *A defeza do seu paiz*, em que por occasião da tregoa se occupou D. Affonso Henriques contra os Sarracenos, é tambem outra prova manifestissima contra a fantasia do *excentrico* historiador (2). O estado de enfraquecimento, em que elle representa as forças Mauritanas, não condiz por certo com a tal defeza preventiva! — *Preparou-se para invadir o territorio musulmano*. — Se se entende, conforme tôa, de um modo relativo, e na mera hypothese d'o Imperador D. Affonso não andar em guerra com os Mouros durante a desavença com o Infante de Portugal; esta intelligencia é insustentavel. Temos de facto terminante prova. — Foi pois no mesmo anno, e pouco mais ou menos pelo mesmo tempo, em que o Infante, ou Principe de Portugal estava em campanha, á testa de suas tropas, para fazer frente ao Imperador, (e quem, que fôr lido nas historias do reino visinho, o não sabe!) que tivera logar a devastadora e mortifera irrupção ou invasão do Conde D. Rodrigo Fernandez, governador de Toledo nas terras dos Mahometanos, que se estendeu até Serpa; aonde elles lhe fizeram opposição (repare-se bem) *com numerosas tropas* (3). — Se porém, como tem toda a

(1) Na sua Historia de Portugal, pag. 76. — Citemos por integra o paragrafo seguinte da traducção portugueza, que é a que temos á mão: » Entretanto, as invasões, e o progresso dos Sarracenos nas fronteiras meridionaes de Castella e Leão; e os projectos que se meditam e preparam em Aragão reclamavam da parte de D. Alphonso Raymoudez a mais circumspecta attenção: elle, para bem acudir onde sua presença era mais altamente reclamada, e porque nenhuma vantagem lhe resultavam da continuação da guerra com Portugal, se decide a ajustar e concluir uma tregoa com o Infante Portuguez. D. Affonso Henriques soube bem aproveitar esta suspensão *para ir logo occupar-se da defeza do seu paiz sobre um outro ponto.* »

(2) Veja a passagem transcripta em a nota precedente, no ultimo periodo. — Lêa-se tambem a pag. 77 da citada Historia do Dr. Scheffer.

(3) Pendant que le Prince de Portugal étoit en Campagne à la tête de ses Troupes, pour faire face à l'Empereur Don Alfonse etc. Après dans ce même tems, le Comte Don Roderic Fernandez, gouverneur de Toléde, fit une irruption sur les Terres des Mahomé-

probabilidade, usou do termo *preparou-se* com intuito tambómente de querer indicar o mais decidido e omnimodo aprestamento da parte do Imperador para exclusivamente *invadir o territorio musulmano*; temos cahido e estatulado o historiographo na mais flagrante contradicção! Como poderá na verdade elle combinar a idéa do *preparo* para a invasão da parte do Monarcha hespanhol, tomada em a sua mais provavel e positiva accepção, com a *fraca resistencia*, que a *audacia dos Christãos podia achar nas rareadas fileiras dos lamtunitas* (1)? *Preparar-se* para combater *fileiras de Mouros rareadas* no tom e alturas, em que as representa o Historiador portuguez; é mais proprio de um D. Quichote, que de um Monarcha, que pela sua bravura merecera a antonomasia de *Batalhador*!... Os Criticos hespanhoes, por certo que, maravilhados do falso e revoltante cheque dado pelo escriptor portuguez na gloria de um dos seus mais conspicuos Monarchas guerreiros, mal poderão deixar de nelle reconhecer mais um elemento campanudo para elevar ao galarim a sua Historia!... Continuemos porém ainda a transcrever e a analyzar:

» Posto que o rei de Navarra continuasse a susten-  
» tar a guerra contra o monarcha leonez, este fazia-a  
» alli pelos seus capitães, e livre das inquietações que  
» lhe davam os portuguezes pelo lado da Galliza, avan-  
» çou na primavera de 1133 até ás margens do Gua-  
» dalquivir (2). » — E' por ventura verdade que o *Rei de Navarra continuasse ainda a sustentar a guerra contra o Monarcha leonez* (D. Affonso VII) quando este

tans avec les Troupes des Frontières. Suivant le cours de la Guadiane, il saccegea et détruisit toutes les Places qu'il trouva sur sa marche, et il enleva beaucoup de personnes et de bestiaux. Il pénétra ainsi jusqu'à Serpa, où les Alcaïdes Mahométans se presentèrent à lui avec de nombreuses Troupes. Quoiqu'inférieur en nombre, il les attendit de pied ferme, leur livra bataille, les tailla en pièces, et retourna à Tolède avec son Armée victorieuse et enrichie des depouilles des Ennemis. — Assim Ferreras, referindo se á Chronica do Imperador D. Affonso. (Histoire Generale d'Espagne, tom. 3.º pag. 403 e 404). — Os successos referidos tiveram lugar no anno de 1137.

(1) Historia de Portugal, tom. 1.º pag. 321.

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 321.

*febre das inquietações, que lhe davam os portuguezes pelo lado da Galliza, avançou na primavera de 1138 até ás margens do Guadalquivir? E' antes de crer que seja falso! Abro a Historia Geral d' Hespanha de João de Ferreras; e no ultimo periodo do paragrafo, em que menciona o que parece terem feito os generaes enviados pelo Imperador D. Affonso á fronteira de Navarra, acho já realizada, conforme crê o historiador, a reconciliação dos dois contendores, figurando alli já esta reconciliação como derradeiro acontecimento do anno de 1137. Eis-aqui as suas palavras: » Au reste à juger par la » suite de l'Histoire, il y a tout lieu de croire qu'il se » fit quelque arrangement entre l'Empereur et le Roi » Don Garcie (1). » Ainda é mais terminante, e positiva a passagem de Mr. de Marlès. Este sem hesitação affirma ter o Imperador D. Affonso feito já a paz com os principes contra elle confederados, quando tivera logar a tal avançada, ou invasão até ás margens do Guadalquivir ou além d'ellas: » L'empereur Alphonse avait » fait la paix avec les princes confédérés; il était natu- » rel qu'il tournât contre les Maures les armes que la » nécessité l'avait contraint d'employer contre les chré- » tiens. » (2) Este historiador colloca já este acontecimento no anno de 1138. — Agora perguntarei ao *habile* e impagavel transtornador da Historia dos dois paizes em que documento, ou monumento historico encontrou elle, que a mencionada *avançada* até ao Guadalquivir se indicasse, vagamente fallando, ser *na primavera*? Creio que foi algum ensejo de calculo romantico, que lhe acodiu e deu movimento aos bicos da penna!... Se elle pensa porém que para innovar a frase, ou arrebicar o periodo seja licito inserir, como por ensancha, no corpo da historia alguma variedade de circumstancia de tempo, ou de logar, de cunho, não digo já *falso*, mas ainda mesmo de caracter meramente de *illação* (não obstante a expressão ou narrativa dos documentos, e d'aquelles que primeiro os deviam ter esquadrinhado) com todo o*

(1) Tom. 3.º pag. 405.

(2) Histoire de la Domination des Arabes etc., tom. 2.º pag. 362.  
— Veja se a nota que vem a pag. 13.

apparato e louçania de verdadeira ; persuada-se que profundamente desconhece a natureza do terreno, que blasona cultivar ! A mencionada expedição, segundo a Chronica de D. Affonso VII, teve logar no mez de Maio. Acaso julga o historiador Portuguez que seria tão o mais exacto, escrevendo indeterminadamente que fôz *na primavera* ? Ninguem tal pôde, nem deve dizer. — O historiador não só falta á verdade quando escreve o que não é ; mas tambem quando generaliza, ou mais o menos restringe aquillo que os documentos expressamente asseveram ! ( V. Chron. Adef. L. 2. n.º 60 ).

» Deste ponto, » continúa a *Historia*, » dividindo » o exercito em corpos volantes, mandou-os a devastar » e saquear os districtos de Jaen, Baeza, Ubeda e Alcazar » dujar, queimando os logares abertos, e destruindo os » campos e arvoredos (1). » Quem precisamente disse ou por onde constou ao Escriptor portuguez que o Imperador D. Affonso VII escolheesse para *ponto* militar donde mandára o seu exercito saquear as terras, acabadas de mencionar, as *margens do Guadalquivir* ? Em que Mappa, em que detalhe, em que roteiro militar encontrou elle designado uma semelhante localidade para um tal fim ? Em que pergaminho achou garabulhada em fim o fundamento em que se estribou, e fez solemnemente fincapé para, de sciencia certa, vir a lume com a tal de coberta strategico-topographica ? Será por ventura a guma versão textual e litteral de algum nunca visto diploma ? Ou apenas mera illação, ou ampliação historica, por não dizer romantica ? — Dos historiadores hespanhoes ha quem tansómente nos refira que o Imperador formando um numeroso exercito das tropas, que pôde reunir do reino de Leão, e Castella, marchára para Andaluzia, a fim de empregar suas armas contra os inimigos do nome Christão (2). Será o mesmo porém marchar para a Andaluzia que marchar para as margens do Guadalquivir ? Será por ventura synonymo, e identico o tomar as margens do rio pelo nome indistinctamen-

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 321 e 322.

(2) Ferreras, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3.º pag. 406.

da provincia, que elle banha, ou divide? Nunca. A parte não pôde, por figura, aqui (nem em qualquer narrativa historica) substituir o todo! — Não indicou porém o citado Historiador da nação visinha tal ou equivalente ponto na Andaluzia, donde o Imperador fez marchar o seu exercito para o referido effeito. E' esta uma verdade que não tem opposição. Unicamente noticiára que a pilhagem nas quatro terras nomeadas se realizára, tendo chegado ou *entrado* o exercito imperial em Andaluzia (1). E chegar ou entrar em Andaluzia será logo chegar; ou entrar nas margens do Guadalquivir? Não creio que haja alguém tão baldo em conhecimentos geographicos, que admitta a inepecia da affirmativa! Todo o mundo sabe que ha muitos pontos na Andaluzia assás distantes das margens do Guadalquivir. Um delles é aquelle que visinha com o Porto de Muradal (2), por onde se presume até ter entrado na Andaluzia o exercito do Imperador (3). Por tanto se é certo que o exercito do Imperador começára as hostilidades contra os Mouros logo que entrára em Andaluzia, e este ponto da tal entrada pudéra ficar distante das margens do Guadalquivir; porque se ha de admittir, sem fundamento algum provavel, que o ponto de partida para as operações d'aquelle exercito só se realizára depois da sua avançada até ás margens do mencionado rio? Entenderá o historiador portuguez que os *districtos* das terras invadidas são a mesmissima cousa, que as margens do Guadalquivir? Quando elle podesse formal, e rigorosamente sustentar a synonymia, ou identidade territorial, nunca poderia fazer ver que os taes *districtos* eram pontos de partida *donde* e não *para onde*, como manifesta a historia (4), o exer-

(1) Ferreras, , no logar citado em a nota precedente.

(2) *Muradal ó el Puerto de Muradal, transito y passage de las montanas de Sierra Morena, por donde se entra de Castilla la Nueva en Andalucia, azia las fronteras de Portugal. — Los antiguos llamavan á esse paraye Saltus Castulonensis, por estar immediato a una ciudad antigua que dician Castulon, que oy es una aldea, llamada Castona.* (Moreri, traducção hespanhola).

(3) Ferreras, no logar já indicado etc.

(4) Poremos agora por extenso o texto da Historia de Ferreras, que abrange as tres ultimas citações, que della fizemos: » L'empereur, qui ne souhaitoit rien tant que d'employer ses Ar-

cito do Imperador devia ser mandado fazer hostilidades. — O Author portuguez portanto, que aliás reconheceu em sua historia, com a opinião recebida, o termo definitivo do movimento do exercito (no que mostra não constituir em um só e mesmo local a simultaneidade dos dois pontos); para que se havia de adiantar em indigitar o tal ponto de partida, que a historia deixou ficar no barathro do silencio? Em uma historia, que tanto se preza de vergar debaixo do pezo de *luminosos documentos*, é um labéa não pouco revoltante o sarabandeur fóra do ambito prescripto delles! — Eis-aqui as reflexões, ou objecções, que algum Critico mesmo tolerante, que confrontar a narrativa historica do Escriptor portuguez com a do historiador hespanhol sobre o ponto em questão, poderá sem muita difficuldade fazer figurar no campo da censura.

A taes, ou equivalentes reparos mais e menos enfileirados para guertear o designado *ponto de partida*; que responderá o seu primeiro historiador, que o dérá á luz? É bem de ver qual deya ser o camartello de que

» mes contre les Ennemis du Nom Chrétien, ordonna au Comte  
» Don Roderic Fernandez, Alcayde de Toléde et au Comte Don  
» Roderic Martinez, qui avoit le gouvernement de Léon, de pré-  
» parer toutes leurs Troupes. Il se rendit ensuite en personne avec  
» celles de Castille, à Leon, où le Comte Don Roderic Martinez  
» arriva aussi peu de tems après avec les siennes. Aiant ainsi formé  
» une Armée nombreuse, il marcha vers l'Andalousie; et y étant  
» entré, à ce qui paroît, par le Port de Muradal, il commença à  
» mettre au pillage les environs d'Andujar, de Bæza, d'Ubeda et  
» Jaen, dans lesquels il mit aux fers beaucoup d'Infidèles, enle-  
» va toute sorte de bestiaux, et fit une riche butin. Un Corps de  
» Troupes Estremaduroises s'étant détaché de l'Armée, sans la per-  
» mission de l'Empereur, passa la Rivière, et fit une prise conside-  
» rable; mais surpris par la nuit, il fut obligé de rester de l'autre  
» côté de la Rivière, en attendant le jour. Vers le milieu de la  
» nuit, il s'éleva une furieuse tempête, et il plut tant, que la Ri-  
» vière étant grossie considerablement, le lendemain matin elle ne  
» se trouva plus guéable. Les Mahométans avertis de l'embaras où  
» étoient les Chrétiens, se disposèrent à les attaquer sur les neuf  
» heurs du matin. En vain les Estremadurois demanderent du se-  
» cours à l'Empereur et à ses Généraux, ils n'eurent d'autre ré-  
» ponse, sinon qu'il étoit impossible de leur en donner, à cause de  
» la crue des eaux de la Rivière. Ainsi ils furent tous égorgés par  
» les Infidèles à la vu de l'Armée de l'Empereur etc. (Hist. Ge-  
ner. etc. tom. 3.<sup>o</sup> pag. 406 e 407).



haja de lançar mão para desboroar o tabique ou taipul contra elle levantado. Desce ás catacumbas dos caboucos paleographicos, e que fará elle d'ahi desembestar, que não seja já, e ha muito, do dominio de toda a gente? E' com o velho, e crespo pergaminho da Chronica de D. Affonso VII com que elle se me figura vem atracado, e ajoujado para fazer fogo contra a bateria. Debalde todavia applicará elle a vella mixta á espoleta para fazer rebentar o canhão. Em que logar da Chronica de D. Affonso VII se acha escripto que as margens do Guadalquivir fossem o ponto de partida, d'onde o Imperador, *dividindo o seu exercito em corpos volantes*, o mandára fazer *saques e devastações* nas mencionadas terras? Em nenhuma parte; responderá todo aquelle que a ler. E' verdade que a Chronica Affonsinha refere que o Monarcha se viera acampar junto do rio Guadalquivir: *et abiens castrametatus est juxta flumen quod dicitur Guadalquivir*. Mas aonde está aqui o tal ponto de divisão, e partida das suas tropas para aquella expedição? Nem aqui, nem em parte alguma se lobriga algum vestigio do affirmado ponto! — Em que escaninho, em que paradeiro invisivel foi pois o seu faro paleografico dar com a *incognita*? De que fuma obscura e impermeavel fez desabrozar o mysterioso ponto encoberto? Para que é mais? O tal ponto, que ninguem, a não ser o historiador *original*, fez ainda dar á estrêa, ou debute, mesmo no mercado ou feira da ladra da historia mais extravagante, e depreciada, veio nu em pêlo á nascença, do cachão, ou fervedouro das illações romanticas, de que tanto se pavonêa a tal *inimitavel* historia! — Na verdade, acaso porque o Imperador se veio acampar perto ou nas margens do Guadalquivir, segue-se logo, e de um modo intergiyersavel, que d'ahi fôra o ponto de partida para a mencionada excursão? Para se sustentar a affirmativa, era primeiramente necessario fazer-se ver que de nenhum outro ponto ella podia ter sido feita, mesmo *chemin faisant*, antes d'aquelle Real acampamento. Esta demonstração porém seria impossivel!....

Mas não é só esta descoberta que fez o historiographo Lusitano na tactica, que seguiu Affonso VII. Refere-nos tambem que *dividira o exercito em corpos volan-*

tes. — De que Archivo, ou Tombo historico desentranharia elle esta marcial evolução, que escapou ao paleografico microscopio dos escriptores da nação visinha? De que cacifo, ou cafuza desenterrou, e transferiu para o olho do sol, o engelhado diploma, que documentalmente affiançou o plano de guerra offensiva, que houve em pratica aquelle Imperador? Não nos descobriu o segredo; nem tão pouco, estamos certissimos, o ha de poder descobrir! Os historiadores hespanhoes (e por elles damos o conspicuo testemunho d'aquelle, que por vezes temos allegado) tamsómente deixaram lançado nas paginas de seus escriptos, salva a redacção: *Que D. Afonso tendo formado um numeroso exercito marchara sobre Andahuxia, e havendo ahí entrado começara a metter a sacco as risinhanças de Andujar, Baeza, Úbeda, e Jaen* (1). Ora se os Escriptores da nação visinha (que melhor devem entender nas suas cousas, que o escriptor portuguez nas delles, pois como reza o proverbio: *Mais vê o tólo no seu, que o avisado no alheio*) tamsómente se reduziram á noticia do facto, sem menção alguma sobre o methodo estrategico das hostilidades; para que ha de o historiador portuguez fazer manobrar a seu geito o exercito do Imperador, *dividindo-o em corpos volantes*? Acaso não póde qualquer exercito fazer devastações, saques, e pilhagens sem se *dividir em corpos volantes*? Negal-o, seria miseravelmente desconhecer a antiga e moderna historia das devastações. Para que havia pois o historiador portuguez dispôr de um exercito no campo de Marte com mais facilidade, que um rapaz brincão dispõe de um baralho de cartas, fazendo dellas gato e çapato, para representar o seu ideal bellico?

Porém que bulha, que *catrapoz* é esse, que de subito se me figura estar já fazendo matinada nos ouvidos do censor? Não se assustem!... E' o Author da Historia de Portugal, que correndo á desfilada, mais ligeiro que

(1) *Ferreras*, no lugar que ha pouco citámos. — Não desmente delle o testemunho de Mr. de Marlé: — *Il envoya des troupes du côté d'Andujar et Jaen. (Histoire de la Domination des Arabes etc. tom. 2.º pag. 362).*

o Nise do Mantuano, ali vem furioso como um paladino com a Chronica de D. Affonso VII, servindo-lhe de montante, na mão, para aparar e repellir os golpes, com que o molesta o bastão inexoravel da zurzidora critica! — Alto lá! Lhe brada todavia esta do seu inexpugnavel reducto, apenas antolha e reconhece o espectro: » Em que logar da Chronica vivem e vegetam essas » taes entidades, denominadas — *corpos volantes*, com » que uma tão lata, e indefnida generosidade folga, e » ha por bem mimosear, por via da sua, a historia do » paiz visinho? » Nem *buz!* E' toda a resposta do improvisador generoso; cahindo, dito e feito, em uma modorra tão profunda, qual muitas vezes lhe terá causado a monotona pesquisa dos — *Papeis inuteis!*... Com effeito (deixando-nos de mais galhofa *folhetino-romantica*, que deve ir a quem toca) abra-se para demonstrativo desengano a Chronica de D. Affonso VII; e que ha, ou nella se encontra, que tenha alguma devisa, cimeira, ou viseira de *corpos volantes*? Qualquer que ler, e investigar a Chronica ha de sem muito affan achar que toda, e a unica qualificação, com que são designadas as tropas, que o Imperador empregára na devastação e saque das mencionadas terras, é tudo quanto sòam as palavras — *Cohortes prædatoriæ* —, que, por signal, eram em grande numero — *multæ!* — Perguntarei agora ao historiographo portuguez (que naturalmente se ha de ter na conta de alto latinista) em que Lexicon antigo ou moderno, nacional ou estrangeiro, achou elle que os termos — *cohortes prædatoriæ* — se podiam indicar com perfeita exactidão pela expressão — *corpos volantes*? — Quando elle pois nos fizer ver, e de um modo que faça metter a viçla no sacco aos Aristarchos mais inflexiveis e turrantes, o que entendera o Chronista por *cohortes prædatoriæ*, e que taes cohortes nenhuma outra cousa litteral, e caracteristicamente podem significar senão *corpos volantes*; quando elle sim nos resolver este problema, e isto por uma fórmula, que nenhuma eiva nem seiva tenha de romantica, então rendidos e convencidos largaremos a palheta! — E' todavia de saber que *corpo*, ou *campo volante* diz-se em latim *expedita manus*, e não *cohòrs prædatoria*. *Cohortes prædatoriæ* traduziremos: *terços*, ou

*companhias* (1) de saqueadores ou pilhantes, vulgò — *guerrilhas*.

E' verdade, não duvidaremos de advertir, que M. de Marlès, na sua *Historia da Dominação dos Arabes*, dá a qualificação e designa pela expressão de *uma das suas divisões* aquella porção de tropas do Imperador, que soffrera o fatal desastre de Guadalquivir (2). — Que se segue porém d'ahi? Acaso simplesmente a qualificação de *divisões* é fundamento de cunho, e molde necessario para logo se concluir: Tudo o que são divisões são *corpos volantes*? Ninguem ainda o mais hospede, e estrangeiro *in re militari*, ha de poder sustentar tão agigantado absurdo. — Se porém pôdem haver *divisões*, que não sejam *corpos volantes*, e sim corpos pezados, e de ingente e vasta mole; porque motivo havia de conceber o historiographo portuguez que as *divisões* do exercito de D. Affonso deviam ser qualificadas de *corpos volantes*, para como tal o escrever? Nesta hypothese, para fazer passar a sua descommunal nomenclatura, era-lhe preciso mostrar que as *divisões* do exercito do Imperador não podiam ser outra cousa, senão *corpos volantes*. Em qualquer das hypotheses porém e por qualquer das fórmulas o escriptor fica sempre colhido, por não dizer, tolhido!.. Mas para que é preciso tanto apparatus de argumentação? A Chronica de D. Affonso VII não falla de *divisão* alguma que o Imperador fizesse no seu exercito. De pois de mencionar o logar do acampamento d'elle, tam sómente refere que muitas guerrilhas, ou o quer que é que melhor designa *cohortes prædatoriæ*, andaram por muitos dias longe d'ahi correndo e roubando toda a terra ou districto de Jaen, Baeza, Ubeda, e Andujar, e de muitas outras cidades: *Castrametatus est juxta flumen, quod dicitur Guadalquivir: et multæ cohortes prædatoriæ ambulaverunt per dies multos à longe, et præda-*

(1) A palavra latina — *Cohors* — na significação indistinctamente de — *companhia* — acha-se em Pereira de Figueiredo, *Collecção das Palavras Familiars etc.* Cap. 20. Francisco Pomey porém, no *Indiculo Universal*, n.º 183, restringe-a só a *Companhia de cavallos*.

(2) Il envoie des troupes du côté d'Andujar et de Jaen, mais une de ses divisions s'étant séparé du gros de l'armée etc. Veja-se a nota, a pag. 13.

*verunt totam terram Jahem et Baexa et Ubeda, et Andujar, et nullaram aliarum civitatum.* (1) Aonde se lobri-ga ou enxerga aqui neste testemunho altamente documental algum vestigio, que sequer inculque o Imperador dividindo o seu exercito em *corpos volantes*? E' bem de colligir que uma tal concepção é de matriz genuinamente romantica!... — Porém outro debique já nos está puxando pelos bicos da penna. E qual é elle?

Observaremos outrosim, e observará tambem qual-quer outro que souber aguçar o escarpello ou cutello analytico, que o historiador portuguez não indicou na sua transcripta passagem as terras, que o exercito de Afonso VII invadira aos Mouros, pela mesma ordem, como se acham mencionadas nas Historias de Hespanha: *Ferreras* pelo menos escreve: *les environs d'Andujar, de Baesa, d'Ubeda et Jaen.* O nosso escriptor traduz: *os districtos de Jaen, Baesa, Ubeda, e Andujar.* Como é isto? Pretenderia o nosso escriptor com a referida transferencia emendar aquelle, e talvez outros escriptores? Se tal fim teve na mente, devia fundamentar de um modo conveniente a sua correcção; aliás não poderá ser toleravel a sua innovante animosidade. E na verdade, como se pôde tolerar que, atropelando-se os principios mais luminosos da boa e invariavel critica, um escriptor estranho venha dar quináo (embora insignificante) a outros de qualquer nação, e de bem grangeada fama e estima, em materia que lhes é propria, sem que justifique, e bazêe a causal da sua variante? Faltar a este essencial requisito é indesculpavelmente provocar o desconceito!... — Se porém o historiador portuguez não operou aquella alteração com espirito de querer corrigir, e tambómente de dar disfarce ao plagiato, julgando por objecto de indifferença a transposição; este pensamento é manifestamente precario, e precisa igualmente de apoio para ser admissivel. Qual será pois este? Dirá talvez que a situação do Historiador não lhe impõe o dever de curar de tnes e tão facanhas minudencias, de *architectar* ninharias! Dar-se-hão porém sempre salvas as verdades historicas, transtornando a posição

(1) Vej. Flores, tom. 21, pag. 370, § 60 da citada Chronica.

das palavras, porque ellas se enunciam? Não, por certo. Se a ordem material dos vocabulos está simultaneamente ligada com a ordem chronologica dos successos ou mesmo com a disposição geographica dos logares, e que elles tiveram, ou deviam ir naturalmente ten realidade; a verdade historica não apparece na scetypographica com toda a galhardia do seu bello lustro. Segundo estes principios de incontestavel exactidão crico-historica não é o mesmo, por exemplo, fallando de conquistas de D. Affonso Henriques, dizer, por esta ordem, que conquistára — *Palmella, Almada, Cintra Lisboa*, ou por esta — *Lisboa, Palmella, Almada, Cintra*. Em qualquer das enumerações ha uma verdade objectiva; pois que em cada uma dellas cada um dos nomes denota a realidade de uma conquista. A segunda enumeração porém é que rigorosamente encerra a verdade historica; por quanto é esta tal enumeração, que conforme com a chronologia dos successos; e a historia que a atropela manqueja de um dos seus principaes benefícios! — Todos sabem que a conquista de Lisboa precedeu á das outras mencionadas terras, embora estas, como testifica o *Livro de Noa*, fossem conquistadas no mesmo mez e anno, que a capital; ou em diversos tempos e annos, como refere a *Chronica Gothorum*. — Perguntarei além d'isto: Não teria aquella enumeração de *Ferreras* um motivo geographico, quando não fosse tambem chronologico, para se conservar intacta por qualquer historiographo copista, e não ser alterada? Por sem duvida. Qualquer que pegar em um mappa geographica de Hespanha (seja mesmo o de Lopez para folhinha) e se puzer a examinar a situação das terras hespanholas comprehendidas na enumeração, que fizera o historico portuguez, ha de achar nella uma monstruosidade geographica, difficil de se conciliar com o plano de invasão, qualquer que elle fosse, que devera seguir o Imperador para incommodar os Mouros. Faz-nos concluir que D. Affonso VII começára o seu plano de devassação, e pilhagem contra os Mouros por aquelle ponto por onde devia ter acabado. Na verdade, descendo de *Castella a Nova* pelo lado de Serra Morena, o ponto mais proximo das terras mencionadas era *Andújar*,

onde estendendo a linha de devastação até *Baexa*, e d'ahi a *Ubeda*, deveria terminar o circulo ou gyro das suas operações, em *Jaen*. A serie pois das terras que seguiu Ferreras inculca e expõe a naturalidade geographica de um plano militar. A ordem que compaginou o historiador portuguez, pelo contrario, apresenta-nos um transtorno, uma incompatibilidade geographica, qualquer que seja o systema hostilizador, que regule as operações do exercito. Suppõe em summa que o Imperador mandava fazer *devastações e saques* de pólo a pólo; deixando os logares mais proximos para ir primeiro aos mais remotos; saltando (o que não caberia sequer na cabeça do mais tonto, e reles cabo d'esquadra) de sul a norte, de poente a nascente. Tudo isto porém desmente a enumeração, mais visivelmente historica, do acreditado escriptor hespanhol. — Quanto melhor não era que o escriptor portuguez se não tivesse mettido (e sem mister algum para a Historia de Portugal) com tão daninha foice na seara alheia!... Ter-se-hia talvez poupado á censura e irrisão dos criticos da nação limitrofe, justamente comminada contra qualquer romantico transtornador da sua constituida historia!

Como assim!... Acaso o historiador portuguez não seguiu, a respeito das mencionadas terras, a mesma enumeração, que seguira a Chronica de D. Affonso VII? Que importa! Por elle ter seguido, ou preferido a ordem nominal da Chronica não se póde d'ahi concluir que a enumeração de Ferreras, que della discorda, não tenha maior exacção historica. O escriptor hespanhol (aliás respeitador da Chronica) cremos que della se não affastaria, se a isso o não decidisse motivo grave. — Seja como fór; o que é certo é que a tal enumeração das referidas terras, conforme á narrativa da Chronica de D. Affonso VII, que o historiador portuguez seguira, está ainda para alcançar as honras da rigorosa unanimidade!... Este incidente faz ver que nem sempre tudo o que em historia se suppõe invariavel, na realidade o é! — Não se pense todavia que só Ferreras se afastara da enumeração da Chronica. Temos a Mr. de *Chenier*, que fizera o mesmo na sua Obra — *Recherches historiques sur les Maures et histoire de l'empire de Maroc*. Taes são as

suas palavras: — » Il marcha (l'empereur Don Alfonso se) du côté de l'Andalousie avec une puissante armée et ravagea les environs d'Anduxar, Baeza, Ubeda et Jaen. » Tom. 2.º pag. 41.

Porém o romancismo não se contentou só neste período de fazer dançar os boléros ao exercito de D. Alfonso VII; levou ainda mais adiante a verdura do seu pictoresco idealismo. — Historia-nos que a *devastação e saque* dos districtos das indicadas terras se levava a effeito pelas tropas do Monarcha Christão, *queimando os logares abertos e destruindo os campos e arvoredos*. — Em que armazem, em que bazar de paleograficos documentos, achou o escriptor diploma algum coevo e sem balda, que textualmente lhe transmittisse tão especiaes circumstancias? Seria por ventura na riquissima Bibliotheca do Escorial onde encontraria o tal engelhado e carcomido *pergaminho*, que o infatigavel espirito de investigação hispanica não pôde descobrir? Não foi por certo; nem penso que o Author portuguez se atrogue a alta presumpção de uma similhante descoberta!... Ficaremos todavia sem redarguição, nem trôco? Não o acreditamos. Ha de vir outra vez com a peça de espalhafato da Chronica de D. Alfonso VII para lhe servir de barbacã, ou falsabraga. Que diz porém aquella respeitavel Chronica, que não sirva de confirmar o romancismo do escriptor historico? Na parte em que elle a pôde chamar a pêlo offerece ella as seguintes palavras: 1.º *et miserunt ignem in omnibus villis*. O historiador portuguez escreveu: *queimando os logares abertos*. Fará alguém jámais no universo uma similhante traducção, que não mereça ainda do mais xué escolar uma estrepitosa pateada? A palavra latina *villa* nunca, nem ainda na idade media, significou *logar aberto*. 2.º *et omnes arbores fecerunt incidi: et omnis locus quemcumque pedes eorum calcaverunt, vastatus remansit*. O nosso escriptor assentou que tudo isto se poderia reduzir ás expressões em linguagem: *e destruindo os campos e arvoredos*. Por ventura traduzirá alguem a expressão *omnis locus* pela simples e isolada palavra — *campos*?... Quando é que o vocabulo *locus* significou *campo*? Nunca. — Póde outrosim a frase — *incidi omnes arbores* verter-se ri-



gorosamente em portuguez *destruir arvoredos*? Todo o mundo que tiver duas dedadas de latim lhe ha de certamente abanar as orelhas! A Chronica indica especial, e restrictivamente o modo da destruição; o que não se faz traduzindo o verbo *incidi* pelo termo portuguez — destruir — que é generico! — Além d'isto em que vocabulario achou o nosso traductor que — *omnes arbores* significam — arvoredos? Em nenhum, lho podemos affiançar. — Todos sabem que *arvoredos* quer significar *alameda*, ou *bosque d'arvores* (1). Ora será o mesmo *destruir arvoredos*, que *destruir todas as arvores* de qualquer natureza que ellas sejam, como refere a Chronica? Por certo que o não é. Póde dar-se arvores de muitas especies em um paiz, e não dar-se *arvoredos*, a tomarmos a palavra no sentido em que costuma ser tomada. Em fim *omnis arbor* (*toda o genero de arvores*), não é o que se exprime pelo termo *arvoredos*, bosque, ou selva de arvores, logar que se distingue pela bastidão, ou multiplicidade dellas; o que se entende, pelo menos ordinariamente, quando se falla em particular de arvores silvestres. Esta intelligencia é até a juridica (2). — Ora o documento original não faz excepção, nem distincção de arvores (*omnes arbores*). Pelo que debalde se exprime a generalidade por um termo, que vulgarmente, se não sempre, se restringe ao que é especie.

Ainda mais: O texto da Chronica de D. Affonso VII argue o escriptor portuguez, se não de falso, pelo menos de inepto compilador historico. Sim; qual é o compilador habil, que omitindo quasi todas as circumstancias principaes do original ou mesmo uma boa parte das secundarias; a respeito d'aquellas que aproveita, as faz figurar em seu escripto, como se não houvessem absolutamente outras? Só o menos exacto. Eis-aqui a proposição o que relata a Chronica: *Et miserunt ignem in omnibus Villis, quascumque inveniebant: et Synagogas eorum destruxerunt, et libros legis Mahometi combuserunt igne, omnes viri Doctores Legis, quicumque inventi sunt, glu-*

(1) Moraes, etc.

(2) Vej. Pereira e Sousa no *Esboço de um Diccionario Juridico* etc. Art. — *Arvoredos*. —

*dio trucidati sunt: » vincas, et oliveta, et ficulneas, » omnes arbores fecerunt incidi: et omnis locus que cumque pedes eorum calcaverunt, vastatus remansit* (Pelo texto trasladado torna-se visível que o historiad portuguez não só fez pouco, ou quasi nenhum caso de transcriptas circumstancias, que menciona a Chronica porém que não foi exacto no estitico resumo, que t abstractamente dellas produzira!

Pára que havia pois o historiographo de se mett á forjar particularidades da sua lavra? Sim, da sua l vra; por quânto, além do mais, os historiadores da n ção visinha, que sabemos, nenhuma circumstanciaes referem. Ferreras no logar já citado fallando a proposito do exercito de D. Affonso, diz só o seguinte: » Il commença à mettre au pillage les environs d'Andujar, de Baeza, d'Ubeda et de Jaen, dans lesquels il mit aux fers beaucoup d'Infidelles, enleva toute sorte de bestiaux, et fit un riche butin. » (2) Começou a p a saque os arrabaldes de Andujar, Baeza, Ubeda e Jaen, nos quaes fez captivos muitos Infieis, roubou toda a especie de animaes, e fez um rico despojo. Em que se pãcem estes detalhes com o *queimur logares abertos e destruir campos, e arvoredos*, que nos quer embutir o nosso Escripitor? Em nada, absolutamente. Antes contém materia, se não contradictoria, e encontrada ao que elle referira, pelo menos muito diversa; embora o hespanhol se aproveitasse da mesma Chronica. — Mas antes pãr termo ao tiroteio, fuzilaremos ainda de flanco sob a linguagem. Lê-se no tal periodo: *Mandou-os a devastar e saquear os districtos*. A preposição *a* antes do infinito *devastar* cheita que trescala a gallicismo! Diriamos tambem *saquear e devastar*, e não *vice versa*. Esta gradação em escala ascendente é a mais natural.

*Queimando os logares abertos, e destruindo os campos e arvoredos*. — Que *logares abertos* (perguntemos ainda) são esses, que os taes imaginados *corpos volantes* fizeram victimas do seu fogo? Que *campos e arvoredos* foram os que elles destruíram? Quem pronuncia um

(1) Flores, España Sagrada, tom. 21, pag. 310.

(2) Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3.º pag. 406.

synthese tão cathgorica em desharmonia com o que refere a historia, deve estar munido com o apoio da analyse para exuberantemente a fundamentar. Estamos porém assás certos que o escriptor da historia de Portugal está mui longe de poder vir quebrar canas neste terreno! — Se porém elle tamsómente quizera *romantizar* a seu bel-prazer e por sua conta e risco sobre a materia (bem persuadido que ninguem commetteria o execrando flagicio de assaltar o *idolatrado alcázar* da sua historia!) talvez teria feito melhor em dizer: *destruindo os logares abertos* (que é expressão de Vieira), passando o gerundio, ou participio *queimando* para fazer o seu competente effeito nos *arvoredos*, e ainda nos *campos*; uma vez que circumstancias historicamente incompatíveis não se oppozessem (como se oppõem) ao verosimil da tal fantasiada queimada!.... — Ainda assim eu não affianço que não haja algum critico de insoffrida e agastada catadura, que em Diogenico tom se ponha a resmungar: Para que havia este homem de vir fallar em *logares abertos*, e deixar no fundo do tinteiro os logares fechados, ou por outra, fortificados? Não era por ventura tão ou ainda mais interessante historiar-nos o que tiveram feito os decantados *corpos volantes*, que tanta diabrura praticaram, a ess'outros logares, que (não obstante a inculcada *rareza das fleiras dos lambunitas!*) pelo seu estado de defeza deviam ter mais dente de coelho? — Eu todavia faço bom barato destas e outras que taes, ainda que indispensaveis exigencias, que parecem, mas não são, filhas tamsómente de rabugice, e rigidez de tempera Aristarchica!.... Temos materia de polpa mais machucha, em que cumpre ensaiar os fios do critico escalpelo. Vamos pois a ella.

» Marchando (D. Affonso VII) nesse mesmo anno no contra Coria, apesar de fazer grandes estragos nas cercanias, não a pôde tomar, e retirou-se a Salamanca; mas no anno seguinte preparou-se para a conquista do famoso castello de Aurelia (Cazorla). Era este uma das principaes fortalezas mouriscas das fronteiras de Toledo, e terrivel padrasto contra os Christãos (1). »

(1) Hist. de Portugal, tom. 1.º pag. 322.

Sem franja, nem cercilho algum de exordio, ou ateloquio, que por inutil bem se pôde escusar, iremos j pouco a pouco desmoronando a transcripta palavros congestão, para em retalho fazermos ver ao microscopi da analyse tudo quanto tem de fôsu e de baldôsa!

» Marchando (D. Affonso VII) nesse mesmo an no contra Coria, apesar de fazer grandes estragos na » cercanias, não a pôde tomar, e retirou-se a Salaman » ca. » — Quem ler este diminuto trecho, e ao mesm tempo um dos membros do periodo, ha de ficar na sin cera mente que D. Affonso VII, *marchando contra Co ria*, tivera concebido o plano de a poder tomar, *fazea do-lhe tambõem grandes estragos em suas cercanias*. — Verdadeiramente isto, e nenhuma outra coisa, quer fa zer denotar aquelle mal cabido e encaixado adverbio — apesar — (que algum puritano San-Luisista, substitui ria, pondo-o no andar da rua, pelas expressões — *não obstante — com quanto et cætera!*) que ulli, com o mai que lhe pertence e diz respeito, veio interceptar o pes samento dominante: — E? porêm verdade que o Mo narchia Hespanhol; o *Batalhador*, por antonomasia, con cebeu o irrisorio projecto de se assenhorear de Coria, valendo-se meramente, como de meio proximo, conforme se inculca, da estrategia de fazer *grandes estragos nas cercanias* ou visinhanças desta cidade? E? falsissi mo. Quem ler a historia de Hespanha evidentemente ha de conhecer que aquelles *estragos* nem foram o uni co nem o meio proximo e immediato, de que Affonso VII se servira para conseguir o seu projectado intento. Ha de sem hesitação admittir que os mencionados es tragos, apenns podem e devem ser considerados como mo um meio indirecto, e remoto d'aquella pretendida tomáda; sendo o apertadissimo cerco que D. Affonso pôz a Coria, com o emprego dos varios apoxes e machi nas de guerrá para o ataque, o meio verdadeiramente proximo e directo. Uma rapida leitura de Ferreras con vencerá profundamente o que acabamos de pronunciar em revendicação da verdade historica, que tanto se des figura. » Il fit prendre (diz elle, ou Mr. d'Hermilly traduzindo-o) » les devants à quelques Partis pour sac » cager toute la Contrée, faire Esclaves tous les Inf-

» delles qu'ils pourroient attraper, et enlever les bestiaux. Les Généraux de ces Détachements s'acquitterent de leur commission et s'avancèrent même jusqu'à la vue de la Ville. — L'Empereur cependant mit le siège devant Coria, et s'étant fait renforcer de toutes les Troupes de l'Estremadure et de Léon, il ferma si bien toutes les avenues, que rien ne pouvoit entrer dans la Place, ni en sortir. Comme la Ville étoit extrêmement fortifiée, les Généraux de l'Empereur firent construire quelques Tours de bois plus élevées que les murailles, et employèrent pour battre en brèche toutes les machines dont on se servoit alors. »

(1) — O — apezar — por tanto do Historiador portuguez deveria affectar todas as mais referidas circumstancias, e não deixal-as em silencio com manifesta offensa da verdade. A omissão dellas faz figurar como causa proximamente efficiente aquillo que o não é. E' mais um gilvaz que pregou na historia da nação vizinha o *intrepido* escriptor!...

Porém a propria asserção principal — *não a pôde tomar* — é igualmente insustentavel, por não dizer falsa. Para se poder proferir com segurança e certeza aquelle enunciado, era preciso que positivamente se provasse que o Monarcha leonês D. Affonso VII tivera empregado de um modo retribuecidamente infructifero, tanto os primeiros como os segundos meios de hostilização contra a cidade de Coria. Quando porém se possa conceder e admittir mesmo sem discussão a insufficiencia, e inefficacia dos primeiros meios hostis (os grandes estragos nas cercanias) quer em abstracto, quer em concreto; esta mesma, ou equivalente conclusão se não pôde, nem deva deduzir a respeito da qualidade dos segundos meios. Elles eram de sua natureza assás poderosos para alcançar do seu emprego um seguro resultado. Ninguém ainda pois sustentou que um cerrado assedio, e este effectuado por um numeroso exercito, e além d'isto apoiado pelo grande agente supplementar das machinas de guerra, e outros inventos e processos estrategicos (referimo-nos á citada passagem de Petreca) adequados pa-

(1) Histoire Gener. d'Espagne, tom. 3.<sup>o</sup> pag. 407 e 408.

ra bater em brecha, não sejam valentes recursos para poder tomar qualquer praça. — De feito porém Coria não foi tomada. Que segue d'ahi? Por ventura, porq o não fôra, deve-se jámais concluir que o não *podia* ctaes disposições ser? Nunca. A contraria conclusão deveria ser admissivel, se os referidos meios de ataq tivessem tido o seu devido desenvolvimento. Não o veram: ficaram, como dizem, em embrião, ou pou menos. Como se pôde pois concluir que D. Affonso n pôde tomar Coria? Quem por semelhante syllogistica regula, arroga-se o direito não reconhecido de elevar a categoria de realidade aquillo que apenas está na ma sa dos imaginaveis! Por não se ter dado o facto da t mada de Coria não se segue que ella não podesse t sido levada a effeito. Porque não houve effeito, ne por isso se deve negar a potencia da causa. — Estas flexões de uma theoria indestructivel não encontram historia sujeita cousa alguma que as contradiga, an que as confirme. No primeiro dia, em que começara as operações ou ensaio dellas contra a praça (1), um ti desastroso de seta, disparado da parte do inimigo, q era acossado de uma das Torres, tendo ferido mortu mente o general dos Christãos, veio ser uma das pri cipaes causas que fez suspender o ataque. O Monarc desgostoso pela morte do Conde D. Rodrigo Martine (2) e outrosim vendo as grandes molestias e necessidaç

(1) " Un dia queriendu-se divertir el Emperador en la casa, jo ordenado a sus Generales *batissen la Ciudad* etc. " A traduc franceza de Ferreras, de que nos temos servido, exprime o logar original hespanhol, que está em italico deste modo: *de confique les travaux du siège*. O traductor, ao que parece, erradamente o fundiu o verbo hespanhol *batir*, bater, com o verbo francez *batir* edificar. Fazemos esta advertencia para servir de correctivo no ponto á passagem, que adiante transcreveremos.

(2) " Un jour que l'Empereur étoit allé prendre le plaisir de chasser, aiant laissé ordre à ses Généraux de continuer les trava du siège, le Comte D. Roderic Martinez monta sur une de Tours avec plusieurs Soldats d'élite, pour inquiéter les Assiege Ce brave Officier fut à peine au haut, que le fer d'une flèche cochée du mur, passa avec violence par les jalousies de la To y laissa son bois, perça les armées du Comte Don Roderic, et s' fonda dans son col. Se sentant blessé, il arracha aussi-tôt le avec sa main; mais il sortit de la blessure une si grande quant de sang, que les Chirurgiens, ni les Médecins ne purent jam

que se padeçiam no sitio, (1) fez então levantar o cerco. Sendo pois tambómente isto tudo quanto a historia affirma como causal; como se poderá asseverar que o Monarcha Hespanhol não tomára Coria, *apesar de fazer grandes estragos nas cercanias* (circumstancia que ninguem se lembrou de trazer para o caso!), quando; não obstante a morte do seu grande general e mais adjuntos; não ha motivo conhecido para se affirmar que elle não conseguiria o seu fim se insistisse em atacar aquella cidade? Nenhum dados ha por tanto indeclinaveis para só e cathegoricamente se concluir a negativa a respeito do mencionado personagem! — *Não pôde tomár Coria.* Nenhum escriptor enunciou ainda uma tal e tão infundada consequencia. Cada um contenta-se com historiar os factos, deixando se de intrometter no dominio da conjectural impossibilidade.

Agora accrescentaremos que ha quem diga que o motivo por que D. Alfonso abandonára o cerco de Coria, fôra o desgosto que lhe causára o revez, que soffrera uma das suas divisões no Guadalquivir; fazendo simultanea a devastação dos districtos de Andujar e outras terras com o sitio d'aquella cidade, e não tambómente nesse mesmo anno, como escreveu o historiador portuguez. (2) — O mencionado desgosto todavia não é ain-

« en arreter le cours: ainsi on lui ôta promptement ses armes, et  
« on le porta à sa Tente, dans laquelle, au Soleil couchant, il ren-  
« dit son ame à Dieu, après s'etre disposé à mourir en parfait Chré-  
« tien. Toute l'Armée fut très-touchée de sa mort, parce qu'il étoit  
« un Seigneur de la première distinction et un excellent Officier.  
« Au tour de la chasse, l'Empereur ayant appris sa mort, témoigna  
« combien il étoit sensible à la perte d'un si grand Homme, et don-  
« na tous ses emplois à Don Ozorio son frere pour le consoler. »  
( Histoire Gener. d'Espagne, tom. 3.<sup>o</sup> pag. 408. )

(1) « Y viendo las grandes molestias, y necesidades, que se pa-  
« decian en el sitio, le levantó, y se volvió con su gente á Salaman-  
« ca. » Assim Ferreras no original, tom. 5.<sup>o</sup> pag. 303. — O traductor francez verte: « Rebuté (l'Empereur) enfin de tout ce que l'on  
« souffroit dans le siège, il décampa, et retourna à Salamanque avec  
« son Armée. » ( Histoire Gener. tom. 3.<sup>o</sup> pag. 408. )

(2) « Une de ses divisions s'étant séparée du gros de l'armée, et  
« ayant passé le Guadalquivir, elle fut enveloppée par des forces  
« supérieures, ét totalement détruite; de fortes pluies; s'ibitement  
« tombées, avaient tellement enflé la rivière, qu'on n'avait pu la tra-  
« verser, de sorte que de la rive opposée les chrétiens virent massacrer

da fundamento assás apodictico para se poder pronunciar que o referido Monarcha — *não pôde tomar Coria*. E' sómente mais uma opinião, que não está de accordo com aquella que esmerillhou, ou romantizou o author da Historia de Portugal!

Deixando porém o campo da contestação, e dando de bom grado mesmo que D. Affonso VII não podera tomar Coria, porque (*apczar de fazer grandes estragos nas cercanias*) não tivera forças para fazer render os seus defensores; que se pôde e deve d'ahi colher que não seja contradictorio com aquillo que pretende fazer acreditar a todo o mundo o Historiador portuguez? Sim, como se pôde combinar a resistencia desta Cidade á tentativa de D. Affonso VII com o desgarnecimento *das praças musulmanas, e fraca resistencia das fleiras rareadas dos lamtunitas*, conforme elle nos pretende fazer engolir na sua famigerada historia, a fim de estabelecer precedentes contra a grandeza da Batalha de Ourique? (1) Ha com tudo ainda outro incidente historico, em que o anti-patriotico escriptor é mais fortemente apinhado!

» Mas no anno seguinte preparou-se para a conquista do famoso castello de Aurelia (Cazorla). Era este uma das principaes fortalezas mouriscas das fronteiras de Toledo, e terrivel padrasto contra os Christãos (2). — Poderá acaso dizer-se e publicar-se por escripto, sem offender o melindre da fidelidade historica: Que D. Affonso VII se preparou para a conquista do mencionado castello no seguinte anno? Não por certo. Responderá todo aquelle que preferir uma narração authorizada e positiva áquella que não é mais que puramente da região imaginaria. Nenhum historiador, certo, se exprimiu por semelhante maneira. Não referem elles que o Monarcha castelhano se preparou no anno se-

» leurs compagnons sans pouvoir les defendre. L'empereur déçu par cet accident, retourna à Tolède; il fut meme obligé d'abandonner le siège de Coria, qu'il faisait faire par une autre division de ses troupes. » (Histoire de la Domination des Arabes et des Maures en Espagne et Portugal etc. tom. 2.<sup>o</sup> pag. 362).

(1) Hist. de Portug. Tom. 1.<sup>o</sup> pag. 321.

(2) Hist. de Portug. Tom. 1.<sup>o</sup> pag. 322.



guinte (de II39) para aquella conquista; e sim tnuí expressamente que *foi* neste anno *investir*, (1) ou cousa equivalente, o famoso *castello*. Quem não vê porém que é cousa mui diversa *ir investir*, ou conquistar, do que *preparar-se para a conquista*? *Investir* é sim ir mais adiante, que preparar-se para a conquista. E' já pôr em acção e fazer uso dos meios, com que o hostilizador se preparou para levar a effeito a conquista. Dá-se necessariamente entre os dois actos a differença que ha entre o meio e o fim. Quem invade ou investe começa já a conquistar, não se prepara para a conquista! A expressão por tanto do escriptor portuguez — *preparou-se para a conquista* — não pôde ser jámais substituida pela dos escriptores que affirmam — *foi investir* — sem fazer visível móça na rigidez da verdade historica!...

*Preparou-se para a conquista!* E porque, me oppo-  
rão, não havia o Monarcha batalhador preparar-se para  
ella? Uma de duns, responderei eu: Ou a preparação  
por commum e trivial não merecia ser indicada como  
acto notavel, devendo antes ser omittida, e deixada á  
intelligencia do leitor, conforme praticaram os historia-  
dores da nação visinha: Ou era *foi* do commum, e  
preche de circumstancias memoraveis. No primeiro ca-  
so, o escriptor portuguez dando tulto a uma entidade,  
que outros historladores de maior merito desprezaram,  
além de introduzir na historia sem fundamento uma es-  
pécie nova, que ella desconhecia, parece ter querido  
imitar o ridiculo de certo *Creperio Calpurniano*, que na  
descripção da guerra entre os Partlios e Romanos co-  
meçou logo pela miutilencia dos primeiros movimentos  
dos pelejadores, segundo refere Luciano (2). No segundo  
caso pediremos ao nosso innovador historico para que  
nos enunere quaes foram essas circumstancias memora-  
veis, que deram logar ao enunciado tão absoluto e dis-  
tincto: *Preparou-se para a conquista!*... Em vão as ha  
de procurar! O escriptor prototypo devera ter presente  
o preceito do mesmo Luciano: *Muitas cousas ha que me-*

(1) Histoire de la Domination des Arabes etc. no logar adiante citado, pag. 42 e 43.

(2) Na Arte Historica.

*lhor é não mencioná-las na historia* (1). Neste numero contarei eu, e toda a gente aquellas que, além de futeis ou inuteis, se não podem provar! — Concedamos todavia que o Monarcha se preparou para a conquista; qualquer que seja a idéa que se pretenda ligar a tal preparação. Que se segue d'ahi? Ha de forçosamente concluir-se que o escriptor portuguez cahira em nova contradicção. Pois as *fileiras rareadas dos lamtunitas*, que deviam defender aquelle castello, exigiam algum preparativo para ser batidas, e aniquiladas?... O escriptor por certo que se esquecera do que já tinha escripto!...

A critica vai agora fazer autopsia em objecto de maior e mais graúdo vulto. E' no lurido e nojento cadaver de uma intoleravel patranha, aonde vai trabalhar o seu amollado, e affiado escalpelo.

Escreve o Author da historia de Portugal (que não pouco mexericou, e escoldrinhou na de Hespanha!), que o ponto ou alvo da conquista, para a qual se preparou D. Affonso VII, fôra o famoso castello de *Aurelia*, por outro nome *Cazorla*. — Será verdadeira e exacta a mencionada asserção? E' uma enorme, e tremendissima falsidade! E' uma crassissima e chapadissima ignorancia!... Vamos leval-o á cimeira da evidencia!

Não ha sequer um unico historiador hespanhol que affirme que o Castello em questão, que em latim se diz *Aurelia*, se chame em vulgar *Cazorla*. Todos unanimemente asseveram que o castello da conquista de que se trata era *Oreja*. Ouçamos a *Ferreras*, não pelo intermedio ou transumpto de uma traducção, mas sim nos proprios termos da linguagem em que escrevera. » *De-*  
» *contente, diz elle, el Emperador de que el año pre-*  
» *cedente no huviessen tenido sus jornadas el logro que*  
» *deseaba, procurò este año satisfacer su deseo con la*  
» *toma de el castillo de Oreja, à el Oriente de Toledo,*  
» *que tenian los Mahometanos summamente petrecha-*  
» *do, y de donde hacian graves daños en sus dominios.*  
(2) » *L'année suivante, diz Mr. de Marlès, il alla in-*  
» *vestir Oreja, dont la garnison, par ses excursions fré-*

(1) Na Arte Historica.

(2) Historia de España. Parte Quista, pag. 304.

» quentes, insultait les environs de Toledé; et, après  
» un blocus assez long, il s'en rendit maître. » (1) A'  
vista destes testemunhos, e outros muitos que omitti-  
mos, de um peso tão inquestionável, que positivamente  
asseveram que o Castello que D. Affonso VII iava-  
dira no anno de 1139 (anno seguinte á sua retirada do  
cerco de Cozia para Salamanca) fôra *Oreja*; quem não  
há de rir, e com gargalhada de ribombo, ao ver (estam-  
pado em a indicada pagina de uma Obra, que seu Au-  
thor quer idolatrem como o *Non-plus-ultra* da *Historia*  
*de Portugal!*) que o tal famoso castello, que antigamente  
tinha o nome de *Aurelia*, ahi se dá a conhecer pelo no-  
me moderno de *Cazorla*? Deixando todavia de contem-  
plar a enormidade do lapso pelo lado do feissimo con-  
torno, que apresenta no campo do ridiculo; que lasti-  
ma não é que o escriptor, que se arroga o galéro e ca-  
lucção de *Archetypo* em historia, tão patgonicamente se  
estatalasse em ponto tão corrente e incontroverso!...

Vamos porém imparcialmente pesquisar se *Aure-  
lia*, e *Cazorla* é uma e mesmissima cousa que *Oreja*, pa-  
ra ver se pôde ser admissivel, ou pelo menos de alguma  
maneira toleravel aquella inaudita substituição em vul-  
gar. Não, e indisputavelmente não; diz e dirá sempre  
tudo quanto sobre a questão se acha escripto! Passemos  
a fazel-o conhecer.

Abro o — *Nouveau Dictionnaire Universel de la*  
*Geographie Moderne* par F. D. Aynès; e o que diz elle  
em o artigo *Cazorla*? Diz por ventura que *Cazorla* era  
*Aurelia*? Está bem longe e fôra d'isso. Ouçamos as suas  
próprias e formaes palavras, que damos vertidas em lin-  
guagem: » *Cazorla*, villa de Hespanha, antigamente  
» cidade episcopal, na Andaluzia, sobre as ruinas de  
» *Castulo*, não longe da margem meridional do Gua-  
» dalquivir, a 30 leguas a leste de Córdoba, 13 nordeste  
» te de Jaen (2). » Vemos pois que, segundo este geo-

(1) Histoire de la Domination des Arabes; etc. tom. 2.<sup>o</sup> pag. 362.

(2) » *Cazorla*, bourg d'Espagne, autrefois ville épiscopale, dans  
» l'Andalousie, sur les ruines de Castulo, non loin de la rive mé-  
» rid. du Guadalquivir, à 30 li. E. de Cordoue, 13 N. E. de Jaen.»  
Mr. d'Anville situa tambem a *Castulo* na *Betica* ou Andaluzia; não  
declara porém que nome moderno lhe corresponda. A julgarmos pe-

grapho, que tem muito voto na materia, *Cazorla* é a antiga *Castulo* e não *Aurelia*, como nos pretende categoricamente fazer embutir o Author da Historia de Portugal! — Vejamos agora se *Oreja* é o mesmo que *Aurelia*. Havemos de achar Authores, que affirmam tal não é, nem para lá ir... Ouçamos ao mesmo Aynès na citada obra. Pela palavra *Oreja* manda ver *Orgaez*, e exprime-se da seguinte maneira: " *Orgaez, Altea Oleadum*, villa de Hespanha na *Castella a Nova*, com um castello sobre um ribeiro que desemboca no Tejo, a 7 leguas ao sul de Toledo, 20 ao sul de Madrid. " (1) — Mas para que é trazer no circo da discussão este, e outros Authores, que poderíamos allegar em contraposição ao que avançara o Historiador Portuguez! Que importa que a antiga *Aurelia* seja ou não a moderna *Cazorla*? (2) Que *Oreja* seja ou não tambem indicada em latim pelo nome de *Aurelia*? (3) Nada d'isto fere capitalmente o ponto. A questão não é de nomenclatura de geographia antiga em relação com a moderna. Deixemo-nos de embrenhar nesse espinhoso matagal, aonde a cada passo sobre o mesmo objecto são tantas as cabeças, quantas as sentenças. Não é este o estado indeclinavel da questão. Trata-se especialmente

lo ponto geographico, que lhe deu no mappa, parece todavia ser *Cazorla*. (Geogr. Ancien, tom. 1.<sup>o</sup>).

(1) " *Orgaez, Altea Oleadum*, bourg d'Espagne dans la *Castille Nouvelle*, avec un château, sur un ruisseau qui se jette dans le " *Tage*, à 7 li. S. de *Toledo*, 20 S. de *Madrid*. " D'Anville segos tambem que *Orgaez* era a antiga *Altea dos Oleades*. (Geogr. Ancien, tom. 1.<sup>o</sup>). Miñano porém distingue *Oreja* de *Orgaez*. (Dic. Geografico. Estatístico de España y Portugal).

(2) Veja se *Martiniere*, *Diction. Geogr.* art. *Aurelia, Cazorla, Castulo e Salaria*. — *Baudrand* no art. — *Aurelia, Castulo, Salaria*. — *Poyares* no *Index Latinus*, que anda no fim do *Diccionario Lusitano Latino* na palavra *Aurelia* diz significar *Cazorla* ou *Orfaens*. — *Encyclop. Geografica Anc. e Vosgien*, 3.<sup>a</sup> edição, art. *Castulo*.

(3) Veja se *Moreri*, traduzido em hespanhol, art. *Oreja*. Quem ler e confrontar os artigos indicados nesta e em a nota antecedente, ha de evidentemente ficar conhecendo a variedade de opiniões, que ha sobre qual seja o antigo nome por que deva ser designada a moderna *Cazorla*. Ha de ficar convencido que não é para se azevotar de um modo possível que fosse *Aurelia*. O mesmo dizemos a respeito de outros nomes modernos, correspondentes a varios artigos indicados.

de saber, se *Cazorla* é a mesma coisa que *Oreja*? Qual deverá ser a resposta? Uma fedonda, ou omnimoda negativa. Ninguém pôde, nem deve jámais, proferir a existencia de uma identidade semelhante. Proferir-a seria deixar registrado nos annaes da ignorancia a mais tremenda estataladéla em materias, que não admittem escusa. Na verdade, como podem aquelles dois nomes indicar a mesmissima entidade; quando cada um delles denota sua terra mui outra, situada em differente provincia de Hespanha? *Oreja* é situada na Castilla a Nova, *Cazorla*, ou *Caçorla* na Andaluzia; do que ninguém duvida. Ora se o Historiador portuguez entenderá que *Aurelia* significava *Cazorla*; e ficando esta em provincia diversa d'aquella, em que se acha *Oreja*, e por tal tão outra della; segue-se que elle ineluctayalmente cahiu em um gravissimo erro geographico, trasladando para um logar uma conquista, que os historiadores sem discrepancia, reconhecem ter sido realizada em outro muito diverso logar!

Quiz emendar os historiadores hespanhoes, vociferarão os apaixonados! A gargalhada redobrará com estrepitoso movimento de rufo bipedal, se uma coarctada tão fria e disparatada sahisse á luz em seu upojol! *Historiam scribendo tu illos?* Perguntariam com mosador desdeñ ao corrector da sua historia os criticos da nação comarcã. E que lhes responderia elle? Havia de confessar o enorme arrojio, que tivera commellido em ir estropiar a historia alheia? Nem outra coisa poderia elle fazer, que lhe fiasse mais airosa! — Sim, á enormidade do erro é a todas as luzes manifesta, e sem recurso, que illuda. São as próprias palavras do escriptor sem igual, que o accusam, e irremissivelmente o condemnam. São ellas: « Bra este (o famoso castello de *Aurelia* (*Cazorla*)) uma das principaes fortalezas mouriscas das fronteiras de Toledo e terrivel padrasto contra os Christãos » (1). Prescindindo de questionar se *Cazorla* tinha ou não castello, e se este merecia o epitheto de famoso; perguntarei ao historiador portuguez em que escriptor campanudo, ou alfarrabino achou elle que *Ca-*

(1) Historia de Portugal, tom. 1.º pag. 322.

vorla ficasse nas fronteiras de Toledo, e fosse terrível padrao contra os Christãos? Fica porventura Cazorla nas fronteiras de Toledo? Nunca ainda ninguem tal dissera, nem era possível enunciar tão descamisado absurdo, a não ser o nosso *prototypo* escriptor!... Temos aqui á mão, para nos tirar das duvidas, um dos geographos hespanhoes de conspicua reputação e valia; e que nos diz elle no artigo — *Cazorla*? A situação que lhe dá o Author hespanhol cabal e completamente faz conhecer a todo o mundo o absurdo monstruoso e indesculpavel, em que se despenhara o historiador da nossa terra! Ouçamol-o: » Cazorla, Villa ecclesiastica de Hespanha, » provincia de Jaen, cabeça do partido do seu nome, » arcebisado de Toledo. — Fica nas fraldas de duas » serras, na margem do rio Vega, que a atravessa, e » desagua no Guadalquivir. — Dista da capital dez le- » guas e um quarto, seis a leste de Baeza, duas da nas- » cente do rio Guadalquivir, e treze de Guadix » (1). A' vista da indicada posição geographica, que dá a *Cazorla*, na citada Obra, o Doutor *D. Sebastião de Miñano*; quem se atreverá a sustentar que *Cazorla* fica nas fronteiras de Toledo? Quem quizer ou souber fazer imparcial justiça ha de para logo fazer langar no termo significativo da fatalissima estonteação um bem negro, estendido, e carregado traço! — Toledo como todos sabem, e o testifica o mesmo *Miñano*, é cingida de todos os lados, menos pelo septentrional, pelo rio Tejo (2). Sendo pois esta a sua situação geographica, como é possível que *Cazorla*, que está a duas legoas da nascente do Guadalquivir, e é cortada pelo rio Vega, que nelle desagua, esteja nas fronteiras de Toledo? — Eu quero porém fazer ver a repugnantissima escabrosidade do erro da nova situação geographica de *Cazorla* aos raios da propria luz visual. Peço a todos aquelles que se tem m

(1) » Cazorla, V. E. de España, provincia de Jaen, cabeza de partido de su nombre, arzobispado de Toledo. — Está á la falda de » dos sierras, á orilla del rio Vega que la atraviesa y desagua en el » Guadalquivir. — Dista 10 leguas y quarto de la capital, 6 a E. de » Baeza, 2 del nacimiento del rio Guadalquivir — y 13 de Guadix » (Miñano, Dict. Geogr. art. Cazorla).

(2) No Diccionario-Geografico-Estatistico, art. *Toledo*.

conta de amigos de verificar a verdade, e não são da estofa automática d'aquelles, que leiga e capuchamente juram nas palavras de alguma fanfarronal impostura; peço sim que, tirados de cuidados e affans, procurem, e syndiquem qualquer dos mappas geographicos de Hespanha, aonde se achá designada a mal cabida e encaixada *Cazorla*; que meçam sequer ao menos pela bitola visual dos dois especulantes olhos a immensa distancia, que vai da localidade de *Cazorla* ao ponto geographico da situação de *Toledo*; e munidos com um tal testemunho de physica certeza, decidam se póde jámais ser admissivel em paiz algum do universo o sobromaneira inqualificavel absurdo de situar aquella villa nas fronteiras de *Toledo*? Todos á uma, e sem discrepância de um apice, se hão de esconjurar ao verem que, em um seculo de luzes de tão alta perfectibilidade, qual se apregoa o seculo 19.<sup>o</sup>, houvesse um historiador portuguez, que, imaginando-se thaumaturgo, com os bicos da sua audaciosa penna, sem se embarçar com aquillo que fizera a natureza, atirasse de repellão com a villa de *Cazorla* para as *fronteiras de Toledo*? Por certo que elles hão de ficar repassados de superfino pasmo ao contemplar que o escriptor celeberrimo, com um rasgo de penna, ousasse fazer uma cousa, que o Author da natureza não fizera com a sua Omnipotencia!....

Se porém houver algum verificador mais curioso, que não se contente só com o ajuizar da matéria pelo lute do olho, e vier a medidas de compasso, ha de achar sem muito custo, que *Cazorla* dista de *Toledo* para nor-noroeste o melhor de 45 leguas para mais das communs de Hespanha, afferidas pelo petipé de 40 ao grão (1). Por tanto como é toleravel em presença desta demonstração geographica (fóra o mais de contrapezo), que historiador algum haja de impunemente exarrar em o papel para ser lido dos presentes e vindouros — que *Cazorla* tem a sua situação nas *fronteiras de Toledo*?...

Tudo por consequente o que acabamos de expôr ineluctavelmente confirma, e novamente sustenta que o

(1) *Mappe Geographique* do Sr. Janvier.

tal castello que Affonso VII invadira, e tomára, fóra o castello de *Oreja*, como sempre com a mais absoluta solidariedade affirmára toda a classe historica, e não o de *Cazorla*, conforme com revoltantissima ignorancia escrevinhára em sua historia o Author portuguez. — « *Oreja* » (Villa Ordinaria) está situada sobre a margem do « Tejo, em um elevado penhasco, dividida a sua penha em duas porções por um grande barranco. Teve no tempo antigo um castello, situado sobre um elevado rochedo, e cortado em toda a sua circumferencia. Dista de Ocaña uma legua, uma de Aranjuez, e outra de Colmenar de Oreja » (1). Esta situação, que a geographia hespanhola dá á villa em questão, põe fóra de toda a duvida a verdade historica. E' a verdade esta — que o castello que o Monarcha hespanhol atacou foi incontestavelmente o de *Oreja*. Distando pois esta obra de cinco a sete leguas hespanholas de Toledo, não admira que as excursões, que os Mouros reunidos nessa fortaleza faziam sobre o districto d'aquella cidade, dêsse motivo a que D. Affonso VII se invadisse, e della se assenhoreasse, como geralmente se historia.

Finalmente terá havido quem tenha confundido, e ao contrario, differenciado *Oreja* de *Orgaz*, villa, situada em uma planicie, distante 5 leguas (2) ao sul de Toledo. Substituir porém *Cazorla* em Jaen ou Andaluzia a qualquer das duas mencionadas villas, situadas em Cartella a Nova a quasi igual distancia e em direcção a si diversa (comparativamente áquella villa) de Toledo; é uma *destampadela* historica, um estrabismo geographico de tão volumoso aleijão, que bem se pôde e deve ter por um phenomeno de cunho archi-original na soporifera atmosphera das humanas aberrações!... Porém que? Se nenhum escriptor ainda proferiu, nem era de esperar que proferisse, que *Oreja* apezar de muito mais proxima estava situada nas *fronteiras de Toledo* (3); como quer o

(1) Vej. Miñano. Dic. Geogr. etc. art. *Oreja*.

(2) Veja-se Miñano, Dic. Geogr. etc. Art. *Orgaz*.

(3) Na passagem da Historia de Portugal, copiada a pag. 45 do tomo 2.<sup>a</sup> Parte.



nosso excepcional historiador que a sua *Aurelia*, vulgò, segundo elle, *Caxorla*, que tão longe lhe fica, lhe venha fazer o seu *vis à vis*? Se elle soubera (como devia saber) o que todo o mundo entende pela palavra — *fronteira* —; por certo que se não havia de despenhar mais neste tão lamentavel e atrophico somnambulismo!... E' porém já tempo de passarmos a outro varejo.

» Começou o cerco em abril, e prolongou-se por » todo o estio com repetidos combates dos sitiadores e » defensão desesperada dos cercados » (1). Que é isto! Temos tambem aqui brodio romanesco? Temos fóra de toda a duvida; nem é esta só a caldivana que se acha aqui e alli na decantada historia de Portugal. — Não se contentou ella só (circumscrevamo-nos á materia subjecta) de nos embutir o horrendo *qui pro quo* da transformação inaudita e impossivel de *Oreja* em o binomino, horrendamente monstruoso, de *Aurelia* ou *Caxorla*; mas até levou ainda a pavonada a *prolongar o cerco* da tal imaginada *Aurelia por todo o estio*! — Ora quem informou ao historiador patrio de que o cerco de *Oreja* (não direi *Aurelia*, significando *Caxorla*, porque é rematada parvoice!) *se prolongára*, conta redonda e sem mais fraccão para mais ou para menos, *por todo o estio*? Produza, e atire para o campo da publicidade com esse cartapacio ou engelhado pergaminho, aonde se acha exarado para perpetuo desengano dos incredulos, calculo tão justo e prefixo!... E não é isto o que convem ao historiador, e á historia, que tanto se pavonêa de *Documental*? Isto é; nem outra alguma consequencia se pôde, ou deve deduzir das tão notorias e blazonadas premissas do escriptor da sublimada *Obra-prima*! Mas aonde, em que cacifo se poderá encontrar o tal canhenho, que tão rente e cerceo calculo transmittira aos vindouros? Ainda que o improvisador historico basculhasse toda a bicharia dos *Mss.* das grandiosas Bibliothecas de Hespanha, e passasse pelos olhos um a um sem lhe escapar *garabulha*; havia de ficar em jejum naturalissimo ácerca do objecto de que se trata!... — Mas para que é convidarmos o illudido escriptor a pesquisas inuteis? Temos a historia

(1) Historia de Portugal, tom. 1.º pag. 322.

de um bom investigador do reino visinho, que nos refere cousa não pouco diversa d'aquella, que elle nos quer fazer acreditar. Conta pois o historiador hespanhol (1) que » tendo o cerco de *Oreja* (*Aurelia* ou *Cazorla* segundo a ignorantissima geographia do historiador portuguez!) » começado em Abril, esta praça se rendera a Affonso VII em 31 de Outubro. » Ora se não consta da historia, que desde que a referida praça, ou castello fôra cercado até o dia em que se entregára, tivesse tido interrupção o assedio, que lhe pozeram; porque se he de sem apoio narrar ao certo, e em tom absoluto, que aquelle cerco se prolongára por todo o estio? Acaso todo o mez de Outubro, e parte ainda do mez de Setembro pertencerão ao estio? Não por certo; e só ao Outono, como de todos é sabido. Sendo isto assim, não pôde haver exactidão historica quando se escreve que o mencionado cerco *rés-vés* se prolongára por todo o estio, tendo-se elle tambem estendido até não pequena parte do Outono, por não dizer quasi metade. — E' verdade que os Mouros demandaram ao Monarcha Christão, e este lhes acceitou o armisticio ou treguas por espaço de um mez, o qual precedera ao rendimento do castello. Suspensão porém de hostilidades, não é suspensão de cerco. — Por onde consta pois que o Monarcha, desde, e durante esse tempo das treguas, levantasse o sitio, e não existisse já este, quando a celebrada *Aurelia* (falsamente arvorada em *Cazorla*!) se lhe entregou? Por parte alguma; e nem sequer uma só palavra se encontra por onde se possa conjecturar vestigio da retirada do exercito sitiante. Uma leve e commum idéa da tactica mesmo mais corriqueira torna incrível similhante manobra. A posse outrosia que o Imperador em continente no dia 31 de Outubro tomára de *Oreja*, fazendo arvorar na mais alta torre os seus estandartes, durante que os Bispos e mais Ecclesiasticos, que o acompanhavam, entoavam o *Te Deum* em acção de graças: o não licenciar o seu exercito, nem partir para Toledo senão depois de fazer reparar o Castello, e fortifical-o com uma valente guarnição de armas

(1) Ferreras, Histoire Gen. d'Espagne, tom. 3.º pag. 409 e 412.

e viveres ; (1) são circumstancias notaveis, que confirmam que o cerco não se tivera abandonado no intervallo do armisticio. — Concedido todavia que tal retirada tivesse sido real logo no começo d'aquellas tregoas ; ainda nesta hypothese (que é meramente graciosa) o cerco estendendo-se por todo o Setembro, não se prolongou só por todo o estio, mas sim abrangeu alguns dias do Outono. Nestes termos da hypothese então a historia tambómente seria fiel, se mencionasse que o tal cerco se tivera prolongado até principios do Outono. — O historiador, que sabe cumprir com o dever primordial da exactidão, que a todo o custo lhe incumbe, não alarga nem estreita um apice dos limites chronologicos, dentro dos quaes os successos se realizaram. A geographia e a chronologia são os dois olhos da historia, como sabe e confessa toda a litteratura, ainda a mais baixa e plebéa. O escriptor, que caminha pelos vastos dominios della sem a luz indispensavel d'aquelles dois luzeiros, está no caso de lhe ser applicavel o mote vulgar :

*Sou cego que não vejo,  
Dou pancada que alejo.*

Decida agora quem quizer se são ou não são desta cathgoria as pancadas ou lambadas, com que o nosso escriptor tem desancado a historia ; que eu passo já a atacar outro reducto. — E' elle a maneira ou fórma por que se prolongou o cerco de Oreja ( *Aurelia* ou *Cazorla*, na nomenclatura da ignorancia ! ) por todo o estio.

Curioso seria saber o que militarmente se passára durante o prolongamento do cerco de Aurelia, vulgò, Oreja. O historiador portuguez não quiz deixar este vacuo nos Annaes das bellicas curiosidades. Talvez lhe estabuchasse nas cerebraes abobadas o proloquio do Peripato: *Natura horret vacuum!* Toca pois a enche-lo, e de modo, que fique de cogulo ! Como fez pois elle a maravilha ? Invocou o nume, que preside ao idealismo patranheiro, e fiado na sua divinal e indefectivel protecção escreveu e deu á luz : Que o prolongamento do cerco se passára em repetidos combates dos sitiadores e

(1) Ferreras, Histoire Gen. d'Espagne, tom. 3.<sup>o</sup> pag. 412. .

*defensão desesperada dos cercados* (1). Em um romance mais bem ou mal alinhavado, mais bem ou mal cirrado ou arremendado, teriam um *passé sem exame* as mencionadas asserções. E' pois o incircumscripção ideal paiz do verosimil uma especie de boqueirão, ou despejatorie sem limite, nonde o ensejo das vagas impudentes da desencabrestada imaginação atira com todas assuns chimericas exerescencias, por não dizer sandices. No terreno porém da historia, aonde a verdade deve apparecer pura e limpa, sem mazela de joio, ou trevo que a deturpe, o caso, como dizem, é outro! E' preciso que o historiador não acarrete e arraste para o prélo com intuito de vender, como realidade acontecida, aquillo que não é outra cousa mais que farfalhada de fabrica romanesca! E' indispensavel que tudo quanto concebe e enuncia tenha solido fulcro, em que se apoie, se não quizer ficar burlado aos olhos da mais justa e depurada critica. Esta incontrovertida doutrina cabe e quadra tão appositivamente ao escriptor original, que eria a historia, abrindo-lhe o cabouco para lançar-lhe ou erigir-lhe os alicerces (e pennas desta polpa são de extremada raridade); como a escriptores de secundaria estofa, que, com quanto se inculquem por creadores e inventores da sciencia, mais não são que architectos de Obras feitas! Embora sejam desta laia, e costaneira (que muito entulham o universo litterario); sejam sim extremes plagiosos, e copistas charlatães do que é já sédiço pelos livros; histriões em fim historicos, que venham fazer o seu insulsissimo papel no tablado scenico da mais desprezada, e audaciosa impostura! Venha quem quer que seja d'essa turba garrula de pantographos saltimbancos, sabichões pichelingués, armar á mui sincera indole dos credulos leitores com o empavonado pendão da tão blasonada novidade; porém saibam e reponham em sua alma e espalmada mente que se acaso conseguem alguma vez fazer passar por alto o contrabando, lá vem a fatal occasião, em que a vigilante policia litteraria dá com o embrulho, e irremissivelmente lho toma por perdido,

(1) Na passagem da Historia de Portugal, transcripta a pag. 49 desta segunda Parte.

por falta de guia, ou formal documento que authenticque o despacho! Nestas circumstancias se acham — os *repetidos combates dos sitiadores, e defensão desesperada dos cercados* da idealizada *Aurelia*. Todos esses *combates repetidos dos sitiadores, e defensão desesperada dos cercados*, de que nos falla a *oraculina* historia de Portugal, desaparecem e se dissipam, como o fantasmagorico sonho, logo que se abre a historia do reino limitrofe, e se vê que ella nenhuma destas particularidades nos refere; e não eram ellas para ficarem no fundo do tinteiro! Ella pois unicamente nos certifica que a tactica, que seguiu D. Affonso VII na tomada de *Oreja*, não consistira em ataques repetidos; mas tmsómente em lhe apertar cada vez mais o cerco, prohibindo os sitiados de todo o genero de mantimentos, e até de agoa, a fim de os fazer render. Neste estado de desalento em que o inimigo se achava, foi então que o Monarcha Catholico abriu brecha na praça; e bastou isto para os Musulmanos, julgando-se perdidos, pedirem armisticio. Ora se estes successos são puramente aquelles, e não outros, que a historia refere (1); como se ha de dar credito aos *taes repetidos combates e defensão devesperada*, que o nosso escriptor desenterrou das catacumbas da sua luxuriante imaginação? Nenhum credito se pôde, nem deve dar a um similhante esbarrunto, e escantilhão imaginario! Fazenda de tal genero não é pois admittida a despacho, e deve ficar retida na aduana das historiaes tomadias, como genero desencaminhado! — Quem tiver a curiosidade e boa feição de confrontar as expressões do escriptor portuguez com a narração do já por vezes apontado historiador hespanhol, ha de mesmo achar que ellas estão em uma incompativel opposição. Na verdade a narração de um cerco, que se prolonga sem menção alguma de *repetidos combates dos sitiadores, e defensão desesperada dos cercados*, é cousa muito diversa, e avessa d'aquella narração, em que se affirma ter-se dado estas circumstancias! — E que *defensão desesperada dos cercados* é essa que tão tripodinamente se affirma? Quem ler que *Ali*, governador de *Oreja*, logo que viu que o exercito

(1) Ferreras, tom. 3.º pag. 409 e 411.

sitiador tivera aberto brecha no castello, tratára de pedir treguas, ha de ficar convencido da falsidade da tal *desesperada defensão* (1)! Uma *defensão desesperada* não costuma pedir suspensão de armas logo ao abrir da brecha de um castello. Ao contrario, uma tenaz resistencia depois da abertura da brecha, é que poderia merecer o nome de *defensão desesperada*. — Além d'isto, a mesma prompta e generosa acceitação das treguas da parte do Imperador prova de sobejo que nenhuma *defensão desesperada* tivera havido do lado do inimigo, que tivesse indisposto e irritado seu animo. Uma concessão tão cheia de condições vantajosas ao inimigo, (2) mostra na verdade que não podia ser o desfecho de *repellidos combates*, sustentados e repellidos pelos sitiados *com desesperada defensão*. — Diremos antes com mais provavel conjectura que o Imperador, para evitar o extremo de alguma *defensão desesperada* da parte dos sitiados, vies sem difficuldade ao accordo de lhes acceitar a pedida suspensão d'armas. — Vamos porém já a outra esfrega!

» Propozeram, em fim, estes um armisticio para » enviarem mensageiros á Africa, promettendo que, se » o emir ou os generaes almoravides da Hespanha » não soccorressem dentro de um mez, se dariam a par » tido» (3) — O campanudo Author da historia de Portugal depois de pôr em scena marcial os sitiados de Oreja, (que, para vergonha da sciencia geographica, elle quer que seja *Aurelia*, na significação de *Cazorla*!) com todo o arreganho, e furor de uma *defensão desesperada*; não sei por que subita metastase, fóra de toda a expectação, faz a desconchavada surpresa de, sem intervallo, nem intermedio plausivel, atirar, como de trambolhão, com elles de novo para fóra do bastidor, com o fim de fazerem o papel de proponentes de um armisticio! — Como é isto? Que metamorphose inesperada e improvavel é esta? Pois esses guerreiros, que ha pouco se batiam contra os sitiadores com *desesperada defensão*, agora apparecem transformados em uns fanfarronicos

(1) Ferreras, tom. 3.º pag. 411.

(2) Ferreras, no lugar anteriormente citado.

(3) Histor. de Port. tom. 1.º pag. 322.

poltrões, que, depois de tantas bravuras, vem *propôr* armistício aos seus contendores? Em um Melo-Drama talvez o contraste não ficasse sem levar alguma pecuinha, ou remoque critico; quanto mais em uma *archi-normal* historia! .. Mas não é verdade que os sitiados *propozeram* ao Imperador um armistício? E' tão verdade, como a *defensão desesperada* delles! Não é verdade; fallemos directamente. Não *propozeram*, *pediram*; o que é cousa muito diversa, por não dizer opposta. O *Ali*, vendo-se perdido, diz o historiador hespanhol, pediu tregons, pacteando, que se dentro de um mez não fosse soccorrido, entregaria o castello (1). E *pedir* será por ventura synonymo de *propôr*? Nunca. Dirá todo aquelle que conhecer a lingua portugueza, e a sua principal matriz a lingua latina. Demais o verbo *pedir* está mais de accordo com o — *concede nobis* etc. da Chronica de D. Affonso VII, que *propôr*.

*Para enviarem mensageiros á Africa.* Que é isto?... Temos synalepha historica?... Pois os cercados pediram (e não se diga *propozeram*) as tregoas só com o fim de *enviarem mensageiros á Africa*; como visível, e litteralmente se deprehende do enunciado transcripto!... Não ha tal. Pediram-nas com o fim assás expresso de os enviarem tambem aos mais correigionarios sem distincção de logar, conforme se exprime a Chronica de D. Affonso VII: *Concede nobis spatium unius mensis, ut mittamus nuntios iterum trans mare Regi nostro Texufino et in omnem terram Agarenorum* (2). O que *Ferreras* entendeu dever se restringir a Andaluzia e Marrocos: — » *Ali... despachò à el Andalucia, y Marruecos aviso* » de lo que le passaba (3). » Em um pensamento porém composto omittir uma parte, que tem igual direito a ser mencionada, e com a falta da qual elle fica altamente coxo e desestrado, é a olhos vistos faltar ao que

(1) *Viendo-se Ali perdido pediu treguas, pactuando, que si dentro de un mes no era soccorrido, que entregaria el castillo.* Ferreras, Hist. de España, tom. 5.º pag. 306, n.º 4 — A autoridade do Historiador hespanhol assás rebate a infundada idéa do Historiographo portuguez.

(2) No paragrafo 69.

(3) No logar ja citado, n.º 4.

soberanamente exige a exactidão histórica. — Quem além d'isto ler com attenção o periodo da historia de Portugal, que fica copiado, ha de achar que a referida omissão faz que se collija que os cercados esperavath soccorro dos *generaes Almoravides da Hespanha*, sem que para este effeito os tivessem avisado do apuro em que estavam. E na verdade do tal periodo só se conclue que elles enviaram com este aviso *mensageiros á Africa*, e não aos *generaes Almoravides da Hespanha*. Isto porém é manifestamente contrario ao que na maior amplitude testimonia a historia!

*Enviaram mensageiros á Africa!* Será por ventura, insistiremos ainda, exacto este modo de historiar? Tal não diremos que o seja. Foi por acaso á Africa, generica e abstractamente fallando, que foram enviados aquellas mensageiros, como inculca a expressão? Não foi restrictamente a Marrocos, aonde se achava o Tachfin? Foi. E será de mais apurada fidelidade historica tomar o todo pela parte, o abstracto pelo concreto, o mais generico pelo menos generico, que fallar sem figura? Não sabemos que taes synedoches sejam licitas ao historiador. Pelo contrario ninguem deixa de conhecer que o uso dellas faz soffrer ao planeta luminoso da historia alguns digitos de eclipse! Na verdade quando o plagiario ou o rapsodista, para armar á novidade, chama ao campo da abstracção, ou generalidade aquellos pontos geographicos, que a historia designadamente dá a conhecer e inculca como theatro individual dos acontecimentos que refere; esta longe de instruir e esclarecer, como lhe cumpre, precipita aquelle que a lê no barathro da vacillante e nebulosa ambiguidade.

Ainda temos porém algum rabisco ou antes labrusca, que não deve ficar por vindimar! Aonde está pois ella? Está na expressão — *generaes Almoravides da Hespanha*. — Que *generaes Almoravides da Hespanha* são esses que figuram na hypothese de os cercados não serem por elles soccorridos? Encontrou por ventura o escriptor portuguez esta denominação em algum documento historico? Em nenhum por certo. A historia não dá uma semelhante denominação áquelles chefes, ou cabeças que imperavam em Hespanha, a quem os cerca-



dos de Oreja mandaram pedir soccorro. Dá-lhes sim o nome de Reis (Reges), nome com que mais de uma vez são designados na Chronica de D. Affonso VII (1). Não é pois uma manqueira imperdoavel o dar o nome de generaes áquelles a quem a historia só faz conhecer com titulo de Reis? Todo o mundo o ha de indisputavelmente affirmar. Talvez entenderá elle que a palavra *Reges* se deve traduzir por *Duces*, generaes? Se o entendeu contra a commum e recebida hermeneutica; qual foi o seu fundamento? Nenhum por certo teve para se desviar da ordinaria e trilhada viéla. — « Foi desde o principio do seculo 11.<sup>o</sup> que o reino de Cordova (ou *cañfado segundo outros*) se viu desmembrado pela ambição de uma multidão de senhores, que á sombra das desordens, usurparam o *titulo de Reis*. Toledo, Valença, Saragoça, Sevilha, Orihuéla, quasi todas as grandes cidades, tiveram *reis independentes*. As províncias se mudaram em reinos » (2). A vista destes successos tão demonstrativos, mencionados em sua historia pelo judiciosissimo Abbade Millot, como poderá ter logar aquelle titulo de — *generaes*? Foi mais uma caronada da sua excentrica imaginação romantica com pontaria de recochete dada na fidelidade historica, para adrede depreciar as forças dos Agarenos na Hespanha, lá para o fim, que todos sabem! — Continuemos porém a derrota.

« Concedeu o imperador as treguas pedidas: par-tiram os mensageiros; mas o soccorro não veio, antes o triste desengano de que era necessario render-se » (3). Como é isto? As treguas foram *propostas*? Ou foram *pedidas*? Em que ficamos?... Se acinia disseses que foram *propostas* (ou, o que é o mesmo, que os cercados *propoxeram um armisticio*); porque dizeis

(1) No mesmo logar da Chronica, já citado.

(2) « Dès le commencement du onzième siècle, le royaume de Cordoue fut demembré par l'ambition d'une foule de seigneurs qui, à la faveur des troubles, usurpèrent le titre de rois. Tolède, Valence, Saragosse, Séville, Orihuéla, presque toutes les grandes villes, eurent des rois indépendans. Les provinces se changèrent en royaumes. » (Millot, *Elements d'Histoire Générale* tom. 6.<sup>o</sup> pag. 219 e 220.)

(3) *Histor. de Portugal*, tomo 1.<sup>o</sup> etc.

agora que as tregoas foram *pedidas*? Recorrereis á anchora da synonymia? Não vos admittimos o inepto subterfugio!

*Partiram os mensageiros!* Quem ler este modo de exprimir generico ha de pensar talvez que os cercados fizeram partir algum cardume de mensageiros para levar a noticia do seu estado de apuro. Ha de porém enganar-se. A historia de Ferreras em hespanhol tamso- mente escreve que » *Alí* fizera aviso a Andaluzia, e » Marrocos do que se passava » (1). O seu traductor, Mr. d'Hermilly, restringe o caso a dois expressos, um a Andaluzia, e outro a Marrocos (2). Ora seguindo, como commentario ao original de Ferreras, as palavras do traductor, como poderá o historiador portuguez, que restringe só a tal mensagem á *Africa* (como já se fez ver) escrever sem censura — *partiram os mensageiros!* E' elle quem a si proprio arma os cambapés, e se deixa emmaranhar em taes engrimações! — Ha de soccorrer-se á Chronica de Affonso VII. A questão será então toda com o traductor de Ferreras, que é quem forneceu o elemento da objecção!

Mas vamos já pôr termo á impertinente e adiaphora digressão do historiador portuguez, com ineptia filada a gancho para despeitar a grandeza do Feito d'armas de Ourique. Vamos sim concluir com o repugnante e incommodaticio sacrificio, que temos feito, de a transcrever, para finalmente lhe rendermos as devidas honras do buta-fóra!

» Andavam por tal modo (historia elle) revoltas  
» as cousas do Maghreb, e, spitez da reputação e es-  
» forço militar de Tachfin, e das excellentes tropas que  
» levára da peninsula, a sorte mostrava-se tão adversa  
» aos lamtunitas, que o auxilio pedido era impossivel.  
» Tachfin, desbaratado em successivas batalhas, mal  
» podia amparar o throno vacillante de seu pae, thro-  
» no a que só devia subir para ficar sepultado nas rui-  
» nas delle. Aurelia entregou-se, por tanto (outubro

(1) Veja-se o logar que já fica citado a pag. 55.

(2) *Alí s'iant signé le Traité et livré les otages, dépécha un Ex-  
prés en Andalouzie, et un autre à Maroc, pour avertir le Roi son  
Maitre de ce qui se passoit etc.* (Tom. 3.<sup>o</sup> pag. 411).

» 1139) e as demonstrações de jubilo não só do exerci-  
» to, mas tambem da capital, provam qual era a im-  
» portancia d'aquella conquista » (1). — Nunca Aure-  
lia (*Cazorla*, segundo a *novissima descoberta* do nosso  
erudito escriptor!) se viu tão garrida e arrebicada com  
tantas flammulas e galhardetes de apregoada importan-  
cia na republica typographica, como nas paginas decan-  
tadas da *normal* historia de Portugal!... Mas é nessa  
*importancia* imaginaria, comica e caricata, que está ala-  
pardada a miniatura mais expressiva, e provocadora do  
ridiculo! Na verdade quem jámais, em todo o variado  
e vasto dominio da historia, sonhou, ideou, disse, ou  
deu a entender que a tomada ou entrega de Aurelia  
(*Oreja*, por impossivel commutada em *Cazorla*!) pelo  
Imperador D. Afonso VII, Rei de Castella e de Leão  
era, não digo já argumento, mas nem sequer remoto  
simulacro d'elle, para provar que os *lantunitas*, ou, por  
outra, os Sarracenos, na Peninsula hispanica ficaram, por  
cumulo de um tal dezar, sem poder sequer, como diz o  
chistoso vulgo, com uma gata pelo rabo? E por conse-  
quencia irrefragavel quando cahiram no langarás de se  
apresentar no campo de Ourique, para debellar D. Af-  
onso Henriques, não eram mais em numero e valor que  
um bando de janistroques farrapões, quaes por exem-  
plo ha quarenta e tantos annos, ainda mal, os vimos, com  
o carimbo de exercito protector, entrarem pelas ruas  
desta capital, coxos e estropados, sob o commando de  
um *gallo*, harpia rapinante, que ao passo, que nos ía  
deixando sem chave para comprar uma páda, não ces-  
sava de nos embahir com a *farfante* promessa de um no-  
vo Camões!... Quem jámais sim foi desencantar um  
tão paradoxal e deslocado fundamento historico para de-  
duzir disparate ou pelo menos o seu equivalente, de tan-  
ta e tão inqualificavel dimensão gibosa, e caquetica?  
Basta unicamente olhar para a originalidade da lem-  
brança para desde logo reconhecer que ella fica, pelo  
proprio pezo do absurdo, altamente abysmada no porão

(1) *Histor. de Portugal*, tom. 1.º pag. 322.

immense do archi-profundo pelago do zero! — Para aquillo que imaginariamente se pretende concluir ser verdade, ou pelo menos ter algum viso ou traço della, era preciso, pelo menos, que se provasse que toda a fôr, o mimo, o principal das forças *lamtunitas* se achava no castello de Oreja, e que estas, depois da tomada d'aquella fortaleza, de tal modo, e por guisa tal ficaram amedrontadas, enfraquecidas, e apoucadas, que os *lamtunitas* nunca mais puderam na Peninsula, quer invadir, quer fazer frente aos Christãos em campo de batalha. Isto porém é tão falso, quanto desmentido pela historia peninsular dos annos proximamente subsequentes áquella conquista ou antes entrega. — Entre outros successos, ella nos faz sciente daquella audaz irrupção, que com grandes forças, logo em desforra da derrota, que tinham recebido no anno precedente na Batalha de Ourique, fizeram sobre Portugal os Mahometanos limitrophes no anno de 1140, insultando o castello de Leiria, que tomaram, e demoliram (1). No anno de 1141 encontraremos a incursão feita no reino de Toledo, e tomada do castello de Mora pelas forças reunidas de Aben-Azuel, e Aben-Ceta; o primeiro Alcaide de Cordova, o segundo de Sevilha (2). Em 1143 ler-se-ha a sanguinolenta batalha junto aos *Pozos de Algodor*, sustentada por Farax-Adali, Alcaide de Calatrava, contra Munio Alonso, e Martin Fernandez, que não tiraram a melhor do feroz Mahometano (3). Porém que digo? Quem não sabe que mesmo durante o cerco de Aurelia (no anno de 1139) os Mouros do partido de Tachfin formaram um exercito de trinta mil homens, fóra vivandeiros e outras gentes, para fazerem levantar o assedio? (4) A' vista deste facto, e dos outros mencionados feitos bellicos praticados logo nos tempos, nos annos immediatos á Batalha de Ourique, pela Mourisma dominadora das Hespanhas; como se pôde desafrontadamente dar a entender que as fileiras da força

(1) Ferreras, *Histoir. gen. d'Espagne*, tom. 3.º pag. 416 — Brandão, *Monarch Lus L. 10, cap. 9.*

(2) Ferreras, na *Obra citada etc.*, tom. 3.º pag. 417 e 418.

(3) Ferreras, tom. 3.º pag. 424 e 425.

(4) Ferreras, tom. 3.º pag. 410.

dos *lamtunitas*, que concorreram ao campo d'aquelle memoravel Combate, offereciam o spectaculo do — *aparent rari* — do cisne mantuano; e todos elles tremendo de susto e medo como varas verdes? Quem recorre a desvarios de um tal e equivalente lote para deprimir a façanha grandiosa dos Portuguezes e de seu primeiro Monarcha no Campo de Ourique, chegando até ao frenetico destempero de a qualificar com o nome de *bulha* (1); não só renega dos sentimentos communs de nacionalidade, que palpitam no coração de todos os naturaes de qualquer paiz; mas até contradiz, e menoscaba os elementos mais triviaes da arte de raciocinar!.... Mas deixando para outra occasião o descarregar sobre o attentado horrendo, com toda a merecida rigidez, e inflexibilidade, o já por vezes alçado azurrague critico; vamos agora por um pouco tirotear o copiado texto.

No primeiro periodo da transcripta salsada, figuram como de cataplasma vesicatoria, *as cousas do Maghreb por tal modo revoltas*, que (de concomitancia com a *sorte que tão adversa se mostrava aos lamtunitas*) apesaz da reputação e esforço militar de *Tachfin*, e das excellentes tropas que levava da península, faziam que o auxilio pedido para sustentar Aurelia, fosse impossivel. — Que tem a impossibilidade de enviar os pedidos soccorros a Aurelin por causa *das cousas revoltas do Maghreb*, e da mais que se fisa, abalra, e atraca, com a Batalha de Ourique; para d'ahi se deduzir argumento contra a sua verdadeira e real grandeza? Acaso encontrou o paradoxal escriptor da alcunhada historia de Portugal escripto e narrado em alguma membrana ou canhenho oraculino de *garabulhas e gorgotins cuficos*, reliquia veneranda de algum dos sectarios de Mafoma, que habitasse as Hespanhas, o fatal e inexoravel accordam que — se Aure-

(1) Assim se exprime o Author da Historia de Portugal no *Journal — A Semana* — n.º 10, fallando da Batalha de Ourique. Uma semelhante qualificação, que é em si mesma um insulto, um escandalo lesa-Nacional e Real (omittindo outros termos depreciadores do *Feito glorioso*, que se encontram em diversos opusculos da mesma penna) esse confirma que não havemos sido exaggerados quanto ao grau de aviltamento, a que temos feito ver que o historiographo portuguez se empenha reduzir o primeiro monumento de heroicidade, que ornamenta os *Annacs da Monarchia*.

lia fosse conquistada pelos Christãos, por falta de lhe não prestarem o pedido soccorro, elles Muhometanos seriam em castigo obrigados a apparecer nesse mesmo anno em Campo de Ourique com tropas tão mingoadas, de *fileiras tão rareadas*, que para logo, transidos de pânico, não fizessem mais que dar ás trancas, á primeira trombetada do exercito furibundo do grande Affonso? Só nesta hypothese, que não sem custo conseguiria entrar (prescindindo já do anachronismo que aleija, como depois mostraremos) pela jumental guela de algum basbaque, zumbaieiro do Sancarrão do Profeta; é que se poderia admittir alguma influencia fatidica (alcoranicamente fallando) da perda d'aquelle castello ao Combate de Ourique, relativamente á pertendida pequice e pequenice ou caturrice da força mahometana!... Porém se nem esta, nem qualquer outra hypothese de jaez fatalista pôde ter logar; pois que as mesmas mahometanas historias incontestavelmente as desmentem, mencionando factos que provam que as fileiras dos Saracenos não se achavam *rareadas* no combate de Ourique (1); como é que taes e quejandas romançadas do Historiador portuguez ha de acreditar o homem verdadeiramente instruido e sensato? — Mas que favas contadas eram essas, que, dada a desastrosa impossibilidade de defender Aurelia, tão forçosa e irrevogavelmente haviam de brotar a brusca entremezada de os inimigos apparecerem em Campo de Ourique em tão diminuto numero, e com caras quasi tão marasmadas e escanifradas, como se tivessem jejuado em todo o rigor o *ramadan*? Como assim! Pois acaso porque a bicharia Mourisca perdeu uma praça, ou castello por falta de soccorro (levando de mais a mais o governador della comsigo para Calatrava toda a guarnição fóra o mais, conforme um dos artigos da capitulação (2)); o que outrosim prova, que aquella perda não podia tornar *rareadas as fileiras dos lamtunitas*); pôde tirar-se a necessaria conclusão, que

(1) Veja-se — *Exame Historico etc. sobre a Batalha de Ourique* etc. por A. C. P. pag. 14.

(2) *Chron. de D. Affonso VII. Flores España Sagrada. tom. 21 pag. 379 n.º 70.*

os outros governadores, ou Alcaydes, Reis ou régulos das varias terras da Hespanha Sarracena ficassem para logo inhibidos de poderem ainda apresentar em campo um exercito formal e numeroso, para se baterem com os seus adversarios? A historia attesta por differentes vezes o contrario (1). Na verdade, disse, ou dirá por ventura jámais alguém que a perda d'aquella praça trouxera consigo a ruina das forças mahometanas; e a ponto de ficarem tão definhadas e alcachinadas, que nunca mais poderam levantar o côlo para com valente, e numerosa força pelejar? Ninguem que tenha a cabeça em seu devido e natural logar ha de pronunciar um tão juloso, e apuznhado absurdo historico. Muito menos houve jámais alguém que tivesse angariado, e filado similhante successo (a perda de Aurelia, *Oreja* e não *Cuxorlu!*) para negar com aviltamento a grandeza do Combate ou Batalha de Ourique?

O segundo periodo é igualmente uma miseria! — Que tem com a possibilidade e real existencia da Batalha de Ourique, conforme a mais critica historia geralmente nol-a apresenta — o mal poder o *Tachfin desbaratado em successivas batalhas sustentar o throno vacillante de seu pae?* Era por ventura condição absoluta e indispensavel para existir e realizar-se aquelle grande combate que *Tachfin* estivesse dominando na Peninsula, e não se achasse por então no Maghreb, *desbaratado em successivas batalhas?* Quem tal jámais nem sequer sonhára? Não havia mais chefe algum ou alguns na Peninsula Hispanica, que podessem, e soubessem reunir, e debaixo do seu commando adestrar tropas para uma peleja campal? Não teriam elles as forças necessarias para tal empreza? Debalde o historiador portuguez ha de poder resolver estes problemas em seu favor, contra aquillo que testifica a historia, como já exemplificámos (2).

Mas que *throno é esse, a que Tachfin só devia subir para ficar sepultado nas ruinas delle?* Pois as cousas do

(1) Vejam-se os exemplos já apontados a pag. 60 desta 2.<sup>a</sup> Parte.

(2) Vej. pag. 60 desta 2.<sup>a</sup> Parte.

*Maghreb* achavam-se de tal modo *revollas*, quando se entregou Oreja (*Aurelia*, isto é, *Cazorla* na *Geographia* do nosso *inerravel* historiador!) para semelhante prognostico se poder tão enfaticamente adiantar? Não. Pronunciámo-lo, contra a asseverada falsidade, com toda a firmeza, e segurança historica. Sim, a historia nos certifica, que, sendo tomada Oreja no anno de 1139, depois de sete mezes de assedio, durante este mesmo tempo *Tachfin*, que então se achava em Marrocos, tendo noticia do apuro em que se achava aquelle castello, *promptamente lhe enviára um grande comboi de viveres, e um bom corpo de tropas de reforço* (1). Em presença deste facto, o mais terminante e incontestavel, de prospera fortuna, como poderá alguém inculcar as *cousas revollas do Maghreb*, com aquella face com que as quer impingir o Author da Historia de Portugal? Como outrossim a não ser profeta (qualidade que ninguem reconhecêrã no historiador portuguez!) augurar com tanta firmeza da futura desgraça do *Tachfin*? E' por tanto de cunho de alta incompatibilidade tanto o prematuro prognostico, como odizer-se como seu fundamento, que as *cousas do Maghreb* (que segundo uns significa a parte septentrional, e segundo outros a occidental de Marrocos) se achavam naquelle tempo *revollas* por tal e tão exaggerado modo. — Quando porém um successo tão claramente opposto combate e destron a falsidade; a palinodia é um dever! — Ainda no anno de 1143 (tempo em que as *cousas do Maghreb* se achavam indubitavelmente muito mais *revollas*) se acha escripto que *Tachfin* por occasião de fazer governador general dos seus estados em Hespanha a *Aben Gama*, lhe enviara de Marrocos *uma somma consideravel para fazer tropas em todos os seus estados* (1). — A grande revolução de Marrocos, ou fallando mais restrictamente de *Maghreb*, que o Historiador portuguez com intoleravel anachronismo approxi-

(1) « Il envoys promptement un grand convoi de vivres, et un bon corps de troupes de renfort. (Histoire Universelle etc. traduite de l'Anglois d'une société de gens de lettres, tom. 14 de l'Histoire Moderne, pag. 231, Section 6<sup>a</sup>). » = *Chronica de Affonso VII*, § 68.

(2) *Ferreras*, tom. 3.º pag. 423.



ma, se não pôe, ao anno de 1139, só teve logar, como referem os historiadores, pelos annos de 1146. » *Abd-el-momen*, chefe dos *Almohades*, que havia algum tempo estava em guerra com um descendente de *Tachfin*, » foi mais feliz em 1146 do que o tinha sido nos annos » precedentes. Depois de muitos combates entre os dois » exercitos, que nada de decisivo tiveram, a victoria se » declarou em fim por *Abd-el-momen*; e *Tachfin*, forçado a fugir, se refugiou em um castello na raia de seus » estados » (1). Cure por tanto o escriptor ignorante, ou inadvertido com o balsamo cicatrizador da devida retractação a estocada, que pregou na historia arabico-hispana, com o reprehensivel fim de fazer murchar uma das mais bellas flôres dos Annaes das glorias patrias!... O remate, fecho, ou desfecho do paragrafo é digno das premissas, que o precedem. — *Aurelia entregou-se por tanto*. Que vem ao caso que *Aurelia* (significando *Oreja* e não *Cazorla*, como tão ineptamente se entendera!) se entregasse? Por ventura com essa entrega esteve jámais identificada a exinanição, ou aniquilamento das forças dos Mahometanos? Nunca escriptor nem escrevinhador algum pronunciou um paradoxo de tão agigantada magnitude! — Porém que digo? Houve jámais alguém, que tenha tido apenas alguma leitura da historia hispano-arabica do seculo 12.<sup>o</sup>, que ousasse, nem sequer por burla, pronunciar que a entrega d'aquelle castello trouxera para os Sarracenos uma perda de character irreparavel; uma perda d'aquellas, que deixa os vencidos na impossibilidade de futuro reunirem forças numerosas para se baterem em uma batalha campal? A singularissima incapacidade intellectual, que assim julgasse, tocaria o extremo da mais insulsa, e cascuda estupidez!... Tanto na verdade o estado contemporaneo dos Mauriticos na Hespanha, como os factos posteriores e de proximos periodos, seguramente convencem ainda o mais peticego de discernimento, que folhear a respectiva historia (2), de que o tão exaggerado revez não passou da es-

(1) *Recherches Historiques sur les Maures et Histoire de l'Empire de Maroc*, par M. de Chehier, tom. 2.<sup>o</sup>, pag. 55. — *Ferrières, Hist. Gen. d'Espagne*, tom 3.<sup>o</sup> pag. 435.

(2) *Veja. pag. 60 a 64 desta 2.<sup>a</sup> Parte.*

cala commum dos ordinarios dezares! A conclusão por tanto, que se pretende tirar da mencionada entrega, toca, além de falsa, uma das metas do alto ridiculo!

» E as demonstrações de jubilo (*conclue*) não só do » exercito, mas tambem da capital, provam qual era » a importancia d'aquella conquista. » Não entrarei na questão se é ou não logico e critico o avaliar a importancia da entrega de qualquer castello, praça, ou cidade pela apparente physionomia das *demonstrações de jubilo*. A historia tambem nos mostra fantasmagorias de grandes e fataes derrotas bellicas. A baze, em todo o caso, do julgador da tal importancia tem proximo parentesco com a dialectica d'aquelles que tem a boa feição de julgarem da grandeza da banda musical pelo sobresaliente estrepito da batedura do impertinente zabumba! — Porém que *demonstrações de jubilo* da parte da exercito foram essas, que deram tanto no goto ao nosso escriptor para fazer valer tão sobremaneira aquella importancia? O que a historia só nos diz a este respeito é: » Que o Imperador logo que tomou posse do castello de Oreja » fizera arvorar sobre a mais alta torre os seus estandartes, durante que os Bispos e mais ecclesiasticos, que » o acompanhavam, entoaram ou cantaram o *Te Deum* » em acção de graças (1). » Vê-se pois que todas as *demonstrações de jubilo* da parte do exercito apenas se reduzem ao puro e circumscripto acto de izar umas bandeiras, ou cousa que o valha, na torre mais eminente do castello de Oreja, no comenos que se entoava, ou cantava o referido hymno. Ora esta demonstração de jubilo, não passando, como é evidente, da classe das mais ordinarias e triviaes em casos de semelhante natureza, está bem longe de se poder allegar como argumento, que valor especial tenha, para reputar em grande e subido apreço a entrega do castello de Oreja. A' vista d'isto o Historiador portuguez ao passo que cuidou, como proverbialmente dizem, ir buscar lã, veio tosquiado!

Mas aonde estão essas *demonstrações de jubilo da capital*, que tambem se engalaram, e engasgalharam na

(1) Ferreras, Hist. Gen. d'Espagne, tom. 3.<sup>o</sup> pag. 412.

bateria para fazer fogo de vista com intuito de vender á credula sinceridade a postiga mercadoria? Aonde estão ellas?... Saiba todo o mundo que taes *demonstrações de jubilo* não houve em Toledo, que conste terem tido despacho algum na alfandega historica, por occasião d'aquella *entrega!* — Pois como é isto? Clamará com horrida, e desafinada celeuma toda a *anti-fossil* clientela da *idolatrada historia*, que cahira na estolida fofice de jurar nas palavras do seu homem!... Eu lho digo: As *demonstrações de jubilo*, que tiveram logar na capital, não se prova que fossem por occasião da noticia da entrega do castello de Oreja. E por isso não se pôde dizer que a *importancia da conquista* dêsse motivo a ellas. Tiveram sim logar por occasião da entrada do Imperador em Toledo (dias talvez não poucos depois da tal aquisição); tendo já, depois de tomar varias providencias para assegurar a conquista, licenciado o exercito. Consistiram ellas em uma recepção solemne e pomposa feita pela capital ao Monarcha. A historia não nos diz que fôra por causa da entrega de Oreja, que tivera logar este signal de dedicação civica, e, n'aquelle tempo, de vassallagem para com o Soberano. (1) Para que se ha de pois de ir apontar como conhecida uma causa que o não é, nem como tal jámais fôra indicada? Tira-se pela feitura da deducção, responderão os apaniguados, escravos do *Ipse dixit!* Que dados porém tem o escriptor para poder afirmar que o Monarcha não teria aquella recepção apparatusa, se não tivesse ganhado aquella conquista? nenhuns. — Prescinda-se na verdade da vinda do Monarcha para Toledo; e que folguedos, que festejos se encontram na capital por occasião da noticia da entrega de Oreja? Nem um só sequer nos indica a historia.

Mas para que é progredir na contestação? Concedamos, por todo o preço, na realidade aquellas *demonstrações de jubilo* na capital tivessem por objecto primario o festejar a entrega do castello de Oreja; figurando o Imperador nellas, como Pilatos no Credo! Que *demonstrações de jubilo da capital* foram essas, de cunho fôra do ordinario, que possam servir de fundamento pa-

(1) Vej. *Errores na citada Historia*, tom. 3.º pag. 412.

ra mostrar que a entrega de Oreja (*Aurelia*, que com inaudito absurdo quer o prototypo historiador seja *Ca-zorra!*) ou antes capitulação, fôra um fracasso de tão fatal terribilidade, que nunca mais deixou levantar cabeça ás humilhadas e abatidas meias-luas? Se assim fosse, é bem de ver que a festança não havia tamsómente de ficar reduzida á mesquinha economia de uma, embora pomposa, recepção feita ao Monarcha!... Não era natural, e seria até repugnante, que uma vantagem marcial, que punha ou virava os *lambanitas* de pernas para o ar, conforme o dizer do vulgo, a ponto de nunca mais se poderem pôr em pé, fosse talvez apenas celebrada por algumas horas de folgança! Um successo tão transcendente era motivo mais que justo e de sobejo para uma expansão de alegria mais intensa, e duradoura. A historia porém desengana a todo o mundo que a ler, ainda que seja o da mais espalmada, e esguia intelligencia, que a entrega do castello de Oreja não trouxe consigo mais que uma *importancia* local e relativa. A cambaleante dialectica portanto, que se funda no principio romantico das *demonstrações de jubilo*, caduca por mais uma mazella!

Deixariamos aqui já, de bom ou máo grado, de progredir no censorio varejo. Mas que ha de ser?... Quando, já cançados da tarefa, para resfolgar, estavamos por um vai não vai a cerrar e pôr de parte o romantico e epigrammatico volume da Historia de Portugal (*Mars magnum* de inepcias historicas); eis que não sei que machinal e fortuito impulso nos fez empregar a vista na citação de alguns authores, que na orla, ou margem austral da pagina, aonde termina o paragrafo analysado, se encontram aposentadas. — Para alguém que tenha a vulgar bonomia de passar por estes nichos ou cazulos de trivial erudição, como gato por braças, ou cão por vinha vindimada, o embrulho ficaria sem receber as homenagens de uma esmiuçada revista!... Quem só todavia andar no campo especulativo da analyse, e tem repetido, e velho conhecimento das viellas e azinhagas, por onde muitas vezes inesperadamente se faz tranzitar o foragido contrabando; este tal anda sem cessar com tento, e olho á mira ou sempre á lerta, para não ficar,

sem o pensar, impunemente *engasopado!*... Quantas vezes o charlatanismo litterario alardêa com um turbilhão de authoridades que nada provam, e até mesmo provam o contrario? Quantas vezes se refugia sob a tutela de escriptores, que se por um lado parecem patrocinial-o; por outro lado subministram materia para se lhe fazer a mais grave e indispensavel censura? Ensina-dos e escarmentados por uma e mais vezes exemplifica-da experiencia, com razão entrámos em espontanea du-vida e prudente suspeita se a letra dizia com a careta, quando démos com os olhos na guarida cathgorica das acorrilhadas citações. Recusámos dar assenso cêgo; e nesse momento de cautelosa reflexão nos veio logo de assalto á memoria *osic valeas ut tu farina es, quæ jaces!* Neste embate de incerteza se ha ou não logração, se ha ou não embofia, decidimos a contenda pelo axiomatico bordão do vulgo — *Ver e crer, como S. Thomé!* Sem mais divagação vamos áquillo que altamente importa.

Um e o primeiro dos Documentos, e Monumentos que o Author da Historia de Portugal alugou ou ape-nou para fazer crer (além de outras asserções) a fanta-ziada importancia da entrega de *Aurelia*, é a Chronica de D. Affonso VII. Vem transcripta esta Chronica no tomo 21 da España Sagrada, (obra esta escripta, como todos sabem, por Florez) a pag. 320 e seguintes. Cita (o Author da Historia de Portugal) desta Chronica os capitulos (e eu direi numeros) 60 a 63 e 67 a 72 do Livro 2.º Em qual, e aonde porém destes logares se encontra cousa alguma, que inculque a *importancia* d'aquella conquista no gráo e cathgoria em que a pre-tende inculcar o historiador portuguez? Aonde é que se indica na mencionada Chronica que a *entrega* de *Aurelia* trouxera consigo uma calamidade tão furibunda so-bre as forças lamtunitas, que as deixasse em uma omni-moda, e irreparavel derrota? Que período, que frase, que termo, sequer, nella se acha escripto, que dê a co-nhecer ao menos um longe, um vislumbre de que a en-trega de *Aurelia* cortára radicalmente a esperanza aos Mouros da Peninsula de poderem apresentar em Campo de Ourique ou em qualquer outra parte, em tempos successivamente proximos ou mais remotos, alguma for-

ça numerosa para se baterem com os Christãos? Em nenhuma parte da mencionada Chronica se acha rastro ou sombra de uma tal, nem parecida asserção; proclamará todo o mundo que a ler, e examinar. Quem analizar pois o n.º ou cap. 71 da Chronica de D. Affonso VII ha de completamente desenganar-se de que toda a importancia, que teve a entrega de *Aurelia*, fôra, por este successo, dar fim ao vexame, e grandissima guerra, que os Mouros faziam no districto de Toledo, e em toda a *Extremadura*. E é visivelmente neste, e não em outro sentido que a Chronica lhe dá a denominação de *grandis victoria* (1). — A Chronica do Imperador D. Affonso seria além d'isto altamente contradictoria se tomasse a importancia da entrega de *Aurelia* na elevação e apreço superlativamente romantico, em que a estima o historiador portuguez. E' pois ella propria que, depois da entrega de *Aurelia*, nos menciona por vezes as tropas mouriscas batendo-se em grande numero em campo de batalha com as tropas do Imperador; como se torna evidente a todo aquelle que a ler (2). Falsa, e contradictoriamente por tanto se invoca o testemunho de um Documento para fazer existir uma importancia, que, segundo este mesmo Documento, não é possivel dar-se, nem conceber-se!

Vamos ao segundo bordão, a que o nosso historiador arrima, com toda a mais sarabulhada de asserções, a por elle tão guindada, e engrimpada importancia da entrega de *Aurelia*. E' elle: *Documentos em Manrique, Annales Cistercienses*, tomo 1.º, paginas 402. — Que documentos são esses, que se dizem achar exarados na citada Obra, em o tomo e indicadas paginas? Nem um só sequer ahí se acha transcripto, ou apontado, que con-

(1) *Et aversum est opprobrium, et maximum bellum, quod erit factum in terra Toleti, et in tota Extremadura. — Facta est magna victoria.*

(2) Inteiramente de acordo com o que asseverámos (por não deixarmos de particularizar exemplo) está a passagem que se lê na Chronica de D. Affonso VII n.º 78, que é a seguinte: *Porro acies Moabitaram et Ayarenorum, erectis suis regalibus vexillis venerunt, et instruxerunt acies magnas et fortissimas contra acies Christianorum.* (Em Flo'es. *Espanha Sagrada*, tom. 21 pag. 304). — O logar transcripto tem referencia ao anno de 1143, quatro annos depois da Batalha de Ourique.

tenha apenas algum indício de testificação em abono de alguma das circumstancias a respeito de Aurelia, que se referem no paragrafo do escriptor portuguez, que fica analyzado; muito menos que dêem apoio, ou façam, quando muito, allusões á tão inculcada *importancia!* — Pois é possível que no citado logar dos *Annaes Cistercienses* nada, absolutamente nada, se encontre, que sirva de comprovar alguma particularidade sobre a causa do cerco, duração, definitiva entrega de Aurelia, e bem assim das *demonstrações de jubilo*, que se lhe seguiram? Nada ácerca d'aquelle superlativa *importancia*, que o historiador portuguez arvorou em parapeito para d'ahi extorquir, como legitima, e necessaria consequencia, a *fatal* e extrema prostração, desfinamento e marasmo das tropas mouriscas na occasião, em que tivera logar a Batalha de Ourique? Não é só possível um tão profundo, e sepulchral silencio. E' um facto de evidencia intuitiva para todo aquelle que ler os apontados *Annaes!* — Corra-se e recorra-se a olho nú (e se assim não bastar, empoleirem-se no pincaro ou cucuruto do esbelto nariz umas cangalhas microscopicas, que façam cada letra do tamanho de um bugalho!); corra-se sim e recorra-se de cabo a rabo, de lez a lez com a vista quer natural, quer reforçada e melhorada com a mais apurada lente de augmentar, toda a indigitada pagina. Decomponham-na, esmiuquem-na syllaba por syllaba, letra por letra, sem que nada por minimo que seja escape no faro da mais escrupulosa pesquisa; qual ha de ser o resultado, ou antes o desengano indubitavel de tão affanoso exame? Um zero; ou tudo quanto a todos os respeitos se póde exprimir pela palavra essencialmente negtiva, e que em todas as linguas e idiomas significa a carencia, e ausencia de tudo quanto ha de positivo e real!... Nada... sim; nada... é só e unicamente tudo quanto se colhe do perdido trabalho da analytica leitura! — E' porém por esta fórma e theor que o historiador tão *susceptivel* e opinioso pretende, escanchado no alcantilado coruchêo do blasonado merito da sua obra, subir até aos astros; *sic utur ad astra?* Que tal é o opio!... Que tal a nova especie de corrión!... Mas que gurriada!... Que vaia!... Que apurada tão desfeita, e solemne pregada á euauca

e capacha fé d'aquelles que assignam de cruz e abai-xam a cabeça a tudo quanto escrevinha e garatuja o homemzarrão da sciencia historica, trunfo inaugurado do dia, que tão aerea, falsa, e impudentemente apadrinha aquillo, que com tanto entono e pythagorica arrogancia proferira! — Quem á vista destes e que tã inesperados monos se ha de poder fiar e dormir a sono solto recostado sobre a veracidade de similhantes historiographos!...

O terceiro fiador, que apparece em scena para sustentar as já transcriptas asserções, que fizeram o objecto da autopsia analytica é: *Documentos em Colmenara, Historia de Segovia*, paginas 124. — Que documentos são esses? Temos outra burla, outra pulha tão atrevida como revoltante para illudir, para impôr áquelles que engolem tudo quanto se acha escripto em lettra redonda! — Nem um só documento (ouça-se!) se lê na citada pagina, por onde se possa colligir cousa alguma nem da muita, nem da pequena *importancia d'aquella conquista*. Todo o mundo que a examinar ha de achar esta incontestavel verdade! — Em nome della eu protesto e voto ao desprezo, e á execração publica tão alctvosa e horrenda falsidade em materia de citações! São dois os Documentos que alli se encontram; e o primeiro delles apenas comprehende estas succintas palavras, remate de um Instrumento que confirma as *Doações*, que D. Affonso VII tinha feito á Cathedral de Segovia: *Fucla carta in Secovia secundo Kaléd. Decēbris, quāda Imperator redibat ab obsidione Aureliæ, quã ceperat. Era M.C.LXXVII.* — O segundo documento se acha em parte lançado na citada pagina. Este (deixada a mais lenda, que nada vem para o caso) tambõmente testifica que Aurelia e seu povo fõra libertado do poder dos Mouros pelo Imperador D. Affonso, filho do Conde Raymundo: *ab Imperatore Adefonso Raymundi Comit̃is filio, Mauris eripitur.* Disse que se *acha em parte na citada pagina*; por quanto esta ultima asserção do Documento lê-se já transcripta a paginas 125. — Pois é acreditavel que na pagina citada pelo historiador portuguez nada venha, nem se descubra escripto, que designe, ou esboce algum rasto, pista, ou piugada, por onde se lobrigue e



enxergue o estado fracalhão, e de desalento mofo, a que ficaram reduzidas as tropas dos sectarios de Maso-  
ma, para d'ahi se deduzir o corollario indeclinavel da  
*importancia* da entrega, ou antes capitulação de Aure-  
lia!... Quem quizer ficar livre de toda a duvida e es-  
crupulo abra e corra pelos olhos a indicada pagina com  
o mais que lhe pertence, e em breves audiencias ficará  
no goso do mais perfeito e completo desengano de que  
o Author da *Historia de Segovia* nada escrevera, nem  
transcrevera ácerca de Aurelia, que patrocine as roma-  
nticas illações do escriptor da *Historia de Portugal*!

Porém a fatalidade do historiographo ainda vai mais  
longe. Sim, quem deixará de ver que é o proprio Col-  
menares que dá zursidela no mesmo individuo, que se  
acolheu ao seu patrocínio? Dá-lha sem duvida, e d'a-  
quellas, que, como diz o expressivo e eloquente vulgo,  
são de pôr a cara a uma banda! — Na verdade, com  
que cara, carão, ou carantonha ha de ficar o erudito e  
sapiente historiador, quando, depois de nos ter vendido  
*Aurelia* por *Caxorla*, lhe apresentarem ao alcance dos  
dois globos, ou espheras oculares, em bem grada, e nu-  
trida letra de imprensa, a authoridade de *Colmenares*,  
que dando um dos mais tremendos quinãos, que se po-  
deram dar a qualquer escriptor campanudo, lhe faz sa-  
ber que *Aurelia* é *Oreja* e não *Caxorla*?... Tal é pois o  
que o escriptor hespanhol nos ensina quando na pagina  
125, columna 1.<sup>a</sup> da mencionada Obra, terminando um  
periodo, diz: *siendo cierto que fue Oreja antigua Aure-  
lia*. — O nosso escriptor foi pois o proprio penitente que  
sóra buscar o flagello para receber o látigo!

A caronada todavia dos falsetes ainda não cessa  
de ecohar!... Que miseria, que calamidade não é pa-  
ra um escriptor publico, e ainda mais, quando em brios  
e gentilezas de sciencia crê que topéta com o bicernio da  
Lua; que miseria, que calamidade, direi, não é, o ser  
tão redonda e formalmente por vezes apanhado em la-  
psos, que tanto compromettem o credito e a estima lit-  
teraria d'aquelle que affanoso outrosim aspira ás rendi-  
das homenagens, e rasgados cortejos da sociedade mais  
conspicua dos intelligentes?... Na verdade que maior pe-  
cha, que mazéla mais asquerosa se pôde assacar ao que

alardêa, e bravatêa de historiador sem tacha, ou por outra sem manqueira, do que a indiscrição, ou não sei o que lhe chame, de cathegoricamente imbutir por patrones das suas opiniões, e doutrinas, Authores, que nada dizem seu ou alheio, que directa ou indirectamente as pareça sustentar? Defeito de uma larva tão torpe e medonha é do cunho d'aquelles que carimbam o escriptor com o ignominioso ferrete do mais subido descredito! — Infelizmente temos mais um exemplo desta estofa e jaez! — Um tambem pois dos espeques e postuletes, a que o escriptor portuguez encosta e recilna o enorme pezo das multiformes asserções do narcotico paragrafo, que assás criticamente esquartejamos, é o que se enuncia e encerra na citação: *E na España Sagrada Tom. 38, pag. 143.* Em que logar, parte, canto, ou recanto da mencionada pagina se acham acoitados, ou alpardados esses documentos para que remette os leitores o Author da citação? Em parte alguma, nem recinto que descobrir se possa. Responderá, ou antes vociferará tão surprehendido, como indignado e zangado, todo aquelle que por mera curiosidade, ou por desconfiança, aliás bem fundada, tiver chegado a ir á fonte limpa, para se tirar de duvidas. Será isto que proferimos illusão, ou sonho? Appello para o testemunho ainda do mais rampante e parcial leitor, do mais idolatra admirador que o vá verificar. Ha de achar quer queira, quer não queira, sem a minima deficiencia de um só apice, toda ancha e desbrugada, a verdade do que asseveramos!... Nem ao menos um vislumbre o mais remoto e arrastado ahi se encontra, que tenha alguma visagem, ou arremedo de documento grande ou pequeno, que possa servir para authenticar uma só das particularidades, que atravancam e entulham aquelle tão já por nós mimocado, e brindado parrafo! — Corra qualquer curioso por vezes mil, com todos os registos e contra-registos da attenção, todo o contexto da pagina inculcada: desosse, rilhe, e rumine desde o mais composto até o mais simples dos elementos do discurso: bata e rebata na bigorna da officina das mais requintadas, e alambicadas epichêas tudo quanto litteralmente se lê, e se devia alli escripto e typografado: embora tudo amoco-

gue, malhe e torse a malhar, com martellada de cyclope, a finura do Schotista mais subtil, e cavilloso; desbalde se affadigará o mais analytico esquadrinhador para conseguir a descoberta de um impossivel!... Amolgue, machuque, achate, espalme, comprima, esmiuce; polvorize em fim, além do mais que quizer ou souber fazer qualquer espertalhão insigne em dar á manivella da arte hermeneutica; toda quanta é a citada pagina, pela face e perspectiva do sentido natural ou figurado; nenhuma outra cousa ha de encontrar mais que a repulsa, e negativa de um penedo mudo e quedo, que a todo o investigador está em silencio dizendo: *Nemo dat quod non habet!* (1) Ora eis-aqui tudo quanto é, e veio a dar essa congestão e mioleira de documentos, que, a julgar-se pelos tramites e paradigma ordinario, que distingue o escriptor illustrado e sisudo do charlatão temerario e ignorante, parecia que devera achar-se clara e diffusamente estadeada no logar referido da Obra de Flores; para, com poder e força irresistivel, nos pôr na menina do olho da evidencia a importancia da conquista de Aurelia! — Parecia, torno a dizer, que ahi se acharia aglomerada, e arregimentada em columna cerrada uma saravada de documentos, qual a qual mais azado, e adargado, para nos delinear com todos os contornos; perfis e feições prominentes, o eclipse e deliquio total das luas Mahometanas por causa da tão inculcada entrega de Aurelia, e levar-nos a deduzir por consequencia necessaria o estado marasmatico, poltrão e cadaverico, em que jazia a Mourisma pelo tempo da Batalha de Ourique!... Parecia... sim parecia.... Nem outra cousa pedia a sciencia, e bom senso d'aquelle que fosse digno do nome de historiador!... Que tosca porém não foi a pulha!...

Ainda temos outro findor do famigerado paragrafo:

(1) O Author da historia de Portugal teria feito melhor (por não dizer o que devia) ao em lugar de andar com Flores pelas ultra romanticas regiões do nada, o tivesse na realidade folheado em o tomo 21. pag. 317 da *Espana Sagrada*. Ahi acharia que este Escriptor entendera que Aurelia era a moderna Oreja, e não Casoria, como o historiador portuguez tão falsamente escreve. Eis-aqui as formaes palavras do Escriptor hespanhol: « Aurelia, hoy Oreja junto á Colmenar de Oreja. »

E' elle o Arabista Hespanhol D. José Conde na *Historia da Dominação dos Arabes em Hespanha*, parte 3.<sup>a</sup>, cap. 36. — Que é isto? Estará acaso aqui occulta, e encantada alguma mina de documentos de polpa genuina; algum Potosi ou California de diplomaticos instrumentos, de uma paleografia sem caruncho, avaria, nem peço, por onde desmereçam no anomalo conceito dos Aristarchos resmungões, e niquentos; que cortem o nó gordio em favor do escriptor que a elles se soccorreu? Nada disto é, nem cousa que se lhe simelhe. Ah! Nem sequer talvez com verdade poderemos dizer: *Carbonem pro thesauro invenimus!*... Quando esperavamos deparar com uma artilharia documental de grosso calibre, achámos as *clavinas de Ambrosio carregadas de farello*, ou, se é possível, ainda menos! A analyse mostrará que não emittimos romanticas exaggerações. Com effeito; que se encontra, ou devisa no capitulo citado da *Historia da Dominação dos Arabes em Hespanha*, que, não digo já contenha alguma prova, mas nem ainda allusão a alguma circumstancia referida no analysado paragrafo da *Historia de Portugal*? Nada, absolutamente nada; responderá constantemente todo aquelle que o lêr, e não quizer fechar os olhos á luz da mais patente, e reconhecida verdade. — Falla-se por ventura nelle da Aurelia, e de alguma, ou algumas particularidades acontecidas durante o cerco, ou mesmo logo depois d'elle? Nem uma palavra unica. Que digo?... Nem sombra della! Basta ler o titulo do Capitulo para com anticipação conhecer que seria até um aborto, uma monstruosidade historica, se de tal objecto alli se tratasse. E' pois elle: *Guerra en Africa entre Almoravides y Almohades. Muerte desgraciada de Aly*.

Acaso fallará elle de successos contemporaneos, e que lhe digam respeito proxima, ou remotamente? Uma negativa omnimoda e perpetua é toda a conclusão, que a leitura do capitulo do Escriptor hespanhol ha de tão sómente fazer deduzir! — Pois nem sequer ao menos se poderá encontrar em todo o conteudo do capitulo algum laivo, traço, ou rasquicio, por onde se possa ajuizar de alguma sorte da *importancia da conquista de Aurelia*? Cousa alguma deste genero, nem estofa, nem que com

tal tenha parentesco, é escusado e inutil abí ir procurar! Que figura pois está fazendo no usual paradeiro da erudição a remissão ao apontado capitulo? Nenhuma outra mais que a de um cambapé armado aos leitores incautos, que adormecem ao suave, e insidioso som do: *Magister dixit!*

A coarctada e resurça unica que resta ao historiador portuguez é dizer: Dos factos adversos succedidos ao Tachfin em Africa, que se acham escriptos no capitulo em questão, se faz conhecer que as forças dos Almoravides fóra da Peninsula hispanica estavam em miseravel estado para poderem vir acudir a Aurelia. — Que disparate! Que inepecia tão roliça e rechonchuda! gritará, por um espontaneo impulso, todo aquelle, ainda o menos instruido, que tiver passado pelos olhos o referido capitulo!... Como é possível que os factos mencionados no capitulo citado, que aconteceram pelos annos de 1144 e parte de 1145 (como marginalmente indica o mesmo capitulo), tivessem alguma influencia na impossibilidade de os Almoravides ou lamtunitas soccorrer Aurelia por falta de forças, quando ella desde 31 de Outubro de 1139, como fica dito, se achava entregue, e em poder do Monarcha Christão? Acaso os successos futuros poderam jámais influir nos passados? Nunca. Como poderiam por tanto os desastres de Tachfin, acontecidos em Africa, cinco ou para mais de cinco annos depois da entrega de Aurelia, concorrer de maneira alguma para a perda della? O Author da historia de Portugal, chamando em apoio da sua opinião acontecimentos anachronicos, inaugurou em principio dialectico uma entidade repugnante; o que é absurdo dos absurdos!...

Porém o absurdo ainda não está collocado em toda a sua publicidade e nudez. Pego aqui particular attenção. Quero em poucas palavras desmascarar a atroz e audaz falsidade, com que se pretende reduzir ao desprezo e perpetuo menoscabo o primeiro, e um dos mais illustres feitos da Monarchia Portugueza. — O Author da historia de Portugal, conforme temos visto, a fim de reduzir á mófa e ao vilipendio a Batalha de Ourique, entre os pretextos de que lançou mão para fazer acreditar a fraqueza e mingoa das forças mahometanas n'a:

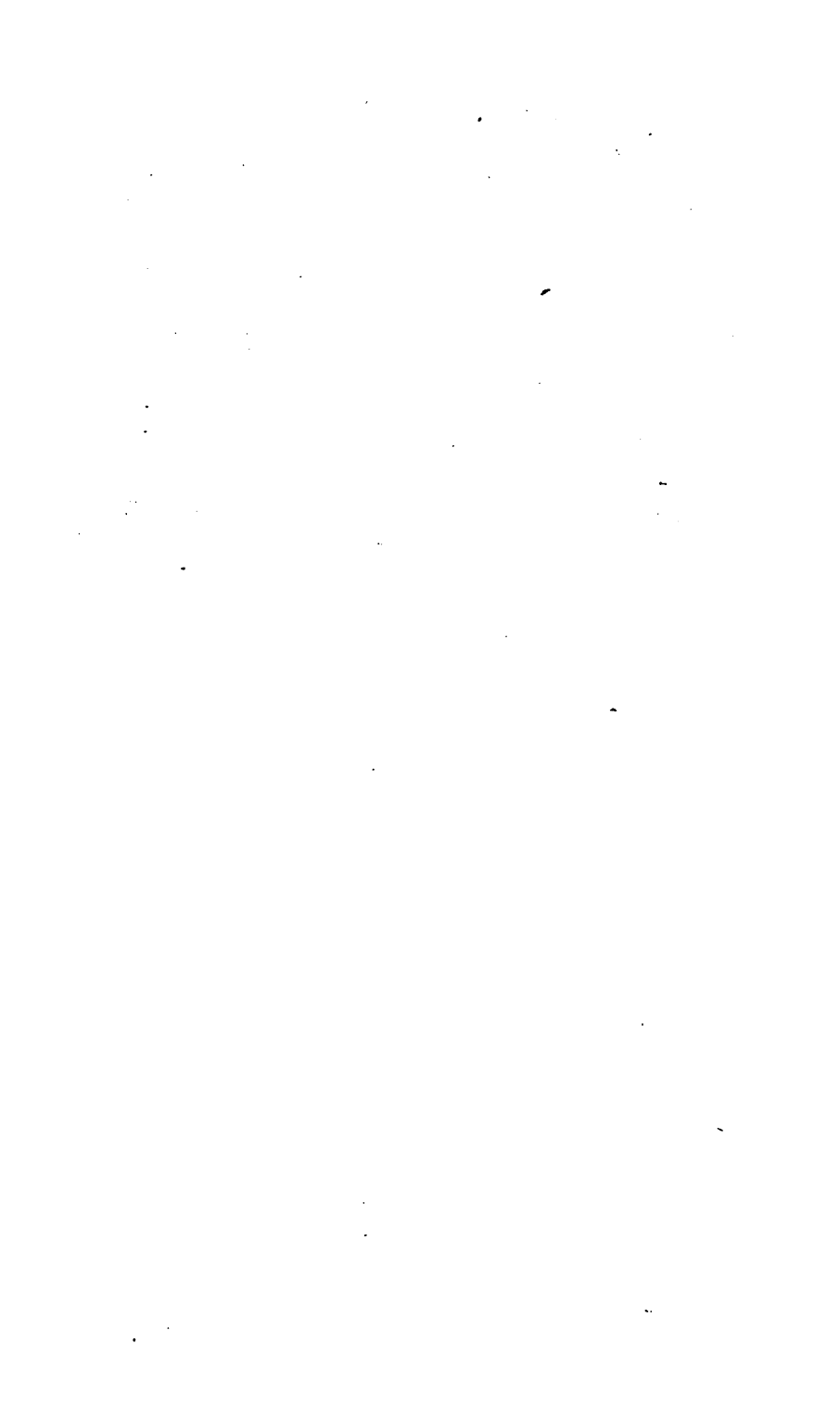
quelle Combate foi a entrega do castello de Aurelia nesse mesmo anno. Ora quem não vê que tendo tido logar a Batalha de Ourique antes da entrega de Aurelia, esta entrega nada podia influir n'aquella Batalha? Com effeito a Batalha de Ourique foi, segundo de todos é sabido, a 25 de Julho de 1139, e a entrega de Aurelia, ou Oreja (e não Cazorka!) teve logar em 31 de Outubro do mesmo anno (1)!... Em presença destas datas incontestaveis, é evidentissimo que aquella Batalha precedera á entrega de Aurelia mais alguma cousa de tres mezes!... Sendo isto assim, conforme na realidade é, de que modo se pôde admittir, como quer o historiador portuguez, que a entrega de Aurelia sirva de falcro, e premissa para barafustar contra a grandeza da Batalha de Ourique, attenta a fraqueza das forças lamtunitas, que d'aquella mesma entrega se procura deduzir? — Na dialectica do historiador portuguez vemos que as consequencias precedem as premissas; o que é transtorno digno da mais estrepitosa corrimaga!... Dar factos futuros por causa seja efficiente, seja occasional de successos passados, é syllogistica que ninguem ainda admittiu! — E quererá o Author da historia de Portugal (que nem que o matem sequer ha de acreditar na grandeza da maravilha militar de Ourique, ainda humanamente considerada; e tambem nada importa que elle o acredite ou não!), que tenhamos a volcanica moéla de avestruz, ou pelo menos o comprido, e elastico côlo de adam, ou de marreco, para engulir, e esmoer o intragavel systema de attribuir effeitos a falsas, nullas, e impossiveis causas? Nunca tal ha de ver, nem conseguir de ninguem que abominar o audacioso desvario!

De tudo quanto neste Opusculo temos exposto, analysado, discutido, e provado, fica evidentissimo, que todos quantos topicos circumstanciaes o Author da historia de Portugal acarretou, e promiscuamente amalgamou, quer da historia hispanica, quer da arabica, para as paginas da sua, eminentemente transtornadora Historia (embeleco litterario, que justa e devidamente cha-

(1) Il (Ali) remit Oreja aux Chretiens le 31 d'Octobre, ainsi que l'on en étoit convenu. (Ferreras, tom. 3. pag. 411 etc.)

mámos ao tribunal de uma severa e imparcial censura); em nada molestam, nem doestam o merecido conceito e valia em que (fallo só aos olhos da natural philosophia da Historia) sempre fôra tido em todos os seculos e por todos os escriptores, quer nacionaes, quer estrangeiros o Feito altamente heroico de Ourique. — Neste pleito visivel, e incontestavelmente ficou vencido o aggressor do primeiro Brazão e Monumento Classico do paiz. — Os erros, e lapsos de uma enormidade indesculpavel, tanto no material, como no formal da sciencia historica, que ficam á exposiçãõ do publico illustrado assás o testemunham. — O que resta da questãõ pendente será objecto da terccira Parte, e das mais que se seguirem.

FIM DA SEGUNDA PARTE.





**A BATALHA DE OURIQUE**  
**E**  
**A HISTORIA DE PORTUGAL**  
**DE**  
**A. HERCULANO.**

**CONTRAPOSIÇÃO CRITICO-HISTORICA.**

(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES)

AUTHOR

**FRANCISCO REGIPIO.**

---

**TERCEIRA PARTE.**

---

**Veritas odium parit.**  
**TER.**

---

---

**LISBOA.**

**NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.**

**Rua dos Capellistas n.º 62.**

**1854.**

DP  
570  
R32  
v. 2

## PRÉLUDIO.

**A**inda que muito embora tenhamos atacado, destruído, e aniquilado todo esse phantasmagorico cataclysmo de circumstancias, parte anachronicas, parte heterogeneas, valendo-se das quaes o Author da *Historia de Portugal* sophistica e paralogisticamente pretendia escarnecer, e apupar a Batalha de Ourique, atirando com este tão grande e avultado feito para o mais baixo fundo do porão de um marasmo sem exemplo; não julgámos com tudo que devíamos dar já por finda e conclusa a intencada tarefa. — Não basta só combater e demolir a palissada. E' necessario transportarmo-nos ao centro do acampamento, e d'ahi desalojar completamente o inimigo.

Na segunda Parte escavámos, e destruimos os ôcos e calcinados materiaes, que compunham a mal architectada mina, que de longe a audacia innovadora, em rebendita ao primeiro braço monumental da historia do paiz, arteiramente tivera conduzido para contra elle fazer explosão. — N'ella expozemos, no candelabro lumi-

noso da evidencia, para serem devida e imparcialmente contempladas pelo mundo intelligente, as falsidades, e absurdas asseverações, que alastram todo o impresso espaço, em que se elevam a um aéreo, e até impossivel galicismo de apreço, adjuntos inteiramente alheios, e até oppostos ao fim para que foram colhidos, e enfeixados pela penna romantica do angariador.

Uma trampolina, uma artimanha anti-critico-nacional, nunca vista, nem sequer esperada no terreno typographico do paiz, julgou e teve de si para si que ganharia as honras da ovação no templo da sciencia, se para derrubar a fé historica consagrada em todos os tempos á grandeza e importancia da Acção heroica do Campo de Ourique, recorresse á historia coeva do reino visinho, não se esquecendo entre tanto de dar seus repellões na historia marroquina! — A empreza todavia além de zambra, e cambaia em sua mesma originalidade, foi em seu desenvolvimento um typo empiematico de mui asquerosa ignorancia. A empada soporifera, ou narcotica congestão das fantasiadas coincidencias, que a esmo se preparou e adubou para apear da cathegoria em que sempre estivera o glorioso feito d'armas, que deu origem á independencia nacional; que outro painel de extravagancias nos apresenta, que não seja o esboceto de um miserando — *nec pes nec caput?* Esta monstruosidade toda e tanta quanta ella é com todos os seus adminiculos, e appendiculos, quer inherentes, quer adherentes, já a fizemos do dominio da publicidade. — Falta-nos ainda revindicar a verdade historica de outros não menos baldos, ineptos e inconsequentes assaltos, com que é atacado pelo Author da historia de Portugal o merito e valia real da Batalha grandiosa, dessa Batalha, repetirei, que produzira no universo politico mais um novo reino; esta Monarchia, sim, que sempre reconhecera na façanha prodigiosa de Ourique um dos timbres mais abrilhantadores e immarcessiveis da sua gloria.

Neste espirito e sentimento de commum nacionalidade, e com a mesma energia com que desfizemos e pulverizámos toda a imaginada farragem de circumstancias, que como causas influentes, falsa, e acintosamente se fizeram preceder áquelle feito illustre, para de longe

o deprimir, e indirectamente o reduzir á nullidade ; com a mesma energia, digo, e maior ainda, se possível fôr, arremetteremos, e faremos baquear em terra com essa jangada indigesta, carunchosa, e mal segura de asserções, com que, não já de flanco, porém de frente e directamente, uma nunca vista, nem em verdade jámais fantaziada animosidade, quiz impunemente votar ao mais injusto e escandaloso menoscabo, esse acontecimento marcial eminentemente primoroso, que signala, e esmalta com letras de ouro o logar mais distincto da primeira pagina dos Annaes da Monarchia portugueza.

Pelejaremos outra vez braço a braço, ou, segundo disseram os quinhentistas, arca por arca, contra as estranhas asserções d'essa monstruosidade jámais escripta, nem impressa, que aberrando da senda da mais esclarecida verdade, viera, não digo já dar garrote ignominioso ás circumstancias theocraticas, com que a geralmente recebida, e outrosim attestada tradição revestira a maravilha de Ourique ; porém até quizera fazer desaparecer e de todo aniquilar a propria crença historica da grandeza do prodigio, da bravura inherente á façanha, que constantemente se tem aviventado (e aviventará apesar do arrojio) no animo de todos aquelles que prezam defender, e conservar illesa a alta valia de um monumento tão egregio da gloria nacional.

Não mudamos de estillo. Nem motivo novo algum havia, que desculpasse a inconstancia. — Se alguma vez mesclamos o discurso com algum termo ou fraze do uso popular, fizemol-o no simples intuito de pôr promiscuamente em acção os elementos da lingua d'aquelles, que embora estejam fóra do circulo dos cultores das sciencias, não o estão a respeito dos enthusiasts pela grande e importantissima verdade historica, que desde a infancia oralmente, pelo menos, se lhes transmite. — E' justa pois a deferencia, tal como é e tem sido feita, pela linguagem do povo (embora contra ella se encespe o Author da Historia de Portugal) em defeza de uma causa, que é tão sua, como d'aquelles que pertencem ao mundo da illustração. — Basta de preludiar.

**N**ão será cousa nova, nem producto de ousadia se se afirmar e escrever que a historia, ou antes o historiador por ella, não poucas vezes se vale da arma apparatusa do *galanteio* para melhor vender e transmittir a droga, ou empurrar o panal. A namoradeira mais ladina, diz um escriptor de altamente livre pensar, jámais armou tantos laços á fé dos seus amantes, como apresentam os historiadores á credulidade de seus leitores. » La coquet-  
» te la plus rusée ne tendit jamais autant de pièges à  
» la bonne foi de ses amans, qu'en présentent les His-  
» toriens à la crédulité de leurs Lecteurs » (1). Com o postigo verniz, com o seductor elixir de um assedado palavreado, se procura muitas vezes fazer passar a fantasiada patranha, como se fôra factó acontecido, e de innegavel existencia no universo das realidades. Contradiz-se e menoscaba-se a verdade, conhecida como tal, angariando-se fosforicos, e insubsistentes fundamentos para illudir. Com esta crustula de vistosa louçania, ou, para melhor dizer, com esta insidiosa trampolina, a falsa opinião, o erro, o absurdo se vende e circula vezes sem conta, como moeda corrente e de cunho legal, no mundo historico. De certo que os leitores acalentados e adormecidos com opio de tal quilate e pharmacopéa, sem darem pela corda, vão, segundo a expressão proverbial do povo, *comendo gato por lebre!* Neste ou equivalente caso são elles tristes victimas do testudo capri-

(1) L'Esprit du Marquis d'Argens etc. tom. 2, pag. 20 e 21.

cho dos historiadores, que longe de os ensinar, e pôr no mais proximo alcance dos factos, transmittindo-os como elles em si são, encampam-lhes, como se foram taes, os sentimentos que os dividem sobre pontos da primeira essencia historica. » Ils sont les tristes victimes de l'opposition des Historiens; ils n'out point appris les faits, » mais les différens sentimens qu'il y a sur les points » les plus essentiels de l'histoire » (1).

Que importa porém que o historiador seja ferrenho e casmurro em sua ou suas opiniões; que firmado e retezado nos aparentemente dourados estribos dos palavrões não queira descer da burra? Que repimpado nella apregõe e designe com o arauzeleiro, e inculcante rotulo de superfinas investigações e descobertas historicas o que não são mais que extravagantes e escandecidas estilhias, por não dizer calcinados motreco vomitados pela cratera de uma imaginação romantico-volcanica? Todos estes e quejandos peccadilhos e peccadaços litterarios, mais tarde, mais cedo, vem, como dizem, pagar o patão. *Serius, oculus dant pœnas!* — Na verdade, lá vem um ou outro, fóra da roda dos comparças, que embirra com a emboçada patarata, com a arrebicada marosca, que, qual outra rapoza da fabula, veio impunemente occupar o immerecido logar de mulher de Jupiter. Chama então a intrusa, a usurpadora com todos os seus atavios e emprestados adereços no tribunal de uma severa, e imparcial critica, e ahí (convencendo-a, em solemne processo, do seu imperdoavel flagicio) para logo (corrida, como sim ficára a contrafeita comborça no concilio dos Numes) sem mais aparato que aquelle que pôde e deve inspirar a mais justa indignação; com desprezo a faz repellir e espancar do alto throno da eminente estima, em que a vertigem innovadora tão audaz, como ignorantemente a tivera enthronizado.

Para se sentir tão espontaneo, e natural effeito, nada mais necessario é que dirigir o estillete da analyse a dois unicos pólos, ou pontos substanciaes — *Principios e Consequencias*. — Despregue-se, descoza-se toda a labyrinthica barafunda do estofo ou tela palavreira. Ande-

(1) *L'Esprit du Marquis d'Argens etc.* no logar já citado.

se-lhe na cóla, na pista dos fundamentos que servem de encosto á caraminhóla; no alcance da ligação ou relação que tem as tiradas deducções com as bases que lhes servem de apoio; e, com a rapidez com que sóe obrar o motor electrico, toda a armadilha, a plataforma para fascinar, de um salto mortal dará a ossada! — Com este methodo, e debaixo deste luminoso systema já desfiámos e fizemos baquear todos os esteios primarios, em que o Author da Historia de Portugal fundára o seu renhido e assanhado assalto contra a Batalha de Ourique. Agora, sem nos affastar do mesmo premeditado rumo, faremos apparecer na maior luz possível a torpe morphea das miserandas consequencias, que delles, ou por causa delles se arvoraram em dogmas historicos. E se durante esta marcha analytica alguma cousa accidental apparecer, que não deva ficar sem o justo, e devido reparo, irá levando de caminho o seu proprio, e adequado tiro-teio. — Entremos na materia.

*Particularisámos estes successos* (continúa em novo paragrafo o Author da Historia de Portugal) *em apparencia estranhos á nossa historia, porque na realidade têm com ella íntima conexão* (1). Está lançada a luva. Vamos á esgrima. — Parece incrível que em um seculo, caracteristicamente documental, semelhante epicherema se concebesse, proferisse, e escrevesse!... E' falsa na verdade tanto a proposição como a sua causal. — *Os successos particularisados*, ou antes recopilados da historia de Hespanha e outrosim da Mauritania pelo Author da Historia de Portugal, não são *em apparencia*, porém real e inteiramente *estranhos á nossa historia*. Tal é a contraposta asserção, que ha de pronunciar logo todo aquelle que entrar na discussão com as devidas habilitações. — Não ha um unico escriptor, quer nacional, quer estrangeiro, que pronunciasse que aquelles successos da historia de Hespanha e conjunctamente de Maghreb tivessem alguma, quanto mais *íntima conexão com a historia de Portugal*. Não ha um só de tantos escriptores, sim, que por alguma fórmula os tenha elevado á cathegoria de lemas, ou postulados, para, como de principios

(1) Historia de Portugal, tom. 1.º pag. 322.



estatuidos, tirar alguma consequencia contra a Batalha de Ourique, ou mesmo a respeito de algum outro facto historico relativo ao nosso paiz. O historiographo innovador ha de pois forçosamente ficar só no campo do absurdo com a sua enxertia, com o seu tão mal cabido alporque historico. — Não é aqui porém que está a móla real da argumentação. — Que successos são esses que na realidade têm intima conexão com a nossa historia? Nenhuma de qualidade alguma tem aquelles que o Author inoculou em causa efficiente para tornar em burla a Batalha de Ourique. E quem ousará duvidar que caracteristicamente sejam taes, isto é, de uma laia heterogenea os successos que elle inculca com intima conexão com a historia de Portugal?

Para levar á evidencia a verdade da enunciação negativa não é necessario mais que correr pelos olhos a mal embutida e matizada tirada (digressão inopportunnissima) em que o Author da Historia de Portugal, tomando um pouco de longe a serie dos acontecimentos, examina a seu geito, e feição o estado político dos territorios musulmanos da Península, ligados pela conquista almoravide á sorte da Africa septentrional (1). — A fim de fazer conhecer a materia a todo e qualquer julgador pela immediata acção dos raios visuaes, escrupulosamente trasladaremos as mesmíssimas palavras, que compaginnam o trecho da historia de Portugal, em que se expõem os taes *particularizados successos*.

» Aly-Ibn-Iussu (Abul Hassan) continuava a reinar tanto no Andaluz como no Maghreb; mas a revolução politica e religiosa, que devia acabar dentro de pouco tempo com a dynastia Iamtunense, tinha principiado e tomava cada vez maior incremento, havia perto de vinte annos. Um berebére de illustre ascendencia, Abu-Abdallah-Mohammed-Ibn-Tamurt, tendo estudado a theologia musulmana com o celebre El-Ghazaly de Bagdad, convencido da superioridade da propria sciencia, resolveu fundar uma nova seita no occidente. Perseguido, não tardou a cobrar reputação, e por consequencia a ter sectarios. Foi dos pri-

(1) Historia de Portugal, tom. 1.º pag. 319.

» meiros um mancebo, berebére como elle, por nome  
» Abd-el-mumen, que Abu-Abdallah escolheu para dis-  
» cipulo querido, e seu ajudador naquella missão que se  
» attribuíra. Depois de correr varias cidades do Magh-  
» reb, o novo reformador veio a Marrocos, onde come-  
» çou a prégar contra os costumes e erradas opiniões dos  
» almoravides. Contentaram-se estes de o expulsar da  
» capital, como um seductor do vulgo; mas elle foi es-  
» tabelecer a sua morada n'um cemiterio visinho, aon-  
» de concorriam a ouvir-lhe as praticas os seus devotos,  
» praticas nas quaes, como é facil de antever, não pou-  
» pava os almoravides » (1). Ora quem poderá encon-  
» trar, quem, digo, que não esteja inteiramente mente-  
» capto e varrido de toda a luz, e acção do discernimen-  
» to, em toda esta fielmente copiada passagem, algum pe-  
» riodo, enunciado, frase, ou termo, que em qualquer  
» sentido que se queira tomar, denote ou indique algum  
» ponto de relação com a historia de Portugal? Nem um  
» só vislumbre proximo, ou remoto, linha recta, ou zi-  
» guezague, alguém jámais ha de achar da tal imaginada  
» relação, *intima conexão*, ou ponto de contacto! — Pe-  
» lo contrario todo o mundo racional ha de com justiça  
» vociferar que o trecho transcripto é o mais audacioso e  
» disparatado encabeçamento da historia de Marrocos na  
» historia de Portugal. E' alli que elle tem o seu natural  
» e inamovivel jazigo; sem que jámais historiador algum  
» nacional ou estrangeiro ousasse naturalizal-o ou perfi-  
» lhal-o nas paginas da historia de Portugal. Uma historia  
» portugueza com costella marroquina é por certo mon-  
» struosidade de hediondez intoleravel!

Porém acaso o começo da tal revolução do *berebére*,  
que depois teve o cognome, ou o quer que é, de *Maha-*  
*di*, foi no reinado de Aly-Ibn-Iussuf, como refere a  
mencionada passagem? Não o concedemos. Foi no rei-  
nado de Taxefin-Ben-Aly, como já o asseverára o eru-  
dito escriptor do Exame Historico (2). — Na *Monar-*  
*chia Lusitana* acho eu que em 1102 *governava o imperio*  
*da Africa e Espanha Joseph Aben Taxefin Rey dos Al-*

(1) Historia de Portugal, tom. 1.º pag. 319.

(2) Pag. 8 §. 4.º

*moravides* (1). Este foi o primeiro Rei de Marrocos (da *Dynastia dos Almoravides*) que veio a Hespanha em soccorro dos Mahometanos hespanhoes, ou antes de D. Affonso VI, que com elles se tinha alliado, no anno de 1097, segundo Ferreras, e morrera em 1110, conforme o mesmo historiador (2). E' bem de ver que por esta computação, se não coincidindo, pelo menos prendendo quasi com o fim do reinado de *Joseph Aben Taxefin*, essa época que o Historiographo portuguez expressamente designou para o principio da tal *revolução politica e religiosa* (perto de vinte annos antes da morte do berebére, acontecida em 1130); é bem de ver, digo, que ainda á vista destes dados caduca de novo a sua asserção historica. Para salvar-se da entallação era preciso provar. 1.º Que *Aly-Ibn-Iussuf* succedera a *Joseph Aben Taxefin*. 2.º Que a revolução do Mahadi já existira *perto de vinte annos* durante o reinado de *Aly-Ibn-Iussuf*. Nem uma, nem outra cousa ha de porém poder fazer o historiador *Luso-Marroquino* !...

Continuemos porém ainda a ver (se bem que não com indifferença) a ver, sim, *arabizar e marroquinizar* a historia do paiz. Eis-aqui o texto: — » Neste tempo » (1120) tomou elle (falla do berebére, que deu origem á *dynastia dos Almohades*) » o nome de Mahadi, » que, segundo a tradição arabe, era um chefe poderoso, que no fim dos seculos devia vir ao mundo reconduzir os homens aos verdadeiros caminhos do islamismo. Seguiam-no já muitos; e o émír pensou seriamente em acabar com este perigoso profeta. Sabendo-o a tempo, o Mahadi fugiu para Tynmal, na provincia de Sus, onde se fez acclamar iman, ou summo pontifice, e proseguindo entre os rudes montanhezes a missão queprehendêra, em breve augmentou o numero dos seus sectarios a ponto de se fazer temido. Denominou-os almuhades (el-muahhedin) ou unitarios; porque um dos objectos a que mais se dedicava era a provar a unidade de Deus, e, tanto que pôde ajuntar vinte mil homens capazes de pegar em armas,

(1) Livro 8.º, cap. 20.

(2) Tom. 3.º pag. 281, e 313.

» recorreu ao systema de conversão musulmano — a  
» guerra. Desde 1122 até 1130, em que o Mahadi fal-  
» leceu, os almuhades augmentaram em poder e em  
» numero com repetidas victorias contra os almoravides.  
» Por morte do profeta, Abd-el-mumen, que entre os  
» seus primeiros discipulos fôra o que elle sempre dis-  
» tinguirá, soube obter para si a dignidade de iman, e  
» continuando com prospera fortuna a combater os seus  
» adversarios, vendo-se já obdecido n'uma grande par-  
» te do Maghreb, declarou-se emir-el-muminin, ou ka-  
» lifa, titulo que nenhum dos émires lamtuncenses, ape-  
» zar de dominarem na Africa e na Hespanha, ousára  
» tomar para si » (1). Viu alguém jámais, ou espera  
ver uma encampação mais escancarada e solemne da  
historia Maghrebina, ou por outra, da costa occidental  
da Barbaria sem tir-te nem guar-te para a nossa histo-  
ria? Nunca. Nem a historia de Portugal, por mais ma-  
lacueca e empiematica, que a modernice a queira affi-  
gurar, nunca soffreu um ataque epileptico de similhan-  
te, nem equivalente magnitude. — Porém que? Igno-  
rará o historiographo portuguez que a mania de entu-  
lhar a historia com contos da Mauritania já merecêra  
na antiguidade a justa censura do critico Luciano? Pois  
saiba que lha fez muito bem a não sei que intromettido  
escrevinhador de historia, que com supina inepecia veio  
á balha com a narcotica historieta do Mouro Mausacas  
(2). E que duvida póde haver de que o Mahadi faz bem  
o papel de Mausacas na historia de Portugal?

Se o escriptor portuguez se não tivesse mettido a  
importador de historietas barbarescas para um terreno  
tão diverso, e alheio, não teria, além da mais inconve-  
niente, e repugnante extravagancia, não teria, digó, ca-  
hido tambem em outros descuidos, tão usuaes áquelles  
que se mettem em seára alheia! — Um delles foi o  
dar-nos o termo *émir-el-muminin* como synonymo de *ka-  
lifa*! Haja vista á redarguição que lhe fizera o erudito  
e critico arabista portuguez (3). Em apoio deste acha-

(1) Historia de Portugal, tom. 1.º pag. 320.

(2) Na Arte Historica.

(3) Exame Historico etc. pag. 11 e 22.

mos a respeito do Emir a seguinte explicação: » Ti-  
» tre que les Mahométans donnent à tous ceux qu'ils  
» croyent de la race de Mahomet. Ce titre est fort res-  
» pecté de ces peuples, et donne droit de porter le tur-  
» ban verd. *Emir*, joint à quelque autre terme, devient  
» un nom d'Office parmi les Turcs. Il signifie *Com-*  
» *mandant* » (1). Prescindindo porém da enorme, e a-  
bortiva transplantação barbaresca para o terreno da nos-  
sa historia; acaso a anomala monstruosidade, olhada  
em si mesma, deverá ficar illesa de levar alguma belis-  
cadura critica no proprio amago do seu conteúdo? Não  
o acreditamos. A pélla observamos pois: 1.º Que nem  
na historia do arabe Assaleh traduzida por Moura, nem  
na historia de Conde, ambas citadas pelo Author, se en-  
contra *Mahadi* designado pelo nome sesquipedal, e que  
não é para qualquer guéla portugueza proferir sem ficar  
estrompada: *Abu-Abdullah-Mahammed-Ibn-Tamurt*. 2.º  
Que é falso que o mencionado impostor tomasse o nome  
de Mahadi no anno de 1120, como refere o nosso histor-  
riador. Debaixo do anno de 1116, escreve o historiador  
*Assaleh*, segundo a versão de Moura, o seguinte: » Co-  
» mo Mahadi era o primeiro do seu seculo na arte de  
» fallar, e nas sciencias de fé; e conservava de memo-  
» ria os preceitos do profeta; e era dotado de eloquen-  
» cia, *principiou a divulgar entre os povos, que elle era*  
» *o Principe Mahadi*, annunciado e esperado no fim dos  
» seculos etc. » (2). E' no referido anno de 1116 que  
Conde tambem assevera que Abdalah se dera o titulo  
de *Mahadi* (3). Vê-se por tanto o historiador portuguez  
desmentido pelos mesmos Autores, que em a nota cita  
a seu favor. 3.º Que não é exacção historica o dizer:  
*Que elle logo que pôde ajuntar vinte mil homens capazes*  
*de pegar em armas recorreu ao systema da conversão mu-*  
*submana — a guerra*. *Assaleh* diz: » Não tendo cessado  
» as tribus, e turbas de se lhe virem apresentar, e com-  
» primentar até se achar *com mais de vinte mil Almu-*

(1) Manuel Lexique ou Dictionnaire portatif des mots françois, dont la signification n'est pas familiere à tout le monde.

(2) Historia dos Soberanos Mahometanos etc., cap. 43, pag. 188.

(3) Historia de la Dominacion de los Arabes en España, Tom. 2.º, Cap. 26, pag. 214.

» *hadcs* das tribus de Mossameda etc. (1). Tendo esco-  
» lhido *un exercito de valorosos Almuhades etc.* » (2). O  
historiador portuguez está pois de encontro, e pelo me-  
nos de esguelha ao que refere o escriptor arabico. O  
Portuguez determina precisamente o numero sem mais,  
nem menos, o Arabico indica-o indeterminadamente pa-  
ra mais. E note-se que esta é a mesmíssima opinião de  
Ch. Romey na Historia de Hespanha (3). — Conde  
igualmente argue com o seu testemunho a asserção do  
historiador portuguez. Eis-aqui as suas palavras: » Asi  
» fué que llevaba tras si de la tribu Masamuda *mas de*  
» *veinte mil hombres*, y de estos escogió para las armas  
» *diez mil valientes* » (4). Vinte mil homens que o his-  
toriador portuguez deu ao exercito de Mahadi para dez  
mil que lhe dá o historiador hespanhol contém differen-  
ça para menos de grande calibre!

Vamos em fim a concluir a copia da deslocada, e  
arrepanhada passagem da historia barbaresca, que sem  
despacho, passaporte, nem guia viera intrusamente na-  
turalizar-se nas paginas da chamada, ou pelo menos in-  
culcada como *normal*, historia de Portugal: » No meio  
» destes acontecimentos chegou o anno de 1137. A Te-  
» mim, seu irmão, Aly substituiu no governo de Hes-  
» panha o proprio filho e successor, Tachfin. Era o prin-  
» cipe sarraceno activo e valente: sustentava com es-  
» forço a guerra nas fronteiras christans, e continha com  
» energia os musulmanos d'Andaluz, mal soffridos de-  
» baixo do jugo almoravide. Porém esse espirito da in-  
» dependencia dos indigenas, em grande parte de raça  
» arabe, e inimigos dos lamunitas berebéres, que, não  
» contentes de os dominarem, os opprimiam, começaram  
» a mostrar-se claramente apenas foram sabidos na Pe-  
» ninsula os triumphos dos almuhades, e que a potencia  
» almoravide começava a declinar. Os districtos de Hue-

(1) Na Historia citada dos Seberanos Mahometanos, pag. 194.

(2) Ibid. pag. 194.

(3) Mohadi, dont le parti se grossissait tous les jours, eut bien-  
tôt sous ses ordres une armée de plus de vingt mille hommes, qui  
s'engagerent à combatre pour lui jusqu'à la mort contre les Mora-  
bits. (Tom. 6.<sup>o</sup>, pag. 13 e 14.)

(4) Tom. 2.<sup>o</sup>, Cap. 26, pag. 222.

» te e Alarcos sublevaram-se, e a cidade de Cuenca ou-  
» sou resistir a Tachfin, que viera socegar aquelles al-  
» vorotos. Entrada á força, os seus habitantes foram  
» passados á espada. No meio destes symptomas tanto  
» de recear, o principe sarraceno recebeu ordem de seu  
» pae para passar ao Maghreb. Os exercitos do émir  
» eram destroçados em quasi todos os recontros com os  
» sequazes de Abd-el-mumen, já senhor de grande par-  
» te das provincias do imperio, com o que a ruina da  
» dynastia lamtunense parecia eminente » (1). Tudo  
isto, além do mais deste paragrafo, que aqui omittimos  
(pois que já ficou transcripto e analyzado na segunda  
parte da nossa Obra (2)) que lado, ou costado tem, ou  
denota ter por onde se dê a conhecer estar em alguma  
nuance ou gráo de cognação, ou afinidade com a histo-  
ria portugueza? — Por mais que qualquer notabilidade  
do progresso intellectual, que não tenha pèco, nem eiva  
no miolo, agatanhe, amarrote, e escorche tudo quanto  
ha de regras, e contra-regras nos dominios do paiz da  
hermeneutica, ou fóra della; debalde conseguirá haver  
em resultado a plausivel descoberta de algum liço, ou  
fio por onde prenda, ou se ngarre o laço de alguma sor-  
te de parentesco, ou de qualquer outra relação.

Demos porém (por uma concessão puramente de  
apparato argumentativo) que a historieta do Mahadi e  
o mais que lhe diz respeito, tivesse alguma relação com  
a historia de Portugal. Era por ventura esta para logo  
se qualificar de *conexão intima* com ella, como se ex-  
primira o nosso historiador? Nunca. Se o historiador  
portuguez reparasse, como devia, na força da significa-  
ção da palavra adjectiva — *intima*, não abusaria tão  
enormemente della, para conspurcar a sua historia com  
mais um erro de vulto tão crescido. — Se o escriptor  
portuguez pois, antes de lançar ao papel semelhante qua-  
lificativo, examinasse primeiro qualquer dos nossos Dic-  
cionaristas, ou, por todos elles, os Synonimos por D.  
Francisco de S. Luiz; havia de reconhecer que a tal *in-  
timidade* não passava de um parto de imaginação alta-

(1) Historia de Portugal, tom. 1.º pag. 320 e 321.

(2) A pag. 8 a 11 etc.

mente romantica. Acharia que a palavra *intima* denota, segundo o judicioso pensar daquelle grande litterato, o ponto intrinseco, ou mais profundo, e entranhado em que uma cousa está em contacto com outra. Conheceria o historiador pouco advertido que se *interno* significa o que é ou está de dentro; *interior* o que é ou está mais de dentro; *intimo* exprime o que é ou está muito mais dentro. — Assim veria que na ordem moral as affecções que nascem ou partem do fundo do coração, ou do mais recondito do espirito humano são caracterizadas com a qualificação de *intimas*: que na ordem physica as cousas materiaes tem igualmente seus *intimos*. Uma casa, por exemplo, tem *seus intimos*; e entre estes conta o Author dos Synonymos os *retreles*! — Em resultado de tudo o expendido, como se poderá sem notoria falsidade asseverar que a mencionada passagem da historia barbaresca esteja em connexão tão apertada, e estricta com a historia de Portugal, como se viera do fundo do seu coração, ou do mais recondito do seu espirito? Quem mesmo ha de sustentar que possa ter nella um logar escuro e internado, como o *retrele* no edificio? Ninguem por certo que conheça e avalie a força philologica do termo — *intimo* (1). Para agora porém fazer ver com maior evidencia a futilidade monstruosa d'aquella intrusão historica, e ao mesmo tempo a sofisticada *gibosa* e achavascada, com que subrepticamente com tão mal postiga e deslavada côr se pretende reduzir á caturrice a grandeza da Batalha de Ourique; investigaremos 1.º Se a revolução *politica e religiosa* do Maghreb urdida, e ateadada por Mahadi vigorou na época precisa em que o historiador portuguez a puzera, e anichára? 2.º Se, quando vigorasse na dita época, poderia influir alguma cousa para tornar crível o imaginado mingoamento d'aquelle tão glorioso Feito?

Quanto á primeira questão é na verdade ponto in-controverso que o tal *Aly-Ibn-Iussuf* não só nada tivera que fazer com o famoso *Mahadi*, porém nem sequer lhe era possivel imaginar que viria a ter. E como não ha

(1) Vej Ensaio sobre alguns Synonymos da Língua Portuguesa, por D. Francisco de S. Luiz, tom. 1.º, artigo CXCV.



de ser assim; se o tal *Aly-Ibn-Iussuf* (por outra *Iussuf*, filho de *Taxefin*) por appellido *Abu-Iacub* nasceu em o anno 400 da Hegira, 1006 da era de Christo, e falleceu no anno 600 da mesma Hegira, anno de Christo 1106; tendo-se Mahadi declarado contra os Almoravides no anno 515 da Hegira, 1121 da era de Christo? A' vista desta chronologia fica evidente que Mahadi só se pronunciára inimigo da dynastia lamtunense 15 annos depois da morte de *Iussuf*. — Sendo isto assim (o que ninguém ousará negar) que historiador poderá dar ao prélo, em tom de dogma, sem notavel sinete de ignorancia, que a *revolução politica e religiosa, que devia acabar dentro de pouco tempo com a dynastia lamtunense não só tinha principiado, mas até tomava cada vez maior incremento, no espaço de perto de vinte annos, do reinado do mencionado Iussuf* (1)? Para que o escriptor portuguez se pozesse ao alcance da materia não era preciso deitar grande livraria abaixo. Bastaria que examinasse e lêsse com attenção a por elle citada *Historia dos Soberanos Mahometanos por Assaleh* (2), para não vir conspurcar a historia com mais um falso. — Poderia tambem consultar a Casiri; e nelle encontraria, em lugar de *Aly-Ibn-Iussuf*, *Ioseph Ben-Tachefin*, o primeiro dos Almoravides que reinou em Hespanha, e a ella veio pela primeira vez em 1086 de Christo e 479 da Hegira, morrendo em 500 da mesma era (3). — Em que reinado pois aconteceu o começo da *revolução politica, e religiosa de Mahadi*? Folhêe o escriptor Portuguez a mesma *Historia dos Soberanos Mahometanos por Assaleh*, e ha de achar que foi no tempo de *Aly-Ben-Taxefin* acclamado em 1106; e que este, e não o tal *Iussuf*, foi que tomou o appellido de *Abu-al-hassan* (4). — Se quizer ainda pesquisar mais o caso ha de descobrir que o anno de 515 da Hegira e 1121 da era de Christo, em que Mahadi declarára guerra aos Almoravides, fôra aquelle mesmo, em que regressára *Aly* pela segunda vez da Hespanha para a Mau-

(1) Veja-se a passagem da *Historia de Portugal* já transcripta a paginas 9 e 10.

(2) Cap. 36 a 42, pag. 149 a 185.

(3) *Bibliotheca Arabico-Hispana*, tom. 2.º pag. 216 etc.

(4) Cap. 40, pag. 173.

ritania, deixando naquella sobejas provas do poder Igm-tunita (1). Ha de finalmente achar que tendo *Aly* fallecido no anno 537 da Hegira, 1142 de Christo, e subido então ao throno seu filho *Tuzefin-Ben-Aly*, fôra, pela morte desastrosa deste, acontecida no anno da Hegira 539, e de Christo 1145, que terminára a guerra que Mahadi e seus sectarios atearam contra a sua dynastia; ficando então de todo victoriosa a dynastia dos *Almuhades* (2). — Se outra vez quizer consultar *Casiri* (3); ha de achar mais um escriptoꝝ com voto na materia em apoio do que asseverámos. — Se alguém, ou elle quizer ainda mais troco, pôde folhear a obra de Mr. Chénier — *Recherches Historiques sur les Maures et Histoire de l'empire de Maroc* (4); e ha de achar que, pelo que diz este escriptoꝝ, a revolução de Mahadi teve logar no reinado de *Brahem*, filho de *Ali*, e não no governo de *Ali-Ibn-Iussuf*, como na historia de Portugal se affirmára. — Finalmente para coroar a obra, diremos que ha quem siga que a revolução de Mahadi (ou Almohadi) não só começára no reinado do filho de *Ali-Al-Abraham*, a quem tambem dão o appellido de *Brahem*, mas até que ella acontecêra vinte e cinco annos já passados do seu reinado (5). E por esta occasião notamos que ha quem diga que a guerra do Mahadi não terminára neste reinado; porém de seu filho *Isaac* ou *Ishak* (6). — Neste sentido não esqueça de lembrar ao Historiographo portuguez que Mr. d'Herbelot dá a destruição da dynastia dos Almoraviðes pelos Almohades no anno da Hegira 520, 1126 de Christo; sendo o ultimo d'ella *Ishak* ou *Isaac*, irmão de *Ali* e filho de *Josef*, segundo se acha estampado na *Bibliotheca Oriental*, artigo — *Morabethah*. — Ah! nota o Orientalista ser esta a chronologia dos escriptoꝝ Arabes, embora os historiadores hespanhoes es-

(1) Assaleh, Cap. 40, pag. 181, Cap. 42, pag. 185.

(2) Assaleh, Cap. 40, pag. 182. — Cap. 41, pag. 184.

(3) Bibliotheca Arabico-Hispana, tom. 2.º, pag. 216 etc.

(4) Tom. 3.º, pag. 269 etc.

(5) Histoire Universelle etc. d'une Société de Gens de Lettres, tom. 26, pag. 153.

(6) Histoire Universelle etc., tom. 26, pag. 155. — Cardonne, Histoire de l'Afrique et de l'Espagne, tom. 2.º, pag. 262 e 263.

tendam a duração da dynastia dos Almoravides até o anno da Hegira 539 e 540. — Com esta tão robusta e assestada artilharia de frisantes testemunhos, que por diversas maneiras estão em opposição ao que assevera o historiador portuguez, fica a todas as luzes evidente que a plataforma que se armou tão ineptamente, deslocada da historia barbaresca, contra a façanha de Ourique, manqueja, e fica assás derrocada mesmo pelo lado do espeque da coincidencia chronologica, em que se apoiava. Manquejará de todo se adoptarmos a opinião do erudito Arabista portuguez. Descobriu-nos elle, e authenticou-nos por meio de documentos arabicos, até então desconhecidos do publico neste paiz, que a *pretensão do celebre El-Mahdy* (vulgo Mahadi) só começára no reinado de *Taxefin-Ben-Aly* (opinião que preferimos áquellas que ficam já apontadas), que succedera a Aly-Ben-Taxefin; e que outrossim ella tomára maior *incremento* no meio do reinado do 4.<sup>o</sup> imperador da dynastia dos morabithins, que foi *Ibrahim-Ben-Taxefin*; nada tendo por consequente com a batalha de Ourique, que foi no reinado de *Aly-Ben-Taxefin*, para esta ser depreciada pela causal da distracção ou desfalque *das forças musulmanas da Peninsula*, motivado pela revolução religiosa e politica do chefe dos *Almuhades* (1).

Quanto á segunda questão: Demos que a revolta do Mahadi coincidissem com a época da Batalha de Ourique. Acaso esta coincidencia traria inherente consigo a circumstancia de fazer diminuir a grandeza do feito glorioso do Campo de Ourique, por causa da forçosa retirada, ou transporte das tropas musulmanas da Peninsula hispanica para os dominios Mauritanos, conforme escrevera o Author da Historia de Portugal (2); a fim de acudirem áquella revolta? De nenhuma sorte. Respondem de mãos dadas contra a mais nojenta e anti-nacional innovação, a dialectica e a historia. Sim; para se poder formar argumento que fulcro tenha, tirado do enfraquecimento das forças musulmanas na Peninsula,

(1) Exame Historico etc. §. 4.<sup>o</sup>

(2) Tom. 1.<sup>o</sup>, pag. 321. — Este logar já ficou transcripto na Segunda Parte desta Obra, a pag. 8.

contra a famosa Batalha de Ourique, era não só necessario demonstrar sem replica a grandeza innumera da gente, que pelo tempo d'aquella Batalha os Mouros tivessem retirado da Peninsula hispanica para o Maghreb; mas tambem sobremodo indispensavel o fazer evidente a todo o-mundo, que a partida, ou remoção de taes forças deixaram os Reis, Regulos ou Governadores mauritanos nas Hespanhas em tal estado, que não poderiam precisamente por essa época, já fosse de per si, já collectivamente, reunir grande copia de tropas para darem um campal e renhido combate. Nem uma, nem outra cousa porém é demonstravel, por mais que para fuzem os *romantizantes*, e ponham todo o affan, a fim de a encaixar em algum ponto do circulo da probabilidade; antes a contraria. — Que tropas, que forças militares são essas que o Tachefin transportára consigo da Peninsula hispanica, que pela deficiencia, e desalento que a sua ausencia produzira, tiveram a prodigiosa fatalidade de fazer que os musulmanos no Campo de Ourique offercessem contra o exercito de D. Affonso o caricato espectáculo de um bando ridiculo de uns poucos de bonifrates, e manicacas; como para menospreciar aquelle glorioso feito dos Portuguezes se intenta inculcar? Seriam por ventura aquellas transportadas forças de um vulto tal que só numericamente designadas bastariam por si mesmas para que n'um simples emprego dos raios visuaes se ficasse conhecendo, que a tal sangria marcial de necessidade pela indole e grandeza della havia de causar mortal deliquio no poderio musulmano da Hespanha? Folhêem-se as historias; e ellas virão desmentir solemne e formalmente a garrulice innovadora. — Com effeito em que logar falla a *Historia dos Soberanos Mahometanos, escripta em arabe por Abu-Mohammed*, e traduzida por Moura, da retirada de um exercito musulmano da Hespanha em companhia de Taxefin, para a Africa, que deixasse em o nadir do marasmo e prostração o resto das forças que ficaram na Peninsula? Em parte alguma. Eis-aqui as suas palavras: » No anno » 532 (1137) passou o Principe Taxefin da Hespanha » para a Mauritania, depois de ter combatido, e toma- » do de assalto a cidade de Segovia, levando consigo

» seis mil captivos » (1). Haverá pois alguém tão rombo e sandeu de intelligencia, que á vista de tão claro testemunho ainda insista na realidade da decadencia das forças mahometanas na Peninsula pela ida de Taxefin para a Africa; a fim de deprimir a estimativa, em que sempre fôra tida a Batalha de Ourique? Ha de concluir forçosamente o contrario, logo que der com os olhos na caravana dos *seis mil captivos*, que Taxefin, por amor das duvidas, foi levando consigo para o solo africano, quando se retirou de Hespanha. E na verdade quem poderá afirmar, sem dar ao publico a mais exuberante prova de falta de miolo, que, por aquella medida do Taxefin, *ficassem desguarnecidas na Peninsula as praças musulmanas, e rareadas as fileiras dos lamtunitas?* (2)

Vejamos agora o que diz outro documento, que longe de ser rejeitado pelo historiador portuguez, é para elle tambem trunfo. Fallamos da Chronica de D. Affonso VII. Refere pois ella o que se segue: » Post hæc autem Rex Texufinus abiit trans mare in Civitatem, » quæ dicitur *Marrocos* in domum patris sui Regis Hali, et transtulit secum multos Christianos, quos vocant *Musarabes*, qui habitabant ab annis antiquis in » terra Agarenorum: et item tulit secum omnes captivos, quos invenit in omnem terram, quæ erat sub dominio ejus, et posuit eos in urbibus, et in Castellis » cum cæteris Christianis à facie illarum gentium, quos » vocant *Muzmotos*, qui debellabant omnem terram » Moabitarum (3). » Da passagem que se acaba fielmente de transcrever claramente se conhece que toda a gente, que consigo trouxera o Taxefin da Peninsula hispanica, quando viera para Marrocos, se reduz 1.º: *A muitos Christãos, que chamam Musarabes, que habitavam desde antigos annos na terra dos Agarenos. 2.º A todos os captivos, que achou por toda a terra, que estava debaixo do seu dominio, os quaes elle pôz nas cidades e Castellos com os mais Christãos do partido d'aquellas gen-*

(1) Cap. 41, pag. 182.

(2) Hist. de Portugal, tom. 1.º, pag. 321.

(3) No § 64 da Chronica de D. Affonso VII. — Vem no tom. 21 da España Sagrada, por Flores, pag. 373.

tes, que chamam Muzmotos, que debellavam toda a terra dos Moabitas. Ora digam-me agora os imparciaes entendedores se esta comitiva de dois tão diversos e destacados matizes (Christãos Musarabes e Christãos Muzmotos) que consigo transportára para a Mauritania o celebre Taxefin, pôde ter jámais, nem ainda em romance, quanto mais em uma historia, que se tem pelo *elizir* da exactidão, a qualificação de *flôr das tropas almoravides, que traxiam sopeados os musulmanos andaluzes e defendiam as fronteiras contra os Christãos?* (1) Ninguem por certo ainda aninhou, nem empoleirou nas abobadas cerebrinas a superfina extravagancia de compaginar uma *flôr de tropas* de elementos tão heterogeneos, e repugnantes. — Outrosim quem ha de sériamente proferir, e naturalizar em os dominios typographicos que a exportação para fóra da Peninsula da tal e quejanda gente pelo Taxefin, reduzira as forças lamtunitas, que ficaram em Hespanha, á impossibilidade de se poderem reunir em numero grandioso para combaterem no Campo de Ourique? Pelo contrario não é preciso reflectir muito para conhecer que a medida posta em pratica por Taxefin, longe de diminuir as forças lamtunitas na Peninsula, indirectamente as augmentára. Note-se que a gente, que elle consigo levára para Marrocos, não era tal que pela sua nacionalidade, e communhão religiosa, lhe devesse merecer plena confiança, se a deixasse em Hespanha. Eram elles, parte *Christãos Musarabes*; e não era de esperar que estes, se ficassem na Peninsula, combateriam nas fileiras musulmanas com muita segurança e firmeza contra os seus correligionarios, os *Christãos independentes*; mas antes que se encorporariam, logo que pudessem, com a tropa delles: parte eram prisioneiros dos exercitos d'aquelles combatentes, que militavam debaixo das bandeiras de Reis Christãos; e a respeito destes ainda era mais perigoso deixal-os ficar em Hespanha. — Um escriptor já citado confirma aquillo que dissemos a respeito dos Musarabes. » Tachefin Ben-Ali, re- » fere elle, fez passar consigo a Marrocos uma parte dos » Musarabes, que estavam em seus dominios de Hespa-

(1) Hist. de Portugal, tom. 1.º, pag. 321.

» nha, tanto porque havia suscitats da sua fidelidade,  
» como porque o Rei de Marrocos tirava delles bom  
» partido nas guerras, que a inconstancia de seus vassal-  
» los entretinha em seus estados (1). » Tirados por tan-  
to taes elementos, que, longe de ajudar, necessariamente  
haviam de estorvar, e entorpecer a acção das forças  
mahometanas nos dominios da Hespanha; fica eviden-  
tissimo que ellas, pela politica preventiva de Tachefin,  
tornando-se mais desaffrontadas d'aquelles estorvos, não  
só nada perderam do vigor em que se achavam, mas até  
ainda mais se consolidaram nelle. O argumento pois do  
historiographo portuguez é caracteristicamente contra-  
producente!

Falta-nos a authoridade de Conde. Que conterà  
porém ella que possa servir de alguma escapula ao in-  
novador? Nada. Transcrevamos as suas palavras: » Pa-  
» só como digimos el Principe á Africa llevando en su  
» companhia la flor de la caballeria de los Almoravides,  
» que hizo notable falta para las revueltas y turbacio-  
» nes que en España se suscitaron con su ausencia: y  
» asimismo llevó cuatro mil mancebos Cristianos de  
» Andalusia, muy diestros en las armas, que servirán  
» en la caballeria de su guardia (2). » Está perfeitamente  
de accordo o texto da *Historia da Dominação dos A-  
rabes e dos Mouros em Hespanha*, redigida por M. de  
Marlès, segundo a traducção do arabe em hespanhol  
feita por D. José Conde, cujo é o logar que deixamos  
copiado? Não está. Eil-o aqui: » Taxfin se fut éloigné  
» des rivages espagnols emmenant avec lui ses meilleurs  
» soldats et quatre mille cavaliers muzarabes, dont il  
» avait composé sa garde (3). » Aquelle diz que Taxe-  
fin levára consigo a *flôr da cavallaria dos Almoravides*:  
Este indistinctamente os seus melhores soldados. Aquelle

(1) Tassefin Ben-Ali fit passer avec lui à Maroc une partie de Muzarabes qui étoient dans ses domaines d'Espagne, autant parce qu'on suspectoit leur fidélité que parce que le Roi de Maroc en tiroit un bon parti dans les guerres, que l'inconstance de ses sujets entretenoit dans ses États. (Recherches Historiques sur les Maures etc. Par M. de Chénier, tom. 2.<sup>o</sup> pag. 41).

(2) Historia de la Dominacion de los Arabes en España etc. tom. 2.<sup>o</sup> Cap. 36, pag. 286.

(3) Tom. 2.<sup>o</sup> pag. 361.

accrescenta que a levada *fôr da cavallaria dos Almoravides fizesera notavel falta para as revoltas e turbações que pela sua ausencia se suscitaram em Hespanha.* Este, nem sequer uma só palavra traz, por onde se conheça que alludira áquelle resultado. — Qual delles terá razão? Não a tem por certo o escriptor hespanhol, cuja passagem citára o historiador portuguez em a nota da sua Historia. Estamos antes pela omissão de Mr. de Marlbò. Não foi a falta de gente, que comsigo transportára o Taxefin para a Africa, que dera motivo á decadencia da dynastia lamtunense na Hespanha. Tal afirmar seria a mais risivel caricatura. A sua decadencia data desde a impossibilidade em que os puzera a guerra com os Almuhades na Mauritania, de soccorrer os seus dominios em Hespanha. » No anno 519 (1124) principiou a » decahir a dynastia lamtunense, e a apparecer a sua » fraqueza: e como os seus Soberanos se tinham occupado em combater Mahadi, e os Almohades, seus » proselytos, que se tinham levantado contra elles nos » montes Atlanticos, não poderam mais auxiliar o paiz » da Hespanha, cujos estados enfraqueceram, por terem » sido confiados aos seus proprios recursos. » Assim se exprime o historiador arabe *Abu-Mohammed Assaleh* (1). E quanto não é preferivel esta authoridade áquelle em que sem o devido exame se fundára o historiador portuguez? Todos sabem que este historiador arabe fôra uma das fontes, aonde Conde fôra beber. A preferencia do original ao compilador é geralmente reconhecida, quando este manqueja. — Do que fica exposto se collige que tanto o principio, como a enorme conclusão, que delle se pretendia deduzir, vem a terra pela deficiencia dos mesmos esteios, em que blazonavam estar apoiados.

Para fazer conhecer porém mais radicalmente a falsidade com que o *neoterismo* historico lança mão da exaggerada *fraqueza* dos Mouros na Peninsula hispanica, a fim de deprimir a grandeza da Batalha de Ourique; daremos ainda uma idéa do seu estado de força militar, avaliada pelos varios successos de armas, que

(1) Historia dos Soberanos Mahometanos etc., traduzida por Moura, Cap. 42, pag. 106.



tiveram logar na Hespanha, desde o anno de 1124, em que começára a decadencia do imperio dos lamtunitas na Peninsula até o de 1139, em que teve logar a Batalha de Ourique. — No decurso pois de quinze annos que symptomas se deixam historicamente ver, por onde se possa colligir que as forças dos lamtunitas em Hespanha se achavam em o mais marasmatico desfinhamento, quando compareceram no Campo de Ourique? Nenhuns, dirá todo o mundo que analyzer a materia. Abram-se os livros historicos, folhêem-se dentro do mencionado periodo. Ha de se achar que logo no anno de 1124 » á vista da conducta que os Christãos Mozarabes » tinham tido com o Rey D. Affonso (conducta aliás louvavel, pois que se reduzia a implorar a sua protecção) » os Mahometanos lançaram mão da maior parte » dos Christãos, que tinham ficado entre elles, e os fizeram passar a Marrocos, onde se tinham já tirado delles grandes serviços » (1). Este despotismo cheio de crueldade e vingança, debalde se poderá attribuir a atonia ou fraqueza da parte dos Mahometanos. Temos porém factos mais positivos.

No anno de 1125 » os generaes dos Almoravides » em Hespanha, resolvendo-se vingar dos males que D. Affonso, Rei de Aragão, lhes tinha feito, invadiram seus estados com um poderoso exercito e puzeram tudo a fogo e a sangue. O Rei achou-se em tal aperto que para reprimir a audacia dos Mahometanos foi preciso enviar a França a fim de pedir soccorros aos Senhores limitrophes, obrigando-se por juramento a conceder-lhes terras e dignidades em seus dominios para recompensar o seu valor » (2). Quem toma a inicia-

(1) A la vûe de la conduite que les Chrétiens Mozarabes avoient tenue avec le Roi Don Alfonso, les Mahométans se saisirent de la plûpart des Chrétiens, qui étoient restés parmi eux, et les firent passer à Maroc, où l'on en avoit déjà tiré de grands services. (Ferrer, Histoire Generale d'Espagne, tom. 3., pag. 361 e 362).

(2) Les Généraux des Almoravides en Espagne, résolus de se venger des maux que ce Monarque leur avoit faits, fondirent sur ses États avec une puissante Armée, et mirent tout à feu et à sang. Au bruit de leurs hostilités, le Roi envoya en France demander des secours aux Seigneurs limitrophes, s'engageant par serment, à leur accorder des Terres et des Dignités dans ses propres Domaines pour

tiva de uma invasão, que obriga o seu adversario, para se defender, a buscar soccorro em paiz estrangeiro, prova eminentemente, que, longe de inculcar definhamento em suas forças, lhe é nellas superior.

No anno de 1126, a 13 de Agosto, » se empenhou » entre Mouros e Christãos, nas montanhas do reino de » Valença, um dos mais sanguinolentos e renhidos combates, que durou a maior parte do dia » (1). O General *Alhamin* trouxe em soccorro de *Amorga*, Governador de Valença, um *bom corpo de exercito* na occasião em que D. Affonso se achava internado nas montanhas com suas tropas para aprisionar aos Mouros seus rebanhos. *Amorga*, fazendo junção com *Alhamin*, marcharam ambos contra El-Rei D. Affonso, que elles sitiaram nestes logares escarpados, e o houveram em tão estreito cerco durante tres dias, que se imaginaram ter os Christãos no matadoiro. Foi tão grande o perigo, em que se achou D. Affonso, tanto pelo numero dos Mahometanos, que o cercavam, como por causa do lugar onde elle se achava, que julgou que sem o soccorro do ceo não se poderia tirar d'aquella penosa situação. Nesta conformidade ordenou a todas as suas tropas que se dispuzessem pela penitencia, pelo jejum e pela oração, a attrahir sobre suas armas a Benção do Deos dos Exercitos; a fim de poderem abrir uma passagem á ponta da espada pelo meio dos Infeis, pois que era esta a unica resursa que lhes restava (2). Acaso denota o menciona-

récompenser leur valeur. (Ferreris, Histoire Generale d'Espagne, tom. 3.<sup>o</sup> pag. 364).

(1) Il se livra un combat des plus sanglants et des plus opiniâtres, qui dura la meilleure partie du jour. (Ferreris, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 369).

(2) Le Général Alhamin amena un bon Corps d'Armée à son secours, dans le temps que le Roi Don Alfonse s'étoit engagé dans les Montagnes avec son monde pour enlever aux Mahometans leurs troupeaux. Amorga s'étant joint à lui, ils marcherent tous deux contre le Roi Don Alfonse, qu'ils assiègerent dans ces lieux escarpés, et qu'ils tiurent si bien enfermé pendant trois jours, qu'ils s'imaginèrent avoir les Chrétiens dans la Tuerie. Don Alfonse, connaissant toute la grandeur du peril où il étoit, tant à la vûe du nombre des Mahometans, qui l'envirounoient, qu'à cause du lieu où il se trouvoit, comprit qu'il ne lui falloit rien moins que le secours du Ciel, pour le tirer d'un mauvais pas; c'est pour quoi, il

do facto algum vislumbre de decadencia nas forças lam-tunitas da Hespanha? O contrario dirá todo o mundo que o ler. Note-se agora que o referido successo teve lugar já em tempo em que a guerra de Mahadi se achava altamente ateadada na parte septentrional da Africa; no anno mesmo, a seguirmos a opinião de Mr. d'Herbelot, em que fôra destruida pelos Almohades a dynastia dos Almoravides (1).

Neste mesmo anno, durante pois que D. Affonso se achava em Valença, os Mahometanos de Lerida e Tortosa, aproveitando-se da sua ausencia, fizeram uma incursão nos confins de seus Estados, aonde elles commetteram algumas hostilidades. Combateu-os, é verdade o Conde de Barcelona D. Ramon; porém a perda foi igual de parte a parte (2). — Foi no anno de 1186 (590 da hegira) que Taxefin, nomeado por seu Pai Governador de toda a Hespanha, para onde partira *com cinco mil homens de cavallaria, tendo mandado convocar as tropas do pais, com ellus sahio a fazer hostilidades para as partes de Toledo, aonde tomou por assalto um dos seus castellos, e pôs em perturbação a sua comarca* (3). — Da mesma historia consta que o principe Taxefin neste mencionado anno derrotara os Christãos em *Fahassabab, fazendo nelles uma terrivel mortandade e expugnára trinta castellos no pais occidental, do que deu parte a seu pai* (4). Serão pois estes acontecimentos provas de estarem rareadas na Peninsula hispanica as fleiras das tropas mahometanas? Quem o affirmar pronuncia sem du-

ordonna à toutes ses troupes de se disposer par la penitence, pour le jeûne, et par la prière, à attirer sur leurs Armes la Bénédiction du Dieu des Armées, à fin de pouvoir s'ouvrir une passage à la pointe de l'épée au milieu des Infidelles, puisque c'étoit la seule ressource qui restoit. (Ferrerres, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 369).

(1) Biblioth. Orient. art. *Morabethah*.

(2) Pendant que ce Prince étoit dans la Valence, les Mahomé-tans de Lerida et de Tortose, profitant de son éloignement, firent une incursion sur les Confins de ses Etats, où ils commirent quelques hostilités. Don Raymond, Comte de Barcelone les combattit avec perte égale de part et d'autre. (Ferrerres, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 370).

(3) Assaleh etc., Cap. 40, pag. 182.

(4) Assaleh etc., Cap. 40, pag. 182.

vida contra si proprio a mais fulminante criminação de rematada ineptia. Todo o homem sensato ha de porém concluir de taes factos contra a mais audaz innovação!

Mas se percorrermos ainda mais a historia, havemos de achar que no anno de 1130 os *Mahometanos de Lerida, Tortosa e Valença fixeram tambem uma incursão nos confins dos Estados do Rei de Aragão. Sahiram-lhes ao encontro D. Estevão, Bispo de Huesca, e D. Gastão, Visconde de Béarne com as tropas que tinham; mas ambos elles morreram na acção* (1). — Folheêmos mais; e acharemos escripto (comprehende-se no anno de 1131) que — *Da mesma sorte que as incursões dos Christãos em as terras dos Mahometanos eram continuas, igualmente eram frequentes as dos Mahometanos nos dominios Christãos* (2). — Continuem os curiosos a empregar a acção do apparelho ocular na leitura da mesma pagina. Hão de ahi encontrar logo em seguimento a terrivel emboscada que nos suburbios de Toledo armaram contra os Christãos neste mesmo anno o atrevido *Farax*, Alcaide de Calatrava, e os *Alcaydes* de Santo Estevão, e de Oreja ou Aurelia (mas não *Caxorla!*), que áquelle tinham reunido suas tropas. Foi n'aquella emboscada que fôra morto o Governador do districto D. Guterres Hermegildes com a maior parte da sua gente, e ficou prisioneiro Nuno Affonso, Alcayde de Mora. — Hão de igualmente achar que *D. Rodrigo Gonzales*, os dois Alcaydes d'Escalona, *D. Domingos Alvares* e *D. Diogo Alvares*, seu irmão, e bem assim o Alcayde de Ita *D. Fernando Fernandes*, que pretenderam reprimir a audacia dos Mahometanos, foram todos por elles derrotados; sendo grande a carnagem no exercito Christão (3). — A go-

(1) Les Mahométans de Lérida, de Tortose et de Valence, firent une incursion sur les Confins de les Etats. Don Etienne, Evêque de Huesca, et Don Gaston, Vicomte de Béarn, marcherent à leur rencontre avec les Troupes qu'ils avoient, et leur livrerent bataille; mais ils périrent tous deux dans l'action. (Ferreras, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3, pag. 379).

(2) De même que les incursions des Chrétienens sur les Terres des Mahométans étoient continuelles, de même celles des Mahométans étoient fréquentes dans les Domaines des Chrétienens. (Ferreras, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3, pag. 381).

(3) Farax, Alcayde ou Gouverneur de Calatrava, et les Alcaydes

ra note-se que foi nestes entremetentes que *Taxefin Ben Hali*, filho do Rei de Marrocos, chegou da Africa com um grande numero de Almoravides; pretendendo logo de caminho com as tropas dos Alcaydes *Aben-Azuel*, de Cordova, e *Aben-Zeta*, de Sevilha, e outros da Andaluzia, levar a effeito o plano de cahir sobre o reino de Toledo, a fim de arrazar a maior parte das cidades com a Capital (1). — Foi neste mesmo anno que *El Rey de Badajoz* por nome *Albucaxan* convocando neste tempo o mayor exercito que pode, fez entrada pellas terras da Beira, e destruindo algúas povoações dos Christãos menos fortificadas, chegou a por cerco á villa de Trancoso (2).

Percorramos o anno de 1132. Havemos de lér que *Taxefin Benhali* viera com todas assuas tropas atacar os districtos de Toledo, e que assaltando á meia noite o castello de Azuca o tomára e demolíra. Não é só isto. O governador, depois de ter perdido perto de trezentos homens, ficou prisioneiro com muitos outros, que com elle foram enviados a Marrocos. Não parou aqui. *Taxefin* atacou depois *Bargas*, aonde muitos Christãos perderam a vida. D'ahi marchou contra o castello de S. Servando, e o tomou depois de ter morto cincoenta homens (3). — Tão pouco é para esquecer que foi neste

de Saint Etienne et Oreja ou Aurelia aiant réuni leurs Troupes, entrerent de nuit dans la Banlieue de Toledo. — Don Gutierre Hermégildex, Commandant du Pais.... donna dans l'embuscade.... mais accablé par la multitude, il périt avec la meilleure partie de son monde. Nuñe Alfonse, Alcayde de Mora, fut fait prisonnier. — Don Roderic Gonçalez.... Dominique Alvarez et Don Diégue Alvares son frere, tous deux Alcaydes d'Escalona et Fernand Fernandez, Alcayde d'Ita, se mirent en devoir de réprimer leur audace.... Ils (les Mahométans) les defirent.... avec toute son monde.... de sorte que pour cette fois ils repauidrent beaucoup de sang Chrétien. (Ferrerás, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 381 e 382).

(1) Sur ces entrefaites, Taxefin Benhali, fils du Roi de Maroc, arriva d'Afrique avec un grand nombre d'Almoravides. Il donna ordre aussi-tôt aux Alcaydes Aben-Azuel de Cordue, Aben-Zeta de Seville et d'autres d'Andalousie de préparer leurs Troupes.... à dessein de foudre sur le Royaume de Toléde, pour en raser la plupart des Villes avec la Capitale. (Ferrerás, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 382).

(2) *Monarchia Lusitana*, tom. 3.<sup>o</sup> Liv. 9.<sup>o</sup> Cap. 21, folh. 100 v.

(3) *Taxefin Benhali* s'avança dans le voisinage de Toléde avec toutes ses troupes, et se presenta devant le Chateau d'Azuca: Aiant

mesmo anno que *Omar Alcayde de Sevilha*, convocando todos os governadores de Andalusia com todas as tropas do seu governo, viera ao encontro do conde *D. Rodrigo* e com elle travara huma acção sanguinolenta, cuja sorte foi incerta por algum tempo (1). Mais é ainda para lembrar a tremenda carnagem que *Taxefin*, reunindo numerosas tropas contra o conde *D. Rodrigo*, depois da derrota de *Omar*, fizera nas forças dos *Salamanquezes*, que tinham ido invadir os estados dos *Mahometanos* (2).

No anno de 1133 acharemos gravado na historia o facto da reunião de um numeroso exercito, que *Taxefin* aggregára de todas as partes com o fim de conquistar *Toledo* (3). — Foi neste mesmo anno que *Taxefin* atacou a *Cantara Mahmud*; tomando-a de assalto (4). — Passemos ao anno de 1134. E que apresenta elle, que positivamente não continue a desmentir a falsissima asserção do Author da *Historia de Portugal*? Havemos de achar acontecida neste anno a fatalissima victoria de *Aben-Gama* contra os *Christãos*. No entretentes que *D. Affonso Rei de Aragão* estava para tomar posse da praça de *Fraga*, rejeitando as proposições dos sitiados, a historia refere que *Aben-Gama*, governador de *Valença*, ao mesmo tempo que fizera levantar numerosas tropas tanto em seus estados, como em *Murcia* e *Andalusia*, dera igualmente parte a *Taxefin*, que se achava em *Marrocos*, a fim de lhe enviar algum soccorro. *Taxefin* lhe enviou dez mil homens, que juntos ás tropas de *Sevilha*, *Cordova* e *Granada*, se foram incorporar no exercito de *Aben-Gama*. O combate foi dos mais sanguinolentos; e ainda que os *Christãos* fizeram prodigios de valor, o que

donné dans le milieu de la nuit un assaut à cette Place . . . il emporta et la démolit. Le Gouverneur fut fait prisonnier avec plusieurs autres, après avoir perdu près de trois cens hommes, et fut envoyé à Maroc, de même que tous ceux qui furent pris avec lui. Ensuite *Taxefin* attaque *Bargas*, où plusieurs *Christiens* perdirent la vie. De-là il s'avauça jusqu'au Chateau de *Saint Servand* et le prit après y avoir tué cinquante hommes. (*Hist. Gener. d'Espagne*, tom. 3. pag. 385).

(1) *Hist. Gener. d'Espagne*, tom. 3. pag. 386.

(2) *Hist. Gener. d'Espagne*, tom. 3. pag. 386 e 387.

(3) *Ferreras*, *Hist. Gener. d'Espagne*, tom. 3. pag. 387.

(4) *Assalob*, Cap. 40, pag. 182.

tornou algum tempo a victoria duvidosa; por fim opprimidos pela multidão, foram inteiramente derrotados (1). Este memoravel, e lastimoso acontecimento quanto por si mesmo não está proclamando que as *filciras* dos *lamtunitas* não estavam *rareadas*, como escrevera o *historiographo* portuguez!

No anno de 530 da *Hegyra* e 1135 de Christo derrotou *Taxefin* em *Fahasse-Atia* multidão de *Christãos*, dos *quies* *seneceram* muitos (2). Neste mesmo anno achamos escripto em nossas chronicas que uma das razões por que D. Affonso Henriques (então Infante) mandou fundar o Castello de Leiria, foi para reprimir a furia dos Mouros (3).— Ignora alguém que tenha noticia das nossas historias que foi no anno de 1136 que o Mouro, *Eujuni* viera pôr cerco a Coimbra com um numerosissimo exercito (4)?— Foi neste mesmo anno que *Taxefin*, advertido dos grandes males, que o Conde D. Rodrigo tinha feito soffrer a seus vassallos, convocou todos os seus *Alcaydes*; reunindo um forte corpo de cavalleria e infantaria com outras tropas, que tinha trazido da Africa para o atacar (5).— Foi neste anno que *Taxefin* tomou de assalto a cidade de *Carquio* ou *Carpio*, na qual não ficou pessoa alguma com vida (6). — » Em Hespanha (historia o modernissimo *Ch. Romey*) » continuava o príncipe *Taschfin* suas expedições contra os *Christãos* com » grande vantagem. No anno 530 (1136) houve com » elles hũa sanguinolenta batalha em *Fohos Atyya*; » em que os derrotou, e venceu com horrivel mortandade » de » (7).

No anno de 1137 veremos os *Mahometanos* das partes de *Sevilha*, e da *Estremadura* entrarem nos Estados do Príncipe de Portugal D. Affonso Henriques com um

(1) Ferreras, Hist. Gner. d'Espagne, tom. 3. pag. 389 e 390.

(2) Assaleh, Cap. 40, pag. 182.

(3) Monarchia Lusitana, tom. 3.º Cap. 26, folh. 206.

(4) Europa Portuguesa, tom. 2.º pag. 39.

(5) Ferreras, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 400.

(6) Assaleh, Cap. 100, pag. 182.

(7) En Espagne le Prince *Taschfin* continuait ses expéditions contre les *Chrétiens* avec un grand succès. En 530 (1136) il eut avec eux une sanglante bataille à *Fohos Atyya*; il les défait et les vainquit avec une horrible carnage. (Hist. d'Espagne, tom. 6.º pag. 35).

poderoso exercito, tomarem de assalto o castello de Thormar, e demolirem-no; passando toda a guarnição ao fio da espada. — Veremos os Alcaydes mahometanos fazerem frente com numerosas tropas a D. Rodrigo, Governador de Toledo, que na sua incursão contra os Mahometanos penetrára até Serpa (1). E não foi neste mesmo anno que *Taxefin* combatera, e tomára de assalto a cidade de Segovia, levando consigo para Marrocos seis mil captivos? Sem duvida (2). — Segundo a narrativa de Romey foi n'esse mesmo anno que o Principe Taxefin correu o territorio de Huete e Alarcon; tendo tomado de assalto a cidade de Cuenca, que lhe tinha resistido; cujos habitantes sem excepção passára ao fio da espada (3).

Temos o anno de 1138. Acaso ha algum successo de character extraordinario, que convença a alguém de que as forças dos Mahometanos ficaram por elle inhabilitadas de comparecer em grande numero no anno seguinte em o combate de Ourique? Quem tal affirmasse ficaria com toda a razão exposto á irrisão publica e permanente dos que cultivam a historia. Aponte o innovador historico, se é capaz, esse successo tão estupendo, e memoravel, que forçosamente havia de produzir aquella inhabilidade. Ha de necessariamente ficar mudo! Rirse-ha todo o mundo se alguém afirmar que fôra o revez (unico evento desastroso de que ha memoria na historia de Hespanha contra os Mouros neste anno) que

(1) Ferreras, Hist. Gener. d'Espagne, tom. 3. pag. 403 e 404.

(2) Assaleh, Cap. 40, pag. 182.

(3) En 531 (1137) le prince Tachfin courut le pays de Huebte et Alarcon. La cité de Cuenca ayant resisté, il la prit d'assaut et en passa les habitans au fil de l'épée sans épargner personne. (Hist. d'Espagne, tom. 6. pag. 35). — O Historiador Portuguez escreveu: « Os districtos de Huete e Alarcon sublevaram-se, e a cidade de Cuenca ousou resistir a Tachfin, que viera suregar aquellas alveiros rotos. Entrada á força, os seus habitantes foram passados á espada. » (Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 320 e 321). — Qual dos dois historiadores será mais exacto? Eu vejo que o citado author da historia de Hespanha refere que Cuenca fôra tomada de assalto, ao mesmo tempo que o historiador portuguez menciona que fôra *entraida á força*. Será uma, e a mesma cousa? Não podemos admittir synonymias, que ninguem ainda reconheceu! Haja vista aos Philologos!...



soffrera uma porção de tropa, que guarnecia Coria, que cahira em uma emboscada (1)!...

Somos chegados ao anno de 1139. Que acontecimento *phenomenal* foi esse que com a vehemencia e rapidez do raio reduziu a um perfeito *caput mortuum* todo o exercito mahometano, a ponto de ser antes uma irrisão, que uma realidade de combatentes no Campo de Ourique? Ouçam: Foi a tomada de Oreja que falsamente o Escriptor portuguez chamou *Caxorla*!... E haverá quem não despeje uma rinchavelhada de estrondo? Já assás e de sobejo fizemos ver a inepecia, o disparate, a caturrice da lembrança (2)!

Continuemos a transcrever as fanfarronadas do fantasioso historiador para de caminho lhes irmos applicando o indispensavel e proficuo correctivo. — » Entrados » na época da batalha de Ourique e constrangidos pelo ás vezes bem triste dever da sinceridade a reduzir » ás dimensões verdadeiras um facto, que á tradição de » seculos aprouve cercar de fabulas não menos absurdas » que brilhantes, cumpria-nos dar a conhecer a situação d'esses homens, que nos campos do Alemtejo vinham combater com os duros cavalleiros de Affonso Henriques (3). » Como é isto? E' acaso argumento de *sinceridade* o ir angariar á historia de paiz estranho, e adestrar a seu modo successos que nada directa, nem indirectamente tem com o objecto; para deprimir o primeiro dos factos mais insignes da historia do seu paiz? Mas que digo?... E' por ventura minimo indicio, vislumbre sequer de *sinceridade* o tirar illações de taes successos (aliás já viciados em sua mesma exposição!); illações, digo, que nem proxima nem remotamente nelles se contém, a fim de incutir menoscabo por um prodigio militar, que todos os historiadores tanto nacionaes como estrangeiros sempre tiveram em grande valia? Se não lhe quizerem dar a qualificação caracteristica de — má fé — chamem-lhe pelo menos presumptuosa igno-

(1) Ferreras, tom. 3. pag. 407.

(2) Veja-se o que a proposito deixámos escripto em a Segunda Parte desta Obra; desde pag. 40 até 54 etc.

(3) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 322 e 323.

rancia!... — Ainda é mais. E' um insulto feito a todos os historiadores!... Na verdade se elle se julga *constrangido do dever da sinceridade* para votar ao vilipendio um facto que todos os outros (prescindindo já de circumstancias theocraticas) tiveram sempre em singular apreço; segue-se que os mais historiadores foram levados do impulso do vicio opposto para asseverarem o contrario. Ora existindo entre nós o estudo da historia ha tres para quatro seculos, e sendo os seus cultores de sentimentos contrarios aos sentimentos do actual historiador portuguez, é bem para concluir, segundo os seus principios, que só elle é o unico *author sincero*, que tem escripto a historia de Portugal; sendo todos os outros uns *impostores* e *trapaceiros*. Que tal é a pertença!... E' a mais audaciosa e caricata que neste genero tem existido no universo da philautia!... E com que ignominia de tanta gente, a quem o presumpçoso não era capaz de chegar, não direi já aos calcanhares, porém nem sequer ás palmilhas!...

Porém que *dimensões verdadeiras* são essas, a que elle pertendera *reduzir* o facto de Ourique? Acaso entenderá o innovador historico por *dimensões verdadeiras* essa caravana de successos, que elle a seu sabor foi empalmar á historia *hispano-marroquina*, para com ella, como bateria de grosso calibre, desmornar e destruir a grandeza da Batalha do Campo de Ourique? Ninguem jámais asseverará que acontecimentos transplantados da historia de paiz estranho, que nenhuma influencia nem directa, nem indirectamente tiveram na existencia ou não existencia de um facto, fossem invocados no jury da critica com o caracter de *dimensões verdadeiras* para avaliar a natureza d'esse mesmo facto. Um tal compasso critico seria em si mesmo a maior e mais pronunciada irrisão! — Os factos que podem servir de *verdadeiras dimensões* a qualquer facto em questão são tambómente aquelles que com elle tem estreita e positiva ligação; que entre si são connexos como a causa com o effeito. A incompatibilidade de um facto não se demonstra sem fazer ver de uma maneira incontestavel a impossibilidade ou contradicção da sua existencia com a simultaneidade dos outros factos. Esta demonstração porém não

póde ser obra d'esse desenfreado *romancismo*, que arvo-  
ra em campanudos principios destacados factos, que ne-  
nhuma incompatibilidade encerram contra a grandeza  
do acontecimento, que se intenta combater. — E mesmo  
quem poderá admittir que depois de tantos engenhos de  
profunda erudição e sciencia (em presença dos quaes o  
novissimo historiador nem sequer ousaria arrojear o esca-  
bello de aprendiz), depois sim de tantos talentos da  
mais elevada polpa litteraria não se terem feito cargo  
de tal e quejanda incompatibilidade; agora só elle ti-  
vesse o exclusivo privilegio de descobrir a tal decantada  
incognita? Até o argumento de prescripção o fustiga!...

Agora perguntarei: Que *tradição de seculos* foi essa  
que *aprovece cercar de fabulas não menos absurdas que  
brilhantes o facto de Ourique?* — Acaso pretender-se-ha  
com similhante generalidade anniquilar a grandeza de  
uma façanha, que a historia tanto nacional, como es-  
trangeira sempre reconhecêra? Nunca se poderá conse-  
guir intento tão profundamente absurdo! — A asserção  
do *historiador* porém não deve ficar sem ser chamada ao  
tribunal da analyse. — Que *tradição de seculos* (nova-  
mente perguntarei) foi essa que *aprovece cercar de fabu-  
las não menos absurdas que brilhantes* aquelle facto? Foi  
por ventura uma tradição popular nascida da ignorancia  
e do erro, que tal *aprovece*; ou antes uma tradição  
toda filha da illustração e da realidade do facto, e suas  
circumstancias? Foi a primeira, responderá por certo o  
*historiographo*. Porém que provas dará elle da affirma-  
tiva? Não poderá dar alguma. — Será a segunda? Se  
é esta, não é crível que uma tradição de um tal caracte-  
r cercasse de *fabulas não menos absurdas que brilhantes*  
o facto de Ourique. Nesta hypothese aquillo que o  
innovador chama *fabulas*, por certo que o não são. —  
São admissiveis ambas as hypotheses, replicará o anta-  
gonista da acção theocratica na Batalha de Ourique.  
Concedemos; e isto é já bastante para inutilizar a as-  
serção do adversario. Porém se ambas as hypotheses são  
admissiveis, qual dellas o será mais? A segunda, dize-  
mol-o com toda a affouteza. Na verdade, quando se ob-  
serva que os homens de talento mais conspicuo de uma  
nação reconhecem desde seculos como verdadeiras as cir-

cumstancias de um facto, embora só transmittidas á historia (visto que para o antagonista nada valem documentos de veneração avoenga!) pelo canal da tradição; por sem duvida que este signal é assás característico de que ella não é do numero das fabulas populares. Se porém o historiador portuguez tiver (o que estamos longe de suppôr) que tudo quanto vem da tradição é fabuloso; creia que o seu pensamento, além de falso e extravagante em historia, é até heterodoxo.

Ainda todavia (deixando o mais que é matizada de bumbo romantico e não sem falsete (1)) no paragrafo da transcripta passagem alguma coisa ha que não pôde ficar sem ser contestada: » O armisticio, tão facilmente concedido por Affonso VII aos esforçados defensores d'Aurelia, prova que o verdadeiro estado dos negocios na Africa era por elle bem conhecido. » A sua apparente generosidade, que aliás fôra um gran-

(1) O trecho que omittimos, e que precede ao que vamos a copiar é o seguinte. » Era uma seita agonizante debaixo dos golpes da sua feliz e vigorosa rival; era a estrella da dynastia lamtunense que se eclipsava; era um povo, conquistador recente, que sentia agitar-se-lhe em roda sedento de vingança o povo subjugado, e qual virtualmente conspirava com os seus proprios e antigos adversarios, os christãos, para a ruina daquelles, que se podiam chamar inimigos d'uns e d'outros; inimigos dos sarracenos hespanhoes por tyrannia politica; dos christãos por odios de crença e por emulação de conquista. » Quem haverá que possa dizer que um tal *imbroglio* de palavras obscuridade seja proprio da simplicidade e clareza, que demanda o estillo historico? Ninguem que saiba o que as cousas são e devem ser. Porém que seita é essa *agonizante*, que por tantos annos tão terriveis estragos ainda faz nas tropas dos Christãos, como já fizemos ver pelos factos, que apontámos? Pôde acaso ter o nome de *agonizante* quem dá tão sobejos signaes de vida? E tão de sobejo, que até destroe, e tira aguerridamente a vida aos outros? Não por certo. A palavra *agonizante* envolve portanto falsete historico!

Agora perguntaremos o que quer significar a expressão: *conspirar virtualmente*, que no trecho vem appropriado ao *povo subjugado sedento de vingança*? Conspirar ás claras, ás escondidas etc. é linguagem que todo o mundo entende. Conspirar porém *virtualmente*, e frase enigmatica que precisa de commentto. Esperamos por elle!... Perguntaremos igualmente: Como é que a um *povo subjugado sedento de vingança* pôde quadrar bem a idéa de *conspirar virtualmente*? E', ou não ajuizo romantico?... Quanto ao qualificativo *subjugado*, corre parelhas, e pelo mesmo motivo, na área da veracidade, com o termo *agonizante*!...

» de erro, estribava-se, por certo, na certeza que tinha » da inutilidade della para os sitiados (1). » — Quem disse, ou porque via dos humanos conhecimentos alcançou o historiographo que a causal do *armistício tão facilmente* concedido por Affonso VII aos esforçados defensores de Aurelia (que é *Oreja* e não *Cazorla*, como tão estonteadamente se asseverára!) fôra o bom conhecimento que elle tinha do estado dos negocios na Africa? Tirou por ventura o escriptor esta especiosa asseveração de documento algum escripto, ou da tradição constante? Um silencio afflictivo e torturante ha de ser a sua unica e precisa resposta.... Em que outro fundamento pois historico estribou a mencionada asserção? Em nenhum; ha de responder por elle a nua e crua verdade. E' apenas uma rematada e arrebicada conjectura!... Como é porém que, sem offender a boa critica, se pôde pronunciar em tom dogmatico e cathegorigo, como se fosse um facto provado, aquillo que não passa de uma pura deducção gratuita sem algum fundamento? — Neste mesmissimo caso está a *apparente generosidade* que se assaca ao Imperador. Viveu o historiador com elle, sondou de perto o seu animo, para com tanta segurança ajuizar das suas intenções? Assim parece ter feito quem tão desempeçadamente affirma que elle *se estribava por certo na certeza que tinha da inutilidade della* para os sitiados! — Porém para que ha de vir o transtornador historico, com secante repiza, á scena com a tomada ou o quer que é de *Aurelia*, como prova e contra-prova do estado de decadencia e marasmo de forças em que se achavam as tropas mauritanas nas Hespanhas na occasião do combate de Ourique; se este combate foi realizado havia tres mezes e alguns dias antes d'aquella tomada, e dois mezes e mais antes do armistício (2) que a precedeu? — Se acaso elle dissesse que a Batalha de Ourique tinha sido a causa d'aquella tomada, e mesmo decadencia dos Almoravides, ainda talvez teria desculpa; porém escrever o contrario é dar existencia ao effei-

(1) Hist. de Portug. tom. 1.<sup>o</sup> pag. 323.

(2) Vej. Ferreras, Histoire Gen. d'Espagne, tom. 3.<sup>o</sup> pag. 411, e 412.

to antes da causa; o que é o pinaculo da maior miseria dialectica!... E' na verdade antes conjecturavel que o grande revez, que os Mouros soffreram em Ourique concorresse para mais depressa pedirem o armisticio, e depois se entregarem os *esforçados defensores de Aurelia* (qualificação que por certo não quadra com o estado de desanimação, em que o Historiador retrata os lamitunenses!); e não que a entrega dessa praça fosse uma das causas do desalento, e deficiência de forças dos Musulmanos na Batalha de Ourique. O Historiador deu pois a um effeito uma causa, que não existia! Uma ontologia porém desta viseira e catadura é altamente romantica, e profundamente falsa!

A' vista do que mais de uma vez (1) fica discutido e provado ácerca da perfeita nullidade do armisticio, e tomada de Aurelia para o fim, a que se propôs o historiador portuguez; quem haverá que tenha bojo para ainda aguentar a nojenta tautologia, que adiante se lê em outro paragrafo, em que o historiographo pretende ainda embutir o cerco de Aurelia como *indicio evidente da impotencia do imperio lamitunense?* » Era-o (diz elle) » agora tambem o cerco de Aurelia, praça militar im- » portantissima para que os Sarracenos houvessem de » consentir em que estivesse posta impunemente em a- » pertado sitio, se lhes fosse possível soccorrel-a (2). » Esta fórma e theoria discursiva é que é *evidentemente* a mais estrambotica e *impotente* que se conhece. Quem jámais se lembrou de arvorar em *indicio evidente da impotencia de um imperio* o não ter podido soccorrer, ou acudir ao cerco de uma sua praça? Acaso mesmo os grandes e robustos imperios tem o privilegio exclusivo de nada perderem no jogo ancipite da guerra? De nenhuma sorte. A historia do mundo é verdade que nos mostra successos de typo *anomalo*, que alguma vez tem decidido da sorte dos imperios. Foi porém jámais reputada nesta cathegoria a perda de *Aurelia*? Nunca. — E' além d'isto falsissimo suppôr que não *lhes fôra possível* (aos Sarracenos) *soccorrel-a*. De feito os Almoravides

(1) Veja-se a Segunda Parte desta Obra, pag. 40 etc. etc.

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 324.

inquestionavelmente a soccorreram. O historiador que confutamos adulterou pois o facto para o ageitar ao seu intento e mira!... Vamos a fazel-o ver. » Na verdade, diz o historiador portuguez, » Ibn-Ganyah, wali de Valencia, com outros cabos principaes das forças almoravides do Andaluz, tinham feito uma demonstração » contra Toledo com o intuito de divertirem para a capital a attenção do imperador, mas nem por isso este » abrija mão da empreza em que estava empenhado, e » os generaes almoravides haviam-se retirado sem tirarem proveito algum da sua tentativa (1). » Assim se expressa o nosso escriptor; citando (na respectiva nota) em seu apoio a *Chronica de D. Affonso VII*, livro 2.º, capitulo 68. — Acaso está porém o conteudo do logar citado da *Chronica de D. Affonso VII* com a narrativa do Historiador portuguez? Não por certo. O Chronista de D. Affonso VII menciona como preliminar a reseña das forças reunidas dos Almoravides para soccorrer a Aurelia. O Historiador portuguez omitta esta circumstancia principal, e faz apparecer em trajes mais somenos a *demonstração dos mesmos Almoravides contra Toledo*, a qual longe de ser o seu unico, e immediato fim, como o indicado documento assás evidenciá, foi apenas um meio estrategico, embora infructuoso, para, chamando alli as tropas inimigas, descercar *Aurelia*. — Além d'isto o historiador portuguez inculca o wali de Valencia como o principal na *demonstração contra Toledo*, quando a *Chronica* põe o seu nome depois de *Axuel*, Rei de Cordova, e de *Abenceta*, Rei de Sevilha. Se por compendiar lhe era licito occultar os nomes dos *outros cabos principaes*; por certo que o nome do primeiro não devia soffrer esta occultação para ser substituido pelo nome de *Ibn-Ganiah*, ou de *Aben-Gama*, como traz a *Chronica*, que ahí se designa em ultimo logar. » Et » Rex *Axuel* Cordubæ et *Abenseta* Rex Sibillæ et *Abengama* Princeps militiæ Valentis, hoc audito, con- » tristati sunt et multum turbati sunt: et convocaverunt ceteros Reges et Principes et Duces et totam militiam, et omnes pedites, qui erant in insulis maris:

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 324.

» et venit illis in auxilium alius exercitus magnus Moa-  
» bitarum et Arabum, quos misit eis Rex Texufinus de  
» Marrocos: et conjunctæ sunt illis maximæ turbæ pe-  
» ditum, qui dicuntur Azecuti, qui sequebantur ma-  
» gnas turbas Camellorum oneratorum farina et de o-  
» mnibus escis, quæ mandi possunt; et erat numerus  
» militum, fere triginta millia peditum et ballistario-  
» rum non erat numerus (1). » — Além do mais, é  
para notar que esta narração positivamente está desmen-  
tindo a fraqueza em que o historiador portuguez tem  
pintado as forças dos Almoravides na proximidade de ter  
logar a Batalha de Ourique (2); e bem assim a estu-  
penda obrepção com que omittira uma principal circum-  
stancia com o fim de persuadir, que da Africa não tive-  
ra vindo soccorro algum aos cercados em *Aurelia*, ou  
*Oreja*. — Que todas as tropas mencionadas na Chronica  
de D. Affonso viessem em soccorro de Oreja, dil-o ex-  
pressamente Ferreras (3) e todos os escriptores hespa-  
nhoes; sem que jámais alguém se lembrasse de a seu gos-  
to *injectar* no paciente papel com physionomia de menor  
vulto aquella tamanha força, que tinha ido fazer uma  
*demonstração contra Toledo*. — Seja porém o que fôr; o  
acudir ao cerco de *Oreja* é a causa primitiva e real que

(1) Na España Sagrada, tom. 21, pag. 376, § 68.

(2) O soccorro de que trata a passagem transcripta da Chronica  
de D. Affonso VII, enviado para acudir a Oreja, teve lugar, segun-  
do a chronologia da mesma Chronica, no anno de 1139; anno em  
que acontecera a Batalha de Ourique. — Comparecendo já na Ba-  
talha de Ourique (realizada meses antes da entrega de Oreja) com  
as outras da Península, as forças que Tachfin tinha mandado de  
Marrocos para socorrer Oreja (*Aurelia*); opinião que não é só mi-  
nha, porem sim de Ferreras (*Historia de España*, tom. V pag. 307;  
desmentido fica que os Sarracenos para cortar o passo aos Chris-  
tãos se servissem unicamente das forças, que partindo para a *Afri-  
ca*, lhes deixara Tachfin. (*Hist. de Portug.* tom. 1.º pag. 325). —  
Dado porém que taes forças não comparecessem na Batalha de Our-  
rique; como poderá o escriptor da Historia de Portugal conciliar as  
*coisas revoltas do Maghreb* (*Hist. de Portug.* tom. 1.º pag. 324),  
que elle tão desfavoravelmente pinta para os lamtunitas, com o va-  
lente socorro que o proprio Tachfin, seu ultimo dynasta, lhes en-  
viara de Marrocos?... E' outra contradicção manifesta!...

(3) » Participô Ali el estado en que se hallaba, a Azuel, Alcalde  
» de Cordoba, a Abenceta de Sevilla, y Abengama de Valçencia,  
» para que le soccorriessen etc. » (*Hist. de España*, tom. 5.º pag.  
304).



fez mover aquella tão grande machina; o que a referida Chronica claramente denotou pela expressão — *audito hoc*. — Aqui advertiremos que tendo o historiographo portuguez asseverado no periodo precedente a *impossibilidade* de os Sarracenos soccorrerem Aurelia; no periodo seguinte confessando a tal *demonstração*, que fizeram *as generaes almoravides contra Toledo com o intuito de divertirem para a capital a attenção do Imperador* (a fim de o obrigar a *abrir mão da empresa em que estava empenhado*) visivelmente reconhece a realidade do prestado soccorro. — E' mais uma taluda contradicção, que deve ir rebolindo para o elencho!...

A confessada *demonstração* prova outrosim não ser exacto que os Sarracenos *houvessem de consentir em que* (Aurelia) *estivesse posta impunemente em apertado cerco*, como o Author da Historia de Portugal n'aquelle mesmo periodo assevera. — Mal se poderá conciliar a impunidade absoluta (pois assim se inculca) do *apertado cerco* com aquella tão estrategica *demonstração dos Sarracenos!*... (Vej. Hist. de Portug. tom. 1.<sup>o</sup>, pag. 324).

Tornando agora outra vez a *Abengama*, que o Historiador portuguez (apaixonado *arabizador*, por não dizer affectado amator de termos do moderno molde *arabico*) denomina *Ibn-Ganyah*; a Chronica de D. Affonso VII mostra até que elle não entrava no numero, e muito menos ía á frente dos Alcaides, que tinham ido fazer a tal *demonstração* (vocabulo mais proprio para figurar em uma terminologia de theoremas, que para o logar em que o encaixaram) *contra Toledo*; o que novamente picula o escriptor. — E' neste, e não n'outro sentido, que vamos ouvir a Chronica, que continúa: » *Et moventes castra de Corduba, ceperuntque venire per regiam. » viam, quæ ducit Toletum, et pervenerunt ad puteos de » Algodor, et ibi castrametati sunt: et posuerunt insi- » dias magnas, et occultas, et cum eis Abengamam Va- » lentia Regem cum tota militia, et præceperunt eis, et » dixerunt: Si Imperator occurreret nobis obviam ad » bellum, vos ex adverso ascendite in castris et omnes » viros bellatores occidite in ore gladii et succendite » castra flammis et munite Castellum militibus et pedibus, et armis, et omnibus escis, quæ mandi pos-*

» sunt, et apud nos sunt in camellis nostris et aqua. »  
(1) Ora se Abengama ou Ibn-Ganyah ficou commandando a emboscada junto aos poços de Algodor (que parecem, segundo *Ferreras*, (2) estarem não longe de Ocaña e Yepes); como se pôde sem transtornar a historia collocal-o á testa dos *cabos* que foram fazer a intitulada *demonstração* (o qual termo, repetirei, é *neotolerismo* intoleravel na accepção historica, e que bem longe está de achar apoio em nossos classicos) contra Toledo? Certo que é arrojado e estranhavel pôr á frente da tal *demonstração* (vamos com a dicção delle) um almora-vide, que a Chronica de D. Affonso VII collocou em uma emboscada; eitando de mais a mais o historiador portuguez em seu abono a mesma Chronica? » Deinde » *sequimini vos* (são expressões da Chronica) *ubi scietis* » nos esse: nos autem ibimus in *Toletum*, et ibi expe- » etabimus Imperatorem ad bellum (3). » Será *Abengama*, ou por outra o seu *Ibn-Ganyah*, que devia seguir os outros, o protagonista da tal marcha para Toledo? Do texto copiado sem duvida que ninguem o poderá colligir, antes o contrario.

Agora concluirei ainda quanto ao *soccorro* que o Historiador portuguez nega ou não tem por *possivel* que fosse dado a *Oreja*, ou *Aurelia*: Que não só os Almoravides a soccorreram, porém que este auxilio fez pôr em cuidado a Affonso VII, apenas os espias lhe participaram o que se passava. E' prova o tel-os ouvido em conselho d'Estado para ver o que havia de praticar; recebendo outrosim como *divino* o *conselho* de não levantar o cerco para ir *contra os Sarracenos*. » Venerunt autem » exploratores Imperatoris ad eum in castris, et » narraverunt ei consilia, et facta Sarracenorum in conspectu omnium magnatorum suorum, et Principum » et Ducum: et consilio divino accepto ne abirent contra Sarracenos in pugnam, sed ut castris expectarent » eos, Castellum perdi (4). » — Desminta agora, se é

(1) Na España Sagrada, tom. 21, pag. 376, § 68.

(2) Historia de España, tom. 5.º pag. 305.

(3) Na España Sagrada, tom. 21, pag. 376, § 68.

(4) Na España Sagrada, tom. 21, pag. 376.

capaz, o escriptor historico a Chronica que tão mal invocára em seu apoio! Debalde o tentará.....

Se não parecera já dar tunda em homem morto, e levar a zurzidela á nimiedade, haviamos ainda de perguntar ao esbelto historiador original, e exigir por amor á illustração, nos declarasse que motivo o levou de motu proprio, e sciencia certa a dar á decantada *Aurelia* o cathegorico e superlativo epitheto de — *praça militar importantissima*, (1) conforme em algures escreveu? A Chronica de D. Affonso VII, que elle apontára em seu abono, certissimamente, como todo o mundo confessará, não dá a *Aurelia* similhante qualificação. Aonde pois iria o Escriptor epithetico encontrar, ou desencantar *Aurelia*, collocada em tão sublime escala? Seria acaso em algum historiador hespanhol, ou que escrevesse a historia de Hespanha como *Marianna*, *Ferreras*, *Romey* e outros? Em algum geographo como d'Anville, Agnès, Miñano? Em nenhum destes, nem em algum outro escriptor ha de achar proferida aquella estrepitosa hyperbole; por não lhe chamar bravata imaginaria! Para que ha de pois o nosso historiador metter-se a elevar á gradação de *praça militar importantissima* um local, que em parte alguma figura com similhante arrebique? E' expôr-se cada vez mais ao pino do ridiculo!... E aonde fica o gallicismo — *praça militar importantissima para que os Sarracenos houvessem de consentir em que estivesse posta impunemente em apertado sitio* (2)? Não deve ficar no rol por certo do esquecimento. O Historiador deveria pois saber que este é um dos gallicismos, de *abuso de frases e modos de fallar* que notára D. Fr. Francisco de S. Luiz no seu respectivo Glossario (3). Deveria antes escrever — *praça militar de tão grande importancia que não era de esperar que os Sarracenos etc.* Ou tambem: *Praça militar, que por ser importantissima, não era para julgar ou para acreditar que os Sarracenos etc.* — Não é só este porém o rombo que faz na linguagem classica a *modellar* historia de Portugal! Quantos delles!...

(1) Hist. de Portug. etc. pag. 324.

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 324.

(3) A pag. 155.

Ainda teremos mais *Aurelia*? Ainda apparece novamente em scena para levar a competente pateada! No paragrafo seguinte da Historia de Portugal, na clausula de um periodo, vê-se ainda novamente invocado o nume tutelar de romantica imaginação, que o Author d'aquella Historia engendrou para dar quebranto e ingoio á Batalha de Ourique. » A invasão (diz ainda elle) » de Affonso Henriques parecia combinada, e por » ventura o era, com o commettimento de Aurelia pelo imperador (1). » Em que documento, ou monumento autographo ou apographo encontrou, leu, ou bispou o historiador portuguez termo ou expressão alguma por onde se podesse colligir algum simples vislumbre de uma tal e quejanda parecença? Em que Annaes, Chronica, ou Chronicon acharia elle transmittida á posteridade sequer algum visio de similhante *combinação*? Em parte alguma, nem em escriptor algum antigo, ou moderno, nacional, ou estrangeiro uma tal e tão anormal lembrança se ha de encontrar! Em que se fundára pois a tão original mencionada *combinação*? Na mais arbitraria, ficticia e romantica phantasia! Pois um dado de mera origem phantastica pôde jámais servir de algum fundamento historico? Nunca. — Agora, prescindindo de fundamentos historicos, perguntarei ao Author da especiosissima imaginação, em que principio de tactica, ou estrategia se fundára para julgar ter havido combinação entre os dois guerreiros, a fim de que, em quanto um commettia *Aurelia*, o outro invadissem o *Alemtejo*? Aonde está o ponto de conveniencia commum, que devia fazer produzir a conjecturada *combinação*? Temos que o escriptor da historia de Portugal ha de dar o problema por indissolvel! — O que não é porém problema, e sim verdade incontrovertida, é que ninguem ainda dissera que a simultaneidade do cerco de Oreja diminuisse em alguma cousa a grandeza do successo do feito bellico de Ourique! A extravagancia d'aquella imaginaria combinação tem por tanto o cunho da mais exotica originalidade! — Porém demos mesmo por possivel e provavel a tal conjectura. Não prova a referida *supposta*

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag 325.

combinação entre os dois Principes Christãos combatentes antes valentia nas forças dos almoravides, do que fraqueza? O historiador é ferido com as suas proprias armas!... Um inimigo que dá que fazer a dois guerreiros insignes, simultaneamente combinados, está bem longe de se ter em o desprezo, em que o historiador inculca as suas *rareadas fileiras* (1).

Temos até agora percorrido a periferia, para assim dizer, do ponto principal da questão; e nesta longa derrota assás tem sido patentes, e postas ao olho da evidencia as ulceras hediondas, que tem deturpado o typo da historia. Factos visivelmente falsificados, proclamados como principios historicos de natureza axiomática; conjecturas de mero jaez romantico, arvoradas, ou antes embutidas, como veridicas deducções d'aquelles, são as mazellas de aspecto horrendo, que temos exposto aos olhos da humana intelligencia com a mais ingenua imparcialidade. — Quizeramos já entrar no centro, no amago mais intimo da discussão. Desejariamos ir a elle via recta. E' com tudo forçoso que torçamos ainda o caminho.

Que ha de ser? Se logo *chemin faisant*, sem exame, nem pesquisa se lobra e topeta com um empecilho, que a critica, por mais peticega e morcega que queira ser, não pôde deixar de tomar a tarefa de analizar. E' nada menos do que a *fronteira de Santarem até Lisboa pela margem direita do Tejo* encaixada no Algarve!... Diz pois o Historiador: » Em vez de se encaminhar (falla de D. Affonso Henriques) » para aquella parte » do Al-Gharb, que se dilatava desde a fronteira de » Santarem até Lisboa pela margem direita do Tejo etc. (2). Que é isto? Temos a *fronteira de Santarem até Lisboa pela margem direita do Tejo* transplantada para o Algarve? Perguntará todo e qualquer leitor, que deparar com a nunca ouvida geographica esquipação. E' uma arabica tirada da Geographia de *Edrisi*, traduzida por *Jaubert*, da qual logo mais adiante se acha embutida uma longa aranzelada (3). Isto porém é um verdadeiro

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327.

(2) Hist. de Portug. pag. 324.

(3) Vej. Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 325 etc.

sôro morboso introduzido no corpo historico! Na verdade; a que proposito vem aquella dimensão arabica? Traz por ventura á historia do paiz mais alguma claridade? Não por certo; antes confusão, que de todo o historiador evitaria, se fallasse pelo theor e fórma mais commum da geographia do paiz. Esta era sem questão a preferivel. — Além d'isto ainda nenhum historiador em circumstancias taes se lembrou de lançar a tenaz e filante ganchorra a similhante elemento assás heterogeneo. — Será pelo principio de ostentar erudição selecta, e mui recondita, que possa ser toleravel aquella inoculada, e embutida protuberancia? Tal ninguem dirá, ninguem asseverará; pois que é já velha e relha nos nossos escriptores historicos, e nos geographos a dimensão que os Arabes davam ao seu *Algharb*. » Os Arabes, diz um bem moderno escriptor, » estendiam esta denominação ás terras da Hespanha occidental e meridional desde o Promontorio Sacro até Almeria, e ás terras fronteiras de Africa desde a boca do estreito de Gibraltar até Tremecem, as quaes appellidavam reino de *Benamarim*, etc. (1). Fallou porém este, ou algum outro escriptor, da tal dimensão arabica que não fosse tratando especialmente ácerca do Algarve? Não por certo. A que proposito vem pois o nosso historiador, quando intenta fallar-nos da *expedição militar* de Ourique, pespegar-nos em corpo e alma pela prôa com a *maçada* da Geographia de *Edrisi* sobre o Algarve? A nenhum proposito. Ha de responder o critico ainda mais gelado, e narcotico, que bem souber conhecer que taes enxalmos não condizem com as leis da historia.

Porém já é tempo e mais que tempo de deixar de dar caça aos desmazelos de mero character (se é que o é) accidental. E d'estes, e d'outros de parentesco mui chegado, assás abunda a cada pagina o tal matagal historico-romantico que se pavonêa com o titulo de Historia de Portugal do nosso famigerado escriptor! Deixemo-

(1) *Coreografia ou Memoria Economica, Estadística do Reino do Algarve*, por João Baptista da Silva Lopes, pag. 6. — Veja-se tambem *Diccionario Geografico* do P. Luiz Cardoso, na palavra — Algarve.

nos já sim de tirotear o inimigo de flanco, ou d'esgue-lha; e vamos a trote e marche-marche atacal-o de frente na caricata guarida, em que imperiosamente se a-coita.

Era bem de ver e presumir, que tendo o Author da heterogenea e systematicamente incredula Historia de Portugal *dado*, como dizem, *por páos e por pedras*, e feito mais espalhafato que o Baccho de Camões, para banir e extirpar da alta cathogoria de grandeza, em que todas as historias do mundo tiveram collocado o feito heroico dos Portuguezes em Campo de Ourique; e bem assim (vergonha oh! das vergonhas, que não coubera jámais nos ambitos da mordaz e depressora lingua de algum franchinote, figadal inimigo da nossa gloria marcial!) e bem assim, digo, para que fosse privada até de gozar da singela e isolada estimativa de uma ordinaria *Batalha*; era bem de ver, repito, e colligir, que a façanha immortal, despojada do verdadeiro character de consideração, em que a sciencia critica e analytica dos factos (pondo de parte circumstancias theocraticas) constantemente a collocára; havia de figurar na depressora e monstruosa historia de Portugal, representada por uma nomenclatura de ultraje e insulto! Venha a publico o corpo de delicto.

» A audaz empresa do principe dos portuguezes fó-  
» ra, como elle mesmo nol-o assegura, um verdadeiro  
» *fossado*, isto é, uma dessas entradas que todos os an-  
» nos se renovavam pelas fronteiras dos sarracenos, e  
» para as quaes eram obrigados, pelas suas cartas de  
» foral, os cavalleiros villões de diversos concelhos (1). »  
— Em desaffronta da historia patria, peço aqui a atten-  
ção do universo intelligente. — E' por ventura verdade  
que o Principe dos portuguezes (D. Affonso Henriques)  
dera á *audaz empresa* de Ourique o nome de *fossado*,  
como affirma o recente e actual historiador portuguez?  
E' falsissimo.... Respondemoz altamente com todos os  
registros dos órgãos da loquela. — Em que documento  
se estribára o historiador para assim qualificar a *Batalha*  
de Ourique, que ninguem antes d'elle achára, nem tive-

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.

ra produzido para semelhante intento? Cita o *Elucidario de Viterbo*, tom. 2.<sup>o</sup>, pag. 473, verb. *Fôro morto*. Aonde porém se encontra no artigo correspondente ao indicado titulo que D. Affonso Henriques dera á Batalha do Campo de Ourique a qualificação de *fossado*? Em parte alguma. Venha a publico e razo o citado artigo. Eil-o aqui: » *Fôro morto*. Casal de Fôro morto se chama mava aquelle, que estava amortizado, livre, e isento » de qualquer fôro, ou pensão, o qual verdadeiramente » havia morrido, e espirado para o Directo Senhorio, » ou por Doação, ou compra ou por outro qualquer Titulo. No de 1139 e no mez de Julho, D. Affonso » Henriques, intitulado-se *Infante*, e indo de caminho para o *Fossado de Ladéra*, doou, e juntamente » vendeu a Monio Guimariz hum Casal em Travansella, termo de Satanan, o diz assim: *Et accepi in pretio de te uno caballo bono, et uno manto. Habeas tu ipso Casale firmiter, et omnis posteritas tua à foro morto, usque in temporibus sæculorum... Facta Carta Donationis et Venditionis in mense Julii. E. J. C. 2.º XXVII. Doc. de Vizeu.* — Quem se não ha de encher de pasmo, zanga e indignação profunda ao considerar a sem cerimonia, ou antes descaramento immundo com que se produz, em prova de uma cousa tal, um Documento, que, examinado elle, nem vislumbre, nem sombra sequer encerra d'aquillo que com elle se pretendia authorizar! — Aonde é que no transcripto artigo se encontra vestigio algum por onde se possa presumir que D. Affonso Henriques dera á *audaz empresa* de Ourique o nome de *fossado*? Em parte alguma; ha de necessariamente confessal-o toda e qualquer humana intelligencia, por mais curta e acanhada que possa ser. O historiador pois que semelhante audacia, absurdo, e ignorancia escrevera miserrimamente se illudira e enganára!....

Porém acaso jámais teve, ou poderá ter a *audaz empresa do principe dos Portuguezes* em Campo de Ourique a denominação de *Fossado de Ladéra*? Nunca. E' o mesmo erudito *Elucidarista*, invocado pelo Author da Historia de Portugal, quem o vem sem replica zuzir. Ouça todo o mundo: » No mez de Julho de 1139,



» caminhando para o *Fossado de Ladera*, fez D. Affonso Henriquez, intitulado-se ainda *Infante*, huma Doação, que se póde ver. V. *Foro Mortuo*, e V. *Fossado*. Nas Inquiriçoens Reaes se faz menção de huma terra chamada Ladeya, ou Ladeia não longe da fóz do Zezere. Ou digamos que a *Ladeya* era o *Rabaçal*, por onde a estrada se encaminhava para Aléntejo; pois no L. 1. d'ElRei D. Affonso III. a f. 6. na T. do T., se acha a Doação que elle fez ás *Donas de Cellas a par da ponte de Coimbra*, (para que ellas o encomendassem a Deos) de toda a Decima, e de todo o Direito Real, que Elle, e seus Successores tinham, ou podessem ter na Herdade das mesmas *Donas*, no sitio da *Ladeya, quæ vocatur Babasal*. Escrita pelo seu Capellão, Eleito de Vizeu a 10 de Out. de 1254. Como quer que seja, parece fóra de questão que o Principe D. Affonso se hia chegando para o Campo de Ourique, onde naquelle mez, e anno lançou os fundamentos solidos á Monarchia Lusitana. »

(1). — Quem ha, e haverá, que, ao ler o transcripto artigo, possa divisar, ou descortinar laivo, viso, ou rasquicio de identidade, ou synonymia entre o *Fossado de Ladéra* e a Batalha de Ourique? Ninguem por certo, antes o contrario. Sim; ha de evidentemente conhecer ser uma cousa tão diversa, quanto é physica e geographicamente diversa — *Ladéra e Campo d'Ourique*. — Ha de sem a minima hesitação confessar ser uma cousa tão outra, quanto são diversos, e incapazes de terem uma só e idêntica entidade dois differentes successos acontecidos em dois distinctos tempos, e logares. — Apenas se póde, e deve concluir que o *Fossado de Ladéra* tivera logar, quando já D. Affonso Henriquez ia de marcha para o Campo de Ourique. E' pois o *Fossado de Ladera* um facto que indubitavelmente precedera á gloriosa acção, que houvera logar no mencionado Campo; verificado mesmo em tempo, em que debalde se poderia ainda prever que ella seria uma realidade. — Está por tanto muito longe sim de se poder tomar, ou confundir o *Fossado de Ladera* com a Batalha do Ou-

(1) Viterbo, na palavra *Ladéra*.

rique. — Sendo isto assim, como na verdade é, novamente se torna intoleravel; que alguém fundado em testemunho falsamente allegado venha asseverar que o proprio D. Affonso Henriques dera á *audaz empresa* dos Portuguezes no Campo de Ourique o depreciado e mesquinho nome de — *Fossado!* Nunca tal dissera aquelle Monarcha, ou *assegurára*: nem ha Documento algum por onde se mostre que aquelle feito heroico tivesse o nome de *Fossado*. — Vergonha ao Historiador, que tão inepto; e destampadamente procura denegrir a grandeza do primeiro braço da gloria da patria!... Registre-se com execração procedimento tão inqualificavel!... Porém que ha de ser?... Eu vejo o Historiador portuguez claudicar, por não dizer afocinhar na explicação do que seja — *verdadeiro fossado*. » Verdadeiro fossado, disse elle; » é uma dessas entradas que todos os annos » se renovavam pelas fronteiras dos sarracenos; e para » as quaes eram obrigados, pelas suas cartas de foral; » os cavalleiros villdees dos diversos concelhos » (1). E' esta porém a definição vaga e tão obscura como o definido; que o Elucidario de Viterbo, invocado pelo historiador; dá do que seja — *fossado*? Não por certo. Ougamol-o quanto é necessario ao nosso caso: » Consistia » o *Fossado* em sahir com mão poderosa, e armada, a » talar, ou colher as novidades; e fructos, que os inimigos haviaõ ugricultado. Para este fim apoderados » do campo; se entrinheiravaõ ligeiramente em vallos, » ou fossos; contendo-se unicamente (*repare-se bem*) na defensiva; e guardando as costas aos que se occupavaõ » na extracção dos fructos; e forragens. E neste sentido » é; que constantemente se acha esta palavra em os nossos antigos Documentos, deduzida talvez de *Fossinagar*, que para com os Longobardos significava campo cultivado; e cheio de pastos e renovos. Compunha-se este *Fossado* não só de Cavalleiros, Escudeiros, e tropa regular; mas tambem de Peões, aldeãos, e gente de lavoura para colherem, e conduzirem á preza; ou comida. Os mesmos Principes, e Bispos não » titiaõ por dezær o acliarem-se nestas Expedições; que

(1) Hist. de Portug. no logar antèrformente citado.

» repentinamente e quasi de improviso se faziaõ; mas » sempre naquelles mezes em que os pães estavaõ em » ferraã, quando naõ fosse maduros » (1). Esta mesma explicação reproduziu mais resumidamente o erudito Advogado *Joaquim José Caetano Pereira e Sousa* na sua estimavel Obra *Esboço de um Diccionario Juridico* (2).

Quem confrontar as mencionadas explicações do que seja *Fossado* facilmente conhecerá que fõra inexacta e deficiente aquella que lhe dera o Historiador portuguez. Disse *inexacta, e deficiente*, por quanto não há uma só das expedições militares dos primeiros seculos da Monarchia, que se conheça tenha sido indicada pelas Chronicas antigas com o nome caracteristico de *entrada*; quaesquer que sejam os adminiculos, que se lhe procure ajuntar (3). — Note-se outrosim que qualificando o historiador o termo *Fossado por uma dessas entradas, que todos os annos se renovavam pelas fronteiras dos Sarracenos*, não declarou o essencial da tal entrada annual; o que é outra deficiencia ou lacuna na explicação imperdoavel! — O historiador na verdade apresentou na explicação do que era *Fossado* uma perfeita *entrada* sem sabida!... E' uma definição aonde figura só o genero; ficando no tinteiro a *differença*!... (4) E' mais uma innovação de grosso calibre anti-dialectico!...

Talvez o historiador appareça no palco da discussão

(1) Veja-se o Elucidario na palavra *Fossado*.

(2) Veja-seahi a palavra *Fossado*.

(3) Manoel Severim de Faria em as *Noticias de Portugal*, tom: 1.<sup>o</sup>, Discurso II sobre a *Ordem da Milicia* etc. § 9.<sup>o</sup> *Da guerra de Castella*, pag. 112, escreveu: » Pelo que mais se fez esta guerra em » tre ambos os Reynos por entradas, e entreprezas, que por Bata- » lhas. » Esta distincção claramente faz ver que são coizms muy diferentes — *Entradas e Batalhas*. — Ora collocando o Historiador Portuguez o *fossado* em o numero das *entradas*, segue-se que aquelle termo de modo algum pôde ser synonymo de *Batalha*. — Se porém a façanha bellicosa do Campo de Ourique teve logo em documento coetaneo a qualificação de *Batalha*, e esta com o epitheto de *grande*, cathegoria, que sempre tem conservado; que monstruosidade da maior anomalia não é o desigual-s com o nome de *fossado*?

(4) No genero — *irrupção* ou *entrada* — incluiu Vitarbo o termo — *Cavalgada* — e nesta especie o termo — *fossado*. Debitria elle porém estes dois termos como se fossem synonymos? Não. — O historiographo, com tudo, com a tal generalidade, confundindo as idéas, estatuiu o contrario!...

com alguma furibunda coarctada! Qual será ella? Ha de provavelmente vociferar que já tivera anteriormente declarado que o *fim* principal e distinctivo de taes *expedições* era o *talár os campos do inimigo*. Com effeito na pagina 324 e 325 acha-se escripto: » A audacia da em- » preza (de Ourique), os estragos inevitaveis nestes fos- » sados, expedições cujo fim principal era o talár os » campos do inimigo etc. » O Historiador porém nova- mente é codilhado. Póde-se acaso pronunciar de um modo simples e absoluto, que o *fim principal*, e qualificativo dos *fossados* era o *talár os campos do inimigo*? Nunca. E' outra vez o Elucidario de Viterbo quem o vem zurzir. » Consistia, diz elle, o *Fossado* em *sabir* » com mão poderosa e armada, *a talár, ou a colher as* » *novidades e fructos, que os inimigos haviãõ agricultura-* » *do* » (1). Por este modo de exprimir fica evidente que o *fim principal* dos *fossados* se preenchia indistinctamente de uma das duas maneiras indicadas, e não de uma só, conforme escreveu o historiador portuguez. — Outrosim o *Esboço de um Diccionario Juridico* de Pereira e Sousa traz escripto: » Consistia o *Fossado* em *sabir* » com mão armada *a talár e colher as novidades, que* » *os inimigos haviãõ agricultado* » (2). Se adoptassemos esta variante, (que é tambem a de Moraes no Diccionario) o historiador ficaria igualmente apanhado pela conjuncção copulativa, como acolá o é pela disjunctiva!

Porém (prescindindo de ulterior discussão) quem ha que duvide que a definição, ou explicação do que seja — *fossado* — dada em seu Glossario pelo eruditissimo *Du Cange*, vai em dois seculos, evidentemente está mostrando que a Batalha de Ourique, e mesmo qualquer outra, de modo algum póde ser olhada, nem ha-vida por *fossado*? (3).

(1) No lugar acima citado.

(2) Na palavra — *Fossado*.

(3) *Fossatum*, Exercitus, sen potius Castra vallo, et fossis circumducta. Quam primum enim exercitus hostium terras ingreditur, fossis eorum castra muniuntur. » *Fossado*, Exercito, ou antes » Arraias cercados de trincheiras, e fossos. Logo pois que o exercito » entra em terra de inimigos fortifica seus arraias com fossos. » Aonde se encontra aqui vestigio algum, de que *fossado* designe idéa

Agora faremos ver que o historiador *incomparável* da nossa terra, qualificando de *fossado* o feito de Ourique; está em flagrante contradicção consigo mesmo. — Para fazer ver esta pecha imperdoável em dialectica, e altamente monstruosa ao paiz da ontologia intuitiva; basta confrontar a nomenclatura com que elle faz apparecer nos lares da historia o feito memoravel do Campo de Ourique. Não é pois necessario muito exame, para logo ser patente a todo aquelle que souber ler, e mesmo soletrar, que o Historiador, depois de por vezes dar áquella façanha o nome de *Batalha*, (1) terminára por lhe chamar — *fossado*. — Se porém o Historiador entendera que a maravilha bellica de Ourique era um verdadeiro *fossado*, não é por ventura manifesta contradicção chamar-lhe — *Batalha*? Acaso julgará o Historiador que *batalha* e *fossado* são uma e a mesma cousa? Não por certo: e o conteudo mesmo já trasladado da sua Historia claramente o distingue. Se pois não quer que a *Batalha* de Ourique tenha as honras e categoria de *Batalha*, para que lhe chama uma cousa que elle está bem longe de crer e querer que seja? Este procedimento é d'aquelles que não podem deixar de ter a bem merecida tacha de reconhecidamente contradictorio!...

O Historiador todavia ainda offerece á acção da analyze elementos que mais caracterizam a sua contradicção. Venham sem mais preambulo a juizo as suas proprias palavras. » Já em maio deste anno de 1139 se » faziam os preparativos de uma expedição militar, e » os homens d'armas corriam a ajuntar-se ás suas ban-

de *Batalha*? Antes é predisposição para a evitar. Ha de responder ainda o mais hospede em planos estrategicos.

*Du Cange* cita entre outros Documentos a Carta de Foyal dada pelo Conde D. Henrique á cidade de Coimbra, em que lhe permite dar só a quinta parte da preza do *fossado*. E' copiada do tomo 4 (aliás 3) da *Monarchia Lusitana*, pag. 281 v. — Tres outra de D. Affonso III concedida aos moradores de Cernancelhe, na qual a palavra *fossadum* se entende, conforme traduziu Brandão — *abertura de fossos*. — E' extrahida da *Monarchia Lusitana*, tom. 4, fol. 212.

Estes e varios outros Documentos, que o eruditissimo Author do Glossario agglomerou não só neste, mas em todos os mais artigos, em que se explica o termo — *Fossatum* — são, e de sobreje confirmam que *Fossado* não póde jámais ser synonymo de *Batalha*!

(1) Hist. de Portug. tom. 1.<sup>o</sup>, pag. 322 e 324.

com alguma furibunda coarctada! Quão será ella? Ha de provavelmente vociferar que já tivera anteriormente declarado que o *fim principal* e distinctivo de taes *expedições* era o *talhar os campos do inimigo*. Com effeito na pagina 324 e 325 acha-se escripto: » A audacia da em- » preza (de Ourique), os estragos inevitaveis nestes fos- » sados, expedições cujo fim principal era o talhar os » campos do inimigo etc. » O Historiador porém nova- mente é codilhado. Póde-se acaso pronunciar de um modo simples e absoluto, que o *fim principal*, e qualificativo dos *fossados* era o *talhar os campos do inimigo*? Nunca. E' outra vez o Elucidario de Viterbo quem o vem zurzir. » Consistia, diz elle, o *Fossado* em saber » com mão poderosa e armada, a *talhar, ou a colher as » novidades e fructos, que os inimigos havião agricultura- » do* » (1). Por este modo de exprimir fica evidente que o *fim principal* dos *fossados* se preenchia indistinctamente de uma das duas maneiras indicadas, e não de uma só, conforme escreveu o historiador portuguez. — Outrosim o *Esboço de um Dictionario Juridico* de Pereira e Sousa traz escripto: » Consistia o *Fossado* em saber » com mão armada a *talhar e colher* as novidades, que » os inimigos havião agricultado » (2). Se adoptassemos esta variante, (que é tambem a de Moraes no Dictionario) o historiador ficaria igualmente apanhado pela conjunção copulativa, como acolá o é pela disjunctiva!

Porém (prescindindo de ulterior discussão) quem ha que duvide que a definição, ou explicação do que seja — *fossado* — dada em seu Glossario pelo eruditissimo *Du Cange*, vai em dois seculos, evidentemente está mostrando que a Batalha de Ourique, e mesmo qual-quer outra, de modo algum póde ser olhada, nem ha-vida por *fossado*? (3).

(1) No lugar acima citado.

(2) Na palavra — *Fossado*.

(3) *Fossatum*, Exercitus, seu potius Castra vallo, et fossis circumducta. Quam primum enim exercitus hostium terras ingreditur, fossis eorum castra muniuntur. » *Fossado*, Exercito, ou antes » Arraiaes cercados de trincheiras, e fossos. Logo pois que o exercito » entra em terra de inimigos fortifica seus arraiaes com fossos. » Aonde se encontra aqui vestigio algum, de que *fossado* designe idéa

Agora faremos ver que o historiador *incomparavel* da nossa terra, qualificando de *fossado* o feito de Ourique; está em flagrante contradicção consigo mesmo.— Para fazer ver esta pecha imperdoavel em dialectica, e altamente monstruosa no paiz da ontologia intuitiva; basta confrontar a nomenclatura com que elle faz apparecer nos lares da historia o feito memoravel do Campo de Ourique. Não é pois necessario muito exame, para logo ser patente a todo aquelle que souber ler, e mesmo soletrar, que o Historiador, depois de por vezes dar áquella façanha o nome de *Batalha*, (1) terminára por lhe chamar — *fossado*. — Se porém o Historiador entendera que a maravilha bellica de Ourique era um verdadeiro *fossado*, não é por ventura manifesta contradicção chamar-lhe — *Batalha*? Acaso julgará o Historiador que *batalha* e *fossado* são uma e a mesma cousa? Não por certo: e o conteudo mesmo já trasladado da sua Historia claramente o distingue. Se pois não quer que a *Batalha* de Ourique tenha as honras e categoria de *Batalha*, para que lhe chama uma cousa que elle está bem longe de crer e querer que seja? Este procedimento é d'aquelles que não podem deixar de ter a bem merecida tacha de reconhecidamente contradictorio!...

O Historiador todavia ainda offerece á acção da analyze elementos que mais caracterizam a sua contradicção. Venham sem mais preambulo a juizo as suas proprias palavras. » Já em maio deste anno de 1139 se » faziam os preparativos de uma expedição militar, e » os homens d'armas corriam a ajuntar-se ás suas ban-

de *Batalha*? Antes é predisposição para a evitar. Ha de responder ainda o mais hospede em planos estrategicos.

*Du Cange* cita entre outros Documentos a Carta de Foral dada pelo Conde D. Henrique á cidade de Coimbra, em que lhe permite dar só a quinta parte da preza do *fossado*. E' copiada do tomo 4 (aliás 3) da *Monarchia Lusitana*, pag. 281 v. — Trás outra de D. Affonso III concedida aos moradores de Cernancelhe, na qual a palavra *fossadum* se entende, conforme tradusiu Brandão — *abertura de fossos*. — E' extrahida da *Monarchia Lusitana*, tom. 4, fol. 212.

Estes e varios outros Documentos, que o erudtissimo Author do Glossario agglomerou não só neste, mas em todos os mais artigos, em que explica o termo — *Fossatum* — *assás*, e de sobejo confirmam que *Fossado* não póde jámais ser synonymo de *Batalha*!

(1) Hist. de Portug. tom. 1.<sup>o</sup>, pag. 322 e 328.

» deiras. Entrado o mez de julho o exercito portuguez » marchou para o meio-dia » (1). Quem já muia acreditou, e muito menos disse, ou escreveu, que uma expedição militar, caracterizada de *fossado* exigisse preparativos para cima de dois mezes (2)? Em que monumento ou documento se acham testificados taes preparativos? Em nenhum sem duvida. Nem as expedições militares que annualmente se faziam com aquella denominação (*fossado*), continham motivo extraordinario para tão singular, e especificamente se escrever que *os homens d'armas corriam a ajuntar-se ás suas bandeiras*; muito menos durante o mencionado periodo de mais de dois mezes, como indubitavelmente se faz entender. Além d'isto, nos *fossados* não só entravam *os homens d'armas*, mas também *aldeanos e gente da lavoura para colherem e conduirem a preza* (3). No *fossado* porém do nosso historiador sómente apparecem *os homens d'armas que corriam a ajuntar-se ás bandeiras* de D. Affonso Henriques!... Que diremos mais?... O *Fossado* do Historiador comprehende força, que elle julgou devia merecer o nome de — exercito portuguez. — Ha porém algum *Fossado* nos documentos antigos, cuja força nelles seja designada pela qualificação de *exercito portuguez*? Nem um só. Ha de responder ainda o Archeologo mais farejador! Os *Fossados* não eram outra cousa mais do que expedições militares particularmente arranjadas todos os annos pelas Villas para talar, ou saquear as colheitas dos Sarracenos, como bem se collige dos respectivos *Fo-raes*. A força militar por tanto, por maior que fosse, com que ellas operavam estas excursões ou correrias, não podia por fórma alguma ter a denominação de *exercito portuguez*. Esta denominação (aliás só applicavel a uma força muito maior), é bem de ver, só deveria competir-lhe, se ella constasse de individuos de todas ou de grande parte das terras da nação. *Exercito portuguez* é uma idéa latamente determinativa, que não pôde ser

(1) Hist. de Portug. tom. 1.<sup>o</sup>, pag. 324.

(2) Comprehendemos o periodo que vai desde 18 de Maio (que é a data do Documento, a que se atém o historiador portuguez, que adiante se transcreve) até 25 de Julho, dia da Batalha de Ourique.

(3) Elucidario, no logar já transcripto.



commutada por outra idéa muito menos significatisa.

Ainda mais: O Novador historico para confirmar que os preparativos da tal expedição militar (a Batalha de Ourique, que elle degrada para o numero dos *fossados*!) começaram em maio de 1139, cita a Doação de um *cavalleiro ao mosteiro de Pendorada*, em data de 18 de Maio do mencionado anno; documento, que tirou das Dissertações de João Pedro Ribeiro (1). São as palavras do Documento: — *Et si obiero in exercitu regis.* — » E » se eu morrer no exercito do rei. » Eu não entro na questão se este documento por ter a data de 18 de Maio de 1139, é prova, de que só desde a citada época, com exclusão de outra anterior, se faziam preparativos para aquella expedição, na frase do nosso historiador, *fossado*, e não Batalha de Ourique! Só sustentarei que o documento allegado não prova que a projectada expedição militar fosse *fossado*, porém antes uma empresa muito mais gigantesca. Na verdade poderá alguém, por mais estortegadelas, e belliscões que teime dar em tudo quanto ha de regras de hermeneutica, persuadir-se que nas expressões — *si obiero in exercitu regis* — se ache escripto e estampado um purissimo e estremissimo *fossado*? Se tal persuasão podesse caber em cerebro algum humano, por certo que o seu estado phrenologico seria muito para reccar!.... Se pois a expressão *in exercitu regis* não significa no *fossado*, e sim no *exercito do Rei*; é bem de ver que as duas cousas são objectos mui diversos. Porém se *exercito* e *fossado* não são, como é inpergavel, a mesma coisa; porque se ha de dizer expressa, ou implicitamente, que quem se alista no *exercito do Rei*, se alista no seu *fossado*? A identificação de taes idéas é na verdade uma monstruosidade! A idéa de exercito é, a olhos vistos, de ipdole muito diversa, e abrangge em historia maior extensão que a de *fossado*!.... Além d'isto não ha memoria de que algum imperante preparasse um exercito, qual mesmo era o de D. Affonso Henriques, (de onze, ou doze mil homens, ou mais ainda (2)), com o fim principal e premeditado de fazer um

(1) Tom. 3. Part. 1. pag. 116, n.º 354.

(2) Manuel de Faria y Sousa sobre este numero a treze mil homens. (Europa Port. Tom. 2.º, pag. 40).

*fossado*. — O exercito de D. Affonso Henriques era o mais numeroso que até então a Christandade tinha posto em campo nesta Provincia (1). Este superlativo totalmente repugna com a idéa de *fossado*. — Creio tambem que o Cavalleiro (cujo nome não passou á posteridade com o mais do pergaminho) não se daria ao affan de fazer doação *causa mortis* ao mosteiro da Pendorada, se o exercito do Rei se dirigisse a um mero e succinto *fossado*.

Agora pergutarei ao historiador em que monumento ou documento encontrou escripto que o exercito portuguez marchasse para o meio-dia, entrado o mez de Julho? Entrado o mez de Julho quer dizer — começado ou principiado o mez de Julho. E quem lhe disse que a referida marcha tivesse logar logo no principio, ou principios, começo ou entrada do dito mez, e não em o meado d'elle? O seu indigitado calculo é na verdade aereo!... Não ha um só dos nossos Chronistas, nem Historiadores, que d'elle fizesse menção, e o seguisse. O nosso historiador apoia a sua chronologia na Doação, que o Infante D. Affonso Henriques fizera, no mez de Julho, a Monio Guimariz, quando ía de caminho para o *fossado de Ladera* (quando *ibamus in illo fossado de Ladera* (2)); porém quem jámais colligiu destas palavras que o exercito portuguez marchasse para o meio-dia na entrada de Julho de 1139? Nem a letra, nem o sentido della, por mais voltas que se lhes queiram dar, indicam semelhante illação! A data do documento mostra também que fôra feito em Julho, sem designar o determinado e preciso dia. Sendo isto assim, é evidente que não se póde afirmar positivamente que elle fosse feito na entrada de Julho. — Ora sendo certo que não ha fundamento algum para se asseverar esta positiva e terminante data da existencia do documento; como se poderá dar e ter por averiguada a data de um successo que com aquella se pretende identificar? Se o funda-

(1) " Los nuestros que eran solos treze mil (si bien el mayor numero que avia producido hasta entonces la Christiandad en esta Provincia ), " (Faria, Europa Portuguesa, tom. 2.<sup>o</sup>, pag. 40).

(2) Vej. Viterbo na palavra *Fossado*, pag. 477, col. 1.<sup>a</sup>

mento, ou premissa é incerta, também a consequencia, que se deduz, ha de necessariamente ter a mesma pecha de incerteza; ensina, e ensinará sempre toda a dialectica do universo. Crassa ignorancia é pois contradizer, quando se discorre, os seus dictames!...

Ainda porém não ficam aqui os elementos, que demonstram a contradicção. Confessa o antagonista do feito grandioso de Ourique que — *a audacia da empresa, e os estragos inevitaveis de taes fossados.... deviam causar aos Sarracenos profundo susto.* (1) Quem ha de dizer que a idéa de *profundo susto* quadre ou se deva appropriar a um mero *fossado*? Ninguem sem duvida. Ha de pelo contrario julgar que se pretende dar a uma causa um effeito muito maior do que ella é. — O historiador confessando além d'isto as consequencias do *profundo susto dos Sarracenos*, novamente reconhece, sem o pensar, que ellas mal podem convir a um *fossado*. Haja vista á colligação, ou conspiração, que os *chefes musulmanos, pelo menos os do Alemtejo*, feunindo-se entre si, fizeram *para atalhar a invasão do terrivel Ibn-Errik* (2). Este era o nome, segundo também escreve o nosso mesmo historiador, com que os Sarracenos designavam o filho do conde Henrique (3).

Mesmo todavia na pequena passagem da *Historia de Portugal*, que fica transcripta, temos duas cousas, que não podem ficar sem levar seu coque critico! — E' a primeira a expressão — *pelo menos os do Alemtejo* — referida como restricção ou excepção aos *chefes musulmanos, que se uniram para atalhar a invasão do terrivel Ibn-Errik*. Quem deste modo se exprime dá por mais certo e seguro que os *chefes musulmanos do Alemtejo viessem atalhar a invasão do terrivel Ibn-Errik*, do que os demais chefes, que para o mesmo fim combinadamente com elles *se reuniram*. E' porém esta excepção ou distincção historicamente justa e admissivel? De nenhuma sorte. O documento sim em que se fundam os historiadores falla com igual certeza tanto de uns, como

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 324 e 325.

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327.

(3) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 325.

de outros chefes dos musulmanos, que vieram atalhar aquella invasão. O documento a que nos referimos é a Chronica dos Godos, cujo logar os historiadores todos tem reproduzido sem mais correcção ou innovação. — A passagem que adiante, além d'isto, vai transcripta da Historia de Portugal de Henrique Scheffer (por não fallar aqui de outros (1)) assás justifica o que asseveramos.

E' a segunda a expressão — atalhar a invasão do terrivel *Ibn-Errik*. Que é isto? Temos agora o *fossado* convertido indistinctamente, e sem restricção, em *invasão*, ou acaso são synonymos? Se são synonymos; como é que para atalhar um mero *fossado* se incommoda tanta gente da parte do inimigo? Exigimos a solução do problema. — Se não são synonymos temos o historiador portuguez dando já outro nome ao Feito de Ourique, que significa cousa de uma natureza assás diversa, e por certo de um character bellico muito mais amplo e generico do que aquelle que indica o termo — *fossado*!

A' vista do que temos discutido é mais que evidente que o nome de *fossado*, por qualquer fórma que se considere, com que o historiador portuguez pretende desfigurar, e incutir desprezo pela famosa Batalha de Ourique é a corcova, o aleijão da mais assalvada monstruosidade, que se tem visto doestar a historia de Portugal. E' um pasquim, um epitaphio que por si só deve provocar de todo o mundo critico o mais pronunciado desprezo pela Obra, que o acoita e alverga em suas mauseabundas paginas!.... Que portuguez haverá illustrado e não illustrado que não seja deste tão justo e patriotico sentimento?....

Agora antes de sair de todo do amago da analyse; desejaria que o historiador, por despedida, nos indicasse em que authentico pergaminho se estribou para escrever que o *sertão da provincia* (do Alemtejo), que atravessava D. Affonso Henriques, quando ia no seu *terrivel fossado*, ou *correria* (que para elle são, allora os mais, synonymos da Batalha de Ourique) ainda até esse tempo

(1) Na Parte Quarta desta Obra os apontaremos; notamente confirmando a materia.

nunca tinha sido *declassado das armas Christãas* (1)? E bem assim quaes as *mostras que D. Affonso Henriques dava de se dirigir contra Silves?* (2). Estas circumstancias de original novidade não apparecem em historia alguma de Portugal. Precisam pois de confirmação authentica para merecerem as honras da credibilidade. Não juramos *in verba magistri!* — Não me expliquei com toda a exacção. A circumstancia que — D. Affonso Henriques *dava mostras de se dirigir contra Silves* — é e pelo menos parece, formalmente desmentida por Duarte Galvão, o qual assevera que — » ho Principe D. Affonso Anriques.... ouve (em Coimbra) conselho com » hos seus de fazer guerra nas terras de Alemtejo, especialmente na Comarca de Campo Dourique » (3). Esta restricta e positiva resolução mal se compadece com taes e tão alheias *mostras!*....

Porém qual será a razão especialissima; porque o alcunhado, ou mascarado *fossado* devia causar aos Almoravides aquelle *profundo susto?* Ouçam; que a romãçada é de se alugar palanques: » E' porque a invasão de Affonso Henriques parecia combinada, e por » ventura o era, com o commettimento de Aurelia pelo imperador » (4). Ora o que vale ou valeu jámais em historia, quer antiga, quer moderna, quer geral, quer especial, uma conjectura tão estreme e tão depurada; uma conjectura, digo, tal, e tamanha, que, para que ninguem, ainda de letras as mais gordas, a deixasse de cortejar com a costumada barretada de desprezo, sahe a publico com os dois bem conspicuos batedores — *parecia, e por ventura?* — Todo o mundo sabe que não é lançando no papel, por mais superfino que seja, fantasiados castellos, concepções de vento, que se adquire, ou se pôde aspirar á veracidade historica! Pelo contrario é com essas e taes visagens, que o historiadador se desacredita, e se torna digno, que o accussem de innegavel inepecia. Todo o historiador que avança uma

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º, pag. 324.

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º, pag. 324.

(3) Chronica de D. Affonso Henriques, cap. 12, pag. 16.

(4) Hist. de Portug. tom. 1.º, pag. 325.

conjectura é indispensavel que note, ou que possa allegar algum fundamento, embora de precaria fé, a que se encoste. — Mas que fundamento teria o historiador para formar aquelle tão espurio e abortivo ente de razão? Por ventura intrinseco? Que razão ou motivo ha, como tal, que mostre a necessidade da combinação de duas acções bellicas tão disparatadas, e acontecidas em tão distantes partes? Conceda-se porém a conjecturada combinação. Como é que com ella se pôde conciliar a idéa de *fossado*? Inteiramente se destróe. Porém que digo? Como era possível que a *invasão* (ou o quer que é que o historiador portuguez tem por synonymo de *fossado*!) de D. Affonso Henriques causasse aos Almoravides, combinadamente *com o commettimento de Aurelia*, um *susto profundo*; quando a Batalha de Ourique tivera sido dada em 25 de Julho de 1139, continuando Aurelia a resistir a D. Affonso VII até 31 de Outubro do mencionado anno, em que se rendera por capitulação? Por certo que não foi o *profundo susto* da tal romantica combinação, quem a fez render! — Será todavia o escriptor capaz de historicamente nos demonstrar que o *commettimento de Aurelia* era já para os Mouros um motivo de *profundo susto* na época da Batalha de Ourique, ou nas suas proximidades; e que elles ao contrario não concebesssem antes a lisongeira esperanza de vencer os aggressores? — Será o historiador mesmo capaz de fazer ver que a *invasão de Affonso Henriques* devia causar-lhes profundo susto, e não antes *indignação*, e *desejo profundo* de destruir o seu adversario? — Teria algum fundamento extrinseco aquella conjectura? A lembrança é tão creppa, e aressa que não se ha de encontrar um só escriptor que a tenha apoiado, por não dizer, imaginado!... Pelo contrario os nossos bons escriptores desmentem solemnemente o historiador, que tomou á sua conta encher de patranhas a historia do paiz. — Aquelle dos antigos que para exemplo citamos é nada menos que o insigne Varão portuguez.... E' sim Lucio André de Rezende, que expressamente, longe de representar a Ismario em *profundo susto* pela *invasão* de D. Affonso Henriques, não teve duvida de exarar em suas Antiquidades: » Que » elle confiado em suas forças não *mostrou recio* em vir

» fazer frente a D. Affonso, vagároso se bem que em  
» suas marchas, porém *com animo profundamente cheio*  
» *de estímulos de vingança*. His confusus, in Alfonso  
» properabat, lentis itineribus, sed *animo ad vindictam*  
» *concitatissimo* » (1). Será isto pois *susto profundo*? Ris-  
que o Historiographo innovador uma circumstancia de  
lavra meramente romanesca, que tão profundamente é  
pulverizada por authoridades como a de Rezende. — Po-  
rém que digo eu? Não é só a authoridade dos antigos  
e de polpa tal, como a que fica citada. E' tambem o  
testemunho do moderno historiador estrangeiro, o Dou-  
tor Henrique Scheffer, que em nada é suspeito (antes  
creio que para alguns digno de alto aprego) que lhe  
vem pespegar a falsidade da conjectura na bochecha!  
Eis-aqui as suas palavras, fallando da marcha dos Mou-  
ros para cortarem o passo a D. Affonso Henriques:  
» Os Sarracenos se adiantaram cheios de confiança em a  
» superioridade de suas forças, e a celebravam *entoadando*  
» *alegres e festivas canções* » (2). Diga-me o historio-  
grapho se por ventura estes tão oppostos affectos deno-  
tam nos Sarracenos sequer algum leve, não digo já *pro-  
fundo susto*? Não ha de tugar, nem mugir!.....

Vamos agora á outra idealizada razão do decanta-  
do — *profundo susto*. » Por outra parte, diz elle, mal  
» podiam, á vista do que temos narrado, os Governan-  
» dores almoravides destes districtos esperar soccorro das  
» provincias mais orientaes de Andaluz, e a marcha ra-  
» pida de Ibn-Errik (nome com que o filho do Conde  
» Henrique era designado pelos sarracenos) difficilmen-  
» te consentiria delongas para invocar alheio auxilio,  
» ainda quando houvesse probabilidade de obtel-o » (3).  
Quem deixará de ver no bem e fielmente transcripto  
trecho escripta e impressada a mais fina, e adubada  
frangipana, ou *pot-pourri* de gosto, e sainete romanti-  
co? Que *districtos* são esses pois, *cujos Governadores al-  
moravides* á vista do que narrára o nosso historiador,  
*mal poderiam esperar soccorro das provincias mais orien-*

(1) De Antiquitatibus Lusitaniae, lib. 4, pag. 267.

(2) Traducção Portug., tom. 1.º, pag. 88.

(3) Hist. de Portug. tom. 1.º, pag. 325.

*taes do Andalus*; sendo por conseguinte esta falta de esperança mais uma causal de *profundo susto* para o inimigo musulmano? Ha de novamente ficar, como vulgarmente dizem, *embutocado*, ou pelo menos *desapontado*! Eu não vejo, nem alguém jámais viu, nem ha de ver, nem colligir da historia que os Sarracenos, que se dispunham dar mate á invasão de D. Affonso Henriques, estivessem transidos, ou quer que é, de *susto profundo* por causa dos Governadores de uns districtos, que o historiador (apezar da obscuridade) não se dignou declarar, *mal poderem esperar soccorro das provincias mais orientaes do Andalus*! Bem pelo contrario, quando o historiador mesmo chegasse a demonstrar que os *taes governadores mal poderiam esperar* o mencionado soccorro (o que elle jámais poderá fazer, pois que uma asserção, romantica da gemma, nunca obteve em tempo algum as honras de qualquer commum theorema); de modo algum d'ahi seria possivel deduzir como legitima conclusão o *profundo susto* dos Sarracenos, que vieram disputar o passo a D. Affonso Henriques. Sim, não se poderia de sorte alguma deduzir o imaginado porisma do *profundo susto*; por quanto a historia, como já fizemos ver (1), assás consigna em suas paginas o arrego militar com que a mourisma se apresentou no Campo de Ourique a D. Affonso Henriques.

Porém a mira, a pontaria é outra. Ella vai dirigida a atacar com bala de recochete a Batalha de Ourique (que é a pedra de escandalo do historiador que por acinte a baratêa!) não já pelo lado do *profundo susto dos Sarracenos*; porém com muita especialidade pelo que respeita ao pequeno e mesquinho numero de combatentes, que a elle se affigura, e quer acreditem, vieram ás mãos com D. Affonso Henriques n'aquella famosa, e sempre memoravel *Acção*. — Que treta, que entrega pois se urde para armar á illusão? Vão-se atacar os recursos d'onde *taes* forças poderiam ser tiradas. Tem porém algum fundamento esta tactica? Nenhum. E' apenas mais uma caricatura romantica, que vem deturpar o character scientifico do historiador!... Diz elle que:

(1) Na pagina 60 e 61 desta Terceira Parte.



» Os governadores Almoravides destes districtos mal poderiam esperar soccorro das provincias mais orientaes » de Andaluz » (1). Em que pergaminho mais liso que um setim, ou com mais gelbas que uma serpe octogenaria, encontrou o innovador historico que os *governadores Almoravides* dos taes districtos, que ~~viam~~ disputar de mão armada com D. Affonso Henriques no Campo de Ourique, *mal poderiam esperar* d'aquellas provincias o mencionado *soccorro*? Ha de ficar, como diz o *metaphorisante* vulgo, com a cara a uma banda, logo que uma critica de olfato analytico lhe exigir o documento comprobativo da original asseveração! — Porém quanto não é para admirar, se não para estranhar, que o clamador antonomastico dos *documentos* a cada passo esteja fantasiando, e proferindo suppostos de polpa inaudita, para destruir uma verdade historica sobre maneira documentada? Causa tedio e indignação superflua um tão intoleravel procedimento!... — Agora mostraremos ao escriptor de taes e tão insubsistentes bravatas a futilidade, com que elle estatalou na sua Obra a supradita hypothese. » A' nova (ouça-se) d'esta aggressão (de » D. Affonso Henriques) Wali Ismar, reúne todas as » tropas, que elle tinha conduzido consigo da Africa e » todos os guerreiros dos territorios de Sevilha, Badajoz, Elvas, Evora, Beja, e de todas as praças fortificadas até Santarem, armada numerosa, em a qual » se encontravam mulheres sob os habitos e costumes de » homens, e sob as armaduras de guerreiros; como se » conheceu mais tarde, quando se descobriam, e encontraram muitas d'estas entre os mortos » (2). Assim falla com a torrente dos escriptores o já citado Dr. *Henrique Scheffer*, que além de estrangeiro, é de mais a mais protestante, e por isso de todo, na materia, *insuspeito*! Argumento agora. É visivel que Wali Ismar, entre outras terras d'onde tirara soccorro para atacar D. Affonso Henriques, não se esqueceu de contemplar Se-

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 325.

(2) Hist. de Portug. etc. pag. 87 e 88. — É copia da versão em portuguez (cuja correcção de linguagem não affirmamos) feita por J. L. D. de Mendonça.

vilha, capital de Andaluz, como o era antigamente. Ora todo o mundo, que tiver dois dedos de geographia, deve saber que Sevilha fica situada nas partes occidentaes da Andaluzia. Sendo isto assim; é facto historico que Ismar tirara soccorro destas partes. Pergunto agora: Por sómente constar da historia que Ismar trouxera ou levara consigo soccorro de Sevilha situada naquellas partes occidentaes, pôde acaso concluir-se a conjectura de que *mal o podia esperar das partes mais orientaes de Andalus?* Uma tal conclusão negativa, de mera possibilidade, estaria inteiramente fóra das premissas. E na verdade quem dirá que por uma cousa não constar da historia se deve concluir que ella não podera acontecer? — Por tanto se do paiz dos factos aberramos para o mundo das conjecturas, como faz o historiographo, que combatemos, tão conjecturavel é que Ismar e os mais chefes mauritanos mal podessem esperar soccorro das *provincias mais orientaes de Andalus*, como a asserção contraria. Quero por outra dizer; tão possivel é que nos soccorros de Sevilha viessem soccorros simultaneamente das duas partes, (provincias *mais orientaes*, e occidentaes); como simplesmente de uma só dellas. — A metaphysica da historia não permite o affirmar-se o contrario de uma cousa, que não consta, quando não ha documento positivo, em que se funde. Com todo o juizo D. Antonio Brandão não fizera distincção alguma dos Mouros Andaluzes, que vieram no exercito de Ismar (1). — Em summa: Se a historia não affirma que os governadores Almoravides *mal podiam esperar soccorro* das taes provincias *mais orientaes*; como se pôde sem falsidade asseveral-o? — André de Rezende, e outros com tudo numeram, entre os combatentes que vieram com Ismario a Campo d'Ourique, indistinctamente os Mouros de toda a Hespanha ulterior — *ex tota ulteriore Hispania* (2). Ora é innegavel que na Hespanha Ulterior se comprehende boa parte das provincias orientaes do territorio hespanhol, e mesmo alguma das *mais orientaes*. A authoridade de Rezende está pois dando quináo ao innovador historico !...

(1) *Monarchia Lusitana*, tom. 3.<sup>o</sup> Liv. X, cap. 1.<sup>o</sup>

(2) *Antig. Liv.* 4.<sup>o</sup> pag. 287, tom. 1.<sup>o</sup>

Porém que se me affigura?... Parece-me presentir que a razão que o historiador allega para os governadores almoravides *mal poderem esperar socorro das provincias mais orientaes* de Andaluz, é a devastação e saque que soffreram da parte de D. Affonso VII os *districtos de Jaen, Baxa, Ubada e Andujar* (1), que ficam situados nas partes mais orientates de Andaluz. Este imaginado fundamento ainda torna porém mais atrevida a conjectura. — Que principio, que baze authentica darão ao escriptor, que recorrer ao subterfugio, taes devastações para sem resalva poder consignar á posteridade em sua historia (o que ninguem aliás ainda fizera), que os mencionados governadores mal podiam, ou poderiam esperar aquelle socorro? Nenhum; ha de responder todo aquelle que com alguma lucerna critica examinar a materia!... E na verdade, como poderá o historiador documentalmente fazer ver que aquelles districtos ficassem em tal estado que *mal se podesse esperar delles algum socorro? Eris mihi magnus Apollo!*... Responderá todo e qualquer analysta! — Além d'isto por onde constou ao historiador (que tanto se empenha por definir e marasmar o numero dos combatentes da parte contraria, a fim de aviltar a Batalha de Ourique!), que, ainda quando dos referidos districtos *mais orientaes* mal podessem vir alguns socorros aos governadores almoravides, as outras terras do resto do oriente de Andaluz (pois que é visivel entrarem só na excepção favorita *as provincias mais orientaes* delle) ficassem inteiramente inibidas de os poderem dar, ou taes que houvessem de especialmente contribuir para a numerosa totalidade? Acaso desenterrou elle do sepulchro dos archivos publicos algum *pergaminho que fizesse ao seu intento?* Produza-o, se quer que o acreditemos!... E' porém debalde a diligencia e affan, que empregar para o descobrir! — Querá elle em fim que o acreditemos com pythagorica submissão tão somente por ser um *dos filhos desta epocha aos quaes a Providencia alumiou com um raio da intelligencia eterna*, conforme elle logo na Advertencia da

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 222.

Historia de Portugal tão anchamente alardêa (1)? Não presumimos que o escriptor tenha pretensões a querer ficar atordoadado com a mais geral e estrepitosa gargalhada!

Porém concedamos mesmo em toda a extensão que aquelles socorros *andaluzo-orientaes* não tiveram, empregado as fileiras dos Mouros na Batalha de Ourique; segue-se acaso que por isso o exercito dos Sarracenos deixára de ser altamente numeroso, como affirmam historiadotes antigos e modernos? Nunca. Para ter lugar a objecção era necessario que o historiographo com provas terminantes fizesse ver que unicamente com aquelle socorro é que o exercito dos Sarracenos se poderia tornar indubitavelmente numeroso, e não pelos outros socorros ou forças, que positivamente menciona a historia que ressurta lizar de varias partes. Tal tentativa é porém inteiramente irrealizavel. Fica por tanto por todas as fórmulas destruida a conjecturada negativa da lavra do historiador! — Mas ainda quando elle (amplificarei outro-sim) podesse fazer ver que as forças, que os governadores Almoravides mal poderiam esperar das provincias *mais orientaes do Andaluz*, eram as unicas que também deveriam elevar o exercito sarraceno a um grande numero; como conseguia depois o historiador captar que, não obstante se dar uma tal *caracteristica*, aquellas partes não puderam de modo algum prestar socorro para a empresa, que os chefes musulmanos projectavam? Por tanto a demonstração d'aquella tão singular conjectura, quando fosse possível, levaria o historiador a outra indeclinavel, e consecutiva questão. *Tenêris um dique!...*

Agotã vamos reduzir á merecida aniquilação a *quinta campanha de frivolidade*, por outra, frioleira, tão negra e ineptamente imaginada, para, continuando ainda a atresquinhar a força dos Mauriticos, elevar ao cubo do desprezo a Batalha de Ourique. É a negação para saber cahir no logro a credula esgueira dos que juram nas palavras do seu Oraculo: » a marcha rapida de Ibn-Erik » (nome com que o filho do Conde Henrique era desi-

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. XIII.

» gnado pelos sarracenos) que difficilmente consentiria » delongas para invocar alheio auxilio, ainda quando » houvesse probabilidades de obtel-o » (1). Que é isto? Que novidade é esta na historia? Escutem!... Temos a *marcha rapida* de D. Affonso Henriques (Ibn-Errik) como um dos motivos angariados, para (em razão da sua rapidez *difficilmente consentir delongas* a fim dos Sarracenos *invocarem auxilio alheio*) necessaria e concludentemente se inferir, por mais uma causal *à priori*, a pequenez do exercito inimigo em Campo de Ourique!... E porém esta pilula para logo, e sem custo, se engulir, ainda pela mais desmesurada e espaçosa guela, sem que venha acompanhada, e apoiada ou antes embrulhada em algum documento sem tortulho nem verruga, que a doure, e torne escorregavel? Por fórma alguma. Ha de vociferar com toda a força do polmão, todo e qualquer que seja o leitor de tempera nacional, ainda o de mais reles e desprezível turba!... Onde irá o historiador da inaudita novidade descortinar o fulcro, o esteio documental, em que encoste todo o grande pezo da sua original asserção? Ha de ficar outra vez com dôr nefritica, sem achar emplasto nem cataplasma emoliente, que lhe mitigue a refréga!... E na verdade será elle capaz de chronologica, e historicamente nos fazer o fiel e minucioso itinerario, que levou D. Affonso Henriques desde o ponto de partida, d'onde marchára, até dar o combate em Campo de Ourique? Está bem livre de apresentar este documental fenomeno no campo da historia! Pois sem apresentar authenticico documento, que reze dos dias, pelo menos, que gastára D. Affonso Henriques na sua expedição; ningnem que tenha lume no olho ha de cahir na endromina de acreditar na tal *marcha rapida de Ibn-Errik* (D. Affonso Henriques), que a romantica forja do escriptor ideára, e produzirá! — Porém não fiquemos ainda aqui. A historia em nada dá apoio á imaginada *marcha rapida*. Fallando desta marcha, eis aqui o que refere o grande cisterciense D. Fr. Antonio Brandão na Monarchia Lusitana: » Feitas as preparações necessarias partio o exercito Christão da Cidade

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 325.

» de Coimbra, aonde se ajuntaram » (1). Pela historia é pois evidente que o ponto de partida do exercito christão, commandado por D. Affonso Henriques, fôra Coimbra, aonde pois se reunira. — Em que mez, e em que dia começára a sua marcha de Coimbra o exercito Christão? Inteiramente se ignora. Ora sem este dado essencialissimo; como se poderá capitular de *rapida* a marcha de D. Affonso Henriques? De nenhuma sorte. A historia pois com o seu profundo silencio está neste, e em semelhantes casos perfeitamente condemnando toda aquella illação, que se haja de fundar em bases, que ella não subministra. Uma dellas é a illação do fantástico historiographo!...

Porém que digo eu? A historia offerece dados para; como incontroversamente mais provados, tirar a illação opposta. Na verdade, se é certo, como refere a Chronica de D. Affonso Henriques, escripta por Duarte Galvão, que o referido Monarcha se demorára *só alguns dias em Coimbra* (2), aonde se fizeram as *preparações necessarias* para a guerra, e estas *preparações* já em Maio de 1139 se faziam, como o Historiador que refutamos confessa, fundado na Doação do Cavalleiro, feita ao Mosteiro de Pendorada (3); é bem para acreditar que aquella marcha está bem longe de ser qualificada com o epitheto de *rapida*. Certamente, se é provavel que o Cavalleiro, que fez a Doação ao Mosteiro de Pendorada, com data de 18 de Maio de 1139, não se devia demorar em se ir reunir á gente que o Rei *ajuntára em Coimbra*, e este só esteve nesta cidade *alguns dias* antes de *partir*, é claro, que; mesmo abatidos esses *alguns dias*, tomados pelo mais alto calculo; ainda assim, fica assás longo espaço de tempo até 25 de Julho, em que se dera a Batalha de Ourique, para com probabi-

(1) Tom. 3.<sup>o</sup> folh. 117.

(2) » Depois que ho Principe D. Affonso Auriques tornou de ganhar Leyria e Torres novas, esteve em Coimbra alguns dias, e... » ouve conselho com hos seus de fazer guerra nas terras de Alentejo; especialmente na Comarca de Campo Dourique. E tanto que » juntou e teve sua gente prestes, partio de Coimbra. » (Cap. 12, pag. 16).

(3) Hist. de Portug. tom. 1.<sup>o</sup> pag. 324.

lidade se conjecturar uma bem vagarosa, e não *rapida marcha* (1).

Além d'isto, olhando para a marcha em si mesma, ha circumstancias historicas, que eminentemente mostram que ella não podia ser *rapida*. A historia sim nos informa que D. Affonso Henriques não poupára á devastação e ao saque d'aquellas terras dos Mouros por onde ía transitando, até chegar ao premeditado ponto do Alemtejo. Era-lhe indispensavel assim praticar, tanto para sustentar, e enriquecer o seu exercito com a pilhagem, como para enfraquecer as forças do inimigo. Esta estrategia porém mal se compadece com a *marcha rapida*, que se pretende inculcar!... Poderiamos igualmente accrescentar, como rémora, ou contrapezo contra a fantasiada *rapidez* da mesma *marcha*, a morte de Egas Moniz, acontecida, segundo alguns, a *poucas jornadas no Campo Dourique* (2), e as honras funebres (3) prestadas pelo Monarcha aos restos mortaes do seu bom Aio, que não podiam realizar-se por via de regra sem suspender por algum dia, ou dias, a marcha; salvo se se quer fazer andar o exercito de D. Affonso Henriques de *caxas destemperadas*!...

Mas para que é tanto trem argumentativo? Temos

(1) Já fizemos ver que a Doação (allegada pelo historiographo) de D. Affonso Henriques feita a Monio Guimariz, com data de Julho de 1139, não prova que o exercito portuguez marchasse para o Meio dia na entrada deste mez, conforme se afirma na Historia de Portugal. (Tomo 1.º pag. 324) — Agora diremos, a proposito, que ainda quando a doação o provasse, nunca de tal documento se poderia concluir que aquelle exercito partira de Coimbra no mencionado mez. — O documento só nos mostra que o Rei já se achava em marcha (indo para o *fossado de Ladera*) quando foi feito; sem nos indicar os dias, que já tinha de jornada, ou por ventura estado em alguma terra depois de partir á testa do seu exercito de Coimbra. A nossa opinião contra a *rapida marcha* é por tanto (sem que o documento lhe sirva de estorvo) a unica sustentavel.

(2) *Chronica d'Elrey D. Affonso Anriques*, por Duarte Galvão. cap. 12.

(3) *Coronyqua das Reis de Portugal por Christovão Rodrigues Azenheiro*. tom. 5.º dos ineditos da Academia, pag. 21. Sabemos todavia que Antonio Brandão e a torrente dos escriptores depois d'elle seguem que Egas Moniz ainda se achára na Batalha de Ourique, e vivera alguns annos depois d'ella. Fica pois a objecção por conta o risco d'aquelles dois citados Chronistas.

pelos mesmos principios do historiador, a quem a *Providencia illuminou* (são expressões delle) *com um raio da intelligencia eterna*, refutada a idéa original da *marcha rapida!* Sim, o historiador admite e segue que o *exercito portuguez marchou para o meio-dia na entrada de julho* (1). Ora sendo isto assim, segue-se que a *marcha* até Ourique devia necessariamente durar vinte e tantos dias. Distribuindo agora pois estes vinte e tantos dias por setenta e quatro leguas, pouco mais ou menos, (que é a distancia que vai de Coimbra a Campo de Ourique) fica evidentissimo que a *marcha* do exercito de D. Affonso Henriques até o indicado termo está mui longe de se poder designar com a qualificação de *rapida*.

Agora faremos ver que ainda admittida a falsa hypothese da *marcha rapida* de *Ibn-Errik*, que nós conhecemos pelo nome de D. Affonso Henriques; ainda assim, Ismario tivera tempo de sobejo para *invocar auxilio alheio* a fim de engrossar o seu exercito. E quem se atreverá a pôr em duvida esta asserção? Ninguem que tiver lido as historias; uma vez que não queira vender como se foram meras realidades o que não é mais que putrida e mefítica iguaria romantica! — As historias pois nos referem que Ismario, longe de ignorar a tentativa de D. Affonso Henriques, tivera ao contrario sido prevenido com a noticia dos preparativos da guerra que se lhe pertendia fazer, como depois o fôra com a da sua execução. Eis-aqui o que historia o cisterciense D. Fr. Antonio Brandão na Monarchia Lusitana: » Tinham » *chegado as novas da preparação desta guerra*, e depois » da *execução della* a Ismario, Rey poderoso dos Arabes, o qual cuidadoso do perigo que o ameaçava, a » juntara um numeroso exercito de Mouros Andaluizes » e Africanos, em o qual avia mais quatro Reys, e tão » grande multidão de soldados, que autores graves che- » gão seu numero a quatrocentos mil combatentes » (2). — Ora se Ismario teve *novas da preparação da guerra*, que lhe pretendia fazer D. Affonso Henriques, e por

(1) Hist. de Port. tom. 1.º pag. 324.

(2) Tom. 3.º L. X cap. 1.º fol. 117.



isso cuidadoso do perigo que o ameaçava, *ajuntára um numeroso exercito*, em cujo complexo expressamente se comprehendem *Mouros Africanos*, com que veio fazer frente ao exercito Christão; como se pôde asseverar que o chefe sarraceno; em razão da *marcha rapida* de Ibn-Errik *difficilmente consentir delongas*; não podera invocar *auxilio alheio*? Acaso os *Mouros Africanos*, pelo menos, não deveram ser tidos na classe de *auxilio alheio*? Todo o mundo ha de, e deve entender por soccorro ou *auxilio alheio* todo aquelle auxilio, que viesse de paiz diverso d'aquelle em que se pratica a guerra. E' neste sentido que o historiador, que allude especialmente á não possibilidade dos Almoravides obterem soccorro da Africa, toma a palavra *alheio*, como evidentemente se collige do conteúdo da sua Obra; (1) nem elle se atreverá a negal-o. Temos por tanto o historiador positivamente desmentido!.... Certamente; se elle imagina a *marcha rapida* de D. Affonso Henriques como causal de Ismario não poder *invocar auxilio alheio*, e de facto a historia faz menção deste auxilio (como já vimos, e continuaremos a ver), é claro que aquella supposta *marcha rapida* o não embarçou de o *invocar*; como inculca o escriptor, que refutamos.

Porém a causal da supposta *marcha rapida* ainda se destroe por outro fundamento deduzido da mesma historia. E' certo, segundo esta, que *Ismario tivera novas da preparação* da guerra, que lhe movia D. Affonso Henriques (2). E' certo tambem que esta preparação, ou *preparativos desta expedição*, segundo mesmo o novel historiador, *já se faziam em maio de 1139* (3). Conhecendo pois Ismario os *preparativos*, que se faziam contra elle, e achando-se começados estes já em maio de 1139; por ventura não teria elle tempo de sobejo para *invocar auxilio alheio* até 25 de Julho, em que se dera o combate em Campo de Ourique; embora tambem a *marcha de Ibn-Errik fosse rapida*? — Segundo o Documento já

(1) Hist. de Port. tom. 1.º pag. 325.

(2) Monarch Lusit. tom. 3.º l. X, cap. 1.º.

(3) Hist. de Port. tom. 1.º pag. 324.

citado (1) de uma Doação feita por um Cavalleiro ao Mosteiro de Pendorada consta que nquelles *preparativos* do principe Christão contra os Sarracenos já se faziam em 18 do referido mez. Ora não sendo impossivel, antes provavel que já por esse tempo o soubesse Ismario; teve este por consequente mais de dois mezes para preparar-se. — E não teria elle tempo bastante para *invocar auxilio alheio*, mandando-o vir mesmo da Africa? Ninguém o ha de contradizer. — Note-se que no armisticio, que os Sarracenos cercados em Aurelia (anno de 1139) propperam a D. Affonso VII, pediram tamsómente o espaço de um mez *para enviarem mensageiros* até mesmo á Africa e outras partes, a fim de d'ahi conduzirem soccorros; sujeitando-se a renderem-se dentro do mesmo periodo, se não fossem soccorridos, como na realidade não foram. O proprio historiador portuguez faz menção do facto em sua Obra; não o póde pois negar (2). Sendo isto assim como é que se póde negar a Ismario tempo mais que sufficiente para conduzir soccorro *alheio* até da Africa (não obstante a *marcha rapida de Ibn-Errik*, que em these se concede), quando aquelles seus correligionarios se contentaram, para igual effeito, unicamente com um mez? O argumento expendido é d'aquelles que nas Escolas se chamam *à fortiori*. A *marcha rapida* por tanto de D. Affonso Henriques, quando ella fosse uma realidade, considerada como impedimento dirimente para estorvar que os Sarracenos conseguissem arranjar *auxilio alheio*, é de uma nullidade em historia altamente insanavel!...

Com effeito a historia nada disse de uma tal *marcha rapida*, e muito menos que ella servisse de estorvo para *invocar auxilio alheio*; pelo contrario representa a Ismario prevenido e disposto a atacar o seu adversario, caso o podesse encontrar em algum lugar desaperebido e incauto. » Ille namque Rex Sarracenorum cognita » virtute et audacia Regis Domni Alfonsi et videns eum » frequenter intrare in terram Sarracenorum et depræ- » dari, nimiumque obterere eam regionem, voluit si

(1) V. Dissert. Chronol. Tom. 3.º Parte 1.ª pag. 116 etc.

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 322.

» facere possit ut eum incautum et imparatum alicubi  
» inveniret, ut cum eo gereret bellum » (1). É a *Chronica dos Godos*, a qual com mais razão chamam *Chronica Lusitana*, que assim se exprime. — É de advertir ainda que na hypothese da *marcha rapida* é forçoso concluir que D. Affonso Henriques pretenderia com ella surprehender a Ismario. A historia porém bem ao contrario nada absolutamente fallando d'aquella imaginaria *marcha rapida*, tamómente reveste a Ismario com o caracter de *surprehendedor*. Por tanto a tal decantada *marcha rapida*, como elemento ou embeleco indisputavelmente heterogeneo, e intruso, deve para sempre ir calcurriando, e sem demora, das avenidas da Historia de Portugal, aonde falsa e ignorantemente a encaixaram!...

Passaremos agora em continente a discutir, como em logar proprio: Se os Sarracenos invocaram e tiveram, ou não, *auxilio alheio*, quando se bateram em Campo de Ourique? — O author da Historia de Portugal insistindo em sua tenaz e systematica negativa conclue: » Assim era necessario que (os Almoravides que vieram bater-se em Campo de Ourique) » em si proprios buscassem recursos para cortarem o passo aos christãos, » servindo-se unicamente das forças que, partindo para » a Africa, lhes deixára Tachfin » (2). É porém verdade que os Sarracenos buscassem *recursos em si proprios para cortarem o passo aos christãos, servindo-se unicamente das forças que lhes deixára Tachfin quando partiu para a Africa*? É falsissimo. Vamos a evidenciar-o contra a insultante e acintosa pequice do author da Historia de Portugal, que por todas as vias e fórmulas procura diminuir o numero dos combatentes no exercito dos Sarracenos para deprimir a grandeza da Batalha de Ourique. É a Historia, qual sim sempre foi olhada pelos intelligentes della, que mui solememente falla, e se pronuncia contra toda essa fantasmagoria romantica, que tem a impudencia e arrojo de vir desmentir a veracidade demonstrada dos factos, arvorando-se com farfan-

(1) Acha se no 1.º Appendice da 3.ª Parte da *Monarchia Lusitana*.

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 326.

te orgulho, em unica e exclusiva entidade historica. — E' o eruditissimo *André de Rezende*, que vem á frente zurzir o falsificador, o transtornador historico. » Inquietado, diz elle, Ismario, Rei de grande parte da Africa, e da Andaluzia, com tal noticia (das bravuras de D. Affonso Henriques), convocados outros quatro Reis, reunio um tão grande numero de tropas tanto da Africa, como de toda a Hespanha ulterior, que o seu exercito passava de quatrocentos mil homens. » Qua re commotus Ismarus, magnæ partis Africæ, Beticæque Rex, convocatis quatuor aliis Regibus, tam ex Africa, quam ex tota ulteriore Hispania, tantas congregavit copias, ut millia quadringenta exercitus superaret » (1). — Siga-se agora o grande Oratorio no Pereira de Figueiredo, que, de saber é, em seus Elogios dos Reis de Portugal, vezes houve em que se exprimiu pelas mesmissimas palavras do latinissimo *Rezende*. Diz elle : » Anno igitur MCXXXIX Ismarus potentissimus Sarracenorum Rex, immenso ex Africa et ulteriori Hispania collecto exercitu, adjunctisque sibi quatuor aliis Regibus in Alphonsum properabat » sperans circumelusum tanta multitudine facile opprimi pone. » Em linguagem : » No anno pois de 1139 Ismar potentissimo Rei da Mourama, tendo-se confederado com outros quatro da mesma Seita, ajuntou um exercito immenso recrutado parte das Provincias d'Africa, parte da Hespanha ulterior : e com elle marchava contra o Principe D. Affonso, na esperanza de que cercado elle por todas as partes de uma tamanha multidão, facilmente seria opprimido, e desfeito. » (2) A estes testemunhos accrescente-se aquillo que em nossos dias, reproduzindo o que refere a Chronica dos Godos, escrevera o Doutor *Henrique Scheffer* na Historia de Portugal : » A' nova d'esta aggressão Wali Ismar, reúne todas as tropas, que elle tinha conduzido consigo da Africa, e todos os guerreiros dos territorios de Sevilha, Badajoz, Elvas, Evora, Beja e de

(1) Liv. 4. pag. 267, tom. 1.

(2) Elog. pag. 14 e 15.

» todas as praças fortificadas até Santarem etc. » (1). Ora se pelos passos, ou como hoje dizem, trechos, que ficam fielmente copiados e conferidos com os originaes respectivos, forçosamente se patentêa que o exercito de Ismario não só se compunha de tropas de Mouros existentes em Hespanha, mas tambem em Africa, que elle recrutara, reunira, e consigo d'ali trouzera; como se poderá com verdade asseverar que os Sarracenos para cortar o passo aos Christãos, em Campo de Ourique, unicamente se serviram das forças, que, partindo para a Africa, lhes deixára Tachfin? Por ventura não é visível e mais que visível, segundo o factó luminoso da historia, que o chefe dos Sarracenos apresentára em combate contra D. Affonso Henriques mais forças que aquellas, que lhe deixára Tachfin; quando parísra para a Africa? Quem o poderá duvidar, por mais tenaz e cabe-gudo que seja, ou affecte ser contra a luz irresistível da verdade?... Por certo que as forças, que Ismario recrutára, reunira, e trouzera consigo das provincias da Africa, não poderão de modo algum entrar em o numero d'aquellas que Tachfin lhe deixára na Peninsula, quando della se retirara. Temos por tanto que os Sarracenos se serviram na mencionada Batalha de soccorro alheio ou de fóra das terras da Hespanha; o que o decantado Historiographo com areha e cathégorica ignorancia, pelo menos, viera negar. — Esta asserção historica, que sustentámos contra tão falso e disparatado absurdo, é a mesma que se acha pronunciada pela boca do mais antigo Chronista de D. Affonso Henriques nestes termos: » Pelo qual ouve Elrey Ismar muita (gente) em sua » ajuda de Mouros d'aquem, e d'alem mar e outras » gentes barbaras » (2). Por sem duvida que pessoa alguma ha de admittir em as abobadas de seu bestunto, por mais baixas e achatadas que ellas sim se imaginem, que os *Mouros d'alem mar*, que ouve Elrey Ismar em sua ajuda, prescindindo já das *outras gentes barbaras*, se possam ou devam incluir no rol d'aquelles

(1) Pag. 87 e 88.

(2) Duarte Galvão etc. Cap. 13. pag. 17.

combatentes que Tachfin deixára ficar, quando se retirou, na Peninsula!...

Porém a historia, se ainda mais se analyza, mais ainda mostra em ponto mais elevado e eminente a cupula, o corucho da ignorancia do estropiador *tremendo*... Como assim? Escutem; que o caso merece bem um — *favete linguis!* Sim; a historia nos ensina que *Tachfin* já depois de se retirar da Hespanha, enviára de Marrocos, para soccorrer Oreja (Aurelia), aos Sarracenos, sem fallar no tão provido comboy de todo o genero de viveres, um grande exercito de Moabitas e Arabes. E' a Chronica de D. Affonso VII, que o refere por estas expressões: » Et venit illis in auxilium alius exercitus » magnus Moabitarum, et Arabum, quos misit eis Rex » Texufinus de Marrocos » (1). — Isto mesmo quasi repete a Historia Universal por uma Sociedade de Literatos: » Ceux-ci (les Alcaydes de Cordoue et de Seville) donberent aussitôt avis au Roi Taxefin de ce » qui se passoit: il envoya promptement un grand convoi de vivres, et un bon corps de troupes de renfort.» (2). Deste facto incontestavel evidentemente se deduzem dois corolarios, que completamente contrastam a falsidade do historiographo antagonista. 1.º Que os Sarracenos da Peninsula com aquella poderosa ajuda, recebida tempo antes do combate de Ourique (3), ficaram muito mais fortes e valentes para se baterem no campo do que estavam, quando Tachfin partira de Hespanha. 2.º Que não é de maneira alguma acreditavel que os Sarracenos, tendo á sua disposição um soccorro tão consideravel, viessem, prescindindo delle, *cortar o passo aos Christãos, servindo-se unicamente das forças que lhe deixára Tachfin, quando partira para a Africa.*

Ouçã-se agora a Ferreras na Historia de Hespanha

(1) Vej. España Sagrada, tom. 21, pag. 376, § 68.

(2) Tom. 26, Hist. d'Espagne etc. pag. 231.

(3) O cerco de Oreja (Aurelia) teve começo no mez de Abril de 1139; sendo bem para acreditar que o soccorro, que Tachfin lhe enviara de Marrocos, se realizára não muito depois; e por consequente com manifesta anticipação á Batalha de Ourique. O conteudo da Chronica de D. Affonso VII assás encaminha a este pensar. (Chronica de D. Affonso VII § 67 e 68).

em confirmação de tudo o que asseverámos: » El Príncipe de Portugal Don Alonso Enriquez, deseando por su parte contribuir con sus armas à la expulsion de los Mahometanos, y dilatacion de la Fè, juntò su gente para hacer una entrada en las tierras comarcas de ellos. Con esta noticia los Alcaldes de Badajoz, Elvas, Evora, Beja, y otras partes, juntaron toda su gente, haciendo tomar las armas à todos. Juntaronse con Ysmar ( que creemos havia venido de Marruecos con la gente que havia embiado el Rey Texefin, para el socorro de Oreja ), para hacer frente à el Principe Don Alonso, que se havia entrado muy dentro de el Alentejo, talando, y saqueando todo el pais » (1). — Ouça-se tambem o que escreveram os Authores da Historia Universal, traduzida do inglez para a lingua franceza por uma Sociedade de Litteratos: » Les progrès des Chretiens en Portugal étant parvenus aux oreilles d'Abn Ali Texefin, Roi de Maroc, il chargea Ismar, ou Ismael, son Lieutenant en Espagne, d'assembler toutes les forces des Provinces meridionales, et de contraindre les Chretiens de repasser le Douro. Ismar ordonna aux Alcaydes de Badajoz, d'Elvas, d'Evora, et de Beja d'assembler les Troupes de leurs gouvernemens, et les ayant réunies aux Troupes venues d'Afrique, il forma une très nombreuse Armée » (2).

A' vista destas e outras autoridades, que aqui poderíamos trasladar, é por ventura toleravel, que em nossos dias appareça um historiador, que, com o fim de todas as maneiras menospreciar a grandiosa Batalha de Ourique, despeitosa, e mui ousadamente escrevesse que os Sarracenos para cortar o passo aos Christãos se serviram unicamente das forças, que lhes deixára Tachfin, quando partira para a Africa? Se não se achasse escripto tão alentado destempero em mui legiveis caracteres typographicos para eterna affronta de seu Author; todo o mundo julgaria ser um archi-extravagante sonho! —

(1) Tom. 5.º pag. 307, n. 8.

(2) Tom. 29. Hist. de Portug. pag. 321.

Extermine-se pois dos dominios augustos da historia, de-  
baixo da mais estrepitosa esustentada calcanhada, e até  
mesmo, se quizerem, com tropejantes arpejos de apupo,  
ião tremenda e alcantilada balcorriada!.... Corra-se po-  
rém já aqui o panno, e dê-se por findo o acto, para pas-  
sarmos á Quarta Parte da nossa já delineada Obra.

**FIM DA TERCEIRA PARTE.**







**A BATALHA DE OURIQUE**  
**E**  
**A HISTORIA DE PORTUGAL**  
**DE**  
**A. HERCULANO.**

**CONTRAPOSIÇÃO CRITICO-HISTORICA.**

(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES)

AUTHOR

**FRANCISCO REGIJO.**

---

**QUARTA PARTE.**

---

*Veritas odium parit.*  
**TER.**

---

---

**LISBOA.**  
NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.  
Rua dos Capellistas n.º 62.

**1855.**

DP

570

A32

V.4

## PRELUDIO.

**A**ssás temos já levado a effeito uma longa rota, ou derrota analytica. — Assás temos deixado exposto ao soalho da evidencia com todos os andrajos, que a embonnicavam, essa récua audaz de absurdos e inepcias de alto e esgalgado cóllo, com que o cathegorico Author da Historia de Portugal, emboldriou os Fastos gloriosos do seu paiz, levado da mira e risivel intento de dar mortal zaque ao primeiro feito monumental da nação portugueza. — Não tem sido pequena a laboriosa, e impertinente tarefa. A materia está porém bem longe de se dar por esgotada. Temos, é verdade, destruido, e conculcado aos pés, no estadio da argumentação, já não poucos espinhos, que a enfatuada e orgulhosa innovação tivera transplantado do horrido matagal da ignorancia, e illusão para suffocar e reduzir ao ultimo definhamento uma das mais lindas e viçosas fiores, que a erudição e a critica de todos os tempos, tem com todo o mimo, e primor agricultado no campo historico deste paiz. Ha ainda todavia cardos e abrolhos de tópe e grenha irriga-

te orgulho, em unica e exclusiva entidade historica. — E' o eruditissimo *André de Rezende*, que vem á frente zuzit o falsificador, o transtornador historico. » Inquietado, diz elle, Ismario, Rei de grande parte da Africa, e da Andaluzia, com tal noticia (das bravuras de D. Affonso Henriques); convocados outros quatro Reis, reunio um tão grande numero de tropas tanto da Africa, como de toda a Hespanha ulterior, que o seu exercito passava de quatrocentos mil homens. » Qua re commotus Ismarus, magnæ partis Africæ, Beticæque Rex, convocatis quatuor aliis Regibus, tam ex Africa, quam ex tota ulteriore Hispania, tantas congregavit copias, ut millia quadringenta exercitus superaret » (1). — Siga-se agora o grande Oratoriano Pereira de Figueiredo, que, de saber é, em seus Elogios dos Reis de Portugal, vezes houve em que se exprimiu pelas mesmíssimas palavras do latinissimo *Rezende*. Diz elle : » Anno igitur MCXXXIX Ismarus potentissimus Sarracenorum Rex, immenso ex Africa et ulteriori Hispania collecto exercitu, adjunctisque sibi quatuor aliis Regibus in Alphonsum properabat sperans circumelusum tanta multitudine facile opprimi posse. » Em linguagem : » No anno pois de 1139 Ismar potentissimo Rei da Mourama, tendo-se confederado com outros quatro da mesma Seita, ajuntou um exercito immenso recrutado parte das Provincias d'Africa, parte da Hespanha ulterior: e com elle marchava contra o Principe D. Affonso, na esperança de que cercado elle por todas as partes de uma tamanha multidão, facilmente seria opprimido, e desfeito. » (2) A estes testemunhos acrescenta-se aquillo que em nossos dias, reproduzindo o que refere a Chronica dos Godos, escreveu o Doutor *Henrique Scheffer* na Historia de Portugal : » A' nota d'esta aggressão Wali Ismar, reúne todas as tropas, que elle tinha conduzido com sigilo da Africa, e todos os guerreiros dos territorios de Sevilha, Badajoz, Elvas, Evora, Beja e de

(1) Liv. 4. pag. 267, tom. 1.

(2) Elog. pag. 14 e 15.

» todas as praças fortificadas até Santarem etc. » (1). Ora se pelos passos, ou como hoje dizem, trechos, que ficam fielmente copiados e conferidos com os originaes respectivos, forçosamente se patentêa que o exercito de Ismario não só se compunha de tropas de Mouros existentes em Hespanha, mas tambem em Africa, que elle recrutara, reunira, e consigo d'ali trouzera; como se poderá com verdade asseverar que os Sarracenos para cortar o passo aos Christãos, em Campo de Ourique, unicamente se serviram das forças, que, partindo para a Africa, lhes deixára Tachfin? Por ventura não é visível e mais que visível, segundo o factó luminoso da historia, que o chefe dos Sarracenos apresentára em combate contra D. Affonso Henriques mais forças que aquellas, que lhe deixára Tachfin; quando partira para a Africa? Quem o poderá duvidar, por mais tenaz e cabegado que seja, ou affecte ser contra a luz irresistivel da verdade?... Por certo que as forças, que Ismario recrutara, reunira, e trouzera consigo das provincias da Africa, não poderão de modo algum entrar em o numero d'aquellas que Tachfin lhe deixára na Peninsula, quando della se retirara. Temos por tanto que os Sarracenos se serviram na mencionada Batalha de socorro albeio ou de fóra das terras da Hespanha; o que o decantado Historiographo com athena e cathégorica ignorancia, pelo menos, viera negar. — Esta asserção historica, que sustentámos contra tão falso e disparatado absurdo, é a mesma que se acha pronunciada pela boca do mais antigo Chronista de D. Affonso Henriques nestes termos: » Pelo qual ouve Elrey Ismar muita (gente) em sua » ajuda de Mouros d'aquem, e d'alem mar e outras » gentes barbaras » (2). Por sem duvida que pessoa alguma ha de admittir em as abobadas de seu bestunto, por mais baixas e achatadas que ellas sim se imaginem, que os *Mouros d'alem mar*, que ouve Elrey Ismar em sua ajuda, prescindindo já das outras gentes barbaras, se possam ou devam incluir no rol d'aquelles

(1) Pag. 87 e 88.

(2) Duarte Galvão etc. Cap. 13. pag. 17.

combatentes que Tachfin deixára ficar, quando se retirou, na Península!...

Porém a historia, se ainda mais se analyza, mais ainda mostra em ponto mais elevado e eminente a cupula, o corucheo da ignorancia do estropiador *tremendo*... Como assim? Escutem; que o caso merece bem um — *favete linguis!* Sim; a historia nos ensina que Tachfin já depois de se retirar da Hespanha, enviára de Marrocos, para soccorrer Oreja (Aurelia), aos Sarracenos, sem fallar no tão provido comboy de todo o genero de viveres, um grande exercito de Moabitas e Arabes. E' a Chronica de D. Affonso VII, que o refere por estas expressões: » Et venit illis in auxilium alius exercitus » magnus Moabitarum, et Arabum, quos misit eis Rex » Texufinus de Marrocos » (1). — Isto mesmo quasi repete a Historia Universal por uma Sociedade de Literatos: » Ceux-ci (les Alcaydes de Cordoue et de Seville) donherent aussitôt avis au Roi Taxefin de ce » qui se passoit: il envoya promptement un grand convoi de vivres, et un bon corps de troupes de renfort.» (2). Deste facto incontestavel evidentemente se deduzem dois corolarios, que completamente contrastam a falsidade do historiographo antagonista. 1.<sup>o</sup> Que os Sarracenos da Península com aquella poderosa ajuda, recebida tempo antes do combate de Ourique (3), ficaram muito mais fortes e valentes para se baterem no campo do que estavam, quando Tachfin partira de Hespanha. 2.<sup>o</sup> Que não é de maneira alguma acreditavel que os Sarracenos, tendo á sua disposição um soccorro tão consideravel, viessem, prescindindo d'elle, cortar o passo aos Christãos, servindo-se unicamente das forças que lhe deixára Tachfin, quando partira para a Africa.

Ouçã-se agora a Ferreras na Historia de Hespanha

(1) Vej. España Sagrada, tom. 21, pag. 376, § 68.

(2) Tom. 28, Hist. d'Espagne etc. pag. 231.

(3) O cerco de Oreja (Aurelia) teve começo no mez de Abril de 1139; sendo bem para acreditar que o soccorro, que Tachfin lhe enviara de Marrocos, se realizára não muito depois; e por consequente com manifesta anticipação á Batalha de Ourique. O conteudo da Chronica de D. Affonso VII assás encaminha a este pensar. (Chronica de D. Affonso VII § 67 e. 64k).



em confirmação de tudo o que asseverámos: » El Príncipe de Portugal Don Alonso Enriquez, deseando por su parte contribuir con sus armas à la expulsion de los Mahometanos, y dilatacion de la Fè, juntò su gente para hacer una entrada en las tierras comarcanas de ellos. Con esta noticia los Alcaldes de Badajoz, Elvas, Evora, Beja, y otras partes, juntaron toda su gente, haciendo tomar las armas à todos. Juntaronse con Ysmar ( que cremos havia venido de Marruecos con la gente que havia embiado el Rey Texefin, para el socorro de Oreja ), para hacer frente à el Principe Don Alonso, que se havia entrado muy dentro de el Alentejo, talando, y saqueando todo el pais » (1). — Ouça-se tambem o que escreveram os Authores da Historia Universal, traduzida do inglez para a lingua franceza por uma Sociedade de Litteratos: » Les progrès des Chretiens en Portugal étant parvenus aux oreilles d'Abn Ali Texefin, Roi de Maroc, il chargea Ismar, ou Ismael, son Lieutenant en Espagne, d'assembler toutes les forces des Provinces meridionales, et de contraindre les Chretiens de repasser le Douro. Ismar ordonna aux Alcaydes de Badajoz, d'Elvas, d'Evora, et de Beja d'assembler les Troupes de leurs gouvernemens, et les ayant réunies aux Troupes venues d'Afrique, il forma une très nombreuse Armée » (2).

A' vista destas e outras autoridades, que aqui poderíamos trasladar, é por ventura toleravel, que em nossos dias appareça um historiador, que, com o fim de todas as maneiras menospreciar a grandiosa Batalha de Ourique, despeitosa, e mui ousadamente escrevesse que os Sarracenos para cortar o passo aos Christãos se serviram unicamente das forças, que lhes deixára Tachfin, quando partira para a Africa? Se não se achasse escripto tão alentado destempero em mui legiveis caracteres typographicos para eterna affronta de seu Author; todo o mundo julgaria ser um archi-extravagante sonho! —

(1) Tom. 5.<sup>o</sup> pag. 307, n. 8.

(2) Tom. 29. Hist. de Portug. pag. 321.

Extermine-se pois dos dominios augustos da historia, de-  
baixo da mais estrepitosa esustentada calcanhada, e até  
mesmo, se quizerem, com trovejantes arpejos de apupo,  
tão tremenda e alcantilada balcorriada!... Corra-se po-  
rém já aqui o panno, e dê-se por findo o acto, para pas-  
sarmos á Quarta Parte da nossa já delineada Obra.

**FIM DA TERCEIRA PARTE.**





**A BATALHA DE OURIQUE**  
**E**  
**A HISTORIA DE PORTUGAL**  
**DE**  
**A. HERCULANO.**

**CONTRAPOSIÇÃO CRITICO-HISTORICA.**

(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES)

**AUTHOR**

**FRANCISCO ESTRELA.**

---

**QUARTA PARTE.**

---

*Vendas allemo 3012.*  
*Tua.*

---

---

**LISBOA.**  
**NA TYPOGRAPHIA DE G. M. RODRIGUES.**  
*Rua dos Copalidos n.º 46.*

**1855.**



**A BATALHA DE OURIQUE**  
**E**  
**A HISTORIA DE PORTUGAL**  
**DE**  
**A. HERCULANO.**

**CONTRAPOSIÇÃO CRITICO-HISTORICA.**

(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES).

**AUTHOR**

**FRANCISCO REGREDO.**

---

**QUARTA PARTE.**

---

*Veritas odium parit.*  
**TER.**

---

---

**LISBOA.**

**NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.**

Rua dos Capellistas n.º 62.

**1855.**

DP

570

A32

V. 4



## PRELUDIO.

**A**ssás temos já levado a effeito uma longa rota, ou derrota analytica. — Assás temos deixado exposto ao soalho da evidencia com todos os andrajos, que a embo-nicavam, essa récuca audaz de absurdos e ineptias de alto e esgalgado cóllo, com que o cathgorico Author da Historia de Portugal, emboldriou os Fastos gloriosos do seu paiz, levado da mira e risivel intento de dar mortal xaque ao primeiro feito monumental da nação portugueza. — Não tem sido pequena a laboriosa, e impertinente tarefa. A materia está porém bem longe de se dar por esgotada. Temos, é verdade, destruido, e conculcado aos pés, no estadio da argumentação, já não poucos espinhos, que a enfatuada e orgulhosa innovação tivera transplantado do horrido matagal da ignorancia, e illusão para suffocar e reduzir ao ultimo definhamento uma das mais lindas e viçosas fiores, que a erudição e a critica de todos os tempos, tem com todo o mimo, e primor agricultado no campo historico deste paiz. Ha ainda todavia cardos e abrolhos de tópe e grenha irriga-

da, e pungente, que é mister roçar com fouee de fio, e córte decepante, que os reduza a estilhas; inutilize, e destrua inteiramente todo o seu apparente vigor. Fallo metaphoricamente, como todos entendem, para indicar o gráo de nullidade, e desprezo, a que a ineptia debaixo do pezo da prensa hydraulica de uma inflexivel dialectica, deve ficar reduzida. De tantas bardanas e azevinhos heterogeneos e de pinta medonha (erros intoleraveis e horripilantes em historia!) abunda e sobrepuja a famosa Historia de Portugal; que della bem se póde dizer com toda a accommodaticia applicação o dito do Mantuano: *Uno avulso non deficit alter!*....

Porém que admira que profira solemnes e tremendos desconchavos em historia, quem ainda ha pouco (alludimos ao tempo em que escreviamos) em um artigo biographico, com material ignorancia e fartum heterodoxo, romantizára que certa notabilidade politica fóra *um verbo, uma idéa feita carne.* » *Mousinho fut un verbe, une idée faite chair!* » (1) Isto ainda é mais do que representar, na continuação do mesmo artigo, o Avô da actual Imperante, (2) D. João VI, debaixo da humilhante e aviltadora caricatura de um gastronomo cynico, jarreta, e banazóla, que ferrava no bandulho, sem garfo, nem faca, e só com o talher natural das unhas, e dentes, as gordas gallinhas, que os seus compadres, os laponios dos arrabaldes da cidade lhe vendiam por alto prego (3). Esta satyra é tanto mais intoleravel e odiosa, quanto lançada no papel por um individuo, que deve o seu domicilio, posição e subsistencia á Real munificencia!...

Porém não percamos de vista aquellas horrendamente memoraudas expressões: *Mousinho foi um verbo, uma idéa feita carne!*... Se ellas em si não são uma fa-

(1) Vej. — O Progresso Industrial N.º 1. Sabbado 11 de Dezembro de 1852. — *Varietés — Portraits et Caracteres — Mousinho de Silveira.*

(2) Ainda era viva a Senhora D. Maria II quando isto escreviamos.

(3) Vej. — O Progresso Industrial N.º 4 — *Portraits et Caracteres* etc. Aqui tambem se dá o nome de *fórmula sacramental* ao tratamento de *Senhor* dado em signal de respeito aos Reis já fallecidos. Que atrevida achincalhão, ou antes profanação!.....

tuidade a mais desmarcada, uma ineptia nascida da mais transtornada, e extravagante fantasia; que outra cousa podem significar, senão um insulto o mais fulminante contra a crença dogmatica da theologia orthodoxa? Quem jámais disse, ou se lembrára de dizer que um ente da racional especie, formado da corrompida massa de Adão, *fôra um verbo*; que não merecesse para logo levar em resposta de toda a fé catholica o mais universal, compacto, e unanime — *anathema sit? Verbo*, quando por esta palavra se designa uma pessoa, é só por excellencia o Filho de Deos, Deos Elle mesmo, da mesma substancia que o Eterno Pai. Este é o dogma sacrosanto, que a Religião, que professamos nos ensina: nem permite que aquelle nome seja dado a algum outro ser. — A' vista d'isto como se pôde pois pronunciar; como se pôde escrever sem heterodoxia manifesta, que *Mousinho* ou qualquer outro homem, ainda reconhecido por um genio do maior alcance, *fôra um verbo*? Acaso o homem, filho do peccado, pôde ser filho de Deos, Deos elle mesmo? Nunca; conclama e conclamará sempre toda a Christã orthodoxia contra o mais absono, e nefando disparate!... O Filho de Deos é um só e por essencia impeccavel. E' Deos, e não podem haver mais Deoses. — Se o *Verbo* por tanto é Deos; só a Elle é que compete tal denominação, e não aos homens, que não podem ter natureza nem consubstancialidade divina, como o Filho de Deos. A expressão pois do Artiguista trescala, com horror dos verdadeiros fieis, ao mais revoltante e blasphemo Arianismo. Este porém foi condemnado, e anathematizado solemnemente no Concilio Ecomenico de Nicéa, convocado em o quarto seculo.

*Uma idéa feita carne!*... Quem jámais, não direi no universo da sciencia, porém sim da mais rematada e ultra-delirante estulticia, proferiu uma tão extravagante asserção?... Que quererá significar este inqualificavel absurdo, este requinte do destempero? Por ventura poderá dizer-se de qualquer homem que é *uma idéa feita carne*, ou *incarnada*? Este enigma, esta adivinhação extravagante, pela obscuridade da mais tenebrosa noite que encerra, é pelo menos um pasquim, um lu-

dibrio, feito por acinte á razão humana, que, por mais que parafeze e tregeiteie, ha de ficar no mais perfeito e natural jejum! Todo o mundo sabe que *Mousinho da Silveira* era e devia ser um animal, como todos os da sua especie, dotado com mais ou menos dóze de racionalidade; emittir porém e perpetuar no papel que o tal animal racional fôra *uma idéa feita carne*, é deixar por uma eternidade todo o beijinho, o elixir das mais agudas, e transcendentés intellectualidades em interminavel tortura; sem saber, nem poder atinar com o que seja, ou possa ser aquella ôca, e anomala palavragem, pulha conspicua de sons vãos de sentido; verdadeira nigromancia, e bugiaria indecifrável!... Na verdade quem será o Edipo que tenha a habilidade de explicar o que seja *uma idéa feita carne*? Nada é, nem outra cousa pôde ser, dirá elle, senão uma chapadissima parvoíce!

Se porém a expressão — *uma idéa feita carne* — é a explicação (que é o que parece) do que seja *Verbo*, vocabulo (que na significação de *Pessoa* é só applicavel ao Unigenito do Altissimo) temos outra vez o Arianismo em scena! O *Verbo* não é uma idéa, que existisse na mente do Eterno para um dia se fazer carne, ou tomar a fórma humana, passando do nada para o mundo das creaturas. E' uma realidade existente de per si desde toda a eternidade, como *Pessoa divina* que é da mesma substancia e essencia, que as outras duas *Pessoas*, as quaes todas indivisivelmente constituem o *Mysterio de um Deos Uno e Trino*. O *Verbo* é tanto *Deos* antes, como depois de se *fazer carne*. Ora *Deos* não é uma idéa, pois seria um accidente, é essencialissimamente uma substancia que incarnou ou se fez carne. — E' igual a identidade de substancia em todas e em cada uma das *Divinas Pessoas*. E' indivisivel, e inalienavel. Anathema pois á heresia do Platonismo Ariano, e depois á *Protestantada Sociniana* (1)! — Basta já de catequese, que, se pela sua importancia não merecesse desculpa,

(1) V. Schram, *Compendium Theologiae*, tom. 1. pag. 255. Schol. 3.

talvez algum critico de nariz revoltado nos repetiria o ditto de Horacio: — *Non erat his locus!* Como quer que seja vamos já a entrar na trilha d'onde incidentemente nos tinhamos desviado. — Vamos sim a continuar a serie e simultanea confutação dos desconchavos, e desvarios, por não lhe chamar heresias historicas.

**S**e dissermos e sustentarmos que a tal e tão hyperbolicamente inculcada *Historia de Portugal*, a qual pelos paradoxos, absurdos, e sesquipedaes destampatorios, que nella se acoitam, e como laparos na loisa se alapardam para ver se podem escapar ao faro persentido do analysta, que com elles arrosta e barafusta; se dissermos, repito, que a tal e quejanda *Historia de Portugal* é a *preciosa ridicula* gralha do Apologo de Fedro, que enfatuada e suberba, para impôr o que não era, nem podia ser, se arrebicou com as postigas pennas do pavão; estamos persuadidos que não haverá Magriço algum litterario, que queira vir ao campo da polemica enristar lanças para defender como producção campanuda o que nos olhos de uma critica inflexivel e justa não é outra cousa mais que uma congestão de disparates!...

Porém se por um caso raro e excepcional apparecer algum *enthusiasta*, que intente tomar sobre si o despique ou desforço em favor do réo de leza-historia; saiba que, além do que já fica allegado e provado, temos ainda materia nova e de grave pezo, que offerecer em contraposição no tribunal supremo da judiciosa e critica imparcialidade! Vamos a ella.

O Author da *Historia de Portugal* ferrenho e acirrado em seu, se bem que baldado, designio, continúa ainda a deprimir o numero dos combatentes Sarracenos na Batalha de Ourique. E de que modo? Ouçamol-o: » Ou dominassem estes regulos, ou estivesse ainda o

» paiz sujeito aos governadores ahí postos pelo imperador de Marrocos, o que sabemos é que os chefes musulmanos, pelo menos os do Alemtejo, se uniram para atalhar a invasão do terrivel Ibn-Errik » (1). Quem poderá jámais tolerar, ou ouvir de sangue frio e temperamento stoico a transcripta asserção : » O que sabemos é que os chefes musulmanos, pelo menos os do Alemtejo, se uniram para atalhar a invasão do terrivel Ibn-Errik? » Por ventura não se sabe mais noticia alguma de algum outro dos chefes musulmanos que compareceram no Campo de Ourique, para, com inaudita ignorancia e revoltante audacia, se affirmar que *pelo menos os do Alemtejo se uniram para atalhar a invasão do terrivel Ibn-Errik?* Acaso a união dos chefes musulmanos do Alemtejo, para atalhar aquella invasão, é unicamente a noticia que tinha seguro fundamento na historia; e que por isso, como por excepção, se deva incluir na salvaguarda de um *pelo menos?* Nunca; a não se querer inepta e insipientemente sustentar, uma falsidade historica. Sim, quem não sabe que á multidão infinita de Sarracenos que Ismar tinha trazido consigo de além mar se reunira tambem a dos Sarracenos de aquem mar, em cujo numero figuram os dos confins de Sevilha e Badajoz primeiro que os do Alemtejo? E' a *Chronica dos Godos* que o affirma, e contesta intergiversavelmente a falsidade do intruso *pelo menos* do Historiador Portuguez. Eis-aqui o seu texto : » Esmar Rex » Sarracenus congregata infinita multitudine Sarracenum transmarinorum quos secum adduxerat, et eorum qui morabant citra mare à termino Sibilliæ, et de Badalioz, et de Elvas, et de Elbora, et de Begia, et de omnibus castellis usque Santarem venerunt ei obviam, ut pugnaret cum eo, confidens in multitudine virtutis suæ, et sui exercitus etc. (2). Em linguagem quer dizer : » Ismar Rei Sarraceno reunida uma multidão infinita de Sarracenos de além mar e d'aquelles que habitavam d'aquem mar dos confins de Sevilha,

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327.

(2) No Appendix da 3.ª Parte da Monarchia Lusitana — *Escreptura Primeira*, folha 273 v.

» Badajoz, Elvas, Evora, Beja, e de todos os castellos  
» até Santarem, que lhe vieram ao encontro, para pele-  
» jar com elle, confiando na multidão da sua força, e  
» do seu exercito etc. » A vista de tal e tão venerando  
testemunho, de um tão grande pezo e valor documental,  
ninguem deixará certamente de reconhecer a falsidade  
com que o historiador antagonista para diminuir a  
força dos adversarios de Iba-Errik (aliás D. Affonso  
Henriques; que é linguagem que todos entendem!) sim  
se enunciou, omittindo parte da verdade historica, que  
tanto o incommodava, pela refalsada ingerencia ou in-  
serção d'aquelle tão mal embutido — *pelo menos*. A his-  
torin, direi eu (e comigo todo o mundo, cujo amor da  
verdade não tiver de todo sido extincto) a historia sim  
nos faz saber que os Sarracenos que se reuniram para  
atalhar a invasão do terrivel *Ibn-Errik* foram instrumen-  
tal, e positivamente aquelles que nos attesta o mencio-  
nado documento, e não *pelo menos* aquelles que o escri-  
ptor novissimo consigna nas paginas da sua tão errada  
historia!

Ouçã-se porém ainda a Faria e Sousa na Europa  
Portugueza: » Los Reyes Moros que el Principe (D.  
Affonso Henriques) » hallò en los campos de Orique,  
» abriendo los montes, y valles com mas de 600 mil  
» hombres eran el de Silves, el de Merida, el de Se-  
» villa, el de Badajoz, Alathar de Lisboa, Benafut de  
» Algezira, y otros Principes y Señores, siendo princi-  
» pales dellos los primeros quatro, y superior a todos Is-  
» mar, de que resultó contarse por cinco los vencidos  
» en esta ocasion, siendo ellos muchos más » (1). O  
original transcripto ainda mais explicitamente desmente  
a asserção do modernissimo (a todos os respeitos) histo-  
riographo portuguez. — A Faria copiou exactamente,  
quanto aos Reis que vieram á Batalha de Ourique, na  
sua Historia Geral de Portugal, M. de la Clede (2);  
e depois deste já em nossos dias, na sua Historia Geral  
do mesmo Reino (3), M. le M.<sup>is</sup> de Fortia d'Orban

(1) Tom. 2.<sup>o</sup> pag. 46.

(2) Tom. 2.<sup>o</sup> pag. 88 etc.

(3) Tom. 3.<sup>o</sup> pag. 77 etc.



etc. — Corrija pois o innovador romantico a sua estranha, e intoleravel asserção!

A philaucia innovadora porém continúa; e quando não mente, embrulha; se bem que algumas vezes faz uma e outra cousa! Venha pois mais: » Este (D. Affonso Henriques), diz o historiador em seguida » achava-se já nos campos, que se dilatavam ao sul de Beja; » quando os walis e alkaidas das praças do Algharb » marcharam ao seu encontro » (1). Como é isto? Ainda no periodo antecedente os chefes musulmanos, que se uniram para atalhar a invasão de Ibn-Errik, eram pelo menos os do Alemtejo, e agora no periodo seguinte são os walis e alkaidas das praças do Algharb que marcharam ao encontro do mesmo referido Ibn-Errik? Que é isto? Que metamorphose, que metastasis; ou antes que cataclismo, por não dizer, algaravia ou vasconçada é esta? Ou os walis e alkaidas do Algharb (nomes que tambem significam governadores) são uma e a mesma cousa que os governadores do Alemtejo; ou designam entidades diversas. A primeira das asserções ninguem dirá ser admissivel. Não é pois cousa identica ser governador do Alemtejo, ou do Algarve, como reconhece e ajuiza ainda a mais obtusa racionalidade. E' de necessidade por tanto que se dê e exista só como verdadeira a segunda asserção da disjunctiva. Neste caso temos forçosamente achado, e cahido em contradicção o historiador portuguez. — Sim, se os governadores do Algarve são diferentes dos governadores do Alemtejo, segue-se que não foram só os governadores do Alemtejo (como ha pouco asseverou o historiador) que vieram atalhar a invasão, ou sahir ao encontro do Principe Christão; foram tambem os governadores do Algarve. A quem não salta aos olhos que existe incoherencia? — Todavia ha de oppôr talvez o increpado e codilhado escriptor alguma réplica. E qual será ella? Eu tomei, dirá, o Algharb na mesma extensão geographica em que a tomaram os Arabes; e nella vem tambem incluído o Alemtejo. Venha muito embora. E' porém justo e conforme ás leis da melhor critica que um historiador, qualquer que elle seja,

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327.

narre um feito glorioso ou não glorioso da sua nação, regulando-se pela geographia de um author de paiz estranho, que nenhum escriptor nacional, nem estrangeiro em taes casos admittira? Não por certo, e antes é um charlatanismo reprehensivel, que produz na historia profunda obscuridade. Diz-se, e na verdade assim é, que a geographia é um dos olhos da historia; mas uma historia com *aquell'outro* olho geographico deve por força ficar muito vesga, ou zanaga! E por certo quem ha de poder fazer uso de um olho affectado de tal torção, de uma tão feroz ophthalmia? — Porém admittindo mesmo por momentos a decantada geographia arabesca (e bem de arabescos abunda toda a chamada Historia de Portugal!); ainda assim, o historiador deu uma indesculpavel cabeçada historica. — Perguntaremos ao conspicuo transtornador da historia nacional se Ismario, commandante em chefe dos Sarracenos em Campo de Ourique, era *wali*, ou *alkaid* de alguma das praças do *Algharb*? Ha de ficar na triste attitude de um boquiseco sem saber, nem poder dar resposta que favoravel lhe seja! Escusa de esquadrinhar e sacudir da poeira toda a pilha das garabulhas paleographicas. Tudo quanto achar ha de convencil-o de que imaginou e escreveu uma indesculpavel necedade! Sim, Ismario nunca foi *Wali*, nem *Alkaid* de alguma das praças do *Algharb*, e sim Rei de uma grande parte da Africa, e Andaluzia. E' o grande Antiquario, André de Rezende quem o refere: *Ismarius magnæ partis Africæ, Beticæque Rex* (1). Além deste, e outros, o grande Oratoriano Pereira de Figueiredo diz ser Ismar um *potentissimo Rei da Mourama*; versão do seu latim: *Ismarius potentissimus Sarracenorum Rex* (2). Esta qualificação, que tambem é a da *Chronica Gothorum*, está formalmente desmentindo a asserção do historiador, que restringira os chefes que marcharam contra D. Affonso Henriques só aos *walis* e *alkaids* das praças do *Algharb*, ainda tomado este pela demarcação mourisca, que elle transcreveu na sua Historia de Portugal, extrahida da

(1) Liv. 4. pag. 267.

(2) Elog. dos Reis de Portug. pag. 14 e 15.

Geographia de *Edrisi*, segundo a versão de *Jaubert* (1). — Além d'isto a historia faz menção entre os Reis ou Principes Sarraceuos dos principaes, que dirigiram ou deram a acção em Campo de Ourique, de um chefe que era de Sevilha (2). Em qual porém das tres provincias, em que o innovador dividira, segundo a mencionada Geographia arabe, o *Algharb* (*antes dos Christãos se começarem a apoderar dos territorios além do Tejo, e ao sul de Leiria* (3)) em qual, repetirei, das tres provincias da tal Geographia do *Algharb*, que elle transplantou para as paginas da sua Obra se encontra e lê a palavra *Sevilha?* Em nenhuma dellas. Não ha de poder negal-o. Na verdade a negativa em caso tal é d'aquellas asserções, que pela sua evidente falsidade não admittem algum subterfugio! Basta correr e examinar com os olhos o que elle proprio deixára escripto para se conhecer que Sevilha não ficára pertencendo ao seu descripto *Al-Gharb* (4). Por certo que nas terras da Hespanha, que se mencionam na 2.<sup>a</sup> provincia, e nas outras em que se divide o *Al-Gharb* mourisco, não apparece nem sombra de Sevilha.

D'aqui concluimos, argumentando pelos proprios principios do historiador, que, não pertencendo *Sevilha* ao seu arabico *Al-Gharb*, e havendo entre os chefes que commandavam a força armada no Campo de Ourique um Principe, Rei, ou Governador, (*Wali*, ou *Alkaid*, indo mesmo com a nomenclatura delle) de Sevilha, indubitavelmente, afóra os *walis e alkaidas das praças do Al-Gharb*, houve mais algum que não era delles, que *marchára ao encontro de D. Affonso Henriques*. Aquella restrictiva e excepcional enunciação historica é por tanto sobre modo inexacta!

Se em fim o historiador entendeu pela palavra — *Al-Gharb* — aquellas terras d'aquem e d'além mar em Africa, que os Mouros outrosim comprehendiam debaixo d'este nome; temos então que o numero dos *Walis*

(1) V. Hist. de Portug. tom. 1.<sup>o</sup> pag. 325 e 326.

(2) Veja-se o lugar ja citado de *Faria*; e mesmo o da *Chronica dos Godos*.

(3) Hist. de Portug. tom. 1.<sup>o</sup> pag. 325.

(4) Hist. de Portug. tom. 1.<sup>o</sup> pag. 325 e 326.

e Alkaida de tantas terras devendo ser assás grande, grande deveria ser o numero das tropas, que com elles baviam de vir; grandeza, que elle longe de admittir, procura por todas as fórmas, contra o consenso d'aquelles que bem tem merecido das sciencias, definhar em sua historia. — Esta ultima accepção pois mesmo quando em these fosse admissivel (o que não concedemos em hypothese, attenta a explicação que se fizera do que fosse Al-Gharb) novamente constituiria o historiographo em contradicção consigo mesmo. — Mais: Tendo elle já dito acima que os *chefes musulmanos, que se uniram para atallar a invasão do terrivel Ibn-Errik* eram pelo menos os do Alentejo; este pelo menos ficaria ainda mais solemnemente destruido, e declarado insubsistente, se por ventura se admittisse em tal vocabulo (Al-Gharb) uma muito mais lata accepção geographica. Maior razão, e de nova força, tornaria incompativel a restricção referida!

Agora perguntaremos ao historiador que tanto *romantisa*, em que documental pergaminho descobriu elle escripto, que o logar em que se achava Ibn-Errik (D. Affonso Henriques), quando os *taes walis e alkaida das praças do Al-Gharb marcharam ao seu encontro, fosse precisamente nos campos que se dilatam ao sul de Beja?* Ha de outra vez ficar em tortura; e ficará sempre que a seu alvedrio fixar posições militares! Eu não decido a questão. Digo porém, e não receio ser desmentido, que os campos que se comprehendem na antiga Comarca d'Ourique não se *dilatam só ao sul de Beja*. Sendo isto assim qual ha de ser a razão por que os *taes campos*, em que se achava D. Affonso Henriques, quando os Mouros marcharam ao seu encontro, se não de ficar designando ao sul da referida cidade? — Mesmo quando todo o territorio, que se denomina *Campo d'Ourique* se dilatasse só ao sul de Beja, que certeza tem o historiador, de que o exercito mauritano não *marchasse* ao encontro do seu terrivel adversario antes d'elle se achar nos *taes campos*, precisamente designados? A duvida, ou problema ha de subsistir em quanto não apparecer documento ou testemunho authentico, que decida a questão. O historiographo que o apresente, se quer que

acreditemos a novidade, ou innovação topographica! — Da historia só consta o logar do encontro entre os dois exercitos, e não o local perfixo em que D. Affonso Henriques se achava, quando o exercito sarraceno marchou ao seu encontro. Note-se a differença.

Continuemos a copiar outras mais formaes palavras do Historiographo. » N'uma das eminencias, por meio » das quaes o solo se vae fazendo mais agro e ondeado » desde as planuras de Béja até se converter nas aspe- » ras serranias de Monchique, estava assentado o logar, » ou castello denominado pelos Arabes Orik. Foi nes- » tas immedições que Sarracenos e Christãos se encon- » traram » (1). Não disputaremos se o logar, ou castello de Ourique estava em *uma das eminencias, por meio das quaes o solo se vae fazendo mais agro e ondeado desde as planuras de Béja até se converter nas asperas serranias de Monchique*. Todavia não podemos deixar de notar que o *palavriado* com que vemos collocar Ourique em *uma das taes eminencias, por meio das quaes o solo se vae fazendo mais agro e ondeado desde as planuras de Béja até se converter*, ou metamorphosear *nas asperas serranias de Monchique*, traja mais á moda de romance, que de descripção geographica! — Este estillo porém ao passo que dá pasto á imaginação que deleita, sepulta em inedia o entendimento, que a historia assás deveria illustrar! Esta anomalia se dá sempre que o escriptor preza mais de ser romantico que historico!... Um geographo portuguez, que sabia o que dizia, e não improvisava á laia de romancista, diz de Ourique o seguinte : » Está assentada a Villa de Ourique na extremidade » Meridional da Provincia do Alemtejo, entre a Villa de » Mertola ao Levante, e Villa-Nova de mil fontes ao » Poente. O seu sitio, sem que o terreno pareça muy » levantado, fica bastantemente superior no campo des- » te nome, no qual ganhou El-Rey D. Affonso Henri- » ques aquella famosa batalha aos Mouros em 25 de » Julho de 1139 com que segurou o titulo de Rey de » Portugal, que pouco antes lhe havião dado as suas

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 227.

» Tropas » (1). Outros mais authores topographos poderiamos citar, que, em occorrença igual, não fallam d'aquellas taes *eminencias*, nem que em alguma dellas (sem dizer qual!) esteja assentado ou em pé o *logar* ou *castello*, e depois Villa d'Ourique. A tal innovação, indeterminando, foi pois para peor!...

Agora mal deixaremos passar, sem lhe oppôr a devida contestação, a asseveração que diz: » Foi nestas *immediações* (do *logar* ou *castello* denominado pelos Arabes *Orik*) » que os Sarracenos e Christãos se encontraram. » A historia não diz que foi nas *immediações do logar ou castello de Ourique* que os Sarracenos e Christãos se encontraram. Ouça-se a Monarchia Lusitana. » Tiveram vista, diz ella, os exercitos em um *logar* abaixo de Castro Verde, o qual hoje se chama Cabeça de Reis, junto dos dous pequenos rios Cobres e Terges » (2). A' vista desta authoridade como diremos que aquelle encontro fôra nas *immediações do logar* ou *castello de Ourique*, e não antes e restrictamente nas *immediações da Villa de Castro Verde*? E' evidentissimo que o termo *immediações* não pôde deixar de ter *logar* no segundo caso. » Como  $\frac{1}{2}$  leg. E. de la villa (de Castro Verde) entre los rios Corbes y Terges, » en unos cerros adonde hay una capilla, se muestra el sitio donde se diò la famosa batalla de Ourique, en 25 de Julio de 1139, por el rey Don Affonso 1.º contra los moros » (3). Por este testemunho se deixa ver que a Batalha de Ourique tivera *logar* meia legua a

(1) Vid. Geographia Historica, por D. Luis Castano de Lima, tom. 2.º pag. 263 e 254.

(2) Tom. 3.º L. X. fol. 117 v.

(3) Miñano — Diccionario Geografico-Estadistico de España y Portugal na palavra *Castro Verde*. — Neste artigo refere tambem Miñano que as paredes da Parochia (que diz ser de mui boa fabrica) se acham revestidas de azulejos, que em varios quadros representam os principaes passos da Batalha de Ourique.

Em ampliação copiaremos o trecho de uma Carta, que um habitante de *Castro Verde* enviára (neste anno de 1854) a um seu correspondente de Lisboa. Refere ella a proposito: » Os templos desta Villa são decorados com bellos quadros a oleo, e em azulejo, » que representam os arraias de D. Affonso, a Apparição, a Batalha, as Orações do triumpho, a Acclamação do Monarcha pelo exercito, e o Juramento dado em Coimbra: e o Sello, ou Brazão

este da Villa de Castro-Verde. Isto confirma a *immediação* que sustentamos. — Note-se mais: A Villa de Castro-Verde dista da Villa de Ourique duas leguas a nordeste (1). Segundo pois taes demarcações é para concluir que o lugar aonde fôra a Batalha contra Ismario devia distar da Villa de Ourique pelo menos duas leguas e meia. Estatuida esta baze; como é que se pôde com verdade escrever que aquella Batalha fôra nas *immediações* do lugar ou *Castello* de Ourique; sendo sem controversia outro o lugar, ou Villa, em cujas *immediações* ella fôra realizada? Ninguém ainda semelhante cousa escreveu, a não ser o nosso *originalissimo* historiador! — Todos os historiadores sim nossos e alheios unanimemente affirmam que a mencionada Batalha foi em *Campo d'Ourique*; denominação que indica uma Comarca, que comprehende varios logares, e Villas. Tem pois o cognome de *Ourique*, não por aquella Batalha ser restrictamente dada nas *immediações* (gallicismo que D. Francisco de S. Luiz não julga necessario adoptar-se em nossa lingua, visto termos o vocabulo *visinhanças* etc.) do lugar, ou *Castello de Ourique*; porém sim por ter sido effectuada no campo ou territorio da Comarca de Ourique. Confirma o exposto o insigne erudito *Pereira de Figueiredo*. Referindo-se ao lugar da Batalha de Ourique dissera elle: » Sobre o que é de notar, como notou Rezende, que esta Batalha tomou o nome de Ourique, como da Villa mais notavel d'aquella Comarca ou Territorio, ainda que o sitio preciso da Batalha

» d'armas da Comarca representa D. Affonso de joelhos e Jesus Christo crucificado apparecendo-lhé. — Pena é (termina ella) que » uma bella Pyramide mandada erigir no reinado da Senhora D. Maria I nesta Villa esteja por terra, quando este monumento, » que é de todos os monumentos aquelle que melhor podia attestar » a gloria e o brio Portuguez, deveria ser o mais bem conservado. »

O escriptor da Carta é mais um digno respeitador das antigas tradições patrias, que deve ser inscripto em o catalogo d'aquelles que acreditam na Apparição. Dis pois na mesma Carta: » Não hão » de ser de certo os filhos de Castro Verde que hão de deixar de » acreditar o facto da Apparição, ainda que não seja por outra causa que por ser o Brazão dos Castrenses; pois foi aqui que se diz » ella teve lugar, e o Campo da Batalha na distancia de tres quartos de legoa. »

(1) Miñano no artigo citado.

» foi abaixo da Villa de Castro Verde n'um valle que  
» fica entre os dois riachos Cobres e Terges, que a pou-  
» ca distancia confundidos já hum no outro se mettem  
» e sepultam no Guadiana » (1). No mesmo sentido  
escreveu o grande Bispo de Beja D. Fr. Manuel do Ce-  
naculo, que pessoalmente observou e estudou estes loga-  
res, sítos em sua Diocese. (2). Outro escriptor mais  
moderno disse que Ismael indo em procura de D. Hen-  
rique para atacal o, o encontrou nos *Campos d'Ourique*.  
(3). Não disse elle nas *immediações do logar ou castello*  
*denominado pelos arabes Orík*. Esta situação, tomada em  
rigor geographico, é de certo falsa. Por tanto a palavra  
*immediações* nem geographica, nem historicamente pôde  
ser consentida no logar em que foi collocada.

Porém que? Na *Chronica Gothorum* lê-se: *In lo-  
co qui dicitur Aulic*. No *Chronicon Conimbricense*: *In  
loco qui dicitur Ouric*. No *Chronicon Lamecense*: *In  
loco qui dicitur Oric*. Favorecerão estas authoridades al-  
guma cousa a opinião das falsas, e aérias *immediações*?  
Nada; antes lhe fazem maior carga. Na verdade quan-  
do aquelle *in loco* rigorosamente se entendesse do logar  
ou castello de Ourique, e não do Campo de Ourique;  
a referida expressão não poderia jámais ser traduzida  
pelo termo *immediações*. Na hypothese da interpretação  
rigorista significaria então que aquella famosa Batalha  
se teria dado no mesmo logar, ou castello de Ourique,  
absurdo, que ainda ninguém proferiu. — Pelo contrario  
todos os escriptotes (que bem deviam entender os dize-  
res citados) unanimemente declaram ter sido dado o  
mencionado combate em Campo de Ourique (ponto ge-  
nerico) e nunca no logar, castello ou *immediações* d'elle  
(ponto específico); que é diversa d'aquelle que unani-  
memente se designa. — Além (acrescentaremos) de An-  
tonio Brandão na *Monarchia Lusitana*, cuja authorida-  
de já deixámos transcripta, temos a André de Rezende:  
*In Agro igitur Orichiensi, paulo infra Castrum viride  
oppidum, non procul à conflente Cobris et Tergis fluvio-*

(1) Mem. da Acad. tom. 9.º Dissertação 19.ª pag. 208.

(2) Vej. Cuidados Litterarios, pag. 383 etc.

(3) Casado Giraldes, Geogr. vol. 1.º pag. 103 e 104.



rum, in malum conspectum venientes castra potuerunt (1). Esta mesma topographia confirma elle no seu poemeto latino — *Vincentius Lecta, et Martyr*. — Na Oração que Vasco Fernandes de Lucena, Embaixador de D. João II, recitou em Roma em pleno Consistorio no anno de 1485, acha-se escripto: *Et rursus apud Auriquios campos apud cum locum, quem nunc capita Regum vulgus appellat, exigua, et parva manu cum quinque potentissimis Regibus victor certavit*. O que *Percira de Figueiredo* traduziu: « Outra vez no Campo d'Ourique, » onde agora chamam *Cabeças dos Reis*, com hum pe- » queno exército venceo cinco poderosissimos Reis Mou- » ros » (2). Este mesmo sabio nos Elogios dos Reis de Portugal copiou a topographia de Rezende (3). Duarte Nunes igualmente escreveu que o principe D. Affonso buscando os Mouros para o combate » veiu a um logar » do Campo de Ourique, que chamam *Cabeça de Rey*, » junto á villa de Castro verde, e alli se ajuntaram am- » bos os arraiaes (4). » E' quanto basta.

Agora advertiremos que a citação — *Moura, Vestig. da Ling. Arab. p. 171* — (5) apontada para provar que o logar, ou castello, em cujas immediações falsamente se asseverára tivera havido o tal encontro, (a Batalha de Ourique), era denominado pelos Arabes *Orik*, não prova que os Arabes já áquelle tempo, como bem se infere do modo de exprimir do Historiador, lhe dessem tal denominação. Basta ler o artigo dos taes *Vestigios da Lingua Arabica* para se ficar convencido do que asseveramos. Eil-o-aqui: *Ourique — Orique. He nome de Lugar. Villa assim chamada no Bispado de Beja. Cardozo*. Este modo de fallar do Etymologista nem mostra que Ourique já tivera esta denominação antes do famoso combate, nem que tansómente a tivera depois d'elle. Nenhuma das duas referencias se póde com preferencia colligir do artigo exposto. Este artigo (pondo de parte a boa ou

(1) Antiq. Lib. 4. pag. 267.

(2) Vej. Novos Testemunhos da Milagrosa Aparição etc. pag. 14 e 15.

(3) Pag. 14 e 15.

(4) Chronica d'El-Rey D. Affonso Henriquez, fol. 23.

(5) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327. cit. 2.ª

má etymologia, que é questão lá para Arabistas (1)) tam-  
sõmente testifica o facto sem relação preferível a algum  
dos dois tempos.

Continuemos porém já a desfiar, e a pôr em sole-  
mne patenteação o resto da pilha de ineptias, de aereas  
romangadas, que deturpam e empegam a Historia de  
Portugal!... Copiemos:

» Apezar de que o antigo esforço, e o irresistivel  
» enthusiasmo dos lamtunitas, corrompidos pelas rique-  
» zas e pelo luxo, fructo das passadas conquistas, tinha  
» grandemente esmorecido, elles recõrresam a uma das  
» guerreiras usanças dos seus antepassados do Maghreb  
» para preencherem as fileiras, ou rareadas pela partida  
» de Tachfin, ou porque as guarnições dos castellos da-  
» quelle tempo, ainda completas, eram mui pouco nu-  
» merosas (2)» Que tão falsa e tão desenxabida zaraga-  
tõa palavrosa!... Em que original, transumpto, ou cou-  
sa que o valha, adubado com todos os temperos e per-  
rexis da veneranda authenticidade, que a sua affanosa e  
esbaforida solicitude pela primeira vez fizesse desencar-  
çerar de alguma catacumba, ou pocilga paleographica,  
lêu, e se certificou o escriptor historico que, referindo-se  
á epocha da Batalha de Ourique, se noticiasse que — o  
*antigo esforço e irresistivel enthusiasmo dos lamtunitas,  
corrompidos pelas riquezas, e pelo luxo, fructo das pas-  
sadas conquistas, tinham grandemente esmorecido?* Ha de  
ficar outra vez nadando, e, como perdido naufrago no  
vasto Oceano, sem poder ver, nem alcançar terra! Nem  
sequer rasto, nem piugada alguma de tal paradoxo ha  
de lobrigar; por mais que farege toda a lurida mantisa  
do mais raro e mais bem provido Tombo, ou Jazigo  
paleographico!... Porém que digo eu? E' falso, é fal-  
sissimo que por occasião da Batalha de Ourique o *anti-  
go esforço e irresistivel enthusiasmo dos lamtunitas estives-  
se grandemente esmorecido*. E quem sim poderá, ou se atre-  
verá a duvidar de tal; não digo já a negal-o? Ninguem  
que souber respeitar o que dizem a fluz as historias; e  
só aquelle que por acintoso systema o quizer desprezar.

(1) Vej. Exame Historico etc. por A. C. P. pag. 12 e 13.

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327.

Abram-se ellas; e para logo o innovador ficará completamente desmentido. — Começemos pela Chronica dos Godos. E que nos diz ella, que denote que o *antigo esforço, e irresistivel enthusiasmo dos lamtunitas estava grandemente esmorecido*, na época do combate de Ourique? Ao contrario ella nos representa a Ismario apresentando-se no campo do combate como um homem *animado de confiança*, natural effeito *da multidão da sua força em especial, e do seu exercito em geral*; » *confisus in multitudine virtutis suæ, et sui exercitus* (1). » Estas expressões redonda, e frisantemente comprehendem a mais perfeita negativa de toda a idéa de esmorecimento. — Neste mesmo sentido, em que se exprime a Chronica dos Godos se expressa, e de um modo mais explicito, o grande Antiquario André de Rezende: » *His confisus, in Alphonsum properabat, lentis itineribus, sed animo ad vindictam concitatissimo.* » » *Confiado em suas forças Ismario marchava contra D. Affonso, com vagarosas marchas, (esperando sem dũvida engrossar cada vez mais e mais o seu exercito, como explica o Elucidario de Viterbo (2)); mas com animo possuido do maior furor para tomar vingança.* » Acaso um chefe militar, que vem abrazado em colera para se vingar dos seus adversarios, e que de mais a mais confia na multidão da sua *força*, e do seu *exercito*, é o typo de homem esmorecido? Nunca. Estará acaso o esmorecimento nos que compõem o seu exercito? Tambem por certo que não. Ouçamos a este respeito o que escreve o mesmo Antiquario: » *Innumerabilis ille Barbarorum exercitus, tam dissonis clamoribus, tam terribili fragore perstrepebat, ut cœlum ruere, terra quasi tremoribus viderentur* (3). Aquelle innumeravel exercito de barbaros, feito n'uma desentoadada grita, era tal o estrondo que fazia, que parecia cahir o ceo e tremer a terra. » Assim traduz Pereira de Figueiredo este logar de Rezende nos Elogios dos Reis de Portugal

(1) Na Monarchia Lusit. tom. 3.º fol. 273, v.

(2) No Elucidario. tom. 2.º pag. 77.

(3) Antiq. Lusit. Lib. 4. pag. 270.

(1). Quem dirá pois que esta algazarra de tão superlativo estrepito denote esmorecimento da parte dos Sarracenos no campo da Batalha de Ourique? Ninguém por certo que tenha as faculdades intellectuaes em sua normal funcção! — Escute-se ainda o que diz mais a proposito o erudito Antiquario: » *Commissum praelium est, sanguinolentum, pertinax, diuturnum, à prima diei hora usque ad meridiem* (2). Deu-se a Batalha, » que foi sanguinolenta, pertinax, e de muita dura, » des do principio da manhã até o meio dia. » E' traducção do mesmo eruditissimo Pereira de Figueiredo. (3) Um exercito, que além de innumeravel sustenta uma Batalha *sanguinolenta, pertinax, e de muita dura*; quem será o bardo ainda o mais obtuzo que o classifique de *esforço grandemente esmorecido*? Ninguém por certo. — Esta doutrina historica que sustentamos, é a mesma que o famigerado historiographo, o Dr. Henrique Scheffer, emittiu em sua Historia de Portugal. » Os » Sarracenos, diz elle, se adiantaram *cheios de confiança* » em a superioridade de suas forças e a celebravam en- » toando alegres e festivas canções (4). » Não está elle pois de accordo com aquillo que disseram antes os citados escriptores; e por consequente incontestavelmente desmentindo a falsidade, com que o innovador representa *grandemente esmorecidos o antigo esforço, e irresistivel enthusiasmo dos lamtunitas* pelo tempo do combate de Ourique? Não é possivel recusar a affirmativa. — O innovador pelo contrario, se fosse sincero, deveria confessar que, se houve *esmorecimento*, e não pequeno, foi da parte dos Christãos á vista de um tão prodigioso numero de adversarios. Recearam pois até entrar em combate; e o seu receio, ou antes medo (aliás prudente e bem fundado) teria prevalecido, se a falla ou exhortações de D. Affonso Henriques, segundo mencionam os nossos Chronistas, os não tivesse animado, e resolvido (5).

(1) Pag. 19.

(2) Lib. 4. pag. 270.

(3) Elog. dos Reis de Portug. pag. 19 e 20.

(4) Tom. 1.º pag. 88.

(5) Vej. Duarte Galvão na Chronica de D. Affonso Henriques —

Porém o neologista historico é quem, sem o pensar por certo, dá a si proprio inevitavel xaque-mate. Sim; escreve, e publica elle em alto e bom tom que — » A- » pezar de que o antigo esforço, e o irresistivel enthu- » siasmo dos lamtunitas corrompidos (lá por motivos que elle a seu sabor fantasiou!) » tinha grandemente » esmorecido, elles recorreram a uma das guerreiras » usanças dos seus antepassados do Maghreb para pre- » encherem as fileiras, ou rareadas pela partida de Tach- » fin, ou porque as guarnições dos castellos d'aquelle » tempo, ainda completas, eram mui pouco numero- » sas. » — Agora perguntarei: Que uma das *guerreiras usanças* foi essa a que os *Lamtunitas* recorreram para os fins que o novelleiro escriptor historiou? Elle o declara no seguinte periodo por esta fórma e maneira: » As » mulheres almoravides, vestindo as armas, vieram pe- » lejar ao lado de seus maridos e irmãos em defeza da » terra, que as tribus de Lamtuna olhavam como uma » nova patria depois da conquista do Andalúz (1). » Como é isto? Será por ventura prova, documento de uma nação *se achar grandemente esmorecida*, o apresentar no campo do combate, *segundo uma das guerreiras usanças dos seus antepassados, mulheres vestindo as armas ao lado de seus maridos e irmãos em defeza da terra que olhavam como uma nova patria?* Ninguem por certo ha de achar neste facto de heroismo mulheril, altamente patriotico, principio algum, nem apparente sequer, para deduzir uma tão absona affirmativa. Antes bem pelo contrario todo o mundo ha de, e deve assim argumen- tar á vista d'elle: Se as mulheres dos *Lamtunitas* (e note-se que este nome não vem nas Chronicas; é sim *Sarracenos!*) sem perderem *uma das guerreiras usanças* dos seus maiores ou antepassados, assim dão um testemunho tão altamente pronunciado do seu animo e decisão em defensão da sua nova patria, no campo de Marte *ao lado de seus maridos e irmãos*; quanto miôr e profunda- mente mais expressivo não deveria ser ahi o valor e de-

Arenheiro na Chronica dos Reis de Portugal — Duarte Nunes de Leão na Chronica d'ElRei D. Affonso Henriques etc.

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.

nodo destes, entusiasmados, e mettidos em brios com tão estimulante exemplo? As historias de todos os paizes; e mesmo particularmente do nosso, nos convencem de que, quando o valor das mulheres de quaesquer povos heroicamente se distingue; o denodo, e bravura dos homens nunca lhe tem sido inferior. — Lá se encontram em tempos das conquistas do Oriente, no segundo cêrco de Diu pelos Turcos e El-Rei de Cambaya, donzelas destemidas, trajando de homens com as armas na mão, batendo esforçadamente os Mouros (1). Este prodigio de valor feminino, longe de arguir *esmorecimento* da parte dos soldados de D. João de Castro; quem deixará de o reconhecer como argumento para d'ahi deduzir qual deveria ser a bravura delles, á vista de tão preponderante estímulo?

Agora perguntaremos ao historiographo: Quem lhe revelou, ou quem lhe imbutiu que a causa de os Lamtunitas recorrerem áquella *guerreira usança* foi para *preencher as fileiras* ou *rareadas pela partida de Tachfin*, ou porque as *guarnições dos castellos d'aquelle tempo ainda completas eram mui pouco numerosas*? Quanto ás *fileiras rareadas pela partida de Tachfin*, já fizemos ver que as fileiras dos lamtunitas tinham até engrossado mais depois da partida de Tachfin, pelas tropas que da Africa elle tivera enviado para a Hespanha (2). Além d'isto se aquella prática das mulheres sarracenas era assás commum e ordinaria; sendo, conforme se exprime o nôvo historiographo, uma das *guerreiras usanças dos seus antepassados*; como poderá jámais ella ser inculcada por uma consequencia evidente e necessaria da tal e quejanda *rareação*. — Ainda mais: Por que via documental, ou não documental soubera o Author da Historia de Portugal, dado mesmo que as *fileiras rareadas dos Lamtunitas* fosse um facto; soubera, digo, que o numero das sarracenas guerreadoras era tal, que offerecera aos chefes Musulmanos um recurso para acudir ao des-

(1) " Taes houve, que vestindo armas, fizeram aos inimigos rosto, correndo da agulha á lança, do estrado á muralha. " (Vida de D. João de Castro, Liv. 2.º n.º 55.)

(2) Vej. a 3.ª Parte desta Obra, pag. 73 e seguintes.

fulque de suas fileiras? A Historia, ou Chronica dos Godos, que é Documento de todo o respeito, falla indeterminadamente, sem designação de numero. E Brandão que traduziu na lingua vulgar, da latino, a passagem respectiva da Chronica não teve duvida de reduzir aquelle numero apenas a *algumas mulheres* (1) A' vista deste tão grave e sensato testemunho fica sendo aquelle fantasiado *recurso dos Lamtunitas* a mais perfeita e pronunciada caricatura, que se pôde imaginar!... — Quanto á segunda parte da disjunctiva; d'onde lhe constou que as guarnições dos castellos d'aquelle tempo, ainda completas, eram *mui pouco numerosas*? Não ha de apontar author algum que tal diga. E' outra refinada romancice!... Porém demos de barato que assim fosse; seria isto motivo bastante para os Sarracenos se resolverem a admittir mulheres em suas fileiras? Quando assim se dêsse; esta causal não pôde ser admissivel, logo que se declara ser aquella admissão — *uma das guerrceiras usanças dos antepassados do Maghreb*. — Na verdade se era usança vinda já *dos antepassados* do Maghreb, não se pôde reputar como successo extraordinario, que proviesse, como de causa efficiente, e nem mesmo occasional, de algum dos dois motivos da disjunctiva.

Vamos agora a uma nota que o historiographo emprega para sustentar a segunda parte da celebrada disjunctiva. Diz ella: » Para se fazer idéa do limitado » numero de soldados, que guarneciam qualquer castro » tello naquelle tempo, observe-se que Mertola, o mais » forte de todo o *Al-Gharb*, foi surpreendido por setenta homens do partido de Ibn-Kasi. Conde, P. 3. » C. 34 » (2). E' isto, que se transcreve, algum fundamento que pezo tenha na balança historica ou apenas mera frioleira? E' sim mera e espuada frioleira!... Quem jámais no universo logico concluiu em materias de natureza accidental, com força de legitimidade irre-

(1) » Nesta batalha, *tradus elle*, entraram algumas mulheres » mouriscas, e pelejaram ao modo das antigas Amazonas, e foram » conhecidas depois de mortas. » (Monarchia Lusit. L. X. Cap. 3.º fol. 166).

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327, not. 3.ª

cusavel, do singular para o universal? Ninguém por certo que tenha meia pollegada de conhecimentos dialecticos. Quando se provasse por tanto evidentemente que um castello tinha pequena guarnição, não se seguia d'ahi que os outros castellos estivessem no mesmo parallello! — Além d'isto que regra ha em tactica ou estrategia militar que mande concluir que — todo o castello que fôr surpreendido por *setenta homens* é signal evidente que continha em si uma *guarnição pouco numerosa*? Nenhuma. Ha de responder até o paizano mais imbelle e pastrana!... E na verdade não ha centenaes de exemplos, na historia, de um numero pequeno de tropas surpreender a outro incomparavelmente muito maior? Certo que ha. O bom exito de uma surpresa não depende pela maior parte tanto da força numerica, quanto do aggregado, muitas vezes imprevisto, das circumstancias, que secundam a estrategia. Nestes termos o Novador historico não poderá jámais provar, por mais que se esfufo, que um castello bem guarnecido não possa ser por fórma alguma surpreendido pela força de *setenta homens*. A sua asserção é por tanto infundada e aerea! — Finalmente por um castello ter a cathegoria de — *o mais forte* — segue-se logo que deve ter uma guarnição numerosa? Nego. A sua fortaleza póde-lhe vir já da situação em que se acha collocado, já dos meios que a arte tenha empregado para o tornar inexpugnavel. Nestas circumstancias bem póde até o mais forte castello ser defendido com uma bem pequena guarnição. Toda esta argumentação está irresistivelmente reduzindo ao valor de uma inepecia a transcripta Nota!

Agora advertirei que a surpresa de Mertola não fôra levada a pleno effeito, como falsamente se collige da nota do historiographo, só pela força de *setenta homens*. Foram só *setenta homens* os que começaram o accommettimento. Porém não o levaram no ultimo, e completo resultado sem vir *em seu socorro, como estava concertado, a gente de Jabura e Xelbe*. E' o mesmo invocado Conde quem o testifica. Ougathol-o: » Vint en » ayüda de Aten Cosai como estava concertado, la gen- » te de Jabura y Xelbe, acudillada por Muhammad



» ben Omar ben Almondar Abul Walid etc. » (1). Deste mesmo accordo (e mais explicito em circumstancias) está Mr. de Marlès: » Aben Cosai se chargea de » l'entreprise (de s'emparar du château de Mertola). » Il se cacha de nuit avec *soixante-dix hommes* déterminés dans les faubourgs de la place; *le reste de sa troupe*, composée des soldats d'Evora et de Silves, attendait dans les environs, prête à accourir au signal convenu. Au point du jour, au moment où l'on ouvrait les portes, il attaqua la garde, la massacra, et se rendit maître de la forteresse » (2). Esta maneira de historiar assás está mostrando que não foram só os *setenta homens* que realizaram a mencionada empresa, conforme subrepticamente se inculca. — Este facto da *surpresa de Mertola* teve logar em o anno de 1144. Esta data faz ver que ainda quando fosse verdade historica de character incontestavel o estado de definhamento, em que se achava a guarnição de Mertola, quando foi surprehendida; este successo nada poderia influir na Batalha de Ourique, que tivera logar em 1139, cinco annos antes de intervallo. — A nota por tanto envolvendo um anachronismo manifesto é, por mais este motivo, altamente inepta e inconcludente!

A mania porém depressora contra o valor e grandeza, em que sempre fôra tida a Batalha de Ourique, ainda continúa em seus devaneios e felestrás. Vamos a apresental-os aos olhos do publico illustrado, acompanhados conjunctamente da competente corrimaça critico-historica. Ouçamos novamente o historiador: » A » excepção d'esta, as circumstancias da batalha de Ourique ignoram-se inteiramente. As *Chronicas christãs* » coevas, ou quasi coevas, que a mencionam, fazem-no » em bem curtas palavras, e nos diversos escriptores arabes, que nos transmittiram a historia de Hespanha » neste periodo, não se encontra o minimo vestigio de » um facto, que pouco devia avultar no meio dos graves acontecimentos, que então passavam na scena po-

(1) Conde, Parte 3.<sup>a</sup>, Cap. 34, pag. 275.

(2) Histoire de la Domination des Arabes etc. tórn. 2.<sup>o</sup> pag. 368.

» litica, tanto na Peninsula, como na Africa » (1). Que é isto? Pois a unica das circumstancias da Batalha de Ourique, de que se tem noticia é só a do facto das *mullheres almoravides*, que *vestindo armas, vieram pelear ao lado de seus maridos e irmãos*; ignorando-se todas as mais circumstancias inteiramente? Que prova adduz o historiographo desta tão absona e caricata asserção? Nenhuma; nem é possível adduzil-a!... E' por ventura verdade que as *chronicas christans coevas, ou quasi coevas, por fazerem menção da Batalha de Ourique em bem curtas palavras*, não façam menção de nenhuma outra circumstancia mais que a referida? E' falsissimo!... Abra-se e examine-se a Chronica dos Godos coeva, ou quasi coeva da Batalha de Ourique; e que circumstancias nos refere ella no artigo consagrado a tão glorioso successo? Não era preciso referir tantas para completamente desmentir o antagonista da grandeza da Batalha de Ourique. Nelle pois se acha designado o anno, o dia do mez em que tivera logar aquella grande guerra, sem esquecer o tempo do reinado do Principe Christão. — Faz-se menção igualmente dos dois Chefes belligerantes, e do logar em que tivera realidade a lide. — Vê-se della que Ismario conhecia o valor, e audacia de D. Affonso, e que fôra em razão dos frequentes estragos, que este causava nas terras dos Sarracenos, que elle se resolvera sahir a campo para, caso o podesse fazer encontrando-o desacautelado, bater-se com elle. — Querem tambem saber quando foi que Ismario reputou ser occasião opportuna para o ataque que projectava? E' a mesma Chronica que nol-o aponta. Foi quando El-Rei D. Affonso se achava com o seu exercito no coração da terra dos Sarracenos. Então Ismario reunindo infinita multidão de Sarracenos d'além mar que tinha trazido consigo, e d'aquem mar dos confins de Sevilha, Badajoz, Elvas, Évora e Beja, e de todos os castellos até Santarem, lhe veio ao encontro, para lhe apresentar batalha, confiado na multidão da sua força e do seu exercito. Querem ainda mais circumstancias? Pois logo depois da memoria do valor das Sarracenas, que deram a

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.

vida pelejando á maneira das Amazonas no campo de Marte, hão de achar ainda um par de circumstancias, que não são para ficarem submergidas nas agoas do rio Lethes! — Hão de ainda achar a posição que tomara D. Affonso n'esse combate com aquelles que o acompanhavam: o apertado cerco em que se viram: quanto tempo durara, e a heroica bravura com que delle se livraram. Hão de ahí ver testificada a escarmentação que tomara Ismario do valor dos Christãos, que destruindo-lhe por diferentes fórmãs a multidão do seu exercito, tomou o partido de dar ás trancas, ficando-lhe prisioneiro um sobrinho; além de innumeraveis individuos do seu partido, que patinharam no conflicto. — Todas estas circumstancias, e ainda mais explicitamente exaradas na Chronica; quem não vê que estão completamente estmechando a inaudita arrogancia do transtornador historico, que, á excepção da heroicidade das Sarracenas, nenhuma outra circumstancia da Batalha de Ourique encontrara nas *Chronicas christãs coevas ou quasi coevas?*

Para que tudo fique posto ainda mais, como dizem, em pratos limpos, (e não é linguagem de *prostituto!*) copiaremos a integra do parrafo da Chronica: » *Æra 1177. Octavo Calendas Augusti in Festivitate*  
» *Sancti Jacobi Apostoli, anno Regni sui undecimo,*  
» *idem Rex Donnus Alfonsus magnum bellum commi-*  
» *sit cum Rege Sarracenorum, nomine Esmar, in loco,*  
» *qui vocatur Aulic. Ille namque Rex Sarracenorum,*  
» *cognita virtute, et audacia Regis Donni Alfonsi, et*  
» *videns eum frequenter intare in terram Sarracenorum,*  
» *et deprædari, nimiumque atterere suam regionem,*  
» *voluit si facere posset, ut eum incautum, et impar-*  
» *tum alicubi inveniret, ut cum eo gereret bellum.*  
» *Quadam itaque vice cum Rex D. Alfonsus cum suo*  
» *exercitu intraret per terram Sarracenorum, et esset in*  
» *corde terræ eorum, Esmar Rex Sarracenus congrega-*  
» *ta infinita multitudine Sarracenorum transmarinorum*  
» *quos secum adduxerat, et eorum qui morabant citra*  
» *mare à termino Sibillæ, et de Badalioz, et de Elvas,*  
» *et de Elbora, et de Begia, et de omnibus castellis,*  
» *usque Santarem, venit ei obviam, ut pugnaret cum.*

» eo, confidens in multitudine virtutis suæ, et sui exer-  
» citus, quia erat copiosus, in tantum quod mulieres  
» ibi affuerunt Amazonico ritu belligerantes, sicut exi-  
» tus postea probavit in eis, quæ ibi occisæ inventæ fue-  
» runt, licet Rex D. Alfonsus esset cum paucis suo-  
» rum, et esset in quodam promuntorio fixis tentoriis,  
» ex omni parte obsessus: et circumvallatus est à Sar-  
» racenis à mane usque ad vesperam, cum vellent ir-  
» rumpere, et invadere castra Christianorum. Electi  
» milites irruerunt in eos fortiter pugnantes cum eis,  
» expulsos extra castra occiderunt et diviserunt eos:  
» quod cum vidisset Rex Esmar, scilicet virtutes Chris-  
» tianorum, et quod parati erant magis vincere, aut  
» mori, quam fugere; fugit ipse, et omnes qui cum eo  
» erant, omnisque illa multitudo Paganorum partim  
» occisione, partim fuga occisa est, et dispersa. Rex  
» etiam Esmar illorum superatus per fugam evasit, com-  
» prehenso ibi quodam suo consuprino, et nepote Re-  
» gis Hali nomine Homar Atagor; et interfectis ex  
» parte sua viris innumeris. Et sic D. Alfonsus divina  
» se protegente gratia magnum de inimicis obtinuit tri-  
» umphum, et ex illo tempore fortitudo, et audacia  
» Sarracenorum valde infirmata est » (1). Quem pois á  
vista desta integra pôde tolerar que se escreva e imprĩ-  
ma que a unica circumstancia que se encontra nas Chro-  
nicas Christãs ácerca da Batalha de Ourique seja a bra-  
vura das mulheres sarracenas? O desconceito e desprezo  
por tão enorme falsidade é sem duvida a justa retribu-  
ção, que de todos deve merecer o tal arrojo! — O sa-  
bio Bispo de Beja, depois Arcebispo d'Evora, D. Fr.  
*Manuel do Cenaculo*, com razão pois reconhece que na  
passagem copiada da Chronica dos Godos se veem clara-  
mente insinuadas as circumstancias da victoria de Ouri-  
que (2). — Um voto de tão guindada, e ponderosa qua-  
lificação é por si mesmo mais que de sobejo para redu-  
zir a mortal silencio o garrulo mais desenfreado em in-  
novações historicas!

(1) Acha-se no tom. 3.<sup>o</sup> da Monarchia Lusitana. — Appendix: e  
na España Sagrada, tom. 14.<sup>o</sup>

(2) Cuidados Litterarios, pag. 378.

Agora outrossim cumpre por ultimo observar que o Historiographo anchamente disse no plural — *Chronicas christians coevas, ou quasi coevas* — que tamsómente fizeram menção, como circumstancia unica do Combate de Ourique, da façanha varonil e amazonica das Sarracenas!... Que *Chronica christan* porém ha *coeva* ou *quasi coeva*, que além, da Chronica dos Godos, mencione o referido successo? Nem uma só mais sequer elle ha de poder apontar; e por isso o seu romantico plural não é mais que uma chapadissima e desarcada falsidade! Pelo contrario ellas nada absolutamente fallam do tal heroismo bellico das Sarracenas (o qual alguem ultimamente appareceu, que o teve por hyperbole (1), opi-

(1) O erudito Author do *Exame Historico* é desta, talvez singular, opinião, como se póde verificar, lendo o § 5.<sup>o</sup> do seu Folheto. Funda-se elle em que o estratagemá usado pelos musulmanos só tiverá uma vez lugar, e foi quando os Arabes da provincia de Hemiar se bateram com o inimigo, que os queria impedir de passar para o interior da Africa. Isto porém não prova ser hyperbole o que positivamente assevera a Chronica dos Godos. Antes não se podendo provar a hyperbole della, nem alguem até hoje lha tendo achado, é mais um documento que confirma o uso estratagico dos Sarracenos. Além d'isto Casiri na Bibliotheca Arabico-Hispana (pag. 219, col. 1.<sup>a</sup> tom. 2.<sup>o</sup>, Nota) falla do tal estratagemá dos Almoravides, ou Lantunitas como de uma cousa usual. Demos as suas palavras: » *Almorabidæ, quod nomen Latine sonat Confederati, Lantunitæ etiam vocitantur à desertis Lantunæ, sen Lemtæ, ut habet Lep Africanus ad pag. 245; nec non Molatemun à velata facie, quipè pe qui cum feminis bellicosissimis ita velati pugnare in hostes salebant.* » Ninguem dirá que o illustre arabista (Casiri) só por um unico facto se servisse da palavra generica *solebant*.

Quanto ás expressões *amazonico ritu ac modo pugarunt*, não se devem tomar (nem alguem jámais as tomou) tão metaphysicamente, que por ellas se deva entender que as Sarracenas, de que se trata, eram em tudo e por tudo as antigas Amazonas. Basta que se entenda que o eram metaphoricamente fallando no valor e fuzga de combater; sentido por certo em que é mais obvio tomar aquella expressão. Mesmo áquelles que insistirem na força da etymologia mais communis, não será facil provar que todas as Amazonas tivessem o costume de se privarem do peito direito; principalmente tendo os modernos dado este nome de Amazonas ás nações, ou raças de mulheres guerreiras, que se tem descoberto depois das antigas. As melhores tropas do Imperador de Mogolapa, diz-se ser de mulheres, que habitam nas vizinhanças do Nilo (1). Estas com tudo, apesar de

---

(1) Noel, Dictionnaire de la Fable, tom. 1.<sup>o</sup>, pag. 79. — Porém

não que não adoptamos), e só das circumstancias do tempo, e lugar, em que se dera o combate, e bem assim dos nomes dos Chefes combatentes. — Para evidenciar o que proferimos não é preciso mais que ler tanto o que refere o *Chronicon Lamecense* (Vej. Dissert. Chronolog. tom. 4.<sup>o</sup> Part. 1. pag. 174); como o respectivo conteudo do *Chronicon Comimbricense*, ou Livro de Noa de Santa Cruz de Coimbra. (Vej. Provas Genealog. tom. 1. pag. 375). Um e outro Chronicon transcrevera tambem o Author que refutamos em a nota XVI da sua Historia.

Ainda todavia o neotorismo anti-historico não cessa de ver se pôde amolgar e achatar a grandeza da Batalha de Ourique. Lança mão de um argumento, que, ainda quando tivesse realidade, por ser *negativo*, nunca poderia destruir a validade dos documentos positivos, que tão claramente testificam a grandeza d'aquelle a todos os respeitos glorioso feito. Que argumento é pois elle? E' o silencio dos escriptores arabes. » Nos diversos escriptores arabes, *dix elle*, que nos transmittiram » a historia de Hespanha neste periodo, não se encontra o minimo vestigio de um tal facto » (2). E' po-

contadas no numero das Amazonas, não consta que se privassem do peito direito. — O nosso Duarte Nunes de Leão na fé de Appiano Alexandrino, historiador grego, conta que nas guerras entre Romanos e Hespanhoes, as mulheres portuguezas armadas acompanhavam a seus maridos nas guerras, e pelejavam tão animosamente como elles; nunca voltando costas ao inimigo, querendo vencer ou morrer. (1) Creio que ninguem se lembrará de sustentar que estas Amazonas se tivessem privado do peito direito. — As Amazonas da America, segundo lemos, differem das Asiaticas no conservarem o peito direito. Vej. *Dictionnaire portatif des Femmes célèbres*, no art. — *Amazonnes*. — *Encyclopedie Methodique, Geographie Ancienne*, tom. 1.<sup>o</sup>, art. — *Amazones*. — Da lição dos indicados artigos assás se poderá colligir quaes tenham sido os sentimentos dos escriptores ácerca das Amazonas. Quaesquer porém que elles sejam é claro que nada ha que embarace a intelligencia que demos ao logar da Chronica dos Godos.

---

Fr. João dos Santos, na Chronica Oriental, nega que no Reino de Monomotapa haja *taes mulheres*. (Part. 1.<sup>a</sup>, fol. 62, v.)

(1) Descripção de Portugal, fol. 150 v. e 151.

(2) Hist. de Portug. tom. 1.<sup>o</sup> pag. 328.

rém isto verdade? E' falsissimo. Temos positivos e graves testemunhos nos escriptores arabes, que confirmam tanto a grandeza do combate, como do destroço dos Sarracenos. O habil Author do *Exame Historico sobre a Batalha do Campo de Ourique* levou esta asserção á evidencia; fazendo este serviço á historia nacional contra a innovação freneticamente depressora. O primeiro dos escriptores arabes, que elle aponta, é *Hamed-el-Nabil*, embaixador do Imperador de Marrocos a Filippe III de Hespanha. Este Marroquino de *multo saber e prudencia*, no *Itinerario*, feito *com a maior critica e pureza de linguagem*, que escreveu na sua volta (em o qual, além da *descripção do que viu, e admirou na Peninsula*, introduzira *todos os feitos principaes* dos Musulmanos desde a invasão de Turik até á Batalha de Alcacer Quibir) não teve duvida, quando chegou á *épocha do facto de Ourique*, de terminantemente asseverar, indicando como causa do *engrandecimento e conquistas* da Andaluzia, » o ter l'Enrik derrotado os Musulmanos; não persistindo estes depois d'isso no paiz, senão quando obravam pacificamente; e que por isso ficaram os Christãos neste paiz senhores de suas terras, e de suas riquezas » (1). Este testemunho tão insuspeito, que attribue á derrota, que os Musulmanos soffreram da parte de Enrik, resultados de tão grave valia, assás mostra a importancia em que os proprios adversarios tiveram a Batalha de Ourique.

O segundo escriptor arabe que desmente a asserção negativa do *novel* historiador portuguez, é, segundo o mesmo erudito Author do *Exame Historico*, Abd-Alhim, o qual na sua Historia, Cap. 33, a pag. 10, diz, reduzido á nossa linguagem, o seguinte: » E neste anno » 533 (1139), desbaratou o general Taxefin as multidões dos christãos no campo de Attibbat; e fez perecer delles um numero extraordinario; e levou de seus prisioneiros seis mil captivos: em consequencia do que partiu para Marrocos, e á sua chegada lhe saíu ao encontro seu pae, o imperador dos musulmanos,

(1) Vej. *Exame Historico* etc. §. 16.<sup>o</sup> e nota etc., onde se acha o respectivo arabe.

» que ficou em profundo desgosto, e cheio de grande « susto » (1). E' bem de ver que o historiador mauritano dera por esta narração aos seus a victoria: Porém que importa? Uma vez que se prove que o *campo de Allibat* seja o mesmo que *campo de Ourique*, e identico o combate, forçosamente se ha de concluir da narrativa do escriptor arabe a grandeza da Batalha, que o historiographo portuguez, antagonista della, absolutamente deprime. — O terceiro escriptor arabe é Muhammed-Ben-Abi, que na sua Historia, Cap. 28, pag. 5, segundo o Author do *Exame Historico*, excepto em dois vocabulos, se exprime pelas mesmas palavras do precedente (2). — Quanto a estes dois historiadores arabes arrogarem a victoria para os seus compatriotas; como se póde ella compadecer com o *profundo desgosto, e grande susto* que della proviera ao Imperador de Marrocos Aly-Ben-Taxefin, conforme os *seus mesmos historiadores affirmam?* (3) Nunca foram estes os effeitos de qualquer victoria, antes de acontecimento bem contrario. Demos porém que haja alguém que seja tão pyrrhónico, que não se resolva a acreditar que as duas ultimas authoridades dos escriptores musulmanos (visto differirem em ponto essencial das Chronicas christãs) alguma coisa tem com a Batalha de Ourique. Ainda assim subsiste a primeira authoridade do citado escriptor arabe, que não tem visos de tergiversavel; e é quanto basta para desmentir a omnimoda asserção: Que nos *diversos escriptores arabes que nos transmittiram a Historia de Hespanha não se encontra o minimo vestigio* de tal facto, a faganha grandiosa de Ourique. — Supponhamos porém mesmo, que nenhum testemunho em favor da existencia, ou grandeza da Batalha de Ourique, extrahido de author sarraceno, que terminantemente o demonstrasse, tivesse visto ainda a luz publica nos prelos do nosso paiz; estava por ventura o inqualificavel historiador portuguez habilitado com todos os dados de sciencia certa,

(1) No §. 16.<sup>o</sup>, pag. 21 e 22, e em a nota etc., que contém o original arabe.

(2) *Exame Historico* §. 18.<sup>o</sup>, pag. 24 e nota etc., que transcreve o original em arabe.

(3) No *Exame Historico* etc., pag. 24.



e necessaria para, com entono oraculino, dar como por caso julgado em ultima instancia: Que nos *diversos escriptores arabes não se encontra o minimo vestigio* do facto de Ourique?... Quem são esses *diversos escriptores arabes* que elle leu, aonde não se encontra o *minimo vestigio* do facto de Ourique? Aponte-os se quer que o acreditemos.... Mas para que é exigir impossiveis de um escrevedor, que nem sequer tem o *minimo vestigio* de sciencia na lingua arabica? E poderá sem este indispensavel conhecimento pronunciar elle uma semelhante bravata? Nunca; que não faça rir o estoico mais merencorio!... Se os examinou pelas traducções, quaes são ellas? Ha de ficar no mesmo, senão peor embaraço. A fanfarronada sim ha de continuar a apparecer sem véo, que a disfarce, e lhe dê côr que valia tenha.

— D'aquellas traducções de authores arabes que poderá apontar, que nenhuma menção fizessem da Batalha de Ourique; uma sim vemos que o historiographo talvez se ufanará de lembrar, e vem a ser a *Historia dos Soberanos Mahometanos* etc. composta por *Abu-Mohammed Assaleh*, traduzida por *Fr. José de Santo Antonio Moura*. Não seria todavia novidade alguma se viesse ao mercado com a indigitação da tal omissão historica. Já o referido traductor o tinha declarado em uma nota ao Cap. 40 da indicada versão. Teve porém o traductor por isso em menos a Batalha de Ourique? Tal ninguem ha de com verdade pronunciar. Eis-aqui a sua nota:

» No reinado deste Principe (Taxefin) em 534 (1139)  
» aconteceu a gloriosa batalha de Ourique, de que o  
» Author (Assaleh) não faz menção, ou porque foi muito desgraçada para os seus, ou porque só entraram  
» nella alguns regulos de Hespanha, o que é mais provavel, especialmente por se achar já então occupado  
» Aly nas guerras entre os Almuhades. » Ainda quando se admitta como mais provavel a causal da omissão, que aponta o traductor, quem ha de d'ahi deduzir que a Batalha de Ourique não mereça a todos os respeitos o epitheto de *gloriosa*? Note-se que é o proprio Author da original e não bazeada *probabilioridade* quem lhe chama *gloriosa*. — Concedamos todavia que fossem só *alguns regulos de Hespanha, que entrassem n'aquella me-*

moravel lucta; segue-se por ventura d'ahi que elles não apresentassem no campo da batalha um exercito numerosissimo, e nelle se não batessem porfiosa, e renhidamente; merecendo este Feito bellico, a todas as luzes, o epitheto de *grande*? Ninguem tal consequencia poderá affirmar, que para logo não seja desmentido por tudo quanto a historia unanimemente tem escripto. Assás já o temos evidenciado (1). — Quem porém ler os testemunhos dos escriptores arabes, que ultimamente dera á luz o Author do *Exame Historico*, ha de com todo o fundamento concluir que a causa d'aquella omissão fôra antes o ser aquella *Batalha mui desgraçada* e fatal para os Mouros. Tão pouco, segundo faz ver o mesmo Author do *Exame Historico*, não é verdade que a guerra contra os Almuhades tivesse *occupado Aly*; pois que tal guerra ainda não existia; nem que este por causa della ficasse inhibido de enviar soccorros á Península, como effectivamente enviou, e nella se achavam, quando teve logar a *Batalha de Ourique*; conforme já fizemos ver. (2). Segundo os Authores arabes, que cita o escriptor do *Exame Historico*, *Taxefin* achou-se até na *Batalha de campo de Ourique*; a ser este o mesmo Campo que o Campo de *Attibat* (3). — Todavia para que é tanta metralhada em materia meramente accidental? — Ha até quem diga que a *Historia de Assaleh* é um manuscripto *errado, suspeito, e mal traduzido*. E' o Author da *Confirmação do Exame Historico sobre a Batalha de Ourique* quem o assevera (4). A elle nos reportamos. — Nem a tal asserção cabe senão áquelle que analyticamente, e com todos os descontos, a puder demonstrar. (5).

(1) Na Primeira Parte desta Obra.

(2) Veja-se a Terceira Parte desta Obra, pag. 73 e seguintes. — Pôde servir para o mesmo intento a passagem transcripta nesta Quarta Parte, pag. 37.

(3) Vej. §. 16.º

(4) Vej. §§. 9.º e 12.º

(5) Como typo analytico (afóra outros motivos de apreço) não podemos aqui deixar de recommendar a leitura do Opusculo — *Commentario Critico sobre a Advertencia do 4.º volume da Historia de Portugal de A. Herculano e Carta annexa de Pasqual de Goyanagos* — composição do mesmo arabista portuguez, Antonio Caetano

Agora mostraremos, que não obstante o supposto silencio (já desmentido) dos Escriptoires arabes sobre a Batalha de Ourique, outros Escriptoires tem havido (e por serem estrangeiros assás sem suspeita) que tratando de materias historicas concernentes aos Arabes, não tiveram a minima duvida de ahi, em logar opportuno, fazerem menção, sem quebra nem mingua, da valia que sempre houvera aos olhos da mais illustrada critica, a façanha do Campo de Ourique. — Seja o primeiro Mr. de *Chenier* na sua Obra — *Recherches Historiques sur les Maures et l'Histoire de l'Empire de Maroc*. No tomo 2.<sup>o</sup>, pag. 43 diz pois o seguinte: » Don Alphonse-» Henriques, Comte de Portugal, qui après les divi-» sions qu'il y eut entre les Chrétiens en *Espagne* dans» les années précédentes, avoit cimenté la bonne intel-» ligence avec l'Empereur *Don Alphonse*, se disposa,» en 1139, à attaquer les Mahométans voisins de ses» Etats: les Alcaldes de *Badajoz*, *Elvas*, *Evora* et au-» tres lieux, unirent leurs forces à celles que *Tessefin*» avoit envoyées d'*Afrique* pour secourir *Oreja* et mar-» cher contre le Prince *Don Alphonse-Henriques* qui» ravageoit déjà le pays appellé *Alentejo*; il étoit près» d'*Ourique*, à peu de distance de la *Guadiana*, quand» ils arrivèrent près de son camp qui étoit sur une hau-» teur. Les Mahométans l'attaquèrent avec la plus» grande ardeur; mais ayant été constamment repous-» sés, ils ne purent le forcer dans ses retranchemens;» les Portugais, en étant enfin sortis, firent sur les» ennemis avec tant d'impetuosité qu'ils les culbutèrent» et les mirent en fuite, après en avoir massacré un» grand nombre. Les Portugais victorieux rentrèrent» dans leur camp et proclamèrent Roi de *Portugal* le» Prince *Don Alphonse-Henriques* (1), qui méritoit cet

*Pereira*. Nelle o erndito escriptor, refutando de um modo triunfante, tanto o conteúdo da *sem par* Advertencia, como da originalissima Carta, magistralmente confirma, e dá inconcussa solidez á doutrina historica e critica, que nos dois folhetos, por nós citados, tiveram expellido.

(1) » Ce Prince vainquit, dans cette bataille, cinq Rois ou Generaux Mahometans, et c'est à cette circonstance qu'on attribue les cinq écus qu'il mit dans l'écusson de ses armes. » (E' nota de Mr. *Chenier*).

» auguste titre autant par sa naissance et ses belles  
» qualités que par la victoire éclatante qu'il venoit de  
» remporter; ce double événement date de 25 Juillet  
» 1139. »

Seja o segundo Mr. de Marlès. Este na Obra —  
*Histoire de la Domination des Arabes et des Maures en  
Espagne et en Portugal*, tomo 2.<sup>o</sup>, pag. 363 e 364, re-  
fere o que vamos a transcrever: » Ce fut vers cette mê-  
» me époque (1139) qu'Alphonse-Enriquez, comte de  
» Portugal, voulant tirer parti de l'armée qu'il avait  
» d'abord destinée contre l'Empereur Alphonse, résolut  
» de la faire servir à étendre ses domaines dans l'Al-  
» garbe. Les walis de Badajoz, de Béja, d'Evora, d'El-  
» vas et de Lisbonne, s'unirent pour lui résister. Com-  
» ptant même sur le nombre de leurs troupes, ils allè-  
» rent l'attaquer dans son camp, situé sur les hauteurs  
» d'Ourique, entre la Guadiana et la rivière de Ca-  
» drao; et ils épuisèrent en d'inutiles assauts la vigueur  
» de leurs soldats. Quand les Portugais s'aperçurent  
» que l'ardeur des Almoravides s'étoit ralentie, ils sor-  
» tirent de leurs retranchemens, et fondirent sur eux  
» avec la plus grande impetuosité. Les Musulmans,  
» renversés par ce choc terrible, se rompirent de toutes  
» parts, et les Portugais redoublant d'efforts achevèrent  
» de les mettre en déroute, après en avoir tué un grand  
» nombre. Ils rentrèrent dans leur camp aux cris de vi-  
» ctoire, et dans ce moment d'exaltation et d'enthou-  
» siasme, ils donnerent par acclamation à leur prince  
» le titre de roi » (1). Eis-aqui como estes Authores es-  
trangeiros, apezar de nenhuma menção della indicarem  
achar em documentos arabes, fallam da Batalha de Ou-  
rique. Aceite d'elles esta lição tão proficua o Historio-  
grapho portuguez, que tão excentrico se mostra ás leis  
da verdadeira e apurada critica!

A' vista do que fica exposto, discutido e demonst-  
rado; quem poderá aturar que se escreva em uma his-  
toria chamada de Portugal que — o facto de Ourique

(1) » On dit que ce fut à cette occasion qu'il mit cinq écus dans  
» ses armoires en mémoire des cinq walis qu'il avoit vaincus dans  
» cette journée. » (E' nota de Mr. de Marlès).

era um facto que pouco devia avultar no meio dos graves acontecimentos, que então se passavam na scena politica, tanto na Península como na Africa? (1). Que escriptor politico, que historiador, que critico, quer nacional, quer estrangeiro, julgou em tempo algum similhantemente, ou cousa que com tal se pareça, da Batalha de Ourique? Nem sequer em um só, a não ser no proprio escriptor que refutamos, se ha de encontrar um tão falso, e iniquo pensar; dizemol-o sem medo de sermos desmentidos.... E na verdade poderá jámais conceber-se que uma Batalha, que dá em resultado a creação de um povo independente, a fundação de um reino, e de uma dynastia que o deve governar; que estabelece uma nova vassallagem pela aclamação de um primeiro Monarcha; poderá sim jámais conceber-se que um facto de similhante magnitude, e natureza não avulte grandemente na scena politica do mundo, sejam quaes forem os graves acontecimentos, que no mesmo periodo tenham tido lugar em qualquer outra parte? Ninguem com verdade o ha de poder imaginar! — Não é por ventura um successo de tal, e tão pouco vulgar especie um grave acontecimento para poder hobrear, ou avultar a par de outros igualmente graves? Um acontecimento porém como a gloriosa Batalha do Campo de Ourique não é só grave, é gravissimo; razão porque devia avultar com especial volume e grandeza entre ou no meio dos mesmos successos mais graves, que então se passavam na scena politica tanto na Península como na Africa. E' assim que deve pensar, e pensou sempre todo aquelle que conhece as leis da severidade dialectica. — Ouça-se agora a pello o conceito que faz da Batalha de Ourique o Chronista Mór do Reino D. Fr. Antonio Brandão: » Esta » é a celebradissima victoria que chamamos do Campo » de Ourique, famosa entre as que venera a antiguidade, » de, pella desigoaldade do numero da gente, pertinacia dos Mouros, e duração de tempo; e no felice » auspicio do Reyno de Portugal muy notavel » (2). Este tem sido o conceito invariavel de todos os nossos Chro-

(1) Vej. Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.

(2) Monarchia Lusitana, tom. 3.º fol. 122.

nistas e Historiadores. — Eu quero porém que o testemunho de uma Sociedade de sabios estrangeiros venha confundir o anti-nacional historiador portuguez. Eis as suas palavras: » Cette glorieuse victoire, qui fut certainement le fondement de la Monarchie Portugaise, fut remportée le 25 de Juillet; et l'on en a depuis tous jours célébré l'anniversaire, pour perpétuer la mémoire de la protection signalée que la Providence avoit accordée à l'Armée Chretienne » (1). E quem jámais d'entre os proprios estrangeiros deixou de reconhecer na victoria gloriosa do Campo de Ourique o *fundamento da Monarchia Portuguesa*? E sendo esta victoria certamente o *fundamento* de uma Monarchia, e *muy notavel no felice auspicio do Reyno de Portugal*, deveria ella então *avultar pouco na scena politica na Peninsula*? Nunca tal e quejanda affirmação se ouviu!...

Terminemos em fim a analyse do já assás remexido, e tundado paragrafo. E' uma contradicção que vamos a notar. » Sabemos só, *dit elle*, que Affonso Henriques desbaratou os sarracenos, cujo chefe denomina do nas chronicas portuguezas o *rei Ismar, Smare* ou *Examare*, corrupção de Omar (2) ou de Ismael, a custo salvou a vida com a fuga. O campo ficou alagado de mortos, entre os quaes se acharam os cadaveres de muitas das mulheres, que alli tinham vindo, e que haviam perecido combatendo como as antigas amazonas » (3). E' visível e mais que visível por esta narração; que o Historiador cujo logar copiámos reconhece agora que, além da circumstancia da heroidade militar das Sarracenas, ha outras circumstancias (taes como o desbarate dos Sarracenos por D. Affonso Henriques, e a fuga de Ismar para salvar a vida), as quaes como aquella igualmente são sabidas. Como é isto? A caso não se lembra já o Author da Historia de Portugal que no principio do paragrafo escrevera: » A' excepção desta (o denodo bellico das mulheres almoravides) as

(1) Histoire Universelle etc. traduite de l'anglais d'une Société de gens de lettres, tom. 29, pag. 322.

(2) Esta corrupção não lha achou o Author da *Confirmação do Exame Historico*, pag. 13.

(3) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.

» circumstancias da Batalha de Ourique ignoram-se inteiramente? » (1). — As asserções ultimas, na verdade, do paragrafo, subordinadas ao termo *sabemos* estão em manifesta opposição com a primeira asserção deste mesmo paragrafo — *ignoram-se inteiramente!* Passemos agora já a outro ramal do grande panal historico.

*Foi ganhada esta batalha (de Ourique) que tão memoravel se tornou com o correr dos tempos, a 25 de Julho de 1139* (2). E' o primeiro periodo do parrafo immediato ao que fica transcripto, que está em scena! — Profere-se, e isto por uma d'aquellas proposições, que em nomenclatura grammatical chamam — *incidentes explicativas*, que a Batalha de Ourique se tornára *tão memoravel com o correr dos tempos*. Que quer isto dizer? Que o tornar-se *tão memoravel* a Batalha de Ourique procedeu do *correr dos tempos*. Temos outro arrepelão para deprimir aquella grandiosa façanha!.... Tira, ou deduz porém a Batalha de Ourique o epitheto de *tão memoravel* do *correr dos tempos*, ou torna-se ella por si mesma digna d'elle? A solução deste problema de apreciação e estimativa historica está pela affirmativa da segunda parte da interrogação. Não ha por certo um só escriptor, assim nacional, como estrangeiro, que tenha tratado da Batalha de Ourique, cujas palavras, testificando a sua grandeza e vulto entre os factos do mundo historico, não estejam simultaneamente reconhecendo que ella é, por força da sua mesma indole, *tão memoravel*. A leitura das passagens extrahidas dos Escriptores, que temos citado ácerca da Batalha de Ourique (e citaremos ainda) nesta *Contraposição critico-historica*, bastarão para sobeja prova. E não é por ventura logo memoravel em si mesma, e não pelo *correr dos tempos*, uma Batalha em que um pequeno e mui desproporcionado numero de combatentes destroe uma força incomparavelmente maior? Uma Batalha que dera o ser politico de nação aos vencedores, que tão denodadamente sacudiram o jugo sarraceno? Um feito desta cathegoria é sempre essencial, e intrinsicamente sobre maneira *me-*

(1) Hist. de Portng. tom. 1.º pag. 328.

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.

*snoravel*, sem precisar do *correr dos tempos* para ganhar uma tal qualificação. Porém que digo?... Documentos, se não coetaneos, pelo menos de idade mui proxima lhe deram (á Batalha de Ourique) o nome de *grande*, *Magnum bellum* (1), *Lis magna* (2). Se esta Batalha pois foi logo, em seu berço ou pouco depois, historicamente tida e havida por *grande*; é bem de ver, que na sua mesma natural grandeza, sem precisar do *correr dos tempos*, houve todos os precisos elementos para se tornar *tão memoravel*.

Porém o que corda, e põe culminante remate á ignorancia, ou á má fé, ou a uma e outra cousa, é o que immediatamente se segue: » Não consta, porém, » ao certo quaes fossem as consequencias della » (3). Que, depois de mais de sete seculos de existencia de um acontecimento tão celebre pelo que era em si mesmo, como pelos immediatos, e successivos resultados, que delle, como de primaria causa e origem necessariamente se deduziram, viesse um *improvisado* historiador apresentar aos olhos do publico, escripto em letra redonda, que — *não consta ao certo quaes fossem as consequencias da batalha de Ourique*; — é uma heresia historica de um lote e dimensão tal, que sobe acima de todo e qualquer anathema que contra ella dardeje a sciencia; por mais estrepitoso e fulminante que elle seja! — Que um Iroquez, um Tapuia, um Tupinamba, ou qualquer outro bipede da racional selvatica especie, taboa raza em materias de historia de Portugal e de outros paizes civilizados do universo, viesse á luz publica com tal requinte de absurdo, pensando que proferia pela boca fóra um *bocadinho d'ouro*; este pobre homem, ou pobre duende teria desculpa, e mereceria até compaixão de tão crassa e lanzuda estupidez!... Porém que um *genio*, um *oraculo* de litteratura tão *idolatrado*, um *typo* sem *segundo* em materias historicas dos nossos *felizes anti-fosscis* dias; uma penna que a todos, mais que o cypreste (se bem que é arvore de máu agouro!) entre os flexi-

(1) Chronica Gothorum.

(2) Chronicon Coimbricense.

(3) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.



veis vimes, pretende e quer sobresahir, se fizesse réo de um absurdo de tão agigantadas dimensões, é fenomeno que ha de parecer a todo o mundo incrível enxergar-se na atmosphera dos humanos desvarios! — Na verdade, quem ha que tenha alguns laivos, ou tintura da historia de Portugal, que ignore as *consequencias* certissimas e mui sabidas de toda a gente, que provieram da Batalha gloriosa do Campo de Ourique? Quem não sabe, ou pelo menos não deve saber, que da victoria de Ourique *deduz Portugal*, como se exprime o grande Oratoriano Pereira de Figueiredo, *os seus principaes Brazões?... (1)*. O testemunho de uma illustração tão conspicua seria bastante para dar o merecido garrote áquella falsa e audacissima asserção do historiador portuguez! — Eu quero porém ainda mais zurzir a impudencia, com que se ousa desdenhar da verdade conhecida e havida por tal. Foi uma consequencia immediata da Batalha gloriosa de Ourique — *o grande abatimento, em que depois ficou a valentia e audacia dos Sarracenos*. — E' um Documento de mui grave pezo que o testifica por estas expressões: *Et ex illo tempore fortitudo et audacia Sarracenorum valde infirmata est*. O Documento a que nos referimos é sem tirar, nem pôr a Chronica dos Godos (2). — E' de notar que entre os proprios escriptores arabes (e isto altamente confirma a veracidade da Chronica dos Godos) ha quem falle neste mesmo sentido: » E dizem alguns dos sabios precedentes sobre o governo da Andaluzia, que ella muito se engrandeceu: e na verdade conquistou com boa posse muitos dos logares os mais notaveis: e foi isto depois que l'Enrik derrotou os musulmanos: não persistiram estes depois d'isso no paiz, senão quando obravam pacificamente; e por isso ficaram os christãos neste paiz senhores de suas terras, e de suas riquezas. » Assim se expressa Hamed-el-Nabil no seu *Itinerario*, conforme traduziu o erudito Author do Exame Historico (3).

Foram tambem *consequencias* indubitaveis da Bata-

(1) Elogios dos Reis de Portugal, pag. 15.

(2) Veja-se o fim do artigo della, que fica copiado a pag. 29 etc.

(3) A pag. 20, §. 15.º

Iha de Ourique essa alluvião de conquistas, que o grande Monarcha D. Affonso Henriques fôra fazendo aos Mouros no territorio lusitano occupado pelos barba-ros: A conquista de Santarem, de Lisboa, Palmella, Almada e Cintva: de Leiria, Torres Novas, Obidos, Alenquer e outras muitas Terras entre o Mondego e o Tejo, das quaes dentro em poucos annos elle se asse-nhoreára, batendo e expulsando os invasores. — Accres-cente-se ainda a estas a conquista do Alemtejo. — Não fallo das importantes consequencias tanto politicas, co-mo religiosas, que nos aponta a historia, que sem con-troversia, são effeitos provenientes d'aquelle grande e heroico feito. — E' na verdade bem para admirar, ou antes para censurar, que tendo sempre todos os escripto-res nacionaes e estrangeiros reconhecido e confirmado em suas Obras a existencia indubitavel das *consequen-cias* da Batalha de Ourique, só o *decantado* historiador-*typo* da presente época a viesse pôr em duvida! Tanto é o furor que o domina contra tudo o que tem relação com a grandiosa façanha de Ourique! — Fallámos de Es-criptores estrangeiros, e a proposito aqui temos um fran-cez dos nossos dias, que na sua Obra — *Précis de l'His-toire du Moyen Age* — não teve duvida de dar a sub-missão da Beira e da Estremadura como *consequencia* da Batalha de Ourique. *La soumission du Beira et de l'Estremadura avait été la suite de la bataille d'Ourique.* O Author desta asserção é M. des Michels, Reitor da Universidade d'Aix, antigo Professor de Historia nos Collegios Reaes de Henrique IV e de Bourbon, a pag. 245 da citada Obra.

Porém a estrambotice caricata ainda tem o seu ar-rebique. Eil-o-aqui: » A mais provavel, continúa elle, » é a das devastações ordinarias nestas correrias, quan-» do eram bem succedidas » (1). Que é isto? Pois a Acção do Campo de Ourique, que devia durar para mais de sete horas renhidas, como todos sabem (2), pôde jámaia

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.

(2) » *Commissum praelium est sanguinolentum, pertinax, dintur-» num, à prima diei hora usque ad meridiem.* » (De Antiquitati-bus Lusit. Lib. 4. etc.). Assim André de Resende com todos os es-

ser contada no numero das *correrias*? Nunca; a não se transtornarem todas as idéas geral e constantemente recebidas. — O Historiador porém novamente se contradisse; por quanto no periodo anteriormente citado e transcripto (1) já lhe dera o nome de *Batalha*! Ora se a Batalha de Ourique não pôde sem contradicção ser classificada como *correria*; como quer o historiador tirar como *mais provavel* uma consequencia d'aquillo que ella não é? — E que? Não é a *correria* em si mesma uma *devastação ordinaria*? — Porém deixemo-nos de metaphysicas... Que fundamentos historicos (perguntaremos antes) teve o escriptor da Historia de Portugal para concluir aquella probabilidade em favor da apontada consequencia? Ha de forçosamente ficar de todo embaraçado. Affoutamente porém lhe dizemos, que nenhuns fundamentos teve!... O Historiographo por tanto arvorou em probabilidade aquillo que não era mais que pura e diafana fantasia!... E é assim que se alardeia de escrever uma historia altamente *documental*? Ao contrario é assim que a historia se *romantiza*, ou antes se *desnacionaliza*!... Não ha pois um só vestigio de taes devastações, mencionado nas historias, praticadas em seguida á victoria de Ourique por D. Affonso Henriques. E, quando se pertende desmentir isto, não se desmente com uma probabilidade meramente imaginada!... D. Affonso Henriques depois da gloriosa Batalha de Ourique retirou-se com os despojos, e prisioneiros para Coimbra; e não consta que nesta retirada fizesse alguma devastação (2). Nem mesmo tinha logar semelhante procedimento, visto *tornar-se*, como consta, a *suas terras*. (3).

Mas a veia romantica ainda se não estancou. Continúa ainda a gotejar! Depois do tal memorando periodo, em que com manifesta falsidade, como já fizemos

criptores. — Segundo o calculo da Tabella Astronomica o nascimento do Sol no dia 25 de Julho (dia da Batalha de Ourique) é em o nosso paiz ás 4 horas e 51 minutos. Isto prova que é bem fundada a duração que demos ao referido combate.

(1) Na pag. 64 desta Quarta Parte.

(2) Duarte Galvão, Chronica de D. Affonso Henriques, pag. 25.

(3) Monarchia Lusit. 3.<sup>a</sup> Parte, folha 122, v.

ver (1), o escriptor historico assaca que o proprio D. Affonso Henriques dera o nome de *fossado* á sua *audax empresa*, vem logo após a seguinte passagem: » As circumstan-  
» cias peculiares que neste (fossado) concorreram, sen-  
» do o primeiro tentado pelos portuguezes além do Te-  
» jo, e conduzido pelo proprio infante no sertão do Al-  
» Gharb, aonde nunca, ou raro, os christãos haviam  
» chegado, contribuíram, acaso, para que a tradição  
» engrandecesse pouco a pouco o successo, a ponto de o  
» tornar maravilhoso até o absurdo » (2). Este discurso é de uma frivolidade e ineptia tão alheia e absona ao bom senso historico, quanto destituído de toda a sombra de força para menosprezar a Batalha de Ourique, como tanto se pretende. E' uma lembrança originalissima de um calibre o mais aereo, e insubsistente. — Que *circumstancias peculiares* são essas que *concorreram* nesse *fossado* (a Batalha de Ourique segundo a tão aviltante e inaudita nomenclatura do novo historiographo) para que a *tradição engrandecesse pouco a pouco o successo a ponto de o tornar maravilhoso até o absurdo*? Não basta só dizê-lo; é preciso comprobativamente verificá-lo. — Como é outrosim que essas *circumstancias* contribuíram para que a *tradição pouco a pouco* produzisse o indicado engrandecimento, como seu inherente effeito? Quem inculca uma cousa com um determinado e qualificativo modo de obrar, é preciso que faça ver os fundamentos d'essa definitiva determinação. — E na verdade é sobre modo curioso saber-se, porque motivo as taes *circumstancias* obraram antes *pouco a pouco* do que de repente, ou de pancada. Esta differença tão nova exige necessariamente uma razão favorita, um esteio, um sustentaculo, que o historiador deve apontar, se quizer que devidamente o acreditemos. — Em que época em fim era o successo só meramente *maravilhoso*, e quando chegou elle a sê-lo até *o absurdo*? A todos estes quesitos se acha obrigado a cabalmente satisfazer quem quer que fôr que fallar de um modo tão categoricamente desusado! — Mas para que é apertar tanto com o adversario,

(1) Veja-se a Parte Terceira, pag. 77 e seguintes.

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328 e 329.

quando elle proprio já indicára o fundamento da tal es-  
puria e mal cabida asserção. Qual é pois elle? Ouçam  
todos os criticos e não criticos, apaixonados, e não apai-  
xonados: E' um puro, e isolado *acaso*, que, como to-  
dos sabem, é o synonymo de *talvez* ou *por ventura*, uni-  
camente apparece em scena!... E' porém um simples  
*acaso*, que por si mesmo está indicando a incerteza d'a-  
quillo que se affirma; fundamento ou baze alguma his-  
torica, que como tal se possa produzir? Nunca. Tal ex-  
pressão denota apenas hypothese, e jámais realidade. As  
hypotheses porém não conciliam credito á historia, antes  
tiram-no. — Agora direi que o historiador com simi-  
lhante conjectura commetteu um crassissimo e indescul-  
pavel lapso de ignorancia. Sim, quem ha que tenha al-  
gum laivo da historia do paiz, que não saiba que a tra-  
dição não foi *pouco a pouco* que foi engrandecendo o  
successo da Batalha de Ourique? Foi pelo contrario o  
successo mesmo que, logo em sua origem ou pouco me-  
nos, foi havido por *grande*, sem precisar da tradição pa-  
ra *pouco a pouco* se engrandecer. Que dizem della os do-  
cumentos quasi contemporaneos, ou, quando mais não  
seja, do mesmo seculo? A Chronica dos Godos e o Livro  
de Nôa de Santa Cruz de Coimbra dão-lhe o nome de  
— *Grande. Lis magna, magnum bellum*, como já vimos.  
Ora se a Batalha de Ourique documentalmente appa-  
receu *grande* no seculo ou mesmo na época em que ti-  
vera logar; não precisava da tradição para *pouco a pou-  
co* se engrandecer. — Disse *na época em que tivera lo-  
gar* a Batalha de Ourique; por quanto o historiographo  
tem a *Chronica dos Godos por um monumento coevo com  
os tempos que memora* (1).

Ainda todavia o antagonista não deu fim á desan-  
da contra o prodigio heroico de Ourique. Continúa o  
chorrilho: » A inclinação aos encarecimentos chega a  
» elevar o numero dos vencidos a quatrocentos mil  
» sarracenos, e a fazer intervir na tentativa o proprio  
» Deus » (2). Que prova dá o historiador de que o nu-  
mero dos vencidos elevado a quatrocentos mil, fôra ef-

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º, nota 16.ª

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 229.

feito de *inclinação aos encarecimentos*? Dará por ventura alguma prova historica e documental? Aonde porém encontrou elle titulo algum autographo, ou apographo, que ineluctavelmente evidenciasse que aquelle numero era effeito de *inclinação aos encarecimentos*? Em parte alguma; ha de necessariamente ouvir pela voz unanime de todo o mundo. Se pois o escriptor não póde provar, e confirmar aquillo que avança, para que o ha de pronunciar como certo? Imaginou, como dizem, lá com os seus botões (e olhe que não é linguagem de *má nota!*) que o tal numero era encarecido; e é isto bastante para se dar por certo aquelle *encarecimento*? Não é por meros actos de consciencia psychologica, que se decidem os factos historicos, e se estabelece a existencia, ou não existencia de successos, ou phenomenos, que tem o seu ambito fóra d'ella. E' sim pelo testemunho externo dos que veridicamente a testificam. Se este não existe, mal se póde avançar qualquer asserção em abono ou desabono de um facto, ou attribuir um effeito qualquer a uma designada causa. O escriptor (a quem tudo quanto é da Batalha de Ourique cheira a patranha de era Affonsi-uba) faz-lhe espanto, por não dizer medo, a bicharia musulmana, que veio contra o vencedor de Ourique? Julgou pois que nas paginas da sua *extremamente verdadeira* historia não podia caber tão grande e estupenda móle. Procurou então meio de a despenhar e submergir no abysmo do insignificante nada. Julgou elle de si para si que o numero era indubitavelmente romantico, e como a *inclinação* de tudo votar ao encarecimento é o seu character predominante, para ahi atirou com aquelle avultado, e por elle não recebido calculo. Esta dialectica porém está muito longe de ser de um historiadador qualquer; pois que este só deve levar-se d'aquillo que tem justo e seguro fundamento.

Na verdade porque o numero dos vencidos é excessivamente grande; deve-se logo concluir que proviera de *inclinação aos encarecimentos*? Não por certo; aliás decabiriam do credico, que sempre tem tido, varias das batalhas da historia antiga, e mesmo até da moderna. Não é bastante proferir — *houve encarecimento* — é necessario demonstral-o. Ora quando nomes respeitaveis

escrevem, e admittem factos, ou circumstancias, que passam da esfera ordinaria dos usuaes successos, não é com um simples dizer — *houve encarecimento* — que se deita abaixo a fé que merecem. Para destruir o que elles referem é necessario duas cousas, ou mostrar que elles não tinham fundamentos para asseverar aquillo que escreveram, ou que aquelles fundamentos que tiveram não eram solidos, e convincentes. Nada d'isto fizera o historiador, que combatemos, logo deve ficar illeso nas paginas da historia aquillo que escreveram os dois dos mais antigos Chronistas portuguezes, Duarte Galvão, e Christovão Rodrigues Azinheiro, e depois delles A. de Rezende, Nunes de Leão, D. Fr. Antonio Brandão, Manoel de Faria e Souza, e outros muitos authores em todas as épochas (1). Póde bem ser que elles enunciasssem uma illusão, uma falsidade. E' preciso porém analyticamente fazel-o ver. Sem esta operação critica e demonstrativa deve subsistir como admissivel aquillo que elles escreveram. A proposito diz Mr. la Clede: *Todo*

(1) Não queremos com isto dizer que os mencionados escriptores estejam de accordo relativamente ao numero dos combatentes dos dois exercitos. — Pelo contrario ha n'isto variantes. Duarte Galvão refere que da parte dos Mouros a *multidão* era *infinda*, havendo-se por certo serem pouco menos de cento para um Christão: sendo os Portuguezes apenas onze mil. (Chron. de D. Affonso Henriques, pag. 17 e 22). — Christovão Rodrigues Azinheiro segue, a este respeito, a mesma opinião, e só diversifica em dar cem Mouros para cada Christão. (Chronic. etc. pag. 21, e 23). — Duarte Nunes de Leão está inteiramente de accordo com o precedente. (Chron. etc. fol. 27 v. e 28 v.) D. Antonio Brandão faz onze, ou *segundo alguns, dose mil homens aos Portuguezes, e quatrocentos mil aos Sarracenos, segundo authores graves; dando por tradição recebida* de que eram quasi cem Mouros para um Christão. (Monarch. Lusit. tom. 3.º fol. 117). Manoel de Faria e Sousa dá ao exercito dos Sarracenos cinco Reis, (alem de quinze regulos) com oitenta mil homens cada um, e traze mil homens aos Portuguezes. (Europ. Port. tom. 2.º pag. 40). — No meio desta variedade cum tudo de opiniões uma certeza se collige, e vem a ser: Que todos estes escriptores estão de accordo em que o numero do exercito Sarraceno era incomparavelmente muito maior que o do Christão. Nem outra cousa se deve, ou póde colligir sensatamente á vista dos tses mencionados calculos. — E' de notar que ninguem ainda nos seculos seguintes tivesse combatido esta conclusão, antes confirmado-a. Nesta classe, omitindo outros, não podemos deixar de mencionar os dois grandes sabios, D. Fr. Manoel de Cenaculo (V. Cuidados Litterarios pag. 389), e Antonio Pereira de Figueiredo. (V. Elogios dos Reis de Portugal, pag. 15 etc.).

o exercito (falla dos Mouros) *montava a mais de trezentos mil homens, numero incrível, se não fosse attestado por todos os historiadores deste paiz.* » Toute l'armée monte à plus de trois cens mil hommes, nombre incroyable, s'il n'étoit attesté par tous les historiens de ce paiz (1). » Aqui temos um historiador estrangeiro, de bem conhecido nome, que, á vista do que attestam todos os historiadores do nosso paiz, não julga *encarecimento* o mencionado numero do exercito Sarraceno. Respeita o que referem os historiadores portuguezes.... E na verdade ou elles tirassem o numero grandioso dos sarracenos de antigos documentos, ou tão sómente referissem aquillo que houveram por tradição, em ambos os casos tem direito á nossa credibilidade; em quanto se lhes não mostrar com fundamentos historicos o contrario. — Subsiste por tanto em todo o seu vigor contra o antagonista a *geral approvação dos authores, os quaes escrevendo da Victoria de Ourique confessam ser grandissimo o exercito dos Mouros e mui limitado o numero dos Portuguezes* (2). Sirvo-me das palavras de um dos nossos mais insignes historiadores.

Ainda leva mais a barra adiante o historiographo innovador. Avança tambem que a *inclinação aos encarecimentos* fizera *intervir na tentativa o proprio Deus*. Quem disse, ou por onde fundamentalmente constou ao *originalissimo* escriptor historico, que o *fazer intervir o proprio Deus* fôra effeito da *inclinação aos encarecimentos*? Por mais que volva e revolva toda a archeologia historica não ha de achar rastro, sequer, que o favoreça. Para que pois escreveu cathegoricamente uma cousa, que não poderá provar? — Analysaria elle o facto para desta analyse tirar a conclusão que da *inclinação ao encarecimento* proviera o *fazer-se intervir na tentativa o proprio Deus*? Por certo que não. Quem analysar o facto glorioso de Ourique, ou como o seu adversario falsamente lhe chama por menoscabo, a *tentativa*, ha de pelo contrario reconhecer, por força de convicção e não por *inclinação aos encarecimentos*, que naquella façanha de-

(1) Hist. Gen. de Port. tom. 2.<sup>o</sup> pag. 83.

(2) Monarchia Lusitana, Parte 3.<sup>a</sup> folha 117 v.



via haver intervenção divina. E na verdade quem não ha de reconhecer uma intervenção sobrenatural, e divina na victoria de um exercito tão pequeno sobre outro incomparavelmente muito maior, e por muitas outras circumstancias altamente temivel? — Houve um sabio de grande renome, que nos fins do seculo passado miudamente as expendeu para mais evidenciar o extraordinario da Acção (1)!....

Demos porém já que o exercito dos Mouros não fosse de trezentos, nem quatrocentos mil homens, mas que fosse de trinta, ou quarenta mil, e o dos Portuguezes de onze a treze mil, segundo dizem; não é por ventura um prodigio, fóra de tudo quanto se podia esperar das forças humanas, o desbarato de um tão grande exercito por aquelle que lhe era tão inferior em força? Se os phenomenos acima da ordem commum physica, e moralmente constituida se não avaliam por estes parallelos, por que outros se poderão avaliar? Em todos os successos desta natureza, a philosophia, ainda mesmo do chamado Deista, que reconheça a providencia do Arbitro Omnipotente sobre o universo, não deixa de confessar a manifesta e especial influencia de sua mão poderosissima. E porque causas ordinarias se poderão explicar successos tão caracteristicamente extraordinarios? Por nenhuma; aliás o effeito seria maior do que a pretendida causa. Ora que obice prohibe ao historiador, uma vez que não seja de typo atheu, recorrer á intervenção da Divindade, quando vê que o successo é d'aquelles que se elevam acima do calculo do poder humano? Ha no mundo tanto physico, como moral algumas vezes successos, phenomenos tão fóra da orbita commum, que para o historiador, ou philosopho lhe assignar uma causa é preciso remontar-se á origem suprema de todas ellas, e exclamar: *Digitus Dei est hic!* Este pensar não é resultado de inclinação a encarecimentos, é effeito de uma convicção eminentemente dialéctica, a que o leva por si mesma a grandeza do acontecimento. E' com razão para cortar taes nós que é preciso fazer intervir o *proprio Deus*:

(1) Vej. Cuidados Litterarios, pag. 379 e seguintes.

» za » (1). E quem duvidou jámais que o fosse? Acaso o testemunho dos Chronistas antigos, e ainda dos historiadores modernos, não é bastante para se acreditar que a batalha de Ourique fôra a *pedra angular da Monarchia portugueza*? Acaso valerá menos o seu parecer que o desdem do novissimo historiador portuguez? Nunca. Aquella unanimidade é pois bastante para o rebater! (2) — E' innegavel além d'isto que a Batalha de Ourique tem em si mesma um valor intrinseco acredor d'aquella qualificação. Entre os historiadores modernos, que por semelhante modo ajuizam da Batalha de Ourique, cumpre não menos comprehender os estrangeiros. Aqui tenho eu, para que não fique o dito sem prova, Mr. *Anquetil*, Membro do Instituto Nacional de Paris. Dis elle: *La fondation du royaume du Portugal date de cet événement memorable* (3). — Que admira porém que tão devidamente avalie a Batalha de Ourique em tempos modernos um escriptor francez, quando ha mais de dois seculos, e ainda mais expressivamente, pronunciára já o mesmo juizo um dos mais conspicuos historiadores da nação visinha, e nossa antiga rival. E' elle *Juan de Marianna*. Qualifica pois este escriptor (que ninguem dirá ter apadrinhado os portuguezes) a Batalha do Campo d'Ourique por uma *das mais memoraveis que se vieram n'aquella era, depois da qual em breve o poder e forças de Portugal se augmentaram sobre maneira* (4). Algum historiador mais da mesma nação appareceria em publico, se necessario fosse, em defeza da verdade incontestavel que sustentamos. E' porém escusado.

» Alli, *prosegue o historiographo portuguez*, os soldados, no delirio de tão espantosa victoria, de que  
» haviam sido instrumentos e victimas cinco reis mouros, e os exercitos sarracenos d'Africa, e de Hespanha  
» acclamaram monarcha o moço principe, que os con-

(1) Hist. de Portug. pag. 329.

(2) Conforme a esta unanimidade está o testemunho da historia universal, (Histoire Universelle, etc.) transcripto a pag. 40 desta Parte.

(3) Précis de l'Histoire Universelle, tom. 7.<sup>o</sup> pag. 104.

(4) Historia de España, L. X. Cap. XVII do tom. 4.<sup>o</sup> pag. 115.

» duzira ao triumpho » (1). Que contradicções tão manifestas e palpaveis não saltam aos olhos do analysador que tiver a curiosidade de comparar este periodo com aquillo que anteriormente o author da Historia de Portugal escrevera para deprimir a Batalha de Ourique? Chama-lhe agora *victoria espantosa*, e tão espantosa, sim, tão espantosa, que produziu nos soldados o *delirio* (enthusiasmo forte e espontaneo) *de acclamarem monarcha o moço principe, que os tinha conduzido ao triumpho!...* Ainda porém no periodo antecedente avaliára elle a façanha de Ourique, como um facto, que *pouco devia avullar no meio dos graves acontecimentos, que então se passavam na scena politica, tanto na Peninsula, como na Africa!...* (2) Que é isto? Uma *victoria tão espantosa*, que dá em resultado tão grande successo, é por ventura um *facto*, que pouco devia avullar no meio do que se *passava na scena politica*, não digo já na *Africa*, mas até mesmo na *Peninsula*? Ou não é *victoria espantosa*, ou se o é, não está n'aquelle caso de *pouco*, antes de muitissimo, *poder avullar na scena politica* dos povos civilizados.

Que mais temos? Em outro paragrafo mais remoto confessa elle, ou antes assevera, que os Sarracenos da Peninsula de necessidade deviam *buscar recursos em si proprios servindo-se para cortar o passo aos christãos*, por occasião da Batalha de Ourique, *unicamente das forças, que partindo para a Africa lhes deixára Tachfin* (3). Agora neste paragrafo, que analyzamos, vem historiar á face de todo o universo que o quizer ler, que na *espantosa victoria* foram *victimas* do destroço, além dos cinco reis mouros, os exercitos sarracenos d'*Africa* e de *Hespanha*. Ora se D. Affonso Henriques venceu no Campo d'Ourique não só o exercito dos Sarracenos de Hespanha, mas tambem o de Africa; como é que se pôde concluir que os Sarracenos de Hespanha estavam só entregues aos *propios recursos*; isto é, aos desta terra? Ou o exercito da Africa já se achasse na Peninsula, quando del-

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 329.

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 328.

(3) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 325.

la partiu Tachfin, ou viesse para ella depois da partida delle para Marrocos; em qualquer dos casos não se poderá affirmar que os Sarracenos da Peninsula tamsómente *buscassent recursos em si proprios*. Ao contrario pelas proprias palavras do nosso historiographo se está vendo que os Sarracenos peninsulares tiveram além do seu exercito na Batalha de Ourique, um exercito da Africa (1). — Mas que digo? Como é que um combate a pé quêdo, e, como vulgarmente dizem, á barba teza, entre tão innegavelmente formaes exercitos, a ponto de produzir a favor de um d'elles uma *victoria espantosa*, pôde ter o nome de *correria* ou *fossado*, como já vimos, lhe chama o historiador portuguez? (2) Taes nomes dados á Batalha de Ourique são a mais completa contradicção, por não lhe chamar irrisão, ao que fundamental e positivamente depõe a historia; e por isso dignos de tudo quanto é desprezo! — Ainda mais: Como é que o historiographo, por mais subtil que se inculque, pôde conciliar a idéa de *fileiras rareadas* (3) da parte dos Sarracenos na Batalha de Ourique, confessando na sua historia ao mesmo tempo que elles apresentaram em combate nada menos que dois exercitos, um da Hespanha, outro d'Africa? Certo; se não são bastantes dois exercitos para tornarem compactas as fileiras dos combatentes, caricatamente se lhes dá tal qualificação. — Se o mui singular historiador porém, qualificando de *tão espantosa victoria* o Feito de Ourique, no que expõe, talvez ironicamente, repete tamsómente aquillo que contam os *chronistas antigos, e ainda os historiadores modernos*; esta mesma narrativa, em opposta unanimidade

(1) Lembramos tambem aqui que o historico depreciador, mais adiante, (esquecido por certo do que anteriormente asseverára) de ra em tom de sciencia certa, e até com um *pelo menos* para maior segurança, só os chefes musulmanos do Alentejo, sem alguns outros que se lhes unissem, sahidos a campo *para atalhar a invasão do terrível Ibn Errik*, por outra, D. Affonso Henriques (1). E' mais outra contradicção, com que nos brinda!

(2) Veja Parte Terceira desta Obra, pag. 96 e seguintes.

(3) Hist. de Portug. tom 1.º pag. 321.

---

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327.

contra o Author da Historia de Portugal, indubitavelmente está outrosim condemnando as extravagantes innovações, que elle dera á luz para deprimir o Feito grandioso de Ourique.

E' todavia bem para notar que o acintoso menospreciador da Batalha de Ourique, sem o saber, ou sem o pensar, deixasse escapar no parrafo que temos analysando expressões que até a exaggeram. Sim, assevera elle alli terem sido *victimas em tão espantosa victoria cinco reis mouros*. Em que documento, ou instrumento historico achou elle que os cinco Reis mouros vencidos em Campo d'Ourique por D. Affonso Henriques fossem qualificados com o nome *de victimas*? Em nenhum de certo o achou, nem o ha de achar. E poderá, ou deverá ter o nome de victima aquelle que foge a toda a brida para escapar ao ferro do vencedor? Diremos antes que escapou de o ser. Ora todos sabem que Ismario e todos os que estavam com elle, vendo o caso mal parado, para não serem *victimas*, tomaram, como dizem, *as de villa Diogo*, ou por outra, deram ás trancas: *Fugit ipse, et omnes qui cum eo erant* (1). Fugiu não só Ismario, mas tambem os Reis que com elle se achavam, conforme explica André de Rezende: *Fugit ipse* (Ismario), *et una Reges, qui cum eo erant* (2). — E quem jámais deu o nome de *victimas* aos que escapam ao inimigo fugindo, e não só, e precisamente aos que ficam mortos no campo da Batalha? *Victima* por tanto em relação a um combate, ou *victoria espantosa*, ou não *espantosa*, é só aquelle que nella perdeu a vida, e não aquelle que a salva pela fuga. E na verdade aonde está aqui o sacrificio essencialmente inherente á idéa de *victima*? E' por ventura fugindo que se sacrifica a vida em defeza da patria? O tal novo typo de *victimas* é sem duvida de um character, e vestidura caricata!... A Batalha de Ourique não precisa dellas para ter, como sempre teve, a cathegoria de *grande*!...

Agora perguntarei (e não é vã curiosidade) se é certo que D. Affonso Henriques, quando dera a Bata-

(1) Na Chronica Gothorum.

(2) De Antiq. Lusitan. Lib. 4. pag. 270.

lha de Ourique, donde o *acclamaram Monarcha*, estava ainda no caso de se lhe poder dar a qualificação de *moço príncipe*, que lhe apropria o Historiador portuguez no trecho já copiado? (1). Diremos que não. E pois até podemos ter, estribados em bom apoio, por erro historico a tal característica. D. Affonso Henriques tinha *quarenta e cinco annos de idade*, quando se achou n'aquella gloriosa empreza. E' isto o que refere o Chronista Christovão Rodrigues Acenheiro na Chronica dos Reis de Portugal, Cap. 3.<sup>o</sup> pag. 24 (2). O periodo da mocidade, ou idade de moço só se comprehende desde 14 até 24 a 25 annos, como facilmente se poderá saber por qualquer Dictionario, que não fôr mesquinho de explicações. Ora quarenta e cinco annos já é idade muito afastada d'aquelle computo. Mocidade de 45 annos é lá para a primeira idade do mundo! D. Affonso Henriques não era porém contemporaneo de Isaac!...

Porém demos que o computo de Acenheiro possa ser rejeitado, visto a materia ser controversa. Acaço tal rejeição é argumento algum, nem apparente, para que o historiographo enuncie como certo que a D. Affonso Henriques competia n'aquelle tempo a qualificação de *moço príncipe*? De nenhuma maneira. Antes é muitissimo para estranhar que qualquer escriptor inculque em suas obras com caracter de certeza aquillo que não passa de ponto controverso (3).

(1) A paginas 54.

(2) Vej. o 3.<sup>o</sup> vol. dos Ineditos da *Historia Portugueza*, publicados pela Academia Real das Sciencias.

(3) A questão sobre os annos que tinha D. Affonso Henriques, quando commandou a grande, e gloriosa Acção de Campo d'Ourique, nasce da incerteza que ha a respeito do anno do seu nascimento. Pereira de Figueiredo menciona seis opiniões diferentes. De todas porém aquella que lhe merece mais fe é a que põe o nascimento de D. Affonso Henriques no anno de 1094. Esta opinião foi a mesma que seguiu Maria, Brito e Marianna, guiados pela Chronica de Duarte Galvão, como o referido erudito nota (1). Ora vê-se que Acenheiro tambem estava em identica opinião, (que é a que tem mais voga) quando historiou ser de 45 annos aquelle príncipe, ao tempo d'aquelle famosa Batalha. — Ha todavia quem modernamente tenha

---

(1) Vid. Elogios dos Reis de Portugal, nota 2.<sup>a</sup>

Continuemos a trasladar: » Algumas porém das memórias, ou coevas, ou mais proximas, contentam-se de exaggerar o numero dos inimigos, omitindo as outras particularidades, que o tempo foi accrescentando ao successo » (1). Que memórias são essas coevas ou mais proximas, que cabiram em tal asseverada exaggeração? Indique individualmente os seus nomes; por quanto generalidades são farras românticas, que nenhum pezo fazem na balança da credibilidade historica! — Transcreva os logares em que se dá, e existe a exaggeração de que aquellas memórias são accusadas. Não basta porém só isto. E' preciso que com testemunhos de maior força elle apoie, e evidencêe a arguida exaggeração. Em quanto o antagonista historico não satisfizer a estes requisitos, a sua asserção é uma pura e fantasiada abstracção sem algum signaculo de realidade. — O Historiador porém apresenta um aranzel da sua lavra, que elle pretende embutir como fundamentos inconcussos do que affirmára. Eil-o aqui todo inteiro: » Dizemos exaggerar, porque o limitado das forças almoravides, que guarneciam a Hespanha musulmana, segundo se vê do que anteriormente narrámos, e a rapidez da iavação, feita em quipze, ou vinte dias, não consentiam virem a Ourique tropas das provincias mais remotas, ainda suppondo a existencia dessas tropas, o que o abandono d'Aurelia bastaria para nos constranger a não acreditar » (2). Já fizemos ver, e positivamente

pretendido rejeitar a expendida opinião sobre o nascimento de D. Affonso Henriques. O Academico Antonio d'Almeida pretende provar que fôra do anno de 1106 por diante (1); e mais provavelmente em 1109. (2). E' esta a opinião do nosso historiographo? Não. Elle segue a opinião originalissima; que nascêra em 1111 (3). Por esta computação devia D. Affonso Henriques ter na época da Batalha de Ourique apenas 28 annos. E' porém preferivel esta opinião áquella que lhe dá 45 annos n'aquelle tempo, a qual se funda no commum dos historiadores? Tal ninguem ha de dizer!

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 329.

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 329.

(1) Mem. da Acad. tom. 11.º Parte 1.ª, pag. 80.

(2) Mem. da Acad. tom. 12.º Parte 1.ª pag. 148.

(3) Hist. de Portug. Nota 11.ª

demonstrámos que tudo quanto acarretára o historiographo para fazer acreditar o *limitado das forças almoravides na Hespanha musulmana*, não era mais que producto de mera e romantica fantasia. Na verdade que vale tudo quanto se angariar para provar o limitado das forças almoravides na Hespanha musulmana, uma vez que se não chegue a mostrar o numero certo, que definitivamente as constituia? Sem ter esta baze de certeza em vão se pretenderá concluir que aquellas forças eram limitadas. Ora o Historiador de *novos e tão original gosto* esteve, e está muito longe de poder apresentar o mencionado calculo, ou dado definitivo das forças musulmanas na Hespanha. Sendo isto assim, como é possível com certeza historica caracterizal-as de limitadas? Todo o mundo, ainda de mediana esfera, ha de reconhecer a impossibilidade. O Historiador por tanto, que combatemos, tirou uma consequencia de principios que não pôde, nem podia jámais estabelecer. — Não é todavia com paralogismos d'esta natureza, que se destroe o que asseveram as antigas Memorias sobre a grandeza do exercito dos musulmanos na Batalha de Ourique. Ponhamos que ellas fossem exaggeradas; é por ventura com suppostos gratuitos, e sem baze solida, que se destroe a sua exaggeração? Nunca. Estes argumentos de intergi-versavel dialectica corroboram aquillo mesmo que já expendemos e discutimos sobre a materia. — Ouça-se agora, em apoio do ponto restricto, que temos sustentado, o parecer de um historiador estrangeiro, de reconhecida voga, e que não é suspeito: » Segundo os antigos Documentos o exercito sarraceno era muito numeroso; e » o de D. Affonso Henriques, ao contrario, muito diminuto: esta notavel differença é por si mesma bem acreditavel em razão da extensa população da Hespanha Arabe, augmentada continuamente pelos enxames de Africanos que em repetidas caravanas vinham cada vez mais povoal-a, comparada com o pequeno estado de Portugal, mal povoado, e mingundo em extremo por suas alongadas lutas com Castella » (1).

(1) Hist. de Portug por Henrique Scheffer, pag. 89 e 90.



Evidentemente este dizer está em diametral opposição ás acintosas idéas do anti-nacional historiographo!

O segundo fantasmagorico fundamento é a *rapidez da invasão, feita em quinze ou vinte dias*. — Que principios de certeza tem o Escriptor para asseverar que a invasão fôra feita dentro de *quinze* ou *vinte* dias? nenhuns. E' apenas uma graciosa, e precaria conjectura. Uma conjectura pôde porém enunciar-se como razão, e principio demonstrado para deduzir qualquer verdade? Nunca. Ora não se podendo verificar o periodo dentro do qual fôra feita a tal embutida *invasão*, fica igualmente duvidosa a sua rapidez. — Disse ser uma *graciosa, e precaria* conjectura; por quanto o Historiador estabelece o começo da invasão no mez de Julho, fundado em uma Doação de D. Affonso Henriques, que tem a data deste mez. Menciona porém acaso esta Doação o dia designado do mez, em que fôra feita? Não (1). Sendo isto assim, quem não vê que é puramente gratuito marcar o periodo da invasão dentro de *quinze* ou *vinte dias*? Porque hão de ser precisamente esses dias, e não hão de ser mais alguns? Porque se ha de marcar o periodo da pretendida *invasão* dentro de 15 ou 20 dias, e não estender-se até 25, dia da data em que se dera a Batalha? Não ha razão alguma para preferir antes uma do que outra opinião. Temos por tanto que o calculo do periodo da *invasão* é uma hypothese, que pôde ser desmentida por outra tão admissivel como ella. — Demos porém que a tal chamada *invasão* fosse ao certo comprehendida no periodo de *quinze* ou *vinte dias*; que provas dá o Historiador, de que então não podessem vir a Ourique tropas musulmanas *das provincias mais remotas da Peninsula hispanica*? Nenhumas. E quem disse ao antagonista historico que as taes tropas *das provincias mais remotas* ainda não se achavam unidas ás outras antes do mencionado periodo? Ninguem; antes nos Authores se encontram elementos para colligir o contrario. Na verdade elles nos testificam acharem-se em Campo de Ourique tropas de regiões mais longinquas, que as

(1) Veja-se o que ficou transcripto na Terceira Parte desta Obra, pag. 48.

taes *provincias mais remotas*. E se não consta o período dentro do qual todas as forças foram reunidas; porque razão se ha de elle marcar para as tropas d'aquellas *provincias mais remotas*? E quer elle que acreditemos as suas *novidades* só fiados na sua palavra? Se o quer, perfeitamente se engana. O pythagorismo já não é para o seculo de hoje!...

Mais: Que *provincias* são essas mais remotas d'onde não bastavam *quinse ou vinte dias* para virem as tropas a Ourique? Especifique os seus nomes. Calcule as distancias em que estão de Ourique. Verifique por uma demonstração mathematica, que aquellas tropas não podiam em tão pouco tempo vencer a longitude. Sem estas operações o seu enunciado é um mero romance que nenhum credito historico merece. — Quando porém mesmo se podesse provar tal asserção; acaso poderia o Escriptor mostrar-nos que os Sarracenos não poderiam formar um grande exercito valendo-se unicamente das tropas das *provincias*, que lhes ficavam proximas? Asseguramos-lhe que não o poderia fazer ver. E como poderia o Historiador fazer tal demonstração sem saber qual era a força numerica de cada uma das *provincias proximas*? — Houve Autores, e de mais a mais estrangeiros, que escreveram que Ismario, Logar-Tenente do Rei de Marrocos em Hespanha, reunira por ordem d'este todas as forças das *provincias meridionaes*. Estes escriptores todavia não negam por isso que Ismario tivesse já reunido mais forças de outras regiões, ou *provincias mais distantes*, e muito menos que o exercito sarraceno por aquella infundada razão fosse menos numerozo (1).

Concluamos: *O abandono d'Aurelia bastaria para nos constranger a não acreditar* que taes tropas não existiam, que podessem vir das *provincias mais remotas* para a Batalha d'Ourique. — Se em historia ha alguma pecha, manqueira, ou desmancho que rigorosamente se deva marcar com o rotulo indelevel de miseria, é sem

(1) Les progrès des Chrétiens en Portugal étant parvenus aux oreilles d'Abu Ali Texefin Roi de Maroc, il chargea Ismar, ou Ismael, son Lieutenant en Espagne, d'assembler toutes les forces des Provinces méridionales. (Histoire Universelle etc. tom. 29, pag. 321).

duvida, quando se vê e observa que o historiador, ou que de tal tem altas fumaças, acarreta para a sua historia, a fim de provar um imaginado successo, uma causa, que ainda independentemente de ser considerada como tal em si propria, não o pôde ser mesmo chronologicamente fallando. Uma das causas d'esta estofa e jaez, e por tal digna de uma censura inexoravel, é o abandono (aliàs capitulação) da praça de Aurelia (que o Historiographo, como já vimos, com crassissima ignorancia fundira, ou antes enxertára em *Cazorla*) trazido a reboque para confirmar que as tropas musulmanas não podiam vir das *provincias mais remotas* para combaterem em campo de Ourique, e assim engrossarem o exercito inimigo. — Sim; em que ontologia por mais barbaresca, e tupinambica que se imagine, se poderá encontrar dogmatizado que o effeito possa alguma vez preceder á causa, um facto posterior ser causa do anterior? Não é possivel admittir-se este extravagante e medonho transtorno na ordem natural, e inalteravel das idéas. Pois esta monstruosidade de asselvajado calibre é a que se pespega na bochecha dos leitores, quando *sem que nem para que* se faz apparecer no palco historico o abandono de Aurelia para o fim que se intenta. Não se duvide.... Como poderia o abandono de Aurelia pelos Sarracenos influir na diminuição das forças do exercito mouresco em Ourique; se quando aconteceu a Batalha de Ourique, ainda ninguem podia prever que aquella praça havia de ser *abandonada* pelos Mauritanos? Temos por tanto, segundo a logica do Historiador portuguez, um effeito produzido antes de existir a sua causa!... Certo que a quéda de *Aurelia* teve logar em 31 de Outubro, tendo já antes acontecido em 25 de Julho a Batalha de Ourique, como já fizemos ver (1). » Poucos mezes antes, *diz um escriptor moderno*, » da importante tomada de Oreja, » tinham os Mouros experimentado no Alentejo um » dezar bem grande. » *Peu de mois avant l'importante prise d'Oreja, les Maures avoient eprouvé dans l'Alentejo un malheur bien grand* (2). Vá mais de reforço compul-

(1) Na Segunda Parte desta Obra, pag. 77 e 78.

(2) Lacepede — Hist. Generale, physique et civile, tom. 5.º, pag. 169.

sorio esta authoridade, que sendo a favor da precedencia da Batalha de Ourique á tomada de Oreja (*Aurelia* que por vezes se inculeou por *Casoria*); não menos apoia a grandeza do tão afamado Feito. Ella não é de parte suspeita!...

A' vista do que fica exposto, e do mais que já ao mesmo respeito fica discutido n'outra parte; quem ha de poder tolerar que um anachronismo tão corcovado, *fossil* e poltrão venha outra vez figurar de campanuda causal para efficientemente influir n'um successo, que já antes, sem nada ter com aquell'outro, tivera existido? O Historiador por esta fórma deu a existencia primeiro ao effeito que á causa; prodigio, que nem a Divindade pôde fazer!... Temos concluido a *Quarta Parte* da projectada *Obra*; reservando-nos na *Quinta* e *Sexta Parte* chamar ao campo da analyse a Nota da famigerada *Historia de Portugal*, relativa á Batalha de Ourique.

FIM DA QUARTA PARTE.

**A BATALHA DE OURIQUE**  
**E**  
**A HISTORIA DE PORTUGAL**  
**DE**  
**A. HERCULANO.**

**CONTRAPOSIÇÃO CRITICO-HISTORICA.**

(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES)

**AUTHOR**

**FRANCISCO REBEIRO.**

---

**QUINTA PARTE.**

---

*Veritas odium parit.*  
**TER.**

---

---

**LISBOA.**

**NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.**

**Rua dos Capellistas n.º 62.**

---

**1855.**

UNION OF INDIA

DP

570

R32

V.5

THE UNION OF INDIA

MINISTRY OF DEFENCE

OFFICE OF THE SECRETARY

NEW DELHI

1954

SECRET

1954

1954

SECRET

SECRET

SECRET

SECRET

SECRET

SECRET

SECRET

## PRELUDIO.

**T**alvez pareça luxo, e escusada prolixidade o continuar ainda com a assás já longa e estirada tarefa. Talvez se tenha e julgue por este apparatus e superfluidade ociosa a prolongação ou progresso de uma analyse, que justa e imparcialmente tem zuzido, e tozado as noções altamente extravagantes, falsas, e ladinamente introduzidas na *Historia de Portugal*, para apoucar e reduzir aos termos do mais offensivo ridiculo a grandiosa Batalha de Ourique. Talvez assim pareça, e o tenha com tal, não digo já o homem de profundos estudos na sciencia dos factos, porém mesmo todo e qualquer que possua apenas razoavel instrucção na Historia do paiz. Tenho mesmo que estes na realidade assim o pensarão. E quem dellos póde duvidar que não é preciso grande copia de conhecimentos historicos para descobrir os elementos heterogêneos e de caracter spurio, e sandeu, que estão conspirando, e deturpando o verdadeiro valor do primeiro Feito classico dos Annaes gloriosos da patria? Para estes leitores nem tanto, ou nada era preciso. Tem elle

REPORT ON THE ...

DP

570

R32 ...

V.5

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...



## PRELUDIO.

**T**alvez pareça luxo; e escusada prolixidade o continuar ainda com a assás já longa e' estrada tarefa. Talvez se tenha e julgue por m'êto aparato e superfluidade ociosa a prolongação ou progresso de uma analyse, que justa e' imparcialmente tem zuzido, e' tozado as noções allamente extravagantes, falsas, e' ladinamente introduzidas na *Historia de Portugal*, para apoucar e reduzir aos termos do mais offensivo ridiculo a grandiosa Batalha de Ourique. Talvez assim pareça, e o' tenha comb. tal, não digo já o' homem de profundos estudos na sciencia dos factos, porém mesmo todo e' qualquer que possua apenas razoavel instrucção na Historia do paiz. Tenho mesmo que estes na realidade assim o' pensarão. E quem delles pôde duvidar que não é' preciso grande copia de conhecimentos historicos para descobrir os elementos heterogêneos e de caracter spurio, e' sandeu, que estão conspirando, e deturpando o' verdadeiro valor do primetro Feito classico dos Annaes gloriosos da patria? Para estes leitores nem tanto, ou nada era preciso. Tem elles

em si proprios cabedacs sufficientes para descortinar e repellir o erro, a sandice embugada.

Ha com tudo superficialidades intellectuaes, que não estão no caso delles. Sarcophagos ambulantes de ignorancia, e presumpção revoltante, a sua nata, a mioleira favorita de constante leitura, é só e exclusivamente toda quanta mixordia de requinte ideal, e palavroso sahe á luz publica, que denominam com o carimbo de romance. Romance, romance, e mais romance, é o pasto quotidiano da sua estragada e estonhada intelligencia. Sem nada discutirem, nem verificarem, (nem *petimetres* são para tanto!) tudo com soffreguidão devoram, e engolem, uma vez que lhes seja propinado por algum dos seus Oraculos ou Campeões novelleiros. — Votados por uma fé cega e estúpida ao idolo, que os fascina, não ha absurdo, nem destempero, que venha rebolando para o prélo dos bicos da affamada penna, que não applaudam, e cortejem com a zumbaia da mais profunda servidão. Tudo quanto sahe pois de tanta, e tal officina, tem para os da confraternidade parcial o cunho de inviolavel, por não dizer *sacramental*, palavrinha da romantica *paralithice*!... E que ha de então acontecer com tão sáfara idolatria? O Coripheo abordado com todo o peso da sua inchação scientifica ao risão vulgar: *Cobra fama e dáta-te a dormir*: não só dorme, mas até ronca, e ronca em seus escriptos, que nem, ou mais ainda, que um bucefalo!... Mette-se a escrever a historia, e medindo este sóto, donde só deve ter imperio e dominio exclusivo a nus e crua verdade, pela vara imaginaria do idealismo romantico, debalde procura dar existencia, e realidade áquillo que nunca a teve; arvorar em factos B que nunca jámais aconteceram; e até deduzir consequencias de principios, em que nem formal, nem eminentemente ellas se continham! — Nada d'isto cobree a superficialidade, cega como uma toupeira, e tão incapaz de ver a luz da sciencia como aquelle que é atacado de formal ophthalmia. Dominada do espirito de irracional parcialidade, e obsecação nojenta, nada enxerga no seu heroe, que não seja um titulo de primor para a sua decretada apothecia! — Para figurinos deste molde tudo é póuca para lhes fazer romper, e dar em terra com a ca-

taracta, que lhes produz a espessa, e negrenta obscuridade, que os opprime. E' preciso por tanto que não lhes deixemos, nem espeque a que se escorem, nem umbral a que se arrimem.

Até aqui temos dirigido os tiros da critica e da analyse ao alvo do estreme e fielmente trasladado texto da famigerada *Historia de Portugal*; no tocante ao que braveja e pinoteia ella contra a grandeza da Batalha de Ourique! — Ficaria porém sem soffrer a justa, e devida autopsia a estirada *Nota*, que ~~se~~ <sup>lhes</sup> ~~faz~~ <sup>faz</sup> respeito? Não julgámos que sobre ella deviamos ficar em total, e omnimodo silencio. — Ha em a *Nota* asserções assás intoleraveis, e que, se ficassem sem a correctiva animadversão conveniente, poderiam ainda servir de pegadilha, de pretexto especioso para os subservientes apaixonados da rebatida innovação, ou monstruosidade historica, projectarem um aresto em favor do escriptor delinquente. — Não lhes havemos de dar azo, de deixar motivo para ainda recorrerem a esse subterfugio. — Vamos já a verificá-lo nas seguintes *Observações*, de caracter compulsorio, sobre ~~as~~ <sup>as</sup> ~~duas~~ <sup>duas</sup> ~~contra~~ <sup>contra</sup> a *Nota* *XVI*, a qual tem por fim confirmar (mas baldadamente!) aquillo mesmo que seu Author, como Historiador, deixám escripto no *Corpo da Obra*, a pag. 389. Intitula-se a *Nota* — *Batalha de Ourique!*...

(8) Nota XVI, pag. 402 e 403.  
A Batalha de Ourique, tom. I, pag. 324 e 325.

... e a primeira coisa que não deve, nem pôde escapar de ser objecto de reparo é o próprio título da nota — *Batalha de Ourique*. Como assim? Não é o Feito glorioso de Ourique, na frase do Historiographo, apenas uma jornada, uma correnia, um Yossado? (1) Assim se exprime elle no corpo da sua Historia. Como é pois que se esquecera do que antecedentemente escreveu? Acaso a palavra — *Batalha* — é synonimo de alguma das palavras que ficam mencionadas? Que o não é, sabe-o todo o mundo. Temos pois o escriptor historico cahido em manifesta contradicção. E quem deixará de a descobrir em a mesma Nota? Nella sim se designa aquella illustre façanha primeiro com a qualificação de *Batalha*, e depois de *jornada de Ourique*!... (2) Se a Acção bellica porém de Ourique não deve ter o nome de *Batalha*, então risque-se tambem deste numero a *Batalha de Aljubarrota, Valverde, Montijo, Linhas d'Elvas, Ameixial, Montes Claros*, e outras muitas, em que abundam as nossas historias. Diga-se que todos os escriptores

### Observação 1.ª

**A** primeira coisa que não deve, nem pôde escapar de ser objecto de reparo é o próprio título da nota — *Batalha de Ourique*. Como assim? Não é o Feito glorioso de Ourique, na frase do Historiographo, apenas uma jornada, uma correnia, um Yossado? (1) Assim se exprime elle no corpo da sua Historia. Como é pois que se esquecera do que antecedentemente escreveu? Acaso a palavra — *Batalha* — é synonimo de alguma das palavras que ficam mencionadas? Que o não é, sabe-o todo o mundo. Temos pois o escriptor historico cahido em manifesta contradicção. E quem deixará de a descobrir em a mesma Nota? Nella sim se designa aquella illustre façanha primeiro com a qualificação de *Batalha*, e depois de *jornada de Ourique*!... (2) Se a Acção bellica porém de Ourique não deve ter o nome de *Batalha*, então risque-se tambem deste numero a *Batalha de Aljubarrota, Valverde, Montijo, Linhas d'Elvas, Ameixial, Montes Claros*, e outras muitas, em que abundam as nossas historias. Diga-se que todos os escriptores

(1) Hist. de Portug. tom. 1. pag. 324 e 329 etc.

(2) Nota XVI, pag. 482 e 486.

historicos, e não historicos, que lhes deram tal nome, soberanamente se estiraram no pantano da ignorancia; visto que a façanha grandiosa de Ourique se deve denominar tambémente *correria, jornada, fossado*; e por fim, para maior desprezo, *bulha*, como o mesmo historiador lhe chamára n'outro logar!... (1) Mas ninguem, que saiba fazer a devida estimação das cousas, semelhante absurdo ha de imaginar, e menos ainda proferir. Tambémente ha de rir, escarnecer, e volar no mais pronunciado e universal desprezo aquéllas denominações, tão falas, como mésquinhas e abjectas; que o innovador historico pretende extravagantemente assacár para reduzir ao ultimo descrédito a Batalha de Ourique. — Ha de, quem quer que fór o portuguez que as ouvir, igualmente marcá-las com o negro ferrete da maior e mais injusta, e intoleravel antifraccionalidade. — Ha de execrar a monstruosidade horrenda; que intentara deturpar o primeiro Monumento da gloria nacional!...

### Observação 5.

Uma Nota litteraria ou scientifica, qualquer que ella seja, tem por força da sua mesma natureza, o fim especial de amplificar, illustrar, ou confirmar a matéria, que se tem tratado no corpo de qualquer Obra. Este é o alvo, o ponto perfixo, a que ella pouco mais ou menos se deve dirigir. Se aberra deste intuito, e mira, que lhe é propria, a Nota é inepta e alheia do objecto. Se porém ella contém elementos, que põem em contradicção o escriptor consigo mesmo, toca o extremo da extravagancia, e do absurdo. Sendo isto assim, quem não ha de altamente pasmar ao ver que o historiador portuguez em a Nota, de que tratamos, produziu provas documentaes contra aquillo mesmo, que em sua Obra sustentára com o fim de aviltar a façanha de Ourique? Quizera elle, a todo o panno, fazer persuadio que aquelle feito, longe de merecer ser designado e conhecido com

(1) No Jornal — A Semana — n.º 10.

o nome de *batalha*, apenas se poderia denominar *fossado*, *jornada*, *correria*, e não sei mais que, de igual juéz. Porém quanto o innovador historico, certo não deve ficar corrido de ter apresentado em a Nota, que analysamos, documentos, reconhecidos por elle proprio, de grande polpa e yalia, que não só testificam que aquella *faccanha* fôra real, e positivamente uma *Batalha*; porém até uma *Batalha* digna do epitheto de *Grande*. — O primeiro destes documentos é o *Chronicon Conimbricense* ou por outra o Livro de Noa de Santa Cruz de Coimbra, que o annotador manda ver em Sousa, Prov. da Hist. Geneal, tom. 1, pag. 375; e melhor ainda em Flores, Esp. Sagr. tom. 23, pag. 330. Não dá pois este documento a qualificação de grande ao combate ou *Batalha* de Ourique? Quem o poderá duvidar!... As palavras — in loco, qui dicitur Ourie, *lis magna fuit* — são de uma clareza tal, que não podem admitir tergiversalidade alguma. Ora a primeira parte do *Chronicon Conimbricense*, ou Livro de Noa de Santa Cruz, confessa sim o proprio historiographo, em razão da *singeleza do dizer e de terminar* em 1168, (90 annos depois da *Batalha* de Ourique) *se deve suppôr ainda escripta no seculo 12.* (1). A vista deste documento como podem pois ter logar as denominações futeis e degradadas, que o improvisante historiador *dedica e consigna* á *Batalha* de Ourique!...

O outro Documento, que, na qualidade de contra-productente, está arguindo aquillo que o *incompravel* escriptor estabeleceu em sua historia contra a *Batalha* de Ourique, é o trecho que elle transceyera em a mesma Nota, tirado da Vida de S. Theotonio, capitulo Bolland. Acta Sanct. Februarii, tom. 3.º (ediç. de Veneza). Eil-o aqui: *In campo Ouriob quinq̃ua, r̃ges paganos cum innumera eorum barbara multitudine prefigavit; qui, ut eum omnia perderent, coadmati debellabant; sed auxilio sibi facto divino, ac B. Jacobi patrocinio, cuius ea die solemnitas (sic) fuisse perhibetur, victos evasit.* (2). Não terá por ventura a qualificação de *Batalha* grandiosa a-

(1) Nota XVI, pag. 483.

(2) Nota XVI, pag. 482.

quella em que cinco reis mouros, que com innumera multidão de gente tinham vindo atacar D. Affonso Henriques, ficaram derrotados? Niugusta o poderá duvidar. Pois é isso mesmo, sem tirar sem pôr, o que evidentemente testifica o allegado texto. — Agora advertiremos que, tendo o historiador inculcado em sua Obra (conforme é seu constante costume), como um effeito de inclinação aos encarecimentos, o fazer intervir na batalha (da batalha contra os Mouros em Campo d'Ourique) o proprio Deus (1); o testemunho do logar da Vida de S. Theotónio, que proximoamente copiamos, em realidade, está confirmando que houvera tal intervenção, quando diz: *auxilio sibi facta divino ac B. Jacobi patrocinio*. — Advertiremos outroaim que a particula (sio) que o annotador traz no logar citado, não se encontra no texto dos Bollandistas. Deve pois o historiographo eliminá-la, como enxada, por ignorancia ou descuido introduzida. Este e outros lapsos, ainda que de pequeno lote olhados em si, com tudo em uma Historia, que se apresenta no campo da litteratura com o caracter de normal, e cetera inexoravel de tudo, não são para se disfarçarem. — Quanto ao valor do Documento é o proprio historiador que lho reconhece. *A Vida de S. Theotónio*, diz elle, *cripta no seculo XII, porque o author falla do Santo, como de pessoa com quem elle ainda tratou, e um dos monumentos com mais certeza contemporaneos do successo* (2).

O Historiador porém não deixou de reconhecer que esta authoridade incommodava o seu inalteravel systema de deprimir a grandeza do combate de Ourique. Que coarctada pois deu para se livrar do incommodo? Procurou atenuar a circumstancia dos cinco Reis vencidos em Campo de Ourique. *Mas é verdade*, diz elle, *que a palavra rei applicada aos arabes pelos chronistas christãos, significa rigorosamente chefes, como sabem todos os que os leem hoje, apparecendo muitas vezes simples abais e alkaidis honrados com esta grandiosa designação* (3). A coarctada não pôde ser mais miseravel! Quem disse ao Historia-

(1) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 320.

(2) Nota XVI, pag. 485.

(3) Nota XVI, pag. 485.

dar, e conjuntamente Anotador, que a palavra *reis*, applicada aos commandantes arábes, pelos chronistas christãos significa rigorosamente chefe? Em que cartapazio achou elle esse rigorismo de significação, applicado aos taes arábes, de que se fazem authores os chronistas christãos? Declararam-no por ventura estes? Não, por certo. Como pôde pois elle historiador entender que a accepção, que os chronistas christãos deram á palavra *reis*, applicada aos cinco Corypheos dos arábes, significa precisa, e rigorosamente chefe? Não mandam senão as regras da hermeneutica que as palavras se hajam de tomar no sentido natural e obvio, em que todos as costumam tomar? E' sim uma regra de hermeneutica universal, que o historiador assás mostra desconhecer! — Por tanto se aquelles Chronistas denominaram *Reis* aquelles potentados arábes, que foram vencidos em Campo de Ourique, não ha motivo algum, nem sequer plausivel, quanto mais rigoroso, para entender, que o não eram. — Além d'isto todos os historiadores e não historiadores verçados nas antiguidades do paiz, que fallaram da Batalha de Ourique (que pois leram e citaram mesmo aquelles chronistas) indicaram, as principaes Comandantes mouros, que alli compareceram, pelo termo *Reis*, e não chefes. Acaso entenderiam elles mal aquelles Chronistas? Não saberiam construí-los: um André de Rezende (1), um D. Fr. Antonio Brandão (2), um Manoel de Faria e Sousa (3), um Nunes de Leão (4), e outros mais de bem qualibrando nome? Pois todos elles traduzem nos taes rigorosamente significados *Chefes* pela palavra *Reis*. — Se empregarmos a attenção nos fins do passado século, podemos dar em prova, por não fallar de outros, o grande Oratóriano, Pereira de Figueiredo, que tambem não teve duvida de designar os Cabos principaes do exército Sarraceno amplas e absolutamente com o nome de *Reis* (5). — Quanto aos *Walis* e *Alkuids* apparecerem muitas

(1) De Antiq. Lusit. Lib. 4. pag. 207, vol. 2. edição de Coimbra.  
(2) Mon. Lusit. Liv. 10, fol. 117 v.  
(3) Europ. Port. tom. 2.º pag. 40 e 46.  
(4) Chronica de D. Affonso Henriques, fol. 22º e 23º.  
(5) Elog. dos Reis de Port. pag. 15 e 214 e Compendio das Epocas, pag. 254.



*vexes honrados com a grandiosa designação de Reis, conforme o Notographo assevera; não o acreditamos sem que nos produza exemplos, e em numero tal que possa realizar a expressão adverbial muitas vezes! — Demos mesmo porém que os *Walis* e *Alkaid* tenham sido muitas vezes honrados com a designação de *Reis*; é logo por ventura para concluir que os cinco *Reis* que compareceram na Batalha de Ourique; eram *Walis* ou *Alkaid* e não positivamente *Reis*? Não; sem duvida! — Quando porém ainda mesmo o annotador historico podesse fazer vêr que os *Walis* e *Alkaid* muitas vezes tiveram sido appellidados *Reis*; d'ahi não se seguiu que os Commandantes em Chefa dos Sarracenos, que se acharam na Batalha de Ourique, estivessem no rigoroso caso de serem designados *Walis* e *Alkaid*, e não antes *Reis*. Para se admittir o contrario era preciso uma prova especial; e que o historiador não dá, nem pôde dar. — Concedamos ainda mais, (sem que por isso admittamos a synonymia, ou equivalencia dos termos) que os cinco *Chefes* Sarracenos não eram concretamente *Reis*; e tambómente *taes* em abstracto. Póde d'ahi por ventura concluir-se alguma coisa contra a grandeza da Batalha de Ourique, que o historiographo tanto pretende acabrunhar? Nada; absolutamente nada. Ninguem que tenha o cerebro no seu estado normal, ha de admittir que a grandeza de uma Batalha tenha por condição essencial o ser commandada por chefes, que sejam rigorosamente *Reis*. De este paradoxo de não se admitto se admittisse; teriamos então que muitas Batalhas da antiga, e moderna historia, que sempre indispuctavelmente foram tidas e havidas por grandes, deixariam de o ser, por falla de uma similhante condição. — Assim, ainda quando fosse demonstrado que os Commandantes da força mauritana eram *Walis* e *Alkaid*, e não *Reis*; d'ahi não se poderia concluir que elles não apparecessem em catapulta de Ourique, com grandissimo numero de forças, dispostas a baterem-se renhidamente com o inimigo; o que só de per si é bastante para tornar memoravel singularmente aquella Batalha.*

Se ainda continuarmos a assestar a lente perspicaz da critica sobre o mesmo terreno; haremos de achar que o historiador não cessou de offerecer elementos, que lhe

estão em perfeita opposição. — Quem diria que tendo elle na sua *Historia* esforçado-se, quanto pôde, para tornar insignificante o numero dos combatentes sarracenos, que vieram com as armas na mão disputar em campo da Ourique, com D. Affonso Henriques, havia de exarar em uma *Nata* um texto documental, que clara e litteralmente está contravindo a tal respeito o historiador antagonista? E' todavia um facto inusavel! A passagem da *Chronica dos Godos*, por elle copiada, conforme a traz Brandão, na *Monarchia Lusitana*, Parte 3.º Liv. 10, Cap. 3, testifica o que acabamos de denunciar. Eis-a aqui: *Era MCLXXVII julio mense die dñi Jacobi fuit victoria Alfonsi regis de Esmar rege sarracendorum et innumerabili prope exercitu, in loco qui dicitur Aulic etc.* (1). Ora poderá alguém affirmar que ganhando D. Affonso Henriques victoria do Rei dos Sarracenos, por nome Ismario, e do seu exercito, que era quasi innumeravel, não alcançara um grande e assignalado triumpho? A negativa estava só destinada para ser propalada pelo singularissimo author da *Historia de Portugal*!... Quem jámais disse, ou escreveu no universo historico, que debellar um numero de dezeflo (e ainda mais quasi innumeravel) fosse um feito de pouca monta e valor? Se esta relevante circumstancia não nobilita consideravelmente a façanha, então todas as grandes victorias, em que ellas se tem dado, são apenas uma burla!... A authenticidade, que tam o citado documento, e proprio historiador a testificam. A *Chronica dos Godos*, diz elle, é, « como os nossos escriptores tem sustentado, um monumento proximo aos tempos que memoramos, mas sim coeva com elles » (2). Ora um monumento, ou documento d'este caracter, que refere que o exercito dos Sarracenos era quasi innumeravel. (*innumerabili prope exercitu*) não está exuberantemente rebatendo a opinião do historiador, que tão assiduamente pretende reduzir ao mais depreciado e mesquinho minimo aquella força? Sem duvida. O historiador portanto deu armas contra si proprio.

(1) Nota XVI, pag. 482.

(2) Nota XVI, pag. 482.

### Observação 3.ª

O objecto, o thema desta Observação vem a ser a continuação do texto da *tão original Nota*, que passamos a transcrever: « Parece-nos que se não tem reparado, como se devesse ter feito, em que as passagens citadas textualmente por Brandão no corpo do seu livro differem profundamente da integra desta Chronica, publicada no Appendix da 3.ª parte da Monarchia. Comtudo o sincero e estico cisterciense não se esqueceu de apontar o escolho: » O exemplar que vai aqui impresso, diz elle, foi do mestre André de Rezende... Outro mais breve, cujas palavras, por esta mesma causa allego mais vezes, se tirou d'Alcobaga e de Santa Cruz de Coimbra: » Que quiz o historiador dizer, au paravé: por esta mesma causa? De certo que não era para fazer mais resumida a sua narrativa, elle que está a cada passo interindo no corpo da historia documentos inteirissimos seguidos de versões em vulgar. O que evidentemente aquellas expressões significam é, que dava mais fé aos exemplares de Santa Cruz e d'Alcobaga conformes entre si (1). »

Começando a Observação logo pelo primeiro periodo do trasladado texto da *estupenda Nota*, contraporemos que se ao historiador portuguez parece que se não tem reparado, como se devesse ter feito, em que as passagens citadas textualmente por Brandão no corpo do seu livro differem profundamente da integra d'esta chronica, publicada no Appendix da 3.ª Parte da Monarchia, a toda a gente, que não for elle, ha de parecer contrario!... E na verdade que reparo é em tão guardado, e abstruso, que deixasse de ter sido feito, como se devesse, por qualquer dos leitores, ou dos scriptores, que houvessem estudado, ou tratado da historia do paiz? Ninguem por certo ha de admitir, que o reparo fosse tão difficil e imperceptivo, que fôra preciso atravessar mais de dois seculos para unicamente ter realidade na *alibi e transcendente in-*

(1) Nota XVI, pag. 483.

telligencia do affamado historiador, que refutamov!... O tal — *parece-nos* — pois, além de *stético* e sem fundamento, é positivamente injurioso a todas essas conspicuas intelligencias de profunda erudição e sciencia, que antes do moderno historiador tem tratado da materia. — Porém dando o *imaginador* do exótico, e original *parecer* elementos em a sua Nota por onde se bem collige que Brandão fizera uso, tanto do exemplar da Chronica dos Godos de André de Rezende, como do exemplar d'Alcobaga e Santa Cruz de Coimbra, o qual por ser *mais breve allega mais versos*; porque razão se poderá ou deverá dizer que aquelle doutissimo Cisterciense não reparasse na differença, que ha entre um, e outro exemplar; e não o contrario? E' crível acaso que Brandão relegasse o texto d'aquella Chronica para o *Appendice* da 3.<sup>a</sup> Parte da Monarchia Lusitana sem que o lêsse e cotejasse com o texto d'aquellas outras duas? Conheceria elle que o *exemplar* de Alcobaga e Santa Cruz de Coimbra era *mais breve*, como elle proprio confessou, que o de André de Rezende, sem conhecer ao mesmo tempo a sua profunda differença? Ninguem que tenha critica tal ha de dizer, nem acreditar!

Concedamos todavia (por impossível) que tal reparo ninguem fizesse. Que se segue desse facto meramente negativo? Por ventura por causa d'essa omissão ficaria a Chronica dos Godos conforme no exemplar de André de Rezende sendo menos authentica? Não por certo; por quanto a sua authenticidade não lhe vem de semelhante fonte. Que vem fazer pois na balança dos contrahimentos humanos aquella romantico — *parece-nos*! — Tudo como nada para a questão; e só arguir intoleravel presumpção!...

Continuemos: « Comtudo o *libero* e crítico Cisterciense não se esqueceu de apontar o escolho (1). » Que escolho é esse, que Brandão não se esqueceu de apontar? Ha de si para si perguntar todo o mundo, que não fór péco em historia, mudo e quédo á vista do tal fantasiado escolho, ou penedo!... Será por ventura a differença profunda da integra, que tem o *exemplar* da Chronica de Rezende, do *exemplar* de Santa Cruz ou de Al-

(1) Nota XVI, pag. 483.

cobaça? Achou porém jámais alguém nesta differença algum *escolha*, ou cousa que mereça, que tolere sequer equivalente nome? Tal não consta; nem é possível dar-se nos ambitos intellectuaes similhante entidade! — Mas venham já a publico as palavras de Brandão: *O exemplar que vai aqui impresso foi do mestre André de 'Reverende... Outro mais breve, cujas palavras, por essa mesma causa allego mais vezes, se tirou de Alcobaça e de Santa Cruz de Coimbra* (1). Aonde está aqui o *escolho*, que o Author da Nota auevera que o *sincero e critico Cisterciense* não se esqueceu de *apontar*? Em que termo, em que frase da passagem transcripta se encontra, ou por onde se pôde sequer colligir que Brandão não se esquecera de *apontar* o tal inculcado *escolho*? Marque-a; indigite-a!... Ha de ficar necessariamente corrido, quando a critica lhe exigir uma demonstração!... Não é possível dal-a, sem as palavras de Brandão inculcarm uma só vislumbre do tão categoricamente apregoado *apontamento*!... E' apenas um sonho do *fantasiante* annotador, que faz rir!...

Agora vejamos a intelligencia, que o Annotador dá ás palavras de Brandão, que, *rapidamente* ou antes *exoticidade*, para se alugar palanques: » Que quiz o historiador dizer na phrase: *por essa mesma causa*? De certo que não era para fazer mais *resposta* a sua *barra-liva*, elle que está a cada passo *intrompido* no corpo da *historia*, *documentos intejros seguidos de versões sem vulgar*. O que evidentemente *aquellas expressões significam* é, que dava mais fé nos *exemplares de Santa Cruz e d'Alcobaça conformes entre si* (2). » Pôde por ventura *indicar-se no campo da litteratura*, e da critica *exemplo algum de uma hermeneutica mais falsa, absurda e intolavel*? Não o pensamos. — E' pois verdade que as *palavras ou expressões, que ficam copiadas, do sincero e critico Cisterciense significam evidentemente, que elle dava mais fé aos exemplares de Santa Cruz e d'Alcobaça*? E' falsissimo. Ha de responder todo aquelle que simplesmente as lê. E' porém o proprio Bran-

(1) Nota XVI, pag. 483.

(2) Nota XVI, pag. 483.



*duvida?* Se o author da novissima e enormissima *História de Portugal* quer pois que o acreditemos em materia tão descommunal, devêra apresentar em toda a sua lucidez os fulcros, em que elle se estribava. Aonde estão porém elles? Em parte alguma os ha de poder achar; pronunciamol-o affoutamente! Innoações portanto sem arrimo, que as espeque, não merecem senão desprezo. — Aonde está o tal descoberto *enseite e paraphrase*? Não basta só dizel-o, é preciso demonstral-o! — E quando positivamente se mostrasse que existia aquelle *enseite e paraphrase*; porque motivo se ha de asseverar que fôra *posterior* e não coevo com o mencionado exemplar? — Provado mesmo que fosse, ou devesse ser *posterior*; em que data tivera elle tido logar? Porque razão se ha de asseverar que não fôra Rezende o Author do *enseite e paraphrase*, e sim abstractamente *alguem*, que se não sabe quem é? A todos estes quesitos é obrigado a responder todo aquelle, que como o Author da extravagante Nota, vier com tão gratuitas e especiosas evasivas para menoscar o credito do *exemplar* da Chronica dos Godos do uso de Rezende. — Quem porém não vê que aquelle tão estrambotico conceito é só obra de pura e extreme fantasia? Basta reflectir que nem *Rezende*, nem *Brandão*, nem *Faria*, nem outros muitos escriptores que d'aquelle *exemplar* tem usado, (citando-o muitas vezes em suas Obras, e outrosim reconhecendo o seu devido valor e authenticidade) nunca lhe notaram similhante pécha; para fazer cahir em desprezo a alentada patranha do — *alguem que o enseitára e parafraseára*.

Pelo contrario o Exemplar da Chronica dos Godos de Rezende figura ainda com mais voga no Orbe critico, como documento de comprovação historica, do que o Exemplar de Santa Cruz de Coimbra e d'Alcobaça. Ouça-se a *Pereira de Figueiredo*, ao Oratoriano profundamente erudite, que não é d'aquelles, que são facéis em confundir o accessorio com o principal, o *enseitado e parafraseado* de qualquer escripto com aquillo que é de sua genuina e primitiva origem, e feitura. Falla elle pois da tal Chronica sem alguma restricção ou barbicaço, que áquelle se assemelhe, e nos seguintes termos: » Entre tanto esta Chronica Gothica traz evidentes si-





desliza da sua hypothese. E não é esta contradicção, ou coisa que o valha; um d'aqueles elementos de occisional provocação, a que a jectura não pôde resistir? Sem duvida que o *Ex.* Ainda a contradicção se torna mais flagrante / se se advertir — que o *Historiographo* em sua *Obra* (*Historia de Portugal!*) não só algumas vezes apoia a sua opinião na autoridade do *exemplar* da *Chronica dos Godos de André de Rezende*, mas até prefera o seu testemunho ao *exemplar* de *Santa Cruz de Coimbra e Alcobaga*. Em prova desta nossa tão verdadeira serção complexa basta ler a *Nota primeira* do *Tomo 1.<sup>o</sup> Liv. 2.<sup>o</sup> da Historia de Portugal*, pag. 402; onde se acha escripto o seguinte: « Não nos satis, apesar d'isso, rejeitar o successo (refere-se ao feito da tomada de Évora por Giraldo Sempavor) » porque « nesta parte o *exemplar da Chronica dos Godos, que pertence a Rezende*, concorda substancialmente com os de Alcobaga » e de Santa Cruz, cujo texto seguiu Brandão. » Já em a *Nota primeira do mesmo livro* citado da *Historia de Portugal*, pag. 333, tratando do nome do lugar, dito *Jogo do Bufurdio, ou Boforda*; depois de transcrever em apoio as palavras da *Chronica dos Godos* conforme o *exemplar* usado por Brandão, para nova confirmação, acrescentára: « *então particularmente na que supponho parafrase posterior* » *M. de P. 3.<sup>o</sup> App. 1 ad. 1178.* — lê a nota 3.<sup>a</sup> na pag. 403; exprime-se por esta forma: « *Preferimos, acerca de Coruche, o exemplar de Rezende; porque nos parece evidente erro do copista o que se lê no de Alcobaga.* Não apparece por ventura, se não nos durtros logares, pelo menos neste, o *historiador* manifestamente dando mais fé ao *exemplar* de André de Rezende, do que no de Alcobaga? Sem duvida. E não é isto completamente estar de encontro ao pensamento, que propalára quando pronunciou que elle subscrevia inteiramente ao *voto de Brandão*; suppondo illusamente que este dá ra mais fé aos *exemplares de Alcobaga e Santa Cruz*, do que ao de *Rezende*? Não é possível negar o.

Agora por despedida perguntaremos ao *historiographo* — qual seja a razão por que o *exemplar* da *Chronica dos Godos de Mestre André de Rezende* se ha de reputar uma *paraphrase* dos *exemplares* da mesma *Chronica*

ca, pertencentes a Santa Cruz e Alcobaga, e não hão de ser estes um resumo ou epitome d'aquella? Esperamos pela solução do problema, que ha de ser curiosa!... Não é preciso.... Temos ha muito a solução explicita do problema contra o historiographo, dada por Author superior a toda a excepção. A tal respeito escreveu pois o grande sabedor das antiguidades patrias, *Pereira de Figueiredo*; » Uma coisa é a chronica gothica, que do » Manuscrito de Rezende publicou Brandão; outra » coisa é este seu *Summario, ou Compendio, cujos Exem- » plares o mesmo Brandão adverte, que se acham em Al- » cobaga e em Santa Cruz de Coimbra (1)*. » A' vista deste voto de homem tão competente, quem se ha de atrever a qualificar de *paraphrase posterior* aquelles dois *exemplares* o Manuscrito de Rezende? E' pelo contrario este Manuscrito o original anterior.

### Observação 3.<sup>a</sup>

O thema desta observação versa sobre estes dois períodos; » Na copia de Rezende ha artigos, que desdi- » zem completamente da forma sempre resumida e ra- » pida por que se lançavam aquellas series de aposta- » mentos, chamadas *Chronicons*. Esta forma é constan- » te não só em toda a Península, mas em toda a Euro- » pa, como se pôde vêr nas Collecções de Martene, Ache- » ry, Muratori etc. e ainda melhor na mais perfeita de » todas essas collecções, os *Monumenta Historiæ Ger- » manicæ de Pertz (2)*. » Que importa que a copia de Rezende tenha alguns artigos em que » desdiga comple- » tamente da forma sempre resumida e rapida por que » se lançavam aquellas series de apontamentos chama- » das *Chronicons*? E' por ventura essa differença argu- » mento bastante para descer da estima e conceito, em que sempre foi tida entre os criticos aquella copia? Nun- » ca litterato algum se lembrou de tal, e tão romanisca

(1) Elog. dos Reis de Portug., Nota 12.<sup>a</sup> pag. 296.

(2) Nota XVI, pag. 483.

pegndilha para menoscabar o credito geralmente presta-  
do áquella copia de Rezende. — R. isto é bastante para  
se votar ao desprezo tão futilissima ninharia! — Quaes  
são porém esses artigos da copia de Rezende, que desdi-  
zem completamente da *fôrma sempre resumida e rapida*  
dos chamâdas *Chronicons*? Apontees, e confronte-os.  
Sem esta operação não acreditamos em generalidades  
vagas ou banals conforma se exprime o neoterismo. Mas  
que critica de novo cunho e estofa é essa, que estabele-  
ce uma bitóla ou craveira impreterível aos artigos da  
*Copia de Rezende*, afferindo-os pelo resumo e rapidez  
dos Artigos dos *Chronicons*? Por ventura os artigos dos  
*Chronicons* tem marcado numero de termos, frases, e pe-  
riodos, além dos quaes elles não podem, nem devem pas-  
sar? Ninguem ainda o disse, e se o dissesse proferia uma  
bem cunhada e rebatida parvoice! Ha successos, que  
pelo caracter natural da sua grandeza pedem uma lenda  
muito mais extensa que as dos successos menos importan-  
tes. Dir-se-ha pois ser aquella *lenda*, ou *ementa* muito maior  
que a dos factos secundarios, e menos illustres; ser *len-  
da* ou *ementa* sim imprópria d'uma *Chronica* ou *Chroni-  
con*? Nunca? Podem haver *artigos*, ou lendas, as quaes,  
em razão das circumstancias notaveis, que lhes respeita-  
m, e que de necessidade se devem enumerar, se tornem  
muito maiores, do que aquellas de metos factos, que as  
não tem; e nem por isso se devem reputar offensivos e  
alheios da *rapidez e resumo*, com que, segundo o histo-  
riographo, costumam ser lançadas nos *Chronicons*. As  
idéas de *resumo e rapidez* são tão sómente relativas ao  
objecto, e jámais se devem tomar em abstracto, e d'um  
modo absoluto. Póde qualquer narrativa, não obstante  
ser, materialmente fallando, muito mais longa que ou-  
tra, se se referir precisamente ao objecto, ser considera-  
da, por certo, como assás *resumida e rapida*. Determinar  
por tanto uma *fôrma resumida e rapida*, um *typo* inal-  
teravel, e materialmente fixo para os *artigos* dos *Chro-  
nicons*, é um absurdo sobremaneira risivel.

Agora, levando estas reflexões ao campo da exem-  
plificação, havemos de fazer vêr contra o Author da His-  
toria de Portugal que as lendas ou *artigos* dos *Chroni-  
cons* não tem todos a mesma *fôrma e systema resumido*.

e rapidez de apontar, nem mencionar os successos. — São resumidos e rapidos em suas narrações os *Chronicon* de Isidoro (1), o *Chronicon* que se attribue a Severo Sulpicio (2), o *Chronicon* de Viti Isidori Hispalensis (3), o *Chronicon* Burgense (4) e o *Complutense* (5), o *M. Hayense* (6) e os dois *Barcinenses* (7). — Tem alguns artigos maiores que os de estas o *Chronicon* Albaldense (8), o *Chronicon* Sebastiani (9) e mesmo o *Compostellanum* (10). — Está longe de seguir o systema de resumo e rapidez alguns artigos do *Chronicon* de Isidoro Padense (11); e mais ainda alguns do *Chronicon* Monachi Silensis (12), do *Chronicon* Conimbricense (13), e alguns mesmo do *Chronicon* Joannis Biclarense (14). — Porém eu quero ainda requintar a analyse confrontando os artigos mais extensos da *Chronica* dos Godos, segundo o exemplar de Berzelo, com os artigos mais longos de alguns dos *Chronicon*, que acabamos de citar. Examinando pois a *Chronica* dos Godos, ou *Chronicon* *Lucitanum*, que depote de Brazilão, Flores, transcreeva ao tomo 14.º da *Esposia Sagrada*, achamos que o artigo correspondente á era de 904 comprehende 26 linhas, ou regras sobejando ainda da quasi meia; o correspondente ao anno de 1183, 37; ao anno de 1183, 39 regras e perto de meia; ao anno de 1177 (que corresponde ao anno de Christo de 1139), em que se trata da *Batalla* de Ourique, 38; ao de 1178, 58 regras e mais; ao de 1180, 64 regras sem medidas; ao de 1122, 85. Entre estes artigos, como é shivel, se encontram dois muito mais extensos do que aquelle que comprehende a *Batalla* de Ourique, contendo um delles mais de 100 regras e o outro mais de 120.

(1) Flores, España Sagrada, tom. 4.º  
(2) Flores etc. tom. 4.º  
(3) Flores etc. tom. 6.º  
(4) Flores etc. tom. 23.  
(5) Flores etc. tom. 23.  
(6) Flores etc. tom. 23.  
(7) Flores etc. tom. 23.  
(8) Flores etc. tom. 13.  
(9) Flores etc. tom. 13.  
(10) Flores etc. tom. 23.  
(11) Flores etc. tom. 8.º  
(12) Flores etc. tom. 17.  
(13) Flores etc. tom. 23.  
(14) Flores etc. tom. 6.º

les muito mais de duplo da extensão daquelle que autifica o grandioso feito! — Vejamos agora, ou em alguma dos outros Chronicones, se o *Floris* também transcrevêr se encontram artigos de igual, ou ainda maior extensão.

E de advertir que logo em seguida ao *Chronicon Lusitanum* (que é por muito nome o *Chronicon Gothorum*, segundo o exemplar de que se achava na Real Academia); copiado por Flores no tomo 14.º da *Espanha Sagrada*, se achava transcrita o *Chronicon de Sampiro*. E quem pôde com verdade dizer que o artigo que tem por titulo: *Adefoncus III. sine Magno* esteja no caso de ter sido escripto resumido e rapidamente? Ninguém por certo que o examine. Comprehende elle 15 parafos; que occupam quasi 10 paginas de formato em 4.º, em que é escripta a citada obra de *Floris*. Reduziemos a regras ou a linhas os 15 parafos, achamos que abrangem 325 para mais. Não se esqueça que neste artigo se acham trasladadas duas Cartas do Papa João a D. Affonso; o que prova que os Chronicones não estavam obrigados a serem tão resumidos e rapidos; que não podem admitir por extensa alguma pagas documentaes; — Observarei mais: Que só estas duas Cartas abrangem maior numero de linhas que o artigo da *Chronica dos Godos*, sendo sei falla da *Batalla da Ourique*. Aquellas abrangem 48 regras bem medidas, e este somente 36. — O parrafo 12.º do mesmo *Chronicon* de Sampiro contém 40 linhas. — O artigo *Ordonius II* é mais conciso; que o mencionado; todavia comprehende tres paragrafos, que perfazem 79 linhas. — O artigo *Ranimirus II* é maior, que o precedentemente indicado. Comprehende pois 89 linhas em tres paragrafos, sendo o primeiro destes paragrafos de 41 regras. O *Chronicon Sebastiani* no artigo *Palagius*, em 8 paragrafos, preenche 60 linhas; e no artigo *Ordonius II* (1) — Se consultarmos, e revolvamos o *Chronicon de Isidoro Pacense* (2), acharemos que logo ao primeiro artigo — *Heracius* — empregára seu Author onze paragrafos, que occupam cinco paginas; o meo na citada obra de

(1) Na *Espanha Sagrada*, tom. 13.º, pag. 276, e 277.  
(2) Na *Espanha Sagrada*, tom. 6.º, pag. 274, e 275.

*Flores*; as quaes reduzidas a linhas chegam acima de 272, contendo dellas só o primeiro parrafo 40. — O seguinte artigo *Constantinus* abrange dois paragrafos; que fazem 85 linhas, comprehendendo o segundo paragrafo 74, ou mais de duas bem aproveitadas paginas. — O artigo *Leo Isauricus* comprehende 13 paginas, e estas acima de 385 linhas, que fazem um todo de 21 paragrafos de varios tamanhos. — Omittimos outros artigos deste *Chronicon*, que se bem mais pequenos provariam comtudo ao noisso intento. — Abro o *Chronicon del Monge Silense* (1), e que logo encontro? Uma introduccão ou cousa que o valha, que comprehende nada menos que sete paragrafos!... Como é isto? Um *Chronicon* com sua introduccão?... B' verdade. E por este exemplo deve ficar sabendo o Author da *Nota* que a fórma *rapida e resumida*, a que elle, de sua fantasia, sujeita os *Chronicons*, não é tal que não possa admittir um igual admiravel. Agora reduzindo a linhas a tal introduccão acharemos que ella comprehende umas boas 140 regras; sendo o 2.º paragrafo de 34, o 4.º de 26. — O artigo *Aldefonsi. VI genus et initia* é de 5 paragrafos, que comprehendem 110 regras. — O artigo *Wlilicæ flagitia, et Roderici* tem 4 paragrafos com 92 linhas. — O artigo *Pelagius Rex* abrange 5 paragrafos em 116 linhas. E, omitindo outros artigos pouco mais ou menos destas dimensões, farei em fim menção do artigo *Fernandus I Castelle*. Este abrange nada menos que 32 paragrafos em 18 paginas, que comprehendem 644 linhas.

Agora folhearemos o *Chronicon Conimbricense* (2). Achamos pois que o artigo correspondente ao anno 1199 comprehende 27 regras: O correspondente a 1333, 28: O correspondente a 1370, 62: O correspondente a 1371, 49: O correspondente a 1372, 30: O correspondente a 1373, 25: O correspondente a 1385, 54. — E' para notas que, contendo o *Chronicon Conimbricense* artigos muito maiores do que aquelle, em que a *Chronica dos Godos*, segundo o exemplar de Rezende, refere a *Batalha de Ourique*; nem por isso elle seja reputado e qua-

(1) Na España Sagrada, tom. 17, pag. 270.

(2) Na España Sagrada, tom. 23, pag. 330.

lificado como parafraze pelo Author da Historia de Portugal; conforme o mesmo escriptor reputa e qualifica aquella Chronica! Militava ainda maior razão... Chamei especialmente a attenção sobre o *Chronicon Conimbricense* por ser este um dos Documentos favoritos do historiographo. — O *Chronicon de Cardeña* (1) conta um artigo de 29 linhas (maior que alguns da Chronica dos Godos), que é o que corresponde á era de Cesar, 1322, não obstante serem os outros artigos muito mais pequenos (2).

Ora se pelo que conseguimos palpavelmente fa-

(1) Na *Espana Sagrada*, tom. 33, pag. 370.

(2) Não parece fóra de propozito aqui declararmos que a maior parte dos *Chroniconis*, que, em opposição á aserção do historiador portuguez, trouxemos á collação, não são indifferentes á nossa historia. Pereira de Figueiredo fez dos *Chroniconis Minores* uma collecção, a que deu o titulo de: " *Vetera Chronica Hispaniae Minora, in unum Corpus redacta ad fidem eruditionis Florentinae, curante Antonio Pererita Figueiredo, Regiae Curiae Censoriae Decemviro Ordinario Reginaeque Fidelissimum ab Epistulis Latinis.* " Este erudito é pois o proprio que confessa na Prefação da referida obra que os *Chroniconis*, por elle reduzidos a um Corpo, como que encerram uns certos fundamentos da nossa Historia Antiga: " *Nunquam igitur à me Hispaniae Monumenta expectent, vel nostri, vel ex-teri, quam breviora Chronica, brevioresque Annales, quae antea quae Historiae nostrae veluti fundamenta quaedam habentur.* "

Agora relacionaremos chronologicamente os *Chroniconis*, o *Annus*, que Pereira de Figueiredo incluiu na referida Collecção.

O *Chronicon* de Idacio (*Idatii Episcopi Chronicon*). É do 5.<sup>o</sup> seculo. (Em *Flores*, *Espana Sagrada*, tom. 4.<sup>o</sup> pag. 346).

O *Chronicon* de João Biclarense. (*Chronicon Joannis Biclarensis*). É do seculo 6.<sup>o</sup> (*Flores* etc. tom. 6.<sup>o</sup> pag. 375). Este escriptor é natural de Santarem.

Isidoro Hispalense, *Historia* dos Godos, Vandalos e Suevos. (*Divi Isidori Hispalensis Episcopi Historia de Regibus Gothorum, Vandalorum et Suevorum*). (*Flores* etc. tom. 6.<sup>o</sup> pag. 274). É do seculo 7.<sup>o</sup>

Julião Bispo de Toledo. É do mesmo seculo. *Rescreven* — *Historia* do Rei Wamba. (*Historia Excellentissimi Wambae Regis*). (*Flores* etc. tom. 6.<sup>o</sup> pag. 524).

O *Chronicon* dos Reis Wisigothos, de Author Anonymo. (*Chronica Regum Wisigothorum*). É do principio do 8.<sup>o</sup> seculo. (*Flores* etc. tom. 2.<sup>o</sup>, pag. 172).

O *Chronicon* de Isidoro Pacense. (*Isidori Pacensis Episcopi Chronicon*) É do mesmo seculo 8.<sup>o</sup> (*Flores* etc. tom. 8.<sup>o</sup> pag. 274).

O *Chronicon Albeldense* ou *Emilianense*. (*Chronicon Albeldense*, chamado tambem *Emilianense*). É de author incerto, e pertence ao seculo 9.<sup>o</sup> (*Em Flores* etc. tom. 13, pag. 417).

O *Chronicon* de Sebastião Salmaticense. (*Sebastiani Salmaticensis*





gos da Chronica dos Godos, segundo o exemplar de André de Rezende; mas até mesmo, que elles contêm artigos incomparavelmente muito mais longos e diffusos; que os mais compridos e extensos da dita Chronica; como se poderá admittir; sem o mais revoltante absurdo, a inaudita illação que o Annotador assena contra o Ms.; que elle pretende desvairadamente depreciar? Na verdade se na *Copia da Chronica dos Godos*, de que usára Rezende, se acham artigos, que desdixem completamente da *fôrma sempre resumida e rapida* por que se lançavam aquellas series de assentamentos, chamadas Chronicas; quanto mais não desmentem da tal *fôrma sempre resumida e rapida* os artigos incomparavelmente maiores dos outros Chronicons, que acabámos de indicar? Porém se taes artigos, dos mencionados Chronicons, não obstante a sua avultada extensão, não deram motivo a que Critico algum os reputasse *desdixerem da fôrma rapida e resumida*, que caracteriza os Chronicons, e muito menos para os carimbar com a ignaudita alcunha de *parafrases*; por que carga d'agua se ha de dar essa pécha no exemplar de André de Rezende? Por tanto se a extensão d'aquelles artigos não é motivo para se duvidar do seu conteúdo, muito menos o deve ser a respeito da Copia ou exemplar da Chronica dos Godos de André de Rezende.

A' vista dos exemplos dos diversos Chronicons, que allegámos; como se pôde outrossim dizer, em um tom absoluto e categorico, que os artigos do exemplar da Chronica dos Godos de André de Rezende não concordam com a *fôrma constante* dos Chronicons usada não só em toda a Península, mas em toda a Europa? Embora o annotador cite em globo em seu favor as Collecções de *Martens*, *Achery*, *Maratori*, e o mais que elle lá saiba; o que é certo é que a nossa analyze dos Chronicons completamente depõe contra aquella asserção generica, relativa á *fôrma chroniographa* das taes Collecções mencionadas. E quanto, estas ainda talvez o não desmentiriam, se fossem pausadas pela feitura da analyze!... Não as analysámos por aqui não termos presentes. Nem era preciso; á vista do que fica discutido. Os exemplos que apontámos mostram assás que o Annotador andou de cór quando fallou em *fôrma constante*, pela qual pre-

tendem modelar os *Chronicons*, não só em toda a Península, mas em toda a Europa! E veria elle os *Chronicons* de toda a Península e de toda a Europa para estabelecer com conhecimento de causa a tal bitóla? Se os tivesse lido não os teria por certo reduzido a um só e constante fac-simile!...

Agora exigiremos do Annotador que nos indigite, um por um, quaes são esses artigos da copia de André de Rezende, que deudizem completamente da forma sempre resumida e rapida por que se lançavam aquelles series de apontamentos, chamadas *Chronicons*? Aguardaremos a solução do problema; que ha de ser bem difficilissima!...

Todavia elle continúa ainda com os seus originaes destemperos! Ouçamol-o: Assim dando textualmente as fontes para a historia da batalha de Ourique, aproveitamos o artigo da *Chronica* dos Godos inserido na narrativa de Brandão, desprezando a leitura do codice de Rezende, evidente paraphrase de mão mais moderna (1). Esta clausula, ou fecho do paragrafo tem tanto de burlesca, como de manifestamente falsa. E na verdade quem jámais houve que se inculcasse por textual dador das fontes para a historia da Batalha de Ourique, que desprezasse de contar no numero dessas fontes o Ms. ou Codice de Rezende, de que se tem tratado? Nem um só escriptor se ha de encontrar, que com similhante fanfarronada conjunctamente pronunciasse um tão agigantado absurdo! Pois ignora alguma que além de André de Rezende (e este voto bastaria para refutar só de per si a romantica ousadia do Author da Nota!) fizeram estimação especial d'aquelle Codice o mesmo Antonio Brandão, que o julgou digno de ser impresso (e por elle foi dado á luz pela primeira vez), e inserido no Appendice da 3.<sup>a</sup> Parte da *Monarchia Lusitana*, entre os Documentos, que comprovam a sua Historia? Duvidará alguma que meimo antes d'elle fizera estimação do referido Codice Manoel Severim de Faria: que o grande Theatino D. Antonio de Sousa no seculo passado o copiára como Documento capital de fé historica no 1.<sup>o</sup> Tomo das Provas da Historia genealogica da Casa Real? Que

(1) Nota XVI, pag. 488.

o mesmo depois praticára *Flores*, e para o mesmo fim; reimprimindo-a no Appendice do tomo 14.<sup>o</sup> da *Espanha Sagrada*? Se pois estes e outros escriptores desta polpa não menoscabaram aquelle Codice, antes o tiveram em reconhecido apreço; quanto não é desprezível, e caricato o sentir de um modernissimo escriptor, que tão diametral, e absolutamente dissente de taes e tão valiosos votos?

Qual porém será o motivo, a causal de um tão sacodido *desprezo* pelo Ms. de Rezende? E', responde elle, por ser *evidente paraphrase de mão mais moderna*. Que miseria das miserias!.... O Annotador não sabe por certo o que significa a palavra *evidente*!.... Se o soubera sem duvida que não havia de usar tão desconchavadamente de um tal termo! Pois eu lho explico: *Evidente* chama-se a tudo aquillo que não só é certo, mas até se offerece ao nosso entendimento em um tal grão de luz, que o põe fóra de toda a hesitação. *Le terme evidence signifie une certitude si claire et si manifeste par elle-même, que l'esprit ne peut s'y refuser*. E' Condillac que assim se exprime, e desta definição, e do mais que a acompanha se aproveitou a *Encyclopédia Methodica*. Se pois se conhece com uma certeza tão clara e tão manifesta, qual é a que produz a luz da evidencia, que aquelle Ms. da *Chronica dos Godos* do usa de Rezende, é uma *paraphrase de mão mais moderna*; como é crível que no espaço de mais de 200 annos, em que este Ms. tem sido revolvido, e examinado por tantos eruditos de mão cheia, um tão quejando e tão saliente aleijão não fosse descoberto? E' de pasmar que aquella *evidencia* só estivesse reservada, depois de seculos, para ser exclusivo apanaggio do Escriptor da *Historia de Portugal* do meado do seculo 19.<sup>o</sup>!.... Não é porém crível, nem admissivel, que tantos ornamentos de litteratura, versados nos estudos das antiguidades patrias, estivessem á uma todos com os olhos encataractados para não sentir a força do clarão da *evidente paraphrase*, que os deslumbrava!.... Este argumento de prescripção é bastante para de todo desmoronar uma affirmação, que pela primeira vez se estira no papel sem algum fundamento! — Ninguem todavia que tenha voto na materia jámais disse que a

leitura do Codice de Rezende se devia desprezar por ser evidente paraphrase de mão mais moderna. Antes foi sempre respeitada, e havida como um Documento de grande fé, entre os nossos Escriptores. Não enoviamos cõntinuações, e sem fundamento, como se fez a fanfarronica dialectica romantica. O grande Oratorião Pereira de Figueiredo, que tão conhecido era da historia patria, testifica que a Chronica chamada dos Godos entre Brandão e Barbosa passa por uma das mais antigas e das mais fidedignas deste Reino (1). O mesmo moi critico e erudito Oratorião na Dissertação 19.<sup>o</sup> sobre as Epocas da Batalha d'Ourique etc., no § 1.<sup>o</sup> em que trata da antiguidade, e authoridade da Chronica chamada dos Godos, de que usou André de Rezende e da outra do Livro da Noa de Santa Cruz de Coimbra, depois de expor os fundamentos em que apoia o seu juizo, conclue: » Estas e outras circumstancias nos determinaram a ter » esta Chronica por obra d'Author, que alcançou os » tempos do dito Rei (D. Affonso Henriques) ou pelo » meo foi muito visinho delles (2). N'este mesmo con- » ceito (continua Pereira) estiveram os nossos dois fa- » mosos Antiquarios do seculo XVI André de Rezende, » e Gaspar Bartheiros » (3). O aprego em fim em que es- » tes dois grandes homens mostraram ter a referida Chronica, fez ostensivamente a Pereira » isto basta, para » esta Chronica se deve reputar d'uma veneranda e mu- » ltiplicada anciennidade; como depois de Rezende e de » Bartheiros a reputou Brandão » (4). Se pois este era o juizo favoravel, e de subido aprego em que estes tão distinctos litteratos tiveram o Codice da Chronica dos Godos do uso de Rezende, sem que lhe achassem man- queira alguma, por onde devossei desmetêr, quanto não é para indignar, que á vista do verdict de tão illustradas summidades, viesse um vertiginoso innovador historico, a seu bel-prazer e com desenfreada fantasia, condemnar ao desprezo a littera d'aquelle Chroni-

(1) Mem. da Acad. tom. 9.<sup>o</sup> pag. 300. Dissert. 17.<sup>o</sup> Incertez do anno em que nasceu D. Affonso Henriques etc.

(2) Mem. da Acad. tom. 9.<sup>o</sup> pag. 304.

(3) Mem. da Acad. tom. 9.<sup>o</sup> pag. 304.

(4) Mem. da Acad. tom. 9.<sup>o</sup> pag. 304.

ça, capitulando-a de *evidente paraphrase de mão mais moderna?* Desprezo do mais subido e orgulhoso cogito merece um lábio crasso e coccudo, se não, audaciosa, ignorancia!....

Agora, para pasta de curiosidade, perguntaremos ao Author da Historia de Portugal: 1.º *Quão idôlo* foi esse mais *moderna*, que escegviu, a tal *paraphrase*? Dar por certa a existencia, de tal *mão*, sem idêntico qual ella foi, é completamente burlar os diáspmas da critica! Tais asserções são porém, o descredito da quem as pronuncia!....

2.º Porque razão volu agora, (do desprezo Chronica dos Gódos do uso de Rezende, sendo elle já della servido, e com preferencias, para attribuir certos factos trazidos na Historia de Portugal, como já tivemos ver?) (1), Porque razão julgou, boa, e aproveitavel aquella *leitura*, que agora reputa, digna do desprezo? A contradicção sobressahe, sem réplica, e sem dilação, e sem...

3.º Aonde achará elle, *evidente paraphrase de mão mais moderna*, nos artigos da referida Chronica, que não chegam sequer a uma linha; e ainda em trechos, aonde a narrativa, não obstante o numero das linhas? É a mais succinta, possível? O Author, por sem, duvida bem se ha de dar a pessoa, para achar a tal *idêntica paraphrase*.... Por mais que dissequete e spatiforo madar *chronical*, não se ha de encontrar, nem sombra da *enfiada e mesquinha idéa*.... Ha de ferozmente confessar, ou alguém por elle, quando sabia, a que quer dizer, ou significar o termo *paraphrase*. Talvez, mesmo, para se livrar do torqueto, não tenha duvida de declarar a palavra *paraphrase* por synonymo de *homonymo*.... Se porém os exemplares da Chronica dos Gódos de Alcobaça e Santa Cruz de Coimbra são o *exemplar* do exemplar da Chronica dos Gódos da *Andar do Recorde*, e por consequente de tempo mais moderno (sendo o Author do exemplar de Rezende, o mesmo de D. Affonso Henriques, e não o Author, ou Authores, dos outros exemplares de Alcobaça e Santa Cruz); como é possível que o exemplar mais antigo seja considerado como *paraphrase*?

(1) Vej. pag. 19 desta 5.ª Parte, e mais p. 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100.

se de outros exemplares; que conhecidamente são mais modernos (1)? A lembrança da *paraphrase* encerra por tanto o mais desconchavado absurdo!... Mas passemos adiante.

» E ainda assim nós considerámos a authoridade » da Chronica dos Godos como inferior á Chronica La- » mecense porque, posto ambas sejam do século XII, » a relação d'aquella é por certo posterior, nesta parte, » aos successos que narra: as palavras *tunc cor terra sarrac- » enorum*, que ahí se lêem, não deixam a menor du- » vida de que a memoria da batalha foi escripta depois » da conquista do Alemtejo, quando já Ourique não » era o *coração da terra dos Sarracenos*; ao passo que » o artigo do Chronicon Lamecense pôde ter sido lan- » gado nelle por occasião do acontecimento. Por via de » regra era assim que se iam redigindo aquellas como » mentas historicas » (2). Quem diria que a Chronica dos Godos do uso mais especial de Brandão, que o Annotador trouxe nas palminhas; havia agora de levar neste parrafo a sua estoragadéla? O facto do menosprezo é porém verdadeiro! Elle sim reputa a authoridade da Chronica dos Godos inferior á do *Chronicon Lamecense*; porque, diz elle, *a relação d'aquella é por certo posterior, nesta parte, aos successos, que narra*. Ora já viram uma frioleira mais descabelada? Pois houve jámais no universo *relação alguma*, já de Annaes, já de História, já de Chronica, que não fosse *por certo posterior aos successos que narra*? Acaso o Annalista, o Historiador, ou Chronista, não escreve depois de verificados os acontecimentos? Sem duvida; e não ser profeta, dom que só se concede aos escriptores agiographicos. — Sendo isto assim, é evidentissimmo que não pôde haver *relação alguma historica de qualquer natureza que fôr, que não seja posterior aos successos que narra*. Assim a qualidade de *posterior aos successos que narra* é tão applicavel á Chronica dos Godos, como ao *Chronicon Lamecense*. Pôde o Author ser anterior aos successos que narra, porém nun-

(1) Vej. Pereira de Figueiredo, nos Elog. dos Reis de Portug. pag. 296, nota 12.<sup>a</sup>

(2) Hist. de Portug. Nota XVI pag. 483 e 484.

ca a *relação* delles. Esta forçosamente ha de ser *posterior*. A mesma natural definição da palavra *sucesso* assim o indica. E' impossivel pois intrinseco que a *relação* de uma cousa acontecida não seja *posterior* a ella. A razão por tanto de ser *posterior* aos *sucessos* que narra, para se ter em menos a *Chronica* dos Godos que o *Chronicon Lamecense*, é uma chapadissima inepecia.

Porém a questão é ainda outra. O Annotador intenta provar que « as palavras *tunc cor terræ sarracenorum*, que ahí se lêem, não deixam a menor duvida » de que a memoria da batalha foi escripta depois da » conquista do Alemtejo, quando já Ourique não era o » coração da terra dos Sarracenos; ao passo que o artigo do *Chronicon Lamecense* pôde ter sido lançado » nelle por occasião do acontecimento. » Todo este alinhavo palavroso não encerra mais que um rematado desconchavo logico. Vamos por partes. Supponhamos que aquellas palavras « *tunc cor terræ sarracenorum*, » que se lêem na *Chronica* dos Godos, não deixem a » menor duvida de que a memoria da batalha foi escripta depois da conquista do Alemtejo, quando já Ourique não era o coração da terra dos Sarracenos; » quaes são as palavras documentaes, que o Annotador aponta do *Chronicon Lamecense*, para provar que o seu artigo pôde ter sido lançado nelle por occasião do acontecimento? Nenhumas. Nem era elle, nem alguém por elle, capaz de as apresentar. Pelo contrario (digamol-o em alto e bom som) as palavras do artigo do *Chronicon Lamecense* tanto provam que o artigo podéra ter sido lançado por occasião do acontecimento, como muito depois d'elle. Para prova irrefragavel desta asserção basta transcrever o artigo, de que se trata. Ell-o aqui: « In loco qui dicitur Oric fuit prælium inter paganos et christianos, preside Idefonso portugalense ex una parte » et rege paganorum Examare ex altera, qui ibidem » mortem fugiendò.... vitio evasit in die S. Jacobi apostoli mense julii. Era MCLXXVII » (1). Em vulgar quer dizer: « No lugar, que se chama Ourique, houve um combate entre pagãos (os Mouros) e Christãos,

(1) J. P. R. Dissert. Chronolog. tom. 4.º Part. 1.ª pag. 174.

» sendo commandante de uma parte D. Affonso de Portugal, e de outra parte Esmar rei dos pagãos, queahi mesmo, para fugir á morte.... abandonou o sitio no dia de S. Thiago Apostolo no mez de julho. Era de 1177. » Ora diga-me todo e qualquer ser da especie humana, que tenha algum bestunto crítico, se achia no todo das transcriptas palavras, ou em alguma dellas de per si, algum rasto, rasquicio, ou effluvio, por onde se possa colligir que o tal artigo fôra lançado no Chronicon por occasião do acontecimento, e não tempos depois d'elle? Todo o mundo pensador, ainda aquelle de mediana intelligencia, e mesmo de curto alcance, ha de concluir que a lenda do artigo transcripto tanto prova que elle fôra lançado por occasião do acontecimento, como tempo depois d'elle. — Tendo pois tanto valor dialectico, assim uma, como outra illação, fica perfeitamente sem força exclusiva aquillo, que tamsómente o Annotador pretendia sustentar. Iremos porém já a outros pontos, que serão o objecto da

### Observação 6.º

Agora passaremos a observar ou antes a examinar se por ventura d'aquellas palavras da Chronica dos Godos — *tunc cor terræ Sarracenorum* — se pôde concluir que esta fôra posterior ao Chronicon Lamecense? A este problema desde já respondemos — que *de nenhuma sorte*. Para melhor evidenciar este enunciado compulsorio copiaremos o logar da Chronica: » Era MCLXXVII » julio mense die divi Jacobi fuit victoria Alfonsi regis » de Esmar rege Sarracenorum et innumerabili prope » exercitu, in loco, qui dicitur Aulic, tunc cor terræ » Sarracenorum quo perrexit rex Alfonsus (1). » Em vulgar significa: » Na era de mil e cento e setenta e » sete (2) no mez de julho, em dia de S. Thiago, foi a

(1) Mon. Lusit. Part. 3.ª Liv. 10.º Cap. 3.

(2) Esta era de Hespanha corresponde ao anno de Christo de — 1139.



» victoria que alcançou El-Rei D. Affonso de Esmar,  
» Rei dos Sarracenos e do seu quasi innumeravel exer-  
» cito, no lugar que se chama Ourique, *que então era*  
» *o coração da terra dos Sarracenos* (ou antes, como tra-  
» *duz Brandão — o qual então ficava no meio da terra*  
» *dos Mouros*) até onde alcançou El-Rei D. Affonso. » —  
Concedamos que a phrase — *que então era o coração da*  
*terra dos Sarracenos* — seja argumento para se afirmar  
que este artigo da Chronica fôra escripto depois da con-  
quista do Alemtejo, quando já Ourique *não era o cora-  
ção da terra dos Sarracenos*; por ventura pôde-se d'ahi  
concluir que elle foi escripto posteriormente ao artigo  
do Chronicon Lamecense? Nunca. Para tal se poder af-  
firmar era necessario que se mostrasse de um modo in-  
eluctavel que o artigo do Chronicon de Lamego tivera  
precedido ao da Chronica dos Godos. Isto porém debal-  
de se pretendeu fazer. O Annotador contentou-se ape-  
nas de tirar esta conclusão, tendo por base o conteúdo  
da Chronica Lamecense. Quem examinar todavia este  
conteúdo ha de achar que elle tambem pôde servir de  
fundamento para tirar a deducção contraria. Quero di-  
zer: Aquella artigo do Chronicon Lamecense tanto offe-  
rece materia para se julgar que fôra escripto por occa-  
sião do acontecimento, como muito depois. Tanto fun-  
damento dá para se tirar a primeira, como a segunda  
conclusão.

Concedamos mesmo porém que havia todo o fun-  
damento para se conjecturar que o *Chronicon Lamecense*  
fôra escripto *por occasião do acontecimento*, e a Chronica  
dos Godos depois; seria por ventura esta prioridade só  
de per si motivo critico para ser tido em mais o Chro-  
nicon Lamecense do que a dita Chronica? Nego. Os  
dotes do historiador, como todos sabem, são a capacida-  
de, ou talento para historiar, a sciencia do facto e a  
probidade. — Ora por um historiador, de qualquer ca-  
thegoria que seja, ser o primeiro que narra um successo;  
segue-se logo que elle deva exceder a todos os que vie-  
rem depois d'elle nos referidos dotes? Não por certo.  
Pôde muito bem um outro, apesar de não gosar da condi-  
ção casual da prioridade, exceder ao que o antecedeu em  
todos os indicados dotes, que caracterizam o historiador.

(1).— Quando pois se demonstre que o *Chronicon Lamecense* tenha a prioridade, não se segue d'ahi que a sua authoridade deva ser tida em mais, sem se provar que os doctes historicos da Chronica dos Godos lhe são inferiores; cousa que o Annotador não fez, nem poderá fazer. — Além disto a circumstancia — *tunc cor terras Sarracénorám* — quando prove que este artigo da Chronica fosse feito depois da Batalha de Ourique, não se segue que não fosse feito pouco depois d'ella, e por escriptor contemporaneo, no que póde correr parellas com o Chronicon Lamecense, que a olhos vistos nada encerra, por onde se possa conjecturar ser anterior. — Mas profundemos a questão. Será por ventura o *Chronicon Lamecense* mais antigo que a Chronica dos Godos? Não ha razão, em que se funde tal asserção pelo lado affirmativo. O Annotador colloca tanto o *Chronicon Lamecense* como a Chronica dos Godos no seculo 12.<sup>o</sup> E' porém verdade que o *Chronicon Lamecense* é do seculo 12.<sup>o</sup>? Não ha fundamento algum em que se estribe a asserção affirmativa; antes é mais para conjecturar ou antes asseverar o contrario. Ouçamos o que diz o erudito Diplomata J. P. Ribeiro (Dissert. tom. 4.<sup>o</sup> pag. 174) em a nota que vem no fim do *Chronicon Lamecense*: » Este Chronicon, diz elle, acha-se escripto em Lettra Françeza na primeira folha de um Martyrologio antigo da Sé de Lamego, e se diz compilado de outro mais antigo no anno de 1262 por Martin Gonçalves, Tabellião publico, e correcto pelo Conego, o Mestre Aires, á custa de D. Affonso Paes, Deão, que foi da mesma Sé. » A' vista do que se afirma nesta nota fica evidente que o *Chronicon Lamecense* não é original, porém compilação authentica de outro Martyrologio mais antigo, feito do anno de 1262. Temos pois que a compilação que constitue o *Chronicon Lamecense*, que existe e fica transcripta não é do seculo 12.<sup>o</sup>, porém do meado e para mais do seculo 13.<sup>o</sup>, como está mostrando a data 1262. Sendo isto assim fica indubitavel que, se o escriptor da Nota da Historia de Portugal, quando fallou do *Chronicon Lamecense*, se referiu á mencionada compilação (e

(1) Vej. Meth. pour etudier l'Hist. par Lenglet, tom. 1.<sup>o</sup> pag. 63.

não pôde haver motivo para julgar cousa diversa); pronunciou um bem alentado, e rechonchudo erro em a collocar no seculo 12.<sup>o</sup>. — Se porém (vá uma concessão romantica!) quando fallou em *Chronicon Lamecense*, se referiu ao tal Martyrologio mais antigo, do qual o transcripto, que existe fôra compilado; donde fundamentalmente soube o Annotador quequelle original era do seculo 12.<sup>o</sup>? De ninguém; nem o citado Diplomata o testifica em sua nota. Conjecturou-o acaso algum? Uma conjectura porém gratuita não tem pezo algum na balança da critica (t). Se pois não consta que o origi-

(1). O Annotador dissera em a pagina 482 da Nota XVI, que tendo sido, e continúa a ser o objecto das Observações: *Viterbo suppõe o original (do Chronicon Lamecense) anterior um seculo*. As palavras de Viterbo são as seguintes: *E se ao Original donde esta Cópia se tirou, dermos ao menos 100 de idade etc.* K' bem de ver que este modo de fallar é inteiramente hypothetico, e de calculo meramente arbitrario — Agora advertiremos que Viterbo não disse exactamente que o tal Original era anterior um seculo, como escreveu o Author da Nota, porém outrosim accrescentou *ao menos*; o que destroz a certeza, e reduzêz ao calculo.

Mas quaes são as razões que o Notographo fantasiou para fazer valer a supposição de Viterbo? Ellas aqui, terminando o ultimo paragrafo da citada pagina: « A palavra *Oric*, escripta segundo a « mais pura pronuncia arabe, a singeleza verdadeiramente de *chronicon* com que está escripta, é o terminar em 1169, dão a esta « opinião do author do Elucidario um tal gráo de probabilidade, « que toca as rasas da certeza. » Ora quem jámais ousou affirmar que caracteres tão communs e genericos possam grangear ao referido Original a pretendida anterioridade em tal gráo de probabilidade, que toque as rasas da certeza? Allega no seu intento: a palavra *Oric* escripta segundo a mais pura pronuncia arabe; e quem não ha de rir quando souber que quem assim dogmatiza sobre a orthografia e prosodia da lingua arabe, é um qualificadissimo leigo, e idiota nella? D'onde soube ellê que o termo *Oric*, assim escripto denotava a mais pura pronuncia arabe? Em que escola se habilitou para fallar da pureza de pronuncia da lingua arábica em um tom tão magistral? Entre tanto se é indício do *Chronicon Lamecense* ser do seculo 12.<sup>o</sup> o escrever — *Oric* —; então diremos que não é deste seculo o *Chronicon Conimbricense* porque traz — *Ouric* —, nem a *Chronica dos Godos*, que escrevem *Aulic*; o que o Author da Nota não pôde admitir sem contradicção manifesta. Além d'isto se *Oric* está escripto segundo a mais pura pronuncia arabe, porque escreveu antes na *Historia Oric*, como denominação arabe? — O certo é que Moniz nos *Vestigios da Lingoa Arabica em Portugal* designou a palavra arabe pelo termo — *Origue*, e não *Oric*. Quanto á pronuncia de *Origue*, o erudito Author do *Exame Historico* indica-a como devendo pronunciar-se — *Arigun* (pag. 12 § 8.<sup>o</sup>). — Quanto á razão tirada

nal do Chronicon Lamecense fôra do seculo 18.<sup>o</sup>; por-  
que ha de o Annotador encaixal-o n'esse seculo? Não  
é isto um destempero risivel? E' sem duvida. Tão con-  
jecturavel é que o original seja do seculo 12.<sup>o</sup>, como do  
mesmo seculo, em que foi feita a copia. Se porém todos  
os principios da boa critica mandam só fazer obra por  
aquillo que existe, e não por aquillo que pôde ser (nem  
o pôde ser é base de illação logica admittivel), é outro-  
sim manifesto que o *Chronicon Lamecense*, que existe (o  
unico por onde se pôde e deve ajuizar) é ainda, pelo la-  
do da prioridade de existencia, muito mais inferior á  
Chronica dos Godos conforme o exemplar de Rezende,  
e mesmo ainda o do uso de Brandão (1); o que é dia-  
metralmente opposto áquillo que o Annotador aereamen-  
te asseverára.

» Por via de regra (*termina elle o paragrafo*) era  
» assim que se iam redigindo aquellas, como ementas  
» historicas (2). » Em que arte chronico-graphica achou  
o Annotador que por via de regra as *ementas historicas*  
dos Chronicons eram lançadas, ou antes redigidas nelles  
*por occasião do acontecimento*? Temos outra fantasia ro-  
mantica!... Se tal quizer sustentar ha de ser desmentido

da *singelosa* em que está escripto o *Chronicon Lamecense*, esta razão  
é tão commum a todos os Chronicons, que é futilidade apontar a co-  
mo contendo motivo de força e valor especial a respeito delle. Este  
caracter milita até em Chronicons mais antigos, taes como o de Ida-  
cio, Severo Sulpicio, e de Santo Isidoro. — A razão da Chronica  
Lamecense *terminar em 1169* põe o cumulo á futilidade. Pois acaso  
por uma obra historica terminar a serie dos factos em uma designa-  
da epocha, segue-se logo que seu Author era dessa epocha? A affir-  
mativa seria o mais assalvajado absurdo! Todo o mundo sabe que ha  
Innumeraveis escriptores que trataram de objectos historicos seculos  
posteriores a elles. A data portanto, em que termina qualquer Chro-  
nicon não foi jamais signal caracteristico da contemporaneidade de  
quem o escreveu. — Agora perguntaremos ao Author da Nota, de  
onde soube que o Chronicon Lamecense termina em 1169? O Chro-  
nicon de certo não o diz, será sonho romantico? Como tal o acredi-  
tamos! ...

(1) Nesta Chronica, que é Summario, ou Compendio do Exem-  
plar de Rezende, como já advertimos, alguma coisa ha que faz co-  
nhecer que seu Author a escrevia depois do anno de 1212; o que  
confirma ser posterior ao referido Exemplar, de que usou o erudito  
Antiquario. Vej. Elog. dos Reis de Portug. por P. de Figueiredo,  
Not. 12, pag. 206.

(2) Nota XVI, pag. 484.

do a cada passo não só pelos outros Chronicons, que temos já apontado; mas até especialmente pelo proprio *Chronicon Lamecense*. Sim, no abrir o *Chronicon Lamecense* ha de logo encontrar que as primeiras *ementas historicas* não foram lançadas por occasião dos acontecimentos, antes tratam ellas de successos muitos seculos anteriores. Taaes são o nascimento de Christo na era de 38 — a Degolação de S. João Baptista na era de 68 — a de S. Thiago Apostolo na era de 61; e outros mais factos por onde começa. — Mas que digo? Não ha sequer um só facto mencionado no *Chronicon Lamecense*, que seja de data contemporânea. O ultimo facto pois, ahí mencionado debaixo de data, é da era de 1207; sendo aquelle compilado em 1262 (1). Como pois, á vista deste tão terminante exemplo, ha de o Annotador poder sustentar que aquellas *ementas historicas* eram, *por via de regra*, lançadas nos Chronicons *por occasião do acontecimento*? Que um escriptor que se reputa enthronizado no pinaculo da litteratura, qual Fôlo no solio da montanha exercendo altiva governança sobre a ventosa grey, pronuncie e escreva tal *via de regra* para formar Chronicons, é a miseria das miserias!.... Talvez recalcitre, oppondo que no original do Chronicon, (que ninguem ainda descobriu!) d'onde o existente fôra compilado, e mesmo no contexto deste, se acham mencionados tambem successos contemporaneos; sendo isto bastante para se verificar a tal *via de regra*! Não supponho todavia que elle intente, nem se lembre de vir a publico com tão insubsistente coarctada.... Seria o mesmo que pretender que a critica lhe admittisse como realidade aquillo, que não é mais que uma ficção meramente gratuita, uma *via de regra* manifestamente contradictada; pretensão, que seria outra miseria das miserias!....

(1) Já advertimos que Viterbo suppozera ser o Original do *Chronicon Lamecense* contemporaneo pelo menos do anno de 1162. Agora reparamos que contendo a Compilação factos já acontecidos no seculo seguinte, os quaes, segundo a hypothese de Viterbo, adoptada pelo Author da Nota, aquelle Original já não podia alcançar, mal deve ter logar a indicada supposição, salvo se se der a Compilação por interpollada; o que se não prova.

## Observação 7.<sup>a</sup>

Vê-se que o historiador portuguez ainda não descança para levar a effeito o seu premeditado projecto de dealustrar, e reduzir ao ultimo estado de aviltamento a Batalha de Ourique. Que fará pois elle mais? Vai glóssar, a seu modo, a Chronica dos Godos de André de Rezende, que é o seu *paper*, para ver se assim pôde fazer alguma brecha, e dar na sepultura com aquelle glorioso e immortal feito. Porém como se engana? E' elle que primeiro ha de ver ficar sepultada debaixo das ruinas do seu mal architectado e construido edificio historico a sua audaciosa intentona, do que ver aquella faganha deixar de gosar da posse, em que está, da bem merecida, e justa immortalidade. — Continuemos a julgar-o pelas suas proprias expressões.

» Se destermos a examinar criticamente a narração  
» do codice de Resende, d'elle mesmo se tirarão as pro-  
» vas contra o subido valor que se lhe tem dado. Não  
» transcrevemos na íntegra aquelle artigo; porque não  
» lhe attribuímos grande importancia á vista do que fi-  
» ca advertido » (1). A pouca, ou não *grande importancia*, que merece ao Annotador o Codice de Rezende, é um paradoxo de calibre tal, que só poderá emanar da mais crassa e cascuda ignorancia! Os testemunhos, que ficam apontados de Varões de tão abalizada erudição em favor do dito Codice (2), não podem deixar de constituir na mais baixa, e deploravel posição, na republica das letras, o escriptor do transcripto parrafo!...

» Citaremos, *continúa*, só as passagens que em nos-  
» so entender, o condemnam. A primeira cousa que of-  
» ferece uma difficuldade talvez insolúvel, é dizer-se nos  
» ahí: » que o rei Esmar, tendo congregado infinita  
» multidão de Sarracenos africanos que trouxera comsi-  
» go, e dos de áquem mar, dos districtos de Sevilha,  
» Badajoz, Elvas, Evora e Beja, e de todos os castellos

(1) Nota XVI, pag. 484.

(2) Veja-se o que deixámos escripto a pag. 30 etc. desta Parte.

» até Santarém sahira ao encontro d'Affonso Henri-  
» ques. » Começemos (*objecta elle*) por nos recordarmos  
» de que ainda nos principios do mez de julho o princi-  
» pe portuguez não tinha sahido dos seus dominios, on-  
» de então fazia mercês (Elucid. verb. *Ladera*), e que  
» a 25 se deu a batalha. Assim é necessario que em 20  
» dias, pouco mais ou menos, o exercito christão passas-  
» se o Tejo; que Esmar soubesse da invasão; que des-  
» se ordem ás tropas almoravides e andaluzes, para  
» marcharem de tão diversos pontos; que essa infinita  
» multidão marchasse de feito, se reunisse e viesse en-  
» contrar os portuguezes em Ourique. E' duro de crer;  
» mas sigamos ávante (1). » Que *rabiolis*, que *miolcira*  
é esta palavrosa de nova especie, que aqui apparece!...  
Viui-se acaso jámais no campo do discurso escatracho al-  
gum mais impertinente e inerte?... Não; sem duvida. E'  
de laia e estofa tal esta quejanda glossa, que, ainda na  
bocca do mais desmascarado, e profundo inimigo das glo-  
rias portuguezas, excitaria a indignação e o riso!... Va-  
mos porém a dar-lhe a competente retribuição.

Na verdade apresenta e desenrola o Author da No-  
ta, logo na testada da sua decantada glossa, uma chama-  
da difficuldade, que elle não sabe se é ou não é *indisso-  
lavel!* — Por outro dizer, apresenta uma difficuldade, fi-  
cando lá para si com outra semelhante. Melhor ainda:  
Forja lá a seu sabor uma difficuldade, ficando com a  
ignorancia de não saber com certeza, com que nome ella  
deva ser carimbada!... Mas quem propõe uma *difficul-  
dade*, que não sabe se é ou não *indissolavel*, pouco lon-  
ge está de ignorar se a *difficuldade*, que propõe, é ou não  
é *difficuldade!*... Aquelle porém que contrapõe qualquer  
objecção, indicando no mesmo tempo que ignora a sua  
natureza, mostra logo que não sabe o valor della; o que  
é o mesmo que objectar sem saber o que objecta! Mas  
vamos ao ponto.

Foi por ventura jámais para algum erudito ou não  
erudito thema de objecção ou *difficuldade talvez insolu-  
vel*, ou *dissolavel* » o dizer-se-nos na Chronica dos Godos  
» que o rei Esmar, tendo congregado infinita multidão

(1) Nota XVI, pag. 404.

» de sarracenos africanos que trouxera consigo, e dos  
» de áquem mar, dos districtos de Sevilha, Badajoz,  
» Elvas, Evora, e Beja, e de todos os castellos até San-  
» tarém, sahira ao encontro d'Affonso Henriques? » A  
não ser o novissimo Author da Historia de Portugal,  
não se encontrará um só escriptor nacional, ou estran-  
geiro, que tão monstruoso absurdo pronunciasse para de-  
primir o subido valor, que sempre se dera ao Codice de  
Rezende. Foi pelo contrario esta lenda historica tida e  
havida em todos os tempos por indubitavelmente fide-  
digna.

Que motivos porém teria o innovador historico para  
contestar uma verdade conhecida por tal? Motivos de  
uma futilidade, e ninharia tão revoltante que nauseam  
a todo o critico que imparcialmente os analyzar! Vamos  
a elles: » Comecemos, *argumenta elle*, por nos recor-  
» darmos (1) de que ainda nos principios do mez de ju-  
» lho o principe portuguez não tinha sahido dos seus  
» dominios, onde então fazia mercês (Elucid. verb. La-  
» dera) e que a 25 se deu a batalha. Assim é necessa-  
» rio que em 20 dias, pouco mais ou menos, o exercito  
» christão passasse o Tejo. » Aqui perguntaremos no  
Annotador qual é esse ponto dos dominios do Principe  
D. Affonso, no qual estando este nos principios de julho,  
não podesse achar se *dentro de 20 dias pouco mais ou me-  
nos no Campo d'Ourique?* Ha de ficar como as sombras  
que Eneas vira, me parece, nos Elysios, que ao abrir a  
bocca desfalleciam sem poder articular palavra!... Pois  
eu lhe asseguro que ainda quando D. Affonso Henriques  
estivesse no ponto mais distante do reino de Portugal a  
Campo d'Ourique, ainda considerado na extensão que  
este reino hoje tem (quanto mais em relação á extensão  
que então tinha) elle poderia, mesmo sem muita fadiga,  
chegar dentro de *20 dias pouco mais ou menos* ao lugar  
da batalha. Chamo a testemunhas todos os geographos  
do paiz, todos os entendedores da corometria patria. — Ora  
D. Affonso Henriques não veio da mais remota distan-  
cia do reino para o Campo d'Ourique. Veio de Coim-

(1) Em boa grammatica deveria dizer — *por nos recordar*. Vej.  
Soares Barbosa, Gram. Philosophica, pag. 203.



bra, que poderá distar de Ourique obra de pouco mais de 50 leguas geometricas, medidas pelo petipé de 20 ao gráo; operação que fizemos servindo-nos do Mappa de Portugal, que se acha no 1.º tomo da Geographia Historica de D. Luiz Caetano de Lima. De Coimbra dirigiu-se a Santarém, onde passou o Tejo, até Campo d'Ourique (1). Ora de Coimbra a Campo d'Ourique, vão pela *posta*, segundo nos informam, 74 leguas, que em marchas ordinarias se pôdem andar em 14 dias pouco mais ou menos.— Mas D. Affonso Henriques já nos principios de julho se achava em *Ladera*, o que confessa o Annotador citando, como já vimos, o Elucidario, na palavra — *Ladera*. Aonde fica porém *Ladera*? Ouçamos o que diz Viterbo na palavra — *Ladera*: » Nas inquiriçõs » Reaes se faz menção de huma terra chamada *Ladera*, » ou *Ladeia*, não longe da foz do Zezere. Ou digamos » que a *Ladeya* era o *Rabaçal*, por onde a estrada se » encaminhava para o Alemtejo; pois no Liv. 1. d'El- » Rey D. Affonso III, a fol. 6 na T. do T. se acha a » Doação que elle fez ás Donas de Cellas a par da pon- » te de Coimbra (para que ellas o encommendassem a » Deos) de toda a decima, e de todo o Direito Real, » que Elle e seus Successores tinham, ou podessem ter » na Herdade das mesmas Donas, no sitio da *Ladeya* » *quæ vocatur Babaxal*. Escripta pelo seu Capellão, E- » leito de Vizeu a 10 de Outubro de 1254. » Ora se não ha duvida de tomar *Ladera*, aonde nos principios

(1) Na Chronica dos Reis de Portugal ms., feita no tempo de Affonso IV, o que se conhece pela linguagem e forma de letra, como tambem porque ja a vida de Affonso V é de outra mão, se acha o seguinte, copiado de um ms. do Cartorio da Camara de Evora: *De Santarém passou o Tejo ata o Campo de Ourique onde achou a El-Rey Ismar, que a essa sazom era Rey da Estremadura com cinco Reys que o vinham buscar sabendo o grão dano que lhe favia em sa terra e entrou com elles em batalha no lugar que se chuma Crasto verde e venceu e matou e prendeo a mor parte delles mas ante que entrassem na batalha os seus o alçarão por Rey porque nosso Senhor Deos lhe appareço e assy lhe disse e desde enton se chamou Rey de Portugal e depois que os Reys foram vencidos El-Rey D. Affonso de Portugal por memoria do qual acontecmento que lhe Deos dera trouxe por armas cinco escudos por aquelles cinco Reys e pozos em Cruz por membraça da Cruz de nosso Jesu Christo em que lhe appareçera. (Cuidados Litterarios, pag. 368.)*

de Julho de 1139 se achava D. Affonso Henriques, com o nome de *Ladeya*, ou *Ladeia*, e esta não está longe da *foz do Zezere*: Se *Ladeya* era, por outra, o *Rabaçal*, por onde a estrada se encaminhava para o Alemtejo; quanto se não torna mais creditavel contra o Annotador: a estada dentro de 20 dias pouco mais, ou menos, do referido Monarcha, a 25 de Julho, no Campo de Ourique, para sustentar combate contra os Sarracenos?

Na Geographia de Lima, tom. 2.<sup>o</sup>, no Mappa da Provincia da Beira, vem situado *Rabaçal*, a quatro leguas e meia (1) ao sul da Coimbra (segundo a medição feita pelo petipé); ficando em linha recta com a margem do Zezere na distancia de pouco menos de seis leguas. Moseri dá *Rabaçal* por um lugar de Portugal na Estremadura sobre os confins da Provincia da Beira: ao nordeste de Leiria, d'onde dista umas dez leguas (2); o que não desdiz muito da situação indicada. Além d'isto, conforme adverte Viterbo (palavra *Ladera* pag. 76); *das margens direitas do Tejo até Ourique não ficam mais que umas 33 leguas em linha recta*. Ora figurando nós (a que de certo é hypothese, sem favor, admissivel) a *foz do Zezere* (cujo rio já antes da Batalha de Ourique era no circulo dos dominios portuguezes (3)) como um dos pontos communs das margens direitas do Tejo; temos que achando-se D. Affonso Henriques no *Rabaçal* nos principios de Julho, logo na distancia marginal do Zezere pouco menos ou de quasi seis leguas de ponte a nascente, e 13 leguas pouco mais ou menos até á margem direita do Tejo e reciproca confluencia dos dois rios, contando de norte a sul, apenas teria a percorrer o espaço de, pouco mais ou menos, 46 leguas até chegar a Ourique, dentro de vinte dias pouco mais ou menos (4). Que

(1) *Bluteau* situs *Rabaçal* a tres leguas de Coimbra, o *Portugal Sacro-Profano* a quatro.

(2) Na traducção hespanhola, art. *Rabaçal*.

(3) Viterbo, *Elucid.* pal. *Ladera*, pag. 76.

(4) Tirando a distancia do norte a sul da margem direita do Mondego até á margem direita do Tejo na confluencia, ou *foz do Zezere*, conforme o petipé do Mappa de Portugal de Lima, achámos a medida de 20 a 22 leguas; que juntas ás 33 da margem direita do Tejo até Ourique, segundo o calculo de Viterbo, perfazem apenas o numero de 53 a 55 leguas de total distancia entre os dois extremos.

ha aqui pois nesta marcha que pareça incrível? Nada; pela palavra nada... nada... por mais exaggerados que sejam os calculos! A difficuldade por tanto que o Annotador *goleitou* é uma puerilidade com todos os andrajos da inepecia! » Como quer que seja, *conclus Viterbo*, » parece fóra de questão, que o Principe D. Affonso se » ia chegando (refere-se ao mez de Julho de 1139) pa- » ra o Campo de Ourique, onde n'aquelle mez e anno » lançou os fundamentos solidos á Monarchia Lusitana » (1). » Tal é o que parece fóra de questão a este erudito-escritor, e bom conhecedor da materia; e não, como objecção contra a Batalha de Ourique, que D. Affonso Henriques ainda nos principios de Julho do mencionado anno se achava, ou antes *não tinha sahido dos seus dominios, onde então fazia mercês!*

Mas em que documento achou o escriptor da Nota que D. Affonso Henriques precisamente em *principios de Julho ainda não tinha sahido dos seus dominios?* Não ha de apontar um só. O Documento de Viterbo tem só a data de Julho sem declarar o dia (2). Ora não declarando este o dia, como pôde o Annotador concluir que D. Affonso Henriques ainda nos principios de Julho não tinha sahido dos seus dominios? (3) — Todavia nós admittimos-lhe a hypothese, a saber: Que o principe portuguez ainda nos principios de Julho não tivera sahido dos seus dominios. — Esta hypothese é contra o próprio Annotador!.... Na verdade já de proximo lhe fizemos ver, segundo ella mesma, que D. Affonso Henriques podia estar ainda em seus estados ou dominios nos *principios de Julho*, e achar-se sem maravilha em Campo de

D'Auille situa o Campo d'Ourique 40 leguas além do Tejo. (Estes Formés en Europe, pag. 196). — Ainda mais: A Chronica dos Reis de Portugal, cuja passagem já fica transcripta dos *Cuidados Literarios*, refere que D. Affonso Henriques de Santarem passou o Tejo até o Campo de Ourique. — Ora calculando 20 leguas de Coimbra a Santarem, e 23 até 40 de Santarem a Campo d'Ourique, temos só 53 a 60 leguas, que D. Affonso Henriques devia percorrer em 20 dias pouco mais ou menos. Que admira pois que o seu exercito fizesse marchas de 3 leguas por dia!.. Mas siga se qualquer outro calculo!..

(1) Elucid. pal. *Ladera*, pag. 75.

(2) O Documento, que se aponta acha-se já copiado na 3.<sup>a</sup> Parte desta Obra, a pag. 48.

(3) Veja-se a 3.<sup>a</sup> Parte desta Obra, pag. 48 etc.

Ourique a 25 do mesmo mez; mediando, segundo o calculo do *excentrico* Annotador, pouco mais ou menos o espaço de 20 dias em sua marcha.

Continuemos porém ainda no mesmo terreno: *Assim é necessario*, reflecte o Annotador, que em 20 dias, pouco mais ou menos, o exercito christão passasse o Tejo. Esta conclusão além de já ficar refutada nas suas premissas, é de menos intensão que ellas. Sim, o Annotador fundou a sua chamada *difficuldade talvez insolúvel* em estar D. Affonso Henriques em seus dominios ainda nos principios de Julho, e a Batalha de Ourique ser a 25 do referido mez; intervallo, segundo o Author da Nota, de 20 dias pouco mais ou menos. Agora apparece como fulcro da *difficuldade talvez insolúvel*, a necessidade de o exercito christão em 20 dias pouco mais ou menos passar o Tejo. Pergunto agora: Qual é maior difficuldade o transportar-se D. Affonso Henriques de um igual ponto dos seus estados com o seu exercito a Campo de Ourique, dentro de vinte dias pouco mais ou menos, ou o passar só o Tejo dentro d'aquelle mesmo espaço de tempo? Todo o mundo ha de asseverar que esta difficuldade, que se deduz como conclusão, não restringe ou aperta tanto como a primeira, que lhe serve de fundamento. — Demais é por ventura a mesma cousa passar do mesmo ponto commum o Tejo, que transportar-se a Campo d'Ourique? Quem tal dissesse, enunciaria uma estulticia! Na verdade não se póde concluir da *difficuldade* de transportar-se com o exercito a Campo d'Ourique dentro de 20 dias pouco mais ou menos, a *necessidade* do mesmo exercito passar o Tejo dentro do mesmo período. Poderia existir (fallamos em these) aquella supposta *difficuldade* sem deduzir-se della esta subsequente *necessidade*; como a todos é evidente. Nem a primeira tem nada com a segunda! — Porém em que bestunto jámais se encaixou a dialectica de fazer depender a veracidade da Batalha de Ourique da *necessidade* de D. Affonso Henriques passar com o seu exercito o Tejo, dentro de vinte dias pouco mais ou menos? Ninguem ainda alvergou nas abobadas intellectuaes uma droga tão exotica!.... Pois o exercito christão (cingimo-nos ao rigor litteral) era tão numeroso que levasse tantos dias

a passar o Tejo?... Nem o exercito de Xerxes lhe ganhava!... Mas o exercito de D. Affonso Henriques era, segundo consta, de 12 a 13 mil homens; e um exercito d'estes passava muito bem á vontade o Tejo em um dia de verão!....

### Observação 8.<sup>a</sup>

Progridamos ainda com a analyse das conclusões do Annotador, que são dignas de eternas luminarias! Diz mais pois: *Que era necessario que Esmar (dentro de vinte dias pouco mais ou menos) soubesse da invasão (1) (e note-se que já não é fossado!).* — De que fundamento historico ou de que cousa, que com tal se pareça, deduz o Annotador que era necessario que Esmar soubesse da invasão dentro de 20 dias pouco mais ou menos? Não ha de achar um só documento plausivel, que assignale um tal periodo. Se pois não ha documento algum que prove a necessidade de Esmar saber da chamada *invasão dentro de vinte dias pouco mais ou menos*; para que ha de o Author da Nota asseverar uma cousa, que não tem algum fundamento? Não é por ventura ridiculo este procedimento especialmente em um escriptor, que se apregôa tão *documentophilo*? E' sem duvida. — Mas porque não havia Esmar de saber da *invasão* antes della se verificar! Que motivo lho estorvava? Acaso uma guerra ou *invasão* não se costuma, ou não se pôde saber, senão quando ella se começa a fazer? A affirmativa seria um tremendo absurdo. Pôde-se de ordinario por ventura occultar todos os preparativos, os movimentos bellicos de qualquer nação, de modo tal, que não cheguem aos ouvidos dos adversarios antes de os conhecerem pelos effeitos? Não são, se não todos, ao menos pela maior parte, factos publicos, que logo correm e giram por toda a parte? Não ha espiões que os explorem da parte do aggreddido? Não ha inimigos do aggressor, que os delatem! E quantas outras maneiras ha de serem sabidos?

(1) Nota XVI, pag. 404.

Porém é a propria letra do Codice da Chronica dos Godos, de cuja narração elle pretende tirar *probas contra o subido valor que se lhe tem dado*, que o confuta. Sim, do seu proprio conteúdo claramente se deduz que o Rei dos Sarracenos já de muito antes se achava prevenido para fazer guerra a D. Affonso Henriques; mostrando bem que não era effeito de o saber *ha 20 dias, pouco mais ou menos*: » *Ille namque Rex Sarracenorum* » *cognita virtute, et audacia Regis Donni Alfonsi, et* » *videns eum frequenter intrare in terram Sarraceno-* » *rum et deprædari, nimiumque atterere suam regio-* » *nem, voluit si facere posset ut eum incautum et im-* » *paratum alicubi inveniret; ut cum eo gereret bel-* » *lum* » (1). Pergunto agora, e perguntará todo o mundo que souber entender o texto da Chronica: Haveria só 20 dias pouco mais ou menos que Esmar saberia ou teria conhecimento do valor e audacia d'El Rei D. Affonso? Haveria só 20 dias, pouco mais ou menos, que elle via que o Principe Christão entrava frequentemente em terra dos Sarracenos, e saqueava e infestava os seus dominios, para, caso o apanhasse desprevenido, o haver de guerrear? Ninguem ainda se lembrou de semelhante desvario. A Chronica referida claramente dá a entender que a raiva de Ismario contra D. Affonso não era obra proveniente de saber da tal *cognominada*, ou antes *algunhada invasão* no intervallo de 20 dias pouco mais ou menos; porém sim resultado de outras *invasões, deprædações, e estragos em demazia*, que anteriormente o tinham inquietado. Basta reflectir nas palavras: » *Videns eum frequenter intrare in terram Sarracenorum, et deprædari* » *nimiumque atterere suam regionem* » — para se dar por burlesca a tal romantica *sciencia da invasão*, a que por calculo arithmetico se quer obrigar Esmar! — Neste mesmo sentido, em que falla a Chronica dos Godos, falla André de Rezende, que ninguem duvidará ser della optimo interprete. Fallando de D. Affonso Henriques, escreve elle: » *Ubi per sætatem licuit, bella gessit quam-* » *plurima, urbes multas expugnavit, Sarracenorum po-*

(1) No Appendice da 3.<sup>a</sup> Parte da Monarchia Lusitana, fol. 273.

» tentiam fregit. Qua re commotus Ismaricus etc. » (1). Em portuguez quer dizer: » Logo que teve idade, annos, dou em innumeraveis guerras, conquistou muitas cidades, humilhou o poder dos Sarracenos. Pelo que estimulado Ismaricus etc. » E' bem de ver que o motivo por que Ismaricus se excitou a fazer guerra a D. Affonso Henriques não foi por aquella imaginada, e aprazadamente calculada sciencia da appellidada *invasão*; foi por motivos reconhecidamente anteriores. — E porque não havia de vir aos ouvidos de Ismaricus mesmo a preparação da guerra, antes da sua execução? Sem duvida lhe veio; se dermos credito ao que refere D. Fr. Antonio Brandão na *Monarchia Lusitana*, Liv. X, Cap. 1.<sup>o</sup>, que assim se expressa: » Tinham chegado as novas da preparação desta guerra, e depois da execução della a Ismaricus, Rey poderoso dos Arabes, o qual cuidadoso do perigo que o ameaçava, ajuntara um numeroso exercito de Mouros Andaluizes e Africanos etc. » Por tanto Ismaricus, segundo este critico e sensato historiador, não só teve novas, ou soube da guerra, que se alcunha *invasão*, mas tambem da *preparação* della. — E porque não havia elle de estar já prevenido para repellir a denominada *invasão*, quando esta teve logar? Nem uma só razão, nem documento ha de poder produzir o Annotador, que torne provavel o que fantasia. Pelo contrario a *Chronica de Acenheiro* manifestamente inculca a Ismaricus já preparado com muito grande força antes do Principe Christão partir de Coimbra, nonde reunira toda a sua gente para passar ao Alemtejo. Eis aqui as suas palavras: » E porém soube (D. Affonso Henriques) que El Rey Ismar Mouro houve tantas gentes d'ajuda, que pera cada hum Christão eram sem Mouros, e parlyo o Principe de Coymbra (2). » Se pois até o proprio D. Affonso Henriques sabia da immensa gente que Ismaricus tinha antes de elle partir de Coimbra; que desproposito não é o suppôr a necessidade do Rei Ismaelita saber só da *invasão* dentro do circumscripto prazo de vinte dias pouco mais ou menos? A logica no caso em

(1) De Antiquit. Lusit. Liv. 4. pag. 267.

(2) Ineditos da Acad. etc. tom. 5.<sup>o</sup> pag. 21.

questão manda só concluir que o Rei Mouro estava tão sciente da invasão, que se lhe preparava, que antes de ella rebentar já se achava assás prevenido para lhe resistir. Passemos porém já adiante.

### Observação 9.ª

Continúa o Annotador com a fantasiada necessidade; exigindo que dentro do tal periodo fatidico dos vinte dias pouco mais ou menos — *Ismario dêsse ordem ás tropas almoravides e andaluzes para marcharem de tão diversos pontos* (1). Se pelo que temos feito ver, não levados de vãos da fantasia, porém sim firmados em graves authoridades, podia muito bem Ismario saber e estar prevenido com sobeja anticipação contra a invasão, que se lhe projectava; que precisão, ou necessidade tinha elle de fazer marchar as suas tropas dentro d'aquelle estipulado periodo? Que precisão ha de o apresentar no palco historico tão preguiçoso e negligente, que deixasse tanto affan para aquelle designado e circumscripto tempo? — Porém quando se podesse demonstrar que o tal periodo, verdadeiro nariz de cera, não era uma desgrenhada fantasia, porém sim uma indubitavel realidade; que provas apresenta o escriptor da Nota, que possam fazer ver que aquella marcha não era realizavel dentro d'elle? Acaso evidenciou (ou mesmo é capaz de o fazer evidenciar) que a diversidade dos pontos locais em questão era tal, que forçosamente tornavam impossivel aquelle movimento militar de Ismario? Em quanto não fizer ver intergliversavelmente a impossibilidade; a historia fundada no Documento, que se intenta pela primeira vez menoscabar (a *Chronica Gothorum* segundo o exemplar de André de Rezende) ha de rir-se, e dar basta cachinada á custa do seu miseravel impugnador! E não sabe o Author da Nota que, quando se contröverte, não é sufficiente pronunciar de papo cheio que a these estabelecida é impossivel; mas sim que é indispensavel

(1) Nota XVI, pag. 494.



nam a iniciativa do  
feito, como se deduz  
de indefinida antecipação,  
de tarraxa dos vint  
Annotador presereve  
Mauritanos. Devemos  
la invasão de D. Af-  
o signal, e servir co-  
que em diversos pon-  
á primeira voz mar-  
alguma parte o achal-  
lle. E' isto o que diz  
vras: » Voluit (Rex  
t. cum incautum et  
cum eo gereret bel-

Rex D. Alfonsus  
tam Sarracenorum,  
ut Rex Sarracenus,  
acenorum transima-  
et eorum qui mora-  
re, et de Badalioz,  
Bergia, et de omni-  
tunt ei obviam, ut  
ntido desta narrati-  
ou quasi toda, tem  
ionaes e estrangei-  
mais terminante da  
ão ha um só que,  
texto, que o An-  
et, tenha deixado  
go da mencionada

Henrique Schef-  
m se exprime em  
a desta aggressão  
omni, reune todas  
conselho da Afri-  
das de Sevilha,  
todas as pragas

escriptorrs estrangeiros. (e por isso não suspeitos), que plenamente destroem a façanhuda hypothese dos *vinte dias pouco mais ou menos*. E' o primeiro Mr. de la Clede que assim historia : » Il meditoit (Ismar ou Ismael) » depuis long-tems la ruine d'Alfonse, et il crut qu'il » ne falloit plus differer de mettre un terme à ses con- » quêtes, de peur que devenant plus puissant il ne le » fit succomber lui-même sous les efforts de ses armes. » Il le craignoit avec raison. Alfonso depuis peu avoit » passé le Tage avec l'élite de ses troupes et fait une » incursion dans les terres de ce Barbare. Ismar assem- » bla donc ses sujets, leur ordonna à tous de prendre » les armes, les distribua en vingt corps différens, dont » il donna le commandement à vingt petits Rois ses » Vassaux, à la tête desquels il se mit lui-même » (1). Se pois Ismar ou Ismael meditava *havia longo tempo a ruina de D. Affonso*, e julgou para isso occasião oportuna o ter elle passado o Tejo; para que se ha de suppôr que Ismael tinha necessidade de fazer todo aquelle espalhafato, que o Annotador *romantiza*, restrictamente em *20 dias pouco mais ou menos?*

A outra authoridade é nada menos que o testemunho de uma Sociedade de homens de Lettras. Escrevem pois elles : » Les progrès des Chretiens en Portugal étant » parvenus aux oreilles d'Abu Ali Texefin, Roi de Maroc, il chargea Ismar, ou Ismael, son Lieutenant en » Espagne, d'assembler toutes les forces des Provinces » méridionales, e de contraindre les Chretiens de repasser le Douro. Ismar ordonna aux Alcaydes de Badajoz, d'Elvas, d'Evora, et de Beja d'assembler les » Troupes de leurs Gouvernemens, et les ayant réunies » aux Troupes venues d'Afrique, il forma une très nombreuse Armée » (2). Todas estas circumstancias provavam exuberantemente a predisposição, em que estavam os Sarracenos de rebater a D. Affonso Henriques, munindo-se, não por saberem em especial da *tal invasão*, porém em geral *dos progressos dos Christãos em Portugal*,

(1) Hist. de Portug. tom. 2. pag. 83.

(2) Hist. Universelle etc. traduite de l'anglais d'une Société de Gens de Lettres, tom. 29, pag. 321.

de numerosissimas forças, para tomarem a iniciativa do combate. Este preparo de guerra, feito, como se deduz do texto transcripto, com toda a indefinida anticipação, repugna visivelmente ao periodo de tarraxa dos *vinte dias pouco mais ou menos*, que o Annotador prescreve para os movimentos militares dos Mauritanos. Devemos entender que a nova da appellidada *invasão* de D. Afonso Henriques não fez senão dar o signal, e servir como de aviso para reunir a força, que em diversos pontos Ismario já tinha preparado para á primeira voz marchar contra o inimigo, a ver se em alguma parte o achava desacautelado, e bater se com elle. E' isto o que diz a Chronica dos Godos por estas palavras: » Voluit (Rex Sarracenorum) » si facere posset ut eum incautum et » imparatum alicubi inveniret, ut cum eo gereret bellum. Quadam itaque vice cum Rex D. Alfonsus » cum suo exercitu intraret per terram Sarracenorum, » et esset in corde terræ eorum, Ismar Rex Sarracenus, » congregata infinita multitudo Sarracenorum transmarinorum, quos secum adduxerat, et eorum qui morabantur citra mare à termino Sibillæ, et de Badalioz, » et de Elvas, et de Elhora, et de Begia, et de omnibus castellis usque Santarem venerunt ei obviam, ut » pugnaret cum eo etc. » (1). No sentido desta narrativa, e muitas vezes copiando-a toda, ou quasi toda, tem sim historiado todos os escriptores nacionaes e estrangeiros: consenzo este, que é a prova mais terminante da authenticidade da dita Chronica. Não ha um só que, debaixo de frivolo e estolidissimo pretexto, que o Annotador forjou, nem de outro qualquer, tenha deixado de dar fé ao que refere o copiado artigo da mencionada Chronica. Entre elles contamos o Dr. Henrique Schaffer, modernissimo escriptor, que assim se exprime em apoio do que asseveramos: » A' nova desta aggressão (de D. Afonso Henriques) » Wali Ismar, reúne todas » as tropas, que elle tinha conduzido consigo da Africa, e todos os guerreiros dos territorios de Sevilla, » Badajoz, Elvas, Evora, Beja, e de todas as praças

(1) Na España Sagrada, tom. 14.º, pag. 410.

» fortificações de Santarem etc. » (1). E não poderia estar Ismario prevenido para fazer esta reunião ha muito mais de vinte dias? Sem duvida. — O proprio historiador que refutamos confessa que *já em maio de 1139 se faziam preparativos* da parte de D. Affonso para uma expedição militar, que elle não ha de negar ter sido a de Ourique (2). Que embarago pois ha para que Ismario, e mesmo o Rei de Marrocos, desde esse tempo se prevenissem contra o mal, que lhes estava imminente? Nenhum por certo. O impugnador tem por tanto em sua historia elementos, que refutam a sua gratuita, e infundada hypothese.

Agora cumpre advertir que o historiador antagonista, (que não teve duvida em sua historia de fazer *encontrar nas immedições do logar ou castello denominado pelos Arabes Orik os dois exercitos, o Sarraceno e Christão*, (3) e de fixar como successo indubitavel aquelle combate no mesmo dia em que o traz a Chronica dos Godos); na qualidade de Annotador julgou depois como problema, *talvez irrisolvavel*, o mesmo facto, pondo em duvida que elle podesse ter sido realizado em *vinte dias pouco mais ou menos*, segundo o seu calculo. Não é isto uma manifesta contradicção? Porque motivo narrou elle como certo um facto que depois, á vista do que profere, visivelmente torna problematico? — Disse — *torna problematico* — por quanto quem dá acontecido um facto qualquer n'um determinado dia, e depois põe em duvida se poderia ser feito dentro de um periodo designado até esse dia; chronologicamente, pelo menos, põe em duvida o mesmo successo, que antes dera realizado n'um preciso tempo. Devia o Notographo em verdade ser mais coherente!

Perguntaremos em fim porque razão o escriptor, que analyzamos, na Historia de Portugal deu por *feita a invasão de D. Affonso Henriques em quinze ou vinte dias*; (4) e em a Nota marcára a passagem do Tejo pe-

(1) Hist. de Portug. tom 1.º pag. 87 e 88.

(2) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 324.

(3) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 327.

(4) Hist. de Portug. tom. 1.º pag. 329.

lo *exercito christão*, (além de todos os movimentos de Esmar até se encontrar com os portuguezes em Ourique) dentro do periodo de 20 dias pouco mais ou menos? Como é que a invasão de D. Affonso Henriques, ou a passagem do Tejo pelo exercito christão, alli ha de ser feita em quinze ou vinte dias perfixos; e aqui se inculca como obra que tivera logar em vinte dias pouco mais ou menos? Porque se ha de restringir na Historia um periodo, que em a Nota se faculta ampliar? Alli não pôde passar de vinte dias, aqui pôde passar ou não passar delles? Porque seria o *Annotador* mais generoso que o *Historiador*? Esperamos pela resposta.....

*E' duro de crer*, termina o Author da Nota; *mas sigamos ávante* (1). — *E' duro de crer*, retorquiremos nós, que houvesse um escriptor, que em Historia aventasse tantos e tão apezunhados disparates. — *E' duro, é durissimo* que uma penna, que tanto blasona de *documental*, venha com futilidades insulsas fazer arruido contra um Documento coevo de uma façanha, cuja grandeza ainda ninguém, nem dentro, nem fóra do paiz negára.

*Mas sigamos ávante*. — Adoptaremos esta expressão do adversario como conselho, continuando a fazer a devida autopsia *analytica* sobre a Nota em questão, pelo methodo das *Observações*, como novamente passaremos a verificar na Sexta Parte da *Contraposição Critico-Historica*.

FIM DA QUINTA PARTE.

(1) Hist. de Portug. Nota XVI, pag. 484.



**A BATALHA DE OURIQUE**  
**E**  
**A HISTORIA DE PORTUGAL**  
**DE**  
**A. HERCULANO.**

**CONTRAPOSIÇÃO CRITICO-HISTORICA.**

(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES)

AUTHOR

**FRANCISCO BECERRA.**

---

**SEXTA PARTE.**

---

*Veritas odium parit.*  
**TER.**

---

---

**LISBOA.**

**NA TYPOGRAPHIA DE G. M. MARTINS.**

Rua dos Capellistas n.º 62.

**1856.**

DP  
570  
R32  
v16



## PRELUDIO.

Quando planizámos, esboçámos, ou ideámos a Analyse, a que demos o titulo de: *Contraposição Critico-Historica*: Quando, por outra, concebemos o pensamento (classifiquem-no como quiserem) de fazer do dominio do prélo uma Obra, que, desprezadas todas as mal entendidas contemplações e cortejos, com que a Litteratura ôca e xacôca imperiosamente exige ser idolatrada, não menos minuciosa, que franca e sustentadamente rebatesse o maior dos attentados, e insultos, que jámais se commettêra contra a Historia deste Reino: Quando em fim no recinto da região intellectual riscámos, e dispozemos as primeiras linhas do esboço da empresa, bem longe estavamos de pensar que a tarefa iria tão longe. — Todavia tendo o empenho apostado, e acintoso de obscurecer, e deprimir o primeiro Feito classico, preconizador da futura independencia, e gloria de Portugal; e sim aquelle mesmo que adquiriu ao Principe, que a elle presidira, maior renome, e celebridade: tendo, digo, aquelle audacioso empenho acarretado e posto em almoeda, no prostibulo da innovação, toda a qualidade de frandulagem sophismatica, a fim de produzir a intenta-

da illusão; foi forçoso ir-lhe na pista, e desencantá-lo de todas as lousas; em fim banil-o e proscrevê-lo de todo e qualquer esconderijo. — E na verdade quem se proporia a debellar um tal aborto, uma monstruosidade tão altamente anti-historica, e desnacional, que deixasse ao menoscabador altivo ainda algum pretexto, alguma escapúla, para, como dizem, pôr ainda pé em algum rramo verde? Era um facto, que, pelo menoscabo e requintado aviltamento, a que o Author da Historia de Portugal o tinha reduzido, affectava nada menos do que o credito e honra nacional.

Foi D. Affonso Henriques um *guerreiro habil e feliz*, epithetos com que, entre outros, o condecora até a propria Encyclopedia (1). Ora se a Batalha de Ourique se reputasse um brinquedo, uma *bulha*, uma ninharia bellica; que descredito, que deshonor não seria para a Nação Portugueza o tel-a constantemente avaliado e reconhecido pelo mais subido, e primoroso monumento do valor e singular denodo d'aquelle *habil e feliz guerreiro*? Como sim taes epithetos lhe poderiam ser appropriados? Se estes porém não são uma burla, antes uma verdade reconhecida e apregoada dentro e fóra do paiz; temos que aquella Batalha não era uma pequenez, antes uma grandeza, que avulta no templo indestructivel da memoria.

Pensou o innoxador historico, que poderia altivo e suberbo bradar impunemente a todos os escriptores, que desde a época ou quasi época da existencia do Successo o foram qualificando de grande: Vós sois uns meuteaptos, uns idiotas, uns toupeiras, que profundamente atolados nas trevas espessas do obscurantismo, não podestes, nem chegastes a ver a luz, o clarão flammejante da verdadeira historia. Eu sou pois *entre os filhos desta época, aos quaes a Providencia allumiou com um raio da intelligencia eterna* (2), o genio singular, destinado para ser o facho, o fogaréu ardente, e luminoso, que ha de servir de permanente pharol nos dominios his-

(1) Encyclopédie Methodique, Histoire, tom. 1. pag. 290.

(2) São palavras d'elle na Advertência do Primeiro Tomo da Historia de Portugal, pag. XIII.

torias; ante quem, de concomitancia com os Authores dos antigos e venerandos Codices documentaes, hão de ser tidos como ineptos, e fosseis ignorantes os Britos, os Brandões, os Farias, os Nunes de Leão, os Sousas, os Cenaculos, os Péreiras de Figueiredo, e outros que taes; que não interrompidamente tem collocado em elevada cathegoria a Batalha de Ourique. Apresentar-me hei no campo da innovação arvorando o pendão de guerra sem quartel contra esse porfoso facilismo, tendo por divisa: *Eu e a Historia!*....

Não é esta prosopopeia de lavra mera, e puramente romantica. Que tal e quejanda fôra a altiveza do seu historiographico pensamento, assás e de sobejo o deo a conhecer a sanha com que o antagonista se atirou aos Oradores Sagrados de nossos dias; que no pulpito fizeram menção da façanha gloriosa do Campo de Ourique, conforme os monumentos, e tradição constante, que seculo para seculo foram seguindo todos os sabios de primeira plana em differentes ramos de Litteratura. — Deu o sim exuberantemente a conhecer na rancorosa e assanhada publicação — *Eu e o Clero!*....

Elle porém não quer, não tolera que a Acção grandiosa de Ourique seja olhada não só como prodigio do Ceo, mas nem ainda como prodigio da terra. — Quer mesmo neste sentido, nesta mesma accepção, reduzi-la a um sonho de delirantes; a uma phantasia cavalleiresca, a uma Quichotista!.... E é crível que houvesse uma penna portugueza que se empenhasse em reduzir a tão depreciada degradação um Successo, de cuja grandeza ainda ninguem, fosse nacional, fosse estrangeiro, duvidára? Custa a acreditar-o!.... porém (deploravel exemplo!) *scripta manent!*.... Deploravel exemplo, digo; pois que é para lamentar que qualquer escriptor patrio tenha o bôjo de pegar na penna para ir contra tudo o que a critica e a historia tivera ensinado, a fim de reduzir á ultima humilhação, e mesquinho conceito uma Batalha, que, sem nada perder com o andar dos tempos, manso e pacificamente occupára o logar conspicuo de primeiro florão nos annaes da Monarchia Portugueza. — O primeiro Feito illustre e memoravel por tanto, que abre as paginas heroicas da Historia de Portugal, é no expres-

no sentir da mais estranha, e intoleravel depravação litteraria, uma pura minucia, uma illusão decantada!.... Segundo, este tão aviltante e transtornador juizo; que papel de cavalheiros da triste figura não representam em Campo de Ourique o primeiro Monarcha dos Portuguezes, e os famosos e esforçados guerreiros que com elle pelejavam!.... Um Feito incontestavelmente grande fica reduzido ás dimensões de uma inanición, de uma chimera, de uma *fanfurría* romanesca, digna de figurar entre as patranhas da Historia de Carlos Magno!... Aquella relevante façanha que fôra não interrompidamente um titulo de justa e devida gloria adquirida para o Fundador da Monarchia e sua posteridade; aquelle denodado empenho, que fôra para os Irmãos d'armas do Rei, que em chefe os commandava, a origem, o brazão transcendente da tão esclarecida nobreza, que legaram nos seus vindouros; constituindo-a a porção mais distincta da Aristocracia Portugueza; é em a *novissima Historia de Portugal*, com espanto de todas as gentes, reputada por um acontecimento incapaz de constituir gráo algum de distincção na escala das categorias genealogicas!.... Que peripecia tão repugnante jámais se víra na Historia de Portugal!... O escriptor da Historia do paiz, que refutamos, representa nella o caracter de um antagonista iniquo e obstinado contra o primeiro brazão glorioso do valor portuguez!.... E' phenomeno porém desconhecido o achar-se um historiador domestico revestido de animo tão hostil contra o Monumento primario da gloria nacional!.... Quando houvesse de ser taxado de algum defeito, valia-lhe melhor o sel-o pelo lado do amor da patria, que pelo caracter de injusto depressor dos feitos grandiosos d'ella!....

Deveria pois aquella peripecia, ou antes catastrophe historica, correr entre os presentes e vindouros sem algum correctivo, que a rebatesse, e completamente a pulverizasse? Não por certo. Reclamava-o o brio nacional, a gravidade da affronta. Nesta Sexta Parte daremos fim á tarefa.

**A** tactica, a estratégia de, lá para fins, fazer por minar, e alluir os alicerces, em que se funda qualquer verdade, seja dogmatica, seja historica, é manejo já tão antigo e sedição entre os coripheos, e adeptos do Scepticismo, que a ninguem hoje é licito ignoral-o.

Agglomeram, e amalgamam no corpo textual tudo quanto lhes vem e sóbe á região do craneo; e, depois de deixarem estatalada no proscenio da publicidade, para debique de qualquer analysta (que mesmo a olho nu, e mais ainda se usar de lente microscopica, a mirar!), a empanada informe tanto na materia como na fórma (segundo a não ainda proscripta technologia do Stagyrita), a qual, com toda a ancha e bochechuda enfatuação appellidam = Produção *modello* =; outrosim intentam em *Nota especial* varejar, ou antes apupar com toda a artilharia dos desdens; e phantasias absurdas todos aquelles Documentos de natureza inconcussa, que os arguem, e convencem de intergiversavel contradicção. — No character, e sentido de Annotador já temos visto que o Author da *Historia de Portugal* cada vez mais se depreciou, quando se declarou inimigo da *Chronica dos Godos*; d'aquella que é segundo o *Exemplar* de que usára André de Rezende. Esta depreciação porém continúa, como passamos a fazer ver.

1980. *Journal of Applied Ecology*, **17**, 103-114.
- Ward, D. & Sibly, R.M. (2000) *Population Dynamics of Insects*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2002) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2003) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2004) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2005) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2006) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2007) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2008) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2009) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2010) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2011) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2012) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2013) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2014) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2015) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2016) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2017) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2018) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2019) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.
- Ward, D., Sibly, R.M. & Hone, J. (2020) *Population Dynamics of Insects: A Unified Approach*. Blackwell Science, Oxford.

**A BATALHA DE OURIQUE**  
**E**  
**A HISTORIA DE PORTUGAL**

**DE**  
**A. HERCULANO.**

**CONTRAPOSIÇÃO CRITICO-HISTORICA.**

**(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES)**

**AUTHOR**

**FRANCISCO BEERTE.**

---

**SEXTA PARTE.**

---

**Veritas odium parit.**  
**TER.**

---

---

**LISBOA.**

**NA TYPOGRAPHIA DE G. H. MARTINS.**

**Rua dos Capellistas n.º 62.**

**1856.**

DP  
570  
R32  
v16



## PRELUDIO.

Quando planizámos, esboçámos, ou ideámos a *Analyse*, a que demos o titulo de: *Contraposição Critico-Historica*: Quando, por outra, concebemos o pensamento (classifiquem-no como quizerem) de fazer do dominio do prélo uma Obra, que, desprezadas todas as mal entendidas contemplações e cortejos, com que a Litteratura ôcã e xacôca imperiosamente exige ser idolatrada, não menos minuciosa, que franca e sustentadamente rebatesse o maior dos attentados, e insultos, que jámais se commettêra contra a Historia deste Reino: Quando em fim no recinto da região intellectual riscámos, e dispozemos as primeiras linhas do esboço da empresa, bem longe estavamos de pensar que a tarefa iria tão longe. — Todavia tendo o empenho apostado, e acintoso de obscurecer, e deprimir o primeiro Feito classico, preconizador da futura independencia, e gloria de Portugal; e sim aquelle mesmo que adquiriu ao Príncipe, que a elle presidira, maior renome, e celebridade: tendo, digo, aquelle audacioso empenho acarretado e posto em almeada, no prostibulo da innovação, toda a qualidade de frandulagem sophismatica, a fim de produzir a intentada

da illusão; foi forçoso ir-lhe na pista, e desencantá-lo de todas as lousas; em fim banil-o e proscavel-o de todo e qualquer escondrijo. — E na verdade quem se proporia a debellar um tal aborto, uma monstruosidade tão altamente anti-historica, e desnacional, que deixasse ao menoscador altivo ainda algum pretexto, alguma escapúla, para, como dizem, pôr ainda pé em algum ramo verde? Era um facto, que, pelo menoscabo e requintado aviltamento, a que o Author da Historia de Portugal o tinha reduzido, affectava nada menos do que o credito e honra nacional.

Foi D. Affonso Henriques um *guerreiro habil e feliz*, epithetos com que, entre outros, o condecora até a propria Encyclopedia (1). Ora se a Batalha de Ourique se reputasse um brinquedo, uma *bulha*, uma ninharia bellica; que descredito, que deshonna não seria para a Nação Portugueza o tel-a constantemente avaliado e reconhecido pelo mais subido, e primoroso monumento do valor e singular denodo d'aquelle *habil e feliz guerreiro*? Como sim taes epithetos lhe poderiam ser apropriados? Se estes porém não são uma burla, antes uma verdade reconhecida e apregoadá dentro e fóra do paiz; temos que aquella Batalha não era uma pequenez, antes uma grandeza, que avulta no templo indestructível da memoria.

Pensou o innovador historico, que poderia altivo e suberbo brndar impunemente a todos os escriptores, que desde a época ou quasi época da existencia do Successo o foram qualificando de *grande*: Vós sois uns mentecaptos, uns idiotas, uns toupeiras, que profundamente atolados nas trevas espessas do obscurantismo, não podestes, nem chegastes a ver a luz, o clarão flammejante da verdadeira historia. Eu sou pois *entre os filhos desta época, aos quaes a Providencia allumiou com um raio da intelligencia eterna* (2), o genio singular, destinado para ser o facho, o fogaréo ardente, e luminoso, que ha de servir de permanente pharol nos dominios his-

(1) Encyclopédie Methodique, Histoire, tom. 1. pag. 290.

(2) São palavras d'elle na Advertencia do Primeiro Tomo da Historia de Portugal, pag. XIII.

toraes; ante quem, de concomitancia com os Authores dos antigos e venerandos Codices documentaes, hão de ser tidos como ineptos, e fosseis ignorantes os Britos, os Brandões, os Farias, os Nunes de Leão, os Sousas, os Cenaculos, os Péreiras de Figueiredo, e outros que taes; que não interrompidamente tem collocado em elevada cathogoria a Batalha de Ourique. Apresentar-me hei no campo da innovação arvorando o pendão de guerra sem quartel contra esse porfoso *focilismo*, tendo por divisa: *Eu e a Historia!*....

Não é esta prosopopeia de lava mera, e puramente romântica. Que tal e quejadia fôra a altiveza do seu historiographico pensamento, assás e de sobrejo o deu a conhecer a sanha com que o antagonista se atirou aos Oradores Sagrados de nossos dias, que no pulpito fizeram menção da Façanha gloriosa do Campo de Ourique, conforme os monumentos, e tradição constante, que seculo para seculo foram seguindo todos os sabios de primeira plana em diferentes ramos de Litteratura. — Deu o sim exuberantemente a conhecer na rancorosa e assanhada publicação — *Eu e o Clero!*....

Elle porém não quer, não tolera que a Acção grandiosa de Ourique seja olhada não só como prodigio do Ceo, mas nem ainda como prodigio da terra. — Quer mesmo neste sentido, nesta mesma accepção, reduzi-la a um sonho de delirantes; a uma phantasia cavalleiresca, a uma Quichotista!.... E é crível: que houvesse uma penna portugueza que se empenhasse em reduzir a tão depreciada degradação um Successo, de cuja grandeza ainda ninguem, fosse nacional, fosse estrangeiro, duvidára? Custa a acreditar-o!.... porém (deploravel exemplo!) *scripta manent!*.... Deploravel exemplo, digo; pois que é para lamentar que qualquer escriptor patrio tenha o dôjo de pegar na penna para ir contra tudo o que a critica e a historia tivera ensinado, a fim de reduzir á ultima humilhação, e mesquinho concertito uma Batalha; que, sem nada perder com o andar dos tempos, manso e pacificamente occupára o logar conspicuo de primeiro florão nos annaes da Monarchia Portugueza. — O primeiro Feito illustre e memoravel por tanto, que abre as paginas heroicas da Historia de Portugal, é no expres-

so sentir da mais estranha, e intoleravel depravação litteraria uma pura minucia, uma illusão decantada!.... Segundo este tão aviltante e transtornador juizo; que papel de cavalheiros da triste figura não representam em Campo de Ourique o primeiro Monarcha dos Portuguezes, e os famosos e esforçados guerreiros que com elle pelejavam!.... Um Feito incontestavelmente grande fica reduzido ás dimensões de uma inanição, de uma chimera, de uma *fanfúria* romanesca, digna de figurar entre as patranhas da Historia de Carlos Magno!... Aquella relevante façanha que fôra não interrompidamente um titulo de justa e devida gloria adquirida para o Fundador da Monarchia e sua posteridade; aquelle denodado empenho, que fôra para os Irmãos d'armas do Rei, que em chefe os commandava, a origem, o brazão transcendente da tão esclarecida nobreza, que legaram aos seus vindouros; constituindo-a a porção mais distincta da Aristocracia Portugueza; é em a *novissima Historia de Portugal*, com espanto de todas as gentes, reputada por um acontecimento incapaz de constituir gráo algum de distincção na escala das cathogorias genealogicas!.... Que peripecia tão repugnante jámais se víra na Historia de Portugal!... O escriptor da Historia do paiz, que refutamos, representa nella o caracter de um antagonista iniquo e obstinado contra o primeiro brazão glorioso do valor portuguez!.... E' fenomeno porém desconhecido o achar-se um historiador domestico revestido de animo tão hostil contra o Monumento primario da gloria nacional!.... Quando houvesse de ser taxado de algum defeito, valia-lhe melhor o sel-o pelo lado do amor da patria, que pelo caracter de injusto depreosor dos feitos grandiosos d'ella!....

Deveria pois aquella peripecia, ou antes catastrophe historica, correr entre os presentes e vindouros sem algum correctivo, que a rebatesse, e completamente a pulverizasse? Não por certo. Reclamava-o o brio nacional, a gravidade da affronta. Nesta Sexta Parte daremos fim á tarefa.

**A** tactica, a estratégia de, lá para fins, fazer por minuar, e alluir os alicerces, em que se funda qualquer verdade, seja dogmatica, seja historica, é manejo já tão antigo e sedição entre os coripheos, e adeptos do Scepticismo, que a ninguem hoje é licito ignoral-o.

Agglomeram, e amalgamam no corpo textual tudo quanto lhes vem e sóbe á região do craneo; e, depois de deixarem estatalada no proscenio da publicidade, para debique de qualquer analysta (que mesmo a olho nu, e mais ainda se usat de lente microscopica, a mirar!), a empanada informe tanto na materia como na fórma (segundo a não ainda proscripita technologia do Stagyrita), a qual, com toda a ancha e bochechuda enfatuação appellidam = Produção *modello* =; outrossim intentam em *Nota especial* varejar, ou antes apupar com toda a artilharia dos desdens, e phantasias absurdas todos aquelles Documentos de natureza inconcussa, que os arguem, e convencem de intergiversavel contradicção. — No character, e sentido de Annotador já temos visto que o Author da Historia de Portugal cada vez mais se depreciou, quando se declarou inimigo da Chronica dos Godos; d'aquella que é segundò o Exemplar de que usára André de Rezende. Esta depreciação porém continúa, como passamos a fazer ver.

## Observação 1.<sup>a</sup>

E' objecto ou thema desta observação o trecho seguinte: » Como tinham vindo estas tropas d'Africa, se » Tachefin havia dois annos levára para lá as melho- » res da Hespanha, a fim de salvar o imperio das mãos » dos almuhades, e desde então só experimentaram re- » vezes, e por consequencia diminuição de forças? » (1). Que discurso é este? E' uma prolepsis infundada e gratuita!.... E é com arguições deste jaez, que se destroe aquillo que asseveraram Documentos historicos dignos de todo o credito, e que delle sempre gozaram? Ninguem ha que similhante affirmativa ouse proferir. E' a Chronica dos Godos um Documento havido e reconhecido geralmente pelos criticos de primeira classe tanto nacionaes, como estrangeiros por um Instrumento digno e merecedor de todo o credito e estima? Sem duvida ninguém ainda d'elle desdenhou, nem jámais o apodou a não ser o *novissimo* Historiador Portuguez. — Já acbta fizemos ver o valioso conceito em que era tido pelos eruditos aquelle venerando documento (2). Se pois elle afirma que na Batalha d'Ourique se acharam tropas sarracenas vindas da Africa; e isto mesmo tem repetido historiadores de reconhecido conceito; é bem de ver que um testemunho de tal categoria não pôde diminuir de aprego por qualquer arguição sem prova; e só filha de um mero scepticismo acintoso. A asserção de um documento não se destroe por uma simples e descarnada conjectura. Pelo contrario esta é que não pôde subsistir quando o documento a destroe. — E' um Documento nada menos que coeto d'El-Rei D. Affonso Henriques, que refere o facto; como pôde pois o que este afirma ser enfraquecido tambómente pela simples declamação de um innovador historico, que depois de mais de sete seculos lhe vem suscitar phantasiadas duvidas? E' a todas as luzes evidente que o Author do Documento tinha mais razão para saber o que refere, do que o innovador

(1) Nota XIV, pag. 404.

(2) Na Parte Quinta desta Obra, pag. 17, 18 e 20. — Veja-se tambem o que fica transcripto á pag. 16 e 17 da Primeira Parte desta mesma Obra.

para duvidar do que elle affirma. Aquelle narrador que está mais proximo do facto (quando por outro lado não consta de suspeita alguma contra os dotes que affiançam a sua credibilidade) tem incomparavelmente muito mais elementos para ser acreditado, do que qualquer escriptor distantissimo do tempo do successo, que sem prova alguma o vem contrariar. Que digo? Um similhante contradictor não só não merece credito algum, mas é até risivel! O Author da *Historia de Portugal* não poderá duvidar que a Chronica dos Godos, segundo o Manuscrito de André de Rezende, seja contemporanea do primeiro Monarcha; pois que elle proprio faz o Resumò ou Summario della (que o historographo, como já vimos, falsamente reputa ser o autographo) *coeva dos tempos que memora* (1).

Porém o risivel ainda se torna mais patente quando se reflecte na numerosa e compacta cohorte de escriptores, que apoiam a Chronica dos Godos na dita circumstancia, contra a qual se barafusta. São deste numero Duarte Galvão, na Chronica d'El-Rei D. Affonso Henriques, Cap. 13.<sup>o</sup>, André de Rezende, De Antiq. Lusit. l. 4. pag. 267. Antonio Brandão, Monarch. Lusitana, liv. X, cap. 1.<sup>o</sup>; e, o que é mais, Duarte Nunes de Leão, que, reformando as Chronicas dos Reis de Portugal, não assentou que a mencionada circumstancia da Chronica dos Godos devia levar emenda, antes a conservou na Chronica de D. Affonso Henriques (fol. 27 v.) quando disse: *Polo que ouve tanta gente de Mouros de aquem e de alem do mar, como de outras gentes barbaras etc.* Ainda é mais o vemos que em nossos dias o Academico Antonio d'Almeida, que apontou varios erros em Duarte Nunes, não notasse como tal a asserção que delle fica transcripta. Este critico severo, não obstante notar como erro o Juramento de D. Affonso Henriques, reconhece todavia como uma *verdade historica a batalha de Ourique*, sem que appareçam por elle reputadas por falsas uma só das circumstancias, de que faz menção a Chronica dos Godos (2). Pelo contrario,

(1) Nota XVI, pag. 483.

(2) Vej. Memorias da Acad. das Sciencias, Tom. 12, Part. 1.<sup>a</sup>, pag 76.

fallando d'ella, elle a julga com Pereira de Figueiredo de uma veneranda e mui estirada ancianidade, e merecedora de preferencia n'aquelles factos em que se não manifestar opposição decidida de outras *Chronicas antigas, ou Documentos autographos* (1). — Estará por ventura neste caso a objecção do innovador historico? Terá o que elle oppõe authoridade de alguma *Chronica antiga ou de Documento autographo*, que o patrocine? Tal cousa affirmativamente imaginar, não digo já proferir, seria o mais caricato, e irrisorio tresvario!

Finalmente a *Chronica dos Godos*, longe de diminuir no credito a respeito d'aquillo que refere, ainda mui recentemente grangeou novo apoio. Fallamos dos testemunhos que dos historiadores Arabes produzira o digno Author do *Exame Historico*, pelos quaes se confirma não só que o imperador *Aly-Ben-Taxcfm*, em cujo reinado fôra a Batalha de Ourique, não só não tivera obstaculo algum para enviar por esse tempo consideraveis forças á Peninsula, porém que *effectivamente as enviara* (2).

### Observação 2.<sup>a</sup>

O objecto desta observação recáe nestes termos: « Por que não se encontra o menor vestigio desta vinda nos historiadores arabes (3)? » Esta interpeção, que vem logo em seguida ao texto acima copiado, conforme as formaes palavras do Annotador, tornou se em uma increpação verdadeiramente caricata, depois do que já fez ver o erudito Author do *Exame Historico*, que acabámos de citar! — De mais; como poderia esse escriptor, que nenhum conhecimento tem da lingua arabe, fazer de motu proprio, e sciencia certa semelhante increpação sem se expôr a ficar completamente e com irrisão desmentido? Foi na verdade aquillo mesmo que aconteceu no tal notographo, ignorante d'aquella lingua. Para se fazer tão cathgorica arguição era preciso que o escriptor conhecesse cabalmente a lingua dos Arabes, e

(1) Memorias da Acad. tom. XI. part. 1.<sup>a</sup>, pag. 60.

(2) *Exame Historico etc.* sobre a Batalha d'Ourique, por A. C. P., pag. 10 e 14.

(3) Nota XVI, pag. 464.



tivesse lido todos os historiadores delles, que houvessem de fallar do facto. Este conhecimento, e leitura porém não cabia, nem era possível admittir-se em um idiota na materia. Aquella asserção increpatoria por tanto não é mais que uma inepta fanfarronada! É que ineptia mais bochechuda e paçuda pôde haver, do que a embolia de qualquer se inculcar e fazer valer por competente juiz de uma materia, para ajuizar da qual nenhuma habilitação, possui!....

### Observação 3.ª

» Porque não se dirigiu, *continúa*, Esmar contra  
» Affonso VII, para descercar Aurelia, negocio sem com-  
» paração mais importante do que repellir uma correria,  
» quando a retirada dos christãos, mettidos no centro do  
» territorio inimigo, não podia tardar? Porque se res-  
» pondeu aos defensores d'Aurelia nesta mesma conjun-  
» ctura, que não havia forças para enviar a soccorrel-os?  
(1). » Ha de ser difficiloso encontrar uma penna, que no  
intuito de menospreciar um documento sempre tido, e  
havido em todos os tempos por digno de fé, tenha com-  
paginado um grupo de ineptias tão descarado e giboso!  
E que outra cousa é, e vale o ajuizo sofisticado dos dois  
especiosos *porquês*? — Se a authenticidade de qualquer  
documento historico podesse ser enfraquecida com simi-  
lhantes argumentações, ou antes pretextos, nenhuma  
verdade historica se poderia solidamente estabelecer; e  
o scepticismo a cada passo cantaria a victoria. Porém  
quem não sabe que documentos só se destroem com do-  
cumentos, e não com phantasiados *porquês*, que á mais  
pequena analyse de todo desaparecem? Na verdade a  
questão não é: Se Esmar se devia dirigir antes *contra*  
*Affonso VII*, para *descercar Aurelia*, do que vir atacar  
a D. Affonso Henriques; o que elle annotador chama  
*repellir uma correria*. Não se trata de examinar qual  
lhe era ou não era mais *importante*. A questão é: Se  
Esmar veio effectivamente atacar a D. Affonso Henri-  
ques; e não: Se convinha ou não convinha que o vies-

(1) Nota XVI, pag. 484.

se atacar. E quem ha de decidir a contestação? Hão de ser os documentos que o testificam, ou a especiosa e inconcludente chicana das phantasmagorias conveniências? Todo o mundo sabe que a historia é sómente archivo d'aquillo que acontecerá, e não d'aquillo que podia ou devia ter acontecido. Se existe documento fidedigno que denuncia, e authoriza o facto, tudo o mais que contra elle se phantasia necessariamente cahe por terra. E' o documento historico que unicamente fixa a existencia positiva da verdade, e faz cair as hypotheses. Estas na presença d'elle para logo ficam insubsistentes, e não ao contrario. — A historia não questiona sobre a conveniencia dos factos; porém tansómente sobre a sua existencia. O historiador examina os fundamentos, em que se bazêa a existencia delles; e verificada a authenticidade d'aquelles fundamentos, é por ella que se decide; e não por principios de congruencia, fillos filhos da sua arbitraria lavra. O historiador que toma por bases da sua historia os aéreos *porquês* que imagina, não é historiador, é romancista! — Ora se a critica de todos os tempos assim nacional como estrangeira, tem reputado por verídico o facto que a Chronica dos Godos nissevera; a que proposito, a que intento vem o perguntar o historiador: Porque não se dirigiu *Esmar contra Affonso VII para descercar Aurelia, negocio sem comparação mais importante?* Demos que isto lhe fosse mais conveniente; e mesmo mais importante; segue-se por isso que elle o fizesse; e por isso não seja verdade o que affirmá a Chronica dos Godos? Nunca. Para se poder tirar uma tal consequencia era preciso recorrer a algum documento, que tal fundamentasse; fóra d'isto tudo, quanto se affirmá contra, é vão e inepto.

Agora, sem sahir mesmo dos ambitos das ideadas conveniências, perguntarei ao Annotador: Porque havia de ser *negocio sem comparação mais importante o dirigir-se Esmar contra Affonso VII para descercar Aurelia* (que é Oreja e não Casorla, como erradamente já escrevera o historiador; e nós por vezes já advertimos!) do que o *repellar* aquillo que o Annotador qualifica, como *correria* de D. Affonso Henriques? Que fundamento outro-sim historico houve elle para tão desempenadamente es-

crever que — a retirada dos Christãos, mellidos no centro do territorio inimigo, não podia tardar? Produza, se é capaz, documento authenticico, que o authorize!... Ha de folhear sem colher fructo!... Quanto ao segundo *porquê*, que consiste na resposta negativa, que deram os Mouros d'aquem e d'além mar aos *defensores de Aurelia*, que imploravam o seu soccorro; este motivo além de inepto e insubsistente em these (pois não é de uma conjunctura forçns para enviar a uns, não houvesse forçns para enviar a outros), é na hypothese, de que se trata altamente falso, e sofisticico. — O Annotador inculca a negativa de um modo absoluto, e como se nunca os Mouros de um e outro continente tivessem dado soccorro aos defensores de *Aurelia*; isto porém é apresentar a verdade com differente face do que ella é; o que degrada o historiador. A historia pois nos refere que, tanto os Mouros da Peninsula, como da Africa, já tinham dado auxilio nos defensores de *Aurelia*, quando, pela segunda vez que lho pediram, lho negaram. E note-se que esta negativa só poderia ter logar dentro do mez de Outubro; no passo que a Batalha de Ourique já tinha sido nos fins de Julho! Isto prova que uma tal recusa nada poderia influir sobre o grandioso Feito (1).

Mas que difficuldade ha sim em acreditar que essas mesmas tropas transmarinas enviadas em soccorro de *Aurelia* viessem em companhia de Esmar, e que não se tendo estas empregado em *descercar Aurelia*, se reunissem depois a elle para combaterem contra D. Affonso Henriques? Pois assim o julga o Historiador Hespanhol *D. Juan Ferreras* nestas palavras: » Juntaron-se con » Ysmar (que creemos havia venido de Marruecos) con » la gente que havia embiado el Rey Taxefin, para el » soccorro de Oreja, para hacer frente à el Principe Don » Alonso, que se havia entrado muy dentro de el Alentejo, talando y saqueando todo el paiz. (Hist. de España, tom. 6.<sup>o</sup>, Part. 5.<sup>a</sup>, pag. 307.) — Na torrente tambem dos Historiadores que apoiam a *Chronica* dos

(1) Leia-se o logar de *Ferreras* transcripto no parrafo seguinte, e os mais logares do mesmo Historiador apontados a paginas 14.

Godos, quanto ás forças mauritanas enviadas da Africa, que reunindo-se ás forças da Peninsula combateram em Campo d'Ourique, se devem sem duvida contar os illustros Authores de uma Obra historica assás gigantesca, e de mui reconhecida valia, já por nós citada. Narram pois elles: » Ismar ordonna aux Alcaydes de » Badajoz, d'Elvas, d'Evora et de Beja d'assembler les » Troupes de leurs Gouvernemens, et les ayant reunies » aux Troupes venues d'Afrique, il forma une tres-nom- » breuse Armée. » (Hist. Universelle d'une Société de Gens de Lettres, tom. 29, pag. 321). » Ismar ordenou » aos Alcaldes de Badajoz, Elvas, Evora e Beja que » ajuntassem as Tropas de seus governos, e tendo-as re- » unido ás Tropas vindas da Africa, formou um mui » numeroso exercito. » — Estes e outros terminantes depoimentos que sem discrepancia se encontram nos escriptores, assás vindicam o que refere a Chronica dos Godos, contra a ridicula innovação sofisticada, ineptamente pretextada sob a anachronica negativa do soccorro a *Aurelia*.

Além d'isto tendo sido a Batalha d'Ourique mais de tres mezes antes da capitulação, ou entrega de Aurelia; pôde mui bem dar-se a vinda de Esmar com tropas de além-mar para a Hespanha com aquella negativa, ou recusa de auxilio, a qual é indubitavel que só poderia ter logar, como consta da mesma historia (1), durante o mez de trégoas antes da praça se render; isto é, por todo o Outubro de 1139; por quanto ella se entregou em o ultimo do mencionado mez (2).

A' vista do que fica intergiversavelmente mostrado, é de uma ignorancia alentada o periodo que serve de fechante ao decantado parrafo: » Não invejamos (*condue elle*) » a quem quizer salvar esta passagem o trabalho de annullar a historia dos successos contemporaneos da Hespanha e da Africa, no meio dos quaes » a dynastia da zanetense Abd-el-mumen veio a substituir, no supremo poder entre os musulmanos, a do

(1) Ferreras, Historia de España, tom. 5.º, pag. 306.

(2) Ferreras, Historia de España, tom. 5.º, pag. 306.

» lamtunita Tachfin (1). » Pelo contrario (responde-  
mos nós) ninguém ha de invejar ao innovador historico  
o perdido, o baldado trabalho de pretender annullar a  
passagem da Chronica dos Godos, recorrendo á conjun-  
ctura dos successos contemporaneos da Historia de Hes-  
panha e da Africa, que ninguém ainda achou estarem-  
lhe em opposição; o que é visivelmente um argumento  
de indubitavel prescripção. Tão pouco o depreciador  
acintoso da Batalha de Ourique prova alguma produziu,  
que de tal mereça o nome, para córar os tão aéreos vãos  
da sua phantasia!

#### Observação 4.ª

Ainda é todavia mais bofarento, e carunchoso o tre-  
cho discursivo, que se envolve e emantilha na seguinte  
verbiagem: » Diz-nos mais esta narrativa extraordina-  
» ria: » que tendo aquella infinita multidão de sarrac-  
» enos cercado Affonso Henriques em um outeiro, no  
» qual estava scampado com um punhado de gente  
» (cum paucis suorum) quizeram os infieis romper o  
» arraial; mas que sahindo contra elles *algumas tropas*  
» *escolhidas* (electi milites) os passaram á espada depois  
» de os repellirem; que vendo isto o Rei Esmar, e co-  
» nhecendo que os Christãos estavam resolvidos a trium-  
» phar e a morrerem antes do que fugirem, fugiu elle  
» com os seus, e não houve mais que matar e dispersar  
» a multidão dos infieis. Tinha Esmar razão de assim o  
» fazer, e qualquer por mais esforçado que fosse, fugi-  
» ria do mesmo modo. São poucos os christãos; inu-  
» meraveis os soldados sarracenos. Acommettem o cam-  
» po; mandam os portuguezes alguns cavalleiros a re-  
» cebe-los. Tal era a conta em que tinham aquelle gen-  
» tio; que nem quizeram sahir todos ao rebate. Os ca-  
» valleiros escolhidos repellem os aggressores, e passam-  
» nos á espada. A' vista de tão inaudito e incrível es-  
» pectaculo quem é que não fugiria? » (2). Esta tirada  
é tão insipida, quanto alta e profundamente albeia de

(1) Nota XVI, pag. 484.

(2) Nota XVI, pag. 484, e 485.

toda e qualquer historiador, ainda da mais curta e mioppe intelligencia. — E na verdade que historiador ha que tenha alguma dedada, ou untadela de critica, que intente offerrecer em contraposição ao que assevera um documento havido sempre em respeito por todos os cultores mais conspicuos da sciencia historica, intente, digo, adrede offerrecer em contraposição uma achincalhão, um motejo á laia, de riso sardonico? Um procedimento d'este jaez é em si mesmo a votação mais pronunciada e solenne, da parte d'aquelle que o tem, ao publico, e universal desprezo. Vamos porém a roçar o matagal bravo com a afiada foice da analyse.

Dá o nome, ou antes a qualificação de *extraordinario* á narrativa da Chronica dos godos. Dêmos que o seja. Que se saiba d'ahi? Acaso uma narrativa, que contenha qualquer facto fóra do commum, e que por isto mereça o epitheto de *extraordinario*; não deverá ou therecerá ser acreditada? A fôrmar a negativa seria um absurdo de *onagro*!... Não se admirem que é expressão *Herculanea* (1)!. Seria até n'uma região mais elevada de principios uma imperdoavel impiedade!... — Também é *extraordinario*, é *extraordinarissimo*, que entre nós apparecesse nos nossos dias um historiador, que tivesse a animosidade de vir negar á face do seu paiz, á face do mundo inteiro a grandeza de uma Batalha, que a mais apurada critica assim nacional como estrangeira unanimemente tivera reconhecido como tal; e comtudo ninguém dos presentes, nem vindouros se ha de atrever a negal-o!... — O ser *extraordinario*, repare-se, não é motivo algum para se não dar fé, uma vez que o successo tenha fundamento, em que se apoie! — O *extraordinario* é tão firme, como aquillo que é commum e ordinario, quando se estriba em bases que o fundamentam. Se pois ha documentos authenticos, que attestam o *extraordinario*, da Batalha de Ourique; porque não se ha de dar credito á narrativa *extraordinaria* de um d'estes documentos? A glossa achincalhadora, com que se pretende diminuir o seu valor, é apenas um elemento do maximum ridiculo!...

(1) No — Eu e o Clero — pag. 40.

Porém o annotador não só se torna risivel pela achincalhão insulsa, mas ainda muito mais por não saber traduzir a Chronica que deprime. Sim a Chronica diz: *Electi milites irruerunt in eos* etc. e o nosso memoravel notographo traduz o — *electi milites* — *algumas tropas escolhidas*. Será isto o que quer dizer a Chronica? Não por certo. A Chronica exprimiu-se por uma proposição universal, ou de character indefinido, e o traductor trasladou o seu pensamento por uma proposição particular. Ora todo o mundo que tiver alguma lavagem de sciencia, ou arte logica ha de forçosamente reconhecer que uma proposição universal nunca pôde ser substituida por uma proposição particular. E' bem de vêr pois que traduzir *algumas tropas escolhidas*, não é o mesmo que dizer *as tropas escolhidas* indefinida e universalmente, como exprime o latim da Chronica — *electi milites*. Em taes casos soã dizer-se ao *habilidoso traductor* nas antigas escolas: *subjice manum ferule!* Elle porém não traduziu o que era, e só o que a seu geito imaginou deveria ser!...

Já antes deveriamos ter notado que, se o antagonista não veritêra mal a mesma Chronica quando dera D. Afonso Henriques *acampado em um ouleiro com um punhado de gente*; este acampamento, ou o quer que é, de que falla a Chronica dos Godos, tem transferencia mui propria para o exercito dos Mouros, como sim entendêra o insigne chronista D. Fr. Antonio Brandão, dizendo: *Occupou o Infante Dom Affonso hum recosto mais levantado que a outra terra, e o exercito dos Mouros se alojou nos lugares vizinhos, enchendo grande espaço daquelles campos* (1).

Assevera o Annotador outrosi, como narração da Chronica, que as taes *algumas tropas escolhidas* (*electi milites*) *passaram os infieis á espada* depois de os repellirem. Qual é porém a expressão da Chronica que signifique — *passar á espada*? Ha de ficar de bôca aberta sem saber, nem poder responder!... As palavras da *Chronica Gothorum* são: *Expulsos extra castra occiderunt*; e significará o verbo *occidere* litteralmente passar á espada? Tal ninguém diz! Quem examinar os Dicciona-

(1) Monarch. Lusit. Liv. 10, fol. 117, v.

ristas ha de tambómente achar que o verbo *occido* significa pura e simplesmente — matar — sem declarar o modo; e nunca *passar á espada*, que é matar com uma designada forma, ou especialidade de instrumento. Esta por certo que se não exprime pelo verbo *occido*. Ausonio Popma na sua primorosa obra *De Differentiis verborum* tambómente diz: *Occidere ob eadem dictum est*:— Para a Chronica comprehender aquelle dizer era preciso que se exprimissem pela fraze *occisione occiderunt* — que é de Cicero; ou *ad interneccionem ceciderunt*, que é de Livio. — Quando porém alguém pudesse encontrar em algum cartapacio que *occidere* significa *matar com ferro*; que certeza tem o traductor de que esse ferro ha de ser a *espada* e não a *lança*, etc. para lhe dar a referida preferéncia? O Annotador portanto especificou o que a Chronica não especifica; por outra, deu como obra da Chronica o que não era senão da sua fantasia.

— Continúa em seguida, asseverando: *Que vendo isto o Rei Esmar, e conhecendo que os Christãos estavam resolvidos a triumphar e a morrerem antes do que fugirem* etc. Que é isto que viu o Rei Esmar? Foi por ventura o secreto os infieis *passados á espada depois de repellidos*? Não por certo; por quanto a Chronica não refere n'este logar que os Mouros *fossem passados á espada*!... Que viu pois? Viu na matança da Mourisma (que a Chronica não declara fóra precisamente feita á espada!) o valor dos Christãos, que estavam dispostos antes a *vencer ou morrer* do que fugir: *Quod cum videret Rex Esmar scilicet virtutes Christianorum, et quod parati erant magis vincere, aut mori quam fugere*, etc. — Agora perguntarei: A que latim da Chronica corresponde o particípio *conhecendo*? A nenhum, ha de responder todo o analysta, censurando a perissologica superfluidade. — Perguntarei outrosi; se é classico apparecer o verbo ora no infinito indeclinavel, ora no declinavel d'esta maneira: *resolvidos a triumphar*, e a *morrerem* antes do que *fugirem*? Todos os que entenderem alguma cousa da lingua materna, hão de concordar que é indispensavel que se faça correcção nos dois infinitos declinaveis, passando-os para o paradigma indeclinavel; dizendo-se *morrer* em logar de *morrerem*, *fugir* em logar de *fugirem*. Para não parecer



que a censura é arbitraria, veja-se o que a este respeito ensina a Grammatica Philosophica da lingua Portugueza de J. Soares Barbosa (1).

Ainda outrosim notamos o gallicismo do pronome *elle* depois do verbo *fugiu*. Em boa analyse achariamos a proposição: Vendo isto o *Rei Esmar* fugiu *elle* com os seus. É bem de vêr que existindo na oração o seu verdadeiro sujeito o *Rei Esmar*, o pronome *elle* só serve de mero empache; e empaches d'estes, que a lingua franceza admitte, em a nossa merecem ser obliterados!...

### Observação 5.ª

Finalmente o historiographo, e author da *Nota* apresenta a *Chronica*, contra a qual tão ineptamente se enfurece, narrando que, depois que *Esmar* fugiu com os seus, *não houve mais que matar e dispersar a multidão dos infieis*. Com tal nem equivalente exaggeração porém não se exprime a *Chronica* dos Godos. Ella bem pelo contrario succinta e singelamente refere que depois d'aquella fugida toda a *tal multidão de infieis, parte fôra morta no calor da carnagem, parte fôra morta na fugida, e parte dispersa: Omnisque illa multitudo Paganorum partim occisione partim fuga occisa est et dispersa.*

Depois de taes e tão conspicuas estropiações, que o famoso *Notographo*, a seu bel-prazer, fez na *Chronica* dos Godos, vem ironicamente elle proprio depois dizer-nos que — *Tinha Esmar razão de assim o fazer, e que qualquer por mais esforçado que fosse fugiria do mesmo modo.* A que proposito vem aqui este desfecho, por não dar-lhe o nome; que bem merece, de extravagante des-conchavo? Tal é a pergunta que todo o critico, por mais mediano de esphera que seja, ha de espontanea e involuntariamente soltar pela bôca fôra, quando lêr a transcripta asserção! — É porém uma ironia, uma irrisão cheia da maior audacidade, e que nunca veiu á cabeça do mais campanudo inimigo, e depressor das façanhas patrias? — Mas que ignorancia, que estrabismo sesquipedal não pullula n'ella? Pertende elle negar ou antes achinca-

(1) Pag. 263, §. 5.º etc.

lhar a verdade da Batalha de Ourique: Por serem poucos os christãos e innumeraveis os soldados sarracenos. E' acaso porém motivo de incredibilidade o ficar a victoria pelo lado do menor numero, quando um documento authenticico, que sempre tivera em todos os tempos o assenso de todos os criticos, tanto nacionaes como estrangeiros, assim o afirma? Não o é, nem o poderá jámais ser; proclamarão todos os principios da sciencia. Um motivo tal de incredibilidade faria riscar das paginas da historia triumphos assignalados, nos quaes é forçoso reconhecer a heroicidade dos combatentes, attenta a pequenez das forças, que os ganhára. E quem ignora que nas duas grandes historias do antigo mundo, a Grega, e a Romana, se encontram exemplos de Batalhas memoraveis, de que ainguem duvida, em que um numero de contendores incomparavelmente muito mais diminuto destruiu e pozera em fuga a parte adversa, a todos os respeitoos muito mais poderosa? Ninguem ignora haver iguaes exemplos nas nações modernas. — A historia de todos os tempos nos ensina, e dá documentos de façanhas bellicosas, em que o grande numero cedêra á estrategia, ou valor dos poucos. Tem mesmo havido occasiões em que um certo terror panico, cujo effeito só se explica pelos factos, tem levado o desalento, a confusão, e a desordem, e por fim a perda da victoria a grandes exercitos, que a seu pesar ficaram vencidos por uma força comparativamente bem pequena de combatentes, que sobre elles denodadamente carregaram. — No jogo da guerra a fortuna, como por um direito inalienavel, arroga a si o maior quinhão. *Maximam partem quasi jura suo Fortuna sibi vindicat*; dizia o orador Romano, fallando na presença de um dos maiores generaes do mundo (1). Nós reconhecemos em taes successos o arbitrio supremo da Providencia, que assim o dispõe, para humilhar a soberba dos grandes poderes armados: E negamos ao mesmo tempo o extravagante principio, que calcula a certeza da victoria só pela superioridade das forças.

*Acommitem* (amplifica elle) o campo; mandam os portuguezes alguns cavalleiros a rebel-os, — E' falso, é

(1) Oratio pro Marcello.

falsissimo que a Chronica dos Godos refira que os portuguezes mandassem *alguns cavalleiros* a rebel-os: *Electi milites irruerunt in eos.* O *electi milites* porém nunca significou *alguns cavalleiros*. A vanguarda do exercito de D. Affonso Henriques constava, segundo os nossos Chronistas, de *tres mil infantcs, e trezentos genetes escolhidos* (1). Foram estes os que foram receber os infieis, e não *alguns cavalleiros*. — A conclusão que o annõtador tira d'aquella manobra militar é sem duvida pueril e risivel: *Tal era a conta*, diz elle, *em que tinham aquelle gentio, que nem quizeram sahir todos ao rebete.* Em que principio se fundou o escriptor da *Nota* para tirar uma tão exotica deducção? Será acaso no que antes acabára de escrever? Se foi em tal, a conclusão é tão falsa, como a premissa. Porém escreveu jámais alguém, ou preferiu que o fazerem os Portuguezes avançar contra o inimigo as tropas escolhidas (*todas, como todo aquelle que souber traduzir a Chronica o deve entender, e não sómente algumas*): era signal de que tinham em menos conta aquelle gentio? Nunca. Antes todos os nossos historiadores reconhecem ter sido não resultado de menos prego por Ismario, porém uma estrategia militar tão a proposito; que a ella todos os intelligentes não duvidam attribuir de *telhas abaixo* a grande victoria de Ourique; » Mandou el Rey D. Affonso dar sinal de acometer, » quando vio os inimigos em distancia acomodada, e » invocando o Apostolo Santiago derão os nossos com » tanto impeto nos Mouros, que logo em os primeiros » encontros se começou a conhecer a superioridade da » gente Portugueza. O Alferes Garcia Mendes por ordem d'el Rey rompeo pella vanguarda dos contrarios, » e arvorou o estandarte Real no meio d'elles. Foi o intento deste Principe, para que seguindo os de sua ala, » que são fortissimos soldados, a bandeira, desordenassem o esquadrão contrario, e causassem no principio terror aos inimigos: respondeo o effeito ao pensamento (2). Este trecho transcripto da Monarchia Lusitana assás confirma o nosso discurso.

(1) Monarch. Lusit. Liv. 10, cap. 9.º

(2) Monarch. Lusit. Liv. 10, cap. 2.º

Além d'isto os portuguezes estiveram tão longe de ter em menoscabo as forças dos adversarios, que pelo contrario as temeram muito. » Quando os Christãos vieram tam immensa multidam dos Mouros, e a desigoaldade que havia de si a elles, duvidaram de dar batalha, e tiveraõ receyo de se perderem, e disseram ao Principe, que visse o perigo em que se mettia, que parecia mais temeridade, que valentia, pelejarem tam poucos contra tantos, e arriscarem a honra e senhorio de Portugal ao perigo de huma só hora, para tentar a Deos » (1). Este dizer (que é de todos os Chronistas) assás desmente a asserção do *originalissimo* historiador !....

### Observação 6.ª

Recabe esta observação sobre a clausula do paragra-pho, que é como segue : » A' vista de tão inaudito é » incrível espectáculo (*termina elle*) quem é que não » fugiria ? » Esta interrogação sarcastica encerra o ataque mais revoltante contra o sentimento geral de todos os historiadores, que fundados no testemunho não só da Chronica dos Godos, mas ainda de outros Documentos de indisputavel authenticidade, tem reconhecido como facto historico real e verdadeiro a fugida de Ismario ou Esmar do Campo de Ourique, para evitar a triste sorte, que o esperava, de vencido. — E com effeito quem pôde duvidar que, além da *Chronica dos Godos*, testificam o successo o *Chronicon Lameecense*, quando diz, fallando de Ismar : » Qui ibidem mortem fugiendo... sitio evasit ? » O *Chronicon Cornubricense*, que a proposito refere : » Qui victus fugam petiit ? » Ora á vista de um acontecimento tão manifestamente provado, quem poderá jámais tolerar o desassisado entono, de quem quer que seja, que o vem metter a bulha ? — Fugiu ou não fugiu Esmar do Campo de Ourique ? Que fugiu é facto indubitavel ; pois o testificam os mencionados Documentos, a que todos (sem exceptuar o proprio Annotador, quan-

(1) Duarte Nunes de Leão, Chronica de D. Affonso Henriques, fol. 28.

to nos dois ultimos) dão fé. Se pois B-mar fugiu, que motivo teve elle? Não poderia ser outro senão a valentia do braço portuguez, que o opprimia. E aonde estava e se desenvolvia esta valentia? No maior numero? Não; pois ninguem ainda chegou ao desvario de fazer o exercito portuguez em Campo d'Ourique mais numeroso, nem igual á força mauritana, sua adversaria. Temos por tanto que a força menor destruiu a maior, fazendo pôr em fuga o seu general. — Sendo isto assim, como na realidade é, o Author da Historia de Portugal cabiu aos olhos do mundo critico na mais grave censura, quando pretendeu regatear sobre a veracidade da victoria de Ourique, soccorrendo-se ao pequeno numero de combatentes da parte dos Portuguezes.

Demos agora cópia do que a proposito escreveu um erudito Author nacional, que o novissimo historiographo tambem cita, e que varias vezes sim dá em testemunho e apoio do seu pensar: » Mas deixemos este Impio (dá ella este nome ao que nega a Apparição de Christo a D. Affonso Henriques. Tanto não diremos nós!...) » na » sua obstinada malicia: não fallemos ao Christão: fal- » lemos unicamente ao homem. Sim: a multidão dos » Sarracenos era bem capaz de riscar da terra dos vi- » ventos cinco ou seis mil homens, a não serem Portu- » guezes. Que? Não diz Vigecio de *Re. Militari*, que » a multidão desordenada não caminha para a victo- » ria, mas sim para a victima? Se hoje mesmo, e » depois de tantas reformas da Milicia Turca, e Afri- » cana, ainda a Disciplina Militar se acha distante d'a- » quellas paizes; que seria n'aquelle tempo de barba- » ridade tanta, quando só uma multidão gregaria, e » desconcertada chusma fazia toda a sua confiança? Não » sabiam os Portuguezes com quem se haviam? Não » pelejavam pelos seus fogos e Altares? Se a idéa mes- » mo de uma Religião falsa, tem produzido em diversos » tempos assombrosos prodigios de valor: A Religião » verdadeira, que ardia no coração do Principe, e dos » Vassallos, que raios de valentia não faria disparar so- » bre os sequazes de Mafoza, e destruidores da Reli- » gião Augusta de seus Pais?... E ainda se impugna- » rá a verdade solida da Batalha de Ourique com o rui-

» noso fundamento do limitado numero da gente Por-  
» tugueza?... » Assim argumenta o Author do *Elucidario das Palavras, Termos, e Frases, que em Portugal antigamente se usaram etc.* na palavra *Ladera*.

Agora terminarei recommendando ao Historiographo da *Nota*, que visto não admittir victoria que alcançada seja por numero incomparavelmente mais pequeno de combatentes, horre ou risque da historia da Grecia a Batalha de Marathona, na qual Alcibiades completamente derrotou o exercito de Dario, não obstante ser este onze vezes maior que as forças dos Athenienses. Estes eram pois apenas dez mil homens, e os de Dario cento e dez mil. — E ignorará elle ter sido só bastante o ardil de Themistocles para completamente malograr a tentativa das forças collossaes de Xerxes contra a Grecia? — Porém que? Deixará elle de encontrar entre os seus Mouros, ou, o que é o mesmo, na historia Mourisca (que é um dos matadores com que o anti-nacional historiographo pretende fazer vaza contra os factos mais authenticos dos Annaes do paiz!) deixará elle, digo, de encontrar batalhas, ou cousa que o valha, em que o menor numero tenha levado a superioridade ao maior? Fôlhêe a mesma historia, ou a rapsodia de D. José Conde, tantas vezes por elle citada, e ha de achar indubitavelmente a affirmativa.

### Observação 7.<sup>a</sup>

Ainda porém o Author da memoravel *Nota* não cessou de pôr pechas á *Chronica dos Godos*, que outros com muita razão chamam *Lusitana*. Ouçamos o que se segue: » Diz-nos por fim a narrativa d'aquella, não já » extraordinaria, mas sim milagrosa victoria, que ahí » ficou prisioneiro um certo Omar Atagor, sobrinho do » rei Esmar, e neto do rei Aly. Vemos, pois, que Esmar era filho do imperador de Marrocos, e por consequencia irmão de Tachfin, vindo Omar Atagor a ser o filho ou sobrinho deste principe. Similhanes » personagens deviam ser conhecidos na historia dos Sarracenos, e Esmar um dos mais illustres caudillos tam- » tunitas. Busquem-se, porém, estes nomes na historia

» dos arabes, que delles não se encontrará o menor vestí-  
» tigio. Pelo contrario sabemos, que os chefes principaes  
» dos almoravides de Hespanha, depois da partida de  
» Tachfin para Africa, eram Aly-ben-Abu-Bekr, tio do  
» principe Iamtunense, Abu-Zakaria-Ibn-Ganyah e Oz-  
» man-ben-Adha, unicos de que se acha feita menção  
» nos historiadores da Hespanha arabe. (Conde, P. 3:  
» c. 36.) » — De todo este mal alinhavado aranzel ma-  
nifestamente se vê que o author da *Nota* intenta menos-  
cabar a fé, que tem merecido em todos os tempos a  
*Chronica dos Godos*, argumentando que os nomes de  
Esmar, e Omar Atagor, neto do Rei Aly, de que elle  
falla, não tem o menor vestigio na historia dos Sarrace-  
nos. Quem é porém este protento de sciencia na lingua,  
e litteratura arabica, que tão ancho e repimpado assim  
falla?... Mas que digo eu? E' apenas algum mediocre  
sabedor de taes estudos, que assim tão magistral, e ca-  
thegoricamente se exprime? Nem isso. A sua alta e es-  
palmada ignorancia sobre taes materias assás foi patente  
a todo o mundo, quando pela imprensa qualificou de  
*garabulhas, gorgolins, encaços de passas* (1), e não sei  
mais que, os caracteres arabes, em que no *Exame His-  
torico* vinham escriptas as passagens originaes dos autho-  
res mauritanos, que o puzeram em furor!... Ora um es-  
críptor, ou escrevinhador historico, que nada pesca da  
lingua arabe, que credito deve merecer quando pronun-  
cia aquella asserção? Nenhum por certo, e só um sor-  
riso o mais significativo de desprezo pela fanfarronada!  
— E na verdade quem poderá sustentar que a asserção,  
a saber: Que os nomes de Esmar e Omar Atagor não  
tem o menor vestigio na historia dos Sarracenos, enuncia-  
da por um ignorante de tal polpa da lingua arabe, te-  
nha mais valor do que aquillo que affirma a *Chronica  
dos Godos*, e depois della um *Rezende*, um *Antonio  
Brandão*, e outros muitos? Ninguem por certo. — De-  
mos todavia que fosse verdadeiro o silencio dos historia-  
dores arabes. E' por ventura essencial para um facto ser  
verdadeiro que os adversarios o refram? Ninguem tal  
ha de dizer: Se similhante doutrina se admittisse teria-

(1) No Jornal — A Semana — n.º 9, etc.

mos de ver introduzido o transtorno mais absurdo na historia de todos os povos. Muitos factos havidos em todos os tempos por verdadeiros passariam a ser postos em duvida. Teriamos um scepticismo de nova especie, que seria o proprio verdugo do seu inventor! — A omissoão da parte dos Historiadores da nação vencida, ainda quando a menção do successo viesse a proposito, não é argumento, que rigorosamente colha. Sabe-se quanto pôde influir, e na realidade influe, o amor da patria na occultação de acontecimentos, que desdouram o paiz natal. — Um documento authentico em fim nunca pôde ser enfraquecido por falta da confissão da parte adversa, que lhe oppõem; antes quem cala consente, como diz o proloquio!

### Observação 8.<sup>a</sup>

Continúa o incansavel genio notographico com a sua abarastada syllogistica de tirar illações positivas de fundamentos meramente negativos; que é o mesmo que querer tirar do que é nada uma cousa que tenha realidade. — Por outra, não desiste de arvorar em argumento real o que não é mais que pura phantasmagoria, contra a qual zomba a authenticidade dos Documentos. Sim; refere, como cousa mencionada na historia dos Arabes, os nomes dos Principaes Chefes dos almoravides, que ficaram reinando na Hespanha depois da partida de Tachfin para a Africa (1); querendo d'ahi concluir, que não se achando Esmar, ou Ismario mencionado entre elles, tal personagem não existira. — Perguntaremos como preliminar ao grão dialectico das omissoes: Que historiadores da Hespanha arabe são esses, com que alardea, que tão avaros se mostraram em mencionar o nome de Ismario de mistura, ou concomitancia com os outros chefes, que relacionam? Todo esse pezo enorme de historiadores da Hespanha Arabe, com que parecia querer-nos abarrotar, não é mais, nem menos que o só, unico, e todo inteiro D. José Conde, que nunca foi escriptor arabe, e sómente um compilador de Manuscriptos, e Me-

(1) Na passagem transcripta a paginas 24 e 25 desta Parte.



memorias arabes, de que compaginou a *Historia de la dominacion de los Arabes en España*. Ora pôde-nos o Author da *Nota* certificar que a omissão, que allega para argumento, seja antes dos *Mss.*, que do seu compilador? Não por certo; por quanto o notographo nada entende de materias arabes; antes barbaramente zomba d'ellas!... Se pois o author da nota não podia fazer tal exame por falta de sciencia, como quer que o acreditemos em uma asserção, em que elle é inteiramente hospede? — Quando muito o escriptor da *Nota* só poderia dar por certo a omissão do compilador, e nunca a dos *Mss.*, e *Memorias*, de que D. José Conde se servira. Da omissão do compilador porém não se pôde concluir para a omissão dos Originaes. A intentada illação por tanto do antagonista acerrimo da grandeza do combate de Ourique, se não é sofisma, é pelo menos *paralogismo*!

Porém concedamos que os Historiadores da *Hispanha arabe* não façam menção de taes personagens; que se segue d'ahi? Acaso esses historiadores eram os unicos caçaes, donde taes noticias se poderiam saber? Ninguem tal ha de afirmar. Podiam-no saber os Autores das historias Christãs da boca dos mesmos Mouros, ou de uma tradição veridica entre os mesmos Christãos. E quem pôde duvidar que o author ou authors da *Chronica* dos Godos estavam n'esse caso? Sabe-se que ella é coeva com a Batalha de Ourique, como admite o escriptor da *Nota*; fazendo-a, indistinctamente, *coeva dos tempos, que memora* (1). E que cousa mais natural do que ficar na memoria dos vencedores o nome do Chefe vencido para o mandar á historia? Querer por tanto que o nome de Esmar, ou Ismario seja tido por entidade romantica, depois de tantos historiadores nacionaes e estranhos o terem reconhecido por uma realidade historica já vinda de seculos, é provocar o mais pronunciado, e mais bem merecido ridiculo. — Acaso todos os criticos se enganaram e affirmaram uma cousa sem fundamento? Ninguem tal ha de dizer; e só que cahira em manifesta censura aquelle que por espertalhão viera increpar de engano tantas e tão distinctas intelligencias. — Ainda é

(1) *Nota XVI*, pag. 483.

mais caricato notar a existencia de uma omissão sem ter dados para o poder fazer....

Porém mesmo a authoridade de *D. José Conde* levou seu estortegão! — *Conde* não apresenta aquelles nomes, como se fossem dos Chefes principaes dos Almoravides, que eram ou ficaram na Hespanha depois da partida de Tachfin para Africa. — *Conde* menciona estes nomes como dos principaes caudilhos almoravides de Hespanha, a quem Tachfin escreveu por occasião da sua exaltação ao throno: *asimismo escribió á los principales caudillos Almoravides de España Abu Zacaria Yahye Aben Gania, á Orman ben Adha, y á su tio Alyben Abi Bekir, que luego le enviaron sus cartas de parabien etc.*

(1). — D'aqui só se póde e deve inferir que os Chefes principaes dos almoravides, que governavam na Hespanha quando Tachfin subiu ao throno eram os que se acabam de indicar; e não que eram estes os chefes principaes dos almoravides de Hespanha depois da partida de Tachfin para a Africa. Para se poder tirar indeclinavelmente esta illação era necessario que abunde constasse; que estes caudilhos eram os mesmos que ficaram governando em Hespanha, quando Tachfin d'ella se ausentára, e que sem mudança alguma individual, causada pela morte ou por qualquer outro motivo, continuaram a governar até á exaltação de Tachfin ao throno por fallecimento de seu Pai.

Não se podendo por tanto tirar uma tal conclusão; não se póde sustentar que Ismario não figurasse em tempo algum no numero dos chefes principaes dos almoravides depois da partida de Tachfin para a Africa, só porque não vem indicada entre aquelles, a quem Tachfin escreveu quando assumiu o poder real segundo a ordem da successão. Tinha já decorrido sete annos depois que Tachfin tivera deixado Hespanha partindo para a Africa; e durante este espaço de tempo muito bem podia Ismario já ter terminado seus dias, não figurando já entre os principaes Chefes dos Almoravides em Hespanha, quando Tachfin lhes escreveu. Esta conjectura póde e deve mesmo conciliar-se com a omissão de *D. José Con-*

(1) Parte 3.<sup>a</sup> pag. 287.

de ; nem esta pôde servir de obstaculo positivo á existencia de Ismario, que um documento de reconhecida authenticidade (qual é a Chronica dos Godos) claramente testifica. Tachfia escreveu em 1144; o Feito d'Ourique foi em 1139.

Mas para que é andarmos divagando no mundo das conjecturas? Por ventura não declarou ao historiographo o erudito arabista (que lhe deu a devida tósa por asseverar que os historiadores arabes nada disseram da Batalha de Ourique) não declarou a elle, digo, que se não fosse alheio do seu proposito, ou intento provaria entre outras cousas, que os generaes mauritanos, que concorreram áquella batalha, foram os cinco seguintes: *Taxefin-Ben-Ali*, filho do imperador; *Omar*, primo do imperador; *Ismael*; *Ismar*; e *Ibrahim*? (1). Ninguem que souber lêr portuguez o poderá duvidar. Fallaram pois, ou não fallaram os escriptores arabes e da Hespanha arabe de *Omar*; e *Ismar*, ou *Ismario*? Haja vista no *Exame Historico*, cujo author é juiz competente na materia contra a ignorancia atrevida !....

### Observação 9.<sup>a</sup>

A' vista do que temos expendido, e discutido, quem (e isto sem perder a tramontana analytica da Observação) poderá tolerar que de um modo, e tom increpante se escreva: » Que firmeza, pois, se pôde fazer n'uma nar-  
» ração, que nos conta successos humanamente impossi-  
» veis, e que n'elles faz figurar individuos, cuja existen-  
» cia é desconhecida dos escriptores, que tinham obriga-  
» ção de conservar a memoria d'elles, se realmente hou-  
» vessem existido? » (2). Não será facil apresentar um elemento mais azado, nem mais bem adjectivado para um *tollent chachinum* !... E por certo em que paiz, donde se saiba o que é dialectica e bom senso critico, se dirá que não merece firmeza uma narrativa, em que se contam, ou que nos conta successos humanamente impossiveis? E' acaso a qualidade de serem os successos humanamente impossiveis motivo algum para se não acreditar

(1) Exame Historico etc. pag. 26 § 20.

(2) Nota XVI pag. 485.

a sua narrativa, ou nella se não *fazer firmeza*? Quem pronunciar a affirmativa profere um rematado absurdo; enuncia um attentado contra a crenga universal de todas as nações. Em todas ellas se acha sim admittida a crenga de *successos humanamente impossiveis*. Em todas ellas se acha reconhecido o principio da sobrenaturalidade em suas historias. — E quem pôde duvidar que o Arbitro Supremo dos Imperios ostenta magestoso o seu poder manifestando á face das gentes de todas as regiões, quando lhe apraz, *successos humanamente impossiveis*? Esta persuasão é de todo o homem, que não é, nem inculca ser atheo!

Sendo isto assim; quem pôde de sangue frio ouvir a horrenda interrogação que diz: *Que firmeza se pôde fazer n'uma narração, que nos conta successos humanamente impossiveis*? Eu protesto aqui, em nome da sã philosophia universal, que respeita um Deos, admiravel em todo o universo pela manifestação de tantos prodigios, de tantos successos impossiveis, humanamente fallando!... Protesto, digo, contra similhante illusão, por não lhe chamar impiedade!... Não se pôde fazer firmeza em uma narração, que conta successos humanamente impossiveis!... Quer isto dizer: Que tudo quanto for narração de successos humanamente impossiveis, que venha nas historias não merece credito, ou o que é o mesmo, não devemos em tal ter firmeza! Quer isto dizer, repito: Que tudo indistinctamente quanto ha de prodigioso nas historias, deve d'ellas ser banido, como patranha e carambola para embahir papalvos!... Temos por tanto que segundo a theologia do Authór, exarada em a sua *memoranda* Nota, não se deve fazer firmeza em escriptura alguma que comporte successos humanamente impossiveis; isto porém é proclamar o erro dos incredulos contra a existência do que é miraculoso! ..

Quer o Annotador sim que os feitos, as heroicidades acima da possibilidade das forças humanas, que mencionam as historias, *alto*, e *malo*, (pois que não distinguem) sejam havidas por falsas e chimericas! Este principio é porém além de irreligioso, destituido de toda aquella sã e ajustada dialectica; que deve dirigir a penna do historiador. — Na verdade; podem, ou não podem

existir prodígios acima das forças humanas? Quem duvidar d'esta possibilidade commette o mais audaz e horrendo attentado contra a Divindade. Queria que Deos, Arbitro Onnipotente do mundo, não pudesse fazer nada mais do que podem as forças humanas. Regularia por conseguinte a onnipotencia divina pelo limitado, e mesquinho poder dos homens. Que tremenda blasphemia! — Existem na realidade no Universo factos que excedem as forças humanas; negal-os seria arrostar contra os mais poderosos fundamentos que podem comprovar a authenticidade de um acontecimento sobre a commum esphera. — Como poderá subsistir com aquella absurda, e impia doutrina a verdade incontestavel das narrações dos prodígios *acima das forças humanas*, que nos attestam os livros divinos? Como subsistir a fé constante que o Christianismo com tanta segurança, e firmeza presta aos *successos humanamente impossiveis* (quaes são os milagres), que, dos seus heroes de santidade, a Santa Igreja pelo seu chefe tão escrupulosamente authoriza? — Os factos *extraordinarios* (diga-se affoitamente) merecem tanto credito, como os *ordinarios*, uma vez que tenham fundamentos, em que radical, e solidamente se estribem. Esta regra de critica não é tergiversavel, e da arbitraria estima do historiador. E' de uma essencia inalteravel.

Ha mesmo successos nos Annaes das gentes, que não estão em proporção com as circumstancias, que se apontam como motivos efficientes d'elles. Apparece um effeito, um resultado em disproporção e desharmonia com a pequenez da causa instrumental. Não obstante o acontecimento, que não estava na algada da espectação, nem do calculo, foi uma realidade. Chame-se-lhe embora *extraordinario*. Acaso o ter esta qualidade torna-o menos acreditavel; quando documentos de grande valla o affirmam? Porque o successo é *extraordinario*, segue-se logo que é inacreditavel? Ninguem tal poderá dizer. — Que não ha que de mistura com os acontecimentos ordinarios, não mencione e authenticque em suas Historias os successos extraordinarios, de que ella fôra espectadora, e os tenha como seus Brazões? Uma Historia, que contra o commum e bem fundado consenso os repellisse, e ainda mais os achincalhasse, admitindo só em suas pa-

ginas aquillo que unicamente coubesse na esphera commum e ordinaria dos acontecimentos; uma Historia, digo, desta tempera, que apresentasse o monstruoso phenomeno de insensatamente excluir o seu paiz do circulo da protecção especial da Providencia, assás manifestada pelo extraordinario, e maravilhoso dos Feitos, cuja realidade a critica e a sciencia historica de todos os tempos tivera reconhecido; seria o mais tremendo, e gigantesco alceijão!

### Observação 10.<sup>a</sup>

Vamos agora a assestar o oculo da analyse sobre outros pontos, que não devem ficar sem particular pesquisa. E' objecto d'ella o thema que passamos verbalmente a copiar: » Restam-nos, pois, diz elle, os cinco monumentos que acima transcrevemos, como unicas provas do facto. O Chronicon Lamecense e a Inquirição de Braga apenas nos asseguram, que elle não é » uma ficção (1). Continúa o escriptor da memoranda Nota na tacanha empresa de incutir discredito a todos os Documentos, que affiançam a grandezza da Batalha de Ourique. E com que puerilidade, e insubsistencia?..... Não será difficultoso fazel-o conhecer. — E' acaso verdade que o *Chronicon Lamecense* e a *Inquirição de Braga* só asseguram que a Batalha de Ourique não é uma ficção? E' falso. Basta lêr as palavras do *Chronicon Lamecense* para logo desmentir o escriptor, que tão bojudo disparate proferiu! Sim as palavras do texto do *Chronicon Lamecense* não só asseguram que o facto de Ourique não é uma ficção; porém manifestamente testificam a sua grandezza. Affirma pois o referido *Chronicon* não só que em o logar chamado Ourique houvera um combate entre Mouros e Christãos, sendo commandante de uma parte El Rei D. Affonso de Portugal, e da outra Ismar Rei dos Musulmanos; porém que este para escapar á morte se viu obrigado a pôr-se em fugida: » In loco qui divi- » tur Oric fuit prælium inter Paganos et Christianos, » preside Rege Ildefonso Portugallense ex una parte, et » Rege Paganorum Examare ex altera, qui ibidem mor-

(1) Nota XVI, pag. 406.

» tem fugiendo.... evasit.» (1). Ora poderá jámais al-  
guem, que tenha algum rasquicio de racional instincto,  
conscienciosamente pronunciar que uma lenda ou narra-  
tiva, que assim tão positivamente se exprime, *apenas as-  
segure que o facto não foi uma ficção?* Não por certo.— E  
quem jámais duvidou que um combate, em que um dos  
Chefes, para evitar a morte, se vale, como de unico re-  
curso, do meio desesperado da fugida, tenha o caracter  
de um combate grande e decisivo? Todo o mundo ha  
de responder por uma só boca: Que ninguem o póde,  
nem deve duvidar. — E asseverára em tempo algum pes-  
soa alguma que o *Chronicon*, que refere tal circumstan-  
cia apenas, *assegura que o facto não é uma ficção?* Esta  
asseveração tão falsa, como opposta a todos os principios  
da mais trivial e corriqueira dialectica, da mais accessi-  
vel hermeneutica, só poderia ser apanagio de um cere-  
bro entulhado ou atulhado de concepções ou aberrações  
romanescas! — Por tanto o *Chronicon Lamecense* apon-  
tando aquella tão transcendente circumstancia não só  
testificou a existencia da Batalha de Ourique, mas até  
a sua positiva grandeza. — O proprio dizer terminante  
do *Chronicon*, olhado mesmo no seu todo, está desmentin-  
do, com irresistivel valentia, a falsidade, que avançára o  
inovador historico; quando escrevêra que o *Chronicon*  
apenas nos *assegurára* que o Facto de Ourique não era  
*uma ficção*. — Em que termo, em que phrase resumbrá  
sequer o *Chronicon Lamecense* algum vestigio da indica-  
da *asseguração?* Aponte-o o progenitor de tão insolita  
lembrança!.... Ha de ficar immerso nas ondas de um  
mortal silencio!.....

### Observação 11.ª

Que diremos da *Inquirição de Braga?* — Acaso *as-  
segura-nos* ella apenas que a Batalha de Ourique *não é  
uma ficção?* Não; sem duvida. *Assegura-nos* mais al-  
guma cousa. *Assegura-nos* positivamente a existencia da  
Batalha de Ourique, e não apenas que não era uma *fi-  
cção*. *Assegura-nos* intergiversavelmente uma realidade,

(1) J. P. R. Dissert. Chronol. Tom. 4.º pag. 174.

e de tal ordem e cathegoria, que a Testemunha, que na *Inquirição* regulava por aquella Batalha a sua idade, segura devia estar que pela sua importancia ninguem haveria que ignorasse o Feito. E na verdade, argumentando por paralelo, se alguém disser que tinha 20 annos no tempo da Batalha de *Austerlitz*, *Marengo*, ou *Waterloo*, etc., entenderá por ventura qualquer que estiver em seu normal juizo, que o individuo, que assim se exprime, quizera *apenas assegurar* que taes batalhas não foram *uma ficção*? Ninguem, por certo, semelhante destempêro ha de pronunciar. Antes todo o mundo ficará convencido de que o individuo se referira a taes Feitos, por serem sobremodo dignos, pelo que foram de grandes em si mesmos, da memoria de todos aquelles com quem se falla ou em cuja presença se contesta. — E por que se ha de afirmar o contrario, quando se aponta como época de referencia a Batalha de Ourique? E' bem de vêr que nenhum fundamento se pôde allegar que justifique tão avesso procedimento.

Agora passaremos a copiar o logar do Elucidario de Viterbo, apontado pelo *Notographo*, que vem a proposito: » Em o Archivo da Mitra Brachar. Gav. da Primazia. Mat. I. N.º 8. se conserva uma dilatadissima » e Original Inquirição de Testemunhas, judicialmente » inquiridas sobre varios artigos, que provavam terminantemente a Primazia de Braga contra as tentativas » de Toledo. Muitas d'estas testemunhas passavam de » 100 annos, outras tinham pouco menos, e quasi todas » condecoradas: depozeram todas a favor da Igreja de » Braga. Entre estas é notavel Garcia Liufreiz de Jara, que disse se lembrava ser de 20 annos, *Tempore » Belli de Aurich*. Era então Arcebispo D. Estevão, que » poucos mezes havia tomára posse d'aquella Mitra, por » morte de D. Pedro, seu antecessor, que morreu no caminho de Roma, indo buscar o Palio. Tinha então » Garcia Liufreiz largos 100 annos, segundo o Depoimento de D. Godinho, Deão de Braga, que foi o 1.º » que alli depôz com juramento: E seria crível que um » sojeito d'estes annos, e perante uma Assembléa tão » veneravel, e conspicua, tomasse por Epocha dos seus » annos a Batalha de Ourique, como cousa publica e



» sabida de todos, e não fosse impugnado de algum,  
» se todos não estivessem persuadidos, e certos d'aquella  
» la verdade?.. Equantos Documentos d'estes se perderiam  
» pelo decurso do tempo roaz, e gastador?.. E  
» quantos iriam para a Torre de Simancas em Castella  
» no tempo dos Philippes; constando por uma Certidão  
» da Torre do Tombo, que então se levaram d'aquelle  
» Real Archivo *nove cofres* ou caixões de Livros e Pa-  
» peis da maior estimação por antigos, raros e preciosos?  
» (1). Da passagem transcripta assás se infere que Viterbo  
» estava bem longe de entender que o depoimento d'aquella  
» Inquirição *apenas assegurasse* que a Batalha de Ourique  
» não era uma ficção!....

Agora notaremos que a expressão a *Inquirição de Braga* é inteiramente vaga, e como tal exposta a admit-  
tir diversos sentidos. O annotador pois para evitar equi-  
vocos devia restringil-a escrevendo: A *Inquirição relativa á primazia do Arcebispado de Braga* (2).— Ainda aqui  
não é tudo. Desejamos saber qual o motivo por que tendo o  
Historiographo primeiro escripto e estatalado em a *Nota* que:  
» A inquirição citada por Viterbo serve apenas para corroborar o  
» factó (3) » depois proferira que:  
» A inquirição de Braga apenas nos assegura, que elle  
» (o factó de Ourique) *não é uma ficção?* » (4). Indicará  
acaso esta phraseologia uma só e a mesma cousa? Quero  
dizer: Será o mesmo *servir apenas para corroborar o factó*,  
que *apenas assegurar que elle não é uma ficção?* Será isto  
synonymia, ou involverá antilogia? Entretenha-se o Annotador,  
ou quem quizer por elle, com este *quodlibeto*; que nós passamos já a outro ponto de observação.

### Observação 12.<sup>a</sup>

Escrevinha ainda mais o annotador: » O *Chronicon Conimbricense*  
» chama á batalha de Ourique *lis magna* » e a *Chronica dos Godos*, nos exemplares de Alcobaça

- (1) Elucid. Tom. 2.<sup>o</sup> pag. 80.
- (2) Vej. Viterbo, tom. 2.<sup>o</sup> pag. 80.
- (3) Na pag. 483.
- (4) Na pag. 486.

» e Santa Cruz diz que o exercito Sarraceno era *propè*  
» *innumerabile*. Esta gradação parece-nos indicar a or-  
» dem em que as tres memorias foram escriptas: 1.º a  
» Lamecense: 2.º a Conimbricense: 3.º a dos Godos  
» (1). » Vejamos agora as coarctadas com que o anno-  
tador pretende aviltar a valentia, com que os dois tran-  
scriptos logares ou expressões dos dois referidos Chroni-  
cons testificam a grandeza da Batalha de Ourique. Põ-  
de jámais haver cousa mais inconcludente e inepta? Não  
por certo. » As palavras (*glossa elle*) *lis magna* do livro  
» da Noa terão tanto valor n'este caso, como applicadas  
» a não sabemos que recontro obscuro de *Cereigio*, mencio-  
» nado tambem n'este livro (Chronicon III ad aer. 1163)  
» com a qualificação de *lis magna* (2). » Porque razão, per-  
guntaremos nós, e perguntará todo o mundo, que tiver  
meia dedada de critica, as palavras *lis magna* do livro  
de Nda, referidas á Batalha de Ourique hão de ter (se-  
gundo a sua estimativa!) tanto valor, como as mesmas  
palavras, usadas pela mencionada Chronica, quando sul-  
la da batalha de *Cereigio*? Que fundamentos teve o *de-*  
*nodado* historiador para, lá a seu bel-prazer, lhes dar  
igual valor? Aponte-os, mencione-os, indique-os um a  
um, se é capaz.... Qual capaz nem meio capaz!... Ha  
de ficar qual outro volatim que no melhor das volteadú-  
ras perdeu a maromba!.... E na verdade pôde haver nos  
ambitos da extravagancia do pensar humano, uma arle-  
quinada, um salto mortal mais fóra da commum bitó-  
la, como é o pertender, por meio de uma fórmula con-  
jectural, que toma por idéa media um factu, apresen-  
tado em scena no caracter de *recontro obscuro*, que o pro-  
prio conector ou conectorador confessa, que não sabe  
ou ignora o que seja; o pretender, digo, por uma tal  
e tão incognita fórmula destruir uma verdade historica  
tão positivamente constituida e sustentada em todos os  
seculos, sem alguma diminuição na cathegoria, em que  
obvia e litteralmente é tida no mencionado Documento?  
Aonde é que se encontrou jámais o admittir-se por idéa  
media um principio desconhecido, para d'ahi se tirar uma

(1) Nota XVI, pag. 486.

(2) Nota XVI, pag. 485 e 486.

conclusão contra uma verdade tão manifestamente conhecida? Uma semelhante argumentação é o *supra summum* do escarneo contra uma das primarias e mais venerandas leis da Arte Syllogistica: é uma ignorancia a mais lanzuda!.. Não se póde argumentar com o que é desconhecido contra aquillo que é conhecido; gritará em todos os tempos todo aquelle que detestar semelhantes abortos intellectuaes!

Concedamos porém a extravagancia de comparar a Batalha de Ourique com a Batalha de *Cereigio*. Que fundamento teve o annotador para dar á acção de *Cereigio*, que o *Chronicon Conimbricense* noticia por estas palavras — « Era MCLXIII facta fuit lis magna inter » *Christianos et Sarracenos in loco qui dicitur Cereigio* » para a dar, sim, por um *recontro obscuro*, e não por uma lide, ou combate, que merecesse o nome de *grande*, conforme o qualificou o *Chronicon*? Ha de ficar outra vez a nadar sem vêr terra, nonde possa aportar. O *Chronicon Conimbricense* chama *grande* á Batalha de *Cereigio* — *lis magna*. — E que provas allega o annotador para desmentir o *Chronicon*? Nenhumas, nem é possível dal-as!.. Como se atreve pois o annotador a estortegar tão aeren, e despoticamente uma lenda, que ninguem ainda contestou; a interpretal-a de um modo que ninguem ainda interpretou? Não é isto representar no theatro da litteratura, da critica e da historia o papel mais burlesco e caricato, que se póde imaginar? E quem não ha de rir, e até profundamente escarnecer, quando ler e bem advertir: Que o annotador de motu proprio e poder absoluto traduzira as expressões — *lis magna* — do *Chronicon Conimbricense* — pela phrase *recontro obscuro*, para d'nhl igualmente de motu proprio e poder absoluto tirar a inaudita e inconsequentissima conclusão: Que as expressões *lis magna*, de que se serve o mesmo *Chronicon* em outro lugar para indicar a grandeza da Batalha de Ourique, estavam no mesmo caso? A traducção de — *lis magna* — « *recontro obscuro* » é d'aquellas necedades, d'aquellas extravagancias, que levadas ao tribunal do grammatical Tyrocínio, mal poderiam escapar da mais rispida e severa animadversão censoria!

Continuemos porém a ouvil-o: « Quanto ás expres-

» *ões innumerabile propè exercitu* da Chronica dos Go-  
» dos ainda as achamos pouco exaggeradas á vista dos  
» encarecimentos que, por via de regra, se lêem nas  
» chronicas d'aquelle tempo, tanto arabes como chris-  
» tãs, em que os inimigos sempre são em numero infi-  
» nito ou innumeraveis, phrases de que esta mesma nos  
» dá um exemplo dizendo, que as tropas com que Aly  
» cercou Coimbra em 1117 eram innumeraveis como as  
» arêas do mar, e que só Deus podia saber o numero  
» d'ellas (1). » Que salsada de galhardos é esta? Que  
irrational estrambotice? Acaso foi jámais principio ou  
fundamento critico para affrontar a existencia d'um fei-  
to bellico, o affirmar-se que o exercito da parte adversa  
era *innumeravel*? Aonde é que encontrou o annotador  
uma similhante regra? Por ventura estará qualquer his-  
toriador inhibido de indicar a grandeza de um exercito,  
cujo numero por excessivo, não era facil ser contado por  
aquelles que lhe faziam frente; estará inhibido, repito,  
de em casos taes servir-se da expressão *quasi innumera-  
vel*, ou simplesmente *innumeravel*? Quem tal paradoxo,  
absurdo tal, pronunciar, assás tem caracterizado a sua  
axaroadá litteratura!... Se pois não ha motivo algum  
para que o historiador deixe de usar em taes casos d'a-  
quella expressão; nem critico algum ainda a julgou  
por característica de falsidade; porque razão se ha de  
dar por falso o objecto a que ella se refere, e dirige?  
E' expressão exaggerada, diz-se. Aonde é que está a  
exaggeração? A palavra *innumeravel*, como todos sabem,  
póde ser tomada em dois sentidos; no sentido absoluto,  
ou metaphysico, e no sentido moral, ou relativo. No  
sentido absoluto ou metaphysico não admitte termo ou  
limite algum nem real nem ideal; no sentido relativo  
ou moral tem indubitavelmente um termo ou limite;  
este porém impraticavel ou mui difficultoso de se inves-  
tigar. E' neste ultimo sentido que fallam os historiado-  
res; e quem jámais ousou accusal-os por esse motivo de  
exaggerados? Ninguem ignora que é neste unico senti-  
do, que se deve tomar a tal expressão; e com ella expri-  
mem elles uma justa relação. Quem pois exprime uma

(1) Nota XVI, pag. 486.

justa relação, e que todos reconhecem, não pôde ser accusado de exaggerador. — E quem jámais deu este nome aos historiadores por assim se exprimirem? Ninguém. É o annotador que seguiu rumo contrario, é que é um bem descascado exaggerador!.... E quantas vezes não terá o escriptor da *Nota* usado na sua *romanesca* *Historia de Portugal* do termo — *innumeravel*? — E ha de querer que então acreditemos que não ha exaggeração?.... Pelos seus contraproducentes principios o Annotador forçosamente deve ser tido por um mui chapado paralogista!....

Porém que dizemos?.... Havemos de mostrar palpaveis exemplos, em que a *exaggeração* se desculpou até a favor dos escriptores arabes. (É quem deixará de reconhecer que o Author na sua tão inculcada imparcial *Historia de Portugal* faz mais as partes dos Arabes, que dos Portuguezes, cujos feitos 'escreve!....) Não só se desculpou a *exaggeração*, mas até se serviu d'ella, como de fundamento, para sustentar a grandeza do successo! — Fallando pois da batalha de Zalaka, discorre a proposito elle: » Ainda dando algum desconto á exaggeração » ordinaria dos antigos historiadores arabes e christãos, » os quaes unanimes affirmam que só Deus poderia contar o numero dos musulmanos, e que as tropas do rei » de Leão e Castella subiam a oitenta mil cavalleiros e » duzentos mil peões, é todavia certo que allí se encontram todas as forças das duas raças que disputavam » o solo da Hespanha, ajudados uma pelos guerreiros » frankos, e a outra pelos almoravides conquistadores » da Mauritania (1). » — Qual será a razão porque a

(1) *Histor. de Portugal*, na *Introdução*, pag. 180. — E' bem de notar que em uma das raças, que, no referido trecho, se diz, disputarem o solo da Hespanha, ficam comprehendidos visivelmente os Christãos. — E' porém proprio, e de cumbo classico o qualificar os Christãos com o nome de *raça*? Não se ha de poder apontar um só exemplo, que tal authorise. — E' até injuriosissima similhante applicação! » *Raça*, fallando em gerações, se toma sempre em má parte. Ter *raça* (sem mais nada) vale o mesmo, que ter *raça de* » Mouro, ou Judeo. » Assim se explica *Bluteau* no mencionado termo. » Ce mot (*raça*), en parlant des hommes, ne se prend guère » qu'en mauvaie part. » (*Nouveau Dictionnaire Portugais-Français etc.* par J. J. Roquete).

» *sões innumerabile propè exercitu* da Chronica dos Go-  
» dos ainda as achamos pouco exaggeradas á vista dos  
» encarecimentos que, por via de regra, se lêem nas  
» chronicas d'aquelle tempo, tanto arabes como chris-  
» tãs, em que os inimigos sempre são em numero infi-  
» nito ou innumeraveis, phrases de que esta mesma nos  
» dá um exemplo dizendo, que as tropas com que Aly  
» cercou Coimbra em 1117 eram innumeraveis como as  
» arêas do mar, e que só Deus podia saber o numero  
» d'ellas (1). » Que salsada de galhardos é esta? Que  
irrational estrambotice? Acaso foi jámais principio ou  
fundamento critico para affrontar a existencia d'um fei-  
to bellico, o affirmar-se que o exercito da parte adversa  
era *innumeravel*? Aonde é que encontrou o annotador  
uma similhante regra? Por ventura estará qualquer his-  
toriador inhibido de indicar a grandeza de um exercito,  
cujo numero por excessivo, não era facil ser contado por  
aquelles que lhe faziam frente; estará inhibido, repito,  
de em casos taes servir-se da expressão *quasi innumera-  
vel*, ou simplesmente *innumeravel*? Quem tal paradoxo,  
absurdo tal, pronunciar, assás tem caracterizado a sua  
axaroadá litteratura!... Se pois não ha motivo algum  
para que o historiador deixe de usar em taes casos d'a-  
quella expressão; nem critico algum ainda a julgou  
por característica de falsidade; porque razão se ha de  
dar por falso o objecto a que ella se refere, e dirige?  
E' expressão exaggerada, diz-se. Aonde é que está a  
exaggeração? A palavra *innumeravel*, como todos sabem,  
póde ser tomada em dois sentidos; no sentido absoluto,  
ou metaphysico, e no sentido moral, ou relativo. No  
sentido absoluto ou metaphysico não admitte termo ou  
limite algum nem real nem ideal; no sentido relativo  
ou moral tem indubitavelmente um termo ou limite;  
este porém impraticavel ou mui difficultoso de se inves-  
tigar. E' neste ultimo sentido que fallam os historiado-  
res; e quem jámais ousou accusal-os por esse motivo de  
exaggerados? Ninguem ignora que é neste unico senti-  
do, que se deve tomar a tal expressão; e com ella expri-  
mem elles uma justa relação. Quem pois exprime uma

(1) Nota XVI, pag. 486.

justa relação, e que todos reconhecem, não pôde ser accusado de exaggerador. — E quem jámais deu este nome aos historiadores por assim se exprimirem? Ninguém. E o annotador que seguiu rumo contrario, é que é um bem descascado exaggerador!... E quantas vezes não terá o escriptor da *Nota* usado na sua *romanesca* *Historia de Portugal* do termo — *innumeravel*? — E ha de querer que então acreditemos que não ha exaggeração?... Pelos seus contraproducentes principios o Annotador forçosamente deve ser tido por um mui chapado paralogista!....

Porém que dizemos?... Havemos de mostrar palpaveis exemplos, em que a *exaggeração* se desculpou até a favor dos escriptores arabes. (E quem deixará de reconhecer que o Author na sua tão inculcada imparcial *Historia de Portugal* faz mais as partes dos Arabes, que dos Portuguezes, cujos feitos 'escreve!....) Não só se desculpou a *exaggeração*, mas até se serviu d'ella, como de fundamento, para sustentar a grandeza do successo! — Fallando pois da batalha de Zalaka, discorre a proposito elle: » Ainda dando algum desconto á exaggeração » ordinaria dos antigos historiadores arabes e christãos, » os quaes unanimes affirmam que só Deus poderia con- » tar o numero dos musulmanos, e que as tropas do rei » de Leão e Castella subiam a oitenta mil cavalleiros e » duzentos mil peões, é todavia certo que alli se encon- » travam todas as forças das duas raças que disputavam » o solo da Hespanha, ajudados uma pelos guerreiros » frankos, e a outra pelos almoravides conquistadores » da Mauritania (1). » — Qual será a razão porque a

(1) *Histor. de Portugal*, na Introducção, pag. 180. — E' bem de notar que em uma das raças, que, no referido trecho, se diz, disputarem o solo da Hespanha, ficam comprehendidos visivelmente os Christãos. — E' porém proprio, e de cunho classico o qualificar os Christãos com o nome de *raça*? Não se ha de poder apontar um só exemplo, que tal authorize. — E' até injuriosissima semelhante applicação! » *Raça*, fallando em gerações, se toma sempre em má parte. Ter *raça* (sem mais nada) vale o mesmo, que ter *raça de Mouro, ou Judeo.* » Assim se explica *Bluteau* no mencionado termo. » *Ce mot (raça), en parlant des hommes, ne se prend guère qu'en mauvaise part.* » (*Nouveau Dictionnaire Portugais-Français etc.* par J. J. Roquete).

*exaggeração dos antigos historiadores arabes e christãos ha de aqui merecer algum desconto, e não ha de merecer depois a mesma graça, quando se trata da Batalha de Ourique? A contradicção ou antes a parcialidade é a mais sensível e palpavel! — Mais adiante escreve elle sobre o mesmo objecto: » Se acreditassemos os escriptores arabes, a perda dos christãos teria sido immensa. » Segundo um d'elles, Jussuf fazendo decepar a cabeça » dos mortos (costume trivialissimo entre os arabes) en- » viou cincoenta mil ás differentes capitaes dos émirados » de Andaluz, e quarenta mil para serem distribuidas » pelas cidades maritimas de Barberia, como documen- » to da victoria. De todo o exercito dos nazarenos, di- » zem elles, apenas escapou Affonso com cem homens. » Similhantes encarecimentos, juntos á confissão dos an- » tigos Chronicons sobre o grande estrago dos christãos, » provam que esta foi uma das mais terriveis batalhas, » que se pelejaram em Hespanha (1). » Quem não vê que os taes encarecimentos são aqui apontados, como razão concomitante, para provar que a batalha de Zaluka foi uma das mais terriveis que se pelejaram na Hespanha? E porque motivo similhantes encarecimentos (se não menores) não hão de ter igual valor, quando se trata da Batalha de Ourique? A contradicção é a todas as luzes manifesta!*

Falla de encarecimentos! E que outra cousa é, se não encarecimento, o qualificar de immensa a supposta perda que teriam os Christãos? — Tão pouco uma tal qualificação — immensa — quadra com aquillo que determinadamente referem os historiadores; se vale o numero indicado nas duas transcriptas passagens!...

Na pag. 155 da *Introducção da Historia de Portugal* lê-se: » A nova dos immensos aprestos dos sarracenos nos derramou o susto entre os christãos. » *Immensos aprestos!*... Será ou não será expressão exaggerada?..... Todos á uma o hão de affirmar! — E quantas d'estas exaggerações se não poderiam ainda registrar?..... E com tudo isto quer o *nosso prototypo* historiador que acreditemos em sua Obra, como em voz de indefectivel Oraculo!

(1) Hist. de Portug. na Introducção, pag. 182.



Agora advertiremos que o qualificativo *immense* propriamente se diz da cousa que não tem medida, ou tem vastissima extensão. Só por figura é que se applica a cousa excessiva. Assim dizemos *immenses bens*, *immensas riquezas*, etc. Em linguagem propria parece se deve dizer *innumeraveis bens*, *innumeraveis riquezas* etc. (1).

Outrosim observaremos que o facto do cêrco de Coimbra, de que falla a Chronica dos Godos não fôra no anno de 1117 (embora seja esta a era de Christo que lhe corresponde) conforme traz a Nota; porém no anno de 1155 (era de Cesar) segundo a mesma Chronica. *Æra 1155. Rex Sarracenorum Hali Ibenjuceph veniens de ultra mare cum multo exercitu obsedit Colimbriam, adjuncto simul et omni exercitu, qui erat circa mare, quorum numerus erat innumerabilis sicut arena maris, soli Deo tantum cognitus erat.*

Em fim era para desejar que o Annotador nos indicasse, uma por uma, quaes as Chronicas dos Arabes, que *por via de regra* fazem sempre *infinita* ou *innumeravel* a multidão dos inimigos; copiando-nos textualmente os taes logares! — Quanto ás Chronicas Christãs poderiamos apontar exemplos, em que (desmentindo o tal *por via de regra*) não se diz que o numero dos inimigos era *infinito*.

» Isto que dizemos, *conclue o annotador*, da phrase » da Chronica dos Godos é applicavel inteiramente á » vida de S. Theotonio (2). » — Tudo, redarguiremos nós, o que deixámos expendido contra o annotador a favor do logar da Chronica dos Godos, é o mesmo, sem tirar, nem pôr, que, se fôra necessario, reproduziríamos em defeza da passagem da vida de S. Theotonio; quanto ao ella designar a grandeza do exercito dos cinco Reis Mouros, que batalharam em Campo de Ourique, e n'ella ficaram vencidos, pela expressão — multidão innumeravel — (cum innumera multitudine) (3). — Vamos agora á outra observação.

(1) Vej. Reflexões sobre a Lingua Portugueza, escriptas por Francisco José Freire etc. Parte Primeira, pag. 126.

(2) Nota XVI, pag. 486.

(3) Vej. Nota XVI, pag. 482.

### Observação 13.<sup>a</sup>

Ouçamos agora o Annotador sim em outro parrafo. » Advirta-se, *dix elle*, em ultimo logar, que em nenhum » historiador por nós conhecido, quer arabe, quer Chris- » tão, d'aquelle tempo, ou dos immediatamente proximi- » mos, se acha mencionado o successo de Ourique, sem » exceptuar o proprio Rodrigo de Toledo, que na sua » historia das cousas de Hespanha, dedicou um capitu- » lo especial (L. 7 c. 6) ás *batalhas insignes do Rei de » Portugal, Affonso* (1). » — Continúa a mesma tactica de argumentar sedição e revoltante. Quem não pôde, diz o ditado, trapacêa!... E na verdade toda a bagagem, ou farragem pseudo-argumentativa, que o Annotador acartou para o campo da polemica contra a façanha de Ourique, não é mais que uma desenxabida e mal ali-phavada trapaga. No decurso do seu tão extravagante, como infundado scepticismo contra um facto, cuja existencia e grandeza ninguem ainda combateu; não encontrando argumento positivo, a que se atenha; vai acastellar-se na sophistica e phosphorica guarida dos argumentos negativos. Este sulterfugio porém denota a mais inqualificavel ignorancia dialectica!... Quem não sabe sim que um argumento negativo nada é ao pé de um argumento positivo?... Que importa pois que nenhum historiador quer *arabe* quer *christão* d'aquelle tempo, ou dos immediatamente proximos ao grandioso successo de Ourique, dos conhecidos pelo annotador, não faça menção d'elle? E' acaso condição essencial, para que o facto de Ourique seja verdadeiro, o daver ser contado por todos os historiadores Arabes e Christãos, que o Annotador conhecesse? Não; sem duvida. Do silencio dos historiadores arabes, que o annotador conhece, não se pôde inferir que os outros, que elle não conhece não fallassem do memoravel successo. E na verdade não fallam positivamente da Batalha de Ourique os historiadores arabes, de que faz menção o Author do *Exame Historico*? E conhecia-os por ventura o annotador? Mas que admira; se o annotador é perfeitamente hospede, superla-

(2) Nota XVI, pag. 486.

tivamente idiota na lingua arabe!.... Como assim?... Não falla elle a cada passo em historiadores arabes, como se fôra algum *Golio*, *Herbelot*, ou *Sacy*, algum *Soussa*, *Moura*, ou *Rebello*? Assim é; porém todo este espalhafato não passa de um ostentoso charlatanismo! E' bem de vêr por tanto o credito que merece um tal escriptor, quando á bocca cheia nos vem sophismar com o silencio dos historiadores arabes *por elle conhecidos!*....

Quanto ao silencio dos historiadores Christãos *dos tempos da Batalha de Ourique*, ou *imediatamente proximos*; quem não vê que o annotador é desmentido pelos proprios testemunhos, que elle refere em a Nota, a saber: pelo *Chronicon Lamecense*, *Conimbricense*, *Chronica dos Godos*, *Vida de S. Theotonio*, e *Inquirição sobre a questão da primazia entre Braga e Toledo*? Equererá elle que estes cinco testemunhos positivos percam a sua força só pelo seu imaginado argumento negativo? Debalde se afadigará o novador! O seu esforço só lhe ha de produzir irrisão!...

Quanto ao silencio que guardou Rodrigo de Toledo na sua Obra — *De rebus Hispaniæ*; — quem jámais se lembrou de semelhante argumento negativo para pôr em duvida a existencia, e grandeza da Batalha de Ourique? Ninguem. Nem era possivel caber em cabeça de homem de critica um tão excentrico desençaixe. E' verdade que o mencionado escriptor dedicou, como diz o annotador, um capitulo *às batalhas insignes do Rei de Portugal, Affonso*. Que se segue d'ahi? Que devia fazer menção no tal capitulo da Batalha de Ourique. Não fez menção de tal. Que se infere do seu silencio? Que o historiador faltou ás leis da historia; e nunca que o facto não fosse verdadeiro; pois que assás o testificam monumentos de cunho positivo, e authenticos. E que admira que um Escriptor Hespanhol omittisse de proposito um facto, que trouxe consigo a emancipação de Portugal do dominio da Hespanha? Um facto, que (se bem nenhum escriptor hespanhol ainda desmentiu) não era d'aquelles que os Escriptores da Nação visinha com mais gosto mencionariam em suas Obras.

Porém que? Não é o proprio annotador que confessa que um *argumento negativo* nada prova? Sem duvida. Eis-aqui as suas palavras: *» E' um argumento ne-*

» galivo, que nada prova contra a realidade do acontecimento attestado por escriptores nacionaes e coevos (1). » Isto segue-se ao que mais acima se transcreveu. Que é isto? Não é o proprio annotador, que a si mesmo se redargue? Por certo que é. Sim; confessa que o argumento negativo nada prova contra a realidade do acontecimento attestado por escriptores nacionaes e coevos. — Mas como é que em nenhum historiador por elle conhecido, quer arabe, quer christão, d'aquelle tempo ou dos immediatamente proximos, se acha mencionado o successo de Ourique; segundo o Notographo escrevêra no principio do paragrafo que analysamos; e agora se assevera a realidade do acontecimento attestado por escriptores nacionaes e coevos? Vê-se pelo menos que no segundo trecho reconhece a attestação da realidade do acontecimento de Ourique por escriptores nacionaes e coevos, que nega em o primeiro! Está por consequente o Author da Nota em manifesta contradicção com os seus principios, com os seus argumentos!...

Porém elle não fica aqui. Dá uma coarctada. E qual é ella? Está nestas 'palavras, que immediatamente se seguem no logar que acabámos de copiar — *mas que nos parece mostrar quanto ainda na primeira metade do seculo XIII elle estava longe de fazer o ruído e ter a importancia, que em eras posteriores se lhe attribuiu (2).* — Parece-lhe que se o argumento negativo nada prova contra a realidade do acontecimento, comtudo mostra quanto ainda na primeira metade do seculo XIII elle estava longe de fazer o ruído, e ter a importancia que depois tivera. — O Author da insulsa e inconsequentissima Nota nada aproveita, nem consegue com a coarctada, antes visivelmente mostra que está fóra da questão. Que vem sim para o caso que o successo de Ourique na primeira metade do seculo XIII estivesse longe de fazer o ruído, e ter a importancia que depois tivera, ou se lhe attribuíra? Que tem a veracidade do successo, e da sua grandeza com o ruído, e importancia, que em eras posteriores depois tivera? Acaso o valor e aprego do successo, considerado em si mesmo, não é cousa muito diversa do

(1) Nota XVI, pag. 486.

(2) Nota XVI, pag. 486.

*ruido*, e *importancia*, que pelos tempos adiante pôde o mesmo successo adquirir? L' sem questão. O que é da essencia nada tem com os modos accidentaes. (1). — Além d'isto o Annotador pela sua maneira de fallar dá margem a colligir, que não obstante elle affirmar que na primeira metade do seculo 13.<sup>o</sup> o successo de Ourique estivera mui longe de fazer o *ruido* e *ter a importancia*, que *nas eras posteriores se lhe attribuiu*; nem por isso nega que o tal successo antes d'esse tempo fizesse já algum *ruido* e tivesse alguma *importancia*: Illação, que, mal podendo deixar de ser admissivel, é manifestamente opposta á these, que elle tem sustentado contra o valor e subida estima, que todos tem dado áquelle grande feito bellico: a esse monumento de gloria, ao qual o seu antagonista não se pejára de aviltar, dando-lhe até por desprezo e chacota o nome de — *bulha!* (2).

Dêmos porém que o successo de Ourique ainda na primeira metade do seculo XIII não fizesse aquelle *ruido*, nem tivesse aquella *importancia* que *nas eras posteriores se lhe attribuiu*. Acaso é condição essencial, para um successo ser grande, o *attribuir-se-lhe* logo no seu nascimento toda a importancia que possa ter; ou o fazer um *ruido* igual ao das *eras posteriores*? Se esta condição fosse essencial para qualquer successo ser grande e importante; então não haveria successo algum, ou pelo menos seria mui raro aquelle successo, que como tal podesse ser qualificado. Qual é o successo, que apenas nado ou existido faz logo todo o *ruido* possivel, e chega de salto ao auge d'aquella *importancia* que as *eras posteriores* lhe sóem attribuir? L'allamos do *ruido*, e *importancia* extrinseca, que é aquella de que manifestamente falla o annotador. Este *ruido* ou arruido e *importancia* externa ou de character puramente accidental, procede só da grandeza da fama, que o acontecimento, de seculo para seculo vai ganhando; e mais ainda da penna dos historiadores, que nem sempre os tem havido no tempo, em que tiveram logar muitos dos grandes successos. Como quefia pois o annotador que o successo de Ourique, acon-

(1) Veja-se a *Quarta Parte* desta Obra, pag. 41, 42 e 47.

(2) No Jornal — A Semana, N.<sup>o</sup> 10.

tecido em um seculo de barbaridade e ignorancia, em que a historia apenas se esboçava em singelos e resumidos *Chronicons*, fizesse o mesmo ruido etivesse a mesma *importancia*, que depois nas *eras posteriores* lhe deram os historiadores classicos da nação? Não era possivel. Todavia é uma prova incontestavel da grandeza da Batalha de Ourique o vêr que todos os escriptores, que d'ella em todos os seculos tem fallado, em nada tem detrachido o merito, e a excellencia intrinseca do famoso feito. Não é uma ficção, que o andar dos tempos destruisse. *Commenta delet dies*. E' axioma do Orador Romano (1).

Fez porém a Façanha de Ourique todo aquelle ruido, e teve toda aquella *importancia*, que poderia ter logo no seu seculo, conforme se achava então o estado da litteratura historica. D'ella pois fallou, caracterizando a sua grandeza a Chronica dos Godos (Exemplar de André de Rezende), que segundo o illustre Oratoriano Pereira de Figueiredo, traz evidentes signaes de que foi escripta no mesmo seculo XII em que floreceu El-Rei D. Affonso Henriques (2); bem como depois o *Summario*, ou *Compendio* da mesma Chronica, que é escripto já no XIII seculo; segundo o mesmo Pereira de Figueiredo, depois do anno de 1212 (3). Já acima advertimos que o escriptor da Nota fizera este *Summario* (que é o Exemplar d'Alcobaça e Santa Cruz de Coimbra) *ex eo dos tempos que memora* (4). Indo com este erro, que se inculca como verdade, temos n'aquelle *Summario* um Testemunho contemporaneo da Batalha de Ourique, que até pela simples fórma como está concebido assás denota a grande importancia de um tal feito. — E' um argumento *ad hominem*, que tem aqui todo o logar, embora não seja necessario!

E' tambem do seculo 12.<sup>o</sup> o *Chronicon Lamecense*, o *Chronicon Conimbricense*, e a *Vida de S. Theotónio*, todos Documentos que cada um por sua maneira testificam a grandeza do successo. — E' coeva com a Batalha de Ourique a testemunha do depoimento, que figura na

- (1) De Nat. Deor. l. 2. cap. 2.
- (2) Elog. dos Reis de Portug. Nota 2.<sup>a</sup>
- (3) Elog. dos Reis etc. Nota 12.<sup>a</sup>
- (4) Nota XVI, pag. 483.

*Inquirição sobre a questão de primazia entre Braga e Toledo.* — Quem não vê outrosi ou não sabe, que os citados documentos do seculo 12.<sup>o</sup> serviram de base solida e fundamental ao *ruido*, e *importancia*, que depois tivera nas *eras posteriores* o acontecimento de Ourique?

### Observação 14.<sup>a</sup>

Vamos ao ultimo objecto de observação. Eis-aqui o seu thema: » Discutir todas as fabulas, que se prendem » á jornada de Ourique fôra processo infinito. A da ap- » parição de Christo ao principe antes da batalha estri- » ba-se em um documento tão mal forjado, que o me- » nos instruido alumno de Diplomatica o rejeitará como » falso ao primeiro aspecto (o que facilmente poderá » qualquer verificar no Archivo Nacional, onde hoje se » acha).» (1) Perguntaremos que numero de fabulas é esse tão estupendo, e tremendo, que se *prendêra á jornada de Ourique, a discussão de todas as quaes seria um processo infinito?* Acaso poderá sustentar-se um tão exaggerado, e aereo enunciado, sem se fazer vêr que o numero d'aquellas fabulas é tão grande e variado, que, para chamal-as todas á discussão, seria preciso encher algum volumoso e latifolio livro ou pelo menos um bem pangudo cartapacio? Quem disser o contrario desconhece perfeitamente o que quer significar a expressão — *processo infinito*. E poderá fazer vêr o annotador a tal inaugurada *infinitude?* Nunca; por mais que romantize! — Para que ha de pois o historiador e Author da Nota, que aspira ás honras de prototypo, avançar exaggerações, que não pôde demonstrar? E' esta a circumspecção com que deve escrever qualquer historiador ou Annotador, ainda o mais reles; quanto mais aquelle que se tem em tão guindada polpa? Quem assim historia e annotiza dá mais um adeos ao credito, que os intelligentes, alheios a parcialidades, n'elle deviam ter ou lhe deviam prestar!.... Vamos porém á especialidade.

Affirma o Annotador que a fabula *da Apparição de Christo a D. Affonso Henriques* funda-se em um docu-

(1) Nota XVI, pag. 486.

tecido em um seculo de barbaridade e ignorancia, em que a historia apenas se esboçava em singelos e resumidos *Chronicons*, fizesse o mesmo ruido etivesse a mesma *importancia*, que depois nas *eras posteriores* lhe deram os historiadores classicos da nação? Não era possivel. Todavia é uma prova incontestavel da grandeza da Batalha de Ourique o vêr que todos os escriptores, que d'ella em todos os seculos tem fallado, em nada tem detrachido o merito, e a excellencia intrinseca do famoso feito. Não é uma ficção, que o andar dos tempos destruisse. *Commenta delet dies*. E' axioma do Orador Romano (1).

Fez porém a Façanha de Ourique todo aquelle ruido, e teve toda aquella *importancia*, que poderia ter logo no seu seculo, conforme se achava então o estado da litteratura historica. D'ella pois fallou, caracterizando a sua grandeza a Chronica dos Godos (Exemplar de André de Rezende), que segundo o illustre Oratoriano Pereira de Figueiredo, traz evidentes signaes de que foi escripta no mesmo seculo XII em que floreceu El-Rei D. Alfonso Henriques (2); bem como depois o *Summario*, ou *Compendio* da mesma Chronica, que é escripto já no XIII seculo; segundo o mesmo Pereira de Figueiredo, depois do anno de 1212 (3). Já acima advertimos que o escriptor da Nota fizera este *Summario* (que é o Exemplar d'Alcobaça e Santa Cruz de Coimbra) *ex eo dos tempos que memora* (4). Indo com este erro, que se inculca como verdade, temos n'aquelle *Summario* um Testemunho contemporaneo da Batalha de Ourique, que até pela simples fórma como está concebido assás denota a grande importancia de um tal feito. — E' um argumento *ad hominem*, que tem aqui todo o logar, embora não seja necessario!

E' tambem do seculo 12.<sup>o</sup> o *Chronicon Lamecense*, o *Chronicon Conimbricense*, e a *Vida de S. Theotonio*, todos Documentos que cada um por sua maneira testificam a grandeza do successo. — E' coeva com a Batalha de Ourique a testemunha do depoimento, que figura na

- (1) De Nat. Deor. l. 2. cap. 2.
- (2) Elog. dos Reis de Portug. Nota 2.<sup>a</sup>
- (3) Elog. dos Reis etc. Nota 12.<sup>a</sup>
- (4) Nota XVI, pag. 483.



*Inquirição sobre a questão de primazia entre Braga e Toledo.* — Quem não vê outrosi ou não sabe, que os citados documentos do seculo 12.<sup>o</sup> serviram de base solida e fundamental ao *ruido*, e *importancia*, que depois tivera nas *eras posteriores* o acontecimento de Ourique?

### Observação 14.<sup>a</sup>

Vamos ao ultimo objecto de observação. Eis-aqui o seu thema: » Discutir todas as fabulas, que se prendem » á jornada de Ourique fôra processo infinito. A da ap- » parição de Christo ao príncipe antes da batalha estri- » ba-se em um documento tão mal forjado, que o me- » nos instruido alumno de Diplomatica o rejeitará como » falso ao primeiro aspecto (o que facilmente poderá » qualquer verificar no Archivo Nacional, onde hoje se » acha).» (1) Perguntaremos que numero de fabulas é esse tão estupendo, e tremendo, que se *prendêra á jornada de Ourique, a discussão de todas as quaes seria um processo infinito?* Acaso poderá sustentar-se um tão exaggerado, e aereo enunciado, sem se fazer vêr que o numero d'aquellas fabulas é tão grande e variado, que, para chama-las todas á discussão, seria preciso encher algum volumoso e latifolio livro ou pelo menos um bem pangudo cartapacio? Quem disser o contrario desconhece perfeitamente o que quer significar a expressão — *processo infinito*. E poderá fazer vêr o annotador a tal inaugurada *infinitude?* Nunca; por mais que romantize! — Para que ha de pois o historiador e Author da Nota, que aspira ás honras de prototypo, avançar exaggerações, que não pôde demonstrar? E' esta a circumspecção com que deve escrever qualquer historiador ou Annotador, ainda o mais reles; quanto mais aquelle que se tem em tão guindada polpa? Quem assim historia e annotiza dá mais um adeos ao credito, que os intelligentes, alheios a parcialidades, n'elle deviam ter ou lhe deviam prestar!.... Vamos porém á especialidade.

Affirma o Annotador que a fabula *da Apparição de Christo a D. Affonso Henriques* funda-se em um docu-

(1) Nota XVI, pag. 486.

tecido em um seculo de barbaridade e ignorancia, em que a historia apenas se esboçava em singelos e resumidos *Chronicons*, fizesse o mesmo ruído e tivesse a mesma importancia, que depois nas *eras posteriores* lhe deram os historiadores classicos da nação? Não era possivel. Todavia é uma prova incontestavel da grandeza da Batalha de Ourique o vêr que todos os escriptores, que d'ella em todos os seculos tem fallado, em nada tem detrahido o merito, e a excellencia intrinseca do famoso feito. Não é uma ficção, que o andar dos tempos destruisse. *Commenta delet dies*. E' axioma do Orador Romano (1).

Fez porém a Façanha de Ourique todo aquelle ruído, e teve toda aquella importancia, que poderia ter logo no seu seculo, conforme se achava então o estado da litteratura historica. D'ella pois fallou, caracterizando a sua grandeza a Chronica dos Godos (Exemplar de André de Rezende), que segundo o illustre Oratoriano Pereira de Figueiredo, traz evidentes signaes de que foi escripta no mesmo seculo XII em que floreceu El-Rei D. Affonso Henriques (2); bem como depois o *Summario*, ou *Compendio* da mesma Chronica, que é escripto já no XIII seculo; segundo o mesmo Pereira de Figueiredo, depois do anno de 1212 (3). Já acima advertimos que o escriptor da Nota fizera este *Summario* (que é o Exemplar d'Alcobaça e Santa Cruz de Coimbra) *exvo dos tempos que memora* (4). Indo com este erro, que se inculca como verdade, temos n'aquelle *Summario* um Testemunho contemporaneo da Batalha de Ourique, que até pela simples fórma como está concebido assás denota a grande importancia de um tal feito. — E' um argumento *ad hominem*, que tem aqui todo o logar, embora não seja necessario!

E' tambem do seculo 12.<sup>o</sup> o *Chronicon Lamecense*, o *Chronicon Conimbricense*, e a *Vida de S. Theotonio*, todos Documentos que cada um por sua maneira testificam a grandeza do successo. — E' coeva com a Batalha de Ourique a testemunha do depoimento, que figura na

(1) De Nat. Deor. l. 2. cap. 2.

(2) Elog. dos Reis de Portug. Nota 2.<sup>a</sup>

(3) Elog. dos Reis etc. Nota 12.<sup>a</sup>

(4) Nota XVI, pag. 483.

*Inquirição sobre a questão de primazia entre Braga e Toledo. — Quem não vê outrosi ou não sabe, que os citados documentos do seculo 12.<sup>o</sup> serviram de base solida e fundamental ao ruído, e importancia, que depois tiveram nas eras posteriores o acontecimento de Ourique?*

### **Observação 14.<sup>a</sup>**

Vamos ao ultimo objecto de observação. Eis-aqui o seu thema: » Discutir todas as fabulas, que se prendem » á jornada de Ourique fôra processo infinito. A da ap- » purição de Christo ao principe antes da batalha estri- » ba-se em um documento tão mal forjado, que o me- » nos instruido alumno de Diplomatica o rejeitará como » falso ao primeiro aspecto (o que facilmente poderá » qualquer verificar no Archivo Nacional, onde hoje se » acha).» (1) Perguntaremos que numero de fabulas é esse tão estupendo, e tremendo, que se *prendêra á jornada de Ourique, a discussão de todas as quaes seria um processo infinito?* Acaso poderá sustentar-se um tão exaggerado, e aereo enunciado, sem se fazer vêr que o numero d'aquellas fabulas é tão grande e variado, que, para chamar-as todas á discussão, seria preciso encher algum volumoso e latifolio livro ou pelo menos um bem pangudo cartapacio? Quem disser o contrario desconhece perfeitamente o que quer significar a expressão — *processo infinito*. E poderá fazer vêr o annotador a tal inaugurada *infinitude?* Nunca; por mais que romantize! — Para que ha de pois o historiador e Author da Nota, que aspira ás honras de prototypo, avançar exaggerações, que não pôde demonstrar? É' esta a circumspecção com que deve escrever qualquer historiador ou Annotador, ainda o mais reles; quanto mais aquelle que se tem em tão guindada polpa? Quem assim historia e annotiza dá mais um adeos ao credito, que os intelligentes, alheios a parcialidades, n'elle deviam ter ou lhe deviam prestar!.... Vamos porém á especialidade.

Affirma o Annotador que a fabula da *Apparição de Christo a D. Affonso Henriques* funda-se em um docu-

(1) Nota XVI, pag. 486.

*mento tão mal forjado, que o menos instruido alumno de Diplomatica o rejeitará como falso.* Como é isto? Pois não conheceram essa falsidade tantos homens de primeira ordem em erudição e critica, nos seculos precedentes, e agora *qualquer alumno menos instruido de Diplomatica* é bastante para a conhecer? Porque ha de ter agora essa habilidade o *alumno menos instruido em Diplomatica*, que não tiveram então homens tão instruidos n'ella? *Acaso o alumno menos instruido em Diplomatica* terá hoje mais recursos para conhecer a falsidade do Juramento de D. Affonso Henriques, do que tiveram outr'ora tantos homens sabios e eruditos para reconhecer a sua authenticidade? Um *alumno de Diplomatica o menos instruido* ao pé de um Brito, um Brandão, um Pereira, um Cenaculo e outros muitos, é uma burla, uma completa irrisão!... Um Cenaculo sim... E quem ignora que foi o grande Bispo de Beja, D. Fr. Manuel do Cenaculo, que no reinado d'El-Rei D. José promoveu o estudo da Diplomatica, fazendo com que no Real Archivo se estabelecesse em 1775 uma cadeira de Paleographia (1)? E um homem d'estes não seria mais capaz de julgar do Documento em questão, do que o tal *alumno menos instruido em Diplomatica*? Não será mais valente o voto de tão grande homem, do que o do *alumno menos instruido* na sciencia ou arte de avaliar os antigos Diplomas? Só a mais botecuda ignorancia, ou a mais depravada e nauseante antipathia é que poderá asseverar o contrario!...

Temos a Diplomatica innovadora contra a torrente diplomatica dos seculos precedentes, que reconheceu por authentico o Juramento de D. Affonso Henriques; e qual dos votos se deve preferir? Ha de rejeitar-se o voto dos primeiros, porque eram menos sabios e eruditos na materia? Não o concedemos, nem o devemos admittir, sem de um modo analytico nos mostrarem o contrario. — Dá-se sim por apocrypho, e fingido um instrumento, que os antigos e modernos eruditos, ainda neste seculo, tiveram por genuino; ora prescindindo mesmo do paralelo entre os dois pensares; não será bastante

(1) Vid. Dissert. Chronol. de J. P. Ribeiro, Dissert. X, pag. 13.

esta divergencia, sustentada de uma parte pela de las sciencias da velha Monarchia, a que ainda ao presente subscrevem seguidores conspicuos, para constituir uma opinião fundamentada? Ninguem poderá negar — sendo isto assim; como se poderá dar o nome de *fabula* a que tantos homens de sciencia, com conhecimentos de causa tiveram por verdade? Não existe o caracter de que se chama *fabula*!...

Além d'isto como se poderá intitular de *fabula* um acontecimento, que um dos Pontifices mais illustres, que tem tido o Orbe Catholico, permitiu, que se publicasse porasse em uma das lendas do Breviario Romano? O mesmo Benedicto XIV era nomeado tal vez, ainda actualmente te considerado como sabio, não dilige ja como fado de premo da Santa Igreja, consentisse que se publicasse, sob baixo da sua authoridade uma *fabula*, em successo, fantasmiado, ou sem fundamento algum pelo menos de realidade provavel, como objecto de sua crença? Affirmar isto o maior insulto à sciencia, e honra, aoavez de sua veneranda Summidade.

» Parece, *continua*, a verdade impossível que de » grosseira falsidade servisse de assumpto a *historia* » grave (1). » () que parece impossível é que *seja* em um historiador portuguez que lêse o nome de *grosseira falsidade* á pia crença da Aparição de Christo a Afonso Henriques! — Que entenderá *grosseira* de *falsidade grosseira*? Por certo que não poderá entender-se não uma falsidade tão alambazada e arrojada, que qualquer ainda o mais idiota, e *sejal* não possa ler de a conhecer. Ora se isto assim é, nem *pode* deixar de ser, olhada a força do epitheto, segue-se que muitos eruditos de erudição e talentos illustres, que admiraram, e sustentaram a veracidade do facto, nem em *estupidez* e materialidade, ainda, para peor, acção do *terminado superlativo*. Quem todavia semelhante absurdo, *hy* perbole tão repugnante *pode* proferir sem se deprimir, e insultar a si proprio? ... Quando é porém que uma *falsidade grosseira* deu assumpto a *discussões graves*? Tal *antithese* é uma chimera. Quem ha que *forma discussões*

(1) Nota XVI, pag. 486.

graves sobre tal objecto, tomando-o como assumpto d'ellas, a não ser um mentecapto? E seriam mentecaptos os profundos eruditos, que discutiram o assumpto da Apparição de Christo ao primeiro Monarcha de Portugal? O annotador é que está em contradicção grosseira contra todo o bom senso!....

Ouçamol-o ainda mais: » Quem, todavia, desejar » conhecer a impostura d'esse documento famoso, consulte a Memória de Fr. Joaquim de Santo Agostinho » (Mem. de Litter. da Acad. Tom. 5 pag. 335), as Dissertações Chronologicas (Tom. 1 Diss. 2.<sup>a</sup> pag. 60 e » segg. e T. 3 pag. 1 n.º 187) e as Memórias da Academia (T. 12 P. 1 pag. 75 e segg.) (1). » Que é isto? Pois Fr. Joaquim de Santo Agostinho não admittia a Apparição, porque nega que o Diploma do Juramento seja verdadeiro? E' falso... Antes pelo contrario elle declara que *longe de impugnar a verdade da Apparição de J. C. ao Grande e Pio Monarcha D. Affonso Henriques, se tinha encarregado de a defender mais de uma vez* (2). Diz mais: *Que tendo todos os fundamentos para assegurar com summa probabilidade ou certeza que o tal Diploma era apocrypho, ou apographo; contudo julga haver todas as provas para affirmar com muita probabilidade que existiu Documento; e para affirmar com certeza que existam Tradicções, e em consequencia o Facto* (3).

Que direi do erudito Author das *Dissertações Chronologicas*? Hei de dizer o mesmo; visto que a respeito do Diploma do Juramento de D. Affonso Henriques indistinctamente se reporta ao que sobre a materia escreveu Fr. Joaquim de Santo Agostinho, e no Elucidario de Viterbo (4). Já expozemos o sentir do primeiro sobre a Apparição. Vejamos agora o que escreve Viterbo. » *Não havendo, diz elle, logo em Alcobaca similhante Juramento em tempo de Brito, alli se formalizou de- » pois com as Notas insanaveis de falsidade, não em*

(1) Nota XVI, pag. 486.

(2) M. de Litt. tom. 5.<sup>o</sup> pag. 336. Nota (b).

(3) No mesmo logar acabado de citar.

(4) *Observações Historicas e Criticas para servirem de Memorias ao systema de Diplomatica Portugueza etc*, pag. 141 e 142; e bem assim *Dissert. Chronol.* tom. 3.<sup>o</sup> P. 1.<sup>a</sup>, pag. 64, em a Nota.

» quanto á *Apparição de Christo*, de que não duvidámos ;  
» mas sim em quanto á legitimidade do Instrumento, a  
» que não subscrevemos, etc.» (1). Em outra parte af-  
firmando que o Pergaminho de Alcobça se não é *apocrypho*, não passa de *apographo*, declara que não quer  
dizer que não houvesse o tal *Juramento* (2).— Mais adian-  
te : » Não foi logo a Epocha da Batalha de Ourique o  
» resultado de uma Tradição *devota e interessada* ; pois  
» ainda no seculo XIII se não tinham controvertido,  
» nem a *Apparição*, e *Promessas de Jesus Christo*, nem  
» as *Pretensões* mal assombradas e peor succedidas de  
» Castella. Escreveo se unicamente o que podia interes-  
» sar os vindouros com a noticia de um *Acontecimen-*  
» to tão memoravel, e honroso : *Acontecimento*, que  
» até os *Emulos da gloria Portugueza* se não atrevêrao  
» a negar até o presente dia ; negando só, que ali mi-  
» xasse aos olhos do nosso Principe o *Rei da Gilotta*,  
» *Immortal e Invisivel*. Bem sabemos nós as *manquei-*  
» *ras* de *Gaspar Alvares Lousada* (3) ; porém a *Tradi-*  
» *ção* de todos os lugares, de todas as *Pessoas* ; e de to-  
» dos os tempos não poderá indemnisa-lo de qualquer  
» nota de menos verdadeiro ? (4). » Mas para que são  
estes lugares acabados de copiar ; se elle (o *Author do Elu-*  
*cidario*) já antes tivera escripto : » O *Impugnador da*  
» *Batalha de Ourique* não tem respeito algum á *Tradição*  
» e a mais auctorizada e constante ; de que o *Senhor dos*  
» *Exercitos é Dador dos Imperios* foi o mesmo que *appa-*  
» *recendo ao glorioso Chefe da Real Casa Portugueza*, de  
» *cara a cara lhe assegurou a victoria* : etc. » (5) ? — Quan-  
do porém se admitta que o eruditissimo *Author das Dis-*  
*sertações Chronologicas* negasse por todas as *formas a ren-*  
*hidade da Apparição* ; fica sempre indubitavel que elle  
qualificára a *Batalha de Ourique* com os epithetos ora  
de — *Gloriosa* ora *Celebre* (6). Isto testifica, contra o me-

(1) *Elucid. pol. Cruz*, pag. 329.

(2) *Elucid. pol. Ladeira*, pag. 79, nota.

(3) Veja se a *biographia do Sr. Antiquario*, que vem na *Bibliotheca Lusitana*, tom. 2.<sup>o</sup>, pag. 329 etc.

(4) *Elucid. no pol. Ladeira*, pag. 80.

(5) *Elucid. pol. Ladeira*, pag. 78.

(6) *Dissert. Chronol.*, tom. 2.<sup>o</sup> pag. 117.

noscrabador da grande façanha, o devido conceito, em que elle, olhado meramente como facto de character humanamente historico, tivera a Batalha de Ourique.

Resta-nos vêr o que dizem as Memórias da Academia no logar que fica apontado pelo Annotador. B' o Academico *Antonio de Almeida* que ali figura. E o que faz elle? Este critico passando além do fito do que se propunha (que era mostrar os Erros Historico-Chronologicos de Fr. Bernardo de Brito na Chronica de Cister) não só barafusta contra o Diploma do Juramento, que Brito desencantoára; mas até increspa-se inexoravel contra o argumento da Tradição, que os dois precedentes escriptores (Fr. Joaquim de Santo Agostinho, e Fr. José de Santa Rôza de Viterbo) admittem como legitimo fundamentô de pia crença da *Apparição*. — Depois de mencionâr que as *provas* que adduziram *Antonio de Sousa de Macedo* e *D. Antonio Cuelano de Sousa* sobre este objecto, não sobem além do principio do 16.<sup>o</sup> seculo, e as de *Antonio Pereira de Figueiredo* até o anno de 1415, ou um seculo anterior áquelle a que chegaram os sobreditos *Auhores*; assim discursa: » A força porém d'este » argumento só confirma a verdade da antiguidade da » tradicção, e não a verdade do facto, porque aquella » pôde falhar, ou ser alterada pela diuturnidade de tres » seculos; pela negligencia de fazer memoria dos factos; » e pela propensão ao maravilhoso, que dominava os » Portuguezes d'aquella época (1). » — Que matieira, que fórma é esta tão vesga, travessa e avessa de discorrer? Com tal panacéa de sofismas ou antes de ineptias não haveria tradicção que verdadeira fosse, e que alguma cousa provasse!... Não se duvide.... — Qual será porém a razão porque o argumento, que confirma a verdade da antiguidade da tradicção, não ha de ao mesmo tempo confirmar a verdade do facto que ella transmite? Acaso a antiguidade da tradicção não mostra muitas vezes a verdade do facto que é objecto d'ella? Não ha doutrinas mesmo dogmaticas (das que são outros tantos factos) cuja verdade se demonstra pela indisputavel e reconhecida antiguidade da tradicção? Ninguem o pôde

(1) Memórias da Academia etc. Tom. 12. P. 1.<sup>a</sup>, pag. 83.



duvidar. Aquella asserção pois sobre ou contra a força do argumento da tradição em these não é exacta; pôde até ser heterodoxa!

Vejam os fundamentos do tal Acadêmico, considerada a tradição na hypothese, de que se trata. E' porque *aquella* (a tradição), arrezôda elle, pôde falhar, ou ser alterada: 1.<sup>o</sup> Pela diuturnidade de tres seculos. 2.<sup>o</sup> Pela negligencia de se fazer memoria dos factos. 3.<sup>o</sup> Pela propensão ao maravilhoso, que dominava os Portuguezes d'aquella época. — Quem não vê que todo o arrezoadado é de um caracter altamente conjectural, e que não passa de um puro, e gracioso *póde ser*? Um *póde ser* porém em dialectica é uma generalidade reconhecida e desprezível! Não basta que a cousa esteja na massa dos possiveis, é preciso que pertença ao mundo das realidades, para ser fulcro de alguma baseada conclusão. O argumento por tanto da tradição, sustentado aliás por aquelles mesmos, que negam a veracidade do Instrumento da Apparição, não se destroe com tão illusorias fantasmagorias.

Apezar comtudo de um tal e tão pronunciado acirramento d'este Author contra a Apparição, elle não desce á acintosa animosidade de aviltar, como o annotador fizera, a grandeza da Façanha de Ourique. Pelo contrario elle a qualifica de *victoria memoravel: tão difficil na sua execução, que se attribue a soccorro divino, divina se protegente gratia* (1). Em outra parte exprime-se desta maneira: » A batalha do *Campo d'Ourique* não é me- » nos celebre do que as de *Clavijo* e das *Navas de Tolo-* » *sa* pela multidão de barbaros que n'ella concorreram, » e pelo destroço que elles soffreram (2). » Registre mais o annotador no seu *memorandum* estes dois lembretes!...

Ainda não cessa todavia no Annotador a mania de barafustar contra tudo o que cheira a Batalha de Ourique. Sabe que nas Côrtes de Lamego se faz menção da Batalha de Ourique, e que todos os que se acharam n'aquella grande lide foram reconhecidos por nobres: *Omnes illi qui fuerunt in lide magna de Campo Dauriquio*

(1) Mem. da Acad. Tom. 12, P. 1.<sup>a</sup>, pag. 85.

(2) Mem. da Acad. Tom. 12, P. 1.<sup>a</sup>, pag. 95.

*sint tanquam nobiles*; que ha de fazer? Salta a pôr, e a alastrar de pechas, e sobre-pechas ao pobre Diploma, que é a victima, e, quer queiram, quer não queiram os seus advogados, lá vai rebolando sem appellação, nem aggravô para o elencho dos *partos* forjados na officina dos *fabrarios*!... Porém concedamos que o Diploma, de que se trata, seja devidamente incluído no tal elencho, como a finca pretende *O Exame Critico das Côrtes de Lamego por Antonio do Carmo Velho de Barbosa*; acaso pôde isso influir alguma cousa relativamente á existencia, e grandeza da Batalha de Ourique? Nada absolutamente. A existencia, e grandeza da Batalha de Ourique tem Documentos em seu favor acima de toda a excepção, como temos feitô vêr. A lembrança pois de acarretar a falsidade do Diploma das Côrtes de Lamego para fazer brecha na Batalha de Ourique, é de uma exotocidade das mais absurdas! Porém que digo? O Annotador offereceu materia contra si proprio. Confessa que desde o 17.<sup>o</sup> século as *Actas das Côrtes de Lamego* contidas no tal Diploma passaram a ser consideradas como leis fundamentais do nosso paiz. Bem, Pois se em uma d'estas leis se achta designada a Batalha de Ourique com a qualificação de grande (*in lide magna de Campo Daviriquio*), segue-se que este antigo epitheto dado a um tal feito bellicoso, longê de ser negado ou regeitado, foi publica, e solememente confirmado pela posteridade, desde o 17.<sup>o</sup> século. Assim por um novo motivo fica redarguida a *intentiona* do Annotador, que tão desafortadamente insistiu em reduzir a Batalha de Ourique á aviltante idéa de *minimarum minima*!... Clamarão porém contra o barbaro assassinio commettido contra o primeiro Brazão da gloria Nacional tanto a descendencia dos Reis, como as linhagens dos vassallôs, que da grandeza do Feito heroico tiram a origem, os titulos illustres da sua alta nobreza.

#### Conclusão.

Do que temos escripto no decurso desta Obra evidentemente se está colligindo: Que assás fica revendicada, contra uma tão falsa, e inaudita innovação historica, a verdadeira consideração cathogorica, em que sem-

pre fôra havida e reputada tanto nos Annaes do paiz, como fôra d'elle a *Batalha de Ourique*. — Prezamo-nos, com este espinhoso trabalho, de ter feito um serviço á historia patria; de ter rendido homenagem justa e sincera a uma recordação tão gloriosa para a Nação e Monarchia Portugueza: ao tymbre sim e lustre principal do seu protentoso berço; o qual de um modo tão tacanho, e cheio da mais crassa ignorancia, se pretendia aviltar! — Foi um attentado de cunho inaudito, que era indispensavel rebater com vigor e energia. Foi um insulto, um escandalo em desabono do primeiro Monumento immortal do valor portuguez, que não deveria ficar impune! Um livro ou antes um monstro de tal especie, que tão ancha, e desafortadamente desacata a verdade historica, tão compacta e unanimemente reconhecida por nacionaes e estranhos, é um libello de infamia altamente digno de ser lançado ás chammas pela mão do algoz. O ministerio publico devia estender mesmo a sua alçada contra taes pasquinadas, que se capêam com o nome de Historia de Portugal.

Quanto ao successo theocratico da Apparição, que accidentalmente discutimos; se bem que seja controverso, tenha, ou não tenha documento coevo e authenticico que o assegure; acha-se elle sem duvida escripto, e mencionado em a Historia do paiz, compaginado por Authores, que viveram ainda muitos annos do seculo 15.<sup>o</sup>; tempo, em que o Diploma do Juramento não era ainda conhecido. — Seria invenção dos historiadores? (1). Não basta só asseveral-o, é preciso inconcussamente provar-o. Que pede logo a critica? Que se acredite que elles tiveram algum fundamento, em quanto se não mostrar o contrario. Que qualidade de fundamento? Fundamento leve? E' preciso mostrar-se primeiro a levianidade do escriptor. Em quanto se não mostrar, pede igualmente a critica que se presuma que quem escreve tivera algum fundamento grave, ou pelo menos plausivel para tal escrever. Qual seria esse fundamentó a que se ativeram os escriptores da maravilha? Podia ser o de al-

(1) Referimo-nos a Duarte Galvão, e a Christovão Rodrigues Azilbeiro.

gum Diploma authentico, que por ventura depois se perdêra, ou o da tradição constante, que tinha passado de pais a filhos. Tudo isto é, *dirão*, também conjectural. Seja. Porém é esta a unica, e devida opinião que se deve ter de qualquer escriptor, quando não ha provas positivas que a contradigam. Isto basta para constituir o que se chama probabilidade intrinseca do facto. — Quanto á probabilidade extrinseca; não será facil apontar facto algum historico dentro do paiz, que tenha tido tantos campeões mais insignes em litteratura, que tomassem a sua defeza. — Estariam estes homens todos tão illudidos, que não conhecessem, que estavam servindo de ludibrio e escarneo á todo o mundo, sustentando uma fabula, uma patranha, que nenhum fundamento historico tinha? Uma illusão de tal magnitude é que todos os julgadores imparciaes hão de ter por uma refinada fabula! Quando uma inculcada, ou affigurada fabula tem sustentaculos de tão elevada illustração, que propugnam pela sua real existência, se, em hypothese, o é, deixa para logo por tal fundamento de o ser. E' antes o elemento, ou thema de uma opinião historica. — E com que outra physionomia apparecem no campo da polemica as materias controversas, ou de character opinativo?

E' na verdade innegavel que a pia crença da *Apparição* obteve e conserva o maior gráo de probabilidade extrinseca; e ganha por este lado a mais completa victoria sobre os seus antagonistas. E' uma opinião nacional a mais pronunciada possivel. Assim o publicam os escriptos de todo o genero de sabios. — E' pois só a questão; se a maravilha tem ou não probabilidade emanada de boa, e irrefragavel origem? Sustentam a torrente dos sabios que a tem, fundados tanto no Documento que a fracção innovadora rejeita; como tambem na tradição immemorial sempre mantida em toda a Nação. Este segundo fundamento é admittido ainda por aquelles, que negam a authenticidade do Diploma do Juramento. Com taes precedentes é manifesto, e desabrido insulto, feito a uma das mais antigas, e venerandas crenças patrias, o dar-lhe o atrevidissimo nome de *fabula*.

A verdade é que de todos os historiadores modernos, que tem tido a mania de julgar da existencia, e reali-

dade dos factos, mediado-os unica e exclusivamente pelo compasso e esquadria do tão inculcado *Racionalismo*, por outra *Kantismo*; nenhum d'elles ainda se pronunciou de um modo tão intolerante e hostil contra a persuasão de um só objecto theocratico, que fosse de commum e universal nacionalidade.

Nenhum dos que tem negado a theocracia das circumstancias, outrosim por isso se conspirára contra a grandeza real e comprovada do successo, de que ellas eram meramente accessorios. — Haja vista, para não ficar sem exemplo, a Ch. Romey quando faz menção da Batalha das Navas de Tolosa; não obstante não ser favoravel ás circumstancias que a divinizam (1) (2). — *Grande acontecimento* (lhe chama elle, quando termina a narrativa) » para perpetuar a memoria do qual se ordenou » que todos os annos, a 16 de Julho, se celebrasse na Igreja » ja de Toledo uma festa, a que se deu o nome de Trium- » pho de Santa Cruz, festa que se estendeu depois a to- » das as Igrejas de Castella, e Leão (3). »

O Author da Historia de Portugal quiz porém com o seu *incomparavel prototypo* aspirar ás honras de — *introuvable!*....

A' vista do que fica patente, e demonstrado haverá ainda alguem que se atreva a ataviar o Author da *extravagante Historia de Portugal* com os epithetos de: *Profundissimo litterato*. — *Historiador vastissimo* — *Consummado Antiquario* — e sublime em tudo que sahe da sua penna, embora se hajam arrojado a pretender contestar-lho algumas linguas maledicas, etc. etc. (4)? Ainda

(1) Entre os sabios de reconhecida critica, que todavia estiveram pela theocracia deste grande Feito, contam-se a *Pereira de Figueiredo*, no *Opusculo Novos Testemunhos da Milagrosa Apparição etc.*, pag. 40. — Veja-se tambem o *Compendio das Epocas etc.* pag. 267.

(2) *Histoire d'Espagne*, Tom. 8.<sup>o</sup>, pag. 284 e seguintes.

(3) » Pour perpetuer la memoire de ce grand événement, il fut » ordonné que tous les ans, le 16 Juillet on celebreroit dans l'église » de Toledo une fête, à laquelle on donna le nom de Triomphe de » de la Croix, fête, qui s'est étendue depuis à toutes les églises de » Castille et Leon. » (*Histoire d'Espagne*, tom. 6, pag. 286).

(4) Em a *Nação* de 12 de Agosto de 1854; na *Correspondencia particular*.

debaixo do involucro de anonymo torna-se intoleravel tão desenvolta e putrida adulação!....

Quanto ás doutrinas historicas, que sustentámos na *Contraposição Critico-Historica*, todas ellas estão de accordo com os mais luminosos artigos, que um dos illustres Membros da *Academia Real da Historia Portugueza* antigamente estabelecêra como regras invariaveis, que systematicamente se deviam adoptar nos escriptos historicos. São elles: 1.º » Não fazer caso algum de argumentos puramente negativos. » 2.º » Não dar credito algum na Historia a Author moderno contra o antigo, senão quando provar o seu dito com instrumento mais antigo, que o Author authenticico, sincero, e sem vicio, e » mais antigo que o Author impugnado. » 3.º » Não dar credito a Authores, que levemente creem tudo, e » muito menos aos que temerariamente negam tudo. » 4.º » Não dar credito a Author preocupado da inveja, » ou da emulação. » Estes artigos correspondem ao 3.º, 7.º, 9.º e 10.º dos doze principios, ou máximas, que o P. D. Manoel Caetano de Sousa promette seguir em seu systema historico. (Vej. o Tom. 1.º da *Collecção dos Documentos etc. da Academia Real da Historia Portugueza* etc. anno de 1721; Conferencia de 9 de Outubro).

Quanto ao principio da sobrenaturalidade attribuida pelos historiadores a alguns factos de character maravilhoso, de que fazem menção em seus Escriptos; e nomeadamente os nossos quanto ás circumstancias theocraticas da Batalha de Ourique; deveria o Author da *anomala* Historia de Portugal ter presente o que deixára escripto em uma erudita Memoria certo sabio e mui critico Academico francez no primeiro quartel do seculo passado. E' elle Mr. Fréret, que muito longe está de metter a pecha de pertencer ao corrilho do *fossilismo*: » A philosophia moderna, *dix elle*, ao mesmo tempo que » tem esclarecida e aperfeçoado os espiritos, tem-os » todavia tornado algumas vezes muito dogmaticos e » muito decisivos. Debaixo do pretexto de não se renderem senão á evidencia, julgaram poder negar a existencia de todas as cousas, que lhes eustassem a conceber, sem fazer reflexão que não deviam negar senão » aquelles factos, *cujá impossibilidade é evidentemente de-*

» *monstrada*, isto é, que *involvem* *contradição*. Além  
» de que, não ha sómente diferentes grãos de certeza  
» e probabilidade, mas ha tambem diversos generos de  
» evidencia. A Moral, a Historia, a Critica e a Physi-  
» ca tem uma evidencia sua, como a *Metaphysica* e as  
» *Mathematicas*; e seria injustiça exigir em qualquer  
» destas sciencias uma evidencia de outro genero que  
» aquella que lhe é propria. O partido mais prudente,  
» quando a verdade, ou falsidade de um facto, que nada  
» tem de impossivel em si mesmo, não está evidentemen-  
» te demonstrada; o partido mais prudente, digo, seria o  
» de contentar-se com o pôr em duvida, sem absoluta-  
» mente o negar; mas a suspensão, e a duvida tem sem-  
» pre sido e serão sempre um estado violento para o com-  
» mum dos homens, mesmo philosophos. »

» A mesma indolencia d'espírito, que leva o vul-  
» go a acreditar factos os mais extraordinarios tem pro-  
» vas sufficientes, produz um effeito inteiramente con-  
» trario nos philosophos. Tomam elles o partido de ne-  
» gar factos os mais provados, quando acham algum  
» custo em os conceber, e isto para se pouparem no tra-  
» balho de uma discussão, e exame fatigante. E' outro-  
» sim por uma consequencia da mesma disposição d'es-  
» pírito que elles affectam fazer tão pouco caso do estu-  
» do dos factos e da erudição; acham elles muito mais  
» commodo o desprezar-a que trabalhar por adquirilla,  
» e se contentam com fundamentar este desprezo em a pou-  
» ca certeza, que acompanha estes conhecimentos, sem  
» pensar que os objectos da maior parte de suas investi-  
» gações philosophicas de nenhuma sorte são suscepti-  
» veis da evidencia mathematica, e não darão jámais  
» logar senão a conjecturas mais ou menos provaveis,  
» do mesmo genero que as da Critica e da Historia, e  
» para as quaes não é preciso uma sagacidade maior,  
» que para aquellas que servem para esclarecer a Anti-  
» quidade. Além d'isto, elles deveriam fazer reflexão,  
» que por interesse mesmo da *Physica*, e talvez ainda  
» da *Metaphysica*, conviria aos philosophos o instrui-  
» rem-se em muitos dos factos referidos pelos Antigos, e  
» opiniões que elles tem seguido. Os homens em todos  
» os tempos quasi que tem tido igual força de espirito,

» não tem elles differido senão na maneira de a empre-  
» gar; e se o nosso seculo tem adquirido um methodo  
» desconhecido da Antiquidade, como o pretendem al-  
» gúms; nós não devemos lisonjear-nos de ter dado por  
» isso uma extensão de tanta magnitude a nosso espiri-  
» to, que chegasse a ponto de dever absolutamente des-  
» prezar os conhecimentos e reflexões d'aquelles que nos  
» tem precedido (1). »

(1) » La philosophie moderne, en même tems qu'elle a éclairé  
» et perfectionné les esprits, les a néanmoins rendu quelquefois trop  
» dogmatiques et trop décisifs; sous pretexte de ne se rendre qu'à  
» l'évidence, ils ont cru pouvoir nier l'existence de toutes les choses  
» qu'ils avoient peine à concevoir, sans faire reflexion qu'ils ne de-  
» vraient nier que les faits dont l'impossibilité est évidemment de-  
» montrée, c'est à-dire, qui impliquent contradiction. D'ailleurs,  
» il y a non seulement différens degrés de certitude et de probabili-  
» té, mais encore différens genres d'évidence; la Morale, l'Histoire,  
» la Critique et la Physique ont la leur, comme la Métaphysique et  
» les Mathématiques, et l'on auroit tort d'exiger dans l'une de ces  
» sciences, une évidence d'un autre genre que la sien. Le parti le  
» plus sage, lorsque la vérité ou la fausseté d'un fait qui n'a rien  
» d'impossible en lui-même, n'est pas évidemment démontrée, le  
» parti le plus sage, dis-je, seroit de se contenter de le renvoier en  
» doute sans le nier absolument; mais la suspension et le doute ont  
» toujours été et seront toujours un état violent pour le commun  
» des hommes, même Philosophes.

» La même paresse d'esprit qui porte le vulgaire à croire les  
» faits les plus extraordinaires sans preuves suffisantes, produit un  
» effet tout contraire dans les Philosophes; ils prennent le parti de  
» nier les faits les mieux prouvés, lorsqu'ils ont quelque peine à  
» les concevoir, et cela pour s'épargner la peine d'une discussion et  
» d'un examen fatigant. C'est encore par une suite de la même dis-  
» position d'esprit qu'ils affectent de faire si peu de cas de l'étude  
» des faits et de l'erudition; ils trouvent bien plus commode de la  
» mépriser que de travailler à l'acquérir, et ils se contentent de fon-  
» der ce mépris sur le peu de certitude qui accompagne ces connois-  
» sances, sans penser que les subjects de la plupart de leurs recher-  
» ches philosophiques ne sont nullement susceptibles de l'évidence  
» mathématique, et ne donneront jamais lieu qu'à des conjectures  
» plus ou moins probables; du même genre que celles de la Critique  
» et de l'Histoire, et pour lesquelles il ne faut pas une plus grande  
» sagacité que pour celles qui servent à éclaircir l'Antiquité. D'ail-  
» leurs, ils devoient faire reflexion que pour l'intérêt même de la  
» Physique, et peut être encore de la Métaphysique, il importeroit  
» aux Philosophes d'être instruits de bien des faits rapportés par les  
» Anciens, et des opinions qu'ils ont suivies. Les hommes ont eu à  
» peu près autant d'esprit dans tous les tems, ils n'ont différé que  
» par la manière de l'employer; et si notre siècle a acquis une mé-  
» thode inconnue à l'Antiquité, comme le prétendent quelques-uns,



Lançou por ventura *Mr. Fréret* em rosto aos Antigos Historiadores o referirem certos prodígios, como estando persuadidos não sómente da sua verdade, mas ainda da sua ligação com os acontecimentos históricos, é isso porque elles os misturam ordinariamente uns com os outros? (1). Bem pelo contrario elle os desculpa. » E' » facil, *reflecte Mr. Fréret*, responder a esta critica. Primeiramente quando fosse verdade que todos estes Historiadores tivessem olhado os prodígios por tal modo, » eu não sei se esta censura é bem fundada. A crença dos prodígios, e da adivinhação conjectural fazia uma parte da religião entre os antigos, e não se deve vituperar um Historiador por não ter atacado em suas obras as tradições religiosas da sociedade, no meio da qual elle está; e para a qual escreve; além de que este pro-ceder não é sempre uma prova d'elle estar assás persuadido d'aquillo que escreve (2). »

Não muito depois confirma *Mr. Fréret* estas suas idéas, ou antes as repete. » Os (historiadores) mais sensatos (são expressões d'elle) nos teem dito quanto basta para nos ensinar que elles não faziam o papel de estupidos no que respeita á crença popular; mas quando elles o não tivessem assim feito, e houvessem de ser convencidos de se terem deixado levar d'ella, eu não sei, repetil-o-hei ainda, se elles deveriam ser di-

» nous ne devons pas nous flater d'avoir donné par là une étendue assez grande à notre esprit, pour qu'il doive absolument mépriser les connoissances et les reflexions de ceux qui nous ont précédés (Memoires de Littérature de l'Académie Royal des Inscriptions et Belles Lettres, tom. 4<sup>o</sup> — Reflexions sur les prodiges rapportés dans les Anciens, par *Mr. Fréret*, pag. 435 etc.

(1) » On reproche aux anciens Historiens qu'ils rapportent ces prodiges comme étant persuadés non seulement de leur vérité, mais encore de leur liaison avec les événemens historiques, et cela parce qu'ils les joignent ordinairement ensemble. » (Mem. de Littérature etc. tom 4<sup>o</sup> pag. 433).

(2) » Il est facile de répondre à celle critique. Premièrement, quand il seroit vrai que tous ces Historiens eussent regardé les prodiges de cette façon, je ne sçais si c'est un reproche bien fondé. La croyance aux prodiges et à la divination conjecturale, faisoit une partie de la religion chez les Anciens, et l'on ne doit pas blâmer un Historien pour n'avoir point attaqué dans ses ouvrages les traditions religieuses de la société au milieu de laquelle il est, et pour laquelle il écrit; d'ailleurs ce n'est pas toujours une preuve

» gnos de censura por se pôrem do lado da religião do  
» seu paiz, e terem crido com o resto de seus concida-  
» dãos, que certos phenomenos raros e espantosos podiam  
» ser signal da vontade divina (1). »

Estas judiciosissimas reflexões do celebre Academi-  
co francez, que nada tem de creduo, nem de superstici-  
cioso, assás e de sobejo estão pulverisando o audacioso e  
anti-nacional empenho, que o Author novissimo da *His-*  
*toria de Portugal* tanto tem mostrado em reduzir ao ul-  
timo vilipendio as tradições theocraticas da sua Nação.

Recommendamos tambem em apoio das theorias de  
caracter fundamental, que temos sustentado com a nos-  
sa *Contraposição Critico-Historica*, a *Memoria* do mesmo  
Mr. Fréret que tem por titulo: *Reflexions sur l'étude*  
*des anciennes histoires, et sur le degré de certitude de leurs*  
*preuves.* (Memoires de Litterature etc. de l'Académie  
Royale des Inscriptions et Belles Lettres, tom. 8.<sup>o</sup> pag.  
146 e seguintes).

» qu'il en soit bien persuadé. » (Mem. de Litterature etc. tom. 4.<sup>o</sup>  
pag. 433).

(1) » Les plus sensés nous en ont dit assez pour nous apprendre  
» qu'ils n'étoient pas les dupes de la croyance populaire; mais quand  
» ils ne l'auroient pas fait et qu'ils seroient convaincus de s'y être  
» livrez, je ne sais, pour le répéter encore, s'ils seroient fort blâ-  
» mables d'avoir été de la religion de leur pays, et d'avoir cru avec  
» le reste de leurs concitoyens, que certains phénomènes rares et  
» etonnans pouvoient être le signe de la volonté des Dieux. » (Mem.  
de Litt. etc., pag. 434 e 435).

FIN DA SEXTA E ULTIMA PARTE.

**CORRECÇÕES, E ADDITAMENTOS.**

**PRIMEIRA PARTE.**

- Pag. 11 — nota (\*) — Veja-se o aritgo — lêa-se — Veja-se o artigo.  
Pag. 17 — confirmativo — lêa-se — confirmativo.  
Pag. 32 — bem fundamental — lêa-se — bem fundamentada.  
Pag. 37 — mencionarem — lêa-se — mencionar.  
Pag. 46 — creador de Direito Patrio — lêa-se — creador da Sciencia. de etc.  
Pag. 64 — desfantasiada — lêa-se — desfanatisada.  
Pag. 67 — anti-fraze — lêa-se — antifrase.

**SEGUNDA PARTE.**

- Pag. 37 — das — lêa-se — dans.  
Pag. 38 — Que segue d'ahi? — lêa-se — Que se segue etc.  
Pag. 59 — os vimos.... entrarem — lêa-se — os vimos... entrar etc.  
Pag. 67 — ha de pois de ir — lêa-se — ha de pois vir etc.  
Pag. 71 — do esbelto.... — lêa-se — do esbelto, ou trombudo etc.  
Pag. 74 — esquartejamos — lêa-se — esquarterjámos.  
Pag. 75 — Polvorize — lêa-se — pulverize.  
Pag. 77 — soccorrer — lêa-se — soccorrerem.

**TERCEIRA PARTE.**

- Pag. 14 — nornal — lêa-se — normal.  
Pag. 23 — escapula — lêa-se — escapula.  
Pag. 43 — Agnès — lêa-se — Aynès.  
Pag. 61 — diz elle — lêa-se — *dix elle*.  
Pag. 77 — Abn etc. — lêa-se — Abu All Tuxefin.

**QUARTA PARTE.**

- Pag. 18. — Ao logar de Pereira, que termina — e sepultam no Guadiana. — deve acrescentar-se o segun-

te de outra. Obra do mesmo erudito: — « A Villa  
» de Ourique será sempre memoravel nos Annaes  
» de Portugal, pela famosa victoria que n'esse cam-  
» po alcançou de cinco Reis Mouros no dia 25 de  
» Julho do anno 1139 o nosso Invicto Principe D.  
» Affonso Henriques, a quem antes da Batalha ap-  
» pareceo visivelmente Christo crucificado no ar, e  
» com a promessa da victoria lhe deo o Titulo de  
» Rei, e com este Titulo as suas cinco Chagas por  
» Brazão d'Armas. » (*Lusitania Sacra*, tom. 2.<sup>o</sup>,  
» Parte 4.<sup>a</sup>, folh. 800).

Pag. 32 — neoterismo — lêa-se — neoterismo.

Pag. *ibidem* — é pois elle? — lêa-se — é pois esse?

Pag. 50 — país — lêa-se — país.

N. B. — Na pagina 51, linha 9.<sup>a</sup> etc., aonde se diz:  
» Demos porém já que o exercito dos Mouros não  
» fosse de trezentos, nem de quatrocentos mil ho-  
» mens, mas que fosse de trinta ou quarenta mil (1).

(1) Depois de já impressa e publicada a Quarta Parte da nossa Obra, encontramos Author historico, e professor de nomeada, que dá apoio ao nosso calculo. O escriptor a que alludimos é o bem conhecido professor de Geographia, Chronologia e Historia no Lyceu de Coimbra, *João Antonio de Sousa Doria*. No *Compendio de Historia para uso das Escolas*, vol 2.<sup>o</sup>, pag. 81, escreve pois o seguinte acerca da Batalha de Ourique: « Nada de interessante succedeu » até ao anno de 1139. N'este anno, *Ismario* ou *Ismael*, o mais poderoso rei dos sarracenos, com mais quatro reis mouros, formou um exercito, de mais de quarenta mil homens, e com elle veio acometter o Soberano de Portugal. O grande numero dos sarracenos não amedrontou o diminuto exercito portuguez, que, para combater com mais ardor, acclamou em rei de Portugal o conde D. Affonso Henriques. Deu-se a batalha; e foi tão cruenta, que até as aguas do Guadiana ficaram tingidas de sangue, em grande espaço. » A batalha é conhecida pelo nome de *batalha do Campo d'Ourique*. « A perda dos sarracenos foi grande; chegaram a perder cinco estandartes. » Esta passagem do escriptor modernissimo igualmente serve de Contraposição ás idéas de menosprego, com que o Author da *Historia de Portugal* amesquinha, e vilipendia o Feito glorioso de Ourique.

^  
Pag. 57 — (*Ismario*) — leia-se — (*Ismarius*).

## QUINTA PARTE.

Pag. 10 — cartapazio — lêa-se — cartapacio.

- Pag. 12** — A passagem da Chronica dos Godos — accrescente-se — (referimo-nos ao exemplar de Santa Cruz, e Alcobaça, que é aquelle que o Annotador affiança).
- Pag. 14** — da integra — lêa-se — na integra.
- Pag. 15** — Marque-a, indigite-a — lêa-se — Marque-o, indigite-o.
- Pag. 19** — mas até prefere — lêa-se — mas até dá exemplo de preferir etc.
- Pag. 23** — é mais conciso que o mencionado — lêa-se — é muito mais conciso que o artigo acima mencionado etc.
- Pag. 26** — não só comprehendem igual numero de linhas — lêa-se — não só comprehendem artigos de igual numero de linhas etc.
- Ibidem* — aos maiores artigos — lêa-se — ao dos maiores etc.
- Pag. 28** — do Annotador que nos indigite — lêa-se — do Annotador (outra vez o repetimos) que nos etc.
- Pag. 31** — Taes asserções são poróim — lêa-se — T'as asserções são outrosim etc.
- Ibidem* — com preferencia — lêa-se — e alguma vez com preferencia etc.
- Pag. 33** — que ahi se lêem — lêa-se — que ahi (na Chronica dos Godos, segundo o exemplar seu mais favorito) se lêem etc.
- Pag. 34** — Era de 1177 — accrescente-se — (1139 da Era de Christo).
- Ibidem* — Observação 6.<sup>o</sup> — lêa-se — Observação 6.<sup>a</sup>.
- Pag. 35** — até onde alcançou etc. — lêa-se — até onde avançou etc.
- Pag. 37** — para julgar — lêa-se — para se julgar etc.
- Pag. 38** (em a nota) — de certo o não diz, será etc. — lêa-se — de certo o não diz. Será etc.
- Ibidem* — Como tal o acreditamos — lêa-se — Como tal o não acreditamos!.... E' a era d' Hespanha 1207, ultima apontada pelo Chronicon, reduzida á Era de Christo, que o Author da Nota quiz que adivinhássemos!...
- Pag. 50** — tornavam — lêa-se — tornava etc.

1. The first part of the document discusses the importance of maintaining accurate records of all transactions. It emphasizes that proper record-keeping is essential for the integrity of the financial system and for the ability to detect and prevent fraud. The text notes that without reliable records, it would be difficult to track the flow of funds and identify any irregularities.

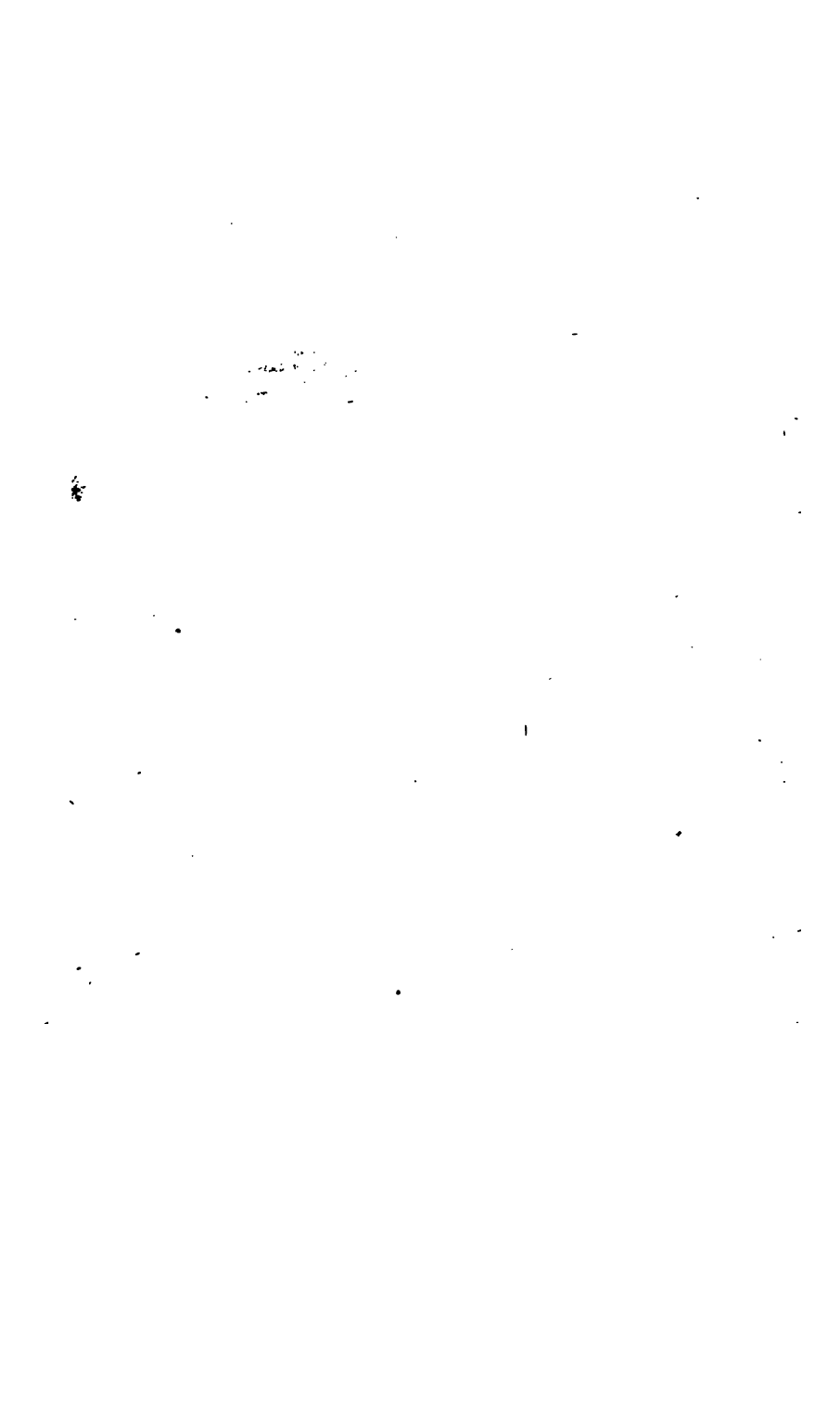
2. The second part of the document outlines the specific procedures for recording transactions. It details the steps involved in entering data into the system, including the use of standardized codes and the requirement for double-checking entries. The document also discusses the importance of regular audits and reconciliations to ensure that the records are up-to-date and accurate.

3. The third part of the document addresses the issue of data security. It highlights the need to protect sensitive information from unauthorized access and to implement robust security measures. The text mentions the use of encryption and secure communication channels to safeguard data during transmission and storage.

4. The fourth part of the document discusses the role of technology in modern record-keeping. It notes that the use of computerized systems has significantly improved the efficiency and accuracy of the process. However, it also points out that technology is not a substitute for human oversight and that staff must be properly trained to use the systems effectively.

5. The fifth part of the document provides a summary of the key points discussed and offers recommendations for further improvement. It suggests that ongoing training and education for staff are crucial for maintaining high standards of record-keeping. Additionally, it recommends the implementation of new software and hardware as needed to stay current in the field.







26. F. 110

**A BATALHA DE OURIQUE**  
**E A**  
**HISTORIA DE PORTUGAL**  
**DE**  
**A. HERCULANO.**

**CONTRAPONIÇÃO CRITICO-HISTORICA.**

(OBRA DIVIDIDA EM SEIS PARTES)

AUTHOR

**FRANCISCO REGREIO.**

**SEXTA PARTE.**

---

*Veritas odium parit.*  
*Ten.*

---

**LISBOA.**

NA TYPOGRAPHIA DE G. N. MARTINS

Rua do Ferregial de Baixo n.º 22.

**1856.**

Esta publicação ha de constar de seis Folhetos correspondentes ás seis Partes em que é dividida a Obra.

Esta Sexta Parte custa aos Srs. Assignantes . . . . . 140 réis.  
Venda avulsa . . . . . 160 réis.

As assignaturas, e venda avulsa tem lugar nas Lojas seguintes :

**Lisboa.** — Livraria do Sr. J. Paulo Martins Lavado, Rua Augusta N.º 8. — Livraria do Sr. Candido José Bravo, Rua do Ouro N.º 212, — e Livraria do Sr. João Baptista da Silva e Mello, Calçada dos Paulistas N.º 23 e 24, defronte do Correio Geral.

**Porto.** — Livraria do Sr. Manoel Coutinho d'Oliveira, Rua dos Caldeireiros N.º 18 e 19.

**Braga.** — Livraria do Sr. Domingos José Vieira da Cruz, Rua do Souto.

**Coimbra.** — Livraria do Sr. José de Mesquita, Rua das Covas.

**Vianna do Castello.** — Livraria do Sr. André Joaquim Pereira.



